

# AXO

REVISTA DE  
ARQUITETURA, CIDADE E  
CONTEMPORANEIDADE



ao sul do sul

n.21, v.6  
outono de 2022



América-látex Pós-extrativismo (2020), Marina Camargo.



# AXO

REVISTA DE  
ARQUITETURA, CIDADE E  
CONTEMPORANEIDADE

ao sul do sul

n.21, v.6  
outono de 2022





Rua Benjamin Constant, n. 1359, Pelotas,  
Rio Grande do Sul, Brasil, Telefone: [53] 3284 55 11  
<https://wp.ufpel.edu.br/cmasc/>  
e-mail: [revistapixo@gmail.com](mailto:revistapixo@gmail.com)

## apresentação

A Revista Píxo é uma publicação conjuntos Grupos de Pesquisa (CNPq) “Cidade+Contemporaneidade”, do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e “Arquitetura, Derrida e Aproximações”, do Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura (PROPAR), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Revista digital disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/index>

ISSN 2526-7310

### Editores Responsáveis

EDUARDO ROCHA  
FERNANDO FREITAS FUÃO

### Editoras Associadas

TAÍS BELTRAME DOS SANTOS  
HELENE GOMES SACCO CARBONE  
EDUARDA AZEVEDO GONÇALVES  
PAULA PEDREIRA DEL FIOLE

### Comitê Científico e Conselho Editorial

ADRIANA ARÁUJO PORTELLA  
ADRIANA GONI MAZZITELLI  
ADRIANE BORDA ALMEIDA DA SILVA  
ALEXANDRE PEREIRA SANTOS  
ANA MARIA ALBANI DE CARVALHO  
ANA PAULA VIECELI  
ANDRÉ DE OLIVEIRA TORRES CARRASCO  
ANGELA MARIA ENDLICH  
ANGELA RAFFIN POHLMANN  
BÁRBARA DE BÁRBARA HYPOLITO  
BEATRIZ DORFMAN  
CARLA GONÇALVES RODRIGUES  
CARLOS NIGRO  
CARMEN ANITA HOFFMANN  
CAROLINA CLASEN  
CAROLINA CORRÊA ROCHEFORT  
CAROLINA MENDONÇA FERNANDES DE BARROS  
CELMA PASESE  
CHRISTIANO PICCIONI TORALLES  
CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO  
CRISTHIAN MOREIRA BRUM  
CRISTINE JAQUES RIBEIRO  
DÉBORA SOUTO ALLEMAND  
DIRCE ELEONORA NIGRO SOLIS  
EDUARDA AZEVEDO GONÇALVES  
EDUARDO GRALA DA CUNHA  
ELIANA MARA PELLERANO KUSTER  
EMANUELA DI FELICEFÁBIO BORTOLI  
FERNANDA TOMIELLO  
FRANCESCO CARERI  
FRANCISCO DE ASSIS DA COSTA  
GISELE SILVA PEREIRA  
GUSTAVO DE OLIVEIRA NUNES  
HARTMUT GÜNTHER  
HAYDEÉ BEATRIZ ESCUDERO  
HELENE GOMES SACCO CARBONE  
IAZANA GUIZZO  
IGOR GUATELLI

JOSÉ CARLOS MOTA  
JOSIANE FRANKEN CORRÊA  
JUAN MANUEL DIEZ TETAMANTI  
JULIAN GRUB  
LAURA NOVO DE AZEVEDO  
LAURA RUDZEWICZ  
LISANDRA FACHINELLO KREBS  
LIZIANE DE OLIVEIRA JORGE  
LORENA MAIA RESENDE  
LUANA PAVAN DETONI  
MARCELO ROBERTO GOBATO  
MARC WEISS  
MÁRCIO PIZARRO NORONHA  
MARIA IVONE DOS SANTOS  
MARKUS TOMASELLI  
MAURICIO COUTO POLIDORI  
PAOLA BERENSTEIN JACQUES  
PAULO AFONSO RHEINGANTZ  
PRISCILA PAVAN DETONI  
RAFAELA BARROS DE PINHO  
RAQUEL PURPER  
RITA DE CÁSSIA LUCENA VELLOSO  
ROBERTA ROBERTA KRAHE EDELWEISS  
SHIRLEY TERRA LARA DOS SANTOS  
SYLVIO ARNOLDO DICK JANTZEN  
TAÍS BELTRAME DOS SANTOS  
THAIS DE BHANTHUMCHINDA PORTELA  
VALENTINA MACHADO  
VANESSA FORNECK  
VICENTE MEDINA

### Equipe Técnica

ALISSA XAVIER ALVES  
JORDANA DA SILVA BERCHON  
PAULA PEDREIRA DEL FIOLE

### Suporte Técnico

LAÍS BECKER FERREIRA

### Revisão Linguística

ANA DOS SANTOS MAIA  
PIERRE MOREIRA DOS SANTOS

### Diagramação

EDUARDO ROCHA

### Arte das capas

MARINA CAMARGO

A 21ª Edição da Revista PIXO é fruto da chamada AO SUL DO SUL: artes, arquitetura e cidades “de uma outra centralidade”. Assim como se pretendia, alcançamos um número esboçado por registros amplos e transversais, em concordância com diversos campos, tempos, sujeitos e formas de estar e fazer ao e o sul do sul. Essa revista perpassa as áreas de teoria da arquitetura e do urbanismo, artes visuais, dança, cerâmica, turismo, literatura, cinema e história, para discutir e elaborar a paisagem, a arte e território sulino, entre o ser, estar, habitar, narrar, aprender e ensinar. As muitas diferenças abrem novas possibilidades, embora alinhavem similitudes evidentes. O resultado é provocativo e sensível, instigando a um deslocamento pelos pampas, orlas e enseadas do Sul do Brasil *y adelante*. As imagens que inauguram a capa, e o início das seções são de autoria da artista visual Marina Camargo.

A PIXO – REVISTA DE ARQUITETURA, CIDADE E CONTEMPORANEIDADE<sup>1</sup> é uma revista digital trimestral (primavera, verão, outono e inverno) e visa reunir artigos, ensaios, entrevistas e resenhas (redigidos em português, inglês ou espanhol) em números temáticos. A abordagem multidisciplinar gira em torno de questões relacionadas à sociedade contemporânea, em especial na relação entre a arquitetura e a cidade, habitando as fronteiras da filosofia da desconstrução, das artes e da educação, a fim de criar ações projetuais e afectos para uma ética e estética urbana atual.

A revista é uma iniciativa conjunta dos Grupos de Pesquisa (CNPq) Cidade+Contemporaneidade, do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Arquitetura, Derrida e Aproximações, do Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura (PROPAR), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A edição temática “AO SUL DO SUL” é dirigida pelas Professoras Me. Taís Beltrame dos Santos, Dra. Helene Gomes Sacco e Dra. Eduarda Gonçalves (Duda), uma reunião entre os Programas de Pós de Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFPEL) e o Programa de Pós Graduação em Artes Visuais (UFPEL).

Agradecimento aos revisores da edição: Ana Paula Vieceli, Aline Montagna Silveira, Bárbara de Bárbara Hypolito, Carolina Mesquita Clasen, Carolina Frasson Sebalhos, Carolina Corrêa Rochefort, Carolina Ritter, Carmen Anitta Hoffmann, Célia Castro Gonsales, Celma Paese, Cristhian Moreira Brum, Cristine Jaques Ribeiro, Débora Souto Allemand, Eduardo Rocha, Fernanda Tomiello, Helene Gomes Sacco, Liziane de Oliveira Jorge, Lorena Maia Resende, Luana Pavan Detoni, Luisa Félix Dalla Vecchia, Marcelo Roberto Gobatto, Paulo Afonso Rheingantz, Rafaela Barros de Pinho, Shirley Terra Lara dos Santos, Taís Beltrame dos Santos, Tarcísio Dorn de Oliveira, Tássia Borges de Vasconcelos, Valentina Machado e Vanessa Forneck.

*Taís Beltrame dos Santos, Helene Gome Sacco,  
Eduarda Gonçalves (Duda) e Eduardo Rocha*

<sup>1</sup> <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/index>

## editorial

<b>AO SUL DO SUL</b> Artes, arquitetura e cidades de uma outra centralidade.....	10-15
<i>Taís Beltrame dos Santos, Helene Gomes Sacco e Eduarda Gonçalves (Duda)</i>	

## autores convidados

<b>VIAGEM AO FIO DO MUNDO.....</b>	18-39
<i>Fernando Fuão</i>	

<b>TRAÇOS, OBJETOS, RASTROS E MEMÓRIAS QUE COMPÕEM UMA IDEIA DE SUL DO SUL</b> Um olhar a partir da Literatura.....	40-49
<i>Marlise Buchweitz</i>	

## parede branca

<b>AVISTAMENTOS DE OLIGARCAS.....</b>	52-59
<i>Federico Hurtado</i>	

<b>ENTRE-MAPAS TOPOFÍLICOS DO VAZIO</b> O método artístico cartográfico na autoaprendizagem.....	60-63
<i>Mariana Leal da Silva</i>	

<b>OS SINAIS DO ABANDONO DE ESTAÇÕES FÉRREAS NA FRONTEIRA DO SUL DO BRASIL.....</b>	64-69
<i>Vanessa Forneck</i>	

<b>EXPERIÊNCIAS DA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY ATRAVÉS DA COLLAGE.....</b>	70-79
<i>Aline Nascimento dos Santos e Taís Beltrame dos Santos</i>	

<b>ANÁLISES ARQUITETÔNICAS AO SUL DA AMÉRICA DO SUL</b> Experiência com alunos de Arquitetura e Urbanismo.....	80-83
<i>Paula Pedreira Del Fiol, Eduardo Rocha, Amanda Martins Nogueira, Ana Laura Silveira Wurch, Brunno Melo Molina, Camila de Quadros Nicolao, Felipe Manta Vilela, Fellipe Lima Pinheiro, Fernanda Peres Fernandes, Isadora Garcia Dutra da Silveira, Julia da Cruz Lopes, Júlia Moreira de Ávila, Laura Bittencourt Ramos, Laura Mascarenhas Ferreira, Luísa Tiefensee Ribeiro, Luiza de Souza Peglow, Manuela Martinez da Silva, Maria Laura Camargo da Cruz, Paula Gottens Vendrusculo e Vitória Maria Silvestre Silva</i>	

<b>O FUNDO DO CÉU.....</b>	84-87
<i>Maria Eduarda Lisboa Silveira</i>	

<b>AO REDOR.....</b>	88-99
<i>Alice Porto e Martha Gofre</i>	

<b>PAISAGENS NAS RUÍNAS DO DESENVOLVIMENTO URBANO</b> Uma montagem parcial.....	100-103
<i>Douglas Silveira Martini</i>	

<b>ENTRELAÇO</b> Encontros ao sul das linhas do horizonte.....	104-107
<i>Kathleen Oliveira de Ávila e Isabella Khauam Maricatto</i>	

<b>REVELAÇÕES AO SUL DO SUL</b> O cotidiano à beira-mar.....	108-113
<i>Andrea Maio Ortigara</i>	

<b>ENTRE O ÚLTIMO CATA-VENTO E O NAVIO</b> Confluências na paisagem sulina.....	114-115
<i>Ana Maio</i>	

## artigos e ensaios

<b>BARRO, TEMPO E PAISAGEM</b> Fazeres cerâmicos ao sul do sul.....	118-139
<i>Taís Beltrame dos Santos, Angélica de Sousa Marques, Ágata Tomaselli dos Santos, Cleusa do Nascimento Ferreira, Guilherme Dias Macedo, Eduarda Lenzi Lopes, Humberto Levy de Souza, Livea Luzeiro do Carmo, Luis Henrique Leão e Paulo Renato Viegas Damé</i>	

<b>RETOMADA DA PAISAGEM</b> Representação, audiovisual e singularidade.....	140-151
<i>Francisco Maximila</i>	

<b>AUTORRETRATO</b> Um corpo que desenha a(-)borda do sul fronteiriço.....	152-167
<i>Barbara Larruscahim da Costa, Eduarda Gonçalves (Duda) e Nádia da Cruz Senna</i>	

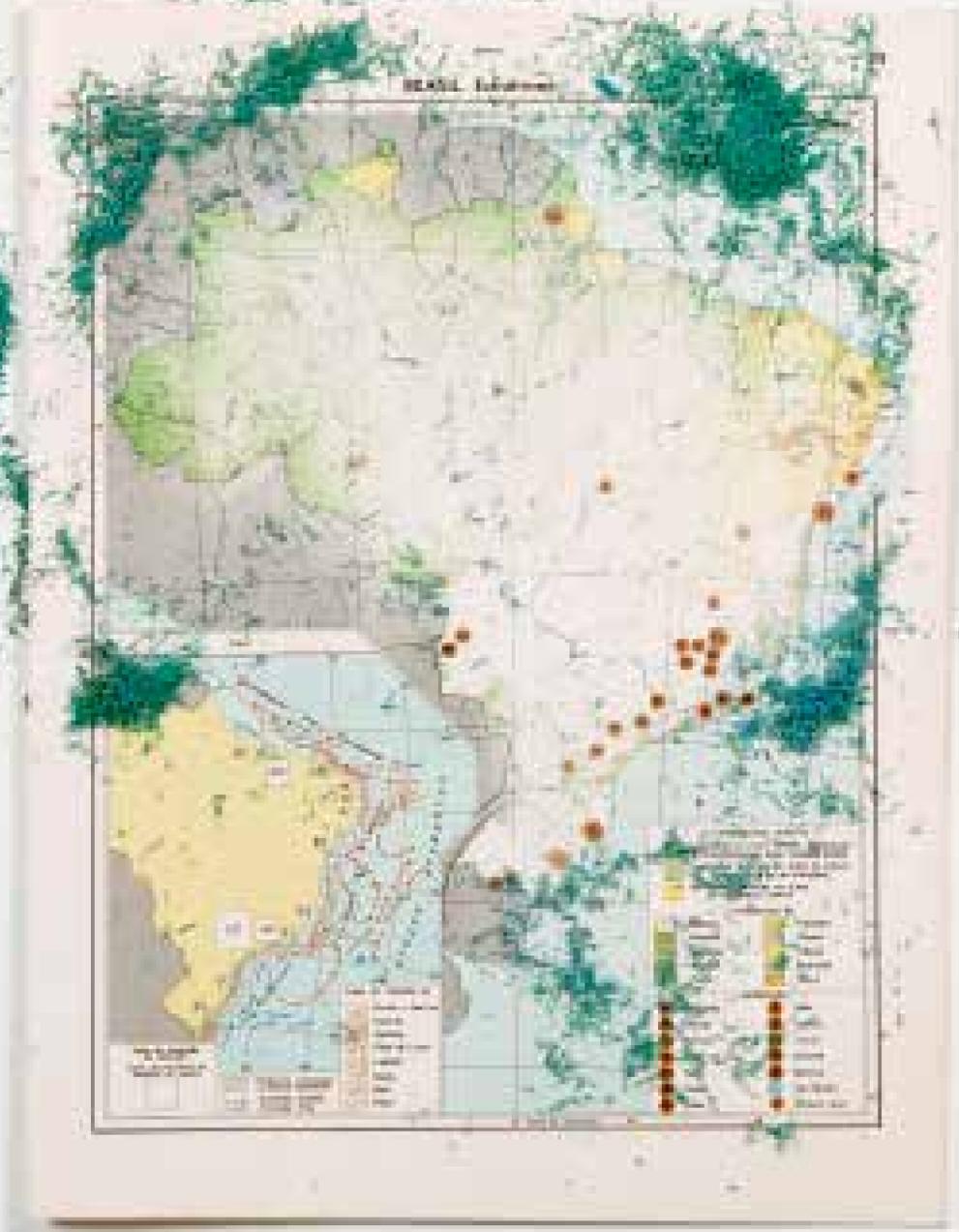
<b>POR AÍ, POR AÍ...</b> Da corpografia urbana ao mapa-texto.....	168-177
<i>Débora Souto Allemand e Carmen Aníta Hoffmann</i>	

<b>TRAJETOS AO SUL DO SUL</b> Uma cartografia de desframentos residentes.....178-187 <i>William Figueiredo dos Santos</i>	
<b>CARTOGRAFIA DO DESEJO NAS CIDADES PEQUENAS</b> Experiências ao Sul do Rio Grande do Sul.....188-205 <i>Luana Pavan Detoni e Eduardo Rocha</i>	
<b>POVOADO EM ABANDONO</b> A polissemia de Cuñapirú–Corrales no Uruguay.....206-225 <i>Laís Dellinghausen Portela e Eduardo Rocha</i>	
<b>DESCENDO O PACÍFICO RUMO AO SUL</b> Turismo sustentável através dos esportes de aventura.....226-245 <i>Maria Alice Silva e Gisele Silva Pereira</i>	
<b>LUGARES SAGRADOS E CULTURAS DO SUL DO BRASIL</b> Um estudo sobre comunidades sustentáveis.....246-261 <i>Adriana Viebrantz Braga, Thais Debli Libardoni e Lígia Maria Ávila Chiarelli</i>	
<b>ARQUITETURA ENTRANHA NO PAMPA</b> Perspectivas pré-conceituais.....262-283 <i>Luiz Antônio Bogo Chies e Diego Leite da Silva</i>	
<b>CASA FUKU-BARRETO</b> Arte e arquitetura ao sul do sul.....284-305 <i>Evelise Both</i>	
<b>DA METRÓPOLE PAULISTA AO SUL DO SUL</b> Um olhar para a arquitetura moderna a partir das casas Benedito Levi e Edyr Lima.....306-329 <i>Ana Elisa Souto, Renata Zampieri e Laline Cenci</i>	
<b>O CINEMATÓGRAFO EM PELOTAS</b> Consolidação de uma modernidade no sul do Brasil.....330-343 <i>Natália Toralles dos Santos Braga, Célia Castro Gonsales e Aline Montagna da Silveira</i>	
<b>MAPEAMENTO DOS PRÉDIOS REPRESENTATIVOS DA ARQUITETURA PÓS-MODERNISTA EM PELOTAS/RS</b> Neo-racionalistas, historicistas e virtuais.....344-359 <i>Jeferson Francisco Selbach</i>	
<b>A CASA DOS ESPÍRITOS E SEUS LUGARES</b> Arquitetura, literatura e mulheres na obra de Isabel Allende .....360-373 <i>Cecília de Almeida Silva e Maribel del Carmen Aliaga Fuentes</i>	
<b>SATOLEP</b> Explorando a cidade de Pelotas a partir da literatura.....374-387 <i>Bianca Ramires Soares e André de Oliveira Torres Carrasco</i>	
<b>INFLUÊNCIA DO ADENSAMENTO CONSTRUTIVO SOBRE OS MICROCLIMAS</b> Estudos brasileiros e singularidades do Sul.....388-401 <i>Mônica Machado dos Santos, Lisandra Fachinello Krebs e Raischa Holz Ribak</i>	

<b>CONSTRUIR O SUL, HABITAR O NORTE</b> Orlas urbanas como forma de expressão de um mundo globalizado.....402-419 <i>Celma Paese, Gianluca Perseu e Gabriela Ferreira Mariano</i>	
<b>O CALOR DA ARTE NA CULTURA DO FRIO</b> Representações artísticas e culturais em prol da diversidade de gênero em Satolep.....420-439 <i>Estevan de Bacco Bilheri, Cristhian Moreira Brum, Tarcísio Dorn de Oliveira e Helena Copetti Callai</i>	
<b>CORPO, ESPAÇO E DISSIDÊNCIAS NA URBANIDADE ERECHINENSE/RS</b> .....440-459 <i>Marcos Sardá Vieira, Jonathan Frare Giorgi e Marvin Davi Rojeski</i>	
<b>LEITURA CRÍTICA DO TERRITÓRIO EM UM CONTEXTO NÃO METROPOLITANO MERIDIONAL</b> Os conflitos em torno da produção do espaço habitado na Macrorregião do São Gonçalo em Pelotas/RS.....460-487 <i>Flávia Pagnoncelli Galbiatti, André de Oliveira Torres Carrasco, Luiza Maia Fagundes, Nirce Saffer Medvedovski e Rodolfo Barbosa Ribeiro</i>	
<b>COMUNIDADES TRADICIONAIS</b> Das práticas insurgentes aos múltiplos olhares para uma descolonização do planejamento territorial.....488-513 <i>Alessandra de Sant'Anna, Carolline Amaral da Silva, Gabriel Silva Fernandes, Hilder Alberca Velasco, Letícia Lopes Brito, Luísa Acauan Lorentz, Patricia Fernanda de Sousa Cruz e Rodrigo Quintella Messina</i>	
<b>A DILIGÊNCIA FRONTEIRIÇA E OS SÍMBOLOS URBANOS DE FACÇÕES CRIMINOSAS GAÚCHAS</b> Um olhar desde o extremo sul.....514-529 <i>Henrique Jeske e Antonio Lourence Kila de Queiroz</i>	
<b>ESCUDOS DE PAPEL, CIGARROS DE PALHA</b> Lugar de preto no sul do Brasil.....530-555 <i>José Carlos Freitas Lemos</i>	

## entrevistas

<b>CARTOGRAFAR MAPAS</b> Entrevista com Marina Camargo.....558-561 <i>Marina Camargo e Taís Beltrame dos Santos</i>	
<b>ENTREVISTA</b> O Sul em Vitor Ramil.....562-565 <i>Vitor Ramil, Taís Beltrame dos Santos, Helene Gomes Sacco, Eduarda Gonçalves (Duda) e Eduardo Rocha</i>	



## AO SUL DO SUL Artes, arquitetura e cidades de uma outra centralidade

Taís Beltrame dos Santos<sup>1</sup>,  
Helene Gomes Sacco<sup>2</sup> e Eduarda Gonçalves (Duda)<sup>3</sup>

Estamos ao Sul do Sul. Nos constituindo como agentes de uma centralidade não apenas geográfica, mas artística, urbana e arquitetônica. Como palpita Vitor Ramil, em *A Estética do Frio*: “Não estamos à margem de um centro, mas no centro de uma outra história”. E queremos reconhecê-la, descrevê-la ou inventá-la. Assim, querendo receber as muitas versões que dizem sobre esse território, esboçamos uma chamada aberta, mas não genérica. Ao incitar esse pensamento, nosso interesse estava na não precisão e no diálogo possibilitado pela heterogeneidade. Se estamos aqui, ao Sul do Sul, reconhecendo o que torna um território plural e significativo, buscamos na diferença caminhos para movimentar as certezas. Longe de estipular uma versão unitária que especifique uma ideologia, tipologia ou estereótipo, convidamos os muitos a propor um novo território textual-imagético-poético ao sul do sul. A movimentação nos interessa e é parte de um giro epistemológico em processo.

Partirmos.

Nossa navegação começa ao encontro da literatura, da filosofia e da estética em *VIAGEM AO FIM DO MUNDO*, de Fernando Freitas Fuão. Em uma excursão ao extremo sul da América do Sul, o pensamento extrapola os conceitos de continuidade, natureza, collage e a própria noção de fim para nos provocar a pensar. Complementando a experiência sulista, Marlise Buchweitz nos convida a partir de *TRAÇOS, OBJETOS, RASTROS E MEMÓRIAS QUE COMPÕEM UMA IDEIA DE SUL DO SUL*, a olhar para a memória e a literatura para suscitar o que pode ser um lugar, a partir de uma paisagem cultural comum do sul.

A parede branca, seção visual que compõe essa edição, é iniciada com os provocantes trabalhos de Federico Hurtado *AVISTAMIENTOS DE OLIGARCAS*. O artista argentino instiga, a partir de suas collages, a satirizar a imagem dos grandes oligarcas, surpreendentemente atualizados, que encontra em ilustrações de revistas europeias do final do século XIX. Expõe a proposição também na obra coleção de barcos (em uma costa sin barcos), navegações bricoladas feitas com achados do mar de la plata.

1 Graduada em Artes Visuais - licenciatura (UFPel). Doutoranda em Arquitetura (PROPAR/UFRGS). Mestre em Arquitetura e Urbanismo (UFPel/2021). Arquiteta e Urbanista (UFPel/2018).

2 Doutora em Artes Visuais pelo PPGAV/UFRGS. É artista, professora e pesquisadora do campo das Poéticas Visuais. Sua produção artística é composta por trabalhos que articulam objetos, desenho, escrita e fotografia, e buscam através de um tom ficcional pensar sobre a produção de objetos e suas implicações com a memória, a casa e os modos de vida. É líder do Grupo de Pesquisa Lugares-livro: dimensões materiais e poéticas, CNPq/CA - UFPEL. Coordena o Projeto de Pesquisa OBJETO COISA: reflexões sobre a criação e produção de materialidade na Arte. É professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, no Mestrado em Artes Visuais - CA/UFPEL, onde também é professora na graduação, em disciplinas voltadas à percepção do espaço tridimensional e a criação de relações entre arte e cidade.

3 Doutora pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/2011); Mestre pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/2000); e Bacharel em Pintura pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL/1996).

Indo para um outro sul, *ENTRE-MAPAS TOPOFÍLICOS DO VAZIO*, Mariana Leal da Silva, nos instiga a superar a visão dualista, a partir de gravuras cerâmicas dos mapas de Timor-Leste, Tailândia, Coreia do Sul e Macau. De volta ao Sul da América do Sul, conhecemos a beira do Uruguai com *OS SINAIS DO ABANDONO DE ESTAÇÕES FÉRREAS NA FRONTEIRA DO SUL DO BRASIL*, ensaio de Vanessa Forneck. A seleção de imagens nos convida a refletir sobre as travessias, caminhos e cruzamentos, além de claro, sobre a arquitetura e o patrimônio.

Brincando com imagens, Aline Nascimento dos Santos e Taís Beltrame dos Santos propõem *EXPERIÊNCIAS DA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY ATRAVÉS DA COLLAGE*, que reúne fragmentos e elementos cartografados na Linha de Fronteira de Chui-Chuy, Aceguá-Acegua, Jaguarão-Rio Branco e Santana do Livramento-Rivera pelo grupo de pesquisa Cidade e Contemporaneidade<sup>4</sup>. Em *ANÁLISES AO SUL DA AMÉRICA DO SUL*, Paula Pedreira Del Fiol, Eduardo Rocha e diversos graduandos de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, nos convidam a conhecer seus trabalhos de graduação: análise de projetos contemporâneos localizados ao sul da América do Sul.

Na série de pinturas *O FUNDO DO CÉU*, Maria Eduarda Lisboa Silveira investiga uma paisagem pandêmica, vista de sua janela. Brincando com cores, cheios e vazios, propõem-se um alargamento do tempo e da própria vista sutil de um lugar que nunca é o mesmo. O movimento e o tempo também ecoam em *AO REDOR*. Trabalho de Alice Porto e Martha Gofre que investiga a paisagem litorânea, e a presença fundamental da água. A partir de desenhos, sobreposições e fotografias que inundam, as artistas recortam os detalhes, propondo composições que direcionam a ideia de marco na sutileza da paisagem do sul. Já em *PAISAGENS NAS RUÍNAS DO DESENVOLVIMENTO URBANO*, Douglas Silveira Martini investiga a fronteira da região metropolitana de porto alegre, onde as noções de cidade, indústria, natureza, extrativismo compõe uma margem em re-ordenação.

Em *ENTRELAÇO*, o encontro memorial e corpóreo se dá em outro meio. As linhas, horizontais e mapas se fazem devir corpográficos para caminhar ao sul do sul, perambulando por um fio da meada que instiga um território outro, pampa, a partir de um ponto de vista outro, do pé. O registro em fotografia, segue propositivo, e em *REVELAÇÕES AO SUL DO SUL*, Andrea Maio Ortigara nos mostra um cotidiano no Cassino, balneário de Rio Grande, no extremo Sul do Rio Grande do sul, nas primeiras décadas do século XX. A seção é finalizada pelo trabalho de Ana Maio, *ENTRE O ÚLTIMO CATA-VENTO E O NAVIO*, uma proposição audiovisual que quer capturar o movimento da areia, o mar, o vento e a linha, em uma grande praia linear ao Sul do Brasil..

A terceira seção da Pixo, artigos e ensaios, começa com *BARRO, TEMPO E PAISAGEM*, texto de Taís Beltrame dos Santos, Angélica de Sousa Marques, Ágata Tomaselli dos Santos, Cleusa do Nascimento Ferreira, Guilherme Dias Macedo, Eduarda Lenzi Lopes, Humberto Levy Souza, Livea Luzeiro do Carmo, Luiz Henrique Leão e Paulo Renato Viegas Damé que narra as vivências ceramistas durante as quatro estações do ano, da coleta do barro até à queima cerâmica, na paisagem sulina. A paisagem também é tema em *RETOMADA DA PAISAGEM*, cartografia de Francisco Maximila produzida a partir das discussões sobre representação, audiovisual e produção de singularidade a partir de obras audiovisuais *Desalambrar* (2019) e *Milonga Lejana* (2021), curtas de sua autoria.

4 <https://wp.ufpel.edu.br/cmaisc/>

Seguindo a poética visual e artística, em *AUTORRETRATO*, um corpo que desenha a(-)borda do sul fronteiroço, Barbara Larruscahím da Costa, Eduarda Gonçalves (Duda) e Nádia da Cruz Senna apresentam a relação de pertencimento de um corpo, latino-americano, que intervém, costura e desenha o espaço da fronteira para tecer um novo mapa. Em *POR AÍ, POR AÍ...* Da corpografia urbana ao mapa-texto, Débora Souto Allemand e Carmen Anita Hoffmann, dançam as invenções e corpografias pela cidade de Pelotas, dizendo sobre o clima, os lugares habitados pelo projeto Caminhos da Dança na Rua e a Ramilonga de Vitor Ramil.

Em *TRAJETOS AO SUL DO SUL* Uma cartografia de desfragmentos residentes, William Figueiredo dos Santos expõe a colagem e a fotografia como dispositivos para captar afectos e experimentar o cotidiano que está exposto. Luana Pavan Detoni e Eduardo Rocha, também mapeiam o cotidiano em *CARTOGRAFIA DO DESEJO NAS CIDADES PEQUENAS*. Através da pedagogia da viagem, a imersão pelas cidades Arroio do Padre, Cerrito, Cristal, Morro Redondo, Pedro Osório e Turuçu, cidades ao sul do Rio Grande do Sul, provoca considerações e conceituações sobre um modo de viver e pensar a cidade que reinventa o padrão metropolitano.

Em *POVOADO EM ABANDONO* A polissemia de Cuñapirú–Corrales no Uruguay, Laís Dellinghausen Portela e Eduardo Rocha experimentam um território em declínio, para dizer sobre hostilidade e pertencimento na construção da subjetividade, de encontro à terceira paisagem que repovoia o pequeno adensamento. Já na costa, inaugurando uma outra mirada para o sul, em *DESCENDO O PACÍFICO RUMO AO SUL* Turismo sustentável através dos esportes de aventura, Maria Alice Humberto Silva e Gisele Silva Pereira, identificam a relação entre os esportes de aventura e o turismo sustentável praticado por surfistas em um canal de esportes radicais.

Continuando nossa viagem, Adriana Viebrantz Braga, Thais Debli Libardoni e Lígia Maria Ávila Chiarelli nos convidam a conhecer três comunidades sustentáveis em *LUGARES SAGRADOS E CULTURAS DO SUL DO BRASIL*, visando subsidiar projetos arquitetônicos que destaquem a importância ancestral, identitária e regional que compõe esses locais. Tecendo ainda, a rede sobre a estética de uma arquitetura sulina, Luiz Antônio Bogo Chies e Diego Leite da Silva, escrevem *ARQUITETURA ENTRANHA NO PAMPA* Perspectivas pré-conceituais, ensaio que vislumbra a produção arquitetônica rural dos séculos XVIII e XIX e sua repercussão na contemporaneidade para abrir uma agenda de reflexões e discussões sobre as peculiaridades regionais e mestiças de nosso território.

Em *CASA FUIKE-BARRETO* Arte e arquitetura ao sul do Sul, Evelise Both procura dar visibilidade à arte e à arquitetura gaúcha, através da obra do arquiteto Flávio Kiefer, na zona rural de Eldorado do Sul, vislumbrando representações de uma arquitetura genuinamente rio-grandense. Ainda buscando as correlações imbricadas entre as muitas referências que constituem nosso território cultural, Ana Elisa Souto, Renata Zampieri e Laline Cenci apresentam *DA METRÓPOLE PAULISTA AO SUL DO SUL*, Um olhar para a arquitetura moderna a partir das casas Benedito Levi e Edyr Lima que culmina em uma reflexão comparativa entre exemplar e precedentes, visando divulgar a arquitetura moderna produzida no sul, em especial na cidade de Cachoeira do Sul.

Olhando para a modernidade, *O CINEMATÓGRAFO EM PELOTAS* Consolidação de uma modernidade no sul do Brasil trabalho de Natália Toralles dos Santos Braga, Célia Castro Gonsales e Aline Montagna da Silveira, investiga a instalação do cinema na cidade de Pelotas, na virada dos séculos XIX e XX, como símbolo da renovação cultural urbana da cidade. Investigando a extensa cultura arquitetônica da cidade de Pelotas, Jeferson Francisco Selbach propõe um *MAPEAMENTO DOS PRÉDIOS REPRESENTATIVOS DA ARQUITETURA PÓS-MODERNISTA EM PELOTAS/RS*,

um olhar para doze edifícios neo-racionalistas, historicistas ou virtuais que compõe a paisagem urbana diversificada, e contemporânea, da cidade.

O olhar entre história, arquitetura e literatura é contemplado por Isabel Allende Cecília de Almeida Silva e Maribel Aliaga Fuentes, no artigo *A CASA DOS ESPÍRITOS E SEUS LUGARES* Arquitetura, literatura e mulheres na obra de Isabel Allende. O escrito propõe uma excursão ao Chile no contexto da ditadura militar, relacionando diversos espaços e situações que propõem um estudo da arquitetura a partir do realismo fantástico como fonte documental. De volta a Pelotas, Bianca Ramires Soares e André de Oliveira Torres Carrasco, propõe *SATOLEP*, Explorando a cidade de Pelotas a partir da literatura, um trabalho que também utiliza o livro de Vitor Ramil como possibilidades de interpretação e apropriação da forma urbana, história e sociedade.

Investigando o microclima em espaços urbanos abertos, Mônica Machado dos Santos, Lisandra Fachinello Krebs e Raischa Holz Ribak, escrevem *INFLUÊNCIA DO ADENSAMENTO CONSTRUTIVO SOBRE OS MICROCLIMAS* Estudos brasileiros e singularidades do Sul, para evidenciar, a partir de um expressivo referencial teórico, a relação entre morfologia urbana, vegetação, revestimentos e pavimentações utilizados no espaço urbano e seus efeitos para o conforto térmico ao nível do pedestre. Seguindo na escala urbana, com um olhar apurado para a experiência, Celma Paese, Gianluca Perseu e Gabriela Ferreira Mariano escrevem *CONSTRUIR O SUL, HABITAR O NORTE* Orlas urbanas como forma de expressão de um mundo globalizado, artigo que procura problematizar as relações entre a produção da cidade formal e de subjetividades no espaço urbano, refletindo sobre os conceitos propostos por Richard Sennett em *Construir e Habitar*.

A experiência urbana também é tema de Estevan de Bacco Bilheri, Cristhian Moreira Brum, Tarcísio Dorn de Oliveira e Helena Copetti Callai, em *O CALOR DA ARTE NA CULTURA DO FRIO* Representações artísticas e culturais em prol diversidade de gênero em Satolep, exploram as manifestações artísticas das minorias de gênero e sua intervenção para a criação de vínculos de pertencimento fundamentais para a vida urbana, inclusive na cidade de Pelotas. Marcos Sardá Vieira, Jonathan Frare Giorgi e Marvin Davi Rojas também partem da vivência de corpos não-heteronormatizados para compreender a relação entre *CORPO, ESPAÇO E DISSIDÊNCIAS NA URBANIDADE ERECHINENSE/RS*, identificando a formação de urbanidades alternativas e heterotópicas na cidade através do método cartográfico.

Os conflitos em torno da produção do espaço habitado na Macrorregião do São Gonçalo em Pelotas/RS são abordados através de uma *LEITURA CRÍTICA DO TERRITÓRIO EM UM CONTEXTO NÃO METROPOLITANO MERIDIONAL* por Flávia Pagnoncelli Galbiatti, André de Oliveira Torres Carrasco, Luiza Maia Fagundes Nirce Saffer Medvedovski e Rodolfo Barbosa Ribeiro, destacando as disputas recentes em torno do território do Passo dos Negros. Também na escala do planejamento e da luta pelo reconhecimento e pela terra, a partir de diferentes experiências, em *COMUNIDADES TRADICIONAIS* Das práticas insurgentes aos múltiplos olhares para uma descolonização do planejamento territorial, Alessandra de Sant'Anna, Carolline Amaral da Silva, Gabriel Silva Fernandes, Hilder Alberca Velasco, Letícia Lopes Brito, Luísa Acauan Lorentz, Patricia Fernanda de Sousa Cruz e Rodrigo Quintella Messina apontam, a partir de diversas territorialidades, marcas da modernidade-colonialidade na produção do espaço problemáticas à sobrevivência de diferentes modos de ser, pensar e saber sobre si e sobre o Outro.

Em, *A DILIGÊNCIA FRONTEIRIÇA E OS SÍMBOLOS URBANOS DE FACÇÕES CRIMINOSAS GAÚCHAS* Um olhar desde o extremo sul, Henrique Jeske e Antonio Lourence Kila de Queiroz investigam aspectos entre-cruzados do campo da sociologia

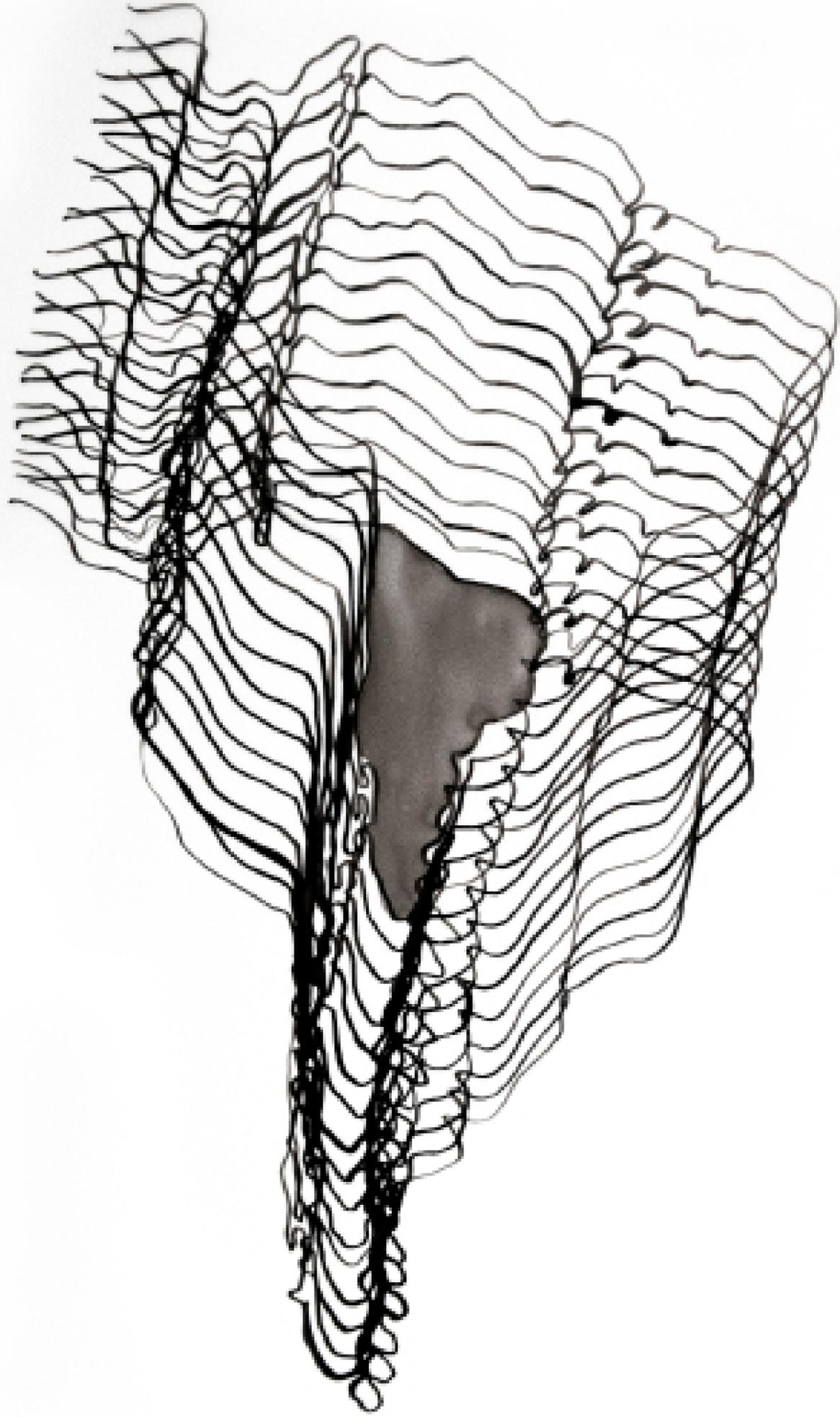
e da geografia, visando discorrer sobre a comercialização ilegal de entorpecentes, sua relação com fronteira Brasi- Uruguai e discursos que circundam o mundo do crime e o território praticado, considerando inclusive as pixações encontradas em Pelotas/RS. Finalizando nossa seção de artigos e ensaios, José Carlos Freitas Lemos, em ESCUDOS DE PAPEL, CIGARROS DE PALHA, Lugar de preto no sul do Brasil, nos convida à uma reflexão crítica sobre os direitos supostamente assegurados pelo Estatuto da Cidade, dentre outras leis, e a marginalização do povo negro, muitas vezes reiterada pela criminilização, segregação e perpetuação de um esquema escravocata na produção da cidade.

A Pixo 21: ao sul do sul, é encerrada com duas entrevistas mais que especiais. Em CARTOGRAFAR MAPAS, uma entrevista com Marina Camargo, a artista brasileira, investiga diversos sentidos relacionados à ideia de deslocamento e mapas políticos-geográficos, indo ao encontro da memória e das recorrências possibilitadas pela representação. É também de sua autoria, os trabalhos que ambientam as capas e seções da revista, nos provocando a navegar - e repensar as formas de re-apresentação de fronteiras e territórios que demarcam nosso estar geográfico. Os trabalhos, na ordem em que aparecem na revista são: Alto-mar (Atlântico)(2018); América-látex Pós-extratativismo (2020); Brasil, Extrativismo (2017); Distúrbios (2020); Mapa Mole (2019) e; Distúrbios (2020). Agradecemos à artista pela generosidade.

Por fim, Vitor Ramil nos encanta na entrevista O SUL EM VITOR RAMIL. O convite para essa conversa, surge da evidente presença das diferentes obras de Ramil nos artigos, ensaios e paredes-brancas que compõem essa edição temática da Pixo. Na entrevista, o compositor, letrista, cantor e escritor pelotense escreve sobre sua casa, memória e cidade, adentrando à paisagem pampeana e à Estética do Frio. A partir de uma atualização da centralidade sulina, Vítor descreve experiências ao Sul do Sul, que fundamentam um pensamento recorrente em sua obra, conectando com leveza, questões formais, identitárias, geográficas e culturais, de sentir-pensar, musicar e imaginar nosso território.

Agradecemos todos os trabalhos enviados, e desejamos uma boa navegação a todes que estão dispostos a re-centralizar, des-centralizar e criar o Sul do Sul!

Taís Beltrame dos Santos, Helene Gomes Sacco e Eduarda Gonçalves (Duda).



# VIAGEM AO FIM DO MUNDO<sup>1</sup>

## TRIP TO THE ENDE OF THE WORLD

Fernando Fuão<sup>2</sup>

### Resumo

O ensaio poético-visual acompanha a experiência de viagem à Terra do Fogo (Ushuaia). Em uma imersão pela extensão e intensidade da natureza glacial do sul do sul, conceitos como fronteira, borda, dobra recriam o imaginário do leitor, enquanto delineiam a imensidão da paisagem. Na busca pelo fim do mundo, o discurso, a representação e à linguagem pedem passagem, recriando a precisão do espaço, a dimensão do corpo, e reformulando a linearidade, cíclica da in-domesticação.

Palavras-chave: viagem, fim do mundo, linguagem, Terra do Fogo.

### Abstract

*The poetic-visual essay follows the travel experience to Tierra del Fuego (Ushuaia). In an immersion through the extension and intensity of the glacial nature of the south of the south, concepts such as border, edge, fold recreate the reader's imagination, while delineating the immensity of the landscape. In the search for the end of the world, discourse, representation and language ask for passage, recreating the precision of space, the dimension of the body, and reformulating the linearity, cyclical of un-domestication.*

*Keywords: travel, end of the world, language, Terra do Fogo.*

*¿Dónde termina tu cuerpo y empieza el mío?  
Jorge Drexler*

Fim do mundo, início de todas as coisas, pequena frase referencial para os turistas que conseguem chegar lá.

Além dos limites e das bordas já vistas.

Lá onde tudo deveria acabar. Ver e conhecer os limites do mundo dos mapas, a finitude enquanto mundo. Descobrir os limites da matéria, e o que acontece com ela quando atinge essa posição.

O fim do mundo é esse estranho espaço onde os desejos da matéria, do ar, da água, da terra se reúnem na gelada Terra do Fogo para explicar o início e seus próprios fins. É lá, onde a água desejaria ser um dia terra, congelando-se para virar glacial, uma montanha d'água.

No fim do mundo a terra afunda-se em blocos desfazendo-se em pedaços de blocos ainda menores, esfacelando-se lentamente, dissolvendo-se como num arquipélago; desejando desaparecer eternamente nas águas da Terra do Fogo.

Lá se pode ver fogo onde não há fogo. Tudo queima, tudo arde, até o vento, o fogo fátuo faz a transmutação da matéria ativa do desejo, o pensamento.

Na viagem vimos o esplendor da matéria terra quase liberta da gravidade, elevando-se ao céu, em seu desejo de guardar a água congelada em seus picos.

Pela carreteira Austral passamos, os Andes vimos, nos Andes andamos, aos Andes sobrevivemos.

Quanto mais nos aproximávamos do fim, os limites do dia e noite passavam a ser mais borrosos, os limites entre uma coisa e outra também, tudo, curiosamente, começava a ficar igual e ao mesmo tempo distinto. Já não víamos bordas e limites em nada, tudo era imensidão naquela terra, que já não era tão "Terra" assim.

Tudo parecia vazio, e ao mesmo tempo cheio de sentido.

Lá tudo se dilui incessantemente, uma coisa parece estar sempre querendo ser outra, uma matéria desejando transformar-se em outra sem, entretanto, virar uma massa única.

Tudo lá, está sempre virando, desdobrando-se em outra.

As dobras, as viradas, as revoltas da matéria.

No limite da situação, descobrimos que na natureza, revoltar-se é transformar-se no outro, desejar ser o outro para não morrer.

Revoltar-se é cruzar a fronteira, passar para o outro lado.

Nos limites do fim, as coisas estão num estado que podem ser uma e outra, enfim, todas outras ao mesmo tempo. É 'isso', 'aquilo ali', 'aquilo lá', uma curiosa geografia na qual se perambula, e se redescobre incessantemente o paradoxo do início, o meio e o fim na simultaneamente do instante.

Tudo no fim do mundo está a um passo de ir-se, de passar para o outro lado, no perigo de cair da grande meseta esquecida da terra, felizmente salvaguardada pelos temores do fim.

A busca pelo fim se caracteriza, exatamente, por esse avançar sempre um pouco mais. O fim pode estar lá em baixo, lá em cima, quase ali na frente, ou deixado para trás.

No fim a natureza se indefine, se desvanecendo e revelando uma outra natureza, um outro mundo. O fim lá dentro. Indefinição é falta de fim, falta de sentido.

<sup>1</sup> Esse ensaio foi publicado no blog: [https://fernandofuao.blogspot.com/2012/09/viagem-ao-fim-do-mundo\\_28.html](https://fernandofuao.blogspot.com/2012/09/viagem-ao-fim-do-mundo_28.html), em 28 de setembro de 2012.

<sup>2</sup> Professor Titular da Faculdade de Arquitetura. (UFRGS). Pós Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia/UERJ sob a supervisão da Filósofa Dra. Dirce Solis (2011-12). Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (1980), Doutor em Projetos de Arquitetura Texto e Contexto pela *Escuela Técnica Superior de Arquitectura* de Barcelona-UPC (1987- 92) com a tese *Arquitectura como Collage*.



Lá, ou ali os traços e traçados apagam-se com mais intensidade, até as línguas se misturaram uma na outra, uma sobre a outra.

Na natureza não há bandeiras nem fronteiras.

As fronteiras ficam para os mapas, as plantas, para as representações, para as barreiras alfandegárias, para todas as barreiras humanas, como disse Jorge Drexler: “yo no sé dónde soy, mi casa está en la frontera, y las fronteras se mueven, como las banderas”

Mas até no fim do mundo os homens inventaram bandeira, na Patagônia ela é aureocerulia. E por onde vão, vão cravando suas bandeiras. Não há limites para as bandeiras, ela é o lugar da limitação.

As únicas bordas existentes que encontramos na natureza são os absurdos limites impostos pelo homem, com suas cercas, seus muros, suas leis e réguas, suas propriedades, seus impostos que isolaram nossa vidas do sentido único com a natureza.

Nesses contornos, nessas linhas que se constituem os chamados mapas políticos, tudo que passa por esses limites deve ser identificado. Nesses novos tempos, nem mesmo o que é comestível e perecível passa mais.

Mas se olharmos para trás no tempo, esses limites serão sempre borrosos, tanto é que nesses espaços de fronteiras às franjas daquelas bandeiras estão lavradas de sangue. Mas, entre uma fronteira e outra sempre existirá um espaço último vago, uma fratura que revelará sempre a falsidade dos contornos. São esses falsos contornos da representação do poder que devem ser passadas em revistas, repassadas constantemente,. Enfim, todas as representações dos mapas e das plantas. Todos os falsos fins e começos.

Poder é sobretudo representação. E que a domesticação da representação geográfica, das cidades e da arquitetura - herança dos primórdios do Humanismo - impregnou nossos olhos e nos cegou as continuidades dos espaços da vida, da natureza, a finalidade da representação é nos eludir da própria falsidade das representações. A



finalidade dos mapas não é só colocar os limites mas nos fazermos crer em sua falsa verdade que as coisas terminam ali no contorno, na linha.

Foi isso que os mapas fizeram desde nossa tenra infância: de alguma maneira, suprimiram a continuidade da vida, do mundo, segmentando em fragmentos políticos, bíblicos, assinalando território, terras, marcando lugares, desenhando, cegando- nos desde a mais tenra idade a possibilidade de perceber o espetáculo da continuidade do mundo.

São esses contornos que, de certa forma, delineiam nossas vidas, e agora delineiam as novas fronteiras virtuais com uma precisão cada vez maior.

São esses mesmos traços que também determinam as representações arquitetônicas e urbanísticas, estabelecendo novos modelos de traçados de controle. Talvez seja isso que Hakim Bay procurava escapar, por outras rotas, ao escrever TAZ.

Para mim, o fim do mundo sempre será o paradoxo da busca do traço como sinal, do que falta e do que excede, da essência como carência e como excesso ao mesmo tempo.

No fim nunca haverá uma linha, um contorno, um conceito.

Nem pode haver. Lá tudo deve ser igual, tão igual que tudo pareça irreconhecível pelo excesso de semelhança.

Na natureza não existem linhas, tudo está atado, uma coisa está amarrada à outra, às vezes sem fio, só no entrelaçamento invisível do desejo.

À noite, mesmo a distancia as estrelas se entrelaçavam com nossos olhos. Suas luzes nos guiavam quando perdidos pelo amor no meio das escarpas das montanhas. Enquanto que as luzes da cidade de El Chalten lá embaixo só nos ofuscavam.

Bastou um beijo para desorientar-nos.

Para chegar ao fim do mundo tem que embarcar, embarcar no ‘transbordador’, cruzar,



bordar, costurar um lado ao outro do Estreito.  
Transbordar. Para se chegar ao fim do mundo se tem que transbordar.

A passagem de uma matéria à outra deve ser superado pela travessia sobre essa espécie de vazio, abismo, de um espaço difícil de ser definido, mas que o definimos como uma coisa que não existe, a isso lhe damos o infeliz nome de vazio.

Mas não é vazio.

Esse vazio é pura reflexão, do outro.

O imaginário vazio do fim do mundo é cheio de imagens, de paisagens pré-humanas, de flores com cores fantásticas.

Depois de ver tudo isso, continuo a me perguntar, qual é a cor do fim do mundo? Qual será a cor da matéria em seu estado último de partícula?

O fim do mundo revela um imaginário anterior ao aparecimento do homem. O homem é o ser estranho ao fim do mundo. O que menos conta.

Lá tudo parece imobilizado, suspenso em sua eternidade, nossa presença foi apenas efêmera.

O eu é o ser estranho ao outro.

O fim do mundo é o outro. O inatingível em sua essência.

A busca do fim do mundo só pode revelar o desejo de uma coisa em outra, de uma matéria em outra, de um corpo em outro.

Olhando para o céu estrelado à noite ficava imaginando, então, qual seria o desejo das estrelas?

Os limites das bordas são borrosos, mas ao mesmo tempo sólidos, solidificados como o sal. Não é a toa que o sal se coloca a beira mar, e que no fim do mundo tenha muito salitre. O sal é uma potência insidiosa que trabalha nos confins da terra e da água. O



sal se dissolve e se cristaliza.

O sal apresenta o princípio da coesão como princípio da solidez, simboliza os vínculos que constituem o corpo, tanto o corpo humano como o corpo das pedras.

Ele é o princípio de concentração ativa, ele chama para si, atrai para si tudo que pode, de certa forma cola, entrelaça, mantém a terra em seu ser, em seu centro. Toda solução deseja ser concentrada, grudada a outra.

O fim não é nenhuma coisa nem outra, é duas, três ao mesmo tempo, impossível de identificar, inclassificável, dinâmico.

O fim é coisa nenhuma.

Mas como pode haver 'coisa nenhuma'?

O fim é puro movimento para o outro lado, para o estrangeiro, no desejo de se transportar, ainda que temporariamente, para o outro, no desejo de ser o outro, a outra coisa.

Agora é isso, logo será outra, e assim por diante em sua repetição infinita, da mesmice, como prática da eternização da matéria em constante transformação.

Repetição e diferença.

Mas essa repetição, produz o inusitado pelo princípio da própria repetição que não pode existir sem a diferença.

Hoje os discursos da vida em torno dos limites, das bordas e dobras do ser estão no centro do conhecimento. O problema é esse centro que quando se centraliza dispersa sua essência.

Mas esses discursos sobre o periférico, o micro, às vezes, parecem mazelas dos mesmos discursos que colocaram limites e bordas em tudo, com todas as letras. A cidade das letras de Angel Rama nos mostra um pouco disso, de como a escrita lavrou as cidades na América.



A representação pictórica a partir do Renascimento, e principalmente no séc. XVIII, também é reveladora do absurdo da própria representação, com seus quadros, enquadramentos e centralidade. A falsa profundidade foi assegurada pela perspectiva e suas aprisionantes molduras, ercarcelando não só a pintura, mas também o próprio homem que se deixou representar.

A questão da centralidade na pintura foi questionada por Kandinsky e por Paul Klee, mas não o tema das bordas. Suas críticas ficaram no plano pictórico, dentro do marco, no campo do representável, da arte.

O campo é o representável para nossa cultura. O fora de campo é o irrepresentável, a impossibilidade da imaginação

O poder é campo, o cerceável. O cercamento se fez cerca, domínio. O campo é o lugar da luta, concebido para tal, o campo também representa a impossibilidade da retirada, a obrigatoriedade da luta. A luta da pintura tem sido o debater-se incessante sobre a essência do próprio campo como limite, sua profundidade, suas lateralidades e de sua escapatória, em todos os seus aspectos. Mas esse enquadramento é mais conceitual que formal, todas as instalações de arte estão repletas de sutis molduras e refletores.

A exclusão ou melhor: um “fora do quadro”, ou um “fora do campo” dentro da lógica da representação envolve sempre uma luta, um eterno debater-se, um duplo desejo de revolta tanto para exercer seu domínio absoluto de um permanecer, ou também por outro lado, como desejo de cair fora.

Agora, Agambem nos mostra a clausura da vida do homo sacer nas cidades, nos territórios concentrados de pobreza do terceiro e último mundo. Nos campos de exclusão localizados na periferia, nos limites das cidades, nas bordas, nos limites da economia global. Entretanto, esse é mesmo discurso que ainda permanece em termos de oposição entre um dentro e um fora. O próprio conceito de periferia, inclusão,

exclusão são exemplares de um pensamento centralizado, e centralizador.

Às vezes, chego a pensar que o problema não é o que está dentro do campo, do campo do conhecimento, mas o próprio campo que nos impede de ver o fim do mundo. Essas reflexões sobre os limites do mundo e do ser só terão importância se mostrarem a falta de definição na natureza e explicitarem as relações amorosas de suas matérias, de seus frutos. Basta imaginarmos a cerca caída ou em vias de desaparecimento.

Na natureza as coisas estão atadas umas as outras. Em seus limites elas não são uma coisa nem outra. Elas estão se transformando continuamente e guardando relações não só com coisas próximas em proximidades, mas reenviando incessantemente ao longínquo.

Todas essas coisas estão ‘sendo’ e ‘descendo’, como as carreiras e sendas que serpenteiam e enlaçam os Andes.

Esse discurso da inclusão e exclusão só valerá, se efetivamente, mostrar quanto estamos atados e colados uns aos outros sem muitas limitações,

nas extensões. Se mostrar esse contínuo deslocamento para o outro, estando no outro; se efetivamente explorar a desintegração do eu no outro, do outro no eu, no nós. O outro é o fora, e ao mesmo tempo, o dentro. O paradoxo do eu, é não ser eu.

O outro é o fim do mundo, a insuportabilidade do outro.

Esse “eu” é os “outros”, esse eu é um estado em constante deslocamento do desejo para o outro. O outro não pode ser o inferno como apontou Sartre, o outro é uma temporalidade do eu, que muitas vezes dói.

O “eu” é uma temporalidade em simultaneidade de tempo do outro.

E não fui só pra lá, não estive só

Cruzamos com muitas pessoas que iam pro fim do mundo, de vários modos: avião, barco, ônibus, automóvel, moto, bicicleta e até de carona, não importava o veículo o barato é chegar lá.

Essa reflexão sobre as bordas da vida só importará se declarar que esse “eu” que sou sempre será um pouco ou muito desse “outro”, e que o outro, esses “outros” também vivem fisicamente em mim em carne, me constituem, me pensam, de uma maneira ou de outra, constituindo “nós”, entrelaçando.

Como na collage, o que a collage mostra é que o “eu” penso não existe, na collage é “as figuras que me pensam”

Sou constituído, construído pelos outros, não há um eu de fato que se pensa, esse é o engano e fundamento da psicologia e da psicanálise. O erro da linguagem sempre foi pensar que a linguagem pertence ao âmbito do eu. Mas quem fala por mim?

O fato de possuir o domínio da escrita me evidencia enquanto absoluto desse ‘eu’. A linguagem traduz em sua essência o envio da escrita a partir desse outro, dessas presenças desses outros na vida de cada um, através das leituras realizadas, e que me forçam escrever para se representar, enquanto vida, vida comum. É o outro que me obriga a escrever. Não é para mim que escrevo, para isso bastaria o pensamento. Por isso a linguagem é a expressão da realização do amor.

A origem da escrita só pode ser o outro, para o outro. Poderíamos imaginar muitos mitos amorosos para a origem da escrita.

O ‘eu’ é o fim em todos os sentidos, e esse fim encapsulado, contornado de fato não existe. O “eu” contornado foi uma invenção, parte da construção da representação individualista ocidental.



Estamos sempre desejando o outro, os estados do outro, esse é o desejo que alimenta a matéria, a natureza. Ser o outro a todo instante, a cada oportunidade, sem deixar de acreditar nesse ser em constante deslocamento e transformação.

Ao longo da vida nos desfazemos uns nos outros, estamos constantemente fazendo-nos nos outros, deixando nossa presença, diluindo-nos como glaciais nos lagos.

Um filme bastante interessante que mostra o sentido do espaço contido em cada ser é “Uma nova vida”. No filme a busca de um jovem vietnamita pelo pai só é permitida através dos vários personagens que ele entra em relação, é ‘como se’ cada personagem possuísse um espaço, cada um fosse o próprio espaço no qual ele vai se deslocando através deles até chegar ao lugar desejado, até chegar ao pai.

Transitando sobre o pensamento dos outros. Nos sugerindo que o espaço é pensamento, o espaço é pensamento do outro, dos outros. Os anjos de “Asas do desejo” de Win Wenders são também um pouco assim. O anjo não tem vida própria, a vida dos outros é sua vida, ele é constituído do escutar, observar os vivos, transita de pensamento em pensamento, voa sem ter asas. Seu desejo final é tornar-se o outro, materializar-se no outro.

Por isso o discurso das Multidões de Antonio Negri, o Multitudo, deveria vir acompanhado de uma psicanálise do abandono do eu, como fundamento do conhecimento, e começar a investigar o outro, os outros, para chegar a nós. Esse é, e deveria ser o real sentido das multidões, do nome comum. Conhecemos, ainda, muito pouco da natureza humana, e os estudos dos textos políticos e sociológicos demonstram isso.

Curioso também é o caráter sinistro e paranóico que a palavra “outro” assumiu na cultura ocidental. O outro é o sinistro, chega a ser pathos, o outro é o que está às margens, marginal, ou o que já está do outro lado, fora, fora do campo. O outro é o verdadeiro fantasma para o “eu”.

Esse “outro”, obviamente, tem uma topologia que é ausente a tudo, a nós e a ele mesmo, irrepresentável. Mas para o eu paranóico da civilização moderna ‘ele está sempre lá’

na linha limite da representação, está à espera do outro lado, sempre espreitando. E, é essa irrepresentabilidade justamente que causa nossos temores, nossos fantasmas.. A impossibilidade da representação, o irrepresentável parece dar-se por dois lados opostos: uma pelo irrepresentável chegar a constituir-se representável, assim como a possibilidade do representável desaparecer, tornar-se irrepresentável, exemplifico como imagina por exemplo, hoje, uma vida sem a representação fotográfica..

Mas, deveria se pensar, também e principalmente, que a psicologia tem uma topologia, e essa topologia da psicologia sempre se manteve no centro, na centralidade, não só como orientação referencial, mas como equilíbrio que sustenta a própria invenção da psicologia e da sociedade clássica, uma psicologia do ego, do umbigo, que dormita na falsa potência atribuída ao ‘eu, no centro do corpo.’.

O eu é o objeto da psicologia, e jamais o outro, ou não seria psicologia. Sempre devo falar de mim e não dos outros. Tentar me explicar pelo outro sempre foi conduta desestimulada e coibida. Falar do outro sempre constituiu escape, sintoma de paranóia.. Em suma o território da psicologia tem sido o campo do eu, da luta do eu consigo mesmo, causa dos fracassos e das quedas nos abismos instituídos pelas molduras dos quadros, na descontinuidade do ser.

As imagens do fim do mundo retratam que próximo ao fim está o início. Conceitos como início e fim, no fim não tem sentido para as bordas. Assim como também os conceitos de campo, marco, dentro e fora.

Se, na natureza não há um dentro ou fora, então se deveria produzir uma desmitologização de todo conceito espaço-tempo que apreendemos até então, e que está na base do nosso saber e compreensão do espaço.

Ou seja: o ‘mundo esse’ que se apresenta só tem tido sentido, efeito, se reforçamos continuamente esses conceitos de início e fim, se perpetuamos as mitologias da criação e da morte, a cosmogonia e escatologia ocidental, de um contorno final impossível de ser transposto. São exatamente esses contornos estabelecidos pelo intervalo da vida, a ‘barreiras das barreiras’ que nos impedem de transbordar o humano. O transhumano.

As viagens turísticas ou as atuais peregrinações pós-modernas ao fim do mundo, inconscientemente são acompanhadas de um sentido místico, de uma reflexão. Estar no deserto ou no fim do mundo, no fim é a mesma coisa, mesmo não sendo.

O espaço indiferenciado, repetitivo é a representação da eternização, da presença do eu que deve se desintegrar na poeira da matéria, do tempo.

Nas cinzas das horas

Nas bordas, nos limites, nos campos da exclusão acostamos nossas solidões.

Juntar as solidões é collage”

É conhecer os limites da vida.

O próprio conceito do fim da matéria, de um fim do mundo, só poderia ser mesmo mais um conceito ocidental, civilizatório, e principalmente religioso em todos os sentidos, de que tudo tem um início e fim baseado na transitoriedade de nossa vida.

E que, a única escapatória está fora de nosso corpo enquanto corpo de concentração. O problema é que se estabeleceu desde o humanismo o campo como limite do corpo, o corpo como limite da vida, o corpo dentro do campo geometrizado –círculo ou quadrado- como concebeu Leonardo da Vinci, ou anteriormente por Vitruvius.

Deveríamos rever toda a escatologia que está presente na maioria das culturas primitivas, que agora nos parecem mais verdadeiras, deveríamos repensar a escatologia dos espaços, dos espaços últimos para perceber que não há rupturas e disjunções, colisões tão dramáticas e radicais. Macunaíma de Mario de Andrade retrata um pouco a crença de uma coisa virar outra por desejo da natureza.

“Terminada a função a companheira de Macunaíma toda enfeitada ainda, tirou do colar um muiraquitã famosa, deu-a pro companheiro e subiu pro céu por um cipó. É lá que



Ci vive agora nos trinques passeando, liberta das formigas, toda enfeitada ainda, toda enfeitada de luz, virada numa estrela. É a Beta do Centauro.

Nas noites de amargura Macunaíma trepava num açazeiro de frutas roxas como a alma dele e contemplava no céu a figura faceira de Ci, ...e invoca va os deuses cantando: Rudá, Rudá!...

'Tu que secas as chuvas, faz com que os ventos do oceano

Desembestem por minha terra

Pra que as nuvens vão-se embora

E a minha marvada brilhe (sic)

Limpinha e firme no céu

Faz com que amanssem

Todas as águas dos rios

Pra que eu me banhando neles

Possa brincar com a marvada.

Refletida no espelho das águas."

Nas bordas das colisões sempre há uma faixa, um território que espelha e reúne, de certa forma, as contradições, as diferenças, um espaço onde não há nada de espetacular, nem vazio, apenas especular, pura reflexão, uma continuidade que se estabelece na reflexão do fragmento ao lado, um espaço que se desloca conforme o que está próximo.

Essas bordas, por assim dizer esses espaços últimos, cheios de sal, espelham qualquer coisa na tentativa do desejo se, colar, se tornar outro.

Todo conceito de espaço tempo ocidental, o humanismo, o materialismo, de certa forma, está comprometido pela falsa borda do eu, um falso discurso, afastado das matérias da terra, do tempo das matérias, da vida em sua extensão. Um conceito absurdo que se tem utilizado para justificar toda geografia, todos os acidentes.

A verdade do poder é que o domínio se realiza mediante a imposição dos limites, das cercas, dos decretos, das balizas.

Da antiga imprecisão a ultraprecisão dos mapas, todas as representações, todas as linhas são atestados do afastamento do homem com a natureza.

O conceito de precisão, exatidão, talvez seja o elemento turvador da visão do conhecimento e da experiência do espaço. Porque no espaço tudo é vago, e nem mesmo hoje temos a certeza de sua existência concreta, graças à visão hiper materialista da física quântica.

A pergunta que persiste é? Porque nosso aparente universo está formado de bolas, esferas flutuantes? Seria a esfera a revelação do sem fim, da continuidade de um único espaço?

A espera do sem fim.

Um sentimento de melancolia se pronunciava à medida que chegávamos ao fim do mundo. Talvez o mais apropriado seria dizer: o mundo do sem fim. O sem fim de infinitas riquezas, guardadas, isoladas, salvaguardadas pela distancia da Patagônia a Europa e América do Norte.

O sem fim dos que aqui chegaram como condenados, ou dos que continuam chegando sem cessar, a procura do seu 'eu' que nunca encontrarão. O sem fim dos eu que nunca se encontram.

A fantástica escultura sonora (land art) colocada próxima ao fim do mundo, "Homenaje al viento", da artista Alejandra Rüdoff, em um de seus postes apresenta um Mapa do Mundo de cabeça pra baixo, uma orientação desde o sul do mundo, denunciando todo o europocentrismo dos mapas.

Talvez fosse o caso de ir mais longe e deslocar a patagônia para o centro do mundo. Se existe um centro, um desse centro passa pelos pólos, o outro pelo ponto de vista do observador. Porque somos obrigados a observar o mundo do ponto de vista do outro?.

O fim do mundo é uma categoria do espaço intimo que revela a eternidade da matéria da vida, e conecta-se com a memória da infância. Lá encontrei a Laguna dos patos, a mesmo nome da Lagoa dos Patos daqui. Curiosamente, o Estreito de Magalhães dá ares com a Lagoa dos Patos

Também encontrei no fim paisagens semelhantes ao espaço da minha casa, do lugar onde sempre vivi.

No fim do mundo me deparei com imagens de minha infância, tristes e melancólicas, frias e úmidas, regadas ao som de Gabriel Yared com seus tons gauchescos. Senti-me a poucos metros de casa, no fim do mundo me senti em casa.

Meio dentro de casa, meio fora.

Meio dentro de mim meio fora de mim

Um pouco em mim um pouco no outro.

A casa do fim mundo está no meu lado, na minha frente.

Nas minhas costas.

Essa casa que não é minha nem dela, é a minha paixão

Essa casa que é espelho de ambos é o lugar .

Essa casa que não é só eu, mas um eu transbordado e estendido ao pequeno outro.

Assim descobri o significado do Aluguel.

Sem lugar.

Alugar-se é estar desocupado, vazio ao outro.

Ao lado da casa, minha paixão.

É "como Ci estivesse fora de si", lembrando Macunaíma e Derrida.

Hoje descobri que também tenho muitas casas, e levo-as por essas trilhas que fazem experimentar meu novo sentido de espaço, lugar.

No fim do mundo deixamos a Calcanhoto como gratidão pela solidariedade de um cabo, no fim deixamos a 'Cantada' que nos restava, nosso lugar comum, circular. .

Caia a tarde no fim do mundo, fria, limpa sem nada no céu.

Tanto fazia aqui ou lá.

Mas a noite mais fria de minha vida passei lá mesmo.

Num vilarejo sem luz, quase fantasma, apavorado de medo de congelar . Escuro, muito escuro.

Quando um ou dois se perdem na escuridão do fim do mundo a luz de uma lamparina

dentro de uma casa ilumina toda uma cidade, se torna estrela guia, que assinala uma esperança.

Nada tinha fim ou começo nessa escuridão.

Nada dava sossego. Cada dia nos reservava alguma novidade, a novidade do outro que estava para chegar, para se espacializar.

Pouco depois do fim do mundo perdi meu amor por umas semanas.

O fim do mundo está cheio de prédios abandonados

O fim do mundo, por si, já é o próprio abandono.

O sentimento de abandono é o fim do mundo.

O fim do mundo é a partida do outro, o abandono.

Para o abandonado o mundo termina, porque o outro e sua possibilidade de ocupação se foi, o lugar se desfez, tornando-se abismo, deserto difícil de ser transposto.

Tudo se expande para um além contido dentro de mim, para um fora da representação.

Tudo se expande, se reduplica para confundir, desorientar-me orientando

Dobrar a direita ou a esquerda não tem sentido no fim do mundo, porque tanto faz, as poucas estradas existentes terminam sempre no fim, na ponta da ponta. No fim do mundo, na ponta, só há um ponto, esse é o ponto último que todo turista busca e nunca encontra, e transborda para o mais além, para Antártida ou retorna.

No fim do mundo nada faz sentido, exatamente, porque todos os limites que norteavam foram subitamente apagados. Vive-se no desnorteio provocado pela situação limite de compreender e observar estados de existência distintos. De ver a água congelar de tanto desejo de ser terra, e ao mesmo tempo de vê-la afogar-se no desejo de ser água.

Ir ao fim do mundo é uma espécie de chamado. O mesmo chamado que em determinada época do ano os pássaros do fim do mundo escutam. Uns chamam os outros para voarem como a Cantada, partem rapidamente aos milhares para o norte, para fazerem a travessia que deve ser realizada para sobreviverem.

Não batem muito as asas, pegam carona nas correntes de ar quente e vão planando seguindo o mesmo chamado dos peixes, dos quais extraem seu alimento para a longa jornada.

Ritualmente fazem o eterno retorno.

Em suas asas carregam o fim do mundo, levam sua terra, para esses outros fim do mundo que estão em qualquer parte.

“O fim do mundo voa nos pássaros que o deixam”.

Há uma hora de abandonar o fim do mundo.

A terra do fim do mundo está minada de bombas dos argentinos, da época da guerra das Malvinas.

Às vezes acho que o fim do mundo é mesmo o fim do amor.

Do amor enquanto categoria espacial, enquanto espaço físico, lugar.

Enquanto forma de ocupar e tratar o espaço.

A perda de um amor é a perda da casa, do abrigo do outro.

O amor é o que cola. Não poderia estar no chão, só no ar.

O amor é o sal da terra, talvez um outro estado da matéria menos visível que o ar, mais sólido que a terra, uma matéria que tem a propriedade de conectar e unir tudo.

Não poderia haver matéria isolada.

O território amoroso começa nas bordas, na superfície e se lança no precipício da existência como aventura, um projétil, um foguete.

O vôo do trapezista sobre o vazio é a metáfora, o ato que territorializa o lugar amoroso.

O transbordamento.

Por isso muitas vezes a solidão se apresenta para nós como um fim de mundo, um



terrível abismo mesmo sem ser abismo.

Encostar Solidões é ver que o fim não tem fim, desde que se aventure a chegar lá... do outro lado, lá no outro, no outro lugar que espera sem esperar nada.

O fim é o outro

Collage é “encostar solidões,  
reunir todas estas peças dispersas

Capturadas na linha do tempo,  
Ordenadas e coladas

Converter num legado sem fronteiras, sem bordas,  
constituindo um modo de espacialização...

principalmente quando a visão está turva,  
sempre “se aproxima” alguém

Para nos dar energia e  
refazer a nossa tranquilidade e autoconfiança.

Pois “que é a collage, senão encostar solidões?”

“Com muita frequência, o sonhador de nuvens vê no céu nebuloso rochedos reunidos”

Como notou Vitor Hugo “ nada muda de forma como as nuvens a não ser os rochedos”  
Toda a matéria é plástica, vemos o que queremos nela, ela em sua superfície é sempre

reflexão de quem vê. Daí a dificuldade de nunca conhecer o outro, porque o outro é reflexo meu, por isso que estranho o outro, e me estranho a mim mesmo, no espelho. De nunca conhecer os desejos da matéria.

As nuvens cercavam a montanha no desejo de abraçá-la, serem ‘um’ nem que fosse por um instante só.

A matéria poética é conformada pelo outro, pela imaginação do outro. Em suas dilatações e em suas pontas, a montanha é ventre e dentes, devora o céu nebuloso, engole os ossos do temporal e o próprio bronze do trovão” como disse Bachelard.

Talvez a melhor materialização desse pensamento seja a montanha Fritz Roig também é conhecido por El chalten, por lembrar as presas de um tigre.



Algumas pedras sugerem e encarnam espíritos. Nas pequenas pedras também víamos tantas coisas que já não se pareciam pedras exceto por sua imobilização, algumas se assemelhavam a gigantescos lagartos pré-históricos com corcovas multipontas, outras em sua superfície guardavam semelhanças a pele de paquidermes.

Na vontade de ver, vemos qualquer coisa, construímos com a imaginação. O fim do mundo é propício para isso, ali tudo está em constante transformação, sendo isso ou aquilo. A imagem em ação, a imaginação.

Vejo o mapa e o continente, o contingente, e à medida que chegamos ao fim, em vez de tudo se reunir, tudo se esfacela mais ainda transformando-se. Tudo parece derreter, desintegrar-se.

“Foi lá no fim do mundo que o continente familiar virou um arquipélago e ao longo do tempo foi se fragmentando, se fragmentando cada vez mais, quase em partículas.

E aí aconteceu algo estranho, os fragmentos dos fragmentos “empanados” em lágrimas, escorreram um por um, para um mesmo lugar, numa mesma direção.

E aos poucos foram se aproximando, como mercúrio, se encostando um com um, um com dois, com três, quatro... quase colados, apenas deixando passar um fio de luz entre eles. Era só isso que precisavam como alquimistas: a necessidade de reagrupar-se”

O fim do mundo aponta a essa constante metamorfose da natureza em sua finalidade, em seu final de tarde, uma mudança constante da matéria, entre os rochedos e nuvens. A chegada ao fim do mundo só poderia ser ao cair da tarde.

Acada dia que passava sempre chegávamos à tarde, chegávamos tarde invariavelmente. Tudo sempre se repetia igual por mais que desejassemos ao contrário. Sob nós caía à tarde, sempre, sem parar, liquidificando todos os limites, nos colocando-nos no limiar da vida, fora da estrada, fora da linha da vida.

Fazia-se a geada petrificando o ar da noite.

Achei que congelaríamos naquela noite sem abrigo, empedrando o nosso amor como num cartão postal.

Éramos uma só casa.

Esse fim do mundo que habita nossa imaginação é frio, escuro e vazio. O frio tem essa propriedade de imobilizar e transformar a matéria mole em coisa dura, endurecer tudo congelando. Mas, curiosamente, é ele que faz dos duros e frios icebergs, rochedos flutuantes, barcos, ilhas moveis que partem em busca da terra amada.

No fim do mundo tudo grita, o vento constantemente se faz som, palavra, hálito de montanha que sopra constantemente pra cá.

Caía à tarde como sempre diferente, e de repente: as buchas de nuvens flertavam, uma vez mais, abraçando o morro num espetáculo único.

O amor é mais que uma categoria de espaço, de espaço amoroso. Talvez, ele seja o principio mesmo, ainda não permitido, indizível que possa organizar todos os espaços, todas as coisas. O amor é o lugar invisível da existência.

E teu corpo guardará para sempre, quer queiras ou não, as imagens que visses. Em cada curva tua, quando te tocar, vou me lembrar do fim do mundo, do fim de um amor que não desejo que termine nunca.

O fim do mundo é terra desolada, isolada, lugar da solidão, do exílio.

A desolação como reflexo, como espelho da solidão, da grande ilha do fim do mundo, da terra desgarrada.

Para se chegar ao fim do mundo se passa por muitas retas curvas e rutas. E não há viva alma nessas paradas.

Nas fronteiras dos homens sempre se espera, desesperando-se. A espera é uma característica das situações limites, das bordas. Elas anunciam o desespero do descontrolo. No fim não resta outra coisa senão esperar, mesmo na natureza. Ela em sua totalidade parece estar eternamente aguardando um não sei o que...

Espera-se passar, espera-se atravessar, espera-se a chegada do outro. Na fronteira, de uma forma ou de outra, se espera sempre, principalmente a balsa no canal de Beagle, ou Estreito de Magalhães

Nas fronteiras humanas somos obrigados a identificarmo-nos com passaportes, fotografias, se quisermos atravessar. O império das, das barreiras, ainda se mantém mesmo nos tempos da internet, solicitando senhas, códigos, etc. Nem mesmo as fronteiras políticas podem demarcar ou separar a continuidade natural desses espaços, veja-se por exemplo as cidades localizadas nas fronteiras.

Nossa compreensão do mundo tem se dado a partir do nosso corpo, de nossa geografia, de nossos limites corporais, de nossas extremidades, e nossos extremos, nossas pontas, assim também tratamos de interpretar a natureza, através dos mapas e das pontas geográficas, de seus cabos. Os mapas e a imaginação que nela projetamos é análogo as distancias que percorremos com nossa imaginação por nossos corpos. Para tal modelo interpretativo o fim nunca poderia estar ao lado, ou no centro mesmo. O fim ocidental tem que estar longe. Para uma cultura linear, o espaço-tempo do fim é no fim da linha.

Eis um dos paradoxos do espaço na cultura ocidental.

Talvez ai resida o grande equivoco da representação, dos mapas. Talvez tivéssemos que rever os limites e as bordas não a partir de representação, dos mapas, mas sim do nosso próprio corpo e de sua relação com os acidente geográficos.

O Glacial é o desejo da água em ser cordilheira que anda pra no fim naufragar. Às



vezes, fica tão azul, azul turquesa celestial na esperança de um dia ser céu.  
O iceberg é o desejo da água em ser terra e se congela, vira pedra, montanha para navegar, sair pelo mundo afora boiando, icebergs são naufragos no território do fim..  
A montanha é a tentativa da terra em se tornar céu, em ser nuvem, libertar-se da gravidade que a imobiliza.  
A nuvem é a terra querendo se dissipar, evaporar-se.  
Cada uma carrega todos, em seus desejos.

Enfim, o mundo, a natureza, os homens, tudo esta constantemente repartindo-se, isolando-se, mas, ao mesmo tempo curiosamente, querendo reunir-se em algum momento na eternidade da terra, e não num além mundo.  
Infelizmente, a vida e seu principio de criação foi todo retalhado pela navalha das religiões que viam no culto a natureza e de sua eternização, na continuidade da matéria, um rival a seus princípios, diabolizou-se, então, e sacrificou-se a natureza de uma maneira escatológica, de um fim do mundo como castigo, em fogo ou em água.  
Enfim, esvaziando a eternidade da matéria da natureza terra e reenviando-a para um céu, que já não é azul nem cinza.

Sempre se tentou disfarçar a lei da eternidade e da continuidade da carne, do carnat . Isso se exemplifica, na metáfora, que "se dá a luz", que carregamos uma nova vida no ventre. Na verdade a gravidez é um estado de uma eternização, um processo, típico da natureza, de desdobraimento, de extensão de dois seres em um novo ser, que é a sua vez a continuidade dos dois em um terceiro, da trindade terrena. Isso nos deveria ajudar a entender e a estender os conceitos de limites corporais: o eu não reside só no eu, mas se transborda no outro, se estendei no outro, seja por laços carnis ou amorosos, cada corpo carrega todos os que estão atrás e se abre como possibilidade, devir, de hospedar os que estão por vir, e assim o porvir, o devir garante suas moradas na sucessão da eternidade. Na maternidade o eu sabe que se transborda, se estende para o outro em sua criação que é puro desejo mesmo de ser o outro .

É por isso que a morte de um amor, às vezes, é tão profunda quanto a morte de uma parte da carne, é como se realmente um grande pedaço fosse arrancado. E aí temos que nos retirar daquele outro para que não soframos a insuportável perda. Há uma parte de água, e ar em todas as coisas no mundo. Há um pouco de cada coisa em cada coisa. Quando tudo se funde nossa vista se confunde e só vê desolação, no que deveria ser união.  
Assim também são os desejos das matérias da natureza.

A vida é o transbordamento do corpo em busca da felicidade, aqui e amanhã também.  
A balsa da existência.

O transbordador . A continuação da terra do outro lado.  
Aquilo que transborda se estende ainda com vida, vai parar do outro lado, como fragmento, como fragmento que se fragmenta mais ainda, até sua total diluição para poder viver e realizar seu desejo sua vontade nos outros.  
A contradição da natureza é a constante luta entre o desejo de aglutinar-se, colar-se e o movimento em direção a separação, a multiplicação de pedaços.

O fim do mundo só poderia ser também inicio, renovação da matéria em suas formas de desejo, de desejo de querer tornar o outro, a outra coisa. de voltar a se reunir em uma coisa só no outro. Do eu em um outro.  
A estância no fim do mundo ou no deserto sempre acaba como criação, reflexão.

Vários são os mapas do desejo. A cartografia do fim do mundo deveria mentiras, lendas do sem fim, mitologias.  
O mundo não é bola sem fim, ou estrela sem pontas. Sua infinitude o finitude é apenas um problema de consciência, ou livre jogo limitado da imaginação. A bola, ou a esfera é a ponta da ponta do universo e não seu centro, seus centros. A terra e todas as estrelas são pontas, pontes de comunicação, portos, flores luminosas que se movimentam ao sabor de um vento diferente, de outras correntes.  
A interpretação ingênua dos fim, dos contornos, dos limites, das pontas, dos pontos só poderia ter levado ao equivoco da Origem da geometria.  
E já não se trata de um conceito de infinito espacial. Apenas o mundo aqui sem fim, porque está sempre se transformando- no outro que ele próprio gera como forma de transbordamento.

O que parece o fim não é o fim, sempre haverá a possibilidade do um passo mais adiante, do salto, da barca. Eis a cor da aventura humana que se faz cinza no fim.  
Olhei pro céu azul e vi um lago  
Olhei pro lago e vi o céu. Tudo alucina no fim do mundo. A obsessão de ir mais adiante, na ponta da ponta.  
Ao mesmo tempo de permanecer ali, refletindo não mais o céu, mas a conjunção da natureza.

Meu desejo é ter uma casa no fim do mundo, para mim e meu amor, os dois juntos, e que cada dia ela pareça igualmente diferente, diferentemente igual.  
Minha casa é no fim do meu mundo, do teu mundo mudo, aqui e agora, no contorno de teus dedos, na extremidade de teus lábios.  
Lá e aqui, e quando um se junta ao outro, esfacelando-se, virando caco, desterrando-se, o oceano então se contorce, de desdobra se fazem lagos, rios, estreitos e canais.



Penso agora que todas os mapas modernos foram construídos desde a ótica da terra e do ar, da ótica do avião, e do satélite. Os mapas desde a ótica das águas talvez fossem mais próximos dos mapas das grandes navegações, que eram feitas muitas vezes dentro da água.

Como realizar um mapa, ou uma planta a não ser de um ponto de vista de quem faz? O mapa do outro sempre será um mapa dele mesmo. Toda representação é mapa meu, representação que disponho para os outros como forma de sedução e captura.

O fim do mundo não acaba de repente. Ele vai esfacelando-se pouco a pouco, desgarrando-se lentamente. Nele, começam aparecer as fraturas não só do espaço, mas do tempo também. Não que exista uma correspondência direta entre os dois para mim. Na verdade nunca se sabe onde se está realmente, tudo a qualquer momento ou lugar pode ser o fim. Em cada passagem existe seu fim.

No fim do mundo tem um farol.

O farol do fim do mundo que ilumina os viajantes, que atesta a continuidade das bordas, ou de suas cisões. A estrada que leva ao fim do mundo é o próprio fim de mundo. Os faróis do tempo.

Todo o conceito de espaço, lugar na cultura tem se alicerçado sobre a terra e a água. A matéria ar pouco constitui nosso entendimento de lugar. O espaço aéreo só existe para a aeronáutica, para os que tratam do espaço, dos que vivem nas estrelas ou na lua, mas ele em si não é um lugar de permanência, assim também como os mares. Mas, entretanto como pensar um espaço terra sem a presença do ar, como pensar um espaço água sem a presença do ar.

A essência desse outro lugar, nem aqui nem lá, aqui e lá, lugar de muitos lugares é o ar. Esse vazio entre as coisas. O espaço amoroso é o espaço "doar".

O espaço do ar é o espaço da invisibilidade, manifesto do vento.

O vento do fim do mundo que cruza o mundo inteiro, o espaço deslocante, vivo, que faz mexer e revolver tudo, espaço do movimento, que se torna lugar quando entre dentro, habita.

O céu é o lugar do amor, não o céu celestial inatingível, místico, trans, mas o céu mesmo do ar, material, físico, o multicolorido que entra em todos os corpos, que habita todos simultaneamente.

Como pensar uma casa sem o espaço do ar, entretanto é quase inimaginável para nossa cultura imaginar uma casa respirando. Mas engenheiros e técnicos das patologias da construção tem conhecimento desse fenômeno, mas não transbordam para o entendimento do humano, ficam na técnica.

O ar não se planifica, nem se dobra, invade. Por isso é imapeável.

Toda arquitetura fechada é uma casa sem amor, incomunicável. Toda casa quando se fecha é um atentado a vida, quando sua porosidade sua capacidade de permeabilidade da natureza dos materiais é alterado é um atentado a entrada do outro. É inóspita.

Quando se coíbe, proíbe a entrada do outro é também um atentado a vida, só pode gerar violência e a acabará justificando seu fechamento ao mundo, ao outro.

Como posso pensar a chegada de um outro sem ser pelo ar, mesmo deslocando-se a meio caminho entre a terra e o mar?

Muitas vezes sua presença é sentida antecipadamente pelo ar. Há casa e lugares que exalam odores que são perceptíveis mesmo antes de entrar, e então, deveríamos re-pensar qual são as bordas, o território desses corpos, que não podemos mais representar?

Qual, o sentido da fumaça nos povos primitivos?. O que anuncia a fumaça na meseta? A visão do barco longínquo?

Ouvi dizer que no fim do mundo houve, durante um certo período uma prisão. A prisão do fim do mundo, para um determinado tipo de criminosos, está cheia de histórias. Resta saber se, os que escolhem viver no fim do mundo também não estão condenados há uma espécie de pena e isolamento.

Nessa estrada não há muita coisa, ou é isso ou é aquilo. Em suas margens habitam cavalos selvagens e um montão de lebres que jazem na estrada atropeladas pelos automóveis.

Emas, tatus, guanacos, aguias, zorro, ovelhas, cavalos selvagens, lebres.... O curioso temporalmente é que a paisagem que se apresenta na direção do fim do mundo é muito semelhante a do início do mundo, pré-histórico, desértica com vegetações raras e belas. Vi montanhas com cabelos carapinhas.

Nestes lugares por onde passamos habitavam antigos povos primitivos que viviam em cavernas, e deixaram suas mãos pintadas nas paredes.

Não consigo imaginar como sobreviveram.

Talvez aí se começa entender porque o homem dominava os animais para poder alimentar-se em, qualquer lugar ou época no desejo de ir além. Porque só com eles, com o outro poderiam sobreviver, quer domesticando-os ou devorando-os.

*"Donde termina tu cuerpo y empieza el cielo no cabe ni un rayo de luz".*

*Jorge Drexler*



# TRAÇOS, OBJETOS, RASTROS E MEMÓRIAS QUE COMPÕEM UMA IDEIA DE SUL DO SUL

## Um olhar a partir da Literatura

*CLUES, OBJECTS, IMAGES AND MEMORIES  
THAT MAKE UP AN IDEA OF THE SOUTH IN THE SOUTH  
Thinking through Literature*

*Marlise Buchweitz<sup>1</sup>*

### Resumo

No presente texto apresento um pouco sobre o que penso sobre o lugar que habito e no qual escrevo, me escrevo e pesquiso, o sul. Trago, inicialmente, uma linha de análise realizada na tese de doutoramento, e que condiz totalmente com a temática, sobre uma paisagem cultural comum a Vitor Ramil, Saúl Ibargoyen Islas e Juan José Saer, a partir de sua prosa e um texto ensaístico. Num segundo momento, apresento uma reflexão sobre um texto/livro de cada uma entre três poetisas latino-americanas – Renata Requião, gaúcha, Ana Porrúa, argentina, e Marosa Di Giorgio, uruguaia – visando a destacar traços, objetos, rastros e memórias que compõem uma ideia de sul do Sul, realizando o que chamei de “rascunhos” de uma leitura que merece aprofundamentos e críticas de diversos pesquisadores de distintos campos do saber. Parto do questionamento sobre que lugar é esse e destaco a importância de pensá-lo em toda multiplicidade que o compõe, sendo o viés literário uma das possibilidades de fazê-lo.

Palavras-chave: literatura comparada, poesia, sul do Sul, memória, identidade.

### Abstract

*In this text I present some perceptions on what I think about the place I inhabit and in which I write, write myself and research, the south. I bring, initially, a line of analysis carried out in the doctoral thesis, and which fully matches the theme, on a cultural landscape common to Vitor Ramil, Saúl Ibargoyen Islas and Juan José Saer, from their prose and an essay text. In a second moment, I present a reflection on a text/book by each of three Latin American poets – Renata Requião, from Rio Grande do Sul, Ana Porrúa, from Argentina, and Marosa Di Giorgio, from Uruguay – aiming to highlight clues, objects, images and memories that make up an idea of the South, that I called “drafts” of a reading that deserves deepening and criticism from several researchers from different fields of knowledge. I start questioning which place is this and I emphasize the importance of thinking it in all its multiplicity, and the literary point is one of the possibilities.*

*Keywords: comparative literature, poetry, south of the South, memory, identity.*

### Sul do Sul, na América Latina

Sul do Sul: o nosso aqui, nosso centro... “Que lugar é esse?”, canta Vitor Ramil (1995) ao dizer sobre uma estação que pode estar em qualquer lugar, ser daqui ou não... Assumindo a perspectiva de que a estação na qual chegam trens “de todo lugar” esteja localizada “aqui”, associa-se tal questionamento a um olhar direcionado para o sul do Sul também por toda análise do escritor em pensar uma “estética do frio” (RAMIL, 2004) em contraposição ao clima tropical do restante do Brasil fora o Rio Grande do Sul.

Além da ideia de uma estética do frio, há outros e diferentes sentidos para um mesmo lugar, como, por exemplo, a ideia de que “nosso Norte é o Sul” (TORRES GARCIA, 1943), a idealização de um espaço em que os elementos naturais existentes e marcantes são, dentre outros, o vento sulino e o frio cruel (IBARGOYEN, 2014), e a imagem de uma planície vasta e o “horizonte infinito” (SAER, 2015), além de outros não citados aqui. Essas percepções destacadas referem-se a autores previamente estudados em outros momentos que permitem reunir similaridades de imaginário literário a partir de uma paisagem cultural comum.

Vale pensar, como já apontado em minhas pesquisas (BUCHWEITZ, 2018), num lugar geográfico (MIGNOLO, 2003) para essa discussão, o sul do Sul, dentro da América Latina, espaço constituído pela colonialidade. Mignolo (2003, p. 313) também menciona sobre uma paisagem transformada pela globalização, que “questiona a pureza da linguagem, a homogeneidade da literatura e o caráter distinto das culturas nacionais”. Assim, o lugar geográfico se conecta com histórias locais “encenando projetos locais” dentro da subalternidade – reação à hegemonia do saber europeu e norte-americano –, ou seja, dentro de espaços em que se manifesta um “desejo de homogeneidade” e uma necessidade “implícita de hegemonia” (MIGNOLO, 2003, p. 418), o qual é a América Latina. Desse modo, pensar sobre esse espaço sulino foi o caminho que segui durante a tese de doutoramento e cujo objetivo persigo neste artigo, visando a deixar registrado um pouco das coisas que penso e das análises possíveis dentro dessa temática a partir de meu repertório literário.

Saliento o momento no qual escrevo dizendo que o tempo das minhas pesquisas está localizado na segunda metade do século XX e no início do século XXI, quando há uma evidência e uma valorização das histórias locais e não-canônicas, as quais refletem outras versões para as histórias antes tidas como única versão, oficiais, além de se iniciarem os estudos de memória. O historiador Pierre Nora (1993, p. 17) nos fala sobre um dever de memória, destacando que “[...] todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir a busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens”. Neste sentido, também a literatura compreende o conjunto das ciências e das artes a partir das quais é possível registrar memórias, refletir sobre elas e pensar sobre o local delas.

Nesta linha de pensamento, trago para a presente reflexão um pouco do que já escrevi sobre esse lugar que, para nós, é nosso centro de referência, dizendo da pesquisa de doutoramento realizada e defendida no Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural/UFPel e apontando novas possibilidades de pensar o mesmo espaço geográfico a partir de outras leituras e outros autores. Desta forma, a paisagem na qual estão inseridas as descrições, os objetos, as sensações e a memória de cada um dos sujeitos escritores é o espaço ao sul do qual falo. Eu poderia dizer tratar-se do Pampa, bioma que reúne território do Rio Grande do Sul/Brasil, do Uruguai e da Argentina, como destaquei na tese (BUCHWEITZ, 2018); também poderia apontar para um “território condicionado pelo clima, pela vegetação e pela topografia” (GONÇALVES; SACCO, 2021), porém buscar os sentidos desse espaço

<sup>1</sup> Doutora na área Interdisciplinar, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel), Mestre em Letras/Estudos Literários (UFRGS), professora de língua inglesa (SEDUC-RS).

físico dentro de escritas literárias remete a considerar as coisas, os objetos, as gentes que vêm e vão e as que vão e voltam, as interculturalidades e os intercâmbios possíveis nesse universo ímpar, múltiplo, nosso e dos que aqui estão, mas também dos que saíram daqui e o carregam dentro de si e em suas lembranças como o lugar das memórias afetivas. Deste modo, o que intenciono dizer é que nosso lugar é múltiplo, diverso, ímpar, e falar dele é destacar um pouco dos sentidos caros a mim mesma, já que “nenhuma disciplina é capaz de dar conta do todo” (BETTS; ROBIN, 2017) e compreendê-lo perpassa a interdisciplinaridade.

Dito isso, na presente análise, portanto, além de, em um primeiro momento, apontar questões já debatidas anteriormente e que são fundamentais para mostrar os percursos de pesquisa que faço, realizo também uma reflexão sobre os sentidos desse local geográfico através de um recorte literário de poesias de três escritoras – Renata Requião, gaúcha/brasileira, Ana Porrúa, argentina, e Marosa Di Giorgio, uruguaia. Vale destacar a intencionalidade em investigar a temática de uma paisagem sulina, dentro da América Latina, a partir da poesia. Para tanto, a escolha por uma escritora de cada país, Brasil, Argentina e Uruguai, se justifica pela congruência de percepções já observadas na arte, na literatura e na música de diferentes indivíduos que pensam esse território similar e se conectam a partir dele; ademais, mantenho assim a congruência de lugares já estudados na pesquisa de doutorado. Adicionado a isso, há uma busca aqui em apontar como cada uma das poetisas compõem, se compõem, a paisagem e o espaço físico e cultural no qual se inserem, além de se observar minimamente como delineiam um lugar para sua escrita.

#### **O caminho da tese: Vitor Ramil, Juan José Saer, Saúl Ibagoyen e o Pampa em comum**

Inicialmente, vale destacar que o ponto de partida para minhas pesquisas e reflexões sobre uma paisagem sulina provém da leitura da obra de Vitor Ramil. O autor, ao longo de sua história com a música e a literatura, traduz a cidade e cria uma noção de Sul que se distancia de qualquer visão épica ou totalizante. Através de sua arte num todo, pode-se perceber um encontro entre música, poética, estética e literatura, da Argentina, do Uruguai e do Sul do Brasil. As relações que Ramil estabelece com diferentes compositores e artistas tanto do Brasil quanto dos países vizinhos são discutidas no documentário “A Linha Fria do Horizonte”, lançado em 2014. Tal trabalho condensa e reúne de forma extremamente esclarecedora as interferências de uns em outros e as abordagens similares à conceitualização da estética do frio de Ramil.

Neste sentido, na tese “Literatura, memória e paisagem: o Pampa em Vitor Ramil, Juan José Saer e Saúl Ibagoyen”, realizei um estudo de literatura comparada analisando “elementos dentro de narrativas literárias [que] remetem à memória coletiva da paisagem do Pampa” (BUCHWEITZ, 2018, p. 8). Conforme destacado na reflexão, segui as pistas do próprio Ramil, que fala das conexões entre sua música e sua reflexão crítica com as de outros artistas, e a pesquisa foi sobre parte de sua obra literária também fazendo essas mesmas amarras. O espaço sulino é definido pelo próprio autor e, dentro do Sul, escolhi pensar a paisagem do Pampa como junção de múltiplas interpretações a partir do olhar de diferentes sujeitos.

Pensando no movimento realizado por mim, também busquei outras pesquisas na plataforma de periódicos da CAPES, usando como palavras-chave “sul do Sul”, “América do Sul”, “literatura”, “Pampa”, sendo que foram obtidos resultados para a associação das expressões “Pampa” e “literatura”. Dos cerca de dez artigos encontrados, cito dois deles como exemplos de análise da paisagem do Pampa na obra de alguns autores, lógica que se repete em praticamente todos os artigos encontrados. Têm-se, portanto,

“Entre La Pampa y El Mar: Sarmiento, Hernández e um Bosquejo Histórico-Literário Sobre a Gênese do Pensamento Geopolítico Argentino”, de Gabriel Rodrigues Peixoto (2021), em que o autor analisa “as obras de Domingo Sarmiento e José Hernández e aqueles aspectos próprios do enfrentamento primordial entre aquelas forças da terra e do mar que lastreiam o pensamento geopolítico”, e “La pampa en movimiento: figuraciones del paisaje del Martín Fierro de José Hernández al filme Nobleza gaúcha”, de Nicolás Suárez (2018), em que “A partir de una lectura comparativa del poema y el filme, [o] trabajo se propone indagar las formas en que la pampa es abordada en la película como paisaje y, a la vez, escenario de una historia nacional”.

Assim, em minha pesquisa (BUCHWEITZ, 2018), a ideia foi encontrar perspectivas de interpretação literária para o Pampa, cuja imagem descrita por Vitor Ramil (2004, p. 19) parece ser senso comum: “[...] um céu brilhante sobre uma planície do sul e verde, onde um gaúcho solitário, protegido por seu poncho de lã, estava bebendo um chá de ervas, pensativo, os olhos no horizonte”. Além disso, busquei analisar “algumas de suas obras e encontrar as convergências entre os três artistas para discutir categorias como memória coletiva e memória individual, memória afetiva, memória e espaço, memória e identidade, memória e paisagem, memória e literatura, local x global” (BUCHWEITZ, 2018, p. 19). Parti da escolha de três autores – Ramil e outros dois que pudessem dialogar com a obra dele – e, depois, escolhi três textos de cada autor, sendo duas prosas e um ensaio, o que permitiu alicerçar a reflexão sobre as obras ficcionais na própria reflexão literária, ensaística e de espaço físico de cada um. Escolhi, deste modo, as obras “Estética do Frio”, “Pequod” e “Satolep”, de Vitor Ramil, “Las fronteras y el mundo”, “Toda la tierra” e “Volver... volver”, de Saúl Ibagoyen Islas, e “El río sin orillas”, “El entenado” e “La ocasión”, de Juan José Saer. Destaco trazer aqui apenas o recorte do que interessa para a temática deste texto, ou seja, os elementos das obras destes autores que me fizeram compreender uma paisagem cultural comum, o Pampa, que é parte do nosso Sul.

Ao relacionar as obras desses autores, destaquei que Ibagoyen (2000) não menciona o gaúcho, mas cria uma imagem mental de um sujeito a qual é semelhante à ideia de gaúcho que temos: a do indivíduo no lombo do cavalo percorrendo vastos campos e coxilhas. Entretanto, além do personagem que condiz com o estereótipo do gaúcho, os autores também apresentam outros tipos sociais e diferentes identidades e formas de relacionar-se com a paisagem do Pampa. Pude, através das leituras, formar uma imagem do Pampa para cada autor: a de uma planície longa e verde na qual um homem solitário e seu cavalo olham para o horizonte (RAMIL, 2004); a de planície e horizonte indissociáveis no inverno formando algo cinza e vazio (SAER, 2015); e a de um sujeito no lombo do cavalo em meio à imensidão do campo (IBARGOYEN, 2000). Destaquei, portanto, que “a relação já estabelecida entre as pessoas e o objeto nos remete a essa imagem, muito enraizada no imaginário popular” (BUCHWEITZ, 2018).

Assim, concluí que Ramil nos apresenta um Pampa que se relaciona com as sensações climáticas e “busca contemplar uma memória latino-americana não nativista, uma ideia de Sul como memória reconstruída” (BUCHWEITZ, 2018, p. 80). Deste modo,

Ramil vai criando âncoras da memória – o frio, a milonga, o Pampa – para compor sua arte falando do seu lugar, das coisas que lhe são tão íntimas. Ao falar a partir do seu *locus* de enunciação, seu lugar geográfico – Pelotas, Rio Grande do Sul –, Ramil está direcionando o olhar do crítico para a reflexão sobre as histórias locais, o jeito específico e ao mesmo tempo híbrido de ser do gaúcho, no Rio Grande do Sul e no Brasil. O autor enfatiza, portanto, seu lugar a partir de algo mais peculiar e característico em relação ao restante do país: o frio, que, no caso, remete ao clima (BUCHWEITZ, 2018,

Na reflexão sobre as obras de Saúl Ibagoyen Islas percebi um Pampa ligado à natureza e uma escrita que se volta também para as mudanças que ocorrem nas cidades (BUCHWEITZ, 2018), o que conflui para o que Ramil fala em relação às “ruínas da cidade”, em “Satolep” (2008). Os elementos que remetem ao Pampa e ao sul são “o cavalo como meio de transporte e trabalho, a vastidão de terras planas, a linguagem da fronteira, intermediada de vocábulos da língua portuguesa do Brasil, as milongas e os tangos, o vento sulino e o frio cruel”; as memórias mais caras desse lugar relacionam-se com “o sabor doce do café que remete às doçuras da padaria da província onde passava as férias” e o “cheiro dos eucaliptos” (BUCHWEITZ, 2018, p. 122).

Na obra de Juan José Saer compreendi uma imagem do Pampa relacionado à paisagem e são “elementos marcantes [...] tanto o rio da Prata, o Pampa, a planície e o horizonte, bem como as estações bem definidas desse Sul representado em sua obra” (BUCHWEITZ, 2018, p. 154). Foi perceptível também uma ideia de “espaço físico cujos limites são praticamente imperceptíveis e o qual, juntamente com os arbustos e os sujeitos que habitam o Pampa, dão a ideia de vazio”, sendo o vazio “representado pela planície infinita, a perder de vista, a qual, no inverno, dá um tom cinza à paisagem” (BUCHWEITZ, 2018, p. 155). Deste modo, para Saer, sujeito e natureza interferem um no outro e constituem a paisagem do lugar (BUCHWEITZ, 2018).

Ainda que de modo bastante sucinto e apontando apenas um viés do estudo realizado durante o doutoramento, entendi necessária essa apresentação como direcionamento para as questões que me são caras enquanto pesquisadora. Pensar o Pampa na obra desses autores foi viável a partir de todo aporte teórico que sustenta as diferentes questões levantadas na pesquisa, as quais não cabe trazer na integralidade para um artigo. Por outro lado, incluir essas percepções aqui neste texto serve para revelar, como já citei, os caminhos pelos quais delinhei minhas análises dentro da literatura comparada, a saber, o lugar, a paisagem, a memória e a relação indivíduo e espaço que (o) habita.

Todas as ideias desenvolvidas sobre esses autores mencionados (BUCHWEITZ, 2018) servem para direcionar a análise que realizei visando a buscar os sentidos, os objetos e as percepções das poetisas Renata Requião, Ana Porrúa e Marosa di Giorgio em relação ao lugar do qual e sobre o qual elas escrevem. Tal lugar, a meu ver, me faz concluir que, sim, é possível pensar num sul do Sul, numa escrita situada na América Latina a partir da poesia destas autoras. Disto isso, convergindo com toda perspectiva de compreensão do espaço e da paisagem cultural na literatura das escritoras, tem-se ainda a ideia de uma memória que se molda e fica registrada para que “futuros descendentes saibam de nós” (RAMIL, 2008).

### **Renata Requião, Ana Porrúa e Marosa Di Giorgio: possibilidades de pensar um lugar ao sul**

Analisar a obra, ou parte dela, das escritoras Renata Requião, Ana Porrúa e Marosa di Giorgio remete a dar continuidade a uma problemática já pesquisada e discutida por vários autores sobre as similaridades culturais dos indivíduos que habitam a paisagem do Sul da América do Sul, neste caso de Rio Grande do Sul/Brasil, Uruguai e Argentina. Seguindo o movimento realizado na tese, escolhi trazer aqui outros sujeitos que também permitissem ler em sua escrita essa paisagem sulina que penso e sobre a qual tanto falo. O ponto de partida foi a escrita da professora Renata Requião, por intermédio de quem passei a ler Vitor Ramil e cuja trajetória de escrita minimamente me é familiar – refiro-me à tese de doutoramento na UFRGS, aos registros em

cadernetas que realiza ao longo dos anos, aos escritos que vez ou outra ganhei de presente. Conteí-lhe de meu intento e, prontamente, recebi outros escritos para ler, além de sugestão de escritoras com as quais percebia similaridades ou possibilidades de me auxiliar a pensar sobre esse lugar no qual estamos e do qual escrevemos. Deste modo, apresento o que poderiam ser “rascunhos” de uma longa caminhada lendo as produções de cada uma das poetisas e interpretando suas palavras para poder dizer tratar-se de uma paisagem afim. Ouso falar de um rascunho remetendo à ideia de traços primeiros de uma pesquisa, já que apresento por ora algumas de minhas interpretações, que não podem ser entendidas como totalizantes.

Renata Azevedo Requião nasceu em Pelotas/RS, em 1960. Ao contar um pouco de si, destaca que constrói sua própria casa entre duas árvores, num movimento em que “a vida parece ganhar mais sentido se descobrimos *qual é nosso lugar*” e “a partir do esforço de [s]eu próprio corpo, recolhendo coisas-objetos” (REQUIÃO, 2017 – grifos da autora). Também, fala que “É nas cadernetas que registr[a] a movimentação [o ‘tudo o que se passa’] na ‘linha do horizonte’, e aos elementos de [s]eu ‘teatro de sombras’” (REQUIÃO, 2017), o que já nos remete à ideia do documentário de Vitor Ramil sobre a linha do horizonte e dá pistas de se estar lendo uma escritora que também pensa e se pensa no Sul. Além disso, outros rastros em seus textos-poemas permitem identificar elementos que nos comprovam que estudar sua obra potencializa a construção de um pensamento voltado para a paisagem cultural e geográfica na qual se coloca a autora.

Para a presente análise, direciono o olhar para sua tese de doutoramento, “Estesias” (2002), cujo texto não é escrito de forma linear e potencializa a ideia de uma poética pessoal, já que a autora escolheu dez poetisas que se expressam ao mesmo tempo em que ela tenta também fazê-lo, cada um com sua própria manifestação poética (REQUIÃO, 2002). Tanto pela forma como o texto é apresentado quanto pelo resumo e pela introdução é possível inferir a ideia de uma escrita poética, o que justifica a escolha do texto para a reflexão aqui, cuja ideia é pensar sobre as escritas de três poetisas. Assim, alguns exemplos de registros e pistas do seu lugar estão em: “11 julho 2000 / frio polar / molha o olho / que busca a lua / Chega da argentina esse frio que justifica lareiras, mate quente, bolinho de chuva com chocolate” (REQUIÃO, 2002, p. 69); “13 setembro 2000 / chove, / recomeça o inverno / neste nosso / estranho lugar” (REQUIÃO, 2002, p. 103). Ao mesmo tempo frio, também estranho, o lugar de Renata que apresento aqui é o das características mais óbvias, cuja imagem mental da lareira acesa, do mate quente e do bolinho de chuva acalenta a lembrança e traz um “valor de intimidade” (BACHELARD, 2008) em relação ao que leio porque é também parte de minha paisagem íntima em relação ao espaço físico.

Em relação a Ana Porrúa, destaco que ela nasceu em Comodoro Rivadavia, em 1962. Em seus poemas, também se lê a ideia de uma concepção de lugar ao sul em que acontecem as vivências e se situam as memórias e os objetos pessoais. Ela diz “[...] escribir bajo la idea de serie. A partir de un objeto, una sensación o un tópico, pequeños poemas que arman constelaciones” (PORRÚA, 2007). A obra destacada aqui é o livro “El Chenque” (lançado em 2005), e a partir de uma análise crítica Rita Kratsman (2007, s.p.) tem-se a imagem do que seria um *chenque* (Figura 1) e a definição: “Una rueda de piedras, un anillo que rodea el silencio”.

Em sua escrita, portanto, podemos perceber uma ideia da paisagem geográfica, climática e cultural do Sul: “[...] de este lado, el viento que eriza el lomo del agua cuando lame o clava la lengua, nosotros, sentados en la playa, en la jaula del chenque, con los ojos calando la distancia” (PORRÚA, 2007); “oído absoluto: el viento es la nota que afina una topografía cierta. del chenque al chenque como una enorme sábana pesada y seca, que se agita de manera asimétrica, fuera de compás por los lados. así, un sonido” (PORRÚA, 2007). Para Kratsman (2007, s.p.), em “El chenque”, “La voz



poética se articula con vívido asombro ante un lugar, tierra del sur que se empecina en descubrir sus arcanos: chenque, terreno acorralado, silencio que sometido por el viento se trepa a todos los matices de la sombra [...]”. Pode-se inferir, desta forma, a ideia de um olhar que mira o horizonte e observa a distância, voltado para uma terra ao sul, e o vento como presença marcante e bem evidente: “acá hay viento. acá hubo tehuelches. éramos nosotros.” (PORRÚA, 2007).

Marosa di Giorgio nasceu na cidade de Salto, em 1932, e faleceu em Montevideu, em 2004. Segundo Giuliana Seerig (2021, s.p.), “sua escrita, como poucas, cria para si um mundo próprio”. Ela “consideraba a la infancia como ‘su sitio en el inmenso universo. El punto único e irrepitible donde se originó mi vida y donde pude escribir” (TENTONI, 2020). Para esta análise, trago referências do livro “Los papeles salvajes”, tanto na versão original em espanhol (DI GIORGIO, 2008) quanto a partir de alguns poemas traduzidos por Giuliana Seerig (2021). Destaco que dizer apenas de um espaço ao sul é reduzir a obra de Marosa a um elemento que, talvez, ela nem tenha tentado escrever sobre, já que seu lugar, de algum modo, é também a infância, e em sua obra traz constantemente diferentes traços e objetos do espaço que a rodeia, bem como dialoga com o tempo passado e presente.

Como é o espaço sulino que me interessa aqui, de acordo com tudo já enfatizado anteriormente, apresento alguns registros: “Enséñame, mamá. Ayúdame. En medio de esta tarde oscura. En medio de esta noche fría” (DI GIORGIO, 2008); “Que país fascinante é o meu país. Tão plano. Com os animais pintados no campo.” (SEERIG, 2021). Deste modo, a ideia de uma noite fria e a planície do campo podem potencializar a constituição de uma imagem mental do lugar sulino, o qual, ainda que não seja o foco da escrita de Marosa, como também não o parece ser na poesia de Requião, permeia e situa os fatos e os sentimentos descritos. Assim, de algum modo, a paisagem do entorno da poesia de Marosa se relaciona com a percepção imagética de lugar de Ana Porrúa e Renata Requião, remetendo a uma ideia de horizonte a perder de vista, numa terra plana.

## Considerações

Mais uma vez, vale salientar a relevância de pensar o Sul na convergência de pesquisas realizadas no âmbito da literatura comparada como o lugar no qual estamos situados enquanto pesquisadores que pensamos e se pensamos dentro de uma paisagem cultural específica. O lugar geohistórico do qual falo é múltiplo, possui diferentes linguagens e jeitos de ser e se ver no mundo, bem como compreende inúmeras questões culturais; deste modo, direcionar o olhar para uma imagem que encerra em si objetos, traços e sensações conectadas com o clima é um dos vieses de possibilidades escolhido, como mencionado, a partir de uma literatura específica e local. A escolha do ponto de partida, tanto de minha tese de doutoramento quanto deste texto, situada em escritas de autores pelotenses é também um movimento de pensar o que estamos produzindo e dizendo desse nosso jeito de ser e de como nos vemos a partir do espaço geográfico.

Destaco sobre busca de pesquisas na plataforma de periódicos da CAPES com as palavras-chave “escrita feminina”, “poesia” e “lugar”, para a qual foram encontrados um artigo e uma dissertação que pudessem ter relação com as ideias dessa reflexão. Sara Beatriz Guardia (2013), em seu artigo “Literatura e escrita feminina na América Latina”, escreve sobre o desenvolvimento da escrita de mulheres na América Latina, o que não é de todo semelhante à esta análise, mas diz das formas de se ver e escrever das mulheres. Já em sua dissertação intitulada “Conexões literárias da vida urbana: cidade e sujeito em Cecília Giannetti e Paloma Vidal”, Schariza Oliveira (2010) busca a “relação identitária, manifestada na criação literária, estabelecida entre sujeito urbano e cidade, com especial atenção à escrita feminina contemporânea”, estabelecendo comparações entre duas autoras, o que se configura como linha metodológica similar à empreendida por mim.

Nesta lógica, definir como objeto empírico a poesia de diferentes autoras é um exercício de compreensão de uma memória do lugar que se molda pelo texto literário. Trazer um pouco das escritas de três poetisas se alinha ao método de estudo da pesquisa de doutorado e amplia o repertório de estudo sobre uma temática afim. Escolhi situar o leitor quanto ao estudo previamente realizado com o intuito de revelar meu percurso memorial e afetivo em relação ao lugar em que nasci; além disso, o texto da tese é deveras valioso para a temática do dossiê da Revista Pixo.

Para o presente artigo, a escolha de um texto/livro de cada uma das poetisas deveu-se ao direcionamento específico de encontrar registros ou rastros que me pudessem dizer que há um lugar ao sul habitado por cada uma das escritoras. A ideia de um sujeito, dentro de sua casa ou fora dela, que sente o frio e o vento e observa a planície remonta a uma imagem mental, imagem que, por ser simples, “revela um estado de alma” (BACHELARD, 2008). E nestes “rascunhos” que visam a mostrar outro grupo de autores – em relação ao da pesquisa anterior –, os quais também se pensam no lugar que ocupam, eu quis apresentar a ideia de um sul do Sul na escrita poética. Responder ao questionamento sobre que lugar é esse é considerar sempre que ele é multifacetado, plural, díspar e possível de ser lido a partir de infinitos olhares e diversas perspectivas. Nenhuma disciplina pode dar conta do todo, conforme já destacado, e pensar esse espaço físico e geográfico a partir da Literatura é uma das maneiras de compreender uma memória registrada via texto literário – prosa ou poesia, de acordo com os textos aqui apresentados.

## Agradecimento

Parte da pesquisa de doutorado citada neste texto foi realizada com apoio de bolsa CAPES/DS.

## Referências

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BETTS, Jaime; ROBIN, Sinara (org.). *NósOutros gaúchos: as identidades dos gaúchos em debate interdisciplinar*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.
- BUCHWEITZ, Marlise. *Literatura, memória e paisagem: o Pampa em Vitor Ramil, Juan José Saer e Saúl Ibargoyen*. 2018. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS.
- DI GIORGIO, Marosa. *Los papeles salvajes*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2008.
- GONÇALVES, Duda; SACCO, Helene Gomes. Edição temática “AO SUL DO SUL”. In: *Revista Pixo*, 2022. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/announcement>. Acesso em 25 jan. 2022.
- GUARDIA, Sara Beatriz. Literatura e escrita feminina na América Latina. In: *Anuário de Literatura*, v. 8, 2013. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18nesp1p15>. Acesso em: 06 fev. 2022.
- IBARGOYEN, Saúl. *Las fronteras y el mundo*. 1. ed. digital. Mexico: Palabra Virtual, 2014.
- IBARGOYEN, Saúl. *Toda la tierra*. Uruguay: Ediciones Caracol al Galope; Mexico: Grupo Editorial Eón, 2000.
- KRATSMAN, Rita. Ana Porrúa, *El Chenque*. In: *El desván de Rita Kratsman / Blogspot*, 2007. Disponível em <http://eldesvanderitakratsman.blogspot.com/2007/08/blog-post.html>. Acesso em: 04 fev. 2022
- MIGNOLO, Walter. *Histórias Locais, Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo, dez 1993. In: *Les lieux de mémoire*. I La République, Paris, Gallimard, 1984. pp. XVIII-XLII.
- OLIVEIRA, Schariza. *Conexões literárias da vida urbana: cidade e sujeito em Cecília Giannetti e Paloma Vidal*, 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Disponível em <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/4092>. Acesso em: 06 fev. 2022.
- PEIXOTO, Gabriel Rodrigues. Entre La Pampa y El Mar: Sarmiento, Hernández e um Bosquejo Histórico-Literário Sobre a Gênese do Pensamento Geopolítico Argentino. In: *Revista Neiba*, v. 10, 2021. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/neiba/article/view/55621>. Acesso em: 06 fev. 2022.
- PORRÚA, Ana. La infancia del procedimiento. In: *Blogspot*, 2007. Disponível em <http://lainfanciadelprocedimiento.blogspot.com/2007/02/ana-porra.html>. Acesso em: 04 fev. 2022.
- RAMIL, Vitor. *Satolep*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- RAMIL, Vitor. *A estética do frio: Conferência de Genebra*. Porto Alegre: Satolep, 2004.
- RAMIL, Vitor. A resposta. In: *À beça*, 1 DVD, 1995.
- REQUIÃO, Renata. Multitelas Mesa do Porco preparada para Portfólio ArteContexto. In: *Revista Arte ConTexto*, v. 5, n. 13, jul./2017. Disponível em <https://artcontexto.com.br/portfolio/renata-requiao/>. Acesso em: 04 fev. 2022
- REQUIÃO, Renata Azevedo. *Estesias*. 2002. Tese (Doutorado em Letras – Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6016/000479426.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 fev. 2022.
- SAER, Juan José. *El río sin orillas*. 8. ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2015.
- SEERIG, Giuliana M. De “Los papeles salvajes” (Marosa di Giorgio). In: *Sepé*, 2021. Disponível em <https://revistasepe.art.br/2021/06/23/de-los-papeles-salvajes-marosa-di-giorgio-por-giuliana-m-seerig/>. Acesso em: 04 fev. 2022.
- SUÁREZ, Nicolás. La pampa en movimiento: figuraciones del paisaje del Martín Fierro de José Hernández al filme Nobleza gaucha. In: *Anclajes*, v. XXII, n. 1, enero-abril 2018, pp. 73-94. Disponível em <https://cerac.unlpam.edu.ar/index.php/anclajes/article/view/1457/2071>. Acesso em: 06 fev. 2022.
- TENTONI, Valeria. Marosa di Giorgio, la florecida. In: *Eterna Cadencia*, 2020. Disponível em: <https://www.eternacadencia.com.ar/blog/libreria/fondo-celeste/item/la-florecida.html>. Acesso em 04 fev. 2022.
- TORRES GARCIA, Joaquín. Nosso Norte é o Sul. In: MENEZES, Cynara. *Socialista Moderna*, 2012. Disponível em <https://www.socialistamorena.com.br/nosso-norte-e-o-sul/>. Acesso em: 03 fev. 2022.



## AVISTAMIENTOS DE OLIGARCAS

*Federico Hurtado<sup>1</sup>*

Los “Avistamientos de Oligarcas” conforman una serie de collages que he realizado recortando elementos de ilustraciones que en su mayoría provienen de antiguas revistas europeas de fines del siglo XIX, dichas ilustraciones son grabados, en general de muy buena factura, que pocos años después en los inicios del siglo XX, fueron quedando obsoletos para la industria editorial y reemplazados rápidamente por la incipiente inclusión de reproducciones fotográficas en los medios impresos. Esta serie la vengo desarrollando desde hace mucho tiempo, el primer Collage fue el “Avistamiento de un oligarca volador, sobre el Río de la Plata. Buenos Aires 1910.” que data del año 2011 y a partir de allí ya suman cerca de treinta obras de una serie que parece no tener fin. Cada tanto, fogoneado por algún suceso que me conmueve, se me revelan las claves para un nuevo avistamiento, que luego me veo obligado a registrar en un Collage. Los avistamientos de oligarcas no son cosa sencilla, esta gente no se deja ver en los lugares que frecuentamos los simples mortales, y si lo hacen se camuflan para no ser detectados y pasan desapercibidos. No se los ve venir. Generalmente se reúnen en sitios inaccesibles para nosotros, no dejan conocer sus identidades ni sus ocupaciones, se mueven por el mundo mientras sus bienes se multiplican manejados por legiones de gerentes descartables, a los que llaman ceos. No les interesa la publicidad ni la fama y la invisibilidad es su principal poder a preservar. Son los dueños de casi todo. Por eso para avistarlos la clave es tener la mirada atenta, no distraerse, interpretar los indicios y sobre todo querer avistarlos. Entonces, a la manera de un paciente ornitólogo en ciertas ocasiones, de un ser desvelado en medio de un sueño en otras y de un fabulador de la Historia en otras tantas, me agazapo y si la suerte me acompaña, logro avistar oligarcas. Y luego registro la experiencia en un Collage. Las situaciones son muy disímiles y los escenarios grandiosos, por ejemplo: el exacto momento en que un oligarca cambia de piel, el naufragio en el Río de la Plata de un palacio traído desde Francia, fastuosas reuniones en tertulias palaciegas, inauguraciones de monumentos, el rescate de un oligarca aventurero en un glaciar patagónico y secretas presentaciones de armas secretas, son algunas de las escenas retratadas, siempre fechadas en los años próximos al Centenario de la Revolución de Mayo, época en que ellos brillaron algo más despreocupadamente y desde aquellos tiempos viajan velozmente a nuestros días, resultándonos asombrosamente actuales.

<sup>1</sup> Artista Plástico. Centra o seu trabalho em Collage, experimenta com materiais gráficos de diferentes procedências e datas, a maioria das imagens que utiliza provienen de fragmentos de antiguidades extraídas de publicações de fines del siglo XIX. A temática da obra é variada, e toca desde temas políticos e sociais e reflexões filosóficas siempre sin respuestas. Passando por ocorrências inclassificables que ignora de donde provienen. Em la mayoría de los casos cria un diálogo entre la imagen y el text del título, lo que hace que ambos sean inseparables para la definición de la obra. Su impulso proviene de los sueños, la bronca, las ganas de cambiar las cosas e la presencia de la muerte.



Avista.



Avistamiento de la ceremonia de botadura de un nuevo almirante de la marina de guerra en los astilleros de la Boca del Riachuelo. Buenos Aires 1864.

Ceremonia de abdicación del Rey Momo en un paso de la cordillera de los Andes.



La peonada.

Sesñas incomprensibles en días de carnaval.



Sin título.

Acorazado submarino.



Carraca de las almas en pena.



Embarcacion para los martes y demas dias nublados.



La nave del adios.



La piragua de K. Malevich.



Paquebote de fiesta.



Remolcador bostero.



# ENTRE-MAPAS TOPOFÍLICOS DO VAZIO

## O método artístico cartográfico na autoaprendizagem

Mariana Leal da Silva<sup>1</sup>

### Resumo

O trabalho objetiva a investig(ação) de novas possibilidades de aprendizado valorizando o autoconhecimento, a partir da criação de mapas em argila de locais do oriente. Esse processo de elaboração dos mapas, parte de experimentações com argila, utilizando técnicas semelhantes às da gravura. Os entre-mapas, compostos nesse trajeto, são um microcosmo em meio a um macrocosmo, onde tudo é interdependente e correlacionado. Através da bibliografia de cada lugar - Timor-Leste, Tailândia, Coreia do Sul e Macau -, serão apontados os motivos pelos quais a história da arte ocidental não serve para a compreensão do oriente, utilizando conceitos como topofilia, entre e vazio. Assim, o posicionamento crítico à metodologia das instituições de ensino - ao não considerar o oriente como relevante em seus currículos -, baseia-se em um trajeto da autora, que defende a autoaprendizagem como passo importante no autoconhecimento de cada indivíduo, permitindo a superação de uma visão de mundo dualista.

Palavras-chave: arte, oriente, mapas, autoconhecimento, topofilia.

A questão central do trabalho é dialogar sobre novas possibilidades de aprendizado, valorizando o autoconhecimento e discutindo o ensino da arte nas instituições, visto que a história da arte ocidental normalmente difundida nesses espaços é completamente distinta da oriental - embora a primeira, na maioria das vezes, acabe servindo de base para ambas - através da criação de mapas em argila, de locais como o sudeste asiático e extremo oriente. Como base teórica para essa discussão, utilizo os conceitos de topofilia, entre, espaço e vazio. Tendo isso em mente, pretendo suscitar discussões como, o (não) conhecimento das pessoas sobre esses lugares - por exemplo, dentro das instituições de ensino, que vão repercutir diretamente no interesse individual dentro do percurso de aprendizagem - e a falta de material disponibilizado a quem pretende estudar sobre o assunto por conta própria. Aqui também tem destaque a dificuldade de encontrar bases bibliográficas/dados traduzidos - quando muito, há algumas em inglês. Com o uso da cartografia topofílica enquanto procedimento cartográfico poético, que envolve o afeto com o lugar, exigindo um olhar sensível, serão traçados mapas - inicialmente em esboço sobre o papel, para depois, em argila - que estabelecem relações entre os locais citados. Mapas, constituídos tanto de imagem quanto de escrita: não somente o que possui formato pictórico, mas toda a escrita do percurso, visa compor uma cartografia do outro lado. Em outras palavras, a cartografia topofílica nos diz sobre o vínculo que é criado entre as pessoas e o território, que agora deixa de ser demarcação geográfica ou localização baseada em coordenadas, passando a ser lugar de vivências, de afetos e de lembranças. Tendo como ponto de partida esses locais, são trazidos à tona outros modos de ver, outros territórios, culturas às quais pouco há referências ou bibliografias - de acesso amplo - mas que pode ser parte importante não só para quem as constitui, como também para muitas pessoas. Para a criação dos mapas - que serão a materialidade - são utilizadas placas de argila, com

uma das técnicas da gravura<sup>2</sup> sobre as mesmas, sendo assim, um processo cartográfico artístico, que se inicia com a análise de dados do Google Maps<sup>3</sup> e visita online dos locais selecionados para o trabalho. Dentro da materialidade resultante da pesquisa - que é a criação desses mapas -, são destacadas duas regiões do continente asiático a serem mapeadas, e dentre elas, dois países/territórios litorâneos, exclusivamente - considerando a necessidade de um maior enfoque - sendo eles: Timor-Leste<sup>7</sup> (Sudeste Asiático) e Tailândia (Sudeste Asiático), Coreia do Sul e Macau (Extremo Oriente/Leste Asiático/Ásia Oriental). Esse trabalho, através de seu processo, tem o propósito de mostrar a importância do autoconhecimento, essencial a uma formação integral do ser humano, como indivíduo capaz de escolhas autônomas e compreensão de si mesmos, partindo do campo das artes visuais - mas considerando que o mesmo pode ser obtido de diversas fontes. Com a criação artística dos mapas topofílicos, é pretendido demonstrar uma visão do trajeto de autocompreensão da artista, para que a partir dele, o leitor possa trilhar um caminho rumo ao próprio desenvolvimento e, com o tema discutido, conseqüentemente, venha a ter interesse em aprender sobre diferentes lugares não muito difundidos. Por fim, os mapas constituídos nessa proposta, são mapas do entre por que mostram o contraste entre terra e água, presença e ausência de material, o vazio e o cheio, sem, no entanto, se ater a uma visão dualista do mundo - esse maniqueísmo quase absoluto, o qual o ocidente ainda parece estar preso. Se o ocidente coloca o bem e mal como pontos absolutos e permanentemente opostos, o oriente nos mostra que esses são só mais dois de muitos pontos. O oriente, deste modo, une forças entre yin e yang, aproveitando o melhor de ambos, priorizando a complementariedade e coexistência, ao invés de colocá-los em batalha.

### Referências

BRAGUEZ, Joana Rita Cerieira. *Vazio: cheio ou esvaziado?* In: Do vazio ao sublime, percursos estéticos. Coimbra: [s.n.], p. 27-58, 2017. Tese de doutorado. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/32236>. Acesso em: set. 2020.

KANAAN, Helena Araújo Rodrigues. Impressões instáveis: matrizes, transferências, temporalidades, In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. *Anais do 26o Encontro da Anpap*. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.1951-1963.

OKANO, M. Ma - a estética do "entre". *Revista USP*, [S. l.], n. 100, p. 150-164, 2014. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i100p150-164. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76178>. Acesso em: 15 set. 2020.

SANTOS, Milton. O Espaço e a Noção de Totalidade. In: *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 72- 83, 2006.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.

<sup>2</sup> Utilizo a técnica da gravura no que tange o ato de fazer incisões, corroer a peça, criando desenhos na matriz, mas sem a intencionalidade da reprodução, visto que neste trabalho a própria peça é o produto final.

<sup>3</sup> Plataforma de visualização cartográfica e de satélites da Google, de acesso gratuito. Permite o acompanhamento de rotas e trajetos em mapas de modo online e conta com grande parte do espaço habitado do globo terrestre já mapeado, e outras áreas sob mapeamento. Definição com base no site da Wikipédia: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Google\\_Maps](https://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Maps). Site da Plataforma Google Maps: <https://www.google.com/intl/pt-BR/maps/about/>. Acesso em: nov. 2020.

<sup>1</sup> Graduanda em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (CA/UFPEL).

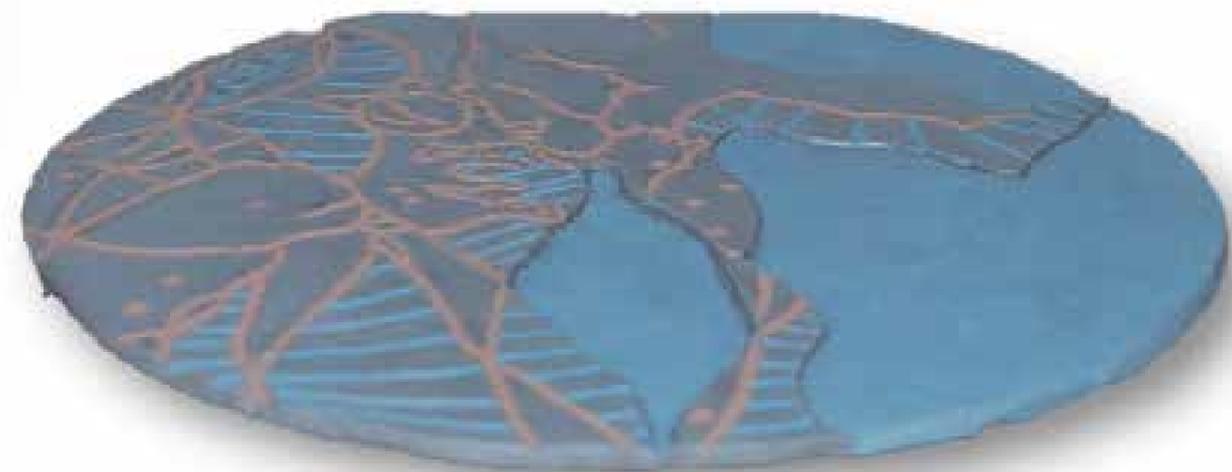
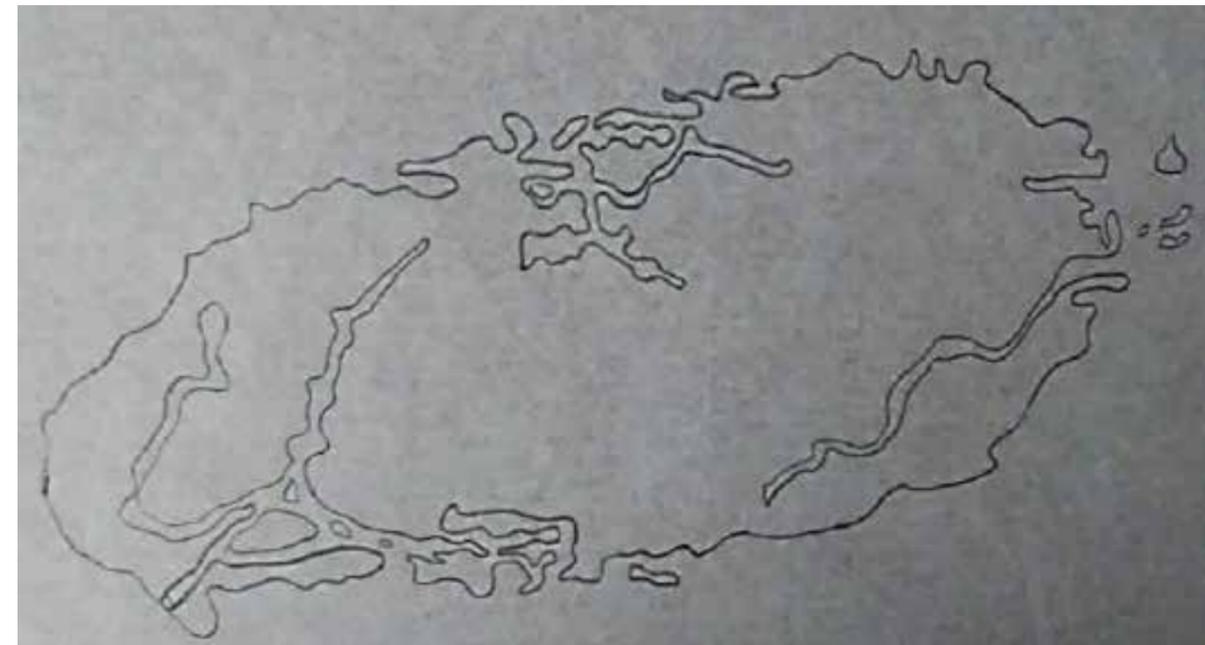


Figura 1 - Mapa da Ilha de Jeju, na Coreia do Sul. Fonte: Google Maps. 2020. Figura 2 - Ilha de Jeju, na Coreia do Sul. Fonte: Google Maps. 2020. Figura 3 - Ilha de Jeju, na Coreia do Sul. Fonte: Google Maps. 2020. Figura 4 - Mapa (topo) em argila da Coreia do Sul. A autora, 2020. Figura 5 - Esboço da área total de Jeju. Caneta e papel fino. 2020. Figura 6 - Mapa (lado) em argila da Coreia do Sul. A autora, 2020.

# OS SINAIS DO ABANDONO DE ESTAÇÕES FÉRREAS NA FRONTEIRA DO SUL DO BRASIL

Vanessa Forneck<sup>1</sup>

Este trabalho traz um conjunto de fotografias capturadas durante a pesquisa de campo da dissertação de mestrado<sup>2</sup> da autora, em novembro de 2019, nas cidades-gêmeas Jaguarão, no Brasil, e Rio Branco, no Uruguay. A proposta visa apresentar algumas apreensões experienciadas a partir do olhar sensível para o abandono das estações férreas na região fronteira que margeia o sul do Rio Grande do Sul: a fronteira Brasil-Uruguay. Jaguarão e Rio Branco são divididas por uma fronteira molhada, ou seja, que se separam por um rio, o rio Jaguarão. Uma fronteira que rompe fisicamente o encontro de duas cidades que cresceram juntas, como irmãs, mas que unidas por uma ponte, conectam duas culturas. A ponte Internacional Barão de Mauá é o elo, a comunicação, a travessia, o lugar do *entre*. Nesse ponto, também se encontra o antigo leito ferroviário, que hoje não apresenta mais funcionalidade. Onde passava o trem, resta apenas os vestígios, estes que auxiliam para localizar as estações férreas em cada cidade. Como um rastro no caminho. A investigação sobre o abandono no território da fronteira ocorreu em dois dias. No primeiro, foi realizada a caminhada até a estação férrea de Rio Branco, no Uruguay. Durante o trajeto era perceptível a paisagem do Pampa Gaúcho, o olhar percorria livre pelo horizonte. O dia estava nublado e alguns pingos de chuva acompanharam a travessia, assim como, a vegetação que crescia pelos dormentes. Na estação, o abandono estava por todos os cantos, um abandono visível. O sítio ferroviário estava se deteriorando com o tempo: limo nas paredes, galpões enferrujados, plantas brotando sobre o telhado, poeira aderida à fachada e rachaduras na edificação. Diferentes texturas e camadas sobrepostas que revelavam a pátina do tempo. No segundo dia, acontece o encontro com a estação férrea de Jaguarão, no Brasil. O caminho por vezes oculto, pois os trilhos haviam sido encobertos, o que dificultava a direção a ser seguida. O dia estava quente, céu aberto com poucas nuvens. Chegando no destino final, o prédio restaurado abrigava um novo uso: uma loja Maçônica. Não haviam sinais visíveis de abandono, as paredes estavam pintadas e as esquadrias bem conservadas, tudo parecia em ordem (ou não). Algo causava incômodo. Uma vigia constante e a sensação de um abandono que é sentido na pele. Um grande vazio. Um novo uso, ganha um novo sentido, e nos repele de lá. Duas cidades, uma mesma conexão: os trilhos do trem nos conduzem de um ponto ao outro no território, mas apresentam sensações distintas. Uma marcada por sua materialidade em abandono – um abandono visível – e a outra por sua perda de sentido – um abandono invisível – mas que é sentido. As ferrovias fazem parte do contexto histórico, econômico, social e cultural entre os dois países e, que hoje, encontram-se adormecidas, desprotegidas, desamparadas. Assim, novas interações são encontradas, seja por meio da ação humana ou pela espontaneidade da natureza. São os lugares do possível, daqueles que permanecem em seu estado de aguardo, promovendo um universo de possibilidades nesses territórios abandonados.

<sup>1</sup> Graduada em Arquitetura e Urbanismo e Mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas. Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> Este trabalho faz parte dos estudos abordados na dissertação de mestrado da autora, com orientação do professor Dr. Eduardo Rocha, intitulada: Abandono de estações férreas: cartografia sensível na fronteira Brasil-Uruguay, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas, defendida em 17 de novembro de 2021.



Figura 1 - Vista do rio Jaguarão de cima da Ponte Internacional Barão de Mauá no lado brasileiro. Fonte: Acervo da autora, 2019.



Figura 2 - Aduanas no lado uruguaio e trilhos do trem no centro da Ponte Internacional Barão de Mauá. Fonte: Acervo da autora, 2019.

Figura 3 - Paisagem com vista para o horizonte durante a caminhada pelos trilhos do trem em Rio Branco, UY. Fonte: Acervo da autora, 2019.



Figura 4 - Vegetação crescendo entre os trilhos do trem em Rio Branco, UY. Fonte: Acervo da autora, 2019.



Figura 5 - Flores brotando sobre o telhado da plataforma de embarque da estação férrea de Rio Branco, UY. Fonte: Acervo da autora, 2019.



Figura 6 - Galpões enferrujados do sítio ferroviário de Rio Branco, UY. Fonte: Acervo da autora, 2019.



Figura 7 - Trilhos encobertos entre o asfalto em Jaguarão, BR. Fonte: Acervo da autora, 2019.



Figura 9 - Numeração da edificação indicando diferentes temporalidades. Novos usos, novos sentidos. Fonte: Acervo da autora, 2019.



Figura 8 - Vista da estação férrea de Jaguarão, BR, com símbolos maçônicos indicando o novo uso. Fonte: Acervo da autora, 2019.



Figura 10 - Sensação de vigilância e controle na estação férrea de Jaguarão, BR. Fonte: Acervo da autora, 2019.



## EXPERIÊNCIAS DA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY ATRAVÉS DA COLLAGE

Aline Nascimento dos Santos<sup>1</sup> e Taís Beltrame dos Santos<sup>2</sup>

A *Collage* é um tema bastante abrangente e que pode servir como denúncia, contar uma história ou até mesmo demonstrar a realidade da cidade, ela é a produção do novo a partir de uma composição de outros elementos já existentes. Baseada nesse conceito, produzo um novo olhar sobre a linha de Fronteira Brasil-uruguay, percorrendo os registros feitos pelo grupo de 16 pesquisadores durante uma viagem em 2018 por esses territórios. Esse novo olhar é um desdobramento do projeto de pesquisa “Travessias na linha de fronteira Brasil – Uruguay: controvérsias e mediações no espaço público de cidades-gêmeas”. O projeto, que tem como objetivo principal investigar o uso do espaço público na linha de fronteira Brasil-Uruguay definida pelas cidades Chuí-Chuy, Jaguarão-Rio Branco, Acegá-Acegua, Santana do Livramento – Rivera, Barra do Quaraí – Bella Unión e Quaraí-Artigas, mapeando por meio da cartografia urbana, os fenômenos urbanos próprios da contemporaneidade (MAIA, 2017), está em seus agenciamentos finais. Baseada nas etapas da *collage* (FUÃO, 2011), utilizo esse procedimento como uma forma de expressar minha visão sobre as cidades fronteiriças. A collage possibilita aos leitores da pesquisa verem as cidades fronteiriças de uma forma mais visual e imagética. Essas novas trajetórias são baseadas no meu olhar como uma pesquisadora de fora, que não participou da viagem, mas que mostra sua visão sobre a linha fronteiriça através de recortes e collage. As primeiras collage surgiram com o intuito de utilizar objetos do cotidiano, marcos, árvores, bancos, lojas, tudo aquilo que poderia ser considerado significativo para a população dessas cidades. Em todo processo foi pensado em utilizar elementos que estivessem presentes em ambos os países e que poderiam ser significativos tanto para o Brasil como para o Uruguai.

### Referências

FUÃO, Fernando Freitas. A collage como trajetória amorosa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

MAIA, Lorena Resende. Cartografia Urbana na Linha de Frnteira: Travessias nas cidades-gêmeas Brasil-Uruguay. Pelotas, 2019.

<sup>1</sup> Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

<sup>2</sup> Graduanda em Artes Visuais - licenciatura (UFPel). Doutoranda em Arquitetura (PROPAR/UFRGS). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (UFPel/2021). Arquiteta e Urbanista (UFPel/2018).







Collage Aceguá-Aceguá.



Collage Jaguarão-Rio Branco.



Collage Santana do Livramento-Rivera.

# ANÁLISES ARQUITETÔNICAS AO SUL DA AMÉRICA DO SUL

## Experiência com alunos de Arquitetura e Urbanismo

*Paula Pedreira Del Fiol<sup>1</sup>, Eduardo Rocha<sup>2</sup>, Amanda Martins Nogueira, Ana Laura Silveira Wurch, Brunno Melo Molina, Camila de Quadros Nicolao, Felipe Manta Vilela, Felipe Lima Pinheiro, Fernanda Peres Fernandes, Isadora Garcia Dutra da Silveira, Julia da Cruz Lopes, Júlia Moreira de Ávila, Laura Bittencourt Ramos, Laura Mascarenhas Ferreira, Luísa Tiefensee Ribeiro, Luiza de Souza Peglow, Manuela Martinez da Silva, Maria Laura Camargo da Cruz, Paula Gottems Vendrusculo e Vitória Maria Silvestre Silva<sup>3</sup>*

A disciplina Teoria e História I - Arquitetura e Urbanismo na Contemporaneidade<sup>4</sup> foi ministrada no ano de 2021/1, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, e esse texto busca apresentar trabalhos feitos ao longo do semestre letivo. A disciplina tem como objetivo introduzir o discente às teorias e história da arquitetura e urbanismo na contemporaneidade, por meio de projetos paradigmáticos e de referência das últimas décadas. A partir do livro *A análise da Arquitetura* (UNWIN, 2013) buscou-se estabelecer relação entre os conceitos estudados no livro e as obras de arquitetura analisadas. Como resultado da disciplina os alunos produziram pranchas que discutiam conceitos como: identificação do lugar, elementos básicos de arquitetura, elementos modificadores de arquitetura, elementos multifuncionais, geometrias reais, geometrias ideais. E ao final, produziam uma prancha resumo onde eles destacavam os pontos mais importantes do que haviam estudado. Nesse semestre tratamos sobre o sul, de uma maneira ampla, onde tratamos de estudar obras arquitetônicas, arquitetos e urbanistas que se estabelecem ao sul da América do Sul, dentre esses lugares destacamos o sul do Brasil, Uruguai, Argentina e Chile. Destacando alguns pontos analisados pelos alunos que foram pontos em comum, como o inverno rigoroso nessas regiões, e verões com dias quentes e com longas horas de sol, além da vegetação, que ganharam destaque as vegetações rasteiras e pinheiros. As figuras a seguir mostram algumas pranchas produzidas pelos alunos ao longo do semestre.

### Referência

UNWIN, Simon. *Análise da Arquitetura*. Porto Alegre: Bookman, 2013.

<sup>1</sup> Mestranda em Arquitetura e Urbanismo na linha de pesquisa Urbanismo Contemporâneo do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da UFPel. Bacharela em Arquitetura e Urbanismo pela mesma universidade. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

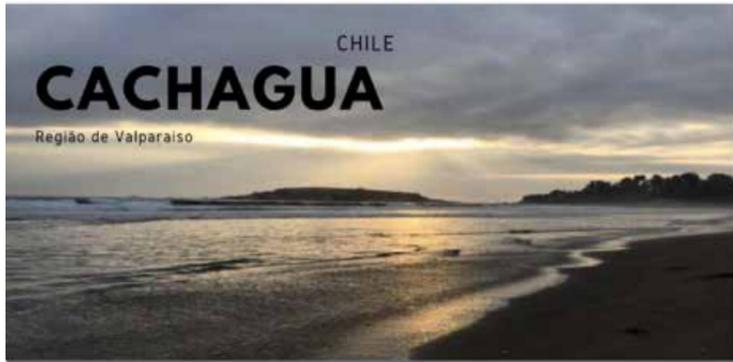
<sup>2</sup> Professor Associado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Doutor em Arquitetura pelo PROP/UFGRS.

<sup>3</sup> Graduandos em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Pelotas, alunos da Turma 2021/1 na disciplina Teoria e História I: arquitetura e urbanismo na contemporaneidade.

<sup>4</sup> A disciplina possui um site, onde é possível visualizar trabalhos dos últimos anos da disciplina. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/atlasdearquitetura/>>.

IDENTIFICAÇÃO DO LUGAR

mathiasKLOTZ



CHILE  
**CACHAGUA**  
Região de Valparaíso

Sua paisagem é caracterizada por casas construídas de rolos, com echumbres de coirón e estuque à cal, além da beleza da orla costeira, campos acidentados e matas nativas. A praia de Cachagua é semi-suave, com três ondas paralelas, com uma temperatura da água no verão de cerca de 15 ° C.

Fonte: <https://www.ruta-patagonia.com/Destino-Detalle.php?D=94>

Está localizada 183 km a noroeste de Santiago e 64 km ao norte da Grande Valparaíso.




O terreno apresenta um desnível entre duas ruas, que se utiliza desde o nível superior como nível de acesso através de uma ponte, colocando a casa entre as árvores de forma a obter as melhores vistas sobre a costa e misturá-la com a natureza

2020-1 | TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA I | FAURB | UFPel | PROF. EDUARDO ROCHA

GRUPO: LAURA RAMOS, LUIZA PEGLOW, MARIA LAURA E VITÓRIA MARIA

05

CADARQUITETURA

ELEMENTOS BÁSICOS

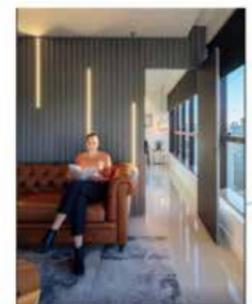
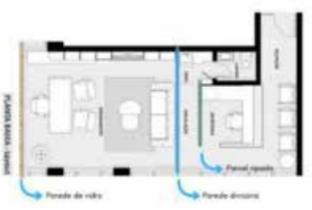
O escritório possui uma grande esquadria, que o enriquece com luz natural. Essa **parede de vidro** acaba se tornando **foco** do local, pois concentra muita atenção por ter uma visão privilegiada da cidade.



O corredor central dá acesso ao lavabo e a copa pois possui um **painel ripado**, que tem função de separar o ambiente de atendimento da recepção.



Além do painel ripado, o escritório conta com mais uma **barreira**, sendo ela a parede que separa a sala de atendimento da recepção.

2020-1 | TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA I | FAURB | UFPel | PROF. EDUARDO ROCHA

GRUPO: ISADORA DUTRA + JULIA LOPES + PAULA VENDRUSCULO

06

Figura 1 - Prancha identificação do lugar. Fonte: Laura Bittencourt Ramos; Luiza de Souza Peglow; Maria Laura Camargo da Cruz; Vitória Maria Silvestre Silva, 2021.

Figura 2 - Prancha Elementos Básicos de Arquitetura. Fonte: Isadora Garcia Dutra da Silveira; Julia da Cruz Lopes; Paula Gottems Vendrusculo, 2021.

Figura 3 - Elementos Modificadores de Arquitetura. Fonte: Camila de Quadros Nicolao, Júlia Moreira de Ávila, Manuela Martinez da Silva, 2021.

## ELEMENTOS MODIFICADORES DA ARQUITETURA

### SAA



Explorar a iluminação natural e as vistas proporcionadas pela paisagem foi uma grande preocupação do autor do projeto. Assim, a luz tem grande impacto na Casa Sombreros, principalmente nos espaços sociais.



Ademais, a temperatura é outro elemento que influenciou de maneira intensa esta obra. Visto o clima inóspito da Patagônia, foi necessário adaptar o projeto, os materiais e as técnicas construtivas para que fosse possível realizar a construção.

A textura das paredes, tanto externas quanto internas, também é um elemento importante a ser analisado. A madeira utilizada para os acabamentos é natural, disponível na região de implementação. Dessa forma, a obra se associa com o local de maneira única, incluindo o tato em sua conceituação.



Referências: <http://www.saarquitectos.cl>

[https://www.archdaily.com.br/br/921638/casa-sombreros-saa-arquitetura-plus-territorio?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com.br/br/921638/casa-sombreros-saa-arquitetura-plus-territorio?ad_medium=gallery)

2021-1 | TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA I | FAURB | UFPEL | PROF. EDUARDO ROCHA  
GRUPO: CAMILA NICOLAO + JÚLIA ÁVILA + MANUELLA MARTINEZ

07

Figura 4 - Elementos Multifuncionais de Arquitetura. Fonte: Fernanda Peres Fernandes; Laura Mascarenhas Ferreira, 2021.

## centro cero

estudio integral de arquitectura

### ELEMENTOS MULTIFUNCAIONAIS

#### SENDEROS 4 L492

Além da função estética, a utilização da madeira como material predominante tem como função a naturalidade, de forma que intensifica a conexão com a natureza, acarreta tranquilidade e aconchego. A utilização dos vidros não é importante apenas para a grande entrada de luz natural, como também traz um visual leve com a integração dos espaços internos e externos.



### LUGAR PRIMITIVO

O ambiente em que a casa está situada se trata de um condomínio privativo e mais isolado da cidade. Ou seja, anteriormente o lugar era o habitado somente pela floresta de pinheiros que cercam as residências.

<http://centrocero.com.ar>

2021-1 | TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA I | FAURB | UFPEL | PROF. EDUARDO ROCHA  
GRUPO: FERNANDA FERNANDES + LAURA FERREIRA

08

## Rosario Talevi – Obra Casa Abierta

### Geometrias Reais



**Linha de visão:** chama atenção por ser a única edificação da área além de se destacar no verde da vegetação ao redor. O que sobressai na edificação em si são as madeiras de Pinos FSC-certificado e Eucalipto da construção ademais das placas de policarbonato.



**Geometria social:** área de convivência completamente aberta – cozinha e sala integradas e áreas de descanso separadas. Incentiva a convivência, mas também permite a privacidade e o repouso.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/800977/casa-abierta-rosario-talevi>

2021-1 | TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA I | FAURB | UFPEL | PROF. EDUARDO ROCHA  
GRUPO: AMANDA MARTINS NOGUEIRA + ANA LAURA WURCH + LUÍSA TIEFENSEE

09

Figura 5 - Prancha Geometrias Reais. Fonte: Amanda Martins Nogueira; Ana Laura Tiefertsee Ribeiro, 2021.

## Otávio Riemke

### Geometrias Ideais

A geometria da Casa LSG#DM está dividida basicamente em duas unidades formais, ambas sendo constituídas de um formato regular e ideal de um prisma em concreto aparente apoiado sobre um volume envidraçado. Optou-se por estabelecer um formato mais tradicional de paralelepípedo para os dois pavimentos, o volume do pavimento superior se contrapõe de forma ortogonal a disposição do térreo, balançando em ambas as direções.

Nota-se a tendência da forma mais regular e ideal, sem a busca pelo formato orgânico mais presente no mundo real. Portanto há uma tendência para uma geometria muito mais ideal que real na concepção dessa obra.



Planta baixa do primeiro pavimento (fonte: archdaily).



Planta baixa do segundo pavimento (fonte: archdaily).

2021-1 | TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA I | FAURB | UFPEL | PROF. EDUARDO ROCHA  
GRUPO: BRUNNO MOLINA, FELIPE PINHEIRO E FELIPE VILELA

10

Figura 6 - Prancha Geometrias Ideais. Fonte: Bruno Melo Molina; Felipe Lima Pinheiro; Felipe Manta Vilela, 2021.

## O FUNDO DO CÉU

*Maria Eduarda Lisboa Silveira<sup>1</sup>*

### Resumo

A presente proposta partilha a produção artística prática e teórica vinculada ao Projeto de Pesquisa “A casa, as janelas e as redes sociais como continentes dos fazeres e da partilha da arte contemporânea durante e após a pandemia do COVID -19, a partir do sul do Brasil” desenvolvida no contexto do estudo que venho realizando como bolsista de iniciação científica (CNPq/UFPel). A pintura das formas e cores da paisagem urbana de Pelotas, observada na janela do apartamento, é resultado dos estudos que envolvem a reformulação do olhar artístico diante do cenário pandêmico. E assim, exercitar uma percepção poética na vida cotidiana em isolamento, manifestando motivos para a criação e para pensar a condição contemporânea do artista. Palavras-chave: pintura, janela, pandemia covid-19, pesquisa em artes.

### O Fundo do Céu

As pinturas ‘Fundo do Céu’ derivam dos trabalhos de estêncil realizados na disciplina de Fundamentos da linguagem visual, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Eduarda Gonçalves (Duda), em 2019 e coordenadora do Projeto de Pesquisa “A casa, as janelas e as redes sociais como continentes dos fazeres e da partilha da arte contemporânea durante e após a pandemia do COVID -19, a partir do sul do Brasil”, na qual me vinculo como bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq/UFPel. Ao fotografar atentei às estruturas urbanas que faziam parte de minha paisagem cotidiana, pela janela do meu apartamento no centro de Pelotas. Capturando-as e traduzindo-as para a pintura, as imagens reunidas apresentaram uma aptidão plástica reforçada pela gradação de cores, sombras e atmosferas. Devido ao processo de fotografar trechos frequentes do que estava à vista, surge então o que denominei de “tesouro do tempo”, que seria exatamente a fatura da variação das tonalidades de determinadas estruturas urbanas, que resultam no olhar mais dedicado às sutilezas imagéticas que as constroem. Tendo em mãos uma diversificação das narrativas urbanas, passei a concebê-las de forma pictórica. Gerando imagens que apresentam um pensamento e reflexão sobre a passagem do tempo, está se dá por meio da observação diária de determinados pontos da janela e às versões do que é observado, nas camadas de tinta que constituem a imagem pictórica. O tempo apresentado nas pinturas ecoa na narrativa de momentos específicos do dia, assim as sombras projetadas e as cores refletidas pelas estruturas são indícios dos movimentos visuais do céu da cidade de Pelotas. As palavras recortem, encaixe, paisagem e skyline orientaram o gesto de captura das imagens de maneira consciente, em busca de um enquadramento, que potencializaram a fotografia e a pintura, expondo a profundidade tênue e a variação de cores típicas do ‘Fundo do Céu’ que carrega a morosidade própria do isolamento e as diversas tonalidades do mundo, ao meu ver.

<sup>1</sup> Maria Eduarda Lisboa Silveira, artista visual, estudante do Curso Bacharelado em Artes Visuais, bolsista (PiBIC/UFPel) vinculada ao Projeto de Pesquisa “A casa, as janelas e as redes sociais como continentes dos fazeres e da partilha da arte contemporânea durante e após a pandemia do COVID -19, a partir do sul do Brasil”, sob coordenação da Profa. Dra. Eduarda Gonçalves (Duda).



## AO REDOR

*Alice Porto*<sup>1</sup> e *Martha Gofre*<sup>2</sup>

*Neste fim de tarde ao sul*

*Quem virá?*

*Neste fim de tarde sem fim*

*Quem irá*

*Me encontrar*

Vitor Ramil, 2017.

Pensamos este projeto a partir do convite ao deslocamento, ao encontro do centro. Nos posicionamos em relação ao que faz sentido como centro (um dos possíveis) para duas artistas nascidas em Pelotas, com memórias de linha d'água, de margens líquidas, de *unidade na umidade* (RAMIL, 2008). Neste ensaio ressoa, em uma construção conjunta, a pergunta chave deste número: *¿Cual sur es nuestro Sur?* As tentativas de resposta perpassam experiências adensadas pelo trânsito praia-porto ao longo dos anos, junto às necessidades pessoais, profissionais, imaginárias - a água sempre entra. Plasticamente, estas imagens convocam ao que é encoberto: pelos anos, pela temperatura, pelo (des)uso. Recortam detalhes de outros tempos, revelam rasuras, elementos que fazem reverberar, neste assombro, a possibilidade do monumento (SMITHSON, 2006). O olhar capturado entre o que contrai e o que dilata, se especializa. No *lejos* (SCOVINO, 2009) o foco posto em uma determinada direção passa por uma atmosfera que oscila, nem sempre desejando o que é imediato.

### Referências

RAMIL, Vitor. *Satolep*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

RAMIL, Vitor. *Campos Neutrais*. Satolep Music, 2017. CD.

SCOVINO, Felipe. [org.] *Cildo Meireles - Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do azougue, 2009.

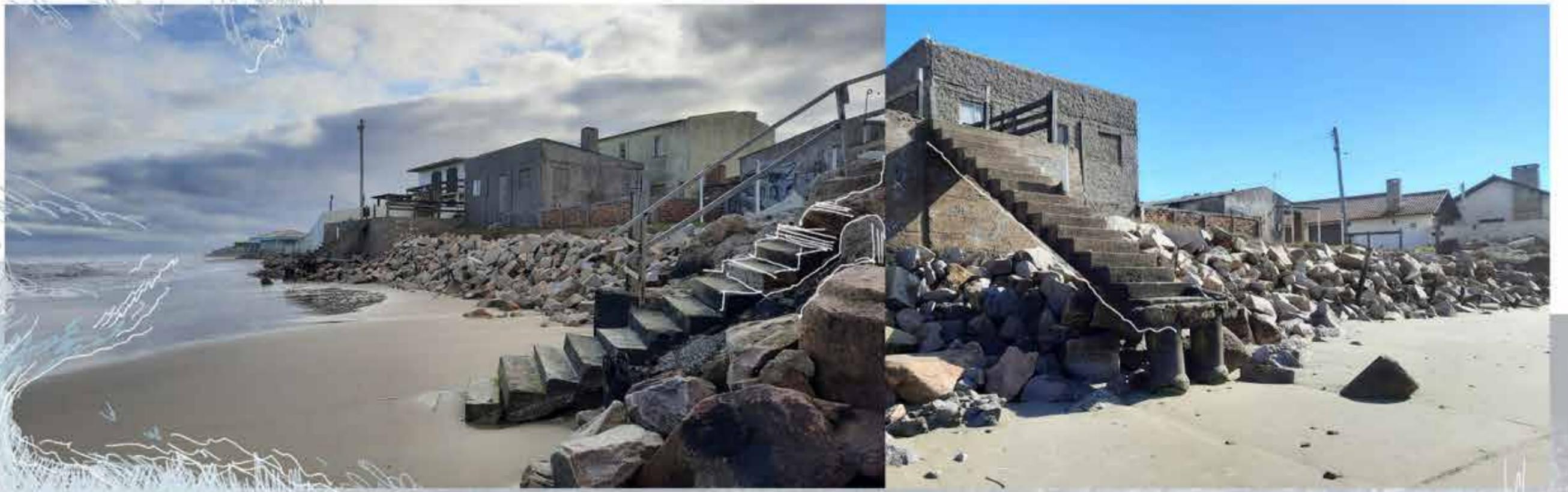
SMITHSON, Robert. *Un recorrido por los monumentos de Passaic, Nueva Jersey*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

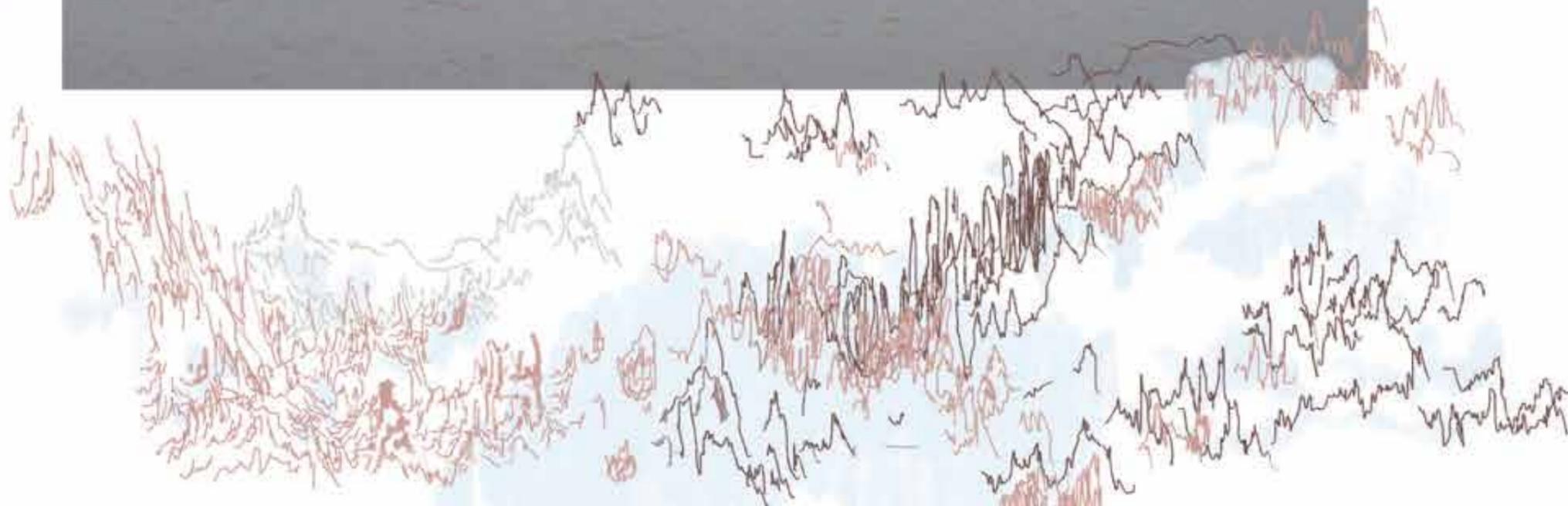
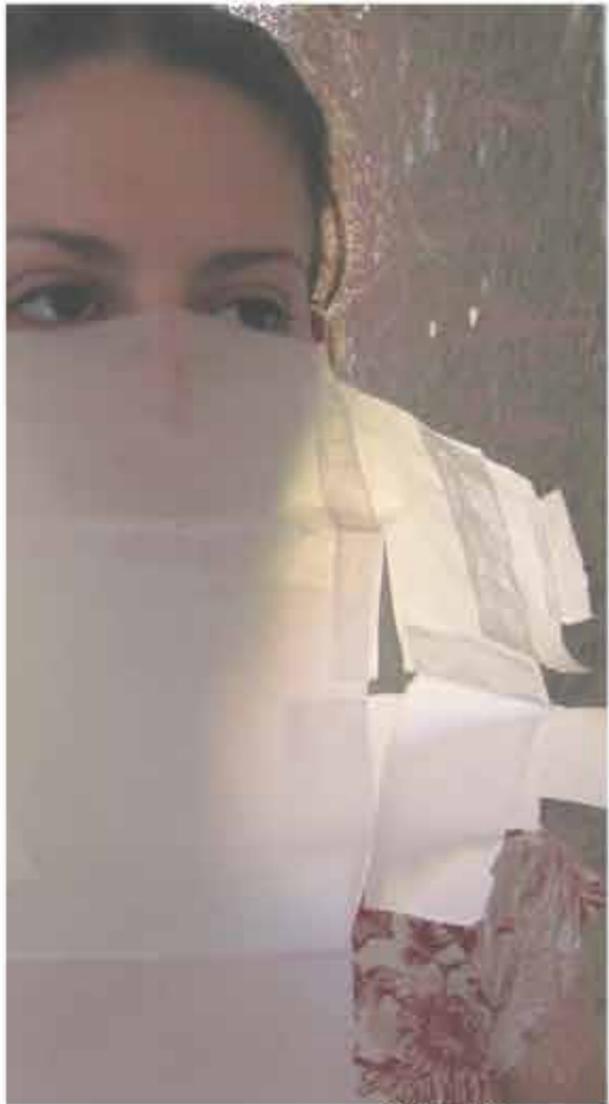
1 Alice Porto dos Santos - Artista multimídia, trabalha principalmente com desenho, gravura, arte feminista, publicações de artista e poesia. Mestre e doutora em Poéticas Visuais pelo PPGAV-IA/UFRGS, com estágio doutoral na KU Leuven e LUCA School of Arts (Bélgica), onde também estudou gravura na RHoK Academie. Professora do curso de Artes Visuais da Universidade de Passo Fundo. Integra a IBG - Banda de Garotas Instantâneas, compondo as letras e vocais. Email: aliceportos@gmail.com.

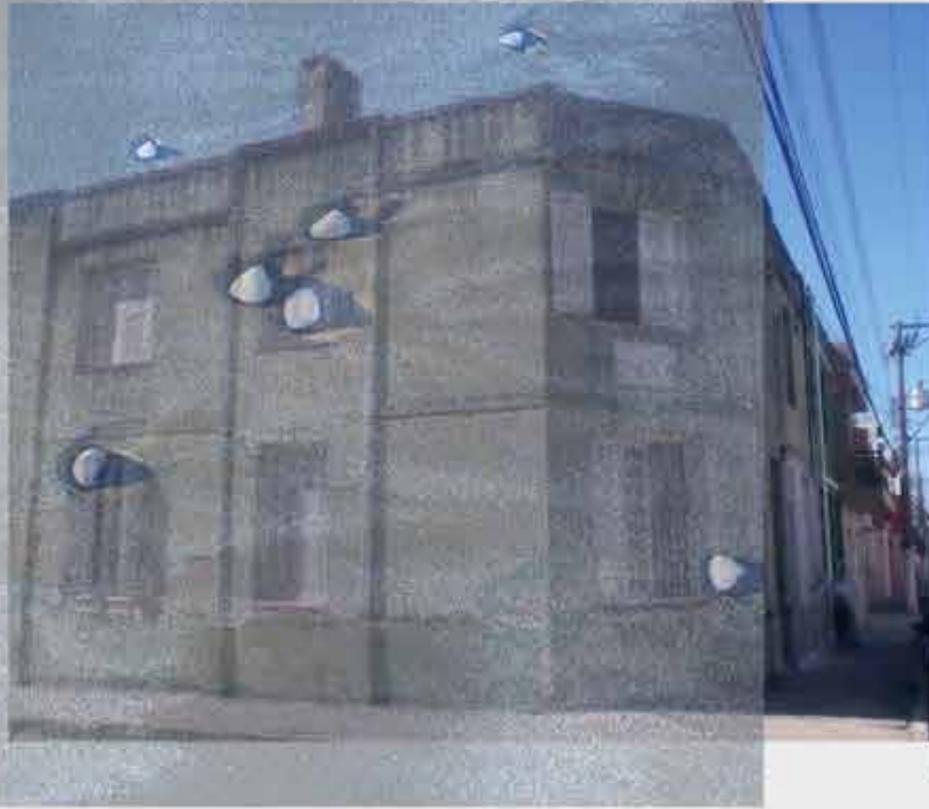
2 Martha Gomes de Freitas - Artista visual, transita entre a produção de vídeos, objetos e instalações, suas pesquisas práticas e teóricas entendem o corpo, em seus gestos, posturas e memórias, como um campo de atravessamentos. Mestre e doutora em Poéticas Visuais pelo PPGAV-IA/UFRGS. Professora adjunta no curso de Bacharelado em Artes Visuais, Centro de Artes/UFPel. Professora colaboradora no PPG - Mestrado em Artes Visuais - Poéticas de criação e processos do cotidiano, Centro de Artes/UFPel. Coordena o projeto de pesquisa Estudo sobre a profundidade. Email: marthagofre@gmail.com.











# PAISAGENS NAS RUÍNAS DO DESENVOLVIMENTO URBANO

## Uma montagem parcial

Douglas Silveira Martini<sup>1</sup>

Já em 1978, Francisco de Oliveira lançou a afirmação de que não existiam mais problemas agrários no Brasil, que “todo e qualquer problema hoje no Brasil é um problema urbano” (OLIVEIRA, 1978). Na margem oeste da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), próximo ao complexo industrial do Pólo Petroquímico do Sul, esse fenômeno parece se concretizar entre complexidades e contradições. Nessa região, junto às localidades dos municípios de Triunfo e Montenegro, são desenvolvidas atividades de comércio, serviço, extrativismo, silvicultura, indústria, logísticas, monoculturas, entre outras, que dão a ver, em um primeiro olhar, os reflexos de um processo de metropolização brasileira que ocorreu nas últimas décadas, e como consequência, uma intensa urbanização dessas paisagens. Olhando com atenção, em diferentes momentos, notamos uma ecologia em movimento: aterros, terraplanagens, concretagens e pavimentações moldando a paisagem, entre pássaros desorientados e répteis atropelados por uma velocidade violenta de transformações, onde um brutalismo arquitetônico parece sair de sua infância utópica e assumir uma maturidade catastrófica. O entra e sai de caminhões, logo pela manhã, deixa um rastro cinza, um pó de basalto que pinta tudo: as estradas, as folhas de acácia, os maricás, as paredes das casas. Walter Benjamin, nas “Teses sobre o conceito da história”, de 1940, nos chama a atenção aos estilhaços e as ruínas que passam despercebidas pelas forças do progresso. Essas imagens, acumuladas ao longo de anos de pesquisa, são como *trapos mundanos* de uma paisagem arruinada, onde queremos contar parcialmente sobre os modos de resolver a vida que se dão apesar do desenvolvimento urbano, debaixo da sujeira do tapete da urbanização. “Montar, combinar, compor, cruzar, revelar o detalhe, dar relevância ao secundário, eis o segredo” (PESAVENTO, 2005, p. 64). Há muito mais paisagens do que podemos imaginar...

### Referências

OLIVEIRA, Francisco de. *Acumulação monopolista, Estado e urbanização: a nova qualidade do conflito de classes. Contradições urbanas e movimentos sociais*, v. 2, p. 65-76, 1978.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. *História & História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SANT'ANA, Elma. *Os Triunfos de Breno*. Porto Alegre: Alcance, 2015.

<sup>1</sup> Arquiteto e Urbanista pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestrando em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.





## ENTRELAÇO

### Encontros ao sul das linhas do horizonte

*Kathleen Oliveira de Avila<sup>1</sup> e Isabella Khauam Maricatto<sup>2</sup>*

Esse texto propõe encontros e reflexões sobre a partilha de percepções e experiências de duas pesquisadoras que no caminho das artes visuais teceram suas relações no encontro com a cidade de Pelotas. Ao caminhar, a paisagem no horizonte se desfaz em consonância com o ritmo dos nossos passos. O movimento de levar um pé diante do outro, ora lento, ora apressado, fisicamente ou imageticamente, é algo pertencente ao cotidiano. Desníveis que sugerem um relevo, a topografia de uma cidade, um território corpo que se encontra e deixa rastros no chão. O contato rítmico dos pontos - ou passos - seguem em uma cidade em devir pampa: Pelotas | SATOLEP! O horizonte se fragmenta no caminhar da cidade localizada no sul do Rio Grande do Sul. Pelas ruas, praças e parques a suavidade dos desafios topográficos indicam a sua planicidade e propiciam o deslocamento fluido do corpo pelo espaço urbano. As verticalidades encontram-se no brotar incidente de prédios contemporâneos de vários pavimentos e outros, que procuram resistir ao tempo preservando a memória dos tradicionais casarões, tipologias de residências interioranas e sobrados com muros baixos e jardins à mostra, encontrados por toda a parte e especificamente nos bairros de uma região denominada Porto. Meadas cotidianas é um ensaio visual em que compartilhamos o mapeamento realizado pelo corpo artista sensibilizado e afetado pelo caminhar à deriva. O ato de caminhar embasado pela noção de deriva aparece não apenas como “uma peregrinação solitária ou coletiva em busca de territórios inexplorados, mas como um dispositivo de interação para habitar territórios já habitados, ser hóspede e receber hospitalidade” (CARERI, 2017, p.34). Trajetos que ultrapassam fronteiras, atravessam asfalto, trilhas de paralelepípedos, ruas de chão batido, calçadas de concreto, caminhos de pedra, trilhas de areia e veredas de mato, espaços sensibilizados pelos passos, fragmentos sobrepostos na memória de horizontes caminháveis, corpo em devir mapa. O corpo-mapa caminha e percorre os territórios do sul, passo a passo, tecendo relações e conectando linhas de acesso à menires afetivos, também designados como “pontos de referência, sinais ou lugares de pausa” (CARERI, 2013, p. 57). Não dizem respeito a exatas representações cartográficas, mas sim entrelaçamentos de encontros, paisagens e memórias. São pontos, lugares de travessia com intensidades pulsantes, sensibilizado pelas memórias vivas da cidade que imprime seus afetos a todo instante.

#### Referência

CARERI, Francesco. *Caminhar e Parar*. São Paulo: G. Gili, 2017.

<sup>1</sup> Artista visual, arte-educadora, mestra em Artes Visuais na linha de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano (PPGAVI/UFPel), graduada em Artes Visuais Licenciatura (Centro de Artes/UFPel) e cursa a Pós-Graduação Lato Sensu Caminhada como Método para a Arte e a Educação (A Casa Tombada). Integrante do Grupo de Pesquisa ART3ECOS: núcleo de estudos e práticas artísticas ecosófica (UFPel/FURG/CNPq).

<sup>2</sup> Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, na linha de pesquisa Urbanismo Contemporâneo (PROGRAU/UFPel) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Especialização em Artes (PPGA/ UFPel). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UEL.





Figura 1, 2, 3 e 4 - Meadas cotidianas, 2021. Fotografia digital impressa em papel opaline 180gr, com inserção de costura, 29,7 x 42 cm.

## REVELAÇÕES AO SUL DO SUL O cotidiano à beira mar

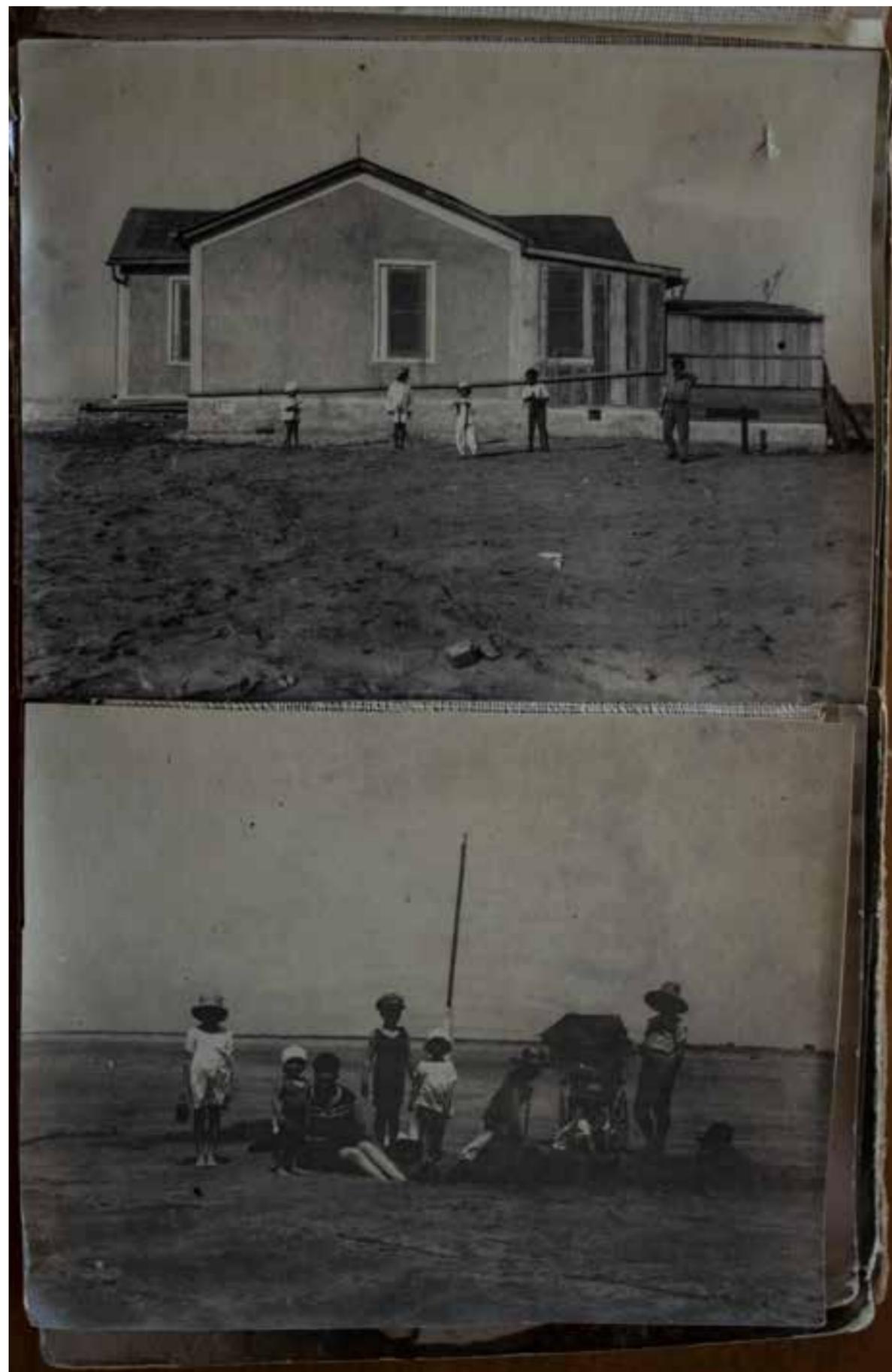
Andrea Maio Ortigara<sup>1</sup>

As fotografias deste ensaio visual pertencem ao acervo do Sr. Jorge Ruffier, e possibilitam refletir sobre como a vilegiatura marítima foi vivida no Balneário Cassino, município do Rio Grande, extremo sul do Rio Grande do Sul, nas primeiras décadas do século XX. Organizado em álbuns de família, recebi o acervo do meu bisavô para a guarda em 2008. Rio Grande, cidade portuária que se industrializava, foi o espaço que impulsionou as práticas fotográficas deste imigrante francês que chegou ao município em 1910 para trabalhar na instalação da usina de energia elétrica, e trouxe consigo uma máquina fotográfica. A burguesia rio-grandina desfrutava o desenvolvimento urbano-industrial, e as imagens evidenciam a modernidade por meio da incorporação do lazer balnear ao cotidiano articulado com as formas de uso do tempo livre. Os finais de semana, feriados e férias de verão proporcionaram as sociabilidades e a vida à beira mar. As imagens do Sr. Ruffier singularizam a paisagem sulina ao mostrar os veraneios da família no Balneário Cassino, entre os anos de 1920 e 1935. Identificamos certos modos de ser e estar ao sul do sul mediados por um olhar condicionado pela geografia, cultura, economia e política do lugar. Veranistas frequentavam a praia para a prática dos banhos e usufruíam de atividades de lazer ao ar livre, como passeios a cavalo e de charrete, jogos de críquete, caminhadas e pescarias.

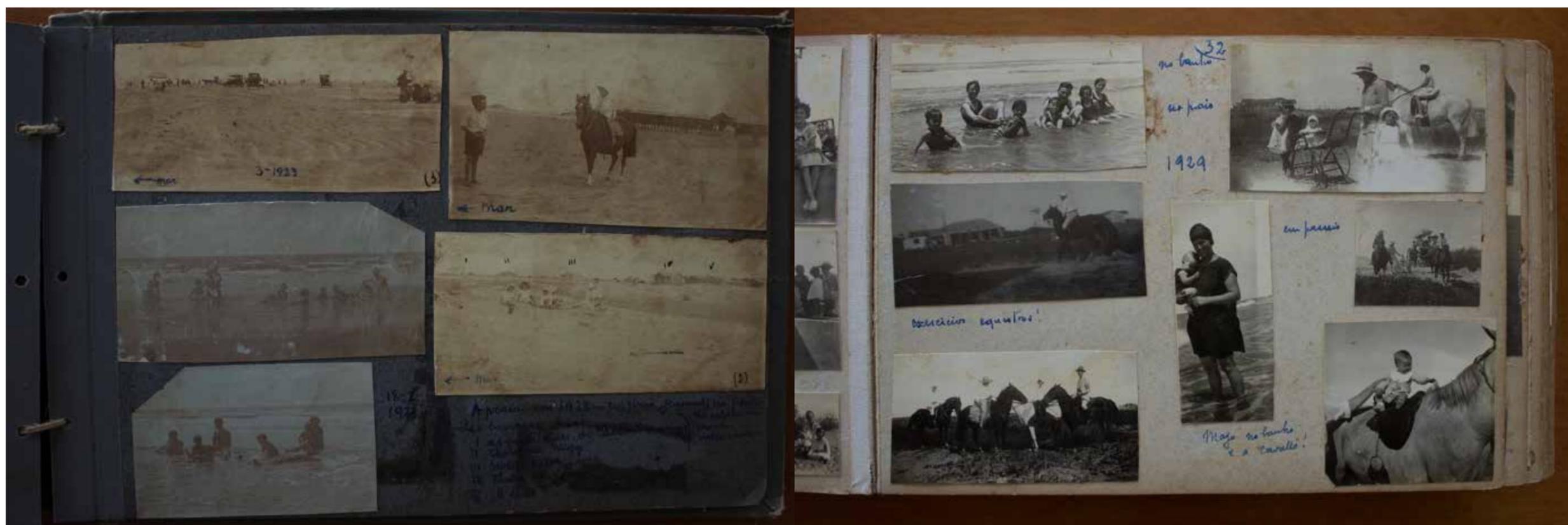
### Referência

ORTIGARA, Andrea Maio. *Rio Grande – RS no início do século XX: Análise do cotidiano da sociedade burguesa em registros fotográficos e escritos de um imigrante francês*. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Filosofia de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215571>. Acesso em 15 de janeiro de 2022.

<sup>1</sup> Professora Colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina. [andreaortigara@gmail.com](mailto:andreaortigara@gmail.com)



Crianças brincando em frente a casa da Família Ruffier no Balneário Cassino, data em pesquisa. Fonte: Acervo pessoal.



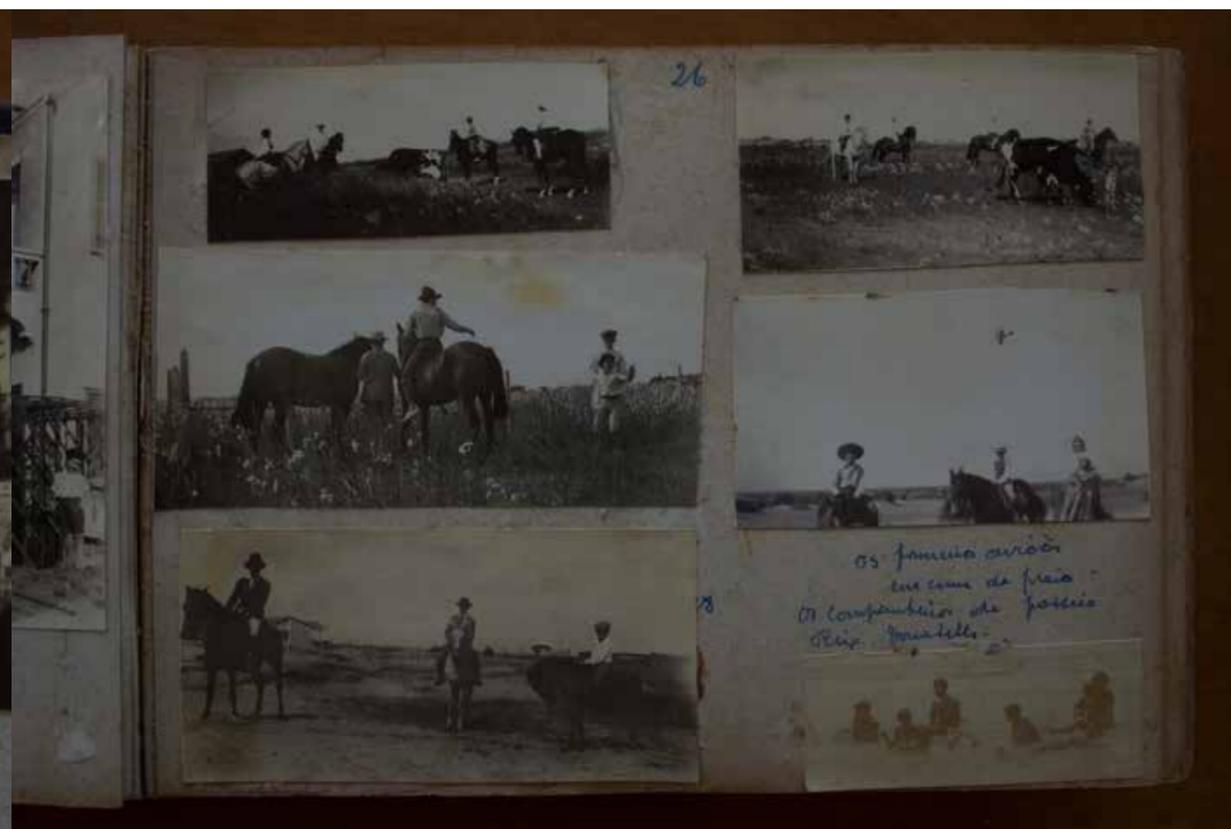
Brincadeiras à beira mar, 1930. Fonte: Acervo pessoal.



Mulheres jogando críquete na Praia do Cassino, 1935. Fonte: Acervo pessoal.



Avião sobrevoando o passeio a cavalo, data em pesquisa. Fonte: Acervo pessoal.



## ENTRE O ÚLTIMO CATA-VENTO E O NAVIO

### Confluências na paisagem sulina

Ana Maio<sup>1</sup>

“Entre o último cata-vento e o navio” teve origem numa conversa com o professor-pesquisador e artista visual Clóvis Vergara de Almeida Martins Costa (UFPel). Clóvis me contou que havia enterrado uma lona – suporte de suas experiências com pintura –, nas margens da praia do Cassino, no município do Rio Grande, e quando foi desenterrá-la não a encontrou. Durante a conversa ele me convidou para registrar em vídeo a sua busca pela lona. Que visualidades podem emergir da ação dos grãos de areia sobre esta materialidade? Que sonoridades esta fricção produziria? Movida pelo desejo da busca fui para a praia e, em algum ponto entre o último cata-vento da estação eólica e os restos do navio Altair, encalhado à beira-mar desde 1976, enterrei o meu celular na areia – de modo semelhante à ação de Clóvis com a lona –, e registrei as partículas arenosas que deslizavam às margens do mar movidas pelo vento no extremo sul do Sul do Brasil. O vídeo reflete sobre a experiência do corpo no fluxo da paisagem e suas relações com o espaço-tempo. Interessou-me a profundidade rasa, o ruído e a precariedade da imagem. A cor como puro evento fazendo com que o vídeo fosse contaminado pela pintura. O mar, a margem, o vento, a areia e uma lona perdida criaram conexões e contágios entre os processos artísticos do Clóvis e o meu. Situo esse trabalho no território do incerto, do impreciso e das práticas artísticas que confluem, em seus distintos processos e estratégias, para esse lugar onde a paisagem sulina foi exposta aos atravessamentos de uma lona perdida.

#### Dados da obra

Título: “Entre o último cata-vento e o navio”

Ano de execução: 2020

técnica: vídeo MP4

Direção, Roteiro, Produção, Execução e Edição: Ana Maio

Duração: 1’

Link do vídeo no Youtube – <https://youtu.be/IP9FvrP1A-s>

#### Referências

MAIO, Ana Z. F. Arquivos de si: projeções da memória. *Revista Vazantes*, v. 4, p. 125-143, 2020.

MARTINS COSTA, C. V. A.; SILVEIRA, P. E. P. (Org.). *Problemas de pintura: distensões na prática da pesquisa em arte*. 1. ed. Pelotas: Editora da Ufpel, 2021. v. 1. 253p .

<sup>1</sup> Professora Titular dos cursos de Artes Visuais Licenciatura e Bacharelado da FURG. Professora no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Artes Visuais da UFPel. Pesquisadora e artista visual investiga as convergências entre o cinema experimental e as artes visuais, abordando, principalmente, os temas arquivo e memória na arte contemporânea. Coordena o Projeto de Extensão e Cultura FRESTA – Mostra de Audiovisual Experimental, desde 2016, o qual configura um espaço de produção, reflexão e difusão do audiovisual experimental e de produção independente. Pós-doutorado em Poéticas Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (2013). Pós-doutorado pela Universidade de Coimbra, Programa de Estudos Artísticos Contemporâneos (2013).





# BARRO, TEMPO E PAISAGEM

## Fazeres cerâmicos ao sul do sul

*MINOR CITY CLAY, TIME AND LANDSCAPE*  
*Ceramic making at the south of the south*

*Taís Beltrame dos Santos<sup>1</sup>, Angélica de Sousa Marques<sup>2</sup>,  
Ágata Tomaselli dos Santos<sup>3</sup>, Cleusa do Nascimento Ferreira<sup>4</sup>,  
Guilherme Dias Macedo<sup>5</sup>, Eduarda Lenzi Lopes<sup>6</sup>,  
Humberto Levy Souza<sup>7</sup>, Livea Luzeiro do Carmo<sup>8</sup>,  
Luiz Henrique Leão<sup>9</sup> e Paulo Renato Viegas Damé<sup>10</sup>*

### Resumo

Refletindo sobre os tempos cronológico e climático que incidem sobre a transdisciplinar poética do fazer cerâmico, diversas percepções sobre o sul do sul são possibilitadas. A partir dos entendimentos ancestrais e ambientais, reiteram-se as técnicas seculares que permitem a aprendizagem em coletivo a partir da modelagem do barro em sua atual complexidade. Com olhar atento e sensível, dez ceramistas compartilham suas narrativas e experiências em quatro cidades do sul do país, durante dias de verão, outono, inverno e primavera. Elencando gambiarras e possibilidades, dialogam sobre a coleta do barro, sua modelagem e queima, dizendo também sobre a paisagem que estão inseridos e seus modos de trabalho. As estratégias compartilhadas, que transpassam o território, movimentam a pesquisa do grupo como um todo, enfatizando a potência de aprender consigo mesmo, com o ambiente e com o outro.

Palavras-chave: cerâmica, arte relacional, narrativa, sul do sul, tempo.

### Abstract

*Reflecting about the chronological time and weather that affect the transdisciplinary poetics of ceramic making, different perceptions about the south of the south are made possible. Based on ancestral and environmental understandings, secular techniques are reiterated that allow learning in atelier from the modeling of clay in its current complexity. With an attentive and sensitive eye, ten potters share their narratives and experiences in four cities in the south of the country, during summer, autumn, winter and spring days. Listing "gambiarras" and possibilities, they talk about the clay collecting, its modeling and firing, talking about the landscape that they are inserted and their working methods. The shared strategies, that cross the territory, move the research of the group as a whole, emphasizing the power of with themselves, with the environment and with each other.*

<sup>1</sup> Graduanda em Artes Visuais - licenciatura (UFPel). Doutoranda em Arquitetura (PROPAR/UFRGS). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (UFPel/2021). Arquiteta e Urbanista (UFPel/2018).

<sup>2</sup> Mestranda em Artes Visuais - PPGAV (UFPel). Engenheira Civil (UCPel/1991).

<sup>3</sup> Graduada em Artes Visuais - licenciatura (UDESC/2019). Graduada em Roda de Oleiro Tradicional (Escola Municipal de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros/2019).

<sup>4</sup> Graduada em Artes Visuais - licenciatura (UFPel/2021).

<sup>5</sup> Graduando em Arqueologia - bacharelado (FURG/2022).

<sup>6</sup> Graduada em Artes Visuais - bacharelado (UFPel/2019).

<sup>7</sup> Mestrando em Artes Visuais - PPGAV (UFPel). Graduado em Artes Visuais - licenciatura (UFPel/2019).

<sup>8</sup> Graduanda em Artes Visuais - licenciatura - (UFPel).

<sup>9</sup> Mestrando em Artes Visuais - PPGAV (UFPel). Graduado em Artes Visuais - bacharelado (UFPel/2021).

<sup>10</sup> Doutor e Mestre em Processos Artísticos Contemporâneos (UDESC). Professor de Cerâmica e Escultura (UFPel).

*Key-words: ceramics, relational art, narrative, south of south, time.*

### O tempo, a paisagem e a cerâmica ao sul do sul

*"Mas sou do sul e venho do sul [...]"*  
José Mujica

Às vezes pensamos sobre o tempo, a paisagem e a cerâmica. Tanto o tempo cronológico, necessário para que todas as etapas do fazer cerâmico sejam executadas, como o clima que posterga ou adianta o primeiro dos tempos. Sabemos que os tempos, tanto cronológico quanto climático, são interdependentes, e nos dizem muito sobre o lugar que habitamos. A relação entre os tempos e o território ganha uma materialidade que gostamos de chamar de cerâmica: barro queimado a mais de 600°C (CHITI, 1998). O fazer cerâmico no território que habitamos, nos tempos que nos são dispostos, diz sobre a paisagem que vivemos e o lugar que ocupamos. É a paisagem que dita as circunstâncias e possibilidades desse processo.

O tempo permite que hoje, uma substância terrosa, proveniente da decomposição de rochas feldspáticas formadas há mais de 400.000 anos, constituídas de óxidos, principalmente de silício e alumínio, em fragmentos inferiores a 2 micra de diâmetro, arrastados do seu local de origem por fatores climáticos como chuva e vento, seja simplesmente nomeada de argila. Ou ainda, de barro, aquele encontrado na beira dos rios e estradas, nas escavações para fundações de edifícios, e até mesmo nas lojinhas de material escolar. Aquele que, embora parecido, nunca é igual, e diz sobre processos muito mais extensos e complexos que podemos compreender. E também aquele que registra o passar de todas as culturas que conhecemos até hoje, nas mais diversas localidades, do oriente ao ocidente, de norte a sul. Material capaz de receber marcas, impressões e texturas daqueles que interagem com ele.

Em nossas mãos e junto à água, um material tão sensível como o barro, encontra a intemperividade do vento, da umidade e da temperatura, entre os múltiplos processos geográficos, temporais, físicos e químicos. Onde as micro partículas ganham maleabilidade, o clima é traiçoeiro. O tempo cronológico se encontra ao tempo climático, e as quatro estações vivenciadas ao sul do sul, ganham tamanha importância, que a cada uma delas, a experiência parece reformular a compreensão que temos sobre o material, o processo e a paisagem. Ao coletar, preparar, secar, queimar, esmaltar e requeimar o barro, investigamos o nosso território, reconstruindo a percepção sobre nosso entorno e sobre as relações que o compõem.

Acerâmica é uma cumulação dos diversos modos de fazê-la e acompanha a humanidade desde o momento seguinte à descoberta do fogo, e apesar desse longo período, seus processos mantêm-se muito semelhantes (PENIDO; COSTA, 1999). Por convidar a química, a geografia, a história, a tecnologia e ainda ser um apelo ao fazer coletivo, ela nos ensina constantemente. Um ceramista não opera apenas a argila, a água e o fogo, mas todo o contexto no qual está inserido (HARVEY, 1978). A riqueza da cerâmica está na partilha das relações que são tecidas por ela, tanto pelo ceramista quanto por seu entorno relacional. A cerâmica é complexa, transdisciplinar e multicultural.

Com esse pensar, propondo este ensaio que narra um saber-fazer-ensinar, escrevemos coletivamente, para dar atenção à experiência cerâmica, buscando compreender similitudes, diferenças e acontecimentos que nos atravessam. Este texto é mais do que um relato, é uma narrativa de uma pesquisa-processo que acontece em quatro diferentes cidades do sul do Brasil, nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina - Camaquã, Pelotas, Encruzilhada do Sul e Florianópolis - entre 10 pesquisadores-



ceramistas que se propuseram a encontrar-se semanalmente de modo virtual para trocar experiências e conhecimentos em torno da cerâmica (Fig.1). Aqui lembramos as palavras de Walter Benjamin, quando diz que a narrativa:

[...] é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1993, p. 205).

Partilhamos a experiência e os sentidos do fazer, enquanto ele acontece. Tentativas, caminhos e achados que podem nos suscitar algumas pistas e provocações para seguir com o investigar coletivo, atento e maleável do fazer cerâmico, da paisagem e do tempo.

### Os tempos e a experiência cerâmica

Não sabemos datar ao certo o início da tecnologia cerâmica. “Isso ocorreu provavelmente, por acidente, depois que o homem pré histórico descobriu o fogo e percebeu que a ação das chamas era capaz de endurecer o barro” (PENIDO; COSTA, 1999, p.9). Assim que o ser humano passou a cultivar a terra e acumular mantimentos, surgiu a cerâmica utilitária. Algumas das técnicas que utilizamos para preparar, moldar e queimar o barro hoje são investigadas desde então. Há mais de 9000 anos que o ser humano produz cerâmica. Nas ilhas japonesas, foram encontrados objetos de 12000 anos.

Os primeiros ceramistas recorreram à ajuda de cestos para dar formas ao objeto, como se fossem moldes. Esse tipo de cerâmica, contudo, queimada em simples fogueiras, era porosa e frágil. Então descobriram que, queimada por mais tempo e em temperatura mais alta, a peça ficaria mais resistente e que poderiam polir a superfície

com uma pedra ou toco de madeira. A decoração dos objetos, normalmente grafismos, era feita com um pauzinho ou com os dedos. Usavam ainda pigmentos de tonalidades avermelhada e creme, preparados a partir de argilas diferentes para dar cor (PENIDO; COSTA, 1999, p.10).

Com o passar dos séculos, foram sendo descobertas, diferentes fórmulas e técnicas para cozinhar e modelar a cerâmica. No Egito (em torno de 5000 a.C.) surgem os primeiros esmaltes, utilizados para impermeabilizar as peças. Por volta de 3250 a.C. o óxido de ferro e o engobe<sup>11</sup> branco começaram a ser utilizados para a decoração de recipientes, que eram modelados em tornos<sup>12</sup>. Já na Grécia, encontram-se histórias de bairros inteiros de oleiros, bem como na China. Até mesmo as civilizações pré colombianas do Peru, Equador, México e Brasil dominavam técnicas complexas para a produção de utilitários, instrumentos musicais e objetos religiosos. Embora não consigamos traçar precisamente os caminhos dos saberes e técnicas, a cerâmica pode ser considerada como um saber em movimento.

Mesmo que em todos esses povos tenham-se pesquisado matérias primas, fórmulas e formas para a obtenção de resultados similares ou completamente diferentes, a cerâmica sempre depende do agora. A complexidade desse saber-fazer perpassa toda a história da humanidade e da paisagem. Retoma sua utilidade ética e estética, e requer um contínuo estudo das matérias primas disponíveis em cada ambiente, da sua inumerável capacidade de combinação, conexão e acomodação do próprio ambiente e da micro-atmosfera que está inserida. Embora possamos, com a ajuda da matemática e da química, enumerar linearmente os processos cerâmicos, qualquer movimento proporciona novos resultados. E é isso que torna a cerâmica atual na sua ancestralidade. A cerâmica enquanto processo é atualizada o tempo todo.

Por isso, diferente dos processos industrializados e rápidos, a cerâmica artesanal e artística pede atenção e espera. É necessário esperar o barro descansar, esperar a peça secar, esperar a peça esfriar...O clima incide sobre esse tempo, mas também sobre a estrutura do barro.

*O tempo ambiente é aquele que condiciona o molde da peça. Às vezes é rápido e ensolarado, é uma brisa perigosa que ao mesmo tempo que acelera a firmeza, rigorosamente se propõe a rachar por sua extrema volatilidade. Por outras, é demorado e frio, permitindo a sinuosidade e o escorrimento da malemolência da demora. O ambiente, quando provocado pelo tempo, transforma completamente as possibilidades e dificuldades.*

*Quando modelo no calor, aprendo com peças robustas e bem equilibradas. Me agrada o torno, o cilindro e a firmeza de peças amplas. Faço cerâmica rápida, mais pelo fazer do produto do que pelo processo.*

*Quando modelo barro no frio, entro em um eterno e longo diálogo. Acompanho a peça durante dias, abrindo-a, fechando-a e*

<sup>11</sup> Engobe é a argila em estado mais líquido que a barbotina. Usado como elemento decorativo em peças cruas ou biscuitadas com diversas tonalidades. Pode ser acrescido de óxidos corantes e/ou pigmentos para produzir variadas tonalidades. Também conhecido como Água de Barro.

<sup>12</sup> Torno cerâmico – também conhecido como roda de oleiro, é uma forma milenar de produção de peças cerâmicas. Consiste numa roda (que pode ser de madeira, pedra ou metal) impulsionada de várias formas, para que o barro possa ser modelado a partir do giro constante dessa roda.



*estruturando-a. A modelagem, que no calor se concentra em uma tarde, se abre para todas as possibilidades que a demora de quinzenas permite. Vejo ela ganhar corpo, estrutura, brilho, dureza e então virar quase pó. A modelagem no frio é uma dança que vira escultura (Fig.2). Um pouco pretendo colocar algo, muito tiro, buscando o limite que cada etapa de secagem permite. E são muitos. A cerâmica do frio, faz do produto mero possuidor do grande processo que o alarga.*

*A modelagem no frio permite perder tempo. Permite abandonar. Permite mudar de ideia. Permite extrapolar. A modelagem no calor é rápida, intempestiva. Pedre cuidado, agilidade e cobertura<sup>13</sup>.*

Se atualmente o homem vive em um tempo fictício, não determinado já pelo curso das estações ou pelos ritmos naturais do dia e da noite, mas sim pelos horários das indústrias, dos trens e das datas de vencimento (DORFLES, 1984), a cerâmica funciona como um lembrete à importância do que mantivemos como ordinário. O fazer cerâmico indica uma atenção do que nos acontece, nos transforma e nos modifica, como propõe Larrosa (2002) sobre o saber da experiência.

*De manhã cedinho, olho pela janela e vejo a geada cobrindo o verde do campo. É inverno. Os troncos deitados perto da casa (Fig.3) ficam com uma fina camada de gelo, e os primeiros raios de sol começam a incidir sobre eles. Ao caminhar em direção ao açude, paisagem singular nas manhãs frias de inverno, meus passos deixam marcas no branco sobre o capim. Ao mesmo tempo que a geada é um espetáculo grandioso, muitas plantas sofrem com esse frio, chegando até mesmo a morrer. Essas são algumas memórias de momentos que passamos no sul do sul, interior de Encruzilhada do*

13 Relato de Taís Beltrame dos Santos, Pelotas-RS.



*Sul, localidade do Passo da Guarda.*

*Em alguns açudes próximos a nossa casa, encontramos barro selvagem, que é uma das principais matérias primas utilizadas no fazer cerâmico. A lenha que queima no fogão, aceso pela manhã, gera a cinza utilizada para a criação do esmalte cerâmico de cinzas. Esse mesmo fogo aquece a água para o chimarrão e a água que também é usada para trabalhar com o torno cerâmico. Durante o inverno, tornejar é um ato de coragem! A água morna ajuda a enfrentarmos esse desafio, que logo em seguida, se transforma em um sentimento tão agradável, que acabamos não sentindo mais frio. Aqueles momentos são tão intensos que geram o calor necessário para prosseguirmos com o fazer cerâmico.*

*E então se inicia um período de “namoro” com as peças torneadas. Ficamos observando o brilho do barro e sua cor. Essas características são indicativas do começo da sua secagem. O brilho vai diminuindo até desaparecer e sua cor vai ficando menos intensa. É preciso que a peça seque um pouco, até chegar ao chamado ponto de couro, para podermos retorneá-la – esculpir o seu fundo - ou ainda executar alguma outra intervenção que se deseja fazer na peça. Porém, em dias frios, atingir esse ponto, leva um determinado tempo. No inverno existem dias frios e secos, dias frios e úmidos. O processo cerâmico está intimamente ligado com esses tempos. Até chegar ao forno, as peças, assim como o ceramista, percorrem um caminho que precisa ser de paciência e algumas vezes de resiliência<sup>14</sup>.*

14 Relato de Angélica de Sousa Marques, Encruzilhada do Sul-RS.



O processo cerâmico funciona como um dispositivo<sup>15</sup> que instaura um acontecimento e provoca um intervalo no espaço/tempo do artista, causando uma descontinuidade. De acordo com Dorfler (1984): um intervalo ou diastema, entre uma coisa e outra, que contribui para desaceleração da velocidade a que estamos submetidos. A cerâmica pode ser uma interrupção do tempo contínuo, um convite à consciência do intervalo. A geração de pausas ou intervalos tem como intuito promover uma desaceleração no indivíduo. A modelagem funciona como dispositivo, de maneira a poder disparar reações múltiplas no modelador. É um atravessamento no cotidiano do ceramista que em alguns momentos, pode acessar sua criança interior. O jogar, o brincar, o sujar-se de barro como uma transgressão autorizada e criativa da rigidez do cotidiano. O fazer cerâmico é avesso ao tempo industrial, ele é aberto, complexo e mutável. Sua demora pede cuidado e adaptação. Cada dia, cada semana e cada estação são relevantes. Junto aos ciclos, a cerâmica sempre muda.

*Na primavera-verão-outono, amanhece mais cedo e o canto dos pássaros nos convida a sair da cama. Abrir a porta e a janela, e sentir o perfume do orvalho das manhãs. Os João-de-Barro cantam e seguem construindo seus ninhos. As primaveras e as madressilvas estão floridas, e inundam a casa com o seu perfume. Ao dar uma caminhada ao redor da casa, passamos pelo canteiro das alfazemas, e basta um simples toque para que também, seu perfume nos alcance. As abelhas fazem a festa nas minúsculas flores roxas.*

*Parece-me que o fazer cerâmico foi feito para a estação do verão, ou ainda para a primavera e outono no sul do sul (Fig.4).*

<sup>15</sup> Agamben entende que dispositivos são “qualquer coisa que de algum modo tenham a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (2009, p.13), ou seja, que tenha a capacidade de proporcionar significação e que resulte na criação do sujeito.

*São estações nas quais a temperatura faz com que o barro nos chame para trabalhar com ele. Embora com suas diferenças, as temperaturas são mais agradáveis para tocarmos no barro e nos molharmos com a água do torno cerâmico. Porém, o período de namoro com as peças pode se tornar menor, não somente pela temperatura, mas porque nessas estações, o vento manifesta-se no caminho entre as peças e o ceramista. No sul do sul, embora eu esteja contando e apontando as estações que me dão mais ânimo para o fazer cerâmico, não é possível dizer que isso é uma regra. As estações variam e dentro de cada uma existe também a variação da umidade e dos ventos. Então podemos dizer que o barro se torna um indicador nesse sentido. Quando olhamos para as peças feitas no dia anterior, por exemplo, - Ah, o tempo secou!*

*Ou ainda, - Nossa, que umidade!*

*E assim, continuamos fazendo cerâmica e contornando as curvas da aceleração, da temperatura, da umidade e do vento. Para mim, esse território, no qual o ceramista/artista está imerso, se desenvolve com base na afirmação que faz Pelbart (2000), de que - o tempo não existe, pelo menos não enquanto tal, não em sua essência. Mas, a partir de seus operadores, de tecnologias que permitem a produção da experiência no tempo, sua vivência, sua ideia e sua forma<sup>16</sup>.*

#### **Cerâmica: um saber cíclico e cumulativo e uma arte relacional complexa**

A cerâmica como saber prático e cumulativo nos lembra da grande rede tecida para que escolhêssemos, preparássemos, modelássemos, queimássemos o barro como o fazemos. Como arte milenar, presente em todos os lugares e frentes, seu saber é mais que democrático, é comunitário. Não hierarquizado como as escolas europeias de pintura, o saber cerâmico nasce do fazer saber-ensinar-observar. Assim, seu processo enquanto produto e aprendizagem acontece em ateliês, entre amigos, conhecidos, e curiosos encantados.

Isabela Frade ao falar sobre pedagogia do artesanato propõe:

Na verdade, é um corpo que fala. Esse é um modelo de aprendizagem que prepara o corpo para um saber, um saber que é do próprio corpo. O conhecimento que o artesão realiza em seu trabalho traduz uma sabedoria do corpo que não pode ser reduzida à racionalização. Ela precisa ser incorporada. [...] é um espaço em que o corpo pode aprender segundo outro corpo: a técnica como a experiência passada pela observação. (FRADE, 2006, p.42-44).

Na incorporação do gesto, a intencionalidade pede repetição. A prática e o acompanhamento permitem o desenvolvimento de cada instante, onde o fazer se une com as possibilidades técnicas, teóricas e políticas. Nesse encontro entre corpos, que repetem gestos mas também discutem outras formas de operar as técnicas, ao alcançar resultados e sistematizar conhecimentos que a compreensão do fazer-aprender acontece. Nessas relações,

<sup>16</sup> Relato de Angélica de Sousa Marques, Encruzilhada do Sul-RS.

que se dão corpo a corpo, está a arte relacional.

Nicolas Bourriaud (2009), crítico de arte francês, afirma que toda arte é relacional em maior ou menor grau porque sempre nos relacionamos com a arte e os artistas de outras épocas. Para compreender melhor a arte dos anos de 1990, Bourriaud (2009), propõe a estética relacional, que valoriza as relações estabelecidas por meio da arte; faz isso a partir das relações que acontecem dentro dos espaços institucionais. Mas, é a partir de Florianópolis, em meados dos anos 2000, que o professor José Luiz Kinceler expande o conceito para Arte Relacional em sua forma Complexa, levando proposições em arte para além das instituições.

As propostas relacionais em sua forma complexa transitam tanto pelos marcos convencionalizados da instituição Arte quanto se aproximam de acontecimentos e situações inseridos nos mundos de vida cotidiana, disponibilizando ao artista novas possibilidades de atuação no Real que materializem espaços de vida que gerem participação, reflexão e diálogo a partir do convívio. Enfim, geram relações de descontinuidade onde a subjetividade dos sujeitos envolvidos pode ser reconstruída. Sua forma de representar cria um corte momentâneo sobre determinado contexto, ampliando nossa visão e fazendo com que a realidade possa ser vista e vivida de outras maneiras (KINCELER et al., 2007, p. 186).

A atuação do ceramista diretamente na realidade, gera atravessamentos que possibilitam que os sujeitos envolvidos nas práticas artísticas se desestabilizem com as descontinuidades geradas no cotidiano. Dentro do grupo, mesmo a distância, saímos de cada encontro encantados com as descobertas, investigações e processos desencadeados pelo outro. Existe uma contaminação que é motivadora, gerando inspiração.

Anarrativa surge, no sentido benjaminiano, como uma forma de apreensão, sensibilidade e compartilhamento dessas experiências. Narrando as aventuras e descobertas, dizemos sobre nossa aprendizagem, reverberando um processo de pesquisa tanto individual quanto conjunto. “A experiência que passa de pessoa a pessoa, é a fonte de todos os narradores” (BENJAMIN, 1993, p.198), e na complexa relação que tecemos, nos inspiramos a dizer e descrever o que nos acontece, como forma de compreensão, mas também de ensino-aprendizagem.

Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual (BENJAMIN, 1993, p. 205).

Acreditamos na potência da narrativa como uma possibilidade de expansão dos saberes que são por nós conjuntamente vivenciados. Assim, escrevemos na busca de um registro de saberes ancestrais mas sempre carentes de atenção. A partir de nossas percepções, queremos instigar outros artistas e ceramistas a perceberem os acontecimentos que incidem sobre suas práticas cotidianas descontinuadas.

## Experiências cerâmicas

*Encontrar e coletar o barro, dissolver, peneirar, deixar secar, talvez misturá-lo com outro barro, se necessário incorporar outros materiais, sovar, sovar, sovar... retirar o pedaço que se deseja modelar, imaginar, criar, modelar, retardar sua secagem para voltar num próximo momento, retomar a modelagem, observar a peça, sentir sua textura, umidade, algumas vezes esperar, esperar, interferir no acabamento – pintar com argilas de cores/tons diferentes - subtrair e acrescentar partes - brunir - esperar mais uma vez e/ou quantas forem necessárias, retomar o acabamento, aguardar sua secagem, levar ao forno para biscoitar, fogo, fogo, esperar a temperatura baixar, retirar as peças, analisar e aplicar o processo – lixar, lavar – quebrou! descartar - o que a peça precisar, o que ela pedir, se necessário esmaltar - preparar o esmalte - aplicar - dar acabamento à esmaltação - levar ao forno novamente, fogo, fogo, fogo, esperar a temperatura baixar, retirar as peças, dar acabamento... repetir, repetir, repetir. Nessa repetência são percebidas sutilezas determinantes para o aprofundamento da compreensão do ato de criação<sup>17</sup>.*

### Encontrar o barro

O processo cerâmico começa com a procura pela argila. O barro está em quase todo lugar. É o mineral sedimentar mais espalhado pela crosta terrestre, e pode ser encontrado em todos os solos em algum percentual. O barro está no campo, nas ruas (Fig.5) e até mesmo nos grandes centros, sob nossos pés, por baixo das várias camadas de concreto e asfalto.

A argila secundária, comumente utilizada no fazer cerâmico, é formada a partir da decomposição de rochas ígneas e do deslocamento de seus fragmentos pela ação da água das chuvas e dos rios, que normalmente a levam para longe da rocha de origem. Esse processo, chamado lixiviação, faz com que os elementos armazenados nas rochas, principalmente os metais alcalinos e alcalinos terrosos, sejam eliminados, gerando um material muito pequeno composto basicamente por óxido de silício e alumínio. Este recurso natural é produzido pelo transcurso de milhares de anos. Sua apropriação de maneira não consciente pode esgotá-lo, ou ainda causar grandes danos ao meio ambiente. Por isso, a coleta manual da argila pode ser uma forma menos invasiva de obtenção do material, do que sua aquisição industrial.

Embora estejamos acostumados a vê-lo apenas nos conhecidos pacotinhos de barro escolar - para encontrá-lo e descobri-lo de fato, basta cavar a superficial camada da civilização. Então, como se relacionar com esse barro selvagem? Como descobrir o solo por entre as camadas de domesticação? Por entre a areia, as raízes, os carvões e as diversas outras partículas que não sabemos definir?

Um caminho possível é olhar para o ambiente com os olhos atentos. Esse olhar revela-se como tática que busca descobrir os barros em camadas de solo que pouco conhecemos e se constituíram muito antes de todos nós. Um resgate ao diferenciar as matérias primas que estão em nosso entorno, principalmente a argila, a areia e a matéria orgânica. Estar em contato com esse território, o toque em si, nos impulsiona a buscar, compreender e se relacionar com os múltiplos tempos ligados ao barro.

<sup>17</sup> Texto extraído da dissertação de mestrado, em andamento, de Angélica de Sousa Marques, sob orientação da professora Angela Raffin Pohlmann, no Programa de pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas.



*De baixo de uma fogueira ao som dos pássaros e o sussurro do vento, com pés nus ao chão e na companhia de um bloco de anotações, o lápis se torna intérprete das minhas emoções e em uma conversa profunda tentando achar a razão da mente implicar tanto com minhas recordações. Basta o toque e o aroma da terra ao chão, e lá vem ela me explicar a razão, o mundo tão cheio de compromissos e você aí jogada no chão, voltando a ser criança nas suas recordações. Eu brigo tentando mostrar que é a melhor solução, quando a alma precisa de um tempo de toda desorganização. E no rabiscar das emoções o bloco de anotações testemunha a grande confusão da mente, achando errado que eu me perca nas recordações. Enquanto o vento anuncia a chuva que se aproxima, basta o cheiro da terra molhada surgir para que eu encontre a minha criança interior, pés nus ao chão e os dedos a procurar a parte da terra mais lisa pra nela eu esbarrar, e com todo cuidado, da terra retirar basta cavar em volta e devagar desenterrar; a greda<sup>18</sup> sai prontinha para com ela criar: pote, panela, boneco, o que a imaginação mandar, é nesse momento que a mente passa também a brincar esquecendo por alguns instantes qual era sua lição, enquanto a greda dá a sua contribuição tão cheia de curvaturas escorrega pelas mãos. E quando a mente persiste em*

<sup>18</sup> Greda é um barro muito macio e friável, de um amarelo esverdeado, que geralmente contém sílica e argila.



*tomar a razão a chuva já foi embora deixando a composição na terra somente as marcas do barro retirado do chão<sup>19</sup> (Fig.6).*

Embora a argila encontrada no solo das cidades e encostas seja uma opção viável para a produção cerâmica, normalmente sua versão mais plástica<sup>20</sup> e pura pode ser encontrada na beira dos rios, onde a própria vegetação atua como um filtro de materiais como o óxido de ferro, e a matéria orgânica atribui capacidades plásticas ao pequeno mineral. Com pés fixados dentro do rio, a coleta da argila é feita com as mãos, utilizando-as para cavar e trazer o material para superfície. Após a coleta, é possível lavar e peneirar a argila, retirando objetos e materiais indesejados que podem comprometer a estrutura das peças.

*O barro ganha forma: a modelagem e o tempo*

*O vento sul e as imposições do frio*

*No sul tem um ar que só quem já esteve aqui conhece. Por mais estranho que pareça, quando me afastei dessas terras, não senti tanta saudade de casa, mas sentia falta do vento todo santo dia... Esse ar não é especificamente o que a maioria das pessoas chamaria*

<sup>19</sup> Relato de Cleusa do Nascimento Ferreira, Ijuí-RS.

<sup>20</sup> Característica atribuída a argilas que possuem grande maleabilidade.

de “brisa agradável”, na verdade, está mais para “ar cortante”. O dito cujo dá conta de entrar por toda e qualquer fresta que exista, e quando começa a soprar não é preciso estar na rua para saber que o frio está passando por estas bandas. Como canta, um de meus compositores prediletos, “el viento, cruza la calle buscando abrigo, y no hay testigos al sur del sur”<sup>21</sup> (o vento cruza a rua buscando abrigo, e não há testemunhas ao sul do sul), ele se convida para entrar e, como se não bastasse, ainda pede uma xícara de chá.

Quando eu voltei para o sul, algumas semanas bastaram até que eu matasse a saudade do bendito vento, Minuano, como chamamos por aqui. A saudade passou e ele não. Um vento tirano como esse não pede licença, não se atenta a quem possa importunar no caminho, entrava por todos os lados em meu ateliê de cerâmica, que foi planejado para o verão. Minha dúvida já não era mais sobre qual forma eu deveria dar ao barro no torno, mas sim, se era melhor enfiar as mangas no barro ou congelar os punhos descobertos. No segundo ou terceiro dia de resistência, percebi que o inverno de fato havia chegado para ficar, ao menos pelos próximos três meses.

Por sorte, no ateliê onde aprendi cerâmica, também ensinavam gambiarra. E desprendimento, adaptação, enjambre e ainda uma dose de despreocupação com sujeira. Afinal, barro não é sujeira. Portanto, como o vento não iria embora, o ateliê precisava mudar-se. Arrastei o sofá da sala um pouco para o lado, tirei os tapetes, e o torno (Fig.7) ganhou o espaço mais prestigioso da casa: bem do lado da lareira.

Eu, com meu apreço pelo aconchego do calor, me acomodei contente naquele mesmo lugar ao longo de todo inverno. Minhas horas eram organizadas em função de alternar as sovas do barro e dos pães que haviam sido encomendados para a semana. Calculando o tempo da secagem do barro e da fermentação dos pães, e lavando as mãos incontáveis vezes entre uma coisa e outra, até que estivessem totalmente enrugadas. Ao longo desse inverno, toda cerâmica feita não precisava esperar entrar no forno para ver o fogo, a sala de estar se tornou o melhor ateliê, e o ateliê se tornou a melhor sala de estar<sup>22</sup>.

#### Do norte ao sul do sul

Se a peça seca ou não, o vento decide se deixa a peça secar até rachar ou não. O frio decide se eu vou modelar ou não. As minhas mãos ficam inapropriadas para trabalhos manuais no inverno, elas ficam inchadas e doloridas, mas o clima favorece as peças que lentamente secam e permitem interferências antes que fiquem secas totalmente.

Quando as temperaturas sobem e o sol dá as caras, o chão da área aberta do apartamento se torna um ateliê de cerâmica temporário. Sou ansiosa, faço a peça como se nunca mais fosse mexer nela, quero detalhar o máximo a peça na argila ainda úmida e deixo secá-

21 Trecho da música “Al sur del sur” de Jorge Drexler. Álbum: Frontera. 1999.

22 Relato de Eduarda Lenzi, Pelotas-RS.



Figura 7 - Registro de execução de peça no torno cerâmico, colocado ao lado da lareira. Fonte: Acervo Eduarda Lenzi, 2021.

la na sombra no tempo dela. Se rachar penso em refazer ou não, mas se não rachar espero a oportunidade de poder queimá-la.

Nos últimos dias, indo ao ateliê da faculdade nas quintas de manhã, mudei minha percepção de fazer cerâmica. Na quarta, deixo preparado minhas peças secas para queimar ou esmaltar numa bolsa de forma a não bater umas nas outras, caso permita-se levá-la, ou apenas me preparo para sujar-me de barro e esvaziar minha mente para modelar uma forma não planejada (Fig.8). Prefiro o acaso, a tentativa e o erro, ao simétrico do torneado. Meu primeiro contato com a cerâmica foi no Sul, onde a umidade de Pelotas decide. Mas sou do Norte, lá de Roraima.<sup>23</sup>

#### A persistência da água no barro: umidade

Entro no ateliê e o chão parece úmido, meio colento até. Lá fora o mar soa revoltado e o vento traz sal, é Nordeste que apontam as folhas das palmeiras. Dou uma olhada na argila que coloquei no gesso ontem, não secou quase nada ainda. É dia de retornar, o processo de acabamento ou desbaste das peças feitas no torno. É uma etapa comum pra quem torneia, já que assim que são modeladas na roda de oleiro, ainda estão muito úmidas para se manusear e fazer um bom acabamento na base. Então, esperamos a peça secar um pouco, às vezes horas, às vezes dias, a depender do tempo e umidade. Ai sim, quando estão mais secas, é possível virá-las de ponta cabeça e ir retirando excessos de argila. Um ponto legal desse processo é fazer o que chamamos de “pézinho da peça”, aquele afundo embaixo dela, que define melhor sua forma e a deixa mais leve.

23 Relato da Lívea Carmo, Pelotas-RS.



*Assim, toco as peças, experimentando seu ponto e observo o brilho do barro, para saber se estão prontas para esta etapa, ponto de sabão ou de couro, como chamamos. Pego os corpinhos de argila da prateleira, que agora são copos, mas depois de desbastados, vou colar alças e serão xícaras (Fig.9). Faz uns três dias que os torneei ... se fosse vento Sul batendo, provavelmente no mesmo dia estariam secos o suficiente para desbastá-los. Mas é Nordeste que canta as regras e sequei precisei tapar as peças com plástico para preservar a umidade. Uma a uma, coloco a vir-a-ser-xícara virada com a base pra cima no centro do torno. As ferramentas, lâminas em diferentes formas fixadas à uma haste de madeira, já estão na minha frente. Os ditos "inox" já enferrujaram, a salinidade aqui é cruel, e algumas já estão só um filete de lâmina, pelo desgaste do uso contínuo<sup>24</sup>.*

*As transformação do barro que vira cerâmica: a queima*

*"Los hornos no se compran: se hacen" (Chiti)*

Um forno cerâmico a lenha é um complexo equipamento que funciona como um

<sup>24</sup> Relato da Ágata Tomaselli, Florianópolis-SC.



Figura 9 - Peças cruas na prateleira do ateliê antes de serem levadas à primeira queima. Fonte: Ágata Tomaselli, 2021.

acumulador de calor que à medida em que é alimentado com fininhos pedaços de madeira a um ritmo adequado é capaz de chegar a grandes temperaturas como até 1300°C. Desde milhares de anos a cerâmica é queimada em fogueiras e nelas nasceu, e apenas recentemente (pós segunda-guerra) começou a ser feita também com os fornos elétricos. Entre as primeiras queimas com fogo e as atuais queimas com eletricidade, muitas tecnologias do fogo se desenvolveram junto com modelos cada vez mais elaborados de fornos com chama viva, como os antigos fornos chineses a carvão e os fornos alemães a carvão e sal (séc XVIII), estes últimos podiam alcançar temperaturas de mais de 1200°C.

*Depois de ter feito algumas peças e essas estarem bem secas, o que depende do clima do momento, começo a pensar na queima, minhas primeiras queimas foram à lenha em um forno que construí com a tutela de meu amigo Duke, e sempre que penso em queimar peças me lembro das primeiras experiências com a lenha verde. Quem vende lenha de acácia sempre alega que está bem seca, mas não dá pra confiar. A umidade da madeira atrapalha o completo arder da lenha e torna difícil o corte, quando os dias estão secos é o momento oportuno para rachar a lenha e eu não entendo o porquê dela rachar com maior facilidade, mas desconfio que a água faz a madeira mais coesa e sólida, penso que sem ou com menor quantidade de umidade a madeira possa se romper mais fácil ao golpe do machado, penso também que é melhor fazer isso entre seis e oito da manhã, ainda*



*assim é melhor ter uma segunda lenha a mão, que são das caixas de frutas previamente desmontadas e armazenadas, porque é de graça e as madeiras já estão cortadas no tamanho adequado.*

*Desde que vi um Forno Condorhuasi<sup>25</sup> queimando cerâmica na casa de um amigo, o Duke, no balneário Cassino (Rio Grande-RS) em um verão um tanto ventoso, o que mais chamou a atenção de imediato foi a lenha estar picotada, bem diferente do que eu costumava ver entrar em um fogão a lenha. Esse forno, o Condorhuasi, tem uma proposta ecológica, pois é alimentado com descartes de lenha, podas de árvores ou restos de madeira descartados pelas madeireiras, o Condorhuasi do Duke, feito em um tonel, ardia muito na já adiantada queima que acontecia, consumindo com intensidade e velocidade os “caquinhos” de lenha de variados formatos sempre finos com no máximo um centímetro de espessura.*

*Quando comecei a queimar no meu próprio forninho, O Calcifer, (Fig. 10) em Camaquã-RS, procurava por caixas de frutas, feitas com tabuinhas de pinus, que é uma madeira de grande poder calorífico. No começo as ganhava no mercado local, depois o mercado começou a querer me cobrar 1/4 de real; desisti de pegar lá e comecei a comprar lenha de acácia, mas depois de algumas queimas percebi que comprar lenha no inverno é um problema. A lenha de acácia é muito menos potente que a lenha de caixa de fruta, fundamentalmente porque a madeira das caixas de fruta está adequadamente cortada, enquanto a lenha de acácia além de úmida é difícil de cortar com espessura adequada (de cerca de um centímetro).*

<sup>25</sup> Forno desenvolvido pelo pesquisador argentino Jorge Fernandez Chiti.



*Lembro-me que em um momento desse caminho com o Calcifer, um amigo me avisou que em uma obra no centro da cidade estavam colocando ripas de pinus no papa-entulho. À noite fui lá procurá-las e voltei com o carro cheio, tendo que fazer três viagens para levar tudo, essa lenha rendeu tanto como a das caixas de fruta e foi praticamente sem custo.*

*No verão a lenha arde com força e assim aconteceram os meus primeiros estudos de queima, no forno Calcifer (Fig. 11) que foram sempre atentas e cautelosas: duas horas com fogo ameno do lado de fora, antes de adentrar ao forno, pode ser mais difícil do que parece manter um fogo pequeno com lenhas finamente cortadas, sem que se apague ou faça subir muito a temperatura, esse balanço térmico é difícil de encontrar e complicado de manter, depois a gente vai levando um pauzinho e depois outro mais pra frente em direção ao interior do forno. Na hora parecia-me um tanto arriscado mas depois de cerca de duas horas as peças já deveriam ter perdido toda a “água fácil”, quando começa a perder a água molecular (aquela combinada quimicamente com a argila em transformação) o que pode levar de quatro a cinco horas, para não se apressar. Sete horas de queima em um forno pequeno (cerca de 30 litros) é um tempo prudente<sup>26</sup>.*

#### Fogo e tempo

Manter o fogo de chão aceso, o que aqueceu comunidades desde tempos remotos, foi vital para a permanência humana no Sul. Porém, as tecnologias modernas e de demanda industrial, aliadas à falta de manejo adequado da natureza, culminaram na escassez de lenha, principalmente para comunidades mais empobrecidas, fato que

<sup>26</sup> Relato de Guilherme Dias Macedo, Camaquã-RS.



tem nos afastado do fogo. Desde muito cedo na infância urbana somos alertados para os perigos do fogo. Isso tem gerado uma repressão à curiosidade pueril e às práticas ancestrais de aquecimento de dias e noites geladas e dos processos lentos de cozimento dos alimentos.

*Fazer cerâmica é uma forma que encontramos de manter o fogo aceso na contemporaneidade e de cultuar e entender seus encantos. Recuperar o encontro e a conversa, resgatando o uso de fornos de chama viva. Renascer a cerâmica antiga, faz surgir em nós um sentimento de ancestralidade.*

*O tempo e o fogo, o tempo de fogo, as temperaturas nos fornos, as altas temperaturas. Pelo fogo as massas cerâmicas retornam ao estado primordial de rocha, o fogo lhes confere tempo. Atingir temperaturas altas ou permanecer tempos prolongados a determinadas temperaturas (Fig. 12) conferem dureza e resistência às argilas, lhes atribuem tempo de permanência. O pintor e ceramista pernambucano Francisco Brennand diz: “[...] então um mural meu*

*pode entrar moderno no forno, eu até diria medíocre, e sair com dez mil anos e uma obra prima*<sup>27, 28</sup>.

### Por um fazer coletivo ao sul do sul

Viver a cerâmica em coletivo traz a possibilidade de expandir os conhecimentos através da pesquisa do outro e, por consequência, do ambiente que o outro ocupa. Em um espaço com vários ceramistas, cada um contribui com sua potencialidade. Fazer cerâmica dá trabalho, e muito! Dividi-lo com amigos atenua o processo braçal que a autonomia requer. Quando testamos e o vaso racha, o copo quebra, o fogo não vinga e a queima não atinge a temperatura, analisamos juntos os percalços, compreendendo os acertos e erros, estudando novas formas e métodos de realizar cada uma das tarefas.

As novas descobertas permeiam os trabalhos individuais de cada ceramista e possibilitam a construção do saber coletivo. Essa troca, aproxima aqueles com mais e com menos familiaridade com os termos e conceitos oriundos do universo cerâmico. O novo ceramista é corajoso, curioso! E relembra aos mais velhos que não existe caminho certo. Os mais experientes, orientam as tomadas de decisão, ensinando atalhos, e instruindo caminhos palpáveis em um universo extremamente mutável. Entre o tempo e a arte, a intensidade e a extensão, as experimentações de resultados mais ou menos agradáveis, elucidam as possibilidades tecnológicas e estéticas, alimentando uma permanente troca de conhecimentos e informações. Nunca se pode saber tudo na cerâmica. Ela é sempre traiçoeira, e guarda seus segredos na tecitura de diversidades e adversidades. Ao narrar e entrelaçar os trajetos individuais, conectamos as descobertas, os percalços, as alegrias, os aprendizados; possibilitamos a modelagem e apropriação da mera informação, desdobrando-a (tal qual barro, água e fogo) numa potência de expressão que é capaz de conservar e ampliar suas forças depois de muito tempo.

Em um espaço de interação e pesquisa conjunta, cada um avança com a pesquisa do outro, compartilhando na sua trajetória a própria idealização do saber coletivo. Na complexidade possibilitada pelas matérias e tempos, a reunião de pesquisadores amortece a dimensão da cerâmica e da paisagem. Juntos, aprendemos a aprender com o corpo todo e com os resultados do outro, nos reinventando e dispendo a uma prática inesgotável sobre a atenção ao agora e a descontinuidade que a produtividade requer. Fazemos cerâmica como um movimento político de encontro com o barro, com a paisagem, com o tempo e com nós mesmos.

### Referências

AGAMBEM, Giorgio. O que é um dispositivo. In: *O que é Contemporâneo? - e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009, p. 27-51.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia, técnica, arte e política*. v. I, 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CHITI, Jorge Fernández. *Curso Práctico de Cerámica*. Buenos Aires: Ediciones Condorhuasi, 1998, Tomo 1.

<sup>27</sup> Francisco Brennand em FRANCISCO BRENNAND DEMIURGO. Direção: Feli Coelho e Celso Giovanni. Produção de Trade Comunicação. Ministério da Cultura, 1998. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=mCEsJEeWSOA&ab\\_channel=AgnaldoRuivo](https://www.youtube.com/watch?v=mCEsJEeWSOA&ab_channel=AgnaldoRuivo)

<sup>28</sup> Relato de Paulo Damé, Encruzilhada do Sul-RS.

DORFLES, Gillo. *El Intervalo Perdido*. Barcelona: Editorial Lúmen, 1984.

FRADE, Isabela. *A pedagogia do artesanato*. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p.41 -9, 2006.

KINCELER, José Luiz. ALTHAUSEN, Gabrielle; DAMÉ, Paulo. Desestabilizando os limites – Arte relacional em sua forma complexa. In: *ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS PANORAMA DA PESQUISA EM ARTES VISUAIS*, 15., 2007, Salvador-BA. Anais Eletrônicos [...]. Salvador: UNIFACS, 2007. Disponível em: [http://www.anpap.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Anais-Anpap15\\_vol01.pdf](http://www.anpap.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Anais-Anpap15_vol01.pdf). Acesso em: 25 set. 2019.

HARVEY, David. *Cerâmica creativa*. Barcelona: Ediciones Ceac, 1978.

PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio: Políticas da Subjetividade Contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PENIDO, Eliana; COSTA, Sílvia de Souza. *Oficinas: cerâmica*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 2002.

# RETOMADA DA PAISAGEM

## Representação, audiovisual e singularidade

*RESUMPTION OF THE LANDSCAPE*  
*Representation, audiovisual and uniqueness*

*Francisco Maximila<sup>1</sup>*

### Resumo

A discussão da escrita propõe uma análise a partir de passagens audiovisuais, colocando seus territórios em relação com a produção de singularidade e as noções de representação que emergem dali. E neste artigo busco o que está pautado principalmente nas obras audiovisuais *Desalambrar* (2019) e *Milonga Lejana* (2021), e que por meios de registros cartográficos inspirou desdobramentos, produzindo novos deslocamentos e registros de investigação. Tenho como principais teóricos: Gilles Deleuze, Félix Guatarri e Nelson Brissac Peixoto. A escrita está dividida por cinco pontos essenciais no meu processo cartográfico, um território: produção e percepção de território, uma imagem: a descoberta do próprio território a partir da produção artística, uma paisagem: o que está aos olhos de todos, outro território: quando a paisagem se transforma em imagem e por último o revisitar: visitar paisagens criando outras imagens.

Palavras-chave: fronteira, paisagem estética, audiovisual.

### Abstract

*The discussion of writing proposes an analysis based on audiovisual passages, placing their territories in relation to the production of singularity and the notions of representation that emerge from there. And in this article I seek what is mainly based on the audiovisual works *Desalambrar* (2019) and *Milonga Lejana* (2021), and which through cartographic records inspired developments, producing new displacements and investigation records. I have as main theorists: Gilles Deleuze, Félix Guatarri and Nelson Brissac Peixoto. Writing is divided into five essential points in my cartographic process, a territory: production and perception of territory, an image: the discovery of one's own territory through artistic production, a landscape: what is in everyone's eyes, another territory: when the landscape is transformed into an image and finally revisiting it: revisiting landscapes by creating other images.*

*Keywords: border, aesthetic landscape, audio-visual.*

*No soy de aquí, ni soy de allá.*  
*Facundo Cabral*

### Um território

Território indefinido porque é desconhecido o ponto de partida. Assim como uma navegação para uma ilha desconhecida (SARAMAGO, 1997), o percurso desta escrita apresenta caminhos por um território ao sul da geografia do mundo mas também ao sul como a criação a contrapelo. Mais do que uma caminhada de partida e chegada, interessa perceber as retomadas de uma paisagem já vivida. Vivida. Portanto, interessa movimentar as reflexões instigadas entre o audiovisual, a educação e a produção poética.

A pergunta disparadora da reflexão aqui posta sobre como poderia se dar o audiovisual no âmbito escolar, foi desenvolvida no contexto da Licenciatura em Artes Visuais<sup>2</sup> e é retomada com ênfase nas questões entre o campo da arte-educação e de metodologias em audiovisual. Como essa ferramenta poderia ser utilizada, não somente como um conteúdo encerrado em si, e também para além da exibição, enquanto linguagem?

A partir da percepção da linguagem audiovisual, a apropriação dela enquanto ferramenta para minha produção artística promove uma importante reflexão sobre meu fazer enquanto um território de experimentação estética-educativa. Na contramão de uma escola positivista, essa produção de território através do audiovisual abre uma janela, uma nova possibilidade de apropriar-se, de perceber o lugar onde se vive. Outro indício e talvez o ponto de articulação dessa pesquisa, se dá a partir do percurso nostálgico a que me proponho percorrer; uma trajetória do meu deslocamento de vida.

Tal investigação, apresenta um lugar ao qual já não pertencço, ou ainda, quando do pertencimento a esse território por mim constituído se dá a partir dos meus percursos, trajetos, fazeres e atuação enquanto educador. **Perceber** um território como reivindicação dele mesmo e por isso a escrita propõe uma retomada da paisagem a partir das discussões sobre representação, audiovisual e produção de singularidade.

Dito isso, a discussão apresentada passa por essa outra geografia e linhas imaginárias criadas no meu percurso, visualizo o meu território geográfico da mesma forma que observo a fronteira, é uma coisa só, Uruguai e Brasil. É um entre-lugar e está sempre em movimento.

De maneira assertiva o território reverbera na produção poética e passa a ser discutido como tema principal na pesquisa, essa relação com o território permite visualizar e perceber os lugares, entre-lugares, lugares entre, enquanto sujeito produtor de cultura também na educação. A atenção ao território permite uma contínua narração da paisagem, estendendo a fronteira pelo deslocamento, a partir do lugar de onde venho até minha formação e produção artística. O papel do artista vai sempre além da sua obra, tratando primeiro a obra no resultado de um território explorado até aquele momento e que, por sua vez, essa obra vai agenciando outros territórios, trajetos, caminhos alternativos a quem a observa e a quem a produziu. Por exemplo, em um filme que é rodado em uma determinada localidade onde não é comum que suas ruas, habitantes e paisagens sejam representadas em uma obra audiovisual, percebo na

<sup>1</sup> Artista e realizador audiovisual, professor da rede municipal de ensino da cidade de Pelotas. Atua nos territórios fronteiriços buscando compor outras paisagens por meio de documentários, gravuras e outras linguagens artísticas.

<sup>2</sup> Trabalho de conclusão de curso: Entre-fronteiras: O (fazer-criação) audiovisual para habitar a borda. 2019. Cearte, UFPel.

escuta dos relatos<sup>3</sup> de quando os moradores dos lugares se veem representados na tela quando o cinema se aproxima dos territórios ali pertencentes.

Tratar o território e conceituar o percurso poético em torno do fazer artístico por ele implicado, permite uma experiência estética em detrimento da anestesia a que estamos submetidos. Para além do percurso-território geográfico, enfatizo na minha produção seu potencial simbólico e subjetivo, já que possibilita a percepção de um “olhar estrangeiro” (PEIXOTO, 1989) permanente sobre as coisas, sobre o construir a cidade e a memória, sobre as fronteiras que habitam o percurso ao passo que o produzem.

Importante percebê-lo como um espaço de acontecimento, que realiza a fronteira ela mesma como um processo de ir e vir, como um território que invoca o deslocamento e o distanciamento daquele lugar, para então, retornar a ela como um espaço de limiares, um território fronteiro. O retorno aguça o olhar, o movimento de saída e retomada reapresenta o lugar já como outro, atualizado pela presença desse corpo em movimento. O lugar já é outro, e o seu olhar sobre ele também, visto que a cada deslocamento é atravessado por outras experiências, articulando outras fronteiras do pensamento e do fazer artístico.

Paratanto, a pesquisa inicialmente foi engendrada pela produção de um mapa audiovisual, uma cartografia, a fim de dar conta dos aspectos geográficos do território em estudo, e também das memórias, das subjetividades e dos atravessamentos que participaram da minha trajetória e constituição enquanto artista, ou ainda, os acontecimentos que produziram esta singularidade como os “processos de singularização algo que frustra esses mecanismos de interiorização de valores capitalistas” (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p.55-56), desde o sul do sul.

A discussão da escrita propõe uma análise a partir de passagens audiovisuais, colocando seus territórios em relação com a produção de singularidade e as noções de representação que emergem dali. O percurso apresentado é resultado da pesquisa com a metodologia da cartografia que inspira tais desdobramentos, a fim de produzir novos deslocamentos e registros da investigação.

Nasci no ponto mais extremo sul do Brasil, a 20 quilômetros do Uruguai e 250 quilômetros da cidade mais próxima brasileira.

Hoje vivo em Pelotas, distantes 250 quilômetros de lá. O retorno ao meu lugar de partida, o pampa, um pampa de terra e mar, uma planície longínqua um lugar de ninguém, mas também de todos. Digo isso por estar em uma fronteira, pois a fronteira é isso, um lugar de passagem, mas também um lugar de quedar-se, um aquerenciar, porém, também esse lugar de partida para quem sabe um dia retornar. E meu retorno e o quedar-se não é físico e sim entender que esse território é o que me constituiu na maneira de perceber e ver as coisas em uma outra velocidade, diferente das velocidades das gentes e cidades do norte. Não há que considerar o hemisfério norte na bússola deste percurso, a geografia percorrida contém a gente do sul. Defender o território ao sul é por pensar sempre em um território latino-americano, avesso ao modo de vida que está imposto e ao qual nos identificamos. Pensar África, pensar América e referendar sempre os nossos. Quais territórios estão acima do meu sul? Os 250 quilômetros que distanciam Pelotas já configuram um norte e as representações mais além da sua posição nas relações cotidianas. Reconheço que a perspectiva norte

<sup>3</sup> Estes relatos são oriundos da experiência em realização de projetos audiovisuais realizados em diversas localidades da fronteira Brasil e Uruguai.

e sul, hegemonicamente imposta por meio das cartas de representação, desconsidera também as relações menores dos territórios marginais inclusive contidos no norte.

Meu território, lugar que ainda me pertence, minhas raízes ainda estão lá nesse lugar onde nasci. As ramificações que vão se dando no decorrer da amplitude de um território é inerente a expansão da trajetória do sujeito, isto é, inevitável. No entanto o audiovisual Desalambar que produzi junto a pesquisa de tcc, foi um retorno as minhas memórias e raízes familiares. Porém, observar, visualizar, olhar, ver, mirar uma paisagem a olho nu é muito diferente, pois minha ferramenta de criação enquanto artista é a câmera, eu nunca havia visto a paisagem do lugar onde nasci a partir de uma câmera, isto é, quando insiro a câmera nesse lugar, nessa paisagem tão comum a mim torna-se outra coisa, pois já não a vejo da mesma maneira, quando a observo nos deslocamentos através da janela de um ônibus que percorre por aquela paisagem, ou quando caminho pelas ruas da minha cidade. A câmera na produção de um audiovisual me permite ver outra paisagem, eu enquadro de um outro ponto de vista, observo com um olhar estrangeiro sim.

E porque afirmo sobre esse olhar estrangeiro? Porque aqui estou falando da construção de uma imagem, de uma outra forma de ver, uma outra representação. As minhas memórias estão conectadas a todas as imagens que produzi e trago nesse audiovisual, por exemplo, as casas, ruas, calçadas, o cais do porto, o mar da praia do Hermenegildo. No entanto observar e retornar a uma paisagem vista como nunca antes, opera um olhar estrangeiro.

A primeira experiência com o cinema, foi no Cine Teatro Independência, em Santa Vitória do Palmar, quando aos domingos frequentava as matinês, onde eram exibidos filmes que já haviam sido lançados alguns anos atrás nas cidades brasileiras de maior porte, mas isso não importava para quem começara a tomar gosto pela tela e sala escura do cinema. Isso durou pouco tempo, já vivíamos o fim dos cinemas de calçada nas cidades pequenas. Era o fim do cinema nacional. O fim, 1991.

Pra contar um pouco da minha trajetória artística, não poderia deixar de falar sobre a minha família. Não venho de uma família que fez da arte um meio de sobrevivência, venho de uma família de uma mãe dona de casa e um pai caminhoneiro. Mas essa família é constituída de pessoas com habilidades expressivas diversas e sensibilidades a flor da pele, mesmo que, as vezes não tenham consciência de suas capacidades artísticas. Venho de uma família de pintores, escultores, poetisas e músicos, que sempre tiveram a arte presente em seu cotidiano.

Foi a partir dessas experiências do cotidiano familiar que vivenciei o fruir artístico, mesmo que inconscientemente, a arte estava lá. É a partir dessa vivência artística familiar e de um cinema agora fechado, é o que levo para a rua nas esquinas de uma cidade distante 250 quilômetros do resto do país, mesmo sabendo que ainda tem muita América Latina ao sul depois da fronteira.

### Esquina

Aqui tudo é árido, as ruas são largas, os campos planos, poucas árvores, poucas pessoas pelas ruas, o frio é impiedoso, os blusões de lã feitos pela mãe é o pouco que nos aquece, mesmo assim estamos todos quentes na esquina de sempre, vagamos madrugadas ali parados entre cigarros, risadas e bebidas que nos encorajam.

Poderia descrever como uma cena inicial de um filme, até poderia. Falávamos sobre filmes? Não, pois o cinema já estava fechado a muito tempo. Falavam sobre o que?



Tudo, menos de filmes, não sabíamos quais filmes tinham sido lançados na última década. Essa esquina estava a 250 quilômetros distante do resto do país.

### Uma imagem

Descobrir o próprio território é um exercício bastante generoso com quem o procura. E nesses trajetos em que vou vasculhando lugares comuns do cotidiano e redescobrendo elementos, que percebo o quão importantes são em minha formação. Porém, para chegar a essas descobertas e redescobertas, me apropriei da linguagem audiovisual, que de maneira despreziosa fui acostumando meu olho a criar imagens mesmo sem a câmera. Isto posto, se dá um processo de subjetivação em relação ao território aproximando-me das imagens por um nomadismo, quando:

O nomadismo selvagem da desterritorialização contemporânea demanda [...] uma apreensão “transversalista” da subjetividade, [...] uma apreensão que se esforçará para articular pontos de singularidades (por exemplo, uma configuração particular do terreno ou do meio ambiente), dimensões existenciais específicas (por exemplo, o espaço visto pelas crianças ou pelos deficientes físicos ou doentes mentais), transformações funcionais virtuais (por exemplo, mudanças de programa e inovações pedagógicas), afirmando ao mesmo tempo um estilo, uma inspiração, que fará reconhecer [...] a assinatura de uma criação (GUATTARI, 1992, p. 177) .

Aproximar o olhar para compreender o lugar onde se vive é importante para perceber a própria produção, mas esse educar não significa algo fechado, rígido, e sim uma abertura, permitir a olhar o seu próprio território. Demorei a perceber que esse lugar onde nasci e fui criado estava completamente ligado à minha produção, foi então que o meu olhar estrangeiro deu sentido àquelas imagens que até hoje fazem parte do meu imaginário.

### Uma paisagem

Estar em uma planície é estender o olho onde o céu, o mar e a terra se encontram, são léguas de distância a perder de vista. Se olho para o mar, revoltado como é, quanto mais distante o olho alcança, parece que tudo vai diminuindo de velocidade até chegar a linha do horizonte onde tudo fica calmo e nada se movimenta, o mesmo é quando viro meus olhos para a o campo, as árvores e *pastizales* e os juncos dos banhados embalados pelo vento vão tornando-se lentos até parar lá onde a terra encontra o céu. Aqui neste lugar somos embalados, movimentados pelo vento, somos redemoinhos e fazemos do nosso lugar o nosso centro do mundo. Não somos de lugar nenhum, não pertencemos nem do lado de cá e nem do lado de lá da fronteira, entendemos anarquicamente que pertencemos ainda aos campos neutrais, não somos nem portugueses e nem espanhóis, somos tudo e não somos nada.

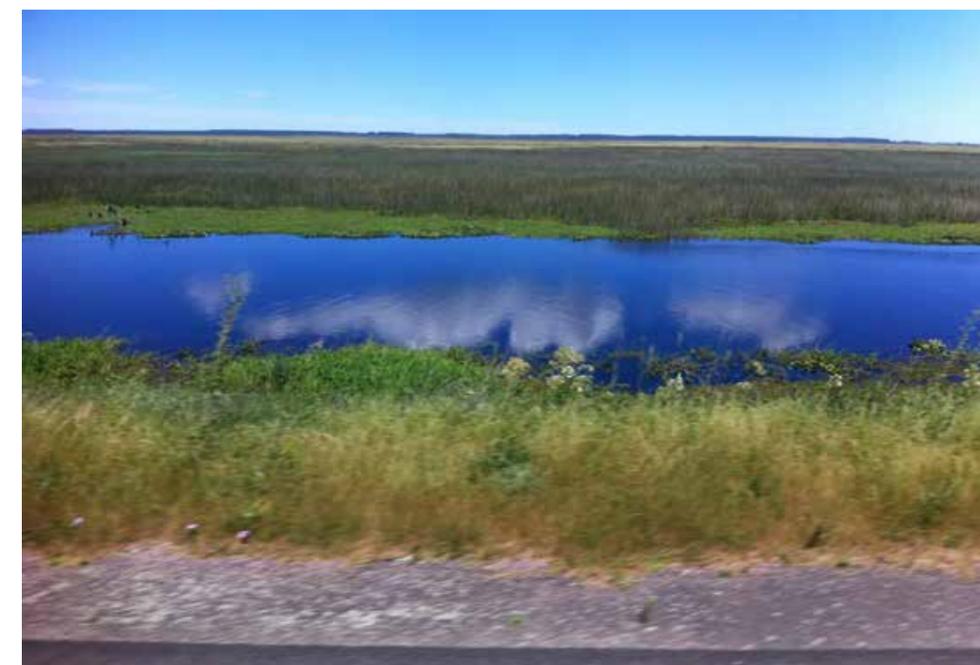


Figura 1 - Trecho entre Santa Vitória do Palmar e Pelotas. Fonte do autor, 2018. Figura 2 - Porto de Santa Vitória do Palmar. Fonte do autor, 2018. Figura 3 e 4 - Reserva ecológica do Taim. Fonte do autor, 2018.

Figura 5 e 6 - Cena do filme Sonhos de Akira Kurosawa. 1990.



### Outro território

*Entre repiques y panderos, la milonga se mezcla con el samba, no hay frontera para el viento y ni para la danza es un samba-milonguero donde todo mundo baila.*

*Al sur.*

*Hace tiempo que no vuelvo para la frontera, el sabor del viento, la gente, un buenos días, una charla en la calle, un mate, un hasta luego.*

*La playa de dos lenguas, el arroyo, ...al sur bien al sur... la cancha reta, La planura, las pladeras, al sur, bien al sur!*

*Chico Maximila*

Discutindo a influência do território em minha produção é o tema que venho me propondo a refletir nesta pesquisa, pois a partir dele pude perceber, visualizar esses entre-lugares, enquanto sujeito produtor de cultura e educador. Percebendo a fronteira pelo deslocamento, a partir do lugar de onde venho até minha formação e produção artística.



Figura 7 e 8 - Cena do curta-metragem Milonga Lejana. 2021.

### A paisagem transforma-se em imagem na construção de um território.

Buscar elementos que compõem essa paisagem para a construção de um audiovisual é talvez como encher uma pequena caixa de relicário com coisas que ainda me pertencem, pertenceram ou estão por vir. Paisagens que pertenceram a outros olhos, palavras que foram ditas por tantos, o vento, o frio que me afeta no jeito de ser. E dessa maneira essa paisagem de longas planícies faz com que essa linha do horizonte seja tão distante que o olho quase não alcança, e provoca um estado de contemplação em outro tempo, lento. São planos longos, como os de Akira Kurosawa no filme Sonhos<sup>4</sup> que nos transporta aos limites do visível, aqui colocando essa paisagem do pampa de mar e de terra. A paisagem fala sobre o comportamento do sujeito e seu habitat, é o que o constitui.

Enquanto prática cartográfica, me proponho a abordar sobre o que me afeta e as intenções de olhar. Olhar o que se olha. E é a partir da memória, do pensamento e da produção de signos que surge a provocação para ressignificar a minha produção imagética, através da bagagem criada a partir desse olhar estrangeiro durante meus deslocamentos.

<sup>4</sup> Filme do cineasta japonês Akira Kurosawa, lançado no ano de 1990.

O ritornelo vai em direção ao agenciamento territorial, instala-se nele ou sai dele. Num sentido geral, chamamos de ritornelo todo conjunto de matérias de expressão que traça um território, e que se desenvolve em motivos territoriais, em paisagens territoriais (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.139).

Produzir a partir da linguagem audiovisual e não trazer a minha produção poética anterior, se justifica em pensar no processo do roteiro, vídeo e também a montagem, que possuem a estrutura de um mapa. São três processos distintos de ação para pensar a imagem, mas que estarão sempre abertos, nunca fechados.

O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como uma obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 30).

Um mapa geográfico por mais objetivo que seja na sua definição, inevitavelmente será subjetivo, rizomático, pois o trajeto pré-estabelecido pode deixar de ser a primeira opção, a possibilidade de tomar outro caminho está na constante necessidade de deslocamento. O roteiro é um mapa, que poderá me levar a outros lugares, outras paisagens, haverá outros percursos ainda desconhecidos. O mapa-roteiro é um guia nesse emaranhado de paisagens e sons que me habitam. Surgirá outro mapa, o mapa audiovisual pelo qual tentarei traçar meu percurso-território a partir desses elementos que me afetaram e ainda afetam, de maneira que eu possa fazer a prática do olhar estrangeiro em meu território, que, no entanto, poderei dar outro sentido na montagem.

### Desalambrar

<https://www.youtube.com/watch?v=9Ks1683W2Nw>

### Revisitando uma paisagem, uma imagem e um território

Desalambrar é interstício da produção que viria. Desalambrar foi uma abertura ao devir. Um território de avizinhamo de uma ideia que já havia sido feito, no exercício de pensar a paisagem nos planos abertos nesta obra. A discussão sobre a fotografia, sobre a direção já trazia apontamentos sobre planos longos, abertos por questões paisagísticas e principalmente por uma temporalidade que reside ali. Essa diferença do tempo percebido na paisagem do sul, enuncia outro personagem, outra gestualidade que deveria ser registrada.

Uma fotografia, uma paisagem pictórica, oferece um tempo da contemplação e da necessidade de enquadramento, de olho atento. Outra percepção de espaço surge aí, e outro território emerge na familiar Praia do Hermenegildo.



Praia do Hermenegildo. Extremo sul do Brasil, 1985. Plano aberto, câmera fixa, ao longe se vê um homem que caminha pela beira da praia, céu azul que encontra o mar na linha do horizonte, o sol brilha sobre as ondas, barulho das ondas vai se misturando ao som do motor de um carro que ainda não entrou em quadro, surge no plano um fusca verde que passa pelo homem que caminha pela beira da praia que agora percebe-se que está empurrando uma bicicleta.

Assim começa o registro de um território no curta-metragem Milonga Lejana, que compartilhei a direção com Felipe Yurgel. Quando decidimos fazer esse filme, na primeira conversa identificamos que o espaço geográfico seria essa grande extensão de areias praticamente inabitadas do litoral do extremo sul do Brasil.

A história nos leva ao fim da ditadura do país vizinho Uruguai, um exilado político espera a hora certa de voltar ao seu país. Um rádio, o mate e cartas recebidas são elementos essenciais para o desenvolvimento da história.

No entanto, a paisagem e o território é o que me interessa em trazer neste momento, digo isto pois a imagem que criamos a partir dessa paisagem de linhas retas e intermináveis, foram as de planos longos e muito abertos, também podemos observar o mar e a fronteira, elementos que juntos não são tão comuns aos olhos do norte quando pensam nesse território.

A distância, a amplidão, o horizonte, compreender essas paisagens para transformá-las em imagens e assim traduzir as memórias, o comportamento, o tempo, explorando outros caminhos, outros olhares sobre o mesmo território.

O acolhimento na história do filme trazia os registros de atenção que produzem a mim, que a partir da minha experiência neste território pude visitar essa gente que acolhe quem vai e precisa ficar. Faz parte do meu olhar e da minha trajetória esse acolhimento, assim também ir e precisar ficar. Essa é uma experiência inerente ao território fronteiro, das linhas de passagem e dos encontros em movimento.

Figura 9 - Frames do audiovisual Desalambrar. 2019.

## Referências

- AGAMBEN, G. A imanência Absoluta. In: ALLIEZ, É. (Org.). *Gilles Deleuze: uma Vida Filosófica*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- DA SILVA, Luiz Sérgio Duarte. *O conceito de fronteira em Deleuze e Sarduy*. *LiberIntellectus*, v. 1, nº 1, junho de 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 5. São Paulo: Editora34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Editora34, 1995.
- GUATELLI, Igor. *Arquitetura dos entre-lugares sobre a importância do trabalho conceitual*. São Paulo: Editora Senac, 2012
- GUATTARI, Felix. A restauração da cidade subjetiva. In: *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p.169- 178
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana. (orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- LANGIE, Cintia; ANDREAZZA, Rafael (direção). *A Linha imaginária*. Pelotas: Moviola Filmes, 2014. 1 DVD (26 min).
- LAPOUJADE, David. *Potências do tempo*. Trad. Hortência Santos Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Oficio de cartógrafo –Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura*. Santiago: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- MEZZADRA, Sandro; NEILSON, Brett. *La frontera como método*. Trad. Verónica Hendel. Madrid: Traficantes de Sueños, 2017.
- PALLASMA, Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Editora Bookman, 2011.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. Olhar do estrangeiro. In: *O Olhar*. NOVAES, Adauto [et. al.]. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1988.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011[1989].
- SANTOS, Regina Márcia Simão. A noção de mapa em Deleuze Guattari e as práticas educacionais em música. *Cadernos de Colóquio*, maio de 2000. Fonte disponível em: <[www.seer.unirio.br/index.php/coloquio/article/download/26/3282](http://www.seer.unirio.br/index.php/coloquio/article/download/26/3282)> Acesso em 19 de jun. 2019.

# AUTORRETRATO

## Um corpo que desenha a(-)borda do sul fronteiroço

*SELF PORTRAIT*  
*A body that draws the south border edge*

Barbara Larruscahim da Costa<sup>1</sup>,  
Eduarda Gonçalves (Duda)<sup>2</sup> e Nádia da Cruz Senna<sup>3</sup>

### Resumo

O objetivo do presente texto, é apresentar o processo de concepção poética da instalação urbana denominada *Autorretrato: um corpo que desenha a(-)borda do sul fronteiroço* (2022) realizada na cidade de Sant'Ana do Livramento, na fronteira entre Brasil e Uruguai. Por meio do trabalho artístico, costuro os conceitos de linha, mapa e fronteira – utilizando-se da linha enquanto elemento constitutivo do desenho que borda mapas e estabelece fronteiras. Em uma perspectiva latino-americana o texto discorre sobre a relação de pertencimento do corpo que intervém, costura e desenha o espaço na cidade fronteiroça.

Palavras-chave: linha, América Latina, sul, fronteira.

### Abstract

*The purpose of this text is to present the process of poetic conception of the urban installation called Self-portrait: a body that draws and approaches the southern border (2022) held in the city of Sant'Ana do Livramento, on the border between Brazil and Uruguay. Through artistic work, I sew the concepts of line, map and border – using the line as a constitutive element of the drawing that borders maps and establishes borders. From a Latin American perspective, the text talks on the relationship of belonging to the body that intervenes, sews and draws the space in the border city.*

*Keywords: line, Latin America, south, border.*

<sup>1</sup> Pós-graduanda no Programa de Pós Graduação (Mestrado) em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (PPGAVI/UFPEL); Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER/2021).

<sup>2</sup> Doutora pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/2011); Mestre pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/2000); e Bacharel em Pintura pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL/1996).

<sup>3</sup> Pós-Doutora na Universidade do Algarve (UALG/2016); Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP/2008); Mestre em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/1999), especialista em arte-educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL/1991); bacharel em Pintura pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL/1989); e Graduada em Engenharia Civil pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG/1984).

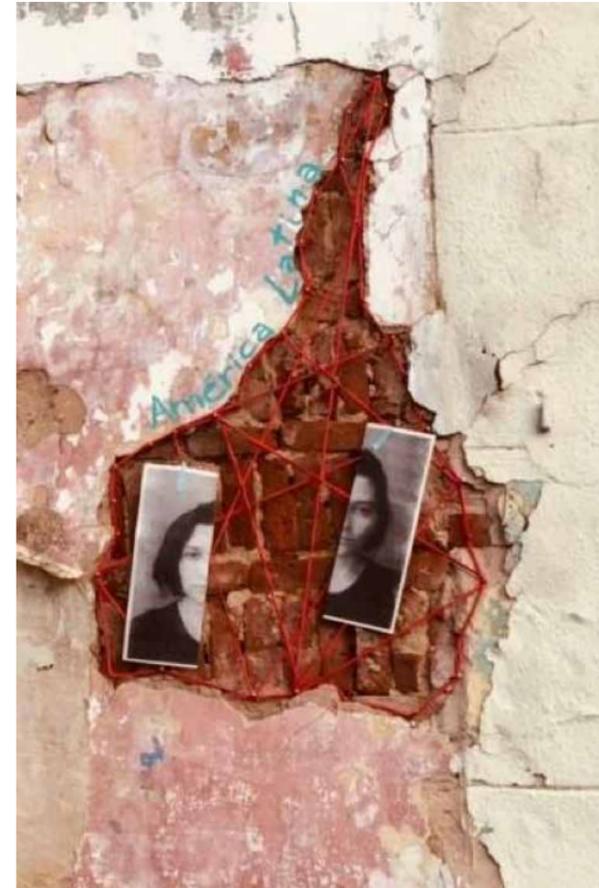


Figura 1 - Imagem do trabalho artístico intitulado *Autorretrato: um corpo que desenha a(-)borda do sul fronteiroço*, acervo da artista. Fonte: das autoras.

### Introdução

O presente texto apresenta o processo de criação poética e as reverberações do trabalho artístico denominado *Autorretrato: um corpo que desenha a(-)borda do sul fronteiroço* (2022), uma intervenção urbana realizada na parede de uma casa em ruínas na zona central da cidade de Sant'Ana do Livramento, interior do Rio Grande do Sul, cidade que faz fronteira com a vizinha Rivera, no Uruguai. A proposta nasce de inquietações suscitadas pela Profa. Dra. Nádia Senna na disciplina *O desenho do corpo e o corpo que desenha*, que ministra junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL e do desenvolvimento da pesquisa de mestrado sob orientação da Profa. Dra. Eduarda Gonçalves.

As discussões, promovidas pela disciplina em questão, e as leituras e referências trazidas do campo da História da Arte, nos remetiam ao universo simbólico do corpo e suas categorias históricas, desde as representações mais antigas da humanidade, passando pelos ideais gregos de corpo perfeito, tradição judaico-cristã até as representações contemporâneas. Foi então proposta a realização de um autorretrato como exercício de criação poética em modo livre e na linguagem que desejassemos. Nasceu assim meu dilema.

Autorretratos são assuntos de muitos artistas, ocupando muitas produções poéticas. Até então, eu havia lido superficialmente sobre o tema e sempre os analisei calcada na ideia do narcisismo, como se o colocar-se no mundo em forma de autorrepresentação fosse algo egoísta. E, neste sentido, o tema autorretrato e a auto representação, até então, nunca haviam me interessado.

Enquanto artista nativa da zona fronteiroça ao sul do Brasil, discorro ao longo do texto sobre estas inquietações: do falar de si por meio de um trabalho poético de autorrepresentação.

Este trabalho porém não parte do narcisismo, como pensava se tratar o autorretrato; ele versa sobre a complexidade de que o eu é composto por uma série de subjetividades, sobretudo partindo do lugar onde habito. Procuro também aproximar as descobertas oriundas da disciplina, *O desenho do corpo e o corpo que desenha*, e da arte contemporânea, que transformaram minha percepção sobre este tema. Passei a entender o autorretrato não como um campo isolado, mas como eu e o mundo, ou no mundo, arte e vida se entrelaçam. Conto então como se deu minha autorrepresentação e como desenvolvi o autorretrato a partir do uso dos elementos: linha, mapa e fronteira.

### A fronteira costurada

Moro em uma linha – uma linha de fronteira, em Sant’Ana do Livramento, interior do Rio Grande do Sul, no Brasil, que faz fronteira seca com a vizinha Rivera, no Uruguai. Isso significa que não há nenhuma separação territorial entre as cidades, inclusive são nomeadas como *idades gêmeas*. A territorialização das cidades é delimitada por meio da chamada *linha imaginária*, que perpassa a faixa de fronteira. O percurso da linha é sinalizado através de *marcos de fronteira*, esculturas em formato de pirâmides truncadas que desenham onde começa um país e termina o outro.

A fronteira, por sua vez, por ser interpretada:

[...] do ponto de vista da geografia política, como uma parcela de território localizada nos dois lados de uma linha divisória limítrofe, tornando-se difícil a compreensão de sua real localização. A fronteira platina (considerada a macrorregião da Bacia do Rio da Prata, estuário que reúne os limites territoriais de quatro países, Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai)<sup>4</sup>, notadamente, **marcada por grande flexibilidade de limites**, seja por grandes intercâmbios populacionais e ou econômicos, e que geraram uma relação sócio-cultural muito próxima (RAIMONDI, 2011, p. 3) – **grifo nosso**.

Neste sentido, ao pensarmos a fronteira, a ideia de limite é questionada e a linha posta é algo tênue. A flexibilidade apontada pela comunicadora social Mariana Raimondi (2011) é evidenciada pela disputa e pelos muitos acordos estabelecidos na região cisplatina (região aquém do rio da Prata), especificamente a zona de fronteira onde resido e onde se estabeleceu limítrofe entre Brasil e Uruguai. Interessante perceber que em sua análise, no texto *Os sentidos do país vizinho em jornais da fronteira Sant’Ana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)*, Raimondi traz elementos do campo da geografia e da história da região, a fim de estabelecer a narrativa social que abarca este local.

Ainda sobre a flexibilidade destes limites, cito o acordo realizado em 1943, na V Conferência da Comissão Mista de Limites, realizada em janeiro deste ano no Rio de Janeiro-RJ, que flexibilizou inclusive limites já convencionados na fronteira em questão, um indício que evidencia o quanto estes desenhos cartográficos são motivados por decisões políticas e marcados por interesses, sejam eles sociais, inseridos no desenho do mapa; ou subjetivos do sujeito que o desenha. Em 1943, foi estabelecido, no centro urbano da fronteira, o chamado Parque Internacional, um território que congrega os dois países em um só local binacional, pertencente a ambos concomitantemente. Após a criação do Parque, a linha deu um nó. Haja vista que a partir da delimitação deste

<sup>4</sup> Dados extraídos da Coleção Grande Atlas Universal, 2004, Editorial Sol 90, S.L., Barcelona (Espanha). Edição para o Brasil: Tradução Martín Ernesto Russo.

como um território binacional, a *linha imaginária* foi *deslocada*; e se antes já suscitava a imaginação, agora a instiga ainda mais. Questiono: se o território pertence aos dois países ao mesmo tempo, existe linha divisória?

E é justamente neste sentido imaginário e imagético de possibilidades da linha que reside meu fazer poético. Contudo, além das considerações tecidas até aqui, me interessa situar a singularidade da fronteira, dar a ver o engendramento que perpassa quem vivência Sant’Ana do Livramento e Rivera e compartilhar inquietações cartográficas deste nosso contexto fronteiriço por meio do fazer artístico.

A realidade costurada e atravessada desta fronteira é o que ativa meus processos de criação. E é motivada pelo imaginário da linha invisível que busco reinventar o imaginário cotidiano dos fronteiriços. O ir e vir a outro país e/ou estar em dois países ao mesmo tempo tem um sentido simbólico, e diferentemente da visão turística de quem se desloca por este território em viagem. Sei que isto pode se dar em outros lugares pelo mundo, pode-se atravessar diversas fronteiras em apenas um passo, caso turista fosse em um destes lugares também o faria. Esta não é a questão. A razão que me instiga é justamente ter experienciado este estado de atravessamento de modo tão cotidiano, a ponto de quase ignorá-lo.

A minha subjetividade é construída nesse atravessamento da linha. É um estado interno de ser uma cidadã fronteiriça. Se estou ou não nesta fronteira, este estado não me abandona. Foi nas minhas viagens e moradas longe deste território que vislumbrei este lugar como algo singular, muito embora eu não tenha ultrapassado os limites para além das fronteiras da América Latina. Contudo, este estado interno de fronteiriça me fez enxergar o Uruguai como algo tão próximo e, mesmo assim, sendo outro. Outro país. Outro lugar. Outra língua. Outra colonização.

A fronteira é este limite das invasões coloniais. A linha é como uma grafia singular da convenção inventada pelos colonizadores. Neste sentido, a Profa. Dra. Eduarda Azevedo Gonçalves e Ana. Júlia Vilela do Carmo, expressam no texto *Mapas Abertos, Espaços Experimentais em cartografia de artistas* que “tomada pelo mote subjetivo dá a ver um espaço por meio de um tipo de grafia muito singular, subvertendo as acepções convencionais e comuns” (GONÇALVES e CARMO, 2017, pág. 581). Assim, meu mote é expressar na arte a minha tomada de consciência sobre a fronteira, sobre este espaço de grafia singular, sem pontes, muros ou cercas, subverter as acepções convencionadas que nos foram impostas, transformando aquilo que é comum na fronteira, a linha divisória, como um pulsar de uma veia (vaso sanguíneo que transporta sangue) pelo corpo, que carrega em si toda a latinidade atravessada por este lugar.

### A linha como ponto de partida

Sempre que vamos traçar algo, a linha é um dos elementos basilares da linguagem visual. Não há como elucidar minha produção poética sem remeter a linha. Para Kandinsky, “a linha geométrica é um ser invisível. É o rastro do ponto em movimento, logo seu produto. Ela nasce do movimento – e isso pela aniquilação da imobilidade suprema do ponto. Produz-se aqui o salto do estático para o dinâmico” (KANDINSKY, 2005, p. 49). Conforme o artista ressalta, o movimento é composto por tensão e direção. Assim, considerando a localidade, e a fronteira apontada como um campo de forças, onde as disputas coloniais e interesses políticos e econômicos direcionaram a linha, e a invisibilidade desta, passo utilizar a linha imaginária que divide a fronteira também como elemento constitutivo de meu fazer artístico e poético, deixando meus próprios rastros.

Utilizo a linha ainda como componente “gramatical”, como um recurso de comunicação, como quem escreve um texto, como um modo de ver, destacar, e sublinhar o mundo que observo. Donis A. Dondis, por associação, compara a linguagem visual a linguagem escrita, me leva a definir minha escrita no mundo a partir da linha, e seu uso como estruturante deste trabalho poético, entendendo-a como passível de leitura e análise conforme a autora diz “ver é uma experiência direta, e a utilização de dados visuais para transmitir informações representa a máxima aproximação que podemos obter com relação à verdadeira natureza da realidade” (DONDIS, 2000, pág 7).

Por último, a linha é também abordada como metáfora: a – bordada! Ela que borda, costura, perpassa e atravessa meu olhar o mundo. Pois olhei com olhos de quem borda, de quem desenha, mas também como quem habita a borda: a fronteira, e por meio dela observa. Foi um ponto de vista que primeiro desenhava, bordou e costurou o que vi. Vi uma poética estampada em um lugar do meu cotidiano: uma parede em ruínas. A verdade é que andava pela rua à deriva, olhando e dando atenção muito maior aos pensamentos do que às observâncias da caminhada em si. A deriva, por sua vez, é um método utilizado pelos situacionistas, um procedimento que Guy Debord descreve em um texto-manifesto em 1958, e se apresenta como um conceito: 1. Ligado indissolúvelmente ao reconhecimento de efeitos da natureza psicogeográfica, e à afirmação de um comportamento lúdico-construtivo. (DEBORD, 1958) Consiste em perambular, principalmente a pé, sem um rumo definido, escolhendo ao acaso, ou com base em sensações a direção a ser tomada. No entanto, se faz esclarecer o contexto em que os situacionistas utilizam a deriva enquanto procedimento metodológico.

O clima político que alimentava o movimento Situacionista entre os anos de 1950 e 1960, era marcado pelas teorias críticas à sociedade de consumo e à cultura mercantilista. A ideia de *situacionismo*, se relacionava à crença de que os indivíduos deveriam construir as situações de sua vida no cotidiano, cada um explorando seu potencial de modo a romper com a alienação reinante. Segundo Debord (1958, pág 1), quando uma pessoa se lançava à deriva, ela renunciava “os motivos para deslocar-se ou atuar normalmente em suas relações, trabalhos e entretenimentos próprios de si, para deixar-se levar pelas solicitações do terreno e os encontros que a ele corresponde”. Assim, o momento em que vi o mapa na parede, é menos determinante do que se crê: no ponto de vista da deriva, existe um relevo psicogeográfico nas cidades, correntes constantes, pontos fixos e multidões que fazem de difícil acesso à saída de certas zonas.

É necessário considerarmos a deriva situacionista como uma referência, tendo em vista que aquele era um contexto específico à época, os quais tinham por objetivo se contrapor a projetos urbanos modernos que se estabeleciam na sociedade do espetáculo. Jacopo Crivelli (2012), no entanto, atualiza o uso e refere-se a uma Nova Deriva, entendendo o modelo debordiano como uma alusão principalmente em seu cunho sócio-político e, ao analisar obras de artistas que, conscientes ou não do uso do método da deriva, compartilharam suas aspirações em artes não comercializáveis. Assim, quando digo que andava eu à deriva, observando o entorno, entre um pensamento e a observação do terreno ao meu redor, a deriva se enquadra enquanto procedimento, pois naquele momento eu já me aproximava de minha casa e, portanto, daquilo que me é cotidiano. E ali, já à beira da chegada, fui surpreendida por um olhar poético lúdico-construtivo. Que por sua vez decorreu do que me foi apresentado pelo terreno, pela cidade, pela parede. E cuja interação, e instalação ali implementada também, não tem intuito comercializável.

Aquele foi um tipo de vista que desloca a atenção e que paralisa a alma. Pega por um olhar quase desprevenido, contudo envolvido nas relações que podiam se estabelecer. Enquanto meus pensamentos estavam envolvidos aos mapas, me atentei à aquele

mapa exposto por entre as ruínas da parede abandonada e, naquele ponto de vista, parei. Para aquele mapa, e para aquele ponto de vista eu não estava desprevenida. Era um destes pontos que resultam em uma linha; uma linha de pensamentos que passa a desenhar sobre o que se observa. E vale lembrar que para artes visuais, o ponto é aquele que produz uma linha, haja vista o que já foi conceitualmente apresentado. Deste ponto de olhar nasceu a linha. Da linha e de meu movimento, o desenho. E quanto ao desenho e a constituição daquela imagem poética que se deu, é necessário o seguinte esclarecimento:

Para esclarecer filosoficamente o problema da imagem poética é preciso voltar a uma fenomenologia da imaginação. Esta seria um estudo do fenômeno da imagem poética no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade (BACHELARD, 1993, p.184).

Gaston Bachelard revela como a fenomenologia poética acontece, o mapa foi uma representação perfeita daquilo que guardo no coração, pois o que vi foi minha própria identidade latino-americana ali estampada. Tive de atravessar linhas e me costurar por aquele mapa que também me viu.



Figura 2 - Imagem debruçada sobre a parede durante a instalação artística, acervo da artista. Fonte: das autoras.

Figura 3 - Alinhavo do mapa, acervo da artista. Fonte: das autoras.



Figura 4 - Imagem *Vê-nus* de Tunga. Disponível em: <https://www.tungaoicial.com.br/pt/trabalhos/ve-nus/>

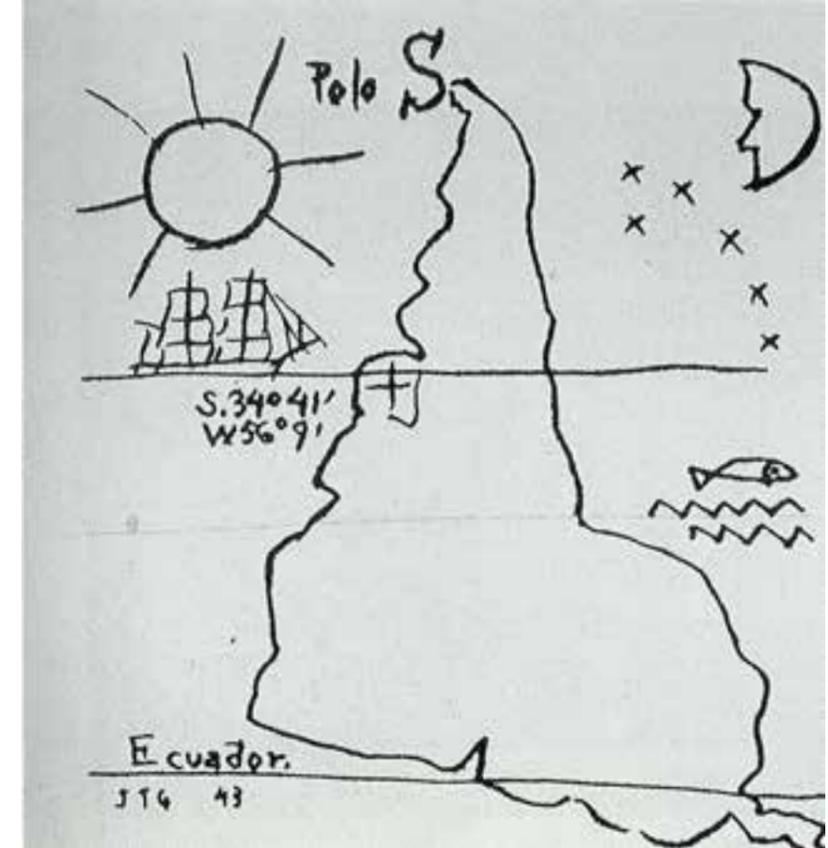


Figura 5 - *Desenho América Invertida* do artista Joaquín Torres García, 1934. Fonte: Museo Nacional de Artes Visuales, Montevideo, Uruguay.

Debrucei-me sobre a parede e alinhavi o mapa. O mapa era, então, um autorretrato.

Autorretrato pois, passeada no texto de Viviane Matesco, onde ela ao analisar *Vê-nus* (Figura 4), um autorretrato de Tunga (1952 - 2016), realizado com uma placa de borracha dividida em dois segmentos, onde a borda inferior dentada é ligada por correntes as tiras de borracha também dentadas insinuando entre elas um encaixe. O artista cria, por meio de jogos de luminosidade e sombra, outra dimensão que preenche e desnuda o corpo. O trabalho de Tunga apresenta materiais e partes complementares; e é por meio dos elementos, hastes, fios, correntes, ventosas, ganchos, luz e sombra que ele cria sua persona. Matesco então discute os limites da visualidade e como por intermédio deste trabalho do artista compreende como “um mundo comum se construiu e definiu sua cultura como gestação articulada e simultânea do invisível e do visível” (MATESCO, 2009, p. 12). Após descrever a obra de Tunga, a autora ainda conclui dizendo: “Aqui é o trabalho que nos olha, pois vemos relacionar-se com nossa experiência mais íntima” (idem).

A partir do trabalho poético de Tunga, vislumbro a utilização de elementos do cotidiano para compor meu autorretrato e, assim como Tunga, passo a utilizar a linha, os pregos e a parede a fim de me auto representar.

Matesco (2009, p.14) diz ainda que a “produção de Tunga lida com materiais que sugerem campos de energia e com imagens que desafiam a comunicação entre esse campo de forças e o corpo”. Desse modo, vislumbro no mapa desenhado pelo tempo sob a parede uma representação simbólica de meu próprio corpo e o tempo que sobre ele é perpassado. A ação do tempo sobre o corpo atrelado, costurado e atravessado pelos fatores históricos do território ao qual estou, onde sou fronteira também do tempo

#### O mapa é uma ilustração

O artista uruguaio Joaquín Torres García (1874 - 1949) é referência quando o assunto é pensar mapas, mais especificamente o mapa latino americano e suas representações. Isso porque no desenho *América invertida* (Figura 5), de 1934, o mapa da América do



Sul é representado virado de *ponta a cabeça*. No sentido oposto à representação do Mapa Mundi que aprendemos nos livros escolares.

O desenho da América invertida tornou-se um símbolo quando se pensa arte latino-americana e a ilustração representa a visão estética do que García chamou de *Escuela del Sur e Universalismo Construtivo* em seus escritos. Foi após seu contato com o neoplasticismo em Paris (1928) que o pintor, em seu retorno ao Uruguai, se preocupou em criar uma arte inserida no continente sul americano. Agregando elementos pictóricos simples nessa representação.

Assim, meu olhar pictórico influenciado pelo artista uruguaio encontrou um mapa. Como disse anteriormente, a parede era uma de casa abandonada em ruínas. E foi entre os descascados que vislumbrei um mapa tal qual Torres García desenhou: *de patas arriba*. Fiquei pensando que, para quem conhece a obra do artista, aquilo parecia muito óbvio, de tão nítida a referência.

Além da obra de Torres García, lembrei ainda de minhas andanças pelo sul e do *Comitê Latino Americano* um bar e espaço cultural que eu frequentava em Porto Alegre-RS. Lá, do mesmo modo, havia um mapa também descascado na parede (Figura 6).

Mas aquele era um mapa esculpido propositalmente e não estava *de ponta cabeça*, fora intencionalmente executado. Diferente daquele mapa em ruínas exposto na rua de minha casa, que quem esculpiu foi o tempo. E o fato de pensar que este mapa é *resultado do tempo*, levou-me a um estado de completo delírio e reflexão poética. Pra



mim, isso foi carregado de sentido. O tempo como linha: linha do tempo. E a própria História da América Latina, repartida e desenhada em fronteiras por meio de disputas coloniais. Foram tão latentes estes pensamentos que passar a linha por ali, instalar algo, alinhar-me sobre aquela parede foi como costurar minha própria efemeridade sobre este mapa de vísceras expostas, irresistível e uma autorrepresentação.

Ver sentido nas fissuras do tempo nas paredes é também uma prática de outros artistas, dentre estes não posso deixar de referenciar Carla Borin Moura, que em um estudo poético cartográfico experimental a cidade de Pelotas-RS, por meio dos *Maparedes*. Carla constrói espaços poéticos inventados a partir dos descascados das paredes e suas linhas de contorno. Conhecer seus trabalhos artísticos certamente foi inspirativo, além de um treinamento no desenvolvimento de um olhar atento às paredes da vida cotidiana. No entanto, nos distanciamos no sentido de buscar inventar mapas, pois meu mapa, se é que posso chamá-lo de meu, é um mapa em específico: a América do Sul invertida.

Além da instalação da linha, o mapa em si já estava ali, só ainda não tínhamos nos entrelaçado. E o tempo se encarregará também de desfazer os nós. O que caracteriza este como um trabalho efêmero. A artista Edith Derdyk, que também utiliza a linha como elemento em suas produções, diz sobre a efemeridade que “por estar ali exposto às intempéries do relento, esta pode ser considerada é uma instalação transitiva, transitória, tal qual a parede que ali expõe suas fragilidades” (DERDYK, 2018, pág. 5). E assim como Derdyk ao perpassar linhas em espaços públicos, meu ato tem como desejo motivar as conjunções entre meu corpo que desenha, o tempo e seus efeitos

no espaço.

### Alinhavando a fronteira, a linha e o mapa

Desde aqui da fronteira, da borda, do território imaginado, desenhado, redesenhado, enredado, ao ver ali a cartografia que fora desenhada naquela parede pelo tempo, notada por uma retina que se deu ao tempo da percepção, saliento o quanto é importante e salutar dar-nos esse tempo de observação. De encantamento com as coisas da rua, com as paredes nuas. Olhar para uma parede descascada foi, sobretudo, reconhecer ali o abandono de um possível lar. Enquanto existem muitos sem lugar, sem casa, ela ali abandonada; as ruínas de uma casa são descaso. Por trás daqueles descascados há uma história de abandono daquele patrimônio.

Neste percurso da linha que desenhei, emoldurei, modelei, e territorializei a parede em ruínas, convoco as memórias das ruínas da América Latina. A nós sulistas, sobretudo os fronteiriços que vislumbram as bordas das disputas territoriais, me parece fundamental pensarmos o que suscita a obra de Torres García: “He dicho Escuela del Sur, porque en realidad nuestro norte es el sur. No debe de haber norte para nosotros, sino por oposición a nuestro sur. Por eso ahora ponemos el mapa al revés” (GARCIA, 1997, p.1).

A verdade é que não há razão para o norte estar na posição *acima* em todos os mapas, esta foi uma decisão cartográfica de quem desenhou com intuito de promover a hegemonia econômica e social dos países ricos, é uma representação arbitrária. Gerardus Mercator (1512–1594) o responsável pela representação do mapa-múndi que até hoje serve como base para o modelo que é adotado e como conhecemos, baseando-se no norte como quem mandava na Terra.

Meu alinhavo feito em material ordinário como linha de algodão sobre a parede, referencia minha autorretratação latino americana: começa com as ruínas da casa e extrapola a materialidade. Se expande sobre o solo da cidade, do país, do país vizinho, se emaranha à fronteira e a outras tantas ruínas latinas que foram marcadas pelo tempo. E é dentro deste lugar expandido que encontro a cartografia desenhada pelo tempo naquela parede – a América Latina em ruínas e às avessas. A linha tem a ver com a configuração poética do espaço territorial que cotejo, um espaço fronteiriço que é revelado por uma linha invisível e que pode ser redesenhada a cada ponto de vista e modo de representação. Reinventando mapas, demarcando territórios e estabelecendo a tessitura de meu corpo pelo mundo, pelos lugares onde derivo e perambulo, e onde meu olhar estabelece conexões de meu eu latino americana.

Sustento a estrutura conceitual deste trabalho na perspectiva de re-desenho de rota. De tomada de consciência da posição avessa a que nos subjugaram no processo de colonização. E em uma articulação histórica aos escritos de Eduardo Galeano sobre *As veias abertas da América Latina* (2010).

O resultado no trabalho foi apresentado como resultado final dos estudos na disciplina *O desenho do corpo e o corpo que desenha* e em conjunção com o projeto de pesquisa do mestrado mostrando imagens do processo de instalação sobre a parede e junto ao seguinte texto:

*“Aqui é o trabalho que nos olha”  
O texto disserta sobre a obra de Tunga  
Aqui ela estava despida e dilacerada  
Vê nus*



*Exatamente o que senti ao deparar-me com estas ruínas  
Com a pele cortada, a parede revelava suas veias abertas  
Depois do longo olhar que fitamos  
Me vi por entre suas entranhas  
Debrucei-me sobre ela como quem abraça a própria alma  
Pensei em Torres García  
E apesar das veias abertas, as vísceras expostas  
Ao menos estava ao sul.  
E enquanto ali estava a apalpar meu interior, uma senhora questionou-me do que se tratava tal ato. Era nítida sua incompreensão.  
E depois de alguns minutos à beira da calçada em prosa, decidi além da costura identificar a alma ali exposta.  
Seu nome iniciara com ame...  
Coloque-se no mundo! - pensei.  
Mesmo que repartida por entre fronteiras.*

(Barbara Larruscahim da Costa)

Destarte, cabe ainda ressaltar ao afite de minha fotografia sobreposta à linha que demarcou o mapa. Um impresso preto e branco em sulfite, a fotografia é recortada ao meio no sentido vertical (Figura 8) e separada. Meu rosto cria ainda uma outra camada de meu autorretrato, agora repartida por entre fronteiras, pendurada sobre a linha, sobre o mapa, as duas partes de meu eu, são fixados a este lugar.

Figura 8 - Afite da fotografia da autora sobre as linhas do mapa. Acervo da artista.  
Fonte: das autoras.



Estes elementos - o mapa, a linha, a fotografia repartida e pendurada, a cor (vermelha) - sustentam a narrativa das veias abertas, das feridas expostas pelo tempo histórico. O mesmo tempo que deixou em ruínas aquela parede. E a foto anexada dividida, tal qual a fronteira repartida e paradoxal, haja vista que congrega uma parte de território compartilhado. Volto então aos escritos de Edith Derdyk (2018, págs 5 e 6):

[...] admitir a aventura do traçado na ordem do inesperado – paradoxo que conjuga o ato de desenhar – o convite ao inacabado, à urgência da fluidez com que o desenho, como linguagem da arte, da ciência e da técnica, carrega como modalidades de atuação no mundo. O corpo é a ponta do lápis. Estendendo metros de linhas no espaço, compreendo o desenho como campo expandido, agarrado na fisicalidade de cada lugar, da materialidade a matemática geométrica arquitetônica, da função pragmática à vocação do imaginário, e suas dimensões simbólicas que cada lugar convoca (DERDYK, 2018, p. 5 e 6).

Ao longo deste processo, na percepção da passagem do tempo, na observância dos meandros do cotidiano fronteiriço, em suas calçadas, casas e paredes arruinadas, percebi que tais registros são também resíduos poéticos latinos, que falam de um sul capaz de ativar outras experimentações do espaço material e imaginário sobre a borda fronteiriça.

#### Referências

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

DERDYK, E. *Livro Edith Derdyk*. Issuu, 2018. Disponível em: [https://issuu.com/livroedithderdyk/docs/livro\\_edith\\_derdyk](https://issuu.com/livroedithderdyk/docs/livro_edith_derdyk) Acesso em 11 de novembro de 2021.

DONDIS, D. A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: M.Fontes, 2000.

GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. Coleção L&PM Pocket, Vol. 900. Tradução de Sergio Faraco. Porto Alegre, 2021.

GARCÍA, Joaquín T.. Símbolos, Textos extratados de Universalismo Constructivo, 1934. Online. Disponível em: [http://www.torresgarcia.org.uy/uc\\_71\\_1.html](http://www.torresgarcia.org.uy/uc_71_1.html)

GARCÍA, Joaquín. T. *La escuela del sur*. Arte Mercosur. 1997. Disponível em: <http://www.artemercosur.org.uy/artistas/torres/sur> .

GARCÍA, Joaquín T. *Lo aparente y lo concreto en el arte*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1969.

GONÇALVES, Eduarda e CARMO, A.J. *Mapas Abertos, Espaços Experimentais em cartografia de artistas*. (págs. 580 a 588) *Actas del I Seminario Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual. Dispositivos y artefactos, Narrativas y Mediaciones*. Montevideo, Uruguai: Universidad de la República, 2018. ISBN 978-9974-0-1546-3

KANDINSKY, W. *Ponto e Linha sobre o Plano*. Tradução de José Eduardo Rodil. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LUPTON, E.; PHILLIPS, J. C. *Novos fundamentos do designer*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

RAIMOND, M. C. *Os sentidos do país vizinho em jornais da fronteira Sant'Ana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)*. 2011. Disponível em <https://decom.ufsm.br/tcc/files/2011/09/TCC-mariana-c-raimondi.pdf> Acesso em 22 de dezembro de 2021.

Reportagem BBC, 23 de março de 2017, O cartógrafo Gerardo Mercator. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39349115>. Acesso em 14 de dezembro de 2021.

SITUACIONISMO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3654/situacionismp> Acesso em: 26 de janeiro de 2022. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

Texto publicado no nº. 2 da revista Internacional Situacionista em dezembro de 1958. Segunda tradução (espanhol – português) por membros do Gunh Anopetil em 19 de março de 2006. Publicado em Protopia. Acesso em: 26 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://bibliotecaanarquista.org/library/guy-debord-teoria-da-deriva>.

# POR AÍ, POR AÍ...

## Da corpografia urbana ao mapa-texto

*THERE, THERE...*

*From urban corpography to the text-map*

*Débora Souto Allemand<sup>1</sup> e Carmen Anita Hoffmann<sup>2</sup>*

### Resumo

O estudo buscou, quando da publicação original em 2018, associar o projeto de extensão *Caminhos da Dança na Rua* ao método da Cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 2011), procurando traçar no mapa-texto o que foi gerado no corpo; e agora reinventado pelas novas experiências e sensações extremas de temperaturas entre o inverno e o verão, entre Pelotas e Porto Alegre e em meio à Pandemia da Covid-19. As experiências dessa escrita transitam nas condições diversas de ser, pensar e sentir no sul do sul, indo ao encontro da 21ª edição da Revista Píxo. A reinvenção das palavras-texto em palavras-mapa se faz através de cortes no texto de 2018, substituindo essas partes por estrofes da música Ramilonga, de Vitor Ramil, que ganha força no desejo de um passado que pode vir a se reinventar, onde a estética do frio (RAMIL, 2004) traga novamente elegância ao passo da multidão.

Palavras-chave: cartografia, dança, corpo-cidade, reinvenção textual.

### Abstract

*The study sought, when it was originally published in 2018, to associate the Caminhos da Dança na Rua extension project with the Cartography method (DELEUZE; GUATTARI, 2011), trying to trace on the map-text what was generated in the body; and now reinvented by the new experiences and extreme sensations of temperatures between winter and summer, between Pelotas and Porto Alegre and in the midst of the Covid-19 Pandemic. The experiences of this writing transit in the different conditions of being, thinking and feeling in the south of the south, meeting the 21st edition of the Píxo Magazine. The reinvention of text-words in map-words is done through cuts in the 2018 text, replacing these parts with stanzas of the song Ramilonga, by Vitor Ramil, which gains strength in the desire for a past that can reinvent itself, where the cold aesthetics (RAMIL, 2004) bring elegance back to the crowd.*

*Keywords: cartography, dance, body-city, textual reinvention.*

Este texto tem como objetivo geral discutir sobre formas de leitura da cidade a partir de experimentações com dança na rua, tendo como foco os espaços abertos de Pelotas-RS. Além disso, busca-se refletir sobre as possibilidades de atualização de um texto já publicado anteriormente, por meio de olhares contemporâneos sobre a cidade e seus modos de uso num período pós pandemia de COVID-19<sup>3</sup> e através da atenção às sensações corporais que as diferentes estações do ano nos proporcionam.

Inicialmente, com a chamada da 21ª edição da Revista Píxo, buscando reunir múltiplos olhares e discussões que reverberam as potencialidades do sul da América do Sul, lembramos de um texto publicado por nós em 2018 no livro *Experiências Cartográficas: exploraciones y derivas*<sup>4</sup>, que parecia se aproximar das pautas do periódico. Intitulado “Por aí, por aí... experiências corpográficas na cidade de Pelotas”, o estudo inspirava-se em Vitor Ramil<sup>5</sup> para pensar sobre as explorações artísticas corporais no espaço urbano em meio ao frio de um inverno no Rio Grande do Sul<sup>6</sup>, se utilizando de relatos de experiência de algumas participantes do projeto *Caminhos da Dança na Rua*<sup>7</sup>, bem como de imagens fotografadas no percurso daquelas danças na cidade.

Na leitura de revisão do texto ora publicado em 2018, e calcadas no método da cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 2011), alguns trechos do “original” não fizeram sentido, ou não fizeram nossos corpos vibrar (ROLNIK, 2011). A justificativa para isso tem relação especial com os novos modos de estar na cidade a partir de 2020, como colocado por Albuquerque Júnior (2020, s.p.):

As ruas desertas, já não emitem as mesmas sonoridades estridentes de costume. Apenas uma motocicleta passa furtiva, como que fugindo do inimigo invisível que parece perseguir a todos. Estamos diante de uma paisagem do medo e da angústia, e o silêncio é o signo mais eloquente de que algo se passa, de que algo incomum acontece.

Ou seja, se antes deitávamos no chão das ruas, dançávamos com desconhecidos e nos aglomerávamos para chamar atenção aos elementos da cidade – como será verificado mais adiante no texto –, agora praticamente já nem saímos de casa, salvo para deslocamentos essenciais. Além disso, nosso distanciamento do texto publicado

3 Em janeiro de 2022, vivemos ainda um período de pandemia de COVID-19. Essa vivência, desde o início de 2020, fez com que nossas relações com o espaço urbano e com o espaço da habitação se transformassem completamente, pois o distanciamento social ainda é a forma mais eficaz de diminuir a transmissão do vírus.

4 Este texto foi publicado originalmente em: TETAMANTI, Juan Manuel Diez; CANALI, Constanza; VILA, Verônica (Orgs.). *Experiências Cartográficas: exploraciones y derivas*. Buenos Aires: Editorial Margen, 2018, v. 1, p. 09-19.

5 “Nasci no interior, mais ao Sul do que Porto Alegre, na cidade de Pelotas, que em alguns dos meus textos e canções aparece com seu nome em anagrama: *Satolep*. Minha vida profissional começou e se desenvolveu em Porto Alegre. No entanto gravei quase todos os meus discos no Rio de Janeiro, centro do país e do mercado da música popular brasileira. A exceção é o meu mais recente CD, *Tambong*, gravado em Buenos Aires, Argentina. Aos dezoito anos gravei meu primeiro disco, *Estrela, Estrela*; aos vinte e quatro troquei Porto Alegre pelo Rio de Janeiro, onde morei por cinco anos. Vivi esse período no bairro de Copacabana, praia símbolo do verão brasileiro, onde, apesar do clima de mudanças discretas entre as estações e do predomínio do calor, mantive sempre alguns hábitos do frio, como o chimarrão, um tradicional chá quente de erva-mate” (RAMIL, 2004, p. 9).

6 Rio Grande do Sul é o Estado brasileiro do qual a cidade de Pelotas faz parte. O frio é um grande diferencial entre nós, moradores do Rio Grande do Sul, e os brasileiros de outros Estados. O frio, fenômeno natural sempre presente na pauta da mídia nacional e, ao mesmo tempo, metáfora capaz de falar de nós de forma abrangente e definidora, simboliza o Rio Grande do Sul (RAMIL, 2004).

7 Projeto de Extensão do Curso de Dança-licenciatura UFPel. Define-se como um espaço-tempo que contempla as inquietações e desejos acerca da relação poética das pessoas entre si e com o espaço público – arquitetônico e urbano. O objetivo do grupo, sobretudo, era o de experimentar movimentos corporais a partir do espaço urbano.

1 Professora de Dança do Colégio de Aplicação da UFRGS. Doutoranda em Artes Cênicas pela UFRGS. Mestra em Arquitetura e Urbanismo, Licenciada em Dança e Arquiteta e Urbanista (UFPel). Estuda as relações entre corpo, escola, dança e espaço. Pesquisadora nos Grupos de Pesquisa OMEGA/UFPel e GESTE/UFRGS.

2 Avó do Miguel. Professora do Curso de Dança-licenciatura da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Doutora em História - PUCRS. Arquiteta e Urbanista. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa OMEGA/UFPel. Criadora e colaboradora do Projeto de Extensão “Caminhos da Dança na Rua” desde sua origem.

em 2018 não se deu somente em função das mudanças profundas na nossa relação corporal com a cidade pandêmica, também ocorreu em função do clima e da estação do ano em que escrevíamos o artigo para a Revista Píxo, edição de outono, em janeiro de 2022. Assim, resolvemos modificar a lógica do texto antigo, preservando passagens fundamentais para a compreensão dos nossos objetivos, mas sustentando nossas sensações sobre as cidades. A seguir, trataremos sobre a metodologia criada, para depois trazer as experiências já publicadas e revisitadas e, por fim, apresentaremos algumas considerações sobre a pesquisa.

### Por aí, por aí... Metodologia a partir das sensações térmicas

Só quem vive a experiência de morar no Rio Grande do Sul sabe dos momentos de “parada” que o clima frio implica. Quem sai e volta, sente sua terra com outro corpo. É o caso do cantor e compositor Vitor Ramil que, ao se afastar do Estado, percebeu que aqui existe um grande diferencial do restante do país, o frio, e analisa as contaminações dessa estação nas manifestações de artes: o que ele denomina *estética do frio*. Nessa linha, Ramil coloca que o frio aguça os sentidos, estimulando a concentração, o recolhimento, o intimismo e ressalta suas propriedades: rigor, profundidade, clareza, concisão, pureza, leveza, melancolia.

*Chove na tarde fria de Porto Alegre  
Trago sozinho o verde do chimarrão  
Olho o cotidiano, sei que vou embora  
Nunca mais, nunca mais  
(...)  
O tango dos guarda-chuvas na Praça XV  
Confere elegância ao passo da multidão  
Triste lambe-lambe, aquém e além do tempo  
Nunca mais, nunca mais  
(...)  
Ruas molhadas, ruas da flor lilás  
Ruas de um anarquista noturno  
Ruas do Armando, ruas do Quintana  
Nunca mais, nunca mais  
(Ramilonga, Vitor Ramil)*

Inspiradas por Ramil, refletimos sobre performances de dança na cidade de Pelotas/RS nos invernos de 2015 e 2016, a partir da associação do projeto *Caminhos da Dança na Rua* ao método da Cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 2011), com ênfase nas Corpografias Urbanas (JACQUES, 2008). Porém, paradoxalmente, editamos este mapa-texto em um dia de janeiro de 2022, na cidade de Porto Alegre, com mínima de 21 e máxima de 31 graus Celsius. Os últimos dias foram de calor extremo, com temperaturas que chegaram a 45 graus de sensação térmica. Nos propusemos, então, a revisar um texto que havíamos publicado em 2018, mas já somos outras. Após – ou durante – um período de pandemia, não somos mais aqueles corpos que saem para dançar na rua.

Como atualizar os sentidos e perceber o que faz o corpo vibrar (ROLNIK, 2011) agora? No texto primeiro, o mapa foi gerado no corpo e reinventado em palavras, num desejo de explorar outras possibilidades no diálogo entre corpo e urbanidade. Mas agora a reinvenção das palavras-texto em palavras-mapa se faz através de cortes no texto de 2018, substituindo essas partes por estrofes da música *Ramilonga*, de Vitor Ramil, que ganha força no desejo de um passado que pode vir a se reinventar, onde a *estética do frio* (RAMIL, 2004) traga novamente elegância ao passo da multidão (RAMIL, 1997).

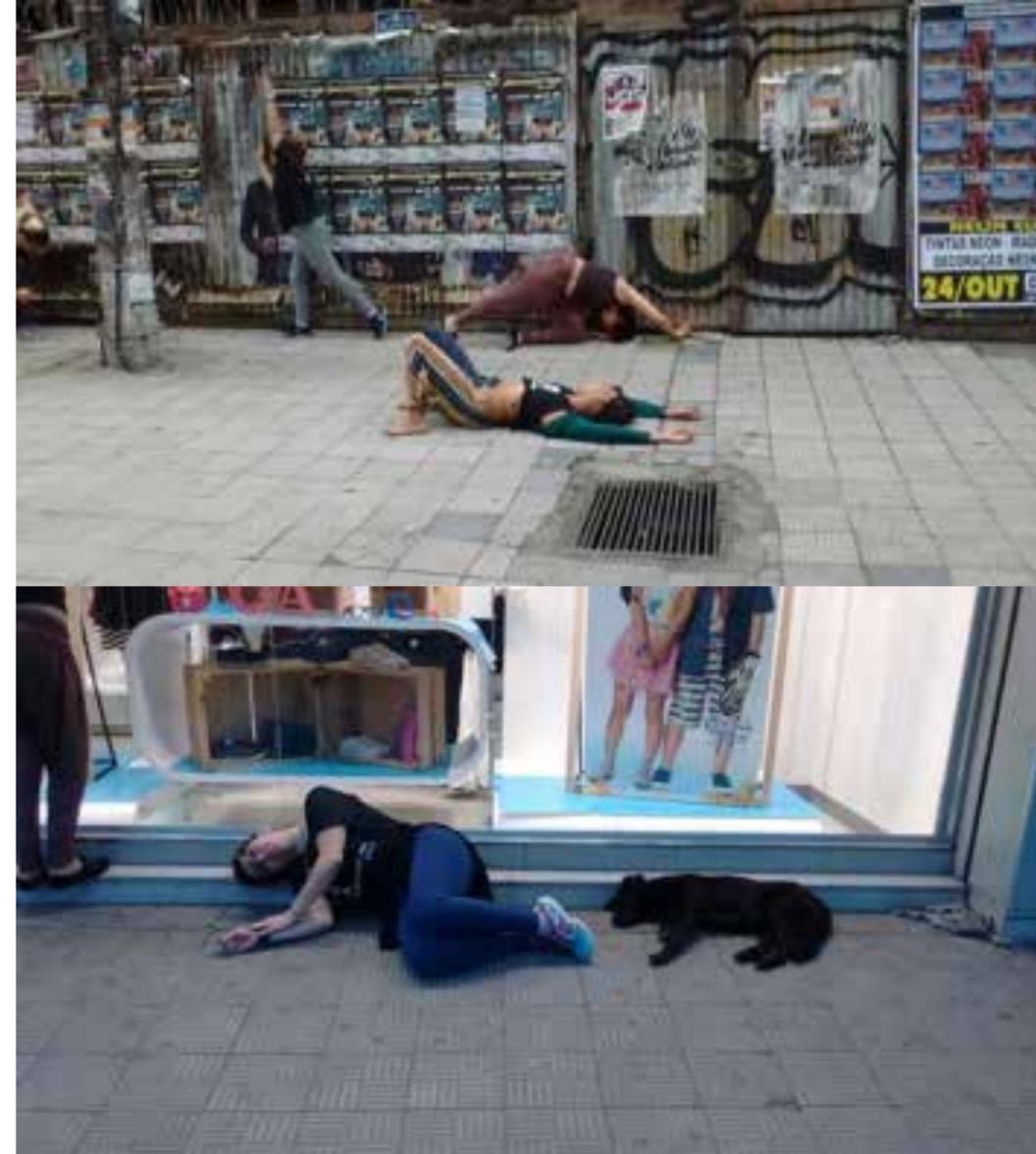


Figura 1 - Negociações do corpo no Calçadão central de Pelotas/RS. Foto: Carmen Hoffmann, 2015.

Assim, apresentamos os trechos da música de Ramil em fonte diferente do restante do texto, para dar destaque a uma ideia que se atravessa como um vento gélido, que passa por entre nossos ossos nos levando a esquecer momentaneamente o que estávamos fazendo. Experiências de escrita entrecortadas por trilhas sonoras que ainda nos inspiram reflexões sobre o que dançamos no passado.

*Ares de milonga vão e me carregam  
Por aí, por aí*

### Por aí, por aí... Caminhos da Dança nas Ruas de Pelotas

O *Caminhos da Dança na Rua*, nos corpos das participantes, busca problematizar uma conjuntura em que cria condições para a emergência de diversas formas de criar, de apreender e de dialogar com o espaço urbano. Trata-se de uma negociação, a própria ruptura provocada pelas performances está contaminada pelas formas de estratificar corpo e cidade em categorias cotidianas e suas diferentes situações. Essa possibilidade de ressignificação, onde se inserem experimentação, desejo e corpo/cidade – organismos funcionais produzidos pela subjetividade capitalística – desencadeia uma situação de risco de captura, sentida pelas participantes (JACQUES, 2008).



Figura 2 - Observações sensíveis do Porto de Pelotas/RS. Foto: Débora Allemmand, 2015. Figura 3 - Grupo reunido dentro de espaços da Universidade, no inverno. Foto: Josiane Franken, 2016.

*Olho o cotidiano, sei que vou embora*

Cabe ressaltar a forma de escolha dos diferentes espaços para as intervenções, que aconteceram de acordo com a vontade do grupo movido por impulsos poéticos, sempre questionando a ordem nas relações configuradas naquele ou naqueles espaços.

*Ruas de um anarquista noturno*

O coletivo assume um estado de *performance*, se imbricando com a realidade e transfigurando-a: fluxo de ideias na vivência urbana e no espaço das operações cotidianas. Pois a cidade é lugar de caminhar, de se ligar às estações que cada indivíduo se relaciona para viver, ela compreende um campo social de diversas percepções do mundo e da sociedade.

O que se propõe com o *Caminhos* é dar fluidez ao que não está enquadrado na lógica dos comportamentos pré-estabelecidos, daqueles corpos normatizados e desejos que se tornam amortizados pela naturalização. Com esse propósito, retoma-se a potência criadora do corpo na sua vivência urbana ressignificada. Procura-se distanciar do corpo compassado pelo tempo da produtividade, marcados pelo relógio e pela velocidade. Prevalece a vontade de perceber a cidade sob outra ótica, percepções que passam pelas intensidades sentidas no corpo.

*Trago sozinho o verde do chimarrão*

A estabilidade da cidade também é influenciada pelas condições climáticas, variável que se atravessa nos trajetos do corpo. Assim, como em um dia de inverno do mês de agosto de 2016, chovia à tardinha em Pelotas, o plano de consistência estratificado no clima fez com que o recolhimento e a preguiça se apresentassem ao grupo do *Caminhos da Dança na Rua*. O tempo-espaço da cidade pediu para que ficássemos “dentro de casa” e o assumimos literalmente como um momento de “internalização”, já que os corpos participantes não se disponibilizavam para as ações na rua. Talvez essa seja uma forma de os corpos se preservarem, se resguardarem à atividade na rua, que já é de exposição pela própria natureza do trabalho no espaço público – espaço desnudado, desprotegido, onde não existe hora para começar nem para terminar, para descansar ou sair de cena –, e um lugar de exposição direta às intempéries, principalmente nos meses mais frios.

Independentemente do motivo, esse tempo pode ser compreendido como um período de resistência, que faz com que os *ponteiros* das participantes se acertem; os desejos quanto ao trabalho na rua se transformem e, conseqüentemente, pode ser considerado



como um período de potência para que novas ideias venham de dentro para fora, ideias que serão transformadas no novo contato com a cidade. Inverno, primavera, verão e outono: cada estação com sua beleza, características e formas de ser-estar na cidade e na arquitetura, na casa-corpo e fora dela.

*O tango dos guarda-chuvas na Praça XV  
Confere elegância ao passo da multidão*

Para alguns, é preciso experimentar outras cidades e outros climas para compreender como as características de nossa própria cidade nos constituem. Cada corpo acumula diferentes Corpografias através dos diferentes contatos com a cidade e suas relações entre a temporalidade e a intensidade das experiências urbanas é o que determinará como será o desenho do mapa no corpo de cada um (JACQUES, 2008).

As diferentes experiências urbanas se inscrevem em um corpo, que pode produzir diferentes Corpografias. Essas diversidades se apresentam cartografadas, em vídeos, fotos e depoimentos e, as próprias Corpografias que, inscritas nos corpos, não precisam ser representadas: elas se tornam visíveis a partir das vivências (JACQUES, 2008).

Uma dessas vivências utilizou diversos figurinos no espaço da rua, onde este era o motivador para a criação do movimento. Além disso, outros artefatos advindos das ações cotidianas dos espaços públicos, como caixas de embalagens de mercadorias, animais que circulam pela cidade, natureza urbana, entre outros, provocaram movimentos diversos e compuseram, de forma inusitada, a cena que se estabeleceu no momento das ações artísticas.

Figura 4 - Motivadores do movimento no espaço urbano. Fotos: Débora Allemmand e Carmen Hoffmann, 2015.



*Triste lambe-lambe, aquém e além do tempo*

Ações políticas e performances artísticas disponíveis às múltiplas entradas que a cidade indicava (DELEUZE; GUATTARI, 2011).

*Na Chácara das Pedras vou me perder*

As *Caminhantes* comportam-se como rizomas (DELEUZE; GUATTARI, 2011), já que o que é produzido é efeito do que se passa entre o corpo biológico e o que ele vai descobrindo no meio em que se encontra: clima, cheiros, diferentes pavimentações, atividades e equipamentos urbanos.

*Do alto da torre a água do rio é limpa  
Guaíba deserto, barcos que não estão*

Na mesma lógica do mapa, que “deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 43), se dão as ações do *Caminhos*, que se permitem modificar a cada momento a partir dos estímulos da cidade. As participantes ficam em estado de atenção, estado de jogo, para perceber como o entorno pode modificar seus movimentos, para perceber em que instante a cidade passa a ser seu próprio corpo.

Cada participante acumulou diferentes Corpografias, resultantes das diferentes experiências urbanas vividas e sentidas por elas. A cidade proporciona sensações que não só passam pelo corpo como o constituem. Como descrever o sol que toca nossa pele quando estamos de olhos vendados? Como descrever o vento, que nos desestabiliza e influencia diretamente nosso corpo? Podemos ir até ao limite, deixar o vento nos empurrar até cairmos, podemos tirar uma perna do chão e brincar com o desequilíbrio, ou não, contraímos o abdômen e vamos em frente, enfrentamos.

*As aulas na rua ou na sala nos fazem ter discussões sobre essa Pelotas muitas vezes esquecida, abandonada, mas que respira arte, cultura e muitos movimentos. Eu sempre soube dessa parte, mas poder sentir, tocar e estar na rua está fazendo com que minhas memórias corporais se aforem e eu tenha cada vez mais curiosidade de conhecer outros cantos e ventos dela (Karen Rodrigues).<sup>8</sup>*

<sup>8</sup> Na linha de raciocínio de Halbwachs (2013) é que se optou por citar depoimentos (mapas-narrativas) dos participantes no decorrer do texto do projeto e estes constam em itálico para diferenciar das citações bibliográficas. Ele defende a ideia da memória tratar-se de um “vestígio”, um fato documentado e, no caso aqui, através de depoimentos orais de alguns de seus protagonistas mais significativos. Daí que a escolha pela oralidade entra como elemento-chave no desenvolvimento do registro, uma vez que a diversidade de seus protagonistas resulta em diferentes vestígios de memória, acompanhando a diversidade das experiências vividas nas diferentes situações, caracterizando as interpelações discursivas individuais e

Para Jacques (2008), a experiência urbana voluntária é considerada um tipo de microrresistência ao processo de espetacularização das cidades contemporâneas, pois a cidade deixa de ser cenário e ganha corpo a partir do momento em que é praticada, em que seu projeto urbano é atualizado, o que faz surgir outra forma de apreensão urbana, como comenta uma das integrantes da experiência:

*Percebo contrastes na cidade. Ao mesmo tempo em que vejo pessoas correndo sem olhar para os lados (e para a frente e para trás), ou olhando apenas para o celular e tropeçando nas calçadas, percebo também pessoas curiosas que sentam no banco da praça e observam a cidade. Esses contrastes, pelo que percebi até então, estão muito relacionados com os lugares frequentados. No calçadão, a correria é evidente, mas na praça percebi muita gente curiosa com as nossas atividades (Helena Lessa).*

O estudo corpográfico do *Caminhos* aponta na direção da compreensão das memórias corporais que resultaram das experiências nos diferentes espaços da cidade de Pelotas e, também, na apreensão das memórias espaciais registradas nos corpos a partir das relações com os espaços.

*Ruas molhadas, ruas da flor lilás*

No *Caminhos*, a corpografia urbana aconteceu de forma voluntária. Espalhávamo-nos na cidade como ervas daninhas, procurando as brechas, os vazios, os espaços não ocupados, transgredindo os usos comuns da cidade (DELEUZE; GUATTARI, 2011). E, assim como canta Vitor Ramil (1997): “Chega em ondas a música da cidade. Também eu me transformo numa canção. Ares de milonga vão e me carregam. Por aí, por aí”, também sentimos que nos misturamos com a cidade e seus componentes, como se percebe no relato de uma das participantes:

*Só não pode cair no vão o cheiro das folhas no chão, a textura das paredes descascadas, o sabor das ruas molhadas. Somos seres galopantes, fragmentos de saberes. Troca o toque e reutiliza o gesto em cada encaixe. Em cada fresta de corpo desocupado. Pode se preencher com o vento ou com o fato (Sarah Leão).*

*Nunca mais, nunca mais*

Esse pulsar foi o que gerou as coordenadas para os corpos se apropriarem dos espaços urbanos de Pelotas. Corpos em ação comprometidos com a vivência e as trocas afetivas, visuais, poéticas em um coletivo desejoso e acordado. O que foi produzido nos espaços corresponde a uma escala singular, diante da amplitude e diversidade na qual se pôde vivenciar, e nos desdobramentos de cada evento.

O interessante, até então, foi perceber o que fica para cada integrante, na memória do que se propôs enfrentar no espaço urbano, que cartografias foram criadas com as Corpografias Urbanas. Estas possibilidades de relações entre corpo e cidade, que podem se desdobrar em outras formas de criar, ou não, ficaram inscritas no corpo sentido em outras intensidades, temperaturas, ritmos, conexões e relações com outros corpos. Por aí, por aí...

coletivas do grupo.

### Por aí, por aí... Da corpografia urbana ao mapa-texto

Por aqui, aproximadamente cinco anos depois da escrita daquele texto, percebemos que as relações entre corpo e cidade se desdobraram sim em outras formas de criar. A intensidade das sensações que aquelas danças provocaram em nós nos mostraram que mesmo em momentos de distanciamento social é possível refletir sobre as cidades que estão em nós, sobre as cidades que somos.

Como disse a participante do Caminhos da Dança na Rua, Karen Rodrigues, em seu depoimento, nossas memórias corporais se afluíram na experiência de escrita deste artigo. O que demonstra que os olhares para o sul não apontam apenas uma geografia, mas apontam para modos de fazer pesquisa mais calcados no corpo e nas sensações vibráteis. Portanto, talvez a cartografia como método seja também uma possibilidade de “sulizar” os modos de enxergar as cidades e nossa relação com o cotidiano, pois ela nos deu base para as invenções textuais e as reinvenções urbanas.

Inspiradas em Helena Lessa, e atentas aos contrastes da cidade, também percebemos contrastes em nossos corpos nos períodos de diferenças extremas de temperaturas, entre frio e calor, entre inverno e verão, assim como entre as práticas extremas de convívio no espaço urbano ou de distanciamento social. Não é simples revisitar um texto se atentando para as mudanças de pensamentos que os últimos anos provocaram em nós. Como apreender a cidade se agora nosso contato com ela é indireto, distante e mediado por telas? Este estudo se configura num texto-memória?

Escritas sobre o inverno, atualizadas no verão e espalhadas como fragmentos de saberes, para citar Sarah Leão em seu depoimento logo acima. Um mapa-texto lido em qual estação? Que ativa que tipos de cidades? Que modos corporais? Que memórias? Por aí, por aí... nas diferentes estações, no sul da América do Sul.

### Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A palavra como luto e como luta*. N-1 site Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/036>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 1. 2ª edição. São Paulo: Ed. 34, 2011.

HALBAWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2ª Ed. São Paulo: Centauro, 2013.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas: a memória da cidade no corpo. In: VELLOSO, Monica Pimenta, ROUCHOU Joelle e OLIVEIRA. *Corpo: identidades, memórias e subjetividades*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

JACQUES, Paola Berenstein. *Corpografias urbanas*. 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: 05/01/2017.

RAMIL, Vitor. *A estética do frio: conferência de Genebra*. Satolep Livros: Pelotas/RS, 2004.

RAMIL, Vitor. *Ramilonga*. In: *Ramilonga: A estética do frio*. Pelotas: Satolep Music, 1997. 1 CD (47min).

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

TETAMANTI, Juan Manuel Diez; CANALI, Constanza; VILA, Verônica (Orgs.). *Experiências Cartográficas: exploraciones y derivas*. Buenos Aires: Editorial Margen, 2018, v. 1, p. 09-19.

# TRAJETOS AO SUL DO SUL

## Uma cartografia de desfragmentos residentes

### CARTOGRAPHY OF RESIDENT DEFRAGMENTS South of the south

William Figueiredo dos Santos<sup>1</sup>

#### Resumo

O presente estudo aborda a colagem e a fotografia como dispositivos gráficos na arte contemporânea. A partir do ensaio visual da residência artística itinerante ao sul do sul, de Will Figueiredo, na cidade de Pelotas, em parceria com o Espaço RELVA Arte Resistência, do LABRE coletivo e do Grupo de Pesquisa em Gráfica Contemporânea (CNPq/UFPEL). A partir da residência do artista, realizou-se uma cartografia dos rastros do processo artístico que emanam dos gestos inacabados da obra, constituem um inconsciente estético de um sensível partilhado, através de seus escamoteios híbridos em fragmentos do tempo-espaço das memórias do artista. A fotografia aqui, como dispositivo, apresenta essa qualidade ao capturar a realidade em fragmentos do sensível, do afeto e proporcionando, a partir delas, novas subjetividades do cotidiano, da cidade, do tempo, de uma identidade ao sul do sul. A colagem é percebida como um aglutinador dos rastros desse processo em curso, que provém do pensamento experimental do cotidiano, mas com uma ação aberta, voltada aos desvios, às aproximações e aos atravessamentos residentes da qual o artista está exposto.

Palavras-chave: hibridismo, fotografia, colagem, dispositivo, cartografia.

#### Abstract

*The study approaches collage and photography as graphic devices in contemporary art. Based on the visual essay of Will Figueiredo's itinerant artist residency in the city of Pelotas, in partnership with Espaço RELVA Arte Resistência, the collective LABRE and the Grupo de Pesquisa em Gráfica Contemporânea (CNPq/UFPEL). From the artist's residence, a cartography of the artistic movements that emanate from the artistic gestures of the work was carried out, a conscious knowledge of a sensitive recognition, through hybrid concealments in time-space fragments of the artist's memories. Photography, as a device, presents, by capturing reality, the sensitives, the affection and the quality, from theirs, new subjectivities of everyday life, of the city, of the south, of an identity to the south of the south. The agglutination is perceived as an agglutinator of the processes of the traces, which comes from the experimental thinking of the course, but with an open action, to the eyes of the inside out and to the exposed environments of which the artist is exposed.*

Keywords: hybridism, contemporary art, device, genealogy.

Modernizar o passado é uma ressignificação imagética e, na contemporaneidade, são os dispositivos artísticos que desempenham um papel de mediação de experiências do eu-c0l3t1v0. Como sinaliza Agamben (2005, p. 13), a proliferação dos dispositivos, que define a fase presente do capitalismo, possibilita uma igualmente ilimitada proliferação de processos de subjetivação. Sendo assim, o presente artigo visa cartografar o processo da imagem que se manifesta e que promove a ressignificação imagética a respeito da Residência Artística itinerante X3P4 GRÁFICA que, ao sul do sul, na cidade de Pelotas realizou uma produção estética experimental no tempo-espaço de um episódio partilhado no campo do sensível<sup>2</sup>.

Através da produção do artista Will Figueiredo, busca-se compartilhar a experiência do ateliê itinerante proposta pelo LABRE coletivo, com apoio do espaço RELVA Arte Resistência e do Grupo de Pesquisa em Gráfica Contemporânea (CNPq/UFPEL). As memórias dessa construção são o próprio banco de dados fotográficos, o processo, o percurso e os atravessamentos que o artista se submeteu. A desfragmentação dessas memórias é o mapeamento e assim a cartografia dos rastros afetivos.

Em tempo, essa experiência busca contribuir para uma pesquisa em arte de circuitos não-formais e, concomitantemente, produzir memória sobre a produção artística do artista-pesquisador em deslocamento pelo sul. Através do método cartográfico deleuziano<sup>3</sup> procura-se conceituar a colagem como um dispositivo que, a partir dos gestos inacabados do processo do artista<sup>4</sup>, evidenciam rupturas e desdobramentos que se escamoteiam<sup>5</sup> e performam na contemporaneidade<sup>6</sup>.

Na poética aqui apresentada, pensa-se a colagem e a fotografia como dispositivos gráficos entre a técnica e seu caráter além-técnica, materializando-se na obra de arte como uma cartografia das meta-memórias de percurso que, materializadas nos gestos inacabados que servem como rastros da obra, performam desfragmentos, num eterno retorno de subjetividades, que constituem a poética.

Antes de tudo, é preciso deixar nítido brevemente o que considero como cartografia, dispositivo e desfragmentação. Por se tratar de um processo de deslocamento, de ateliê itinerante, com início na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, onde o artista reside atualmente, a referência cartográfica se faz presente desde o início. O deslocamento ao sul do RS foi registrado e fragmentado através da imagem fotográfica, percorrendo os 262 quilômetros até Pelotas e a cidade. Assim, o método cartográfico serve como um "rizoma que atesta no pensamento" a força performática da obra e sua pragmática em um princípio inteiramente voltado para uma "experiência ancorada no real" (DELEUZE, 1995, p.21).

A cartografia é a ciência que trata da concepção, produção, difusão, utilização e estudo dos mapas. Inventando um mundo e seus lugares, interpretando à sua maneira o espaço, há casos em que ela é aplicada como método de acompanhamento para traçar percursos poéticos, sendo aquilo que força a pensar e ver o todo do processo do artista pesquisador, dando-se como possibilidade de caminho a ser traçado no trabalho, como uma atenção voltada ao processo em

<sup>2</sup> Partilha do Sensível. RANCIÈRE, 2009. O conceito descreve a formação da comunidade política com base no encontro discordante das percepções individuais. A política, para ele, é essencialmente estética, ou seja, está fundada sobre o mundo sensível, assim como a expressão artística.

<sup>3</sup> DELEUZE, 1990.

<sup>4</sup> SALLES, 1998.

<sup>5</sup> CANCLINI, 1994.

<sup>6</sup> AGAMBEN, 2009.

<sup>1</sup> Especialista em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e membro do Grupo de Pesquisa Gráfica Contemporânea (CNPq/UFPEL). Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)..



curso. Entendendo que o método cartográfico convoca a um exercício cognitivo peculiar do pesquisador, uma vez que, estando voltado para o traçado de um campo problemático, requer uma cognição muito mais capaz de inventar o mundo do que reconhecê-lo (Moura & Hernandez, 2012, p.2).

Sendo o processo cartográfico uma invenção interpretativa do mundo do artista à sua maneira, ele convoca uma carga cultural subjetiva particular que, ao convergir no seu inconsciente estético é compartilhada no campo da experiência do sensível. O percurso por sua vez, ativa atravessamentos imagéticos que captam nos objetos uma memória visual que reproduz, de uma maneira diferente do qual são postos no cotidiano, captando-os no tempo mas deslocando-os no espaço.

Por sua vez, o artista pensa o dispositivo como “uma máquina que produz subjetivações<sup>7</sup>” e que tem “de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos, [...]” de tal forma

a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e - porque não - a linguagem mesma, que é talvez o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata - provavelmente sem dar-se conta das consequências que se seguiram - teve a inconsciência de se deixar capturar (AGAMBEN, 2005, p. 13).

Por isso que considero a colagem e a fotografia como dispositivos híbridos de arte contemporânea de uma cultura de massas. No processo de residência artística, o artista usou métodos digitais e analógicos na produção das cenas, dos fragmentos da memória do percurso e sua ressignificação. Além da ideia agambeniana de dispositivo,

<sup>7</sup> Agamben (2015, p. 15).

também atribui-se a ele a ideia de contemporaneidade<sup>8</sup>. Ambas ideias estão no centro do que se discute hoje na arte: o comunicacional. Tratamos dessas ideias através de uma perspectiva relacional com o tempo que, aderindo aos conceitos de inconsciente estético, pensa a materialidade dos afetos através dos gestos de partilha do sensível da imagem.<sup>9</sup>

Como sinaliza Rancière (2005), o inconsciente estético se configura pelas duas formas da “palavra muda”, neste caso representada pela fotografia e a colagem. A primeira forma, é a “do sintoma, é o vestígio de uma história”, dos rastros e dos gestos desse deslocamento do ateliê, que desloca o artista da sua zona de conforto rumo ao desconhecido. A segunda forma é da “voz anônima da vida inconsciente e insensata”, do detalhe, do devir, de uma identidade fragmentada por esse trajeto e pela experiência visual apreendida. Assim, esse fragmento desfaz a ordenação da representação: hora dando lugar à verdade inconsciente que não é a de uma história individual, mas coletiva, que faz oposição de uma ordem a outra - o figural sob o figurativo, ou o visual sob o visível representado; hora reconstituindo rastros particulares.

### Da fragmentação à desfragmentação

Para cartografar os gestos da obra, a fotografia e a colagem atuam como dispositivos de fragmentação, de captura do sensível e, como dispositivo desfragmentador de memórias residentes, respectivamente. A fotografia enquanto técnica possibilitou novos agenciamentos artísticos de tradução e produziu documentação de acontecimentos históricos. Como aponta FLUSSER (2002, p. ), as “fotografias são imagens de conceitos, são conceitos transcodificados em cenas” e, na contemporaneidade, esse processo de ressignificação *ad infinitum* age na formação cultural midiaticizada. Agora, enquanto dispositivo, ela fragmenta a estética do percurso ancorando através de uma visão de mundo individualizada. Ela também possibilita uma objetificação dos atravessamentos desse mundo particularizado que se materializa através da obra de arte como um “print” desse subconsciente no processo civilizatório que não se restringe ao objeto arte somente. Essa meta-memória do inconsciente estético permeado pelas reflexões sobre o processo da gravura e do contemporâneo em diálogo com a experiência do artista-pesquisador, nos é codificado por essa cartografia visual dos afetos. De igual forma, Paulo Bruscky, assim como a dadaísta Hannah Höch são exemplos de artistas que também utilizam da imagem como meta-memória escamoteada na obra e, através de técnicas mistas, fazem uma crítica contundente sobre a cotidianidade que os atravessa. Sobre os mapas das suas vidas e da sua bio-política. A colagem, o carimbo, a fotografia, a gravura em si, passam a ser dispositivos que imprimem seu lugar no mundo.

Na obra “Pelos nossos desaparecidos” (1977), Bruscky usa rostos dos desaparecidos pela ditadura militar brasileira. Usa também uma foto sua. O artista, assim como as vítimas presentes na obra, foi perseguido pelo regime civil-militar brasileiro do século XX. Suas produções tem na deriva, no uso da tecnologia e da comunicação, um diálogo com a cidade e com os transeuntes. Esse emaranhado faz parte da sua poética que possui também a cooperação, a formação de redes, o surpreender-se pelo acaso e da precariedade dos materiais como características. Essas características também

<sup>8</sup> O contemporâneo, para Agamben, “adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela” (2005, p. 59).

<sup>9</sup> RANCIÈRE, 2009.

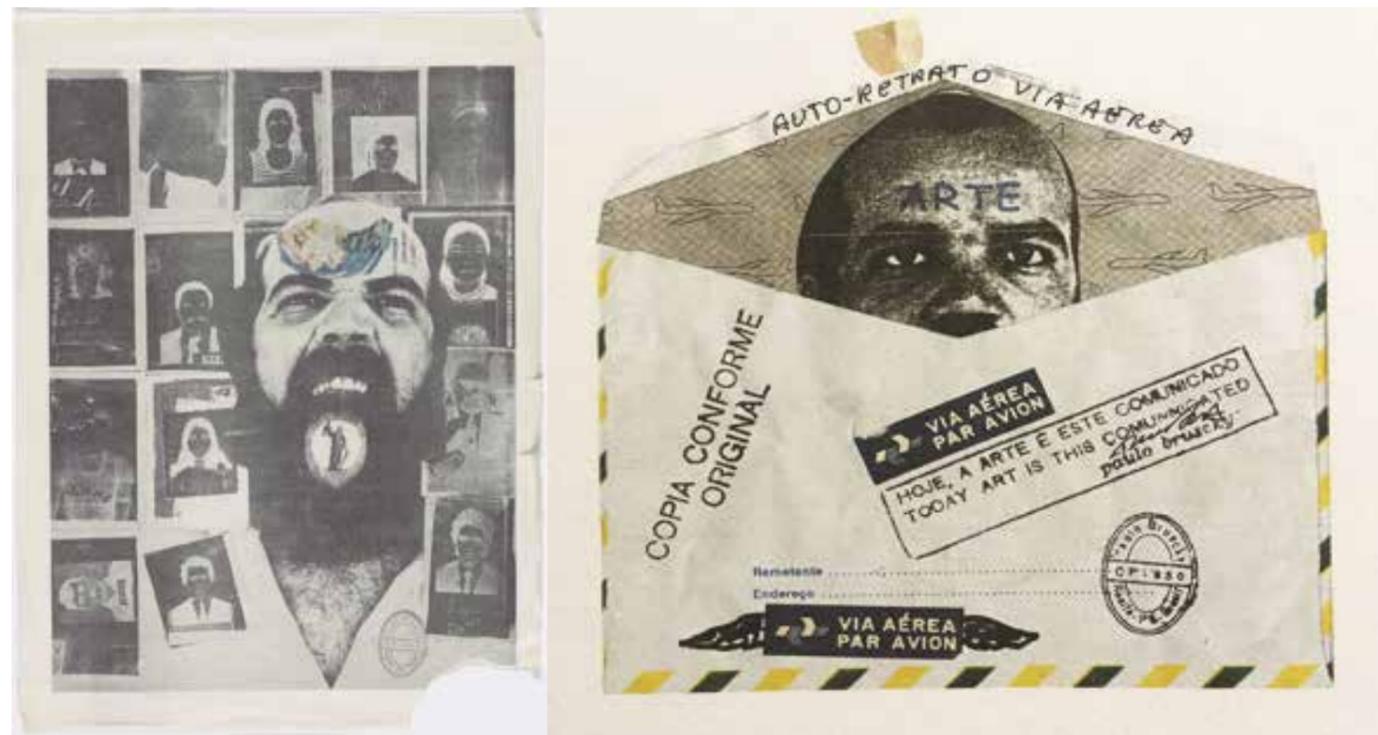


Figura 2 - "Pelos Nossos Desaparecidos". Fonte: Paulo Bruscky, 1977-2009. Fotomontagem, reprodução da internet, disponível em: <https://artrio.com/marketplace/artists/view/paulo-bruscky>. Figura 3 - Série Envelopes. Fonte: Mail-art, Paulo Bruscky, 1977-2009, foto reprodução da internet, apub Bruscky and Navas, 2012, disponível em: [https://www.researchgate.net/figure/Paulo-Bruscky-serie-Envelopes-1977-2009-mail-art-Source-Bruscky-and-Navas-2012-p\\_fig14\\_320270027](https://www.researchgate.net/figure/Paulo-Bruscky-serie-Envelopes-1977-2009-mail-art-Source-Bruscky-and-Navas-2012-p_fig14_320270027).

se fazem notar no percurso poético do artista Will Figueiredo nessa residência. Até mesmo o próprio dispositivo de colagem que, ao cooptar a imagem fragmentada, a desfragmenta em sua reprodutibilidade, materializa por fim uma cartografia da subjetividade através do acaso em dispositivo de tradução desta.

No processo de residência artística, as fotografias como dispositivos configuram gestos inacabados do trajeto artístico, criando um imaginário sensível de uma estética, que se soma ao inconsciente do artista. Esta pesquisa sobre a imagem em circuitos não-formais de arte, evoca entrelaçamentos entre o tradicional e o moderno, entre o culto, o popular e o massivo. Em tempo, essas imagens servem como cápsulas do tempo que se atravessam e se relacionam através da partilha do sensível e refletem este processo nos dispositivos, como uma *matrioska* de sentidos.

Possuindo a fotografia uma penetração massiva na sociedade moderna e proporcionando um paradoxo contemporâneo fenomenológico de emancipação dos símbolos culturais, sua expansão, renovação, democratização, resistência e renovação, no processo de substituir as tradições locais sem destruí-las<sup>10</sup>. Tudo é fragmentado neste processo e a colagem opera como uma máquina de desfragmentação através da gravura e dos seus desdobramentos desmacizantes<sup>11</sup>, que constitui esse imaginário do eu-coletivo em deriva, que psicogeografia<sup>12</sup> experiências subjetivas que encontram no dispositivo a forma de enunciar-se em obra.

A partir dessa perspectiva, da fotografia como um dispositivo de emancipação dos

10 (CANCLINI, 1997).

11 FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta : ensaios para uma futura filosofia da fotografia / Vilém Flusser ; [tradução do autor]. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 2002.

12 "A psicogeografia estudava o ambiente urbano, sobretudo os espaços públicos, através das derivas e tentava mapear os diversos comportamentos afetivos diante dessa ação básica do caminhar na cidade. (...) A psicogeografia seria então uma geografia afetiva, subjetiva, que buscava cartografar as diferentes ambiências psíquicas provocadas basicamente pelas deambulações urbanas que eram as derivas situacionistas". (BERENSTEIN, 2003).



Figura 4 - "Piquenique Gráfico". Fonte: Coleção do artista, Will Figueiredo, 2021, (fotografia, colagem digital e 3d).

símbolos culturais, o artista utiliza essa técnica em seu percurso dentro do processo de residência artística. Sendo assim, além da fotografia utiliza os elementos da prensa tradicional, o uso das batatas, cenouras, cebolas e folhagens coletadas nas feiras como dispositivos para a criação das obras do artista. Essas obras são desenvolvidas no processo e constituem rastros que alimentam uma cartografia única dos gestos inacabados do percurso. A colagem digital, a aglutinação e ressignificação desses afetos, levaram o artista a uma auto-reflexão sobre seu lugar no mundo ao se deslocar de um sul a outro sul.

Os fragmentos desse percurso constituem-se também de registros de uma exposição em uma banca-oficina na Feira Agroecológica da cidade de Pelotas, no qual o artista expôs a criação gráfica utilizando os alimentos que, enquanto dispositivos, aglutinaram um dilema: a arte como alimento, a imagem como alimento da memória e afetos, o alimento como dispositivo de ressignificação do mundo e suas experiências. Ao partilhar com o público essas impressões gráficas, é possível realizar um encontro estético sensível, através da poesia visual criada pelo artista e pelas trabalhos feitos pelos participantes da oficina, se cria assim um diálogo cultural e político.

Uma das referências do artista é a dadaísta Hannah Höch que provoca uma experiência sobre o espaço urbano criando uma fruição entre o espaço público e o espaço privado da arte, possibilitando assim a reflexão e apreensão estética afetiva dos dispositivos na arte contemporânea. Em sua colagem de 1922, a fotografia é um dispositivo que coopta elementos do seu cotidiano e engendra em uma matrioskas de tensões subjetivas.

Suas colagens, assim como as de Bruscky, utilizam-se da apropriação como *ethos* da sua poética e ele vale-se das tecnologias do seu tempo para construir seus dispositivos através da percepção sensível de convergência com o mundo. Em tempo, constitui uma experiência de uma identidade subjetiva.

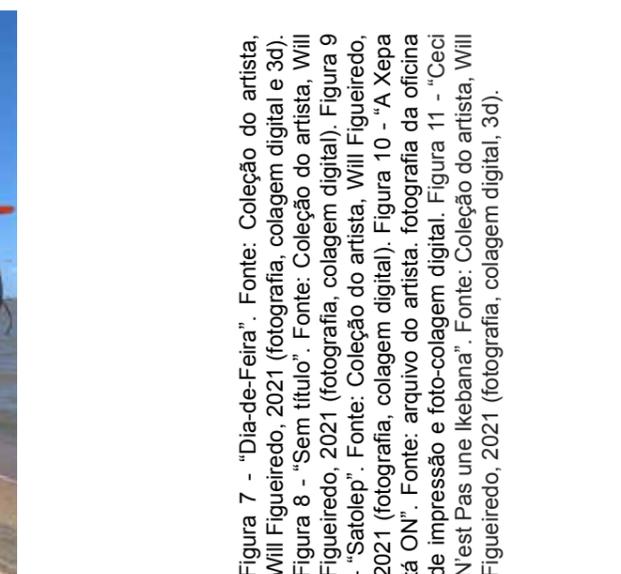
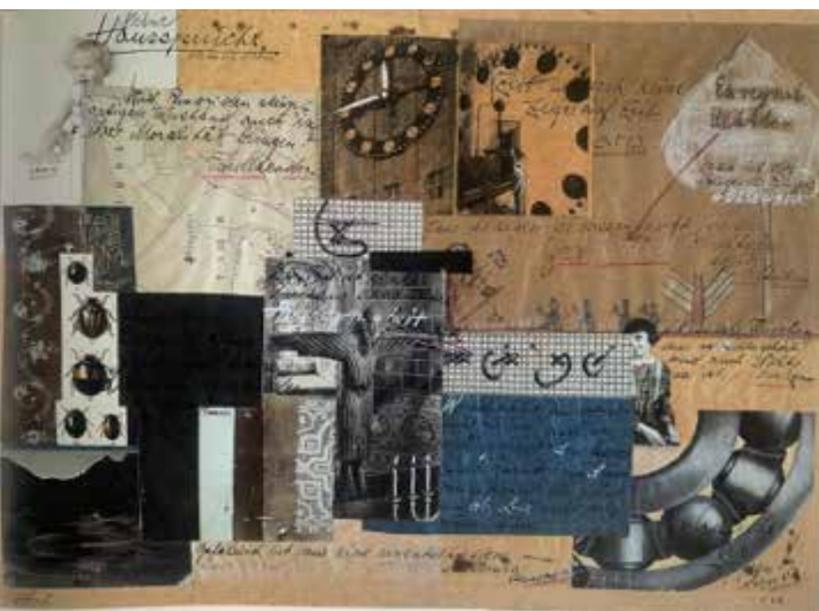


Figura 5 - Fonte: foto do livro "Dadaísmo / Dietmar Elger; trad. João Bernardo Boléo; ed. Uta Groseknick, 2010", Hannah Höch, 1922 (colagem sobre cartão). Figura 6 - "XePa Gráfica". Fonte: Coleção do artista, Will Figueiredo, 2021 (fotografia, colagem digital e 3d).

A percepção é a ação do olhar responsável pela construção das imagens geradoras de descobertas ou de transformações poéticas. Em seu processo de apreensão do mundo, o artista estabelece conexões novas e originais, relacionadas a seu grande projeto poético. Encontramos, no entanto, a unicidade de cada obra e a singularidade de cada artista não só na natureza dessas combinações perceptivas, como também no modo como são concretizadas (SALLES, 2009, p. 104).

Os elementos banalizados no cotidiano, encontram-se em olhares atentos. A arquitetura peculiar da cidade, os alimentos comuns de uma dieta regional, sua gente e seus rituais, suas crenças e suas paisagens de características pampeanas, se misturam, escamoteiam-se por um objeto compartilhado. Ao ser reunidas em uma cartografia sobre o deslocar-se do artista que sai do seu ateliê privado e se lança no diálogo com a cidade e seu espaço público e político, mapeando e revelando assim novas formas de se relacionar com o mundo externo e interno do artista.

### Conclusões

Conclui-se portanto que o artista utiliza-se da fotografia e da colagem, como dispositivos que o permitem capturar a realidade em fragmentos do sensível, proporcionando, a partir delas, novas subjetividades. Essas subjetividades, por sua vez, apresentam-se como um enunciado artístico capaz de, a partir da aglutinação de fragmentos do tempo-espaço-identidade.

Ambas agem como máquinas de subjetividades, que através do experimentalismo técnico, da articulação de outros dispositivos e procedimentos, permitem uma cartografia de afetos que dialogam com o espaço público da cidade. Cada percurso é único até mesmo dentro de uma cidade, por mais que o caminho seja o mesmo. Cada caminho tem seu tempo e está carregado de memórias afetivas em mutação.

Figura 7 - "Dia-de-Feira". Fonte: Coleção do artista, Will Figueiredo, 2021 (fotografia, colagem digital e 3d).  
 Figura 8 - "Sem título". Fonte: Coleção do artista, Will Figueiredo, 2021 (fotografia, colagem digital).  
 Figura 9 - "Satolep". Fonte: Coleção do artista, Will Figueiredo, 2021 (fotografia, colagem digital).  
 Figura 10 - "A XePa tá ON". Fonte: arquivo do artista, fotografia da oficina de impressão e foto-colagem digital.  
 Figura 11 - "Ceci N'est Pas une Ikebana". Fonte: Coleção do artista, Will Figueiredo, 2021 (fotografia, colagem digital, 3d).



Figura 11 - "Sem título". Fonte: Coleção do artista, Will Figueiredo, 2021 (fotografia, colagem digital).

Apartir dessa experiência, o artista entende que a fotografia e a colagem são dispositivos do seu percurso particular que permite a ele cartografar o processo artístico. Permitindo assim a criação de um pensamento que advém do campo do experimentalismo do cotidiano, mas com uma ação aberta, voltada aos desvios, às aproximações. O artista ao se deslocar é atravessado pelas suas memórias particulares em oposição às memórias coletivas da cidade, possibilitando assim um escamoteio de afetos estéticos.

### Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é um dispositivo?* Tradução de Nilcéia Valdati. Outra Travessia, n. 5, 2005, pp.9-16.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

BERENSTEIN, Paola Jacques (org.). *Apologia da Deriva – Escritos situacionistas sobre a cidade/ Internacional Situacionista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores y Ciudadanos: Conflictos multiculturales de la globalización*. México: GRIJALBO, 1995.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas y Estrategias Comunicacionales: estudios sobre las culturas Contemporaneas*. México: Universidad de Colima, 1997.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.

CANCLINI, Néstor García. *A sociedade sem Relato: Antropologia e Estética da Eminência*. tradução, Maria Paula Gurgel Ribeiro . 1. ed. São Paulo: 2016.

ELGER, Ditmar. *Grosenick, Uta, 1960*. trad. Boléo, João Bernardo Paiva. Colônia: Taschen, 2010.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. 5a Edição revista e ampliada./ Apresentação de Elida Tessler. São Paulo: Intermeios, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. *O Inconsciente estético*. Tradução de Mônica Costa Netto. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

# CARTOGRAFIA DO DESEJO NAS CIDADES PEQUENAS

## Experiências ao Sul do Rio Grande do Sul

*CARTOGRAPHY OF WISH IN SMALL TOWNS  
Experiences in the South of Rio Grande do Sul*

*Luana Pavan Detoni<sup>1</sup> e Eduardo Rocha<sup>2</sup>*

### Resumo

As cidades pequenas remetem à análise de um urbano de outra centralidade, estes territórios são múltiplos e seus estudos carregados de desejos, sobretudo na área da arquitetura e urbanismo. Um pouco dessa diversidade será expressa neste ensaio, com objetivo de cartografar os desejos nas cidades pequenas. Buscamos apresentar a noção de cidades pequenas e o contexto dos territórios da região Sul do Rio Grande do Sul que serão abordados: Arroio do Padre, Cerrito, Cristal, Morro Redondo, Pedro Osório e Turuçu. Em seguida, refletimos teoricamente sobre o conceito de desejo, relacionado ao método cartográfico e aos procedimentos de pesquisa realizados: a pedagogia da viagem, a entrevista de manejo cartográfico, e o agenciamento de conceitos da filosofia da diferença. Por fim, compartilhamos alguns resultados desta cartografia que revelou desejos relacionados às questões do parcelamento, uso e ocupação do solo; aos aspectos de composição da paisagem; e sobre a noção de segurança.

Palavras-chave: cidades pequenas, cartografia do desejo, arquitetura e urbanismo, Sul, cidade e contemporaneidade.

### Abstract

*Small towns refer to the analysis of an urban of another centrality, these territories are multiple and their studies are loaded with wishes, especially in the area of architecture and urbanism. Some of this diversity will be expressed in this text, with the objective of cartography the wishes in small towns. We seek to introduce the notion of small towns and the context of the territories of the southern region of Rio Grande do Sul that will be analyzed: Arroio do Padre, Cerrito, Cristal, Morro Redondo, Pedro Osório e Turuçu. Then, we theoretically reflect on the concept of wish, related to the cartographic method and the procedures for research: the pedagogy of travel, the cartographic interview, and the assemblage of concepts from the philosophy of difference. Finally, we share some results of the cartography that reveals wishes related to issues of subdivision, use and occupation of land; to aspects of landscape composition; and about the notion of security.*

*Keywords: small towns, cartography of wish, architecture and urbanism, South, city and contemporary.*

1 Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS). Bolsista CAPES. Mestra em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/UFPel). Graduada em Arquitetura e Urbanismo (FAUrb/UFPel). Membro do Grupo de Pesquisa Cidade+Contemporaneidade e da Rede de Pesquisadores de Pequenas Cidades – Mikripoli. E-mail: luanadetoni@gmail.com

2 Professor associado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Coordenador do Grupo de Pesquisa CNPq Cidade+Contemporaneidade. Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS). Mestre em Educação e especialista em Patrimônio Cultural (UFPel). Arquiteto e urbanista (UCPel). E-mail: amigodudu@yahoo.com.br

### Introdução

As cidades pequenas remetem à análise de um urbano de outra centralidade, não concentram a maior parcela da população brasileira, entretanto, correspondem a aproximadamente 90% dos assentamentos urbanos existentes (MIKRIPOLI, 2021). Esses territórios são múltiplos de acordo com os aspectos que tangem a localização geográfica, a estrutura econômica, o papel que desempenham na rede urbana e regional, também quanto às suas relações sociais e culturais. Um pouco dessa diversidade será expressa no presente ensaio, que tem como objetivo cartografar o desejo nas cidades pequenas. As experiências compartilhadas são frutos de pesquisas realizadas durante o processo do mestrado<sup>3</sup> no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, na Universidade Federal de Pelotas, em conjunto com estudos teóricos do grupo de pesquisa Cidade+Contemporaneidade<sup>4</sup>.

As publicações sobre as cidades pequenas, sobretudo na área da arquitetura e urbanismo, são carregadas de desejos. É notório o desejo por espaços livres qualificados, em propostas que abrangem ruas, praças, parques, orlas, hortas comunitárias; também são desejadas edificações arquitetônicas que abriguem equipamentos públicos, como mercados, escolas, bibliotecas; entre outros<sup>5</sup>. Contudo, para cartografar os desejos desta outra face do urbano, ainda à margem dos estudos e ações da disciplina de arquitetura e urbanismo, mostra-se indispensável capturar os desejos que surgem destes territórios. Nesse processo, anunciamos como nota introdutória, que é um exercício constante não romancear sobre o imaginário das cidades pequenas como um lugar ideal, assim como nos planos e projetos. Até mesmo os desejos mais comuns lançados sobre as cidades pequenas, de tranquilidade e segurança, podem ser questionados. É necessário dar passagem para múltiplos desejos, sem fantasiar, poupar ou omitir.

Observamos que emerge das cidades pequenas um desejo pelos símbolos do desenvolvimento no contexto do capitalismo neoliberal. Estes, geralmente, são materializados através do edifício em altura, do shopping e do asfalto. Da mesma maneira que o *pensamento único*<sup>6</sup> presente nas metrópoles da contemporaneidade, a noção de desenvolvimento aparece desvinculada das questões locais e subjetivas. Corroboramos com a ideia de Dardot e Laval (2016) sobre a *nova razão de mundo*, que impõem uma subjetivação global, e ao nosso ver afeta também os desejos dos territórios menores e menos capitalizados. Nos atentamos às pequenas cidades numa perspectiva que tange reflexões sobre modos de vida que reverberam muitas vezes em *diferenças e repetições*, ou ainda como *simulacros* (DELEUZE, 1988; 1974). Nesse sentido, podemos refletir sobre a seguinte questão: como o desejo de morar num apartamento, o desejo de comprar num shopping e/ou o desejo de circular sobre o concreto implicam nos modos de vida nas cidades pequenas?

Através do método da cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995 e GUATTARI; ROLNIK, 1986), a fim de capturar as relações entre modos de vida e os desejos, foram adotados os procedimentos da pedagogia da viagem (DETONI; RESENDE; PINHO; ROCHA,

3 DETONI, Luana Pavan. *Cidades pequenas: território de um devir menor na contemporaneidade*. Dissertação de mestrado. Pelotas, PROGRAU, UFPel, 2018. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5360>. Acesso em: jan. 2022.

4 Grupo de Pesquisa CNPq Cidade+Contemporaneidade. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/cmasc/>. Acesso em: jan. 2022.

5 Esses exemplos podem ser observados nos trabalhos de Arquitetos e Urbanistas publicados na PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, edições n. 19 e 20. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/issue/archive>. Acesso em: jan. 2022.

6 Expressão debatida na obra ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

2017) e da entrevista de manejo cartográfico (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2014), juntamente com o agenciamento de conceitos vistos pela filosofia da diferença<sup>7</sup>. O texto está organizado em três partes, a primeira busca apresentar a noção de cidades pequenas e o contexto dos territórios da região Sul do Rio Grande do Sul que serão abordados: Arroio do Padre, Cerrito, Cristal, Morro Redondo, Pedro Osório e Turuçu. Em seguida, refletimos teoricamente sobre o conceito de desejo, diretamente relacionado ao método cartográfico e aos procedimentos de pesquisa realizados. Por fim, apresentamos alguns dos resultados obtidos nesta cartografia do desejo nas cidades pequenas experienciadas. Em geral, esse processo revelou questões referentes ao parcelamento, uso e ocupação do solo; aos aspectos de composição da paisagem urbana; e sobre a noção de segurança. Ressaltamos que o presente estudo anuncia alguns temas que não pretendem ser esgotados neste ensaio.

### Cidades pequenas

Há certo imaginário sobre as cidades pequenas, como um lugar ideal para crescer e envelhecer. Esse outro urbano, que configura expressivamente o território brasileiro, remete a um modo de vida com ritmo mais tranquilo, mais integrado à natureza, com relações sociais mais próximas. No entanto, algumas generalizações desse desejo de lugar ideal precisam ser destacadas e refletidas. A começar pela compreensão de cidade pequena, visto que essa definição não corresponde a um dado a priori (SPOSITO; JURADO DA SILVA, 2013).

Existem muitas nuances entre os núcleos urbanos que podem ser compreendidos no escopo das cidades pequenas. Ou seja, apesar de apresentarem uma relação com os patamares mínimos, quanto ao porte demográfico, territorial e funcional (ENDLICH, 2017), observamos diferentes perspectivas e distintas definições sobre essas cidades. A complexidade mínima de urbanização é diversificada de acordo com o contexto social, econômico e locacional. Por exemplo, uma pequena cidade turística no litoral apresenta uma dinâmica completamente diferente de uma pequena cidade no interior do estado, cuja economia pode ter forte relação com a produção rural. Ambas, ainda, se diferenciam de pequenas cidades com localização adjacente a áreas metropolitanas, que podem apresentar contextos mais industrializados ou serem predominantemente residenciais, atuando nesse caso como cidades dormitórios.

São múltiplos os cenários de cidades pequenas possíveis. Desse modo, a rede de pesquisadores Mikripoli (2021), dedicada ao estudo da temática, sugere que sejam realizadas análises interescares, que abranjam o contexto regional e a dinâmica de rede urbana estabelecidas. Segundo Sposito (2009) a região é o principal quadro de referências para compreender as cidades médias e pequenas. A rede de pesquisadores também aponta para a necessidade de estudos mais aproximados, que possibilitem a captura de outras centralidades, análogo ao que propõem a temática desta edição da revista *Pixo*, é preciso *re-situar o norte*. Nesse sentido, a fim de avançar na reflexão aqui proposta sobre o desejo, partimos do estudo do contexto regional, para selecionar as cidades pequenas que serão cartografadas, e assim vamos nos aproximando cada vez mais das singularidades destes territórios.

O delineamento das cidades pequenas a serem investigadas ocorreu em 2016, a partir da regionalização estabelecida pelo IBGE em 2007. Devido a nossa proximidade física,

<sup>7</sup> Os filósofos da diferença – como Foucault, Deleuze, Guattari e Derrida, entre outros – fazem parte de uma linha filosófica que tem como expoentes Espinosa, Bergson e Nietzsche. A filosofia da diferença, vinculada ao movimento pós-estruturalista, se interessa pela diversidade, pluralidade e singularidade, ao invés de uma ideia universal e total que contém partes singulares (PETERS, 2000).

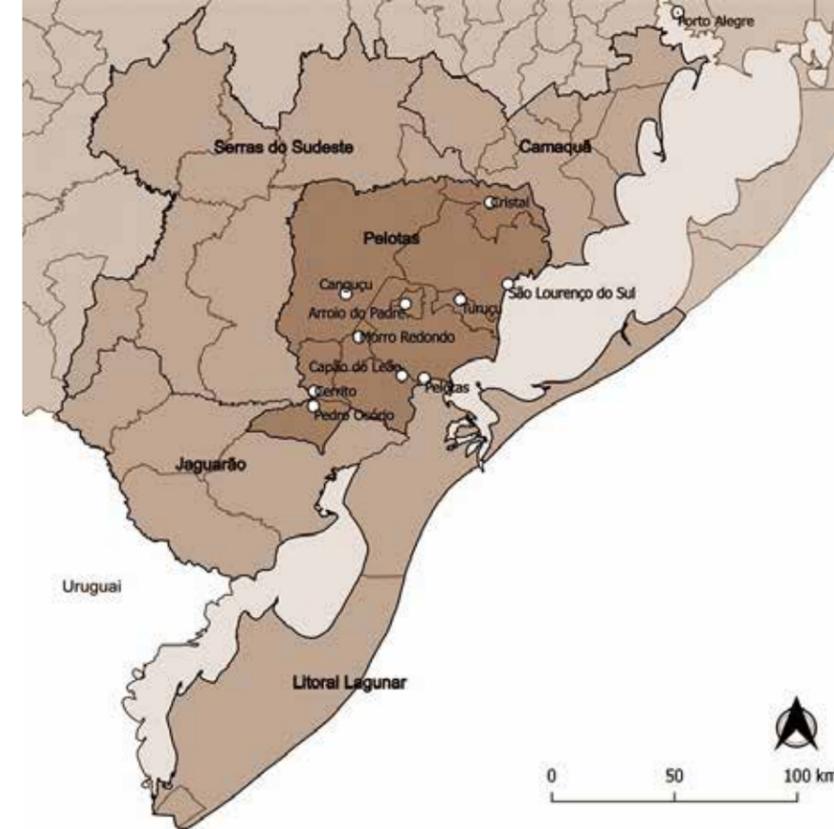


Figura 1 - Municípios da Microrregião de Pelotas, localizada na Mesorregião Sudeste do Rio Grande do Sul. Fonte: Detoni, 2018.

buscamos compreender a Microrregião de Pelotas (figura 1), que juntamente com as microrregiões Jaguarão, Litoral Lagunar e Serras do Sudeste, compunha a Mesorregião Sudeste do estado do Rio Grande do Sul. Nesta organização, a Microrregião de Pelotas abrange dez municípios: Arroio do Padre, Canguçu, Capão do Leão, Cerrito, Cristal, Morro Redondo, Pedro Osório, Pelotas, São Lourenço do Sul e Turuçu, totalizando uma população de 482.915 habitantes, em uma área de 10.331,5 km<sup>2</sup> (IBGE, 2010).

Observamos que Pelotas corresponde a noção de cidade média (SPOSITO, 2009), não apenas por ser o centro urbano mais populoso da região, estimado em 343.826 habitantes (IBGE, 2021), mas devido ao seu papel de intermediação na rede urbana em questão, pois estabelece conexões com outras centralidades da Mesorregião e do estado como um todo. Se constitui como cidade polo da porção sul do Rio Grande do Sul, especialmente pela sua importância na oferta de serviços de saúde e educação especializados (CNES, 2017; MEC 2017). Estes serviços impulsionam expressivo deslocamento pendular das demais cidades até Pelotas. As viagens em busca de saúde são realizadas, geralmente, pela frota municipal, através de ambulâncias, carros ou vans. Enquanto, os deslocamentos em razão da busca por educação acontecem por meio de vans, micro-ônibus e ônibus, que usualmente são contratados pelas associações de estudantes, algumas das quais possuem auxílio do município de origem. Também é comum uma articulação intermunicipal para atender a demanda dos estudantes, por exemplo, uma única linha com origem em Cristal, às vezes, também contempla São Lourenço do Sul e Turuçu, municípios que estão na rota até Pelotas.

Dentre as cidades da região, além de Pelotas, Capão do Leão e São Lourenço do Sul possuem Instituições de Ensino Superior Federal. Sendo a instalação de um campus da UFPel anterior ao processo de emancipação do município de Capão do Leão. No caso de São Lourenço do Sul, a Universidade Federal do Rio Grande tem lá a extensão de um de seus campus. Estas duas cidades, juntamente com Canguçu, se diferenciam das demais também devido ao número da população total. No entanto, cada uma apresenta uma dinâmica demográfica peculiar (IBGE, 2010): em Canguçu a maior parte da população reside na área rural (64% dos 53.259 hab.); em São Lourenço do Sul 56% da população é urbana (ao total 43.111 hab.), e esta aumenta significativamente durante a alta temporada de turismo na Costa Doce; e Capão

Municípios da Microrregião de Pelotas	População Estimada 2021 (Hab)	População Total 2010 (Hab)	População Urbana 2010 (%)	Área Municipal (km <sup>2</sup> )	Densidade demográfica (Hab/Km <sup>2</sup> )
Arroio do Padre	2.966	2.730	16	124,3	21,96
Canguçu	56.370	53.259	36	3.535,3	15,11
Capão do Leão	25.462	24.298	92	785,4	30,94
Cerrito	6.005	6.402	58	451,7	14,17
Cristal	8.121	7.280	56	681,6	10,68
Morro Redondo	6.609	6.227	42	244,6	25,45
Pedro Osório	7.683	7.811	92	608,8	12,83
Pelotas	343.826	328.275	93	1.610,1	203,89
São Lourenço do Sul	43.501	43.111	56	2.036,1	21,17
Turuçu	3.408	3.522	42	253,6	13,89

do Leão predominantemente urbana (92% dos 24.298 hab.) possui uma dinâmica conurbada com Pelotas, pois recebe expressivo número de estudantes e exporta muitos trabalhadores cotidianamente.

As demais cidades da região – Arroio do Padre, Cerrito, Cristal, Morro Redondo, Pedro Osório e Turuçu – apresentam menos de 10.000 habitantes, tabela 1, (IBGE, 2010; 2021). Sendo Pedro Osório a cidade mais urbana (92%) e com maior população total (7.811hab.) e Arroio do Padre a cidade mais rural (84%) e com menor população total (2.730 hab.). Essas seis cidades também correspondem às menores áreas de território municipal da região. Observamos ainda, que nesta última década, apenas Arroio do Padre e Cristal não apresentaram um decréscimo populacional, segundo a estimativa populacional publicada em 2021 pelo IBGE.

Embora, se relacionem através dos patamares mínimos, cada uma destas cidades apresenta uma dinâmica singular. Segundo Endlich (2006), a compreensão das dinâmicas relevantes para as cidades pequenas geralmente ultrapassa um recorte espaço-temporal categórico, sendo necessário procurar informações para além do espaço e do tempo propriamente delineado. Nesse sentido, procuramos, a seguir, abordar além da análise demográfica, as relações morfológicas e interescares dadas pela rede urbana estabelecida na microrregião estudada, juntamente com a história dos processos de emancipação que originaram essas cidades.

Arroio do Padre, Morro Redondo e Turuçu são as cidades mais próximas geograficamente de Pelotas. Esse fato evidencia a formação original desse território e seus processos de emancipação. Pelotas, originalmente denominada Freguesia de São Francisco de Paula, foi fundada em 1812, elevada à categoria de vila em 1832 e à cidade em 1835, a partir de então com seu nome atual. Dessa formação, foram desmembrados os municípios de Capão do Leão, em 1982; Morro Redondo, em 1988; Turuçu e Arroio do Padre, na década de 1990 (DETONI, 2018). **Arroio do Padre** constitui um território polinucleado, com seis núcleos urbanos, cada uma com sua escola, comércio, igreja e cemitério, somados a poucas residências. Além de ser enclave de Pelotas, localiza-se no extremo da rodovia estadual RS-737, como *um fim de linha*, configura um território cercado e isolado. A cidade de **Morro Redondo** se originou no entorno de uma importante via de acesso entre Pelotas e Canguçu. Era um típico lugar de passagem e parada. Porém, desde a construção da BR-392, na década de 1950, essa não é mais a principal rota entre as duas cidades. Sua urbanização linear é segregada em duas partes, o morro de cima e o morro de baixo, segundo topônimo atribuído

pela população, nos chama a atenção que embora seja invisível esta divisão, cada morro possui sua igreja anglicana e seu time de futebol. A origem de **Turuçu** não se relaciona com o surgimento de uma rodovia, mas sofreu grande transformação e impulsão na década de 1960, quando a BR-116 foi construída, principal via de acesso dos municípios da porção sul à capital do estado, Porto Alegre. Outra diferença em comparação com Morro Redondo é que em Turuçu a área urbanizada encontra-se apenas de um lado da estrada.

Seguindo o histórico de formação das cidades (DETONI, 2018), no ano de 1959, Cerrito e Olimpo, localidades rurais conectadas pela ponte sobre o Rio Piratini, se uniram politicamente a fim de se emancipar, respectivamente, dos municípios de Canguçu e Arroio Grande, e formaram um novo município denominado de Pedro Osório. Posteriormente, em 1995, foi realizado plebiscito popular no qual a comunidade cerritense decidiu elevar Cerrito à categoria de município. A porção que corresponde hoje à **Pedro Osório** tem características predominantemente urbanas, cuja área central foi revitalizada, com obras de paisagismo no canteiro central, de alargamento das calçadas na via comercial, também observamos a instalação de unidades habitacionais pelo programa Minha Casa Minha Vida. A área rural deste município configura-se pela estrutura latifundiária, para produção tradicional de arroz, e mais recentemente de soja, evidenciando uma agricultura cada vez mais mecanizada. Diferentemente **Cerrito** apresenta apenas 60% da sua população na área urbana, possui muitas comunidades rurais, fato que está diretamente relacionado a estrutura fundiária de pequena propriedade e a prática de agricultura familiar com produção diversificada no município. As duas cidades apresentam um tecido urbano xadrez, com as edificações centrais predominantemente construídas no alinhamento predial.

Os processos de emancipação municipal são relevantes aos estudos das cidades pequenas, especialmente no Brasil, devido à estreita associação formal entre o município e a cidade, a emancipação atua como via de acesso à instalação de importantes serviços e equipamentos urbanos (ENDLICH, 2006). Observamos, no entanto, uma forte interdependência entre Cerrito e Pedro Osório, cujas áreas urbanas são bem próximas, por exemplo, os dois municípios compartilham o mesmo hospital. Cerrito, emancipado de Pedro Osório há pouco mais de duas décadas, aplica parte dos seus recursos de saúde no município vizinho, o que permite que a população desfrute em conjunto de tal equipamento, ao mesmo tempo que auxilia a sua manutenção (DETONI, 2018).

Finalizando a síntese das origens e conformações dos municípios da microrregião, registramos que **Cristal** foi desmembrado de Camaquã e emancipado em 1988 (IBGE, 2010). Assim como em Turuçu, a BR-116 exerce grande influência, ainda mais devido ao fato que a rodovia corta a sua área urbanizada. Na última década, junto com a duplicação da BR-116, foram realizadas obras neste trecho a fim de preservar a segurança dos transeuntes. A localização de Cristal dista aproximadamente 100 quilômetros de Pelotas e 150 de Porto Alegre. No entanto, a proximidade histórica e geografia com Camaquã (31,1 Km), evidencia este município como sua principal referência para serviços de saúde (DETONI, 2018). Podemos observar essa relação através da atualização da regionalização do IBGE (2018), onde Cristal passa a integrar a Região Imediata de Camaquã, sub-região que integra a Região Intermediária de Porto Alegre.

Em busca de desvelar vínculos que compõem as cidades pequenas, Endlich (2006) apresenta reflexões baseadas em dois pontos principais: o ritmo e a sociabilidade nas cidades pequenas, sendo outros assuntos decorrentes dos desdobramentos desses. Corroboramos com a autora, assim adentramos a escala intraurbana, para experienciar os territórios a nível do transeunte, com o objetivo de cartografar o desejo. Em geral, as

idades pequenas são parte de um desejo do urbano marcado por um ritmo mais lento e humanizado. Mas nos questionamos também sobre o que a população das cidades pequenas tem desejado?

### Cartografia do desejo

*Ou se tem chuva e não se tem sol,  
ou se tem sol e não se tem chuva!*

*Ou se calça a luva e não se põe o anel,  
ou se põe o anel e não se calça a luva!*

*Quem sobe nos ares não fica no chão,  
quem fica no chão não sobe nos ares.*

*É uma grande pena que não se possa  
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!*

*Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,  
ou compro o doce e gasto o dinheiro.*

*Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...  
e vivo escolhendo o dia inteiro!*

*Não sei se brinco, não sei se estudo,  
se saio correndo ou fico tranqüilo.*

*Mas não consegui entender ainda  
qual é melhor: se é isto ou aquilo.*

Cecília Meireles, 2012.

Escolher isto ou aquilo, ou aquilo a isto, é uma prática que faz parte do nosso cotidiano. Como no poema de Cecília Meireles (2012) ou se tem isto ou se tem aquilo. Observamos, no entanto, que há um desejo que impulsiona à escolha, implícita ou explicitamente. Um desejo que acolhe o outro que não foi escolhido, como um referencial. Esse outro pode parecer simplesmente o oposto, mas na verdade está inserido na sua própria concepção, impregnado no ato da comparação que precede a escolha. Assim como, o poema nos faz refletir: só desejamos o sol diante da chuva e vice-versa.

Nesse sentido, podemos pensar sobre o desejo da cidade pequena e o desejo da cidade grande como faces de uma mesma moeda. Noção que remete ao conceito nietzschiano de *eterno retorno*, continuado por Deleuze na obra *Diferença e Repetição* (1988), e serve como uma chave para ultrapassar certos antagonismos e apreender relações de complementaridade e sobreposição. No contexto da cidade contemporânea, Clarissa da Costa Moreira (2004) evidencia que o desejo da tabula rasa contém em si também o desejo de preservação. Outra perspectiva sobre os desejos remete à noção de *simulacro*, que evidencia uma força de criação pela potência do *devir*. “O simulacro não é uma cópia degradada, ele encerra uma potência positiva que nega tanto o original como a cópia, tanto o modelo como a reprodução” (DELEUZE, 1974, p. 267).

Para refletir sobre a noção de desejo em relação às cidades pequenas, estabelecemos um plano teórico, que captura o conceito de desejo pela filosofia da diferença. Na obra *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010)

se colocam em desacordo com a interpretação da psicanálise e propõem uma teoria diferente para o entendimento do desejo. Para os autores o desejo é impulsionado pelo conceito de rizoma, eles afirmam que é sempre por rizoma que o desejo se move e produz. Sendo a cartografia, um dos princípios que definem esse conceito, no sentido de que o rizoma não possui uma estrutura passível de reprodução ou decalque (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Destacamos aqui a potência do desejo para criação cartográfica.

Em *O Abecedário de Gilles Deleuze*, a entrevista sobre a letra D anuncia o conceito de desejo (DELEUZE; PARNET, 1997, p. 17-24). Deleuze afirma que nunca se deseja algo isolado; deseja-se bem mais. Também não se deseja um conjunto; deseja-se em um conjunto. Em continuidade, fala que o questionamento colocado com o *anti-édipo* consiste em perguntar: “qual a natureza das relações entre elementos para que haja desejo, para que eles se tornem desejáveis?” Esse questionamento se deve a que o desejo decorre em um contexto de vida onde o sujeito organiza o desejo em relação não apenas com a paisagem em que está inserido, mas com as pessoas com quem se envolve e com as atividades que desenvolve. Em síntese, para o filósofo: “Sempre se deseja um todo; não apenas algo ou alguém”.

Seguindo as falas da entrevista, nota-se que o ato de desejar requer construir um conjunto, fazer um agenciamento. O desejo visto como construtivismo está associado a três noções do *anti-édipo*: (i) as multiplicidades do inconsciente; (ii) o delírio como delírio-mundo, e não exclusivamente o delírio-família; (iii) o inconsciente como máquina, como fábrica de criação avessa à cenografia passível de reprodução. Para que um desejo aconteça é necessária ainda uma diferença de potencial, uma hostilidade, uma reação contra as concepções dominantes. Desse modo, é preciso romper a imagem ou imaginário de uma cidade pequena para provocar a potência do desejo.

A compreensão sobre o conceito de desejo, revela que este é revolucionário. O desejo sempre requer mais conexões e mais agenciamentos. Segundo Suely Rolnik (2006), a ética do cartógrafo é concebida pela análise do desejo, ou seja, pela análise das linhas de fuga, do que foge à regra, evocando uma sensibilidade à *desterritorialização*, que confronta a realidade e cria outras possibilidades. Isso porque é possível falar dos desejos de uma cidade pequena, dos desejos de um sujeito que é coletivo, que se subjetiva e é subjetivado, dos desejos presentes nos outros modos de vida possíveis nesse urbano de outra centralidade.

Faz-se necessário constituir uma teoria da subjetividade que comporte tais singularidades e sua potência de transfiguração. Isso implica deslocar-se radicalmente de um modelo identitário e representacional, que busca o equilíbrio e que, para obtê-lo, despreza as singularidades. Trata-se de apreender a subjetividade em sua dupla face: por um lado, a sedimentação estrutural e, por outro, a agitação caótica propulsora de devires, através dos quais outros e estranhos eus se perfilam, com outros contornos, outras linguagens, outras estruturas, outros territórios (ROLNIK, 1999, p. 210).

Com base neste plano teórico, que entrelaça o conceito de desejo à cartografia, afirmamos a cartografia, como método de pesquisa. A exemplo do trabalho das *Cartografias do desejo* realizado a partir da viagem de Félix Guattari ao Brasil em 1982, à convite de Suely Rolnik. Entendemos a cartografia como um *hódos-metá*, que compreende *hódos* como caminho ou direção e *metá* como reflexão, raciocínio ou verdade, desse modo a cartografia fomenta um processo que possibilita à pesquisa traçar suas metas ao longo do percurso (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2014). Para tal foram adotados dois procedimentos a fim de auxiliar a sensibilidade deste processo

que anuncia inúmeras possibilidades: a pedagogia da viagem e a entrevista de manejo cartográfico.

A pedagogia da viagem corresponde a um procedimento de ensino-aprendizagem que evoca a experiência (DETONI; RESENDE; PINHO; ROCHA, 2017). A viagem cria possibilidades de apreender a vida, a ciência e a educação para além do pensamento dual, cujos termos permitem somente dois extremos, comum às pedagogias tradicionais das salas de aula. Esta pedagogia busca experienciar o cinza, os lugares do entre, as frestas das cidades, a fim de expressar relações provocadas pelos encontros. O processo de viagem para as seis cidades pequenas pesquisadas, pode ser compreendido em três momentos, como o *ritornelo deleuziano*: o *território*, que precede a viagem, analogamente à bagagem que temos para levar conosco; o *desterritório*, causado pelo ato da viagem em si, momento de ver, ouvir, sentir e vivenciar, deixar-se *afectar* e ser conduzido pelos desejos, pela necessidade do conhecimento, que as experiências nas cidades podem provocar; e o *reterritório*, quando retornamos, momento de reflexão, entre a ação e a reação, encontro dos planos intensivos e extensivos, propício a criação cartográfica.

A pedagogia da viagem conduz a busca por perguntas, uma vez que as respostas não as extinguem ou reduzem. Relacionamos então junto a viagem o procedimento das entrevistas de manejo cartográfico (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2014). Estas se aproximam de uma conversa, buscam acolher os diversos assuntos e atravessamentos que surgirem, sendo a formulação da pergunta apenas uma maneira de iniciar o processo. Ao longo das viagens foram agendadas entrevistas com profissionais arquitetos e urbanistas, atuantes ou que atuaram nas cidades. Nesse processo foram entrevistados profissionais do serviço público das prefeituras de Cerrito, Pedro Osório e Morro Redondo, destacamos que estes eram regulamentados através de contratos temporários ou cargos comissionados, não houveram registros de profissionais arquitetos e urbanistas concursados no quadro técnico dos municípios. Também foram entrevistados arquitetos e urbanistas autônomos que trabalharam em Cerrito, Pedro Osório, Morro Redondo e Cristal, com exceção do profissional de Cristal os outros tinham obras em mais de uma cidade da região, incluindo Pelotas, cidade de formação de todos os entrevistados. Em Turuçu, obteve-se registro de um arquiteto que atuou na prefeitura, no entanto não foi possível entrevistá-lo. Em Arroio do Padre, não havia registros. Nas duas últimas cidades mencionadas, tampouco foi possível entrevistar profissionais autônomos.

As experiências a partir das viagens nas pequenas cidades, bem como o ato e o registro das entrevistas, foram essenciais para o exercício de agenciar o conceito filosófico de desejo que será compartilhado a seguir.

### Experiências na região Sul do Rio Grande do Sul

Não há uma definição única e totalmente adequada, que possa responder às questões do que são cidades, como elas surgem e quais funções desempenham. O significado de cidade e sua origem são obscuros (MUMFORD, 1985). Contudo, compreender as funções que a impulsionaram, assim como, as suas transformações, que surgem das necessidades e dos desejos de como viver nas cidades, pode ser um caminho para pensar outras possibilidades para a vida humana.

É inegável que existe no desejo da cidade pequena um desejo pela cidade grande, visto nos símbolos do desenvolvimento. Observamos que a população deseja o edifício em altura, o shopping e o asfalto. Também existe no desejo das grandes cidades um desejo pelas pequenas, que é exaltado pelas condições de segurança,

tranquilidade, vizinhança e proximidade com o ambiente natural. A experiência desses desejos corrobora com a ideia das *duas faces de uma mesma moeda*, como visto em Deleuze (1988) e em Moreira (2004). Nesse sentido, nos atentamos às pequenas cidades, numa **perspectiva sobre o desejo que tange reflexões sobre os modos de vida, dados por relações de diferenças e repetições, ou ainda, como simulacros** (DELEUZE, 1974). Como o desejo de morar num apartamento, o desejo de comprar num shopping ou o desejo de circular sobre o concreto podem implicar nos modos de vida das cidades pequenas?

Tal questão pode ser diretamente relacionada aos processos de **parcelamento, uso e ocupação do solo**. Em Morro Redondo, encontramos os exemplos mais significativos sobre este aspecto. Quando perguntamos se era possível identificar desejos característicos das cidades grandes, uma arquiteta e urbanista que atua de forma autônoma na cidade respondeu:

Olha, o pessoal de lá quer coisa boa, eles sabem que existem tecnologias diferentes e eles querem [...]. Talvez um tempo atrás não, mas hoje eles querem casas contemporâneas, diferentes [...]. Morro Redondo tem shopping agora [...]. Vai ter até prédio, tipo uma Cohabpel [...]. Não sei onde vai ser o projeto, eu só vi uma imagem no Facebook. Mas são bem próximos os edifícios uns dos outros, acho que são três andares, bem diferente das residências que tem lá [...] (DETONI, 2018, apêndice B).

O anúncio deste projeto para habitação multifamiliar nos chamou atenção, pois além de destoar dos modos de morar existentes, também não estaria de acordo com as diretrizes urbanas do município. Em outra entrevista, um arquiteto e urbanista, que participou da concepção do Plano Diretor de Morro Redondo, até sua aprovação em 1995, e atuou muitos anos na prefeitura, nos relatou que este pode ser considerado uma exceção. Devido à forma como foi elaborado e pelo condicionamento das diferenças, implicadas pelo modo de vida local, nas suas proposições. O Plano foi construído de forma conjunta entre a prefeitura, que dispunha de um quadro técnico de arquitetos e estagiários, dentre outros profissionais, e a participação de professores e alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, que estavam envolvidos em um projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas. Na década de 1990 já havia tensionamentos sobre a importância da participação popular na construção dos planos e projetos urbanos. Entretanto tal garantia só foi fundamentada nos anos 2000, com o Estatuto da Cidade. Ainda que a representação dos municípios se restringisse aos poderes Executivo e Legislativo, segundo o arquiteto e urbanista, a população esteve presente no cerne das proposições, que evidenciam um caráter rural nas atividades dos morro-redondenses, por exemplo:

O tamanho do lote, a nossa ideia inicial era 20 x 40, não conseguimos. Aprovamos 12 x 40. Mesmo assim, tinha um tamanho bem generoso com a peculiaridade de lá, que o pessoal tinha muita coisa no pátio, muita horta. Isso é uma coisa que a gente conseguiu. O processo do Plano foi bem válido, e acho que isso ficou. O gabarito das ruas foi muito importante. De início, foi uma dificuldade porque o pessoal não entendia. Tínhamos uma calçada de 4 metros de largura, e o pessoal achava que era muito grande, comparavam com Pelotas. O referencial deles é Pelotas, que é uma cidade histórica e não tem espaço para arborização. Então, ficou um legado bem interessante que foi esse processo [...] (DETONI, 2018, apêndice E).



No período desta pesquisa (2016-2018), a administração pública vigente negou acesso a cópia da lei do Plano Diretor, ainda não digitalizado, alegando que municípios com menos de 20 mil habitantes não teriam essa obrigatoriedade. Realmente, esta informação condiz com o estabelecido pela Constituição Federal de 1988 e posteriormente pelo Estatuto da Cidade (2001), no entanto, a lei uma vez aprovada no município só deixará de ser vigente quando revogada, fato que até onde pudemos consultar não ocorreu. Conseguimos um acesso parcial através de uma dissertação que analisou o Plano em questão (MACIEL, 2009). Na imagem de satélite atual (Figura 2), podemos observar a construção do empreendimento multifamiliar concluída, forma urbana que se sobressai pela diferença das demais edificações habitacionais deste território. No entanto, essa obra configura também um processo de repetição, visto pela homogeneização da maneira de habitar nas cidades.

Em casos como este, questionamos se há uma falha na proposição ou na falta de atualização dos Planos? Neste ensaio, também refletimos se esta seria uma crise dos desejos? Uma vez que, estes desejos não nos parecem ser revolucionários, como indica Rolnik (2006), mesmo que sejam frutos de um *dellírio-mundo* como apreendido na noção de *anti-édipo* (DELEUZE; PARNET, 1997), são como cenografias, ou seja, passíveis de reprodução. Existe uma singularidade na concepção desses desejos ou estes são meramente impostos pelo mercado imobiliário? Podemos observar que a subjetivação neoliberal reverbera certa homogeneização dos desejos até mesmo nos centros menos globalizados, como em Morro Redondo. Notamos que a verticalização das cidades pequenas é uma crescente (MANFIO, 2021), apesar de que o modo de morar num apartamento possa ser genérico, sobretudo quando a paisagem da janela revela apenas outra edificação.

Ainda, sobre o parcelamento, uso e ocupação do solo, destacamos a experiência de uma arquiteta e urbanista que atua nas cidades de Cerrito e Pedro Osório. No período que corresponde ao seguinte relato, ela atuava junto à gestão pública do município de Pedro Osório na proposta de saneamento do esgoto para um conjunto de residências de uma comunidade. Os modos de vida da população, associados ao cultivo de hortas e criação de pequenos animais no quintal, atribuíam à área privada dos seus terrenos

um valor diferente do estabelecido pela proposta que visava uma solução individual para o esgoto de cada unidade habitacional.

Nós não temos uma estação de tratamento, não temos esgoto encanado para um tratamento público. São usados fossas e sumidouros, mas existem situações que as famílias estão colocando aquele esgoto para frente, com vala aberta, então tu queres eliminar aquilo. [...] Mas eles diziam: “não, porque meu pátio tem horta, eu não vou obstruir todo o meu pátio, eu não tenho onde botar esse esgoto”. Tem locais que não conseguimos ter um consenso, a gente teve que recuar e esperar um outro momento para intervir naquela comunidade porque senão as pessoas não aceitam [...]. Claro, isso era uma questão de saúde pública. Elas queriam que nós tubulássemos as valetas e conduzíssemos aquele esgoto para outro local. Mas e se tu não tens onde colocar? Eu não tinha onde colocar o esgoto [...] (DETONI, 2018, apêndice D).

Imaginamos que avesso ao que capturamos em Morro Redondo, estes desejos partem dos moradores que buscam defender a manutenção dos espaços livres e produtivos dos seus terrenos. Esse tensionamento, apesar de expressar uma reivindicação sobre a propriedade privada, evidencia uma força coletiva, e por consequência, demandou uma solução coletiva e fez os envolvidos, técnicos e gestores, repensar suas ações. Apesar das devidas ressalvas por se tratar de uma questão de saúde pública, observamos em meio aos desejos dos moradores uma alternativa distinta da sugerida. Uma estação de tratamento de esgoto (ETE) municipal, pode ter custos mais elevados inicialmente, devido a necessidade de adquirir um terreno e instalação da rede. No entanto, esses custos quando analisados pela eficácia, manutenção e abrangência, podem ser reavaliados, especialmente se confrontados com as demandas e valores atribuídos pelos desejos da população.

Outra reflexão que pontuamos, diz respeito a referência direta à cidade polo, na fala dos dois profissionais e nos anseios da população em Morro Redondo. Tanto nos edifícios multifamiliares, semelhante a Cohabpel, localizada na zona norte de Pelotas, quanto nos parâmetros para a dimensão das calçadas. Acreditamos que a reivindicação por uma estação de tratamento de esgoto (ETE) em Pedro Osório, também possa ter como base a infraestrutura urbana de um centros mais populosos. Desse modo, entremeados às noções de diferença e repetição emergem os simulacros. Há nas cidades pequenas uma urgência de criação, que nega a mera reprodução, assim como, a manutenção do seu estado.

Os exemplos acerca do parcelamento, uso e ocupação do solo relatados também refletem diretamente na **composição da paisagem**. Para ilustrar tal aspecto, selecionamos a cidade que mais nos instiga a esta reflexão: Turuçu (figura 3). Observamos na viagem à pequena cidade, especialmente durante o percurso, que sua área urbanizada tem se estendido intensivamente de forma paralela à BR-116. Podemos verificar mais de um quilômetro linear, com casas dispostas longitudinalmente, sem a existência de uma rua transversal. As edificações de alvenaria, muitas vezes sobrados, destoam das construções presentes nos núcleos informais, no entanto, essa área também evidencia uma precarização da urbanização. Diferentemente, na porção urbana mais antiga de Turuçu encontramos ruas com alamedas centrais, nos chama atenção um cuidado singular com esta paisagem, visto que as árvores abrigam orquídeas e são entremeadas por roseiras.

A rua é o *espaço livre* por excelência, através dela ocorrem as conexões e as trocas entre a propriedade privada e a esfera pública da cidade. A ausência de ruas corresponde à

Figura 3 – Imagem de satélite e fotografias de Turuçu/RS. Fonte: GoogleEarth, editada pelos autores 2022; fotografias da autora em 2017.



ausência de produção de cidade e suas dinâmicas e benefícios correlatos. A expansão linear que relatamos ficou mais intensa recentemente, e nos remete a uma carência de desejos, típico de uma vida como máquina, quando a residência é máquina de morar e as ruas máquinas apenas de circular. Como nas cidades dormitórios, locais de reserva de força de trabalho. Nesse caso, é difícil não expressarmos os nossos próprios desejos, de uma cidade mais conectada com a natureza, com paisagens que ofereçam uma experiência multissensorial. Sobretudo, que fomente fluxos e encontros, uma vida de troca entre a população, e da população com o ambiente também. Associamos que durante o processo de pesquisa, não conseguimos contatos com arquitetos e urbanistas atuantes ou que atuaram nesta pequena cidade. Seria papel destes profissionais impulsionar o desejo por paisagens urbanas qualificadas?

Em Pedro Osório, verificamos a presença de inúmeros arquitetos e urbanistas na gestão administrativa vigente. Na viagem à cidade, nos surpreendemos ao encontrar um núcleo urbano bem consolidado, com bancos, comércios, rodoviária, hotel. O que mais nos chamou atenção foram os espaços livres projetados, destacamos duas obras recentes da cidade: a praça no canteiro central e o alargamento da calçada na rua comercial (figura 4). Um dos arquitetos e urbanistas entrevistados atuou nestes projetos e comentou o quanto estes transformaram a paisagem urbana da cidade. Apesar das dificuldades iniciais quanto à aceitação da população, ele acredita que esta tenha ficado satisfeita com os resultados.

No projeto da Avenida Presidente Vargas [...]. A ideia era seguir aquele alargamento das calçadas até a prefeitura, por isso teve uma mudança no sentido de acesso na rodoviária [...]. Os donos das lojas da avenida não queriam a intervenção de jeito nenhum. Eles estavam preocupados com seus negócios e não com a qualidade da rua [...]. No projeto da Praça Sete Alan [...]. Aconteceu muito de as pessoas roubarem as plantinhas que a gente colocava, eram todas mudinhas pequenas [...]. O pessoal gostou do projeto, foi uma grande transformação porque era uma praça de chão batido, terra, totalmente diferente. Era tudo esquecido, os bancos quebrados, não



tinha lixeira, não tinha iluminação, não tinha nada. A gente renovou ela [...] (DETONI, 2018, apêndice F).

Ainda sobre sua atuação no contexto da pequena cidade, o arquiteto e urbanista apontou algumas dificuldades, como a ausência de uma legislação urbana específica do município e de dados cadastrais da área urbanizada, com o desenho das ruas, quarteirões, lotes e edificações. Ele mencionou que costumava consultar estas informações na internet, com base na legislação de outras cidades, e realizou os levantamentos cadastrais que precisava através de imagens de satélites disponíveis em mapas online, no entanto, não havia uma sistematização destes dados em curso. Visto por estas dependências, podemos dizer que os desejos de descentralização do poder para a esfera dos municípios, anunciada na Constituição de 1988, não é efetiva no contexto das cidades pequenas, será preciso um longo processo, que deverá incluir as questões fundamentais para as políticas urbanas.

Por fim, o último aspecto que destacamos diz respeito à noção de **segurança**. É recorrente a idealização das cidades pequenas como seguras, esse é um dos principais desejos sobre estes lugares. No entanto, Fernandes e Endlich (2021, p. 133) apontam que “a concepção de que a cidade pequena é um local tranquilo e seguro para se viver deve ser relativizada, assim como a associação entre pequena cidade e tranquilidade deve ser desconstruída.” Corroboramos com os autores, sobretudo a partir dos relatos dos arquitetos e urbanistas de Cristal e Pedro Osório. Ambas cidades haviam sofrido assaltos, em Cristal justificava-se por ser uma cidade de passagem, e assim, fácil de fugir. Diferentemente, em Pedro Osório se justificava por ser mais isolada, local onde a polícia teria menor acesso.

Na experiência da viagem às cidades estudadas, notamos a presença de alguns dispositivos de segurança, como grades altas, cercas elétricas, concertinas e placas de vigilância (figura 5). Embora mais recorrentes em Pedro Osório, Cerrito e Cristal, destacamos que estes dispositivos eram pontuais, ou seja, configuram mais uma exceção do que uma regra. Por outro lado, sem muros, grades ou quaisquer dispositivos, a segurança em Arroio do Padre nos remeteu a tipologia de condomínio fechado (DETONI, 2018). Esse *simulacro* despertou inúmeras reflexões acerca do agenciamento do conceito de desejo. Os desejos de morar em condomínios fechados nas cidades grandes revelam um desejo sobre a ambiência das cidades pequenas? Como são essas relações de vizinhança e com a paisagem natural inventadas? Existe nas cidades pequenas um desejo de se isolar, de controlar os acessos, de restringir a existência do outro, o estranho ou estrangeiro?

A noção de segurança não é precisa, apresenta uma forte relação com os processos de subjetivação impostos pelo contexto hegemônico, também diz respeito à subjetividade de cada indivíduo. Porém a materialização destes dispositivos de segurança oferece uma sensação contrária, de insegurança. Por outro lado, uma paisagem sem muros ou com cercas baixas, por exemplo, retrata um aspecto de segurança. Sendo assim, podemos dizer que o desejo por segurança é complexo e contraditório.

Figura 4 – Praça do Canteiro Central e calçada da Rua Comercial de Pedro Osório/RS. Fonte: autora, 2017.



Os três aspectos anunciados nesta cartografia estão diretamente correlacionados. A produção da paisagem urbana e dos modos de morar nas cidades implicam em questões de segurança física e social, também na segurança alimentar e cultural como vimos nas práticas de cultivo da população das cidades experienciadas. E tudo isso é condicionado pelos processos de parcelamento, uso e ocupação do solo, que correspondem aos principais instrumentos dos arquitetos e urbanistas para regulamentar, projetar e planejar as cidades.

### Considerações iniciais

Acreditamos que o urbano marca um ritmo, não só uma frequência, mas um modo de viver e pensar a cidade. Atributos como a tranquilidade e a facilidade de locomoção são retratados nas cidades pequenas, através, por exemplo, da máxima de sentar na calçada e ver a vida passar, e pela caminhabilidade, fruto das proximidades dos deslocamentos necessários. Essas percepções de calma e acessibilidade, assim como o desejo, não acontecem de forma isolada. Elas decorrem de uma apreciação comparada a outros ritmos, marcados por outros cotidianos, ritmos regulados muitas vezes pela sofreguidão diante da intensidade e dos excessos das grandes cidades. Isso torna as cidades pequenas sagradas e desejadas, a partir da valorização dos seus moradores, sobretudo por seus observadores.

A partir desta cartografia do desejo, ressaltamos que as cidades pequenas não correspondem a miniaturas das cidades grandes, mas sim a um urbano expresso por manifestações específicas de um cotidiano que resiste, se apropria e reinventa certos padrões. No entanto, as análises das cidades pequenas acabam sendo sempre imbuídas de um referencial comparativo, por exemplo, dos parâmetros de outras formas de vida urbana que estão vinculadas às cidades maiores. Notamos que precisamos também levar em conta que as experiências vividas em outras cidades, usualmente em busca de serviços de saúde e educação, ou até mesmo através da mídia, têm uma abordagem basicamente metropolitana, assim como a ciência, a política, a literatura, a arquitetura e o urbanismo.

A experiência da viagem nas seis cidades estudadas possibilitou expor um território único e repleto de singularidades, que transborda os limites das teorias sobre cidades pequenas. As entrevistas de manejo cartográfico com os arquitetos e urbanistas buscaram romper com a ideia de um registro tradicional, os resultados compartilhados

neste ensaio emergiram destes encontros. A experiência vivida no processo de pesquisa possibilitou uma processualidade nesta escrita, que foi revisitada e acrescida. Na cartografia, o material a ser pesquisado não é apenas coletado (decalque), ele é produzido (mapa). Tal produção requer uma cognição capaz de inventar, criar e desejar outros mundos possíveis.

Cada vez mais, observamos que a impossibilidade do desejo de estar em dois lugares ao mesmo tempo, anunciada no poema de Cecília Meireles, tem sido desafiada. Seja pelo caos da fragmentação e sobreposição da *cidade collage* (ROWE; KOETTER, 1998), ou pela homogeneização dos planos e projetos como exposto na crítica ao *pensamento único* (ARANTES; VAINER; MARICATO, 2000). Somos assombrados por uma constante crise dos desejos (GUATTARI; ROLNIK, 1986), sobretudo, nesta experiência de teletrabalho e de ensino remoto, estabelecida no cenário da pandemia da COVID-19 desde 2020, onde estamos constantemente em mais de um lugar, muitas vezes, em lugar nenhum.

### Referências

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: jan. 2022.

BRASIL. [Estatuto da Cidade (2001)]. Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001. Estabelece diretrizes gerais da política urbana. Brasília: Presidência da República, 2001. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/10257.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/10257.htm). Acesso em: jan. 2022.

CNES. Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde. *Banco de Dados*. Disponível em: <http://cnes.datasus.gov.br/>. Acesso em: abr. 2017.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade*. Tradução Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo, Perspectiva, 1974.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001, VHS, 459min. Paris: Éditions Montparnasse, 1997.

DETONI, Luana Pavan. *Cidades pequenas: território de um devir menor na contemporaneidade*. Dissertação de mestrado. Pelotas, PROGRAU, UFPel, 2018. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5360>. Acesso em: jan. 2022.

DETONI, Luana Pavan. Cartografia da (in)segurança nas cidades pequenas: uma experiência em Arroio do Padre/RS. *PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, parede branca, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/issue/archive>. Acesso em: jan. 2022.

DETONI, Luana Pavan; RESENDE, Lorena Maia; PINHO, Rafaela Barros; ROCHA, Eduardo. *A experiência da pedagogia da viagem na fronteira Brasil-Uruguay*. *INSITU*, v. 3, p. 83-98, 2017. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/situs/article/view/640>. Acesso em: jan. 2022.

ENDLICH, Angela Maria. Na trilha conceitual e de definições das pequenas cidades. In: BOVO, M. C. COSTA, F. R. *Estudos Urbanos*. Campo Mourão: Editora Unespar, 2017, p. 33-53.

FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli; ENDLICH, Angela Maria. Violência e insegurança cidades de faixa de fronteira: O contexto do tráfico ilegal no norte do estado do Paraná. *Revista da ANPEGE*, v. 17, p. 131-154, 2021.

ENDLICH, Angela Maria. *Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do noroeste do Paraná*. Presidente Prudente: UNESP, 2006.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico de 2010*. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=43&search=rio-grande-do-sul>. Acesso em: abr. 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Regiões de Influência das Cidades - REGIC 2007*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/>. Acesso em: fev. 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Regiões de Influência das Cidades - REGIC 2018*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/>. Acesso em: jan. 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estimativa populacional*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: jan. 2022.

MACIEL, Alexandre Pereira. *Antigos Prédios e Novos Municípios: Patrimônio Arquitetônico Urbano Capão do Leão, Morro Redondo, Turuçu e Arroio do Padre – RS*. Pelotas: Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural/UFPel, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br/handle/123456789/1063>. Acesso em: mai. 2017.

MANFIO, Vanessa. A verticalização urbana nas pequenas cidades da Quarta Colônia/RS. *PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, v. 5, p. 248-261, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/issue/archive>. Acesso em: jan. 2022.

MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. São Paulo: Global Editora, 2012.

MIKRIPOLI. Rede de Pesquisadores sobre Cidades Pequenas. *Por uma Geografia Urbana mikropolitana!* Disponível em: [https://issuu.com/mikripoli/docs/por\\_uma\\_geografia\\_urbana\\_mikropolitana](https://issuu.com/mikripoli/docs/por_uma_geografia_urbana_mikropolitana). Acesso em: nov. 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / MEC. *Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados*. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: abr. 2017.

MUMFORD, Lewis. *A Cidade na História: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

ROWE, Colin; KOETTER, Fred. *Ciudad collage*. barcelona: Editora Gustavo Gili, 1998.

MOREIRA, Clarissa da Costa. *A cidade contemporânea entre a tabula rasa e a preservação: cenários para o porto do Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SPOSITO, Eliseu Savério; JURADO DA SILVA, Paulo Fernando. *Cidades Pequenas: Perspectivas Teóricas e Transformações Socioespaciais*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Para Pensar as Pequenas e Médias Cidades Brasileiras*. Belém: Federação de órgãos para Assistência Social e Educacional/FASE; Instituto de Ciências Sociais Aplicadas/UFPA; Observatório Comova, 2009.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Cristian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In.: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs.). *Pistas do Método da Cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum*. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 92-127.

# POVOADO EM ABANDONO

## A polissemia de Cuñapirú–Corrales no Uruguay

SETTLEMENT IN ABANDONMENT  
*The Cuñapirú–Corrales polysemy in Uruguay*

Laís Dellinghausen Portela<sup>1</sup> e Eduardo Rocha<sup>2</sup>

### Resumo

O artigo trata da experiência na localidade de Cuñapirú - Corrales, pertencente ao Departamento de Rivera no Uruguay e com origem e declínio incentivados pela extração de minérios. Busca-se, nesse contexto, analisar o hoje, a fragmentação dos espaços e as relações e percepções dos indivíduos perante um lugar do abandono no sul da América do Sul, compreendendo que este pode ser um território potencial produtor de reações afetivas. Assim, através da aproximação entre as teorias do urbanismo contemporâneo e da filosofia contemporânea francesa, a partir da metodologia da cartografia urbana, esse artigo aborda os temas e diversos sentidos que a palavra abandono pode trazer à tona; explorando que lugares mesmo hostis podem acolher e demonstrar sensação de pertencimento; bem como insere uma relação próxima com a teoria da terceira paisagem.

Palavras-chave: abandono, polissemia; Cuñapirú–Corrales, cartografia urbana, urbanismo contemporâneo.

### Abstract

*The article deals with the experience in the locality of Cuñapirú - Corrales, belonging to the Department of Rivera in Uruguay and with origin and decline encouraged by the extraction of ores. In this context, the aim is to analyze today, the fragmentation of spaces and the relationships and perceptions of individuals before a place of abandonment in the south of South America, understanding that this can be a potential territory that produces affective reactions. Thus, through the approximation between the theories of contemporary urbanism and contemporary French philosophy, from the methodology of urban cartography, this article addresses the themes and different meanings that the word abandonment can bring to light; exploring that even hostile places can welcome and demonstrate a sense of belonging; as well as inserts a close relationship with the theory of the third landscape.*

Keywords: abandonment, polysemy, Cuñapirú–Corrales, urban cartography, contemporary urbanism.

<sup>1</sup> Mestra em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/UFPel). Graduada em Arquitetura e Urbanismo (FAUrb/UFPel). Membro do Grupo de Pesquisa Cidade+Contemporaneidade. E-mail: laisdp@gmail.com

<sup>2</sup> Professor associado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Coordenador do Grupo de Pesquisa CNPq Cidade+Contemporaneidade. Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS). Mestre em Educação e especialista em Patrimônio Cultural (UFPel). Arquiteto e urbanista (UCPel). E-mail: amigodudu@yahoo.com.br



### Introdução

Não percebemos e compreendemos os abandonos urbanos em sua totalidade principalmente frente a valorização atribuída, economicamente, aos espaços. Mais do que isso, passa-se imperceptível o fato de os abandonos não serem apenas lugares da ociosidade, ou seja, da inatividade, muitos desses espaços apresentados ao abandono acabam por se ocupar imediatamente.

Nesse artigo, pensamos abandono como o lugar de construção da subjetividade<sup>3</sup>, onde traçamos mapas, desenhos, sensações e até mesmo violência. Entende-se então, como linha de escape o estado em que o abandono se encontra, produz e reproduz. Estado econômico, cultural, social, histórico e sensorial (ROCHA, 2010).

Nesse contexto, através da aproximação entre as teorias do urbanismo contemporâneo e da filosofia contemporânea francesa, esse artigo possui a finalidade de dar corpo ao abandono da localidade de Cuñapirú - Corrales, localizada no Uruguay e pertencente ao Departamento de Rivera.<sup>4</sup>

A região mineira de Cuñapirú – Corrales, inicialmente rural, encontra seu momento na histórica descoberta do ouro na região em 1820. A partir daí, a localidade passou a receber grandes investimentos de cunho estrangeiro que foram responsáveis pelo forte crescimento da região urbana na localidade.

Tais investimentos de origem europeia fundaram o povoado de Minas de Corrales devido à grande mão de obra trazida para o garimpo do ouro. Contudo, após muitos anos, houve um declínio de investimentos na região somados a desastres naturais que acarretaram em uma diminuição populacional e de interesse nas atividades mineiras, chegando ao fechamento de várias minas e desativação da Usina Cuñapirú.

<sup>3</sup> Conceito definido por Félix Guattari como: “O conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial autorreferencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva” (GUATTARI, 1992, p. 19).

<sup>4</sup> Artigo parte da dissertação de mestrado Povoado em Abandono: A polissemia da paisagem contemporânea em Cuñapirú - Corrales no Uruguay, defendida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), em 2021, de autoria de Laís Dellinghausen Portela e orientada pelo Prof. De. Eduardo Rocha.

Busca-se estudar a desconstrução do espaço já formado, idealizado e, nesse caso, à deriva. Não basta a análise tradicional construtiva e cronológica das origens urbanas, seu desenvolvimento e posterior plano de futuro. Anseia-se, neste artigo, compreender o hoje, a fragmentação dos espaços através do abandono já concretizado e suas vivências na contemporaneidade.

Explorar o presente momento dos acontecimentos (dos abandonos), é analisar a manifestação das ações e dos pensamentos. E não o tempo em seu sentido cronológico-histórico, nem o futuro carregado de planejamentos. Estudar abandonos é estudar a cidade sendo desconstruída, talvez tão potente quanto a sua construção.

Questiona-se, no entanto, sobre a (de)composição dos espaços em povoados abandonados: e que potências o tempo é capaz de (des)ativar e (des)construir no corpo-cidade? Desconstrução que não se constitui destruição, mas um modo de desfazer uma estrutura para fazer aparecer seu esqueleto. Refazer o caminho. Andar pelos abandonos, os mesmos que andamos todos os dias, mas expondo a precariedade ruínosa da arquitetura, que já não explica mais nada, não é um centro, nem um princípio de nada e não teria mais força (ROCHA, 2010).

A partir de tais constatações, o objetivo geral deste artigo é analisar o povoado de Cuñapirú - Corrales, localizado ao sul da América do Sul, a fim de experimentar e corporificar sentidos, para pensar o abandono como uma condição polissêmica da paisagem contemporânea e captar referências na pesquisa em Humanidades no ou sobre o Sul Global: revisão de conceitos e categorias analíticas, repensando delimitações de campo, métodos e procedimentos, o papel do pesquisador. O que podemos aprender com o que está descartado e esquecido nos povoados e nas cidades?

Considera-se vital para o âmbito de produção de resultados a consideração de um povoado pequeno em sua totalidade, particularidades e potencialidades, seguindo os preceitos de uma 'literatura menor' estabelecida por Gilles Deleuze e Félix Guattari, que considera a memória de uma nação pequena tão importante quanto a de uma grande nação, se não está trabalhada e incentivada mais a fundo em sua existência.

[...] é a literatura que se encontra encarregada positivamente deste papel e desta função de enunciação coletiva, e mesmo revolucionária: é a literatura que produz uma solidariedade ativa, malgrado o ceticismo; e se o escritor está à margem ou apartado de sua comunidade frágil, essa situação o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade (DELEUZE e GUATTARI, p.37, 2014).

Na composição dessa literatura menor, considera-se o coletivo como um individual geral de pura participação e se elege a linguagem como forma maior de experimentação em suas particularidades e potencialidades do lugar menor. Busca-se uma saída para a linguagem, a música e a escrita, almeja-se sonhar ao contrário: saber criar um devir-menor (DELEUZE e GUATTARI, 2014).

Em concordância com o acima exposto, possui-se os seguintes objetivos específicos:

- Compreender e experienciar, através da cartografia sensível, a estrutura que compõe o ato do abandono (morfológica, arquitetônica, cultural e sensorial, etc.) através da criação de mapas sensíveis com a intenção de ampliar o pensamento de arquitetos e urbanistas a

respeito do lugar do abandono em Cuñapirú — Corrales;

- Investigar por meio da relação direta os lugares do abandono em Cuñapirú — Corrales, seu potencial cultural, artístico e pedagógico, entendendo que a cidade pode ensinar;

- Refletir sobre o caráter dinâmico e evolutivo da paisagem no lugar do abandono em Cuñapirú — Corrales.

Ao final de seu curso, pretende-se prosseguir nos estudos acerca dos povoados na contemporaneidade visando ampliar a compreensão e as discussões a respeito do abandono já que este ocupa pouco espaço na bibliografia urbanística. Seja porque estamos treinados a observar o crescimento desenfreado das cidades e a racionalização do espaço por consequência ou porque pensamos no espaço do abandono como o lugar da ausência, da impossibilidade.

## Revisão da literatura

### *A polissemia do abandono*

A palavra abandono desperta vários significados, primeiramente devido à sua amplitude teórica. Secundamente, pois está sempre interligada a algo ou a alguém, o que gera vertentes para reinterpretações na linguagem cotidiana através dos agentes sociais. Trata-se, portanto, de uma polissemia<sup>5</sup>.

O termo abandono, em um dos inúmeros contextos, busca desafiar a imaginação e a reflexão, além de transitar pelos campos da filosofia, da literatura, da arquitetura, da morfologia e das relações socioeconômicas.

Morfologicamente, abandonar indica uma ação que necessita complemento, abandona-se algo/alguém ou se sofre a ação do abandono. O fato é que tal ação é transitiva e direta, exige-se sujeito e predicado. Sofre-se algo. Pode demonstrar, em sua extensa possibilidade de definições, o ato de partir, ir embora, largar, deixar sozinho e/ou sem condições; desistir, renunciar (de algo ou alguém); deixar de lado, à deriva; desprezo e, por vezes, indiferença.

Engano pensar que abandono precisa ser existente, material. Abandona-se também no campo da imaterialidade, da imaginação. É intangível. Estado de corpo, mente e alma. É ser algo e, ao mesmo tempo, deixar de ser/estar.

Abandonamos, portanto, em dois sentidos principais: como uma ação, um movimento de deixar alguma coisa, uma pessoa, uma função, um lugar ou renunciarmos, esquecemos algo ao abandono. Abandonamos e somos abandonados, arquiteturas do abandono e abandonos da arquitetura (ROCHA, 2010).

No campo da filosofia e, através de Deleuze (1995), o abandono pode ser pensado como a diferença de si, como a potência para a criação e a concepção de novos processos e novos conceitos através da filosofia. Ressalta-se que um conceito não nasce do além, tampouco sem motivo, trata-se de uma necessidade – variável -fixada no devir-tempo. A (re)criação em si representa um ato de resistência e, ao mesmo tempo, uma transparência e afinidade profunda com o lugar.

<sup>5</sup> A Polissemia representa a multiplicidade de significados de uma palavra. Do grego polis, significa "muitos", enquanto sema refere-se ao "significado". Portanto, um termo polissêmico é aquele que pode apresentar significados distintos de acordo com o contexto.

O abandono como lugar da criação representa a inquietação, um leque de possibilidades antes impensadas que, todavia, no agora se destacam. Esses lugares se resignificam através do tempo e, encontram-se desconectados espacial e temporalmente. Na contemporaneidade, geralmente são assolados pela ausência humana e, portanto, baixa intensidade de uso do solo. São lugares indefinidos e culturalmente contraditórios, uma vez que, mesmo vazios de atividade humana, são ricos em diversos níveis de existência biológica.

Pensando em possibilidades e domínio biológico, Gilles Clément em *O manifesto da Terceira Paisagem* (2004), explora refúgios para a propagação da diversidade e os caracteriza como a soma dos *resíduos, das reservas e dos conjuntos primários*. A Terceira Paisagem surge, nesse sentido, como um fragmento de incertezas do jardim planetário<sup>6</sup>.

Os espaços denominados *resíduos*, são os resultantes de um terreno que já foi utilizado e posteriormente tiveram sua atividade abandonada. Esses espaços possuem diversas origens (agrícola, industrial, turístico, etc.) e geralmente suas paisagens são heterogêneas e caóticas.

Nesse contexto naturalista, Gilles Clément questiona a negligência quanto à espaços indecisos e sem função buscando direcionar a atenção para a possibilidade de estes constituírem um território de refúgio para a propagação da diversidade, já que demonstram estar disponíveis para ocupações despertadas pelo meio e, muitas vezes, impensadas.

#### *A síndrome do abandono*

No campo da psicanálise, a obra *Névrose d'abandon* de Germaine Guex<sup>7</sup> descreve o abandono nos campos do comportamento afetivo. Retrata casos em que o sujeito com essa neurose vive em estado de medo de ser abandonado, despertando a angústia, agressividade e subestimação por continuar a amar como uma criança, gozando de um Complexo de Édipo mal resolvido.

No plano afetivo, a arquitetura do abandono demonstra a necessidade de fusão com o próximo, seja com o seu entorno imediato, com a sua memória do passado ou com seus usuários recentes. O neurótico busca nessa aproximação remediar uma falta de confiança e amor perante o meio e que não consegue estabelecer sozinho, trata-se, portanto, de uma adesão semelhante ao de uma criança em busca da aprovação dos pais.

Apesar dessa busca proeminente por confiança e amor, o estado de abandono assume um risco, seja no campo da matéria ou da imaterialidade, de causar uma experiência alienante e despertar um mundo totalmente novo em suas possibilidades. Renascer. O abandono representa o espaço da incerteza, da invasão de novos rumos. É um não-lugar que por vezes nega a realidade do sentimento devido às incertezas, à falta de confiança e por se assemelhar à imaturidade de uma criança que, por esse motivo, assume uma posição de não reciprocidade.

De maneira geral e levando em consideração os tópicos acima, pode-se encarar o

<sup>6</sup> De acordo com Gilles Clément: 'O Jardim planetário apresenta o planeta como um jardim. O sentimento de finitude ecológica converte os limites da biosfera no recinto dos seres vivos.'

<sup>7</sup> A autora, psicóloga Suíça, centra seus estudos em casos de abandono de crianças pós segunda guerra mundial, aqui são realizadas aproximações com a arquitetura e lugares abandonados, com origem nos estudos de tese de Eduardo Rocha (2010).

abandono da arquitetura de duas formas bem distintas. Primeiramente o abandono no campo da matéria, onde não temos obstáculos para identificar tal síndrome. Sendo a própria edificação responsável por contar do seu abandono, a sua carência de amor e as suas angústias; em segundo plano, temos o abandono da arquitetura no campo da imaterialidade, muitas vezes intactos na sua visibilidade aparente, porém transcorre sua complexidade no campo do pensamento. Muitas vezes é onde o sujeito atua sob o ponto de vista da neurose.

Esse sujeito neurótico, para Guex, chama-se '*abandonnique*' e foi criado no intuito de descrever o sujeito que enxerga tudo pelo viés do abandono sentimental. O termo não busca descrever um estereótipo físico em particular, mas sim todos que de alguma forma se sentem abandonados ou abandonam algo. Da mesma forma, o abandono da arquitetura pode acontecer de maneira menos objetiva e de frustração com a realidade a partir de um sujeito neurótico.

Conforme exposto acima, sente-se o abandono em dois campos diversos:

No primeiro, onde identificamos o abandono de forma mais visual e nítida, temos discernimento de seus sintomas também de forma imagética e clara, seja através da sua aparência por rachaduras, lixo, vandalismo, invasão de vegetação, ruínas, etc.

No segundo, pensamos o abandono como além do aspecto visual, que não se encarrega por demonstrar qualquer situação de abandono ou desleixo, encontram-se visivelmente íntegros. Nesse caso, identificam-se seus sintomas a partir das vivências in loco e, principalmente, das sensações que essas experiências despertam no usuário. Nesse âmbito, Germaine Guex (1973) nos auxilia a diferir alguns tipos de síndrome do abandono, os quais identificamos como:

- *Tipo positivo-amoroso (sentimento de valor econômico, cultural, histórico...);*
- *Tipo negativo-agressivo (gera ódio no usuário, não desperta amor, quer mostrar-se, fazer ouvir, ser amada...);*
- *Tipo não-valorizado (camufla todos os sintomas visíveis, nada é evidente...).*

Os estereótipos acima listados possuem a conectividade necessária para estabelecer o contraponto e a coexistência de sentimentos ambíguos em um mesmo lugar do abandono (ROCHA, 2010).

Diante das classificações, portanto, enfatiza-se sentimentos marcantes e básicos que precedem nessas arquiteturas do abandono: a angústia, a agressividade, o medo e a não-valorização. Através deles derivam todos os sentimentos e pensamentos mais complexos que formam a sintomatologia do abandono, visual ou sensitiva. Escorre também, a possibilidade desses sentimentos em maneira reversa: a repressão dos mesmos.

#### **Metodologia: Cartografia Urbana**

A cartografia apropriada neste artigo é a formulada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, através da obra *Mil Platôs* (1995). Ambos filósofos da diferença, com o intuito de acompanhar um processo e não de apenas uma representação. Nesse processo,

os autores designam a cartografia urbana como um princípio de rizoma<sup>8</sup>, por sua experimentação performática, referências e conexões com a realidade, porém com múltiplos sentidos, significados e sistemática acêntrica.

Essa cartografia<sup>9</sup> é reversa as tradicionais, uma vez que aposta na experimentação através do pensamento, de mesmo rigor aos métodos tradicionais, porém com um sentido de resignificação e de rigor com os movimentos da vida a ser intervencionada. Essa reversão impõe o caminho não para alcançar metas, mas como forma de traçar suas metas e intervencionar conjuntamente com o objeto de pesquisa (KASTRUP, PASSOS, & ESCÓSSIA, 2009).

Utilizando das práticas de mapear, desenhar, fotografar, filmar, narrar e dialogar foram cartografados as coexistências e sensações gerados no lugar do abandono, com ênfase na localidade de Minas Corrales - UY. Compreendendo o espaço urbano como produtor de subjetividade – na relação espaço-corpo –, sempre no (em) processo.

O cartógrafo, os pesquisadores e habitantes, acompanham processos em curso. A cartografia, como pesquisa de campo, habita o território e entra em contato com o outro, utilizando artifícios próprios da etnografia e da observação participante (KASTRUP, PASSOS, & ESCÓSSIA, 2009).

De acordo com Guattari, 'As cidades são imensas máquinas produtoras de subjetividade individual e coletiva' (2000, p. 172). Experimentar o abandono (material e imaterial) compõem a experiência humana sob os mais variados aspectos. Os contatos humanos com essa experiência – a partir do que fala Guattari numa certa materialidade diante dos estudos em arquitetura e urbanismo, através dos espaços urbanos– como os parques, praças, ruas e vazios podem cada um a seu modo e de diferentes maneiras, interpelar os cidadãos gerando experiências subjetivas. Portanto, cartografar os territórios (zonas de experiência) é dar voz a expressão da materialmente da multiplicidade do ser.

#### *Procedimentos metodológicos*

##### *Diário de campo*

Como cartógrafos, nos aproximamos do campo como estrangeiros visitantes de um território que não habitamos. O território vai sendo explorado por olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gostos e ritmos (KASTRUP, PASSOS & ESCÓSSIA, 2009, p.60).

O diário de campo, na performance da cartografia, é um instrumento essencial que nos permite formalizar uma memória material de uma caminhada, seja um registro sobre as leituras, conversas e pensamentos provocados pelo ato da experiência em campo. Tal documento nos permite 'transversalizar' informações e conhecimentos em experiências que se transformam em saber e em modos de partilha e conexão.

Essa forma de registro nos liberta da do texto científico regrado e formal propriamente dito e nos abre espaço para relatos, narrativas e percepções sobre o espaço a ser vivenciado e as coisas mais simples da vivência particular de um abandono que podem

8 O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos. Há rizoma quando os ratos deslizam uns sobre os outros. Há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, a erva-daninha (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 15).

9 A cartografia como metodologia acadêmica é quase um i-método, não método no sentido tradicional. Contra-método, porque manda o pesquisador para campo, acompanhar processos.

ser transcritos em documento não somente em forma de texto, mas também de mapas, desenhos e cores.

[...] a confecção de um relato muito especial, onde é preciso transmitir o que se observou na pesquisa. Nesse relato o etnógrafo deverá dar conta não só do que viu e viveu, falando em seu próprio nome, mas também do que ouviu no campo, do que lhe contaram, dos relatos dos outros sobre a sua própria experiência (CAIAFA, 2007, p.138).

Esse dispositivo íntimo é primordial para a captura de lembranças da pesquisadora no processo de pesquisar, nos encontros, desencontros e surpresas vivenciados no trajeto de viagem. Instiga a união de diversas vozes e sentimentos presentes no momento, dando visibilidade aos movimentos e os registrando em pequenas narrativas diárias, essenciais nas suas restituições para a composição de resultados e análise das implicações que se cruzam no trabalho da pesquisa.

#### *Diálogos do abandono*

*Dia 1 – 05/12/2019*

*Era dia de arrumar a bagagem física e mental para embarcar em uma viagem de conhecimento e descobertas.*

*[...] Logo na chegada à Santana do Livramento, primeiro destino de encontros que tínhamos em mente: o 'entre', onde as diversidades culturais faziam mistura, antes de seguir para o destino Cuñapirú – Corrales, partimos para um almoço com Eduardo Palermo, historiador ao qual mantive contato prévio no 'pré-viagem', e a arquiteta da prefeitura Andrea. Esse encontro foi um norte, um apontamento para seguir destino e guiou para que seguisse conversa com Hugo González (assessor do alcade de Corrales).*

*Após almoço pegamos um táxi em direção ao "Rent a car", onde alugamos um carro para iniciarmos nosso percurso em direção ao norte do Uruguay. Da locadora saímos em um Fiat Uno em direção à "ruta 05", onde fomos abraçados fortemente por uma paisagem imponente digna de cartões postais. Essa paisagem passava como se fosse um guia em direção ao nosso destino.*

*Enquanto entrávamos nas curvas estreitas, lembramo-nos do quanto fomos alertados sobre as "perigosas, fechadas e esburacadas" curvas e estradas que perdiam seu requinte e manutenção ao passo que se aproximava do interior do país, ao qual almejávamos o encontro.*

*Mais do que preocupação, o sentido de alerta e euforia tomava conta sobre os avisos constantes que recebi que logo se perceberia a chegada da 'ruta 29', onde os cerros achatados seguidos por vales e mais cerros ganhavam enfoque e demonstravam de cara a riqueza da região. E que energia vibrante, imponente e majestosa passavam os cerros, estes que demonstravam ser pórtico, entrada, abertura e fresta antes mesmo de ser rocha guardiã de grandes preciosidades.*

*Junto aos cerros, por frequentes vezes, uma vegetação massiva e ordenada tomava frente, planejada e de diagonais retílineas... quase que formando direções até o outro lado. Mas que outro lado? Será que tamanha horizontalidade esconderia, ao fim de tudo, a forma não*

*ordenada, assimétrica e desvalorizada de um povoado rico?*

*Ainda pelo caminho, já em torno das 17h da tarde do mesmo dia 05/12/2019, passamos por uma ruína que, ao meu prévio conhecimento parecia a ruína de Cuñapirú (distante no tempo, espaço e velocidade naquele momento). Na sequência passamos para mais algumas situações de abandono e entramos no que parecia ser a avenida principal do povoado de Corrales. Seguimos via até o Hotel Artigas, nosso ponto de referência para hospedagem, onde fixamos chegada às 18h e 06 minutos...*

*[...] em seguida saímos a pé pela Avenida Principal para um primeiro contato com a experiência do caminhar sem rumo. Logo no princípio do perambular, notei a imponência dessa avenida e a importância que ela ostentava... com duas faixas e canteiro central. Aparentemente se tratava da parte mais nobre da cidade, apesar de encontrarmos alguns imóveis em situação de descaso/abandono.*

*Notamos um senhor sentado à frente de uma residência, tomando mate. Foi então que decidi fazer contato com ele sobre as impressões do local e sua vivência. Em meio a conversa sua esposa saiu de moto e “tocamos” algumas galinhas que pertenciam a ele para dentro do seu pátio. Em meio a tanta conversa, me senti à mercê da descoberta de um lugar menor, de hábitos familiares e de um valor cultural local muito forte que clamava por descoberta [...]*

A narrativa acima inserida, resulta das primeiras linhas de meu diário de campo (importante dispositivo do cartógrafo e que, abaixo, será melhor enfatizado) e inserido com o intuito de propagar ao leitor a importância do processo, o tão comentado na metodologia da cartografia, mas que também é planejado no seu processo de encontro — parte-se da caminhada pela procura, para assim determinar os próximos passos.

Contando os passos incertos, detalhados e perambulantes do processo de viagem até a cidade e posteriormente seu caminho pela avenida principal e, durante todo esse processo, demonstramos a captação de sentimentos, imagens, paisagens e uma infinidade de características que vamos tomando afinidade e tomaria o fôlego de qualquer um que estivesse atento ao percurso, para então descobrir onde chegaria.

#### Recortes Fotográficos

*[...] os fotógrafos manipulam a cidade, retirando as pessoas. Mostram a cidade como desejariam que ela fosse. De qualquer modo, a cidade não é independente do observador. Ao contrário, é o alvo da flecha do observador. Obviamente, não existe a cidade sem as pessoas, nem a arquitetura sem os seus moradores. Não existe objeto sem sujeito, do mesmo modo que não existe sujeito sem objeto. Essa inversão da relação objeto-sujeito é totalmente anti-humanista, porque retira o homem da cena. Nesse sentido, as fotografias são documentos de uma intenção (FLUSSER, 2014, p. 13).*

O mundo da fotografia ideal, principalmente à dos cinemas ou a que assombrava a Europa nos 80, já era relatada por Fernando Fuão em 2008 às margens do filósofo

Vilém Fusser, acima citado, em que apontava para a falta da personificação humana nas imagens repercutidas das cidades e da arquitetura, cidades moldes e também fantasmas.

Interessa-se aqui recorrer à fotografia como forma de captar a cidade visível em seu estado pleno de utilização e vivência — e não a invisibilidade, a projeção; como cenário e participação essencial para a manutenção da vida de uma comunidade e população. Não se interessa, então, em “maquiar” a cidade para que apague ou disfarce sua história cotidiana personificada. A cidade como forma de afirmar a existência e a fotografia.

Busca-se, a fins de complemento nesta pesquisa, utilizar recortes fotográficos com o melhor enquadramento de captação do cotidiano do abandono na cidade de Corrales — Cuñapirú que sobrevive às margens de sua população restante e de sua memória — visível às lentes. E enfatiza-se também as diferentes percepções que um usuário pode ter acerca do exposto e se deixa livre para capturar e dar visibilidade às cenas cujo momento o sensibilizou, podendo um momento ter diversos pontos de enfoque a depender do protagonista que o visualiza.

As imagens que definimos dessas arquiteturas do abandono — fotografias ou filmes, por sua vez, carregam a história do fotógrafo que definiu o melhor enquadre de uma paisagem e das pessoas cujo momento existencial foi eternizado num registro fotográfico, mas também os recursos do equipamento técnico que foi utilizado, a sensibilidade da película fotográfica, a própria luz, a potência inorgânica que se entrelaça com a própria vida, enfim, tudo isso agenciado e produzindo um acontecimento vivo, exprimindo-se enquanto duração no aqui-e-agora (ROCHA, 2010, p.164).

#### Análise

A cartografia não possui a intenção de anular os métodos tradicionais de estudo, mas sim, apropria-se desses para engrandecer seu processo de pesquisa e intervenção. Com isso, será utilizado, nessa pesquisa, a análise morfológica tradicional, ciência que estuda as formas, interligando-as com os fenômenos que lhes deram origem. Lamas (1993), aponta três pontos indispensáveis à morfologia urbana: o estudo da forma do meio urbano nas suas partes físicas exteriores, e na sua produção e transformação no tempo; o estudo da divisão do meio urbano em partes e da articulação destes entre si com o conjunto que definem; o estudo dos níveis ou momentos de produção do espaço urbano.

A organização dos elementos morfológicos constitui e define o espaço urbano, relativamente à materialidade dos aspectos de organização funcional quantitativa e dos aspectos qualitativos e figurativos. São considerados como elementos morfológicos do espaço urbano o solo, edifícios, lotes, quarteirão, fachada, logradouro, traçado da rua, praça, monumento, vegetação e mobiliário urbano. Esses elementos serão analisados a partir do desenho tipo figura-fundo, que cria a possibilidade de visualizar os elementos construídos através do preenchimento da cor, enquanto os vazios serão mantidos em branco, de modo a exaltar os sólidos e vazios existentes pelo desenho em duas dimensões.

Os mapas figura-fundo podem ser elaborados para tratar de diversos temas como espaço edificado, espaço não edificado, vias de acesso, recuos das edificações nos lotes, usos do solo, parques e praças, e até mesmo, o ritmo da fenestração das fachadas, etc. De acordo com Lamas (1993), os estudos em arquitetura devem estar



presentes e intervir, qualquer que seja a escala ou o tempo de intervenção, desde a vasta região à pequena habitação. Dividir os mapas em objeto (construído) e espaço (não construído), possibilita uma comparativa dos aspectos da morfologia urbana nas áreas do abandono aqui estudadas, revelando que esses espaços não se produzem somente por casualidades, mas por lógicas próprias de contexto cultura, econômico e histórico-social, ainda em vias de estudo e descoberta.

Para analisar entrevistas realizadas no decorrer das viagens será utilizada a técnica conhecida como análise de conteúdo, que caminha no limite da objetividade e da subjetividade, do rigor científico e não do olhar viciado do observador (BARDIN, 1977, MINAYO, 1993 e VALA, 1986).

O procedimento da técnica de análise de conteúdo se faz, primeiramente, através da identificação de unidades de registro, baseada nas repetidas leituras das mensagens coletadas nas entrevistas. Segundo Bardin, unidades de registro é:

[...] a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, visando a categorização e a contagem frequencial. A unidade de registro pode ser de natureza e dimensões muito variáveis (1977, p.104).

Serão realizadas as codificações dos depoimentos, individualmente, tomando como unidades de registro as ideias e as temáticas que emergiram das falas dos moradores do abandono.

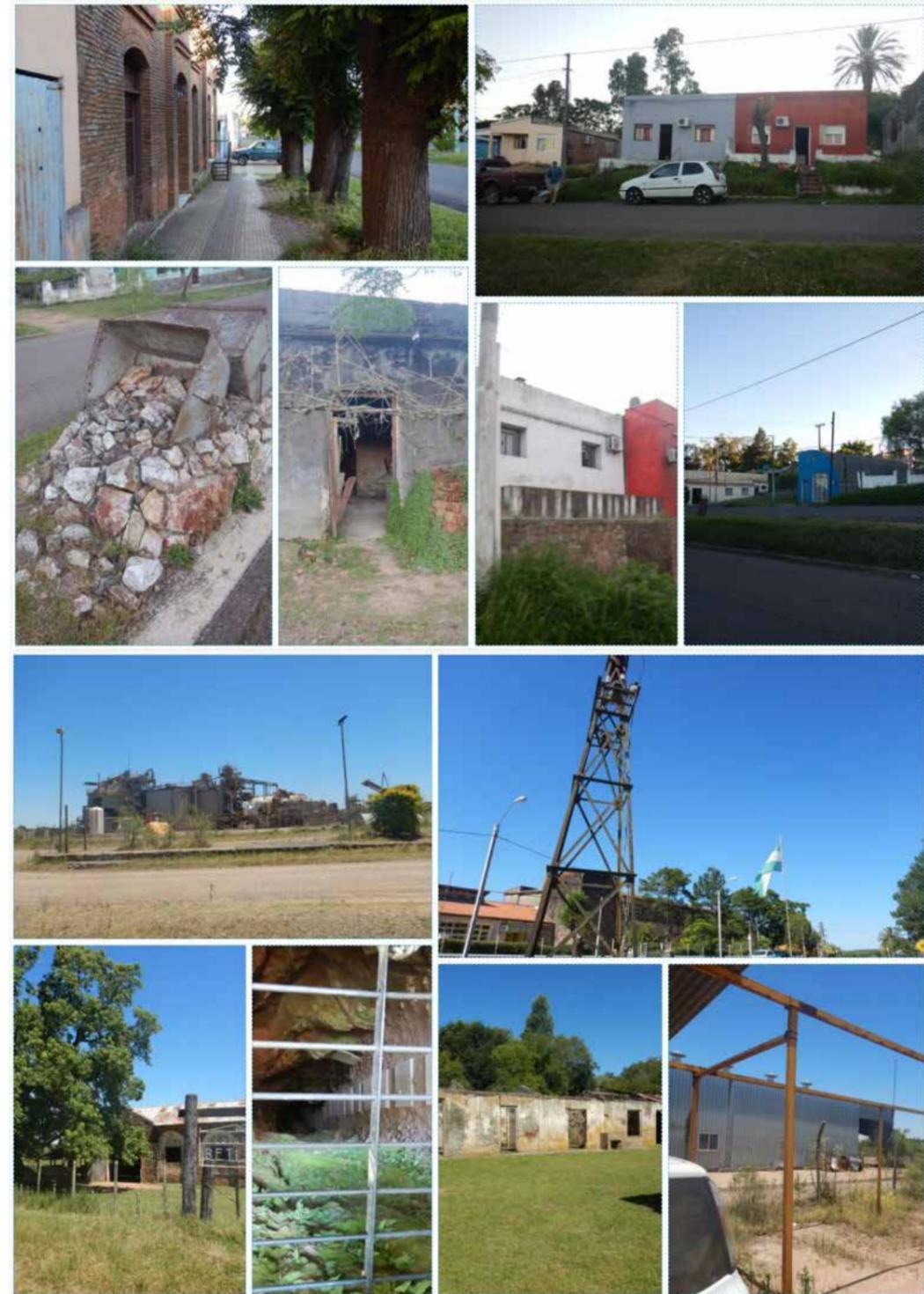


Figura 4 – Imagens do percurso 1. Fonte: autora, 2020. Figura 05 – Imagens do percurso 2. Fonte: autora, 2020.

Após a escolha das unidades de registro, serão reelaboradas as categorias preestabelecidas antes do trabalho de campo, conceitos mais gerais e ainda abstratos. Após a definição das unidades de registro será possível propor novas categorias independentes das imaginadas inicialmente. As categorias estipuladas a partir da coleta de dados são mais específicas e concretas, possibilitam articular as perguntas propostas e os referenciais teóricos.

Categoria é um conceito que abrange elementos ou aspectos com características semelhantes, ou que se relacionam entre si. São utilizadas para mesclar elementos, ideias ou expressões nesse tipo de pesquisa qualitativa, ou seja, categorizar. A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo gênero (analogia), com os critérios previamente definidos (BARDIN, 1977, p.117). Definidas as categorias, iniciará a validação e contextualização, através de uma aproximação e

confronto com os referenciais teóricos.

Essa análise que permeia todos os processos tem como principal pressuposto o agenciamento de heterogêneos. Heterogêneos compostos pela experiência da viagem, as análises morfológicas, análises de conteúdo e todas as outras forças potentes que atravessem o nosso plano e processo de pesquisa com os espaços urbanos em caráter de abandono nas localidades propostas.

Como produção final almeja-se produzir mapas da hospitalidade sobre o espaço do abandono nos limites de Cuñapirú - Corrales - UY, encarando a coexistência da materialidade e imaterialidade, das políticas públicas e modos de vida no contexto apresentado no Uruguay.

## Resultados e Discussão

Apoiados pela idealização de captar os sintomas presentes no abandono, seja ele material ou imaterial, e amparados pelas classificações de Germaine Guex (1973) percebemos a existência de suas formas distintas presentes durante a vivência no povoado de Cuñapirú – Corrales.

A partir da cartografia, podemos nos inserir no contexto e na rotina de um lugar, sendo capazes de captar diversos sentimentos e sensações capazes de denunciar inseguranças, medos e angústias.

Considera-se em abandono também tudo que está em situação de espera, de não ser capaz de despertar sentimentos em um determinado momento. Trata-se, desse espaço, o abandono como um estado volátil, passível de transformação e ávido de receber amor. Sua condição momentânea não o define permanentemente.

Nos trajetos, contou-se com o apoio da população local que nos recebeu de forma acolhedora. Essa sensação de acolhimento possui fundamentação histórica devido às reincidências externas mirando na economia local. Não por acaso, o povoado de Cuñapirú – Corrales sempre cultivou e teve sua sobrevivência assegurada por cunho internacional, por esse motivo se sente dependente de outras origens até a atualidade, sejam seus motivos econômicos ou culturais. É um povoado que vive da reciprocidade de sua acolhida, e não de investimento e valorização local.

Os trajetos acima, tomaram como partido a exaltação dos abandonos como primórdio e, através dos registros acima, nos transbordam e trazem à tona a contemporaneidade de um povoado que se reconstrói mediante as circunstâncias.

Para melhor contextualizar o local de estudo e, portanto, traduzir a experiência através das imagens analisadas e classificadas afetivamente, no quadro da figura 6.

Identifica-se, a partir dos registros acima classificados principalmente nas imagens 1,3, 4 e 7, uma sintomática decorrente do abandono, seja ele por desuso econômico ou cultural, mas que se fortalece e determina através do tempo por sua falta de ocupação e destinação. Trata-se de uma arquitetura que necessita de afeto, que se ocupa cada vez mais pelas intempéries da natureza e do existir sem mais um propósito pré-estabelecido. Torna-se sucumbido às possibilidades do meio.

O cenário recorrente acima descrito abre margens para o surgimento de um novo acontecimento, o surgimento de espaços indecisos. Estes espaços, de acordo com Gilles Clément em *Manifiesto del Tercer Paisaje (2004)*, são paisagens objetificadas através da indústria e aos quais possuímos dificuldades em nomear, seja por não ter uma função determinada ou por seu não pertencimento. É um lugar situado às

IDENTIFICAÇÃO	SINTOMA
1 	Falta de esquadrias e vegetação invadindo.
2 	Mina sem exploração, com segurança porque já foi alvo de vandalismo.
3 	San gregório - Poluição visual de equipamento de extração do ouro. Em deterioração pela falta de uso...
4 	Natureza tomando conta.
5 	Vandalismo.
6 	Vandalismo.
7 	Ruina – inércia no estado de conservação. Arquitetura onipotente.

margens e oriundo de um desprendimento recente. Essas proposições e fragmentos de paisagem são responsáveis em constituir um território de refúgio, e é nesses espaços residuais<sup>10</sup> em que Gilles Clément propõe o surgimento da Terceira Paisagem.

Da tabela acima, podemos encarar como exemplo de resíduo turístico o exposto nas imagens 2, 5 e 6. Esse resíduo parte do novo uso da arquitetura que vem sendo identificado na região e é responsável pelo uso inadequado do espaço por usuários que depredam ainda mais a situação das edificações existentes, nesse ato, identificado pelas escritas e marcas deixadas nas empenas. Não por acaso, os resíduos também evidenciam e caracterizam, nesse aspecto, uma forma de denúncia de demonstração de reações afetivas. Nesse sentido, o residual é um termo vinculado ao serviço, é específico e condicionado diretamente pelo meio de interesse e seus usuários.

Através do diálogo eminente com a população residente e através das classificações de abandono neurótico de Germaine Guex (1984) exploradas, os trajetos ilustrados foram capazes de reportar, através dos usuários de vivência direta, as diversas reações afetivas que este abandono lhes causa.

<sup>10</sup> Resíduo, de acordo com Gilles Deleuze 2007, p.12. '[...] formam parte de todos os espaços. A cidade, a indústria e o turismo produzem tantos resíduos como a agricultura, a silvicultura ou a criação de animais'.

Figura 6 – Classificação sintomatológica. Fonte: autora, 2020.

Figura 7 – Exemplo de reação afetiva Negativo Agressivo causada no abandono. Fonte: autora, 2020. Figura 8 – Exemplo de reação afetiva Positivo Amoroso causada no abandono. Fonte: autora, 2020. Figura 9 – Exemplo de reação afetiva Não Valorizado causada no abandono. Fonte: autora, 2020.

Trecho diálogo	Reação Afetiva - Abandonnique
<p><b>Pesquisadora:</b> O senhor percebeu bastante essa queda da economia e redução da população na cidade após o fechamento da atividade de mineração?</p> <p><b>Morador local:</b> Ah sim, o comércio caminhou melhor né... aqui sempre foi um povinho típico que pagava muito dinheiro, o custo de vida era muito caro e é, em Livramento e Rivera é tudo metade do preço. Agora até os aluguéis aqui ficaram mais baratos porque o salário se tornou pouco e muita coisa vagou pelas pessoas que foram embora. Um emprego na polícia, na UTE agora nem se compara ao que era o trabalho na mina, muito mais valorizado.</p>	<p>Reação de angústia por abandono econômico.</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> E o senhor gostaria que voltasse, reativasse a mina? Quais as suas lembranças?</p> <p><b>Morador local:</b> É bom pro povo né, pra muita gente. Tenho boas lembranças da época, um bom dinheiro. Sempre olhei pra frente, com o dinheiro que vou ganhar aí de hora extra vou comprar tudo que me faz falta. E a cidade melhorou muito, o comércio.</p>	<p>Sentimento de valor econômico, crescimento urbano e de serviços.</p>
<p><b>Morador local:</b> Existem algumas casas que estão abandonadas, que já ficaram anteriormente, mas não são muitas.</p>	<p>Sensação de abandono momentâneo (recíproco) com a situação econômica - porém não evidente à percepção visual.</p>

Encarar o abandono imagético e o experienciado através dos relatos não visíveis acima é aceitar a coexistência e a sobreposição de fatores que ora concordam, ora se contrapõem. Acerca desse fato e de toda filosofia englobada conexa ao tema, faz-se necessário apresentar a esquizoanálise como potência e força motriz dessa experiência em Cuñapirú – Corrales.

A esquizoanálise é um conceito que possui origem em Gilles Deleuze e Felix Guattari, em 1972, e tem por premissa maior reagir à psicanálise<sup>11</sup> tradicional, abrindo espaço para um novo instrumento para decifrar a subjetividade. A esquizoanálise atua como crítica para a interpretação do conceito de desejo como falta. Nesse sentido, para os autores, o inconsciente se torna responsável pelo desejo como um intenso produtor de realidades.

A psicanálise, a partir da esquizoanálise e assim como o abandono, representa o lugar do dinâmico. Não somente aceita a coexistência e a sobreposição de juízos como também acredita que estes encontros são capazes de gerar atrito e oposições pertinentes para ocasionar em uma terceira via de ações e pensamentos. A terceira via é, de fato, o palco que nos interessa, uma vez que demonstra todas as potencialidades ali escondidas no lugar do abandono.

### Considerações Finais

Desde o início de seu curso esse artigo foi motivado por satisfazer as inquietações decorrentes dos povoados em situação de abandono – especificamente na localidade

<sup>11</sup> A vocação da análise, portanto, não é dizer o que somos, mas sim promover a escuta daquilo de que estamos em vias de diferir - ou seja, a sustentação de devires-outro. Tal vocação esteve presente na própria fundação da psicanálise, com a qual se inaugurou o campo analítico. A criação por Freud deste novo tipo de prática, no final do século XIX, se constituiu como uma resposta possível ao mal-estar provocado pelo declínio do modo de subjetivação então dominante, o qual se expressa convulsivamente no conjunto de sintomas que se convencionou chamar de histeria' (ROLNIK, 2009).

de Cuñapirú - Corrales, em como esses locais foram (des)ocupados morfologicamente e de que maneira poderiam se reinventar, polissemicamente, no tempo e espaço para perdurar e, principalmente, como poderíamos aprender com o que está sendo esquecido e descartado nos povoados.

Através disso, faz-se necessário observar as casualidades encontradas no meio de estudo e tudo aquilo que se destaca e transborda no exercício da cartografia. Enfatiza-se, no entanto, que não é a intenção promover planos rígidos e regulares, pelo contrário, propõe-se promover a investigação, o questionamento do existente encontrado e permitir ampliar as possibilidades de novas concepções e ideias urbanas para a manutenção e atualização do plano existente.

### *O abandono/resíduo como denúncia e propagação de reações afetivas*

Compreende-se Guex (1973) na conceituação do 'abandonnique' para melhor designar o lugar do neurótico que ocupamos no mundo afetivo, uma vez que o termo abandono é carregado de uma objetividade não percebida senão de uma forma mais complexa. Por certo, as vivências em Cuñapirú – Corrales demonstraram que o abandono é carregado de uma forte e instigante consciência coletiva que, apesar de abandonar economicamente sua ocupação, se precaveu em fortalecer e preservar sua história e cultura diversa como povoado.

Fugimos da objetividade do termo abandono, quando pensamos no contraponto das reações afetivas. Quando nos deparamos com as imagens analisadas durante o percurso no local (figura 04 e 05), verificamos que estas exaltam diversas formas de agressividades reacionais: seja dos usuários ou do próprio meio ambiente. Estas demonstram a falta de afeto materializada na forma de vandalismo, degradação, ócio e crescente invasão da natureza. Ocorre que, nesse contexto, até mesmo a não ocupação traduz uma forma de renúncia, uma abdicação agressiva perante o meio, e constata uma forma de expressão de reação a um sentimento.

Embora visualmente os lugares do abandono em Cuñapirú-Corrales denunciem a iminente falta de afeto. Conforme a classificação afetiva das síndromes do abandono, a narrativa de parte de seus usuários se contrapõe a tal constatação e é positiva, em discordância com o campo imagético. Transcende o mundo material lembrando com afeto a memória de seu passado histórico, cultural e econômico trazendo ainda, em seu discurso, esperança para um futuro próspero e promissor em novas vertentes de exploração.

O estado de não valorização reforça o quão volátil e cíclico é o abandono perante a temporalidade e a percepção humana. Retratando a angústia de outrem que está no aguardo – naquele presente momento, na expectativa de algo que já serviu um dia, voltar a ser útil novamente. Em Cuñapirú – Corrales, o estado de inércia é percebido através dos diálogos que traduzem o que é a insuficiência da espera, principalmente quanto ao vácuo econômico existente na atualidade, uma vez que obriga a população que ainda resiste a buscar novos meios de sobrevivência.

Seu passado histórico evidencia a forte dependência externa para a manutenção da sobrevivência local através da mineração e denuncia um estado natural de angústia, agressividade e subestimação de si diante do cenário atual. Acompanhando Guex, estaríamos entrando no estado pré-edípico de que 'o abandonado aspira ao sentimento de fusão com outro ser (mãe) e não ao sentimento de relação que ele nem mesmo concebe' (GUEX, 1973, p.3).

A sobreposição e conectividade entre as formas de abandonar demonstram a complexidade diagnosticada em Cuñapirú – Corrales e afirmam a coexistência de sentimentos ambíguos como complemento em uma mesma arquitetura do abandono. E, de fato, a ‘angústia como trégua da agressividade e vice e versa. Defesa e ataque’ (ROCHA,2010).

Dessa forma, o abandono da arquitetura não deve ser encarado como um estado de azar propagado na história, e sim como um projeto em pleno desenvolvimento. Não se trata de sair em definitivo de um estado para outro, mas de uma conquista – sem exclusão daquilo que foi vivido - para um novo modo de relação com o outro. Em outras palavras, acredita-se que o passado continue a valer através de outros modos e a partir da situação presente.

#### *O lugar da terceira paisagem*

Como válvula de escape para o domínio biológico, Clément reflete sobre os terrenos vagos como uma condição para a sobrevivência da paisagem na contemporaneidade e os faz através de três classificações anteriormente exploradas: a soma dos *resíduos, das reservas e dos conjuntos primários*.

Os resíduos, em Cuñapirú – Corrales, resultam do abandono da atividade mineira na região e abrem espaço para a manifestação de novas espécies e eventos naturais. Esses espaços caracterizam o abandono como impermanência, trata-se de explorações pouco duráveis e cíclicas, quase que como uma experimentação para se fixar no espaço.

Estes lugares são os responsáveis pela acolhida de diversas espécies pioneiras e de manifestações que outrora não tiveram espaço. Nesse contexto, descreve que a antropização planetária em crescimento constante acarreta a criação de cada vez mais resíduos e, em um estágio final, resultaria na generalização do planeta como um imenso resíduo com reduzido número de heterogêneos e equilíbrio associado à vida humana.

Constitui Terceira Paisagem também o contido nas imagens da figura 04, pois apesar de seu estado de degradação, tem-se a necessidade da manutenção e preservação histórica e é acometida por uma consciência coletiva imponente da região, conforme relatos citados nos diálogos positivos-amorosos. Nesse quesito, desperta-se também a Terceira Paisagem para uma dimensão política e social. Estes fragmentos históricos contidos nas imagens acima explanadas, resultam em farelos conscientes de sua população e são responsáveis por manter viva a diversidade de sua existência, trata-se da memória coletiva afetiva e de sua amplitude biológica.

A Terceira Paisagem e o abandono, em Cuñapirú - Corrales, nascem de um contexto passivo e estático – desuso, desocupação, e torna-se ativo e incipiente no momento que se transforma em um território de refúgio e possibilita o surgimento da diversidade biológica.

De acordo com Clément, o crescimento das cidades e seu respectivo ordenamento de território são responsáveis também pela evolução da Terceira Paisagem. Tal desenvolvimento acarreta na formação de uma malha urbana, na qual os refúgios residuais se formam aleatoriamente em lugares hostilizados pelo processo, garantindo a diversidade. Por sua performance, podemos também associar a membrana urbana ao conceito de rizoma, já que se ramifica de maneira conectada por causa da ocupação humana e posterior evacuação.

A fim de garantir a continuidade biológica através da política dos encontros, preza-se pela comunicação através das malhas e não com o fechamento das mesmas. A multiplicação, de acordo com Clément, é unicamente atrelada aos resíduos que surgem da ordenação das malhas e suas conexões. Nesse sentido, a evolução territorial coincide com o desenvolvimento da Terceira Paisagem, porém o que garante o desenvolvimento de sua diversidade é a não fragmentação dos espaços.

O ordenamento territorial de Cuñapirú – Corrales, estruturou-se em 2010 quando o Povoado foi oficialmente declarado município. Conforme relatos históricos, o povoado passou por vários pontos de progresso e exploração de cunho internacional, assim como em seus momentos de transição também pontuou por fases de abandono, como o vivenciado na contemporaneidade dessa experiência. A procura de evidenciar o ciclo temporal da experiência (não cronológico e não linear) na atuação da Terceira Paisagem, mostrando sua perspectiva através do tempo.

Essa demonstração histórica cíclica remete que, em Cuñapirú – Corrales, aos pontos de baixa antropização a Terceira Paisagem se torna imponente, ao contrário de quando esta conflita com o apogeu econômico das explorações e a iminente ocupação humana. Nesse sentido, percebe-se que as convicções da evolução biológica e do crescimento econômico não estão dispostas à sobreposição.

A Terceira Paisagem contribui para uma importante fração compartilhada de consciência coletiva condicionada pelo seu domínio compartilhado no vértice de uma mesma cultura referenciada em sua organização territorial. Em outras palavras, Clément nos mostra que:

Em qualquer circunstância, a Terceira paisagem pode se considerar uma parte de nosso espaço vital entregue ao inconsciente. Se trata de uma profundidade onde os acontecimentos se armazenam e se manifestam de uma maneira aparentemente irresoluta (CLEMENT, 2004, p.57).

Devido à sua heterogeneidade, inconstância e excesso temporal, a Terceira Paisagem apresenta o abandono como o território da invenção e não da acumulação. Portanto, o abandono experienciado em Cuñapirú - Corrales retrata, através da sua humanidade e dos conceitos acima expostos, a inconstância de um povo Sul Global que se refaz através da história e traz à tona a necessidade de todos se transformarem com o meio: habitantes, errantes e pesquisadores.

#### **Referências**

- CLÉMENT, Gilles. *Manifiesto del Tercer paisaje*. Paris: Éditions Sujet/Objet, 2004.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* São Paulo: Editora 34.
- DELEUZE, G. *Conversações*. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, G., & GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia (Vol. 1)*. São Paulo: Ed. 34. 1995.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim. 1996.
- GUATTARI, F. *Caosmose*. São Paulo: Editora 34, 2000.

GUEX, G. *La neurosis de abandono*. Buenos Aires: Eudeba, 1984.

GUEX, G. *O síndrome do abandono*. Rio de Janeiro: Record, 1973.

PORTELA, Laís D. *A polissemia da paisagem contemporânea em Cuñapirú - Corrales no Uruguay*. Pelotas: PROGRAU, 2021. [Dissertação de mestrado].

KASTRUP, V., PASSOS, E., & ESCÓCIA, L. d. *Pistas do método da cartografia: pesquisa, intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA, Eduardo. *Arquiteturas do abandono: ou uma cartografia nas fronteiras da arquiteturas, da filosofia e das artes*. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2010. [tese de doutorado]. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24722>>.

# DESCENDO O PACÍFICO RUMO AO SUL

## Turismo sustentável através dos esportes de aventura

*GOING DOWN THE PACIFIC TO THE SOUTH*  
*Sustainable tourism through adventure sports*

*Maria Alice Humberto Silva<sup>1</sup> e Gisele Silva Pereira<sup>2</sup>*

### Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o conteúdo do programa Descendo o Pacífico, do canal de televisão *Off*, identificando a relação dos esportes de aventura com a prática, mesmo que involuntária, de um turismo sustentável. O roteiro necessário à coleta de dados foi elaborado a partir da adaptação feita por Silva e Cândido (2016) do Sistema de Indicadores de Sustentabilidade do Desenvolvimento do Turismo – SISDTur, proposto por Hanai (2009). A partir dos resultados, evidencia-se que a dimensão mais contemplada pelo programa foi a ambiental e a menos contemplada foi a econômica. Os resultados também revelam que os atletas de esportes de aventura vivenciam nas suas viagens a prática do turismo sustentável, mesmo que sua motivação principal nas viagens não seja o turismo. Além disso, o que podemos observar sobre o nosso Sul durante nossa pesquisa é que foi aqui onde encontraram a maior pluralidade e diversidade cultural e climática. A América do Sul é única, mas também é variada, em seus povos, na sua história, na sua geografia, no seu solo, em tudo.

Palavras-chave: turismo sustentável, esportes de aventura, canal *Off*.

### Abstract

*The present research aimed to analyze the content of the Channel Off TV program Descending the Pacific, whilst identifying the relationship between adventure sports and the practice, even if involuntary, of a sustainable tourism. The data collection script was designed based on the adaptation undertaken by Silva and Cândido (2016) in the Tourism Development Sustainability Indicator System – SISDTur, proposed by Hanai (2009). From the results, it is evident that the dimension most contemplated by the program was the environmental one and the one that was least contemplated was the economic dimension. The results also reveal that adventure sports athletes experience in their travels the practice of sustainable tourism, even if their main motivation in travel is not tourism. Furthermore, what we can observe about our South during our research is that it was here where they found the greatest plurality and cultural and climatic diversity. South America is unique, but it is also varied, in its people, in its history, in its geography, in its soil, in everything.*

*Keywords: sustainable tourism; adventure sports; channel Off.*

### Introdução

O presente estudo tem por objetivos analisar o conteúdo do programa Descendo o Pacífico, do canal de televisão *Off*, identificando a relação dos Esportes de Aventura com a prática, mesmo que involuntária, de um Turismo Sustentável, além de examinar os aspectos sustentáveis nas viagens dos praticantes de esportes radicais. Estes praticantes, além de esportistas, também podem ser considerados turistas tendo em vista que desempenham esse papel por se deslocarem do seu local de origem e permanecerem fora dele num período maior que 24 horas e menor que um ano, conforme preconizado pela Organização Mundial do Turismo (OMT, 2001).

Existe uma relação direta entre os Esportes de Aventura e o Turismo, pois estes esportes tendem a priorizar um turismo sustentável, que é aquele que satisfaz as necessidades dos visitantes e as necessidades socioeconômicas das regiões receptoras, enquanto os aspectos culturais, a integridade dos ambientes naturais e a diversidade biológica são mantidos para o futuro (MTUR, 2009). Esta relação se dá em função de seu contato direto com a comunidade local de lugares, muitas vezes, incomuns, desconhecidos e poucos explorados, mas que possuem os melhores atrativos naturais para os praticantes de atividades físicas de ação na natureza. Também, a partir dessa interação movimenta-se a economia local, pois por se tratarem de locais mais isolados, os recursos humanos existentes são os próprios moradores, em sua maioria.

A motivação para a realização desta pesquisa surgiu no oitavo semestre do curso de Bacharelado em Turismo, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), quando uma das pesquisadoras sentiu a necessidade de explorar a multidisciplinaridade – aspecto bem característico e discutido do Turismo e necessário à sustentabilidade. Assim sendo, esta pesquisadora cursou a disciplina de Atividades Físicas de Ação na Natureza (AFAN), no curso de Educação Física, da UFPEL, a qual trata sobre as atividades que não exigem competições (como teoricamente são os esportes), praticadas na natureza e que proporcionam adrenalina e sensação de desafio – com a própria natureza, para quem as pratica.

A metodologia das aulas de AFAN contemplava conteúdos de documentários sobre Esportes de Aventura – mais especificadamente documentários e programas do Canal *Off* – um canal de televisão por assinatura brasileiro lançado pela Globosat, subsidiária do Grupo Globo. Ao analisarmos os programas e documentários apresentados em aula verificamos claramente a ligação dos esportes radicais de aventura com o turismo, e mais, que a ligação entre eles é a sustentabilidade – exercida pelos viajantes/esportistas, que vão em busca da prática das atividades de ação na natureza, explorando o mundo todo em busca do melhor local para a prática do seu esporte preferido.

Desta forma, torna-se necessário ressaltar a importância da conexão entre os Esportes de Aventura – praticados na natureza e o Turismo – sendo ele de Aventura, que possui relação direta com a natureza, uma vez que é realizado no meio natural e afeta as comunidades locais dos locais explorados. Assim, a relação entre os Esportes de Aventura e o Turismo merece maior atenção por parte das duas áreas – Esporte e Turismo, por se complementarem sendo seus praticantes Esportistas e também Turistas – mesmo que por vezes não percebam o segundo papel que exercem e sua influência no meio natural.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, alice.hbs@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, gisele\_pereira@hotmail.com

## Referencial Teórico

### Esporte

Somos – durante toda a vida, orientados a cuidar do nosso corpo e da nossa mente, com isso, somos fortemente incentivados a praticar algum tipo de esporte, por se tratar de atividades em que se exercitam as duas coisas. Na busca de melhor explicar a contribuição dos esportes para a qualidade de vida do ser humano, Minayo, Hartz e Buss (2000, p. 10) conceituam a qualidade de vida como:

Uma noção eminentemente humana, que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social, ambiental e também na própria estética existencial. Pressupõe a capacidade de efetuar uma síntese cultural de todos os elementos que determinada sociedade considera seu padrão de conforto e bem-estar. O termo abrange muitos significados, que refletem conhecimentos, experiências e valores de indivíduos e coletividades que a ele se reportam em variadas épocas, espaços e histórias diferentes, sendo, portanto, uma construção social com a marca da relatividade cultural (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000, p. 10).

Como os autores nos falam, o bem-estar do indivíduo está atrelado a satisfação pessoal encontrada em atividades que englobam a família, as relações amorosas e sociais, além do contato com o meio natural. Fatores esses que podem ser encontrados ao se praticar algum tipo de esporte. Ao trazer o Esporte na natureza, mais especificadamente, vemos que, por vezes, a busca do contato com o meio natural se dá no intuito de fugir da rotina nos centros urbanos, sendo assim um dos fatores impulsionadores para a prática desse segmento esportivo.

Conforme Betti (2001, p. 159):

O termo Esporte é bem mais amplo hoje do que em sua clássica definição relacionada a: “competição, comparação de desempenhos, busca da vitória ou recorde, etc.”. [...] hoje há ampla polissemia do fenômeno esporte, fazendo com que tal fenômeno transcenda aquela definição referente ao esporte espetáculo ou de rendimento (BETTI, 2001, p.159).

De fato, essa pesquisa busca mostrar a face do esporte praticado por amor e paixão, ambos os sentimentos despertados em seus praticantes – que bem são praticantes e não competidores, não visando ganhos entre outros praticantes, apenas o ganho do prazer e do desafio feitos a eles próprios e a natureza que os acolhe.

Nesse sentido do esporte que nortearmos a pesquisa e a análise proposta, para a fim de entendermos que as práticas de tais esportes levam ao desejo de interação com as comunidades locais dos meios naturais onde procuram desafiar-se, assim como a preservação desses meios, vivendo e interagindo com a sociedade local e também sua cultura, movimentando desse modo sua economia.

Segundo Miguel, Folgiarini e Souza (2016) esses esportes têm como palco principal as matas, campos, rios e tudo o que compõem a flora e a fauna, sendo assim, aqueles que escolhem essas áreas para o lazer e/ou esporte, acabam desenvolvendo esse sentimento de proteger, preservar.

Na presente pesquisa o esporte de aventura em foco é o surfe, que exige, de se estar no meio natural, nesse caso, o mar, para poder praticá-lo. Segundo Souza (2013, p.

85-86) o surfe pode ser compreendido como:

Um esporte de inclusão, que agrega valores e sentimentos. É um esporte democrático, onde os surfistas, limitados a uma prancha e um calção, evitam as diferenças sociais, neste universo o pobre e o rico dividem e cultivam o mesmo ambiente, são todos apreciadores do oceano, arriscam de estudantes das dinâmicas dos ventos, marés, lua e ondas, sempre com um objetivo em comum, o utópico sonho de surfar a onda perfeita (SOUZA, 2013, p. 85-86).

Com embasamento nesta definição que o objeto de estudo foi definido, por contemplar este conceito que nos traz terminologias como valores e sentimentos, na prática no esporte.

Souza (2013, p. 85) complementa ainda falando sobre a prática desse esporte que desperta uma paixão em quem o pratica, capaz de fazer os praticantes se deslocarem quilômetros para longe de seu local habitual em busca de uma onda perfeita: “Há quem diga que surfar é o alimento da vida espiritual, que o surfe é religião, é amor incondicional, é filosofia, é cultura ou simplesmente estilo de vida”.

Quando falamos de Esportes de Aventura, logo pensamos que eles oportunizam a relação homem-natureza, e quando temos essa relação é interessante sabermos as motivações que levam tais pessoas a se desapegarem do certo, do confortável, do convencional, para correr riscos, aventuras, entre tantas outras emoções que o esporte de risco e aventura traz ao praticante. Conforme Bahia e Sampaio (2007, p. 180):

Uma característica a ser ressaltada é a de que a prática dessas atividades, muitas vezes, passa a ser uma válvula de escape da vida cotidiana e do estresse da vida urbana, que se reflete na busca do elemento “exótico” nas viagens à natureza e em certa fuga de valores que são vividos no cotidiano das pessoas (BAHIA; SAMPAIO, 2007, p. 180).

A natureza influencia diretamente na saúde mental e física do indivíduo, portanto, estudos como o proposto por essa pesquisa são de suma importância para que cuidemos da preservação desses espaços, ao trazermos atividades para estes. O mesmo acontece com os esportes praticados nesses espaços – onde seus praticantes se deslocam para diferentes locais do mundo (sendo categorizados, assim, como turistas) em busca dos melhores ambientes para a prática de sua atividade. É necessária a conscientização sustentável pelos recursos naturais e culturais de cada localidade. No caso do surfe – esporte de enfoque dessa pesquisa, basta frequentar qualquer praia mundo a fora que possua ondas para a prática dessa modalidade que, naturalmente, aparecerão os entusiastas surfistas com suas pranchas em baixo dos braços (SOUZA, 2013).

Com todas essas motivações se torna cada vez mais recorrente a fuga dos centros urbanos rumo à natureza para usufruir dos atrativos naturais e para a prática de esportes de aventura, os quais a urbanização impediu ao se apropriar dos espaços naturais. No caso dos esportes de aventura, há também uma busca de uma adrenalina extinguida pela rotina de trabalho, compromissos e obrigações, pois vê-se que os praticantes de esporte de aventura têm verdadeira paixão pelo risco, por desafiar-se, tendo por seu maior oponente a natureza e a si mesmo, enfim, sensações e sentimentos não proporcionados para o indivíduo no dia a dia. Por isso paga-se o alto preço do deslocamento para lugares tão afastados, pois é neles que esses esportistas encontram tudo isso que procuram e que a urbanização lhes priva.

### Sistema de Indicadores de Sustentabilidade

Neste estudo utilizamos a adaptação feita por Silva e Cândido (2016) do Sistema de Indicadores de Sustentabilidade do Desenvolvimento do Turismo – SISDTur, proposto por Hanai (2009). Esse sistema foi elaborado a fim de:

Investigar cientificamente procedimentos e indicadores para análise do processo de desenvolvimento do turismo, no sentido de propiciar a elaboração de instrumentos técnicos e científicos para sua medição, auxiliando a tomada de decisões e a gestão sustentável da atividade turística (SILVA; CÂNDIDO, 2016, p. 480).

Para Van Bellen (2006 apud SILVA; CÂNDIDO, 2016), o objetivo principal dos indicadores é o de agregar e qualificar informações de maneira que sua significância fique mais aparente. Assim sendo, um sistema de indicadores é imprescindível no planejamento e na gestão de destinos turísticos. Desse modo, as dimensões que integram o SISDTur são: ambiental, social, cultural, econômica, turística e institucional (SILVA; CÂNDIDO, 2016).

A dimensão ambiental apresenta 14 indicadores, sendo eles (SILVA; CÂNDIDO, 2016):

1. A quantidade de água consumida por turista em um período não afeta o consumo local.
2. Existem programas de redução do consumo, desperdício ou reuso de água.
3. Existe monitoramento da qualidade da água.
4. A quantidade de resíduos sólidos gerados pela atividade turística é em grande proporção.
5. Existem programas de redução da quantidade de resíduos sólidos.
6. Existe coleta seletiva de resíduos sólidos e processo de reciclagem.
7. A energia consumida por um turista em um período não afeta o consumo da produção local e não é em grande proporção.
8. Existem programas de redução do consumo de energia.
9. Existe processo de tratamento de esgotos.
10. Existem áreas preservadas, recuperadas ou em processo de recuperação.
11. Existem programas ou instalações para melhoria da qualidade do ar.
12. Existe programa orientado de interpretação em educação ambiental ou cultural.
13. Existem associações de grupos ambientalistas na localidade.
14. Existe processo de certificação ambiental ou turística.

A dimensão cultural lista sete indicadores, sendo eles (SILVA; CÂNDIDO, 2016):

1. Existe uma boa quantidade de produtos típicos locais ofertados (artesanatos, suvenires, etc.).
2. Existe uma quantidade de bens patrimoniais, arquitetônicos, arqueológicos e históricos.
3. Existe uma boa quantidade de eventos e festivais populares tradicionais de manifestações culturais.
4. Existem atos de vandalismo praticados por turistas aos artefatos

culturais.

5. Existem atos de vandalismo praticados por residentes aos artefatos culturais.
6. Houve mudança no modo vestir e interesse por aprender novas línguas.
7. Houve mudança na percepção sobre dificuldades de estacionamento nas ruas principais.

A dimensão social contempla cinco indicadores, sendo eles (SILVA; CÂNDIDO, 2016):

1. Existe um bom número de residentes locais empregados nos estabelecimentos turísticos.
2. Existem iniciativas de capacitação e treinamento profissional aos funcionários residentes locais.
3. Existem funcionários residentes locais com capacitação em turismo.
4. Os empregos fixos no setor turístico são mais que os empregos temporários.
5. Existe satisfação da população local com o turismo.

A dimensão econômica elenca cinco indicadores, sendo eles (SILVA; CÂNDIDO, 2016):

1. A atividade turística gera renda e emprego para a população local.
2. Os estabelecimentos turísticos se mantêm há um bom tempo de permanência no destino turístico.
3. Os estabelecimentos turísticos funcionam nos finais de semana e feriados.
4. Os turistas gastam uma boa quantidade de recursos financeiros por dia nos estabelecimentos turísticos.
5. Os investimentos anuais em turismo são equilibrados e atendem ao aumento da demanda.

A dimensão turística aponta 11 indicadores, sendo eles (SILVA; CÂNDIDO, 2016):

1. A oferta em hospedagem é suficiente para atender a demanda turística.
2. Existem facilidades para a mobilidade de pessoas com dificuldades de locomoção ou outras necessidades especiais.
3. Existe registro de controle da visitação.
4. Existe programação de atividades educacionais e visitas guiadas a atrações de interesse ambiental ou cultural.
5. Existe proporção no tempo gasto pelo turista em visitas ou atrações de interesse ambiental ou cultural.
6. Os empreendimentos turísticos e os turistas respeitam a capacidade de carga dos atrativos.
7. Existe equilíbrio entre o número de guias e turistas.
8. Existem muitos incidentes e acidentes envolvendo turistas e visitantes.
9. Os turistas ficam satisfeitos com os serviços oferecidos e voltam outras vezes ao município.
10. Existem taxas de visitação pagas para contribuições de proteção, conservação ou utilização dos atrativos turísticos.
11. Existem instalações e estruturas de minimização de impactos ambientais decorrentes do turismo.

A dimensão institucional engloba cinco indicadores, sendo eles (SILVA; CÂNDIDO, 2016):

1. A capacitação de apoio técnico em turismo é suficiente para atender à demanda turística.
2. Existe participação da comunidade local na elaboração e gestão de planos para o turismo local.
3. Existem estratégias de promoção e comercialização dos produtos turísticos.
4. Existe legislação para proteção do patrimônio histórico na localidade.
5. Existe legislação para proteção do patrimônio natural na localidade.

Conforme mencionado anteriormente, cada dimensão foi pensada e organizada para agregar e qualificar informações de maneira que sua significância fique mais aparente (VAN BELLEN, 2006 apud SILVA; CÂNDIDO, 2016).

### Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa e exploratória. A problemática proposta pela presente investigação ainda é pouco abordada, porém de grande relevância para ambos os segmentos envolvidos – Turismo e Esporte de Aventura. Por isso, se enquadra em um nível exploratório, como explica Gil (2008), ao afirmar que esse tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. O objeto de pesquisa escolhido para se atingir os objetivos desta investigação foi um programa televisivo da grade de programação do Canal *Off*. É importante salientar que a utilização de mídia televisiva – um recurso ainda pouco explorado nas pesquisas em turismo, como uma ferramenta facilitadora para a análise de estudos como este proposto, se revela bastante rica. Em sua maioria, os programas desse canal tratam de *reality*, que são um tipo de programa televisivo apoiado na vida real (GARCIA; VIEIRA; PIRES, 2002). Nesse sentido, acompanham esportistas de diversas modalidades em busca do meio natural que mais favoreça a prática de seu esporte.

No programa escolhido tem-se a viagem e a prática de surfe – um esporte de aventura no meio natural, o mar. Com o título *Descendo o Pacífico*, o programa protagoniza o casal Luiza Campos e Stephan Figueiredo em busca de novos desafios, começando por uma viagem para conhecer a costa oeste do continente americano, de norte a sul, atrás de ondas e aventuras, e realizando todo seu trajeto em uma caminhonete – modificada e adaptada pelo próprio casal, para que a mesma servisse de alojamento durante essa jornada. No decorrer do programa, é possível acompanhar o contato frequente do casal com a natureza – que vai da neve no Alasca às quentes praias no Panamá e na Colômbia, perfazendo assim todo o continente americano.

A fim de contemplar os objetivos deste estudo, é necessário analisar a relevância dessas viagens para o turismo sustentável através dos esportes de aventura, tendo em vista que a prática do surfe é a motivação das viagens realizadas ao longo dos episódios, para assim identificar a relação dos Esportes de Aventura com a prática, mesmo que involuntária, de um Turismo Sustentável.

O roteiro necessário a coleta de dados foi elaborado com base na adaptação feita por Silva e Cândido (2016) do Sistema de Indicadores de Sustentabilidade do Desenvolvimento

do Turismo – SISDTur, proposto por Hanai (2009). O roteiro utilizado corresponde às Tabelas de número 1 a 4, apresentadas na seção seguinte dos resultados. Segundo estes autores (SILVA; CÂNDIDO, 2016), esse sistema foi proposto decorrente da preocupação com a problemática ambiental, o rápido crescimento demográfico e a multiplicidade de atividades humanas que consomem e exploram recursos naturais. Os sistemas de indicadores de sustentabilidade correspondem aos mecanismos que são adotados para avaliar o nível do desenvolvimento sustentável de um dado espaço territorial ou de uma dada atividade econômica (SILVA; CÂNDIDO, 2016).

As dimensões ambiental, social, cultural, econômica, turística e institucional, as quais são detalhadas na seção 2.2, foram analisadas no decorrer dos 15 episódios da primeira e única temporada do programa *Descendo o Pacífico*, transmitido pelo canal *Off* no ano de 2017, o qual retratava a jornada do referido casal, ao percorrer 13 países, perfazendo 48.000 km, durante nove meses, em busca de ondas nos extremos do Alasca, do Pacífico e da Patagônia, no sul. É importante explicar que neste artigo, dado suas especificidades, foram apresentadas e analisadas as seguintes dimensões: ambiental, cultural, social e econômica, as quais são mais comumente associadas ao tripé da sustentabilidade (ambiental, social e econômica). A coleta dos dados ocorreu no período de 16 de maio a 05 de julho de 2019.

### Resultados

Após analisarmos os quinze episódios da série proposta, tendo por base o SISDTur, obtivemos os seguintes resultados quanto às dimensões ambiental, cultural, social e econômica, respectivamente:

#### Dimensão Ambiental

INDICADORES	OBSERVADO	NÃO OBSERVADO
A quantidade de água consumida por turista em um período não afeta o consumo local.	X	
Existem programas de redução de consumo, desperdício ou reuso de água.	X	
Existe monitoramento da qualidade da água.	X	
A quantidade de resíduos sólidos gerados pela atividade turística é em grande proporção.		X
Existem programas de redução da quantidade de resíduos sólidos.		X
Existe coleta seletiva de resíduos sólidos e processos de reciclagem.		X
A energia consumida por um turista em um período não afeta o consumo da produção local e não é em grande proporção.	X	
Existem programas de redução do consumo de energia.		X
Existe processo de tratamento de esgotos.		X
Existem áreas preservadas, recuperadas ou em processo de recuperação.	X	

Tabela 1 – Dados da Dimensão Ambiental. Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Existem programas ou instalações para a melhoria da qualidade do ar.		X
Existe programa orientado de interpretação em educação ambiental ou cultural.		X
Existem associações de grupos ambientalistas na localidade.		X
Existe processo de certificação ambiental ou turística.		X

*A quantidade de água consumida por turista em um período não afeta o consumo local:*

Observamos que, no contexto da viagem proposta no programa, os viajantes não permanecem por muito tempo em um único lugar, além de contarem com uma quantidade racionada de água pelo pouco espaço que dividem um com o outro na caminhonete.

O veículo foi planejado para ser o meio de hospedagem e convivência do casal ao longo dos nove meses de viagem. Tudo nele foi criado para ser prático e ao mesmo tempo, multifuncional. No que, originalmente, é a carroceria eles elaboraram um planejado de madeira, que funcionou como cama e armário. Por se tratar de uma longa viagem, que seria também um programa de televisão e uma casa, na travessia por mais de 10 países, tudo que foi levado foram itens de extrema necessidade.

Desta forma, eles não possuíam, por exemplo, banheiro, assim, por visitarem muitas cachoeiras ao longo de seu percurso, acabaram aproveitando desse meio natural para o banho e a higiene pessoal. Como seu meio de hospedagem não se trata de uma residência fixa, acabam por não consumir um grande volume de água de uma determinada localidade.

*Existem programas de redução de consumo, desperdício ou reuso de água:*

Verificamos que o casal visa utilizar realmente o mínimo necessário de água ao longo de sua aventura. Mesmo quando a necessidade os obrigou a criar um sistema próprio – fixado na parte superior da caminhonete, para que fosse possível tomarem banho, já que a partir dali entrariam no deserto da Califórnia (EUA) em direção ao México por alguns dias – almejavam, além dessa necessidade, a economia da água, fazendo que com nesse sistema saísse uma quantidade mínima e necessária para cada banho, em que três galões e meio de água, rendessem muitos banhos até o final desse percurso. Ainda assim, quando encontravam opções naturais para sua higiene - cachoeiras, optavam por estas, para não haver desperdício de água.

*Existe monitoramento da qualidade da água:*

Notamos no sexto e oitavo episódios, o engajamento do casal de surfistas em deixar algo de positivo por onde passavam, com o intuito de retribuir tudo de bom que as localidades lhe forneciam.

Eles explicam a proposta de uma ONG, a *Waves for Water* – Ondas por Água, que, segundo o *site* oficial do projeto, trabalha na linha de frente para fornecer água limpa a comunidades carentes em todo o mundo. Ainda conforme a fonte oficial da ONG, a *Waves for Water* teve sua fundação em 2009, para que os surfistas que percorrem o mundo atrás de boas ondas façam o que amam e ajudem ao longo do caminho. Segundo o *site* da ONG, o projeto já ajudou na vida de mais de sete milhões de pessoas, em mais de vinte e sete países. (WAVES FOR WATER, 2019).

A grande proposta é que os viajantes transportam *kits* de filtros de água na sua bagagem, a fim de instalá-los em localidades onde percebam a necessidade de água potável. Stephan e Luiza aderiram a esse projeto, para esta viagem. Levaram consigo cinco *kits* desses filtros e ao longo dos nove meses e 13 países, distribuíram os cinco onde mais perceberam a necessidade dos mesmos.

No sexto episódio ao passarem pelo deserto da Califórnia, nos EUA, em direção ao México, o carro do casal acaba ficando preso em pequenas dunas de areia, e com a ajuda de uma família nativa conseguem retirá-lo desse local. Assim, em um gesto de troca e agradecimento, o casal pede para instalar um *kit* de filtros do projeto *Waves for Water*.

Na Nicarágua, no nono episódio, na cidade de Miramar, através do pastor da localidade, foram apresentados a uma escola onde era utilizada água de poço para as crianças beberem, onde às vezes nem essa água eles tinham para consumo. Os depoimentos são de que foi muito gratificante para o casal essa instalação, além de ser possível uma interação com as crianças da escola.

Também no 12º episódio, no final da passagem do casal por Lobitos, no Peru, eles conseguem fazer a aplicação de outro filtro, em uma escola. Além de instalarem os filtros, fizeram a demonstração da água poluída que beberiam e da água limpa – após a colocação do filtro, de aula em aula.

*A energia consumida por um turista em um período não afeta o consumo da produção local e não é em grande proporção:*

Segundo a Organização Mundial de Turismo – OMT, turismo são as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros (OMT, 2001). Assim, enquadrados os viajantes do objeto de estudo proposto – programa televisivo *Descendo o Pacífico*, como turistas.

Observamos, então, tendo em vista o conceito de turismo, que Stephan e Luiza são turistas, que passam apenas pelos locais a fim de traçar uma determinada rota. Seu tempo de permanência em uma determinada localidade não afeta a comunidade local quando falamos em consumo de energia (e também água, ou qualquer outro recurso do local), assim como também não levam consigo nada que demande tanta energia a ponto de afetar os residentes.

Vemos que o casal se utiliza de muitos aparelhos tecnológicos para registrarem imagens, tais como câmeras, que possuem baterias recarregáveis que podemos ver sendo carregados na bateria do próprio veículo do casal, não utilizando assim da energia local.

*Existem áreas preservadas, recuperadas ou em processo de recuperação:*

Podemos observar, ao longo do programa, diversas áreas preservadas como parques e sítios arqueológicos. Quando entram na Costa Rica, o primeiro lugar que anseiam por visitar inclusive é um parque nacional preservado, o Parque Nacional de Santa Rosa.

Este parque protege algumas das últimas florestas tropicais secas do mundo. Segundo o *site* Costa Rica *Guide*, o Parque Nacional de Santa Rosa foi anexado ao Parque Nacional de Guanacaste, na intenção de uni-lo com a floresta tropical de altitude elevada dos vulcões Orosi e Cacao e através da divisa continental com a floresta

tropical caribenha do norte da Costa Rica. (COSTA RICA GUIDE, 2019). A esperança é que juntos esses dois parques protejam terras o bastante para garantir *habitats* suficientemente grandes para espécies em extinção, como onças e leões da montanha, criando simultaneamente um corredor biológico para pássaros e insetos fazerem migrações sazonais locais entre a floresta seca e as florestas tropicais (COSTA RICA GUIDE, 2019).

Quando chegaram à localidade o casal não pôde circular pelo parque, pois estava fechado para melhorias, mas é um lugar de relevância para essa pesquisa, já que contempla a dimensão ambiental e estava no roteiro no casal viajante.

No momento que chegam ao Peru podemos então ver os sítios arqueológicos preservados por milhares de anos. O casal tem em seu roteiro o destino turístico mais procurado do Peru, Macchu Picchu, uma cidade Inca com templos, palácios, plataformas e canais de água que mostram o que uma grande civilização foi capaz de edificar com grandes blocos de pedra, sem nenhum tipo de cimento, porém com a maior sabedoria (ADVENTURE CLUB, 2018).

Segundo o órgão de Turismo do Peru (PERU TRAVEL, 2019), o que resta das construções Incas – considerado o Santuário Histórico de Machu Picchu, foi inscrito na Lista do Patrimônio Mundial em 1983. São apontados critérios, pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, para que um bem natural seja considerado patrimônio natural mundial, a proteção, a administração e a integridade do sítio (UNESCO, 2019).

Ainda segundo o *site* da UNESCO (2019), a conservação do Patrimônio Mundial é um processo contínuo. Incluir um sítio na Lista serve de pouco se posteriormente o sítio se degrada ou se algum projeto de desenvolvimento destrói as qualidades que inicialmente o tornaram apto a ser incluído na relação dos bens do Patrimônio Mundial. Na prática, os países tendem a tomar essa responsabilidade seriamente. Pessoas, ONGs e outros grupos comunicam ao Comitê do Patrimônio Mundial possíveis perigos para os sítios. Se o alerta se justifica e o problema é suficientemente grave, o sítio será incluído na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo (UNESCO, 2019).

### Dimensão Cultural

INDICADORES	OBSERVADO	NÃO OBSERVADO
Existe uma quantidade de produtos típicos locais ofertados (artesanato, suvenires, etc.).	X	
Existe uma boa quantidade de bens patrimoniais, arquitetônicos, arqueológicos e históricos.	X	
Existe uma boa quantidade de eventos e festividades populares tradicionais de manifestações culturais.		X
Existem atos de vandalismo praticados por turista aos artefatos culturais.		X
Existem atos de vandalismo praticados por residentes aos artefatos culturais.		X
Houve mudança no modo de vestir e vontade de aprender novas línguas.	X	
Houve mudança na percepção sobre dificuldades de estacionamento nas ruas principais.		X

*Existe uma quantidade de produtos típicos locais ofertados (artesanato, suvenires, etc.):*

Este item foi observado mais fortemente em países da América do Sul. A viagem que dá título ao programa televisivo que foi o objeto de estudo desta pesquisa – Descendo o Pacífico, foi idealizada e viabilizada, devido a existência da Rodovia Pan-Americana, que é uma estrada de 48.000 km de extensão que liga todos os países do Continente Americano, de norte a sul, com exceção dos cerca de 130 km na região do Parque Nacional de Darién, área de floresta densa entre o Panamá e a Colômbia (MOCHILEIROS, 2019).

Para atravessarem por esse trecho, não contemplados pela rodovia, foi necessário contratarem um serviço de táxi aquático, já que nesse trecho a rodovia Pan-Americana não foi concluída. Essa travessia durou cinco dias em um veleiro de cinquenta pés com outras nove pessoas.

Durante esse percurso cruzaram pelo Arquipélago de San Blas, onde realizaram mergulho e pararam em uma de suas ilhas para conhecer. Nessa ilha existem apenas duas cabanas onde moram apenas duas famílias no meio do absolutamente nada.

Eles possuem canoas que utilizam para a pesca, que fornece o alimento dessas famílias e produzem artesanatos – que segundo Luiza, não há muito fregueses para consumi-los, mas as mulheres do local fazem muitos colares para vender aos raros turistas que conseguem chegar naquela ilha. Luiza comprou vários colares para ajudar essa comunidade que vive totalmente isolada nessa ilha.

Passando pela cidade de La Montañita, na Colômbia – uma cidade voltada comercialmente para os turistas que vêm até a localidade, motivados pela prática do surfe, o casal avista um hotel com uma porteira feita com pranchas de surfe a base de balsa – a madeira mais leve, usada para fazer pranchas de surfe, dando maior flexibilidade e flutuação ao surfista (MADEIRA E ÁGUA, 2012).

Dentro desse hotel havia uma loja de pranchas de balsa, o casal então entrou para conversar com o dono e acabou descobrindo que ele é um *shaper* – artesão de pranchas (MORAES, 2015), ou seja, ele mesmo que produz as pranchas de balsa, tanto usadas na decoração do hotel, quanto as disponíveis para compra em sua loja. Ele conta que cada prancha leva em torno de oitenta horas para ser produzida, por isso acabam sendo muito mais ricas em detalhes, mas também muito mais trabalhosas em sua elaboração.

Nesse episódio Luiza não sabe, mas Stephan comprou esse artefato local para presenteá-la em seu aniversário que seria em poucos dias e eles o comemorariam ainda nessa viagem.

Ao chegarem no Peru, no sul – o país onde mais podemos identificar a dimensão cultural, era fácil e recorrente percebermos que várias localidades têm como grande aliada na sua economia local a venda de suvenires e artesanatos que representam a cultura local.

*Existe uma boa quantidade de bens patrimoniais, arquitetônicos, arqueológicos e históricos:*

Foi observado na passagem pelo Peru – 13º episódio, muitos patrimônios arqueológicos e históricos, como Salineras Maras, Ollantaytambo e Machu Picchu. Não estava no roteiro do casal, mas ao cruzarem com a placa indicativa, decidiram dar um passeio

pelas redondezas da cidade de Ollantaytambo e acabaram encontrando um local chamado Maras.

Nesse episódio o casal traz um pouco da história desse local. Contam que se trata de uma salineira que é literalmente da época Inca e que ainda nos dias atuais, perdura uma fonte natural de água salobra que corre pelas montanhas. O povo Inca criou canais para depositar essa água em várias poças diferentes. Essa água vai evaporando, criando os cristais de sal e as pessoas os recolhem (CANAL OFF, 2019).

Para que seja possível a conservação desse patrimônio Inca, a visita a esse local tem um pequeno custo. Além de ter grande valia cultural e histórica, segundo Luiza, as Salineras também geram renda à localidade, já que muitas pessoas têm por profissão o recolhimento para a comercialização do sal que ali se forma (CANAL OFF, 2019).

Segundo o *blog* virtual Viagens Machu Picchu (2019), as Salineras, além de gerarem renda à população local com a produção de sal, também trazem retorno financeiro à localidade, devido a atividade turística presente no atrativo:

Essa é uma fonte de renda não apenas pela produção do sal, mas também para o turismo, em virtude da região fazer parte do vasto e mítico território do Vale Sagrado dos Incas, oferecendo paisagens esplendorosas e visita fascinante. Para visitá-las, o turista paga em torno de 10 soles, comprando o ingresso na hora para aproveitar o passeio por entre os tanques. Essa visita é agradável, visto que pode-se observar linda região de montanhas do vale, os tanques cheios, pessoas trabalhando na extração, os pequenos canais onde correm as águas, podendo também tocar e provar o sal. Muito cuidado para não escorregar e tomar um banho de água salgada, ainda que sejam águas quentes (VIAGENS MACHU PICCHU, 2019, s/p).

Chegando em Ollantaytambo, a cidade mais próxima que se consegue chegar de carro para pegar um trem para Machu Picchu, eles foram surpreendidos com a beleza do local. Havia planejado apenas passar por ali rumo a Machu Picchu, mas acabaram permitindo-se conhecer a localidade.

A cidade toda fica no meio de um vale, com montanhas gigantescas e ao redor dessas montanhas é repleto de ruínas Incas. O casal decide visitar uma delas, mas encontram algumas dificuldades, como a trilha pedregosa e a altitude.

Segundo Stephan, você se sente realmente em uma cidade Inca, são centenas de pessoas pela cidade. Ainda, de acordo com ele, é apenas uma pequena cidade, com as ruínas ao redor. Então você se sente mesmo em uma cidade Inca.

A cidade se destaca como Vale Sagrado dos Incas por não se tratar de uma cidade abandonada. Ollantaytambo nunca deixou de ser habitada, nem mesmo durante a invasão dos colonizadores espanhóis, seguiu, interruptamente, sendo habitada (FUI SER VIAJANTE, 2019).

Ao longo do 13º episódio, o casal do programa relata que, por seguir sendo habitada, Ollantaytambo sofreu mudanças, adaptações com o tempo, porém o planejamento hídrico da cidade, original dos tempos Incas, foi e segue sendo preservado. É possível ver, durante esse episódio, os canais que ainda cortam a cidade e continuam a trazer água limpa para Ollantaytambo, diretamente das montanhas.

*Houve mudança no modo de vestir e vontade de aprender novas línguas:*

Foi observado que ao chegar na América do Sul a interação com cultura local foi registrada mais frequentemente. Esse fato nos mostra que dos treze países visitados pelo casal viajante, foi a partir dos países da América do Sul que começaram a entrar em maior contato com a cultura dos locais.

No final do décimo terceiro episódio, Luiza conta que passaram o mês mais intenso de toda a viagem em um país, que foi o Peru. Que foi o local onde eles mais se aprofundaram e aproveitaram e, realmente, foi um país onde consumiram muito souvenir local e até mesmo apareceram utilizando vestes típicas locais.

### Dimensão Social

INDICADORES	OBSERVADO	NÃO OBSERVADO
Existe um bom número de residentes locais empregados nos estabelecimentos turísticos.	X	
Existem iniciativas de capacitação e treinamento profissional aos funcionários residentes locais.		X
Existem funcionários residentes locais com capacitação em turismo.		X
Os empregos fixos no setor turístico são mais que os empregos temporários.	X	
Existe satisfação da população local com o turismo.	X	

Tabela 3 – Dados de Dimensão Social. Fonte: Dados da pesquisa (2019).

*Existe um bom número de residentes locais empregados nos estabelecimentos turísticos:*

Observamos em vários episódios a contratação de serviços de locomoção da parte do casal de surfistas viajante. Balsas, barcos, veleiros, entre outros, foram os veículos que ajudaram no traslado deles quando não era possível realizar um trajeto com a caminhonete em que realizaram a aventura.

Esse tipo de serviço contratado conta com profissionais experientes por se tratar de trajetos – muitas vezes, em lugares remotos e isolados, como o veleiro utilizado na travessia do Panamá para a Colômbia. Além disso, esses profissionais os instruíam sobre a localidade e sobre os atrativos locais.

O casal também utilizava de serviços de barcos para pescar, como vimos no episódio 11, em que contratam os serviços de um pescador-mergulhador profissional para pescarem peixes, que serviriam de alimentos para eles em alguns dias da viagem.

*Os empregos fixos no setor turístico são mais que os empregos temporários:*

Foi observado em alguns episódios que determinadas localidades – Machu Picchu e Ollantaytambo – no Peru, Pascuales – no México, entre outras, visitadas pelo casal, sobrevivem de turismo, portanto o comércio e a renda do local dependem e giram em torno dessa atividade.

Assim, os empregos nesse setor são a maioria nessas localidades, tais como comércio de artesanato local, traslado, hospedagem, alimentação, loja de souvenirs, entre outras atividades econômicas que predominam nesses locais.

### Existe satisfação da população local com o turismo:

Foi possível observarmos no decorrer do programa a satisfação das comunidades locais com os viajantes.

Ao chegarem a Kodiak, no Alasca, o primeiro lugar em que pararam foi em uma loja de bicicleta onde colheram informações com o proprietário, Jeremiah Gardner – morador local de Kodiak, que passou bastante informações para o casal e ainda os convidou para estacionarem a caminhonete no quintal dele e passarem a noite por lá.

Jeremiah ainda afirma que deseja compartilhar com eles o modo de viver das pessoas da Ilha de Kodiak, como vivem suas vidas. Diz ainda que não vê melhor maneira de fazer amizades do que comer juntos, fazer coisas juntos.

Por isso, além de permitir que usassem seu quintal para passar a noite e estacionar a caminhonete ali, também os convidou a jantar com ele e sua esposa nessa noite, assim como os deixou à vontade para caso quisessem usar o seu banheiro ou tomar banho.

Após noites geladas no Alasca dentro da caminhonete, nessa noite eles conseguem se esquentar e interagir, pela primeira vez com a comunidade local. Não apenas para fazer amizades, mas para aprender um pouco mais sobre aquela localidade. No outro extremo da série, no sul, no último episódio e no último país, eles vivem novamente uma acolhida semelhante.

Ao passarem pelo Sendero de Chile – caminho que cruza o país para permitir o acesso a patrimônios naturais e culturais do Chile, oferecendo serviços turísticos para os visitantes (FUNDACIÓN SENDERO DE CHILE, 2019), o casal se depara com uma placa que sinaliza hospedagem e resolvem parar por ali.

Luiza começa esse trecho da viagem dizendo que no Chile não haviam encontrado nada referente a onda, mas o que mais marcaria aquele lugar não seria o mar, mas sim as pessoas.

Stephan conta que conheceram um casal de idosos que, segundo os mesmos: “nasceram, viveram e vão morrer naquele local”. Ele relata uma declaração desse senhor que fala: “tenho o maior carinho pela vida, pelas pessoas que são daqui, que moram aqui e que vem conhecer o lugar”. Stephan afirma que foi uma experiência que ele e Luiza vão levar para vida.

Assistindo a esse trecho do episódio podemos ver realmente o casal convivendo com a rotina dos idosos, que vive uma vida de interior, com animais no quintal de casa – como registrado no episódio.

Luiza se emocionou muito no episódio ao falar dessa experiência que viveram com esse casal de idosos e relata:

Foi o momento mais especial do final da viagem, o encontro com esse casal, eu acho que às vezes é só você viajando *pra* muito longe *pra* você poder enxergar as coisas importantes e talvez ter mais noção do que você quer da sua vida. Eu *tava* sempre imaginando o final da nossa viagem, eu imaginava que ia ser uma coisa tipo com fogos, champanhe e o pôr do sol mais lindo do mundo, mas acho que isso tá sendo o momento mais especial *pra* mim do final da nossa viagem (CANAL OFF, 2019).

Nesse episódio podemos notar com clareza a hospitalidade com que foram tratados ao visitar esse local e o quanto os moradores estavam dispostos a essa troca cultural e de experiências. Além disso, vemos Luiza auxiliando o senhor Delvin em alguma escrita – o fator sociocultural está bem presente nesse trecho do episódio, pois para que a sustentabilidade sociocultural ocorra é necessário que a prioridade seja o respeito e a valorização pelas comunidades receptoras.

### Dimensão Econômica

INDICADORES	OBSERVADO	NÃO OBSERVADO
A atividade turística gera renda e emprego para a população local.	X	
Os estabelecimentos turísticos se mantem há um bom tempo de permanência no destino turístico.		X
Os estabelecimentos funcionam nos finais de semanas e feriados.		X
Os turistas gastam uma boa quantidade de recursos financeiros por dia nos estabelecimentos turísticos.		X
Os investimentos anuais em turismo são equilibrados e atendem ao aumento da demanda.		X

Tabela 4 – Dados de Dimensão Econômica. Fonte: Dados da pesquisa (2019).

### A atividade turística gera renda e emprego para a população local:

Como já mencionado anteriormente, identificamos que a atividade turística movimenta renda e gera emprego à população local, promovendo assim uma atividade turística sustentável. Em alguns – poucos episódios, o casal da série utilizou de meios de hospedagens dos locais – Pascuales no México, por exemplo, onde se viram obrigados a consumir dos serviços de hospedagem local, por não ser permitido dormirem no carro à noite.

Outro serviço que teve bastante retorno financeiro à comunidade local através da viagem do casal foi o traslado. Por viajarem de carro, muitas das travessias de um ponto a outro do continente, tinham que ser realizada por balsas – onde o casal também acabava pernoitando em seu interior. Além de utilizarem também de táxi aquático para concluir a viagem pelo trecho onde a rodovia Pan-Americana não foi concluída – e assim, mandaram o seu veículo em uma embarcação de contêineres.

O setor gastronômico e de suvenires também são outros geradores de renda às localidades visitadas e podemos vê-los ao longo da série sendo usufruídos.

### Considerações Finais

A presente pesquisa teve como objetivos analisar o conteúdo do programa Descendo o Pacífico, do canal de televisão *Off*, identificando a relação dos Esportes de Aventura com a prática, mesmo que involuntária, de um Turismo Sustentável, além de examinar os aspectos sustentáveis nas viagens dos praticantes de esportes radicais.

Nesse sentido, com base nos resultados obtidos, temos a dimensão ambiental como a mais contemplada entre as quatro dimensões analisadas neste trabalho. Por se tratar de um programa onde o fator motivador da viagem era um esporte de aventura – o surfe, seus destinos, inclusos no roteiro do casal de viajantes, foram, em sua maioria, destinos onde o meio natural se destacava. Sendo assim, a dimensão mais contemplada foi a ambiental, por abordar em seus indicadores questões como consumo de água e energia local, preservação de áreas naturais, entre outros.

Por outro lado, não foi possível uma observação mais sistemática da dimensão econômica, possivelmente por não se tratarem de destinos, propriamente, turísticos, onde sua principal atividade econômica é o turismo. O que pudemos ver ao longo dos 15 episódios do programa, é que na maioria das localidades visitadas, os fornecedores de serviços e produtos turísticos eram os próprios moradores locais, assim a atividade dos viajantes do programa tinha algum tipo de retorno financeiro para o local.

Contudo, as dimensões cultural e social também merecem destaque na presente pesquisa. Apesar de essas duas dimensões, dentre todos os seus indicadores, não contemplarem a questão da interação turista e população local, este foi um fator fortemente observado ao longo dos episódios.

Não foram poucos os episódios em que o casal recorreu aos serviços prestados por moradores das localidades visitadas, para poderem seguir viagem – e em alguns casos, para permanecer por algum tempo no local. Isso gerou experiências marcantes – segundo o relato do casal de surfistas, em termos de relacionamento com a comunidade das localidades visitadas, tendo assim como consequência a prática de um turismo sustentável, mesmo que involuntário.

Houve inúmeras trocas entre o casal do programa e os moradores, tanto para usufruir de um serviço prestado quanto simplesmente em uma conversa sobre a viagem que estavam fazendo. Também foi possível observar a satisfação dos residentes locais com o turismo, que movimenta – não apenas economicamente o local, mas principalmente movimenta a troca cultural, entre residentes e visitantes. Justamente essa satisfação que refletiu em acolhimento ao casal, que pôde experimentar isso no Alasca – no início da viagem, na América do Norte, e também no Chile, na América do Sul, já ao fim da sua jornada. Tendo nessas as experiências mais marcantes da viagem, até mesmo mais do que as ondas que pegaram ao longo dos 48.000km rodados.

Com isso, temos o impacto – positivo, causado pelos praticantes dos esportes de aventura para com as localidades visitadas. Mesmo não sendo o turismo a principal motivação desse tipo de viagem, a prática do mesmo é uma consequência. E com isso eles retribuem – de certa forma, o acolhimento e também por usufruir do meio natural existente nesses locais para a prática de seus esportes – que exigem ser praticados em ambientes naturais.

Além do respeito pelo meio natural e pela sua população residente, foi possível observar – ainda que não contemplado nas dimensões analisadas, o respeito e a admiração desses praticantes com a fauna local. Foi observado em vários episódios do programa, registros feitos pelo casal de viajantes da diversidade de animais encontrados ao longo do seu percurso. Alguns silvestres, outros raros e em extinção, todos tratados com o devido respeito, por saberem que eles que estavam adentrando o *habitat* natural desses seres. No mar – ambiente onde praticam seu esporte, foi possível ver diversos tipos de animais também, entre eles, leões marinhos, golfinhos e baleias. Todos registrados no programa, para mostrar a importância desses seres vivos na natureza.

Outros fatores de importância ambiental contemplados pelo programa foi o programa

de instalação de filtros (*Waves for Water*) que possibilitam o consumo de água potável em comunidades isoladas que não possuíam acesso a esse recurso, como no México. O que nos faz refletir sobre o grande contraste exibido ao longo dos episódios também, pois as localidades visitadas se tratavam de locais riquíssimos em termos de recursos naturais, paisagens belas, animais exóticos, grandes florestas, praias exuberantes, mas com uma realidade social, por vezes, preocupante.

Foi observado que, para esses praticantes de esportes de aventura, a interação com a população de uma determinada localidade é imprescindível. Os praticantes dos esportes de aventura precisam da comunidade local – que conhece e vive naquele meio, para saber as melhores dicas de como adentrar naquele local (seja mar, montanha, trilhas, entre outros). É a população – com a sua experiência, não necessariamente de maneira profissional, mas muito mais num intuito de uma troca, que os informa sobre essas coisas, criando assim uma relação muito mais próxima do que a de um esporte convencional, com a população local.

Os praticantes de esporte de aventura não visam o luxo em suas viagens, mas o prático e econômico – mesmo que isso exija um desprendimento do conforto. Visam o maior contato possível com o meio onde praticam seu esporte, com a comunidade que permeia a localidade e que pode auxiliá-los – quando falamos de meio natural, sabe-se que há riscos, dos mais diversos, então é necessária essa troca do esportista com o residente que conhece aquele meio.

No caso de Luiza e Stephan, casal que protagonizou a série Descendo o Pacífico, seu objetivo principal era percorrer (em uma caminhonete que seria a sua casa – totalmente adaptada para isso) 48.000 km, do Alasca à Patagônia, do norte ao sul do nosso continente americano, em busca de ondas raras, poucos surfadas e as melhores do mundo. Com isso conseguiram protagonizar uma viagem de turismo sustentável por salvaguardarem o meio natural visitado – e local da prática de seu esporte, assim como o aspecto sociocultural das localidades visitadas – interação com as comunidades, interesse na troca cultural com os moradores e também o retorno econômico a essas comunidades, ao adquirirem produtos locais e usufruírem de serviços prestados pela própria população local. Nessa direção, os resultados da pesquisa permitem concluir que os praticantes de esportes de aventura vivenciam nas suas viagens, em busca do meio natural mais apropriado para sua modalidade, a prática do turismo sustentável – mesmo que sua motivação principal nas viagens não seja o turismo.

Por fim, analisamos que a troca cultural com as comunidades locais para quem pratica esportes de aventura é intensa e riquíssima, o que fez com que os surfistas pudessem absorver mais dessa diversidade do nosso Sul, onde trocaram com os moradores das localidades visitadas, já que os mesmos os ajudavam a acharem ondas ideais, acomodações, alimentação. Foi aqui na América do Sul que tiveram a experiência mais íntima com a comunidade local, que foi serem convidados para se hospedar na casa de um casal de idosos chilenos, convivendo dentro da mesma casa com pessoas de outra nacionalidade, puderam absorver mais ainda sua cultura, tradições, histórias e provar da hospitalidade que se destaca na América do Sul.

## Referências

ADVENTURE CLUB. *Machu Picchu*: curiosidades e história da cidade perdida dos Incas. Disponível em: <https://www.adventureclub.com.br/blog/curiosidades/machu-picchu-curiosidades-e-historia-da-cidade-perdida-dos-incas/>. Acesso em: 15 jun. 2019.

BAHIA, M.; SAMPAIO, T. Lazer – Meio Ambiente. Em busca das atitudes vivenciadas

nos esportes de aventura. *Revista Brasileira Ciências do Esporte*, Campinas, v. 28, n. 3, p. 173-189, 2007.

BETTI, M. Educação física e sociologia: novas e velhas questões no contexto brasileiro. IN: CARVALHO, Y. M. & RUBIO, K. (org.). *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, p. 155-169, 2001.

CANAL OFF. *Sobre*. Disponível em: <http://canaloff.globo.com/>. Acesso em: 15 mar. 2019.

COSTA RICA GUIDE. *Santa Rosa National Park*. Disponível em: <https://costa-rica-guide.com/nature/national-parks/santa-rosa/>. Acesso em: 27 mai. 2019.

FUI SER VIAJANTE. *Ollantaytambo Vale Sagrado Inca*. Disponível em: <https://www.fuiserviajante.com/peru/ollantaytambo-vale-sagrado-inca/>. Acesso em: 02 jun. 2019.

FUNDACIÓN SENDERO DE CHILE. *Nuestra historia*. Disponível em: <https://www.fundacionsenderodechile.org/historia>. Acesso em: 18 jun. 2019.

GARCIA, D. C. D.; VIEIRA, A. S.; PIRES, C. C. *A explosão do fenômeno: reality show*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/garcia-deomara-reality-show.pdf>. Acesso em: 15 de maio 2019.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HANAI, F. Y. *Sistema de indicadores de sustentabilidade: uma aplicação ao contexto de desenvolvimento do turismo na região de Bueno Brandão, Estado de Minas Gerais, Brasil*. 2009. Tese (Doutorado em Ciências da Engenharia Ambiental) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009. doi:10.11606/T.18.2009.tde-17092009-082223. Acesso em: 2020-12-03.

MADEIRA E ÁGUA. *As madeiras e as pranchas de surf*. Disponível em: <http://madeiraeagua.blogspot.com/2012/10/as-madeiras-e-as-prancha-de-surf-ao.html>. Acesso em: 19 jun. 2019.

MIGUEL, F. M.; FOLGIARINI, A.; SOUZA, B. *O Esporte de Aventura como ferramenta de conscientização da preservação do Meio Ambiente*. Disponível em: <https://www.ulbracds.com.br/index.php/sieduca/article/view/413/83>. Acesso em: 10 dez. 2018.

MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de Vida e Saúde: um debate necessário. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p. 7-18, 2000.

MINISTÉRIO DO TURISMO. *Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil*. Turismo e Sustentabilidade. Brasília: MTur, 2009.

MOCHILEIROS. *Estrada Panamericana*. Disponível em: <https://www.mochileiros.com/topic/1671-estrada-panamericana/>. Acesso em: jun. 2019.

MORAES, M. *Sob medida: vida de shaper*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). *Santuário de Machu Picchu*. Disponível em: <http://www.unesco.org/>. Acesso em: 07 jun. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). *Introdução ao turismo*. São Paulo: Roca, 2001.

PERU TRAVEL. *Sobre o Peru: Patrimônio da Humanidade*. Disponível em: <https://www.peru.travel/pt-br/sobre-o-peru/patrimonio-da-humanidade.aspx>. Acesso em: 10 jun. 2019.

SILVA, N. C.; CÂNDIDO, G. A. Sistemas de Indicadores de Sustentabilidade do Desenvolvimento Turístico: um estudo de caso do município de Areia – PB. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 475-496, 2016.

SOUZA, P.C. *Surf: do desenvolvimento histórico ao profissionalismo*. Rev. Acta Brasileira do Movimento Humano, v.3, n.3, p. 84-98, 2013.

VIAGENS MACHU PICCHU. *Salineras de Mara: o sal que brota do Peru*. Disponível em: <https://blog.viagensmachupicchu.com.br/2018/09/salineiras-de-maras-o-sal-que-brota-do-peru/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

WAVES FOR WATER. *About us*. Disponível em: <http://www.wavesforwater.org/about/story>. Acesso em: 27 maio 2019.

# LUGARES SAGRADOS E CULTURAS DO SUL DO BRASIL

## Um estudo sobre comunidades sustentáveis

SACRED PLACES AND CULTURES  
OF SOUTHERN BRAZIL  
A study on sustainable communities

Adriana Viebrantz Braga<sup>1</sup>,  
Thais Debli Libardoni<sup>2</sup> e Lígia Maria Ávila Chiarelli<sup>3</sup>

### Resumo

Além do espaço físico, alguns lugares possuem uma dimensão simbólica acompanhada pela bagagem individual dos frequentadores e pela cultura local. Assim, comunidades adquirem identidades, refletindo particularidades regionais. Ecovilas são assentamentos apoiados na sabedoria ancestral, onde alguns espaços externos são sagrados devido a complexas relações de pertencimento. Este artigo destaca lugares com características únicas, regionais, em três Comunidades Sustentáveis do Rio Grande do Sul, visando subsidiar projetos arquitetônicos com espaços simbólicos e sustentáveis, respeitando referências identitárias. Para isso, lugares sagrados foram identificados nas comunidades, através de entrevistas estruturadas. Buscou-se dar visibilidade científica para esse tema, destacando a importância da preservação destes locais pré-existentes. O estudo ressalta que espaços simbólicos comunitários se entrelaçam a multiculturalidade da cultura do Sul e de seus moradores, desenvolvendo laços entre visitantes e natureza. Esse fortalecimento da identidade cultural promove coesão comunitária significativa.

Palavras-chave: locais sagrados, percepção ambiental, comunidades sustentáveis, identidade do lugar, cultura local.

### Abstract

Besides physical space, some places have a symbolic dimension accompanied by the individual baggage of their regulars and the local culture. Thus, communities acquire identities, reflecting regional particularities. Ecovillages are settlements based on ancestral wisdom, where some external spaces are sacred due to complex relationships of belonging. This article highlights places with unique, regional characteristics, in three Sustainable Communities in Rio Grande do Sul, aiming to subsidize architectural projects with symbolic and sustainable spaces, respecting identity references. For this, sacred places were identified in the communities through structured interviews. It was sought to give scientific visibility to this theme, highlighting the importance of preserving

<sup>1</sup> Adriana Viebrantz Braga é arquiteta e urbanista e mestra em Arquitetura e Urbanismo, especialista em Artes e técnica em Desenho Industrial. Foco de pesquisa são comunidades Sustentáveis. Atualmente cursa artes visuais – licenciatura, e é pesquisadora colaboradora no Laboratório de Estudos Comportamentais da Universidade Federal de Pelotas (LABCom/UFPel). [arqui.adriana@gmail.com](mailto:arqui.adriana@gmail.com)

<sup>2</sup> Thais Debli Libardoni é arquiteta e urbanista e mestra em Arquitetura e Urbanismo. Atualmente, é Bolsista de Extensão no País CNPq no Laboratório de Estudos Comportamentais da Universidade Federal de Pelotas (LABCom/UFPel), onde investiga as relações ambiente-comportamento na promoção de cidades mais sustentáveis e saudáveis para o envelhecimento. [thais\\_libardoni@hotmail.com](mailto:thais_libardoni@hotmail.com)

<sup>3</sup> Lígia Maria Ávila Chiarelli é arquiteta e doutora em História. Professora Voluntária (Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel); Temas: Habitação, Envelhecimento Ativo, Gênero. Ministrou disciplina relacionada ao tema de Sustentabilidade no Mestrado e orientou trabalho pesquisa de Mestrado. [Biloca.ufpel@gmail.com](mailto:Biloca.ufpel@gmail.com)

these pre-existing sites. The study emphasizes that symbolic community spaces intertwine the multiculturalism of the culture of the South and its residents, developing bonds between visitors and nature. This strengthening of cultural identity promotes significant community cohesion.

Keywords: sacred places, environmental perception, sustainable communities, place identity, local culture.

### Introdução

As Ecovilas podem ser tanto tradicionais, como aldeias e comunidades rurais existentes que utilizam processos participativos, combinando sabedoria tradicional de sustentação da vida e inovações positivas; quanto intencionais, criadas por interesses em comum (GLOBAL ECOVILLAGE NETWORK, 2021). Uma das características fundamentais que unem os dois tipos de Ecovilas é especialmente marcada pela existência de intensas desigualdades sociais. Os objetivos das Ecovilas conduzem à adequação econômica, diminuição da pobreza, justiça global, respeito pela diversidade cultural e espiritual e evolução de uma cultura “pós-consumista” (DIAS et. al, 2017, p.83). Assim, é considerada uma alternativa habitacional e de organização comunitária interessante que tem características e valores peculiares que podem contribuir para a melhoria das condições de vida e do bem-estar das populações, apesar de serem ainda pouco estudados.

Ecovilas são lugares com vida, herança biológica preservada, atividades físicas e atrativos para recreação construídos ou preservados por meios naturais através de seus moradores, os quais plantam e vivem deste mesmo local e ainda propiciam estas atividades a visitantes. Alexander et. al (2013) citam que na Noruega, Inglaterra e Áustria, todas as pessoas têm o direito de fazer piqueniques, caminhar e usar para lazer as terras agrícolas, porém, devem respeitar os animais e as plantações. O autor acredita que a transformação ética da comunidade humana virá através da evolução ecológica, estudada por muitos filósofos. Se trata da liberdade de ação e da luta pela existência, na qual o ser humano, em grupo ou individualmente, busca maneiras de cooperar e ajudar mutuamente a comunidade, usando de ética ao manusear a terra e de maneira coletiva, preservando sua cultura e a integridade do todo. Por isso, pode-se dizer que há uma importância cultural nesses assentamentos, que se apoia e reflete referências do meio no qual estão inseridos.

Muitos estudos abordam aspectos relacionados ao apelo ecológico das Ecovilas, mas estes locais possuem espaços que adquirem fortes significados que nem sempre são levados em consideração pela produção científica. Os Solos Sagrados possuem significado e importância dentro de uma comunidade e devem ser preservados. Eles têm relação com os ciclos de vida dos moradores locais e estão acompanhados pelo espírito sagrado do lugar, podendo ter rituais de acesso incluído em sua passagem (ALEXANDER et al, 2013). Eles podem conter algumas raízes espirituais e conexões do passado com o mundo físico de sua comunidade, possuindo um uso comunitário objetivo. Sua destruição poderia gerar a perda de função de uma parte dessa comunidade pois são construídos através da consciência comunitária e apresentam princípios ligados à sua importância. Estes espaços são marcados por usos que vão desde a peregrinação, meditação e locais de passagem, historicamente usados por seus ancestrais (FERNANDES-PINTO E IRVING, 2017).

Nos Lugares Sagrados, o usuário sente-se acolhido: as pessoas podem relaxar e sentir que o espaço foi escolhido e reservado para elas, uma espécie de santuário protegido. Geralmente são locais tranquilos, rodeados pela natureza e acessados a pé, podendo conter portais ou passagens secretas (ALEXANDER et al, 2013). Embora a sociedade

tradicional reconheça esses locais e busque sua preservação, muitas vezes, eles são ignorados pela sociedade moderna, por interesses políticos ou econômicos. Entretanto, este tema se faz extremamente atual uma vez que o cenário de pandemia fortaleceu as discussões sobre o desenvolvimento sustentável e a valorização de espaços que promovam o bem-estar do usuário e a coesão comunitária.

No Sul do Brasil, as complexas relações de pertencimento estabelecidas entre assentamentos e seus moradores são permeadas ainda por características multiculturais marcantes e específicas. São traços inerentes àquela que Vitor Ramil<sup>4</sup> (2004) denominou “Estética do Frio”, pautada tanto pela proximidade geográfica da fronteira com países como Uruguai e Argentina, como pela herança cultural da imigração principalmente italiana e alemã.

Este artigo é um recorte de uma dissertação de mestrado sobre comunidades sustentáveis, que apresentou sugestões de planejamento de espaços externos de Ecovilas sob a perspectiva da Psicologia Ambiental, a partir do estudo de três Ecovilas do Estado do Rio Grande do Sul/RS (BRAGA, 2019).

O foco específico deste trabalho passa pela identificação dos espaços sagrados, investigando como a cultura do Sul está presente nos objetos de estudo. Esse artigo tem como objetivo subsidiar projetos arquitetônicos que prevejam espaços simbólicos e sustentáveis, em comunidades, bairros ou áreas rurais, respeitando referências identitárias. Para essa finalidade, destaca lugares diferenciados e suas características únicas, regionais, evidenciando a criação de espaços simbólicos e sustentáveis. A partir de um olhar sensível às peculiaridades regionais e seus lugares sagrados, a investigação tem como objeto de estudo três Comunidades Sustentáveis do Rio Grande do Sul. Desse modo, foram avaliadas, a partir de métodos participativos, duas das Ecovilas estudadas na referida Dissertação, a Ecovila Karaguatá, em Santa Cruz do Sul/RS e Ecovila Nação Tutumbaiê, em Itaara/RS, além de outra comunidade visitada para a realização de uma entrevista piloto, no mesmo estudo, denominada Espaço Trilha Jardim, em Pelotas/RS. As comunidades foram escolhidas entre mais de uma dezena de Ecovilas identificadas no Rio Grande do Sul, por apresentarem espaços com traços especiais e possuírem ligações profundas com os moradores que participaram desta pesquisa.

### **Lugares Sagrados, Espaço Pessoal e Envolvimento com o Lugar**

A comunidade entra em equilíbrio ao passo que constitui uma unidade autônoma com cultura própria, possuindo um lugar delimitado pela natureza, de acordo com o tamanho do seu grupo, sendo autogovernada pelos seus componentes. E uma comunidade não deve ser gerada por padrões globais, pois sua linguagem deve ser coerente e inteira e representar um padrão único, estabelecido por seus moradores, sendo modificado somente se houver necessidade, por meio da decisão democrática de toda a comunidade. Em termos de espacialidade, nas comunidades, algumas demarcações são bem claras. O espaço destinado ao assentamento é delimitado conforme a escritura, e somente através de aquisição dos lotes lindeiros poderá aumentar sua gleba. Os espaços de convivência têm uma delimitação natural e podem ser inteiramente preservados conforme o passar das gerações, ou podem receber novos elementos de acordo com usos e tipos de convívio propostos por novos moradores, sempre apoiados em debates democráticos, o que gera segurança e bem-

<sup>4</sup> Vitor Ramil é compositor, letrista, cantor e escritor brasileiro, nascido em 1962 e reflete em sua obra o apego a cidade natal, Pelotas, no Rio Grande do Sul (RAMIL, 2004).

estar a comunidade (ALEXANDER et al, 2013).

Sendo assim, lugares sagrados são um importante objeto de estudo, já que são construídos com uma profunda ligação com quem os escolheu. Representam locais acima do *status* de restauradores, pois trazem prazeres ligados a laços afetivos, onde as pessoas usufruem deste espaço, e se sentem acolhidas por eles. Entretanto, para abordar a relação pessoa-ambiente é necessário entender que as relações interpessoais também influenciam nessa dinâmica. Dessa forma, Hall (1977), destaca a importância do espaço pessoal, que seria algo como uma “bolha de espaço invisível” que determina o “território” desta pessoa. Para ele, o homem ao usar determinado espaço, pode afetar as relações pessoais e profissionais, e ainda, as interações transculturais, arquiteturas, em consequência, o planejamento urbano das cidades (HALL, 1977).

Essa participação comunitária promove o envolvimento com o lugar, um dos mais altos níveis de senso de lugar de acordo com Shamai (1991). Neste nível, os usuários têm papel ativo no ambiente, há investimento de tempo e, eventualmente, de dinheiro, para manter o espaço. O apego ao lugar é dinâmico e mediado pelas identidades de grupo (DINES et al., 2006). O pertencimento é ligado à inserção no contexto (LANG, 1994), ter crenças e valores refletidos em um grupo ou espaço e estabelecer relações afetivas com eles. Por outro lado, uma sensação de estranhamento pode acontecer quando os traços identitários não são compartilhados entre usuários e ambientes.

Felippe e Kuhnen (2012) trazem a teoria do apego de Speller (2005), que explica que a noção de apego ao lugar ressalta a diversidade dos laços entre indivíduos de diferentes grupos e culturas, e em diferentes estágios do ciclo de vida. Também citam Fried (1963) que, como um dos pioneiros nos estudos envolvendo laços afetivos com lugares, descobriu que o afastamento do lugar produzia reações semelhantes à perda de um ente próximo, atribuiu a este sentimento, uma “interrupção do sentido de continuidade dos moradores”, através da “fragmentação da identidade espacial e comunitária” (FELIPPE E KUHNEN, 2012).

Todos estes autores estudaram sobre as relações entre a pessoa e o lugar em que ela passa parte de seu tempo, e como ela pode modificar ou ser modificada por este espaço. Todavia, certos aspectos específicos relacionados aos lugares sagrados ainda permanecem terra incógnita.

### **Metodologia e procedimentos metodológicos**

O trabalho aqui apresentado se inicia com uma pesquisa bibliográfica que baseia o entendimento sobre comunidades sustentáveis, ambientes restauradores, apego ao lugar e comportamento sócio espacial, o conceito de lugares sagrados, espírito de lugar e senso de lugar. A ferramenta de pesquisa adotada é o estudo de caso que, conforme Yin (2001, p. 19), é a estratégia mais adequada “quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”.

Os procedimentos metodológicos usados para a coleta de dados foram a entrevista estruturada e o levantamento de campo, que incluiu levantamentos métrico, fotográfico, e observação in loco de espaços externos das Ecovilas. Por meio dos dados levantados nas três comunidades, e da entrevista, foi possível identificar os sítios que se aproximavam das descrições de lugares sagrados descritos na literatura.

As perguntas da entrevista estruturada tiveram embasamento na Percepção Ambiental

sendo destacadas as categorias: ambientes restauradores; apego ao lugar e comportamento sócio espacial (ELALI, 2009). Para as categorias, foram selecionados atributos, conforme a necessidade de entender a importância dos espaços externos para os moradores participantes da pesquisa. Para ambientes restauradores foram selecionados os atributos: Escape; Escopo e Compatibilidade, eles possibilitaram entender os aspectos que chamavam maior atenção, noções de pertencimento e de segurança pessoal nos lugares escolhidos (ELALI, 2009). Para apego ao lugar foram selecionados os atributos: Satisfação com o lugar; Apego (identificação pessoal com o local) e Sentir Bem-Estar. Estes atributos, por sua vez, possibilitaram entender a prioridade entre os locais escolhidos, seus aspectos afetivos e simbólicos, e de conforto, referentes aos sentidos sensoriais (ELALI, 2009). E para comportamento sócio espacial, foram selecionados os atributos: Proxêmica; Territorialidade e Apropriação e Privacidade. Eles destacaram aspectos relacionados à flexibilidade de mutação do ambiente, sentimento de territorialidade no sentido de posse, fazer parte dele. Além disso foram vinculadas as categorias de sentimento de privacidade e segurança emocional (ELALI, 2009). Para a finalidade do estudo foram ouvidos dois moradores na Ecovila Karaguatá e três na Nação Tutumbaiê e um no Espaço Trilha Jardim.

Perguntas relacionadas a Percepção Ambiental (aplicadas na entrevista)	
<b>Atributos avaliados:</b>	<b>Categoria: Ambientes Restauradores - buscam experiências através de sensações ligadas ao prazer ao estar em contato com determinado ambientes, sendo medido através do nível de estresse que ele proporciona (KAPLAN &amp; KAPLAN, 1989)</b>
Escape	Qual desses 4 lugares que chama a atenção por ser um lugar diferenciado dos demais? Características que podem apresentar: ( ) profundidade ( ) complexidade ( ) ponto focal (aspectos da natureza- árvores, água, vegetação) Porque? Como isso acontece?
Escopo	No que se refere a sensação de pertencer a algum dos locais, qual deles seria o escolhido? Qual tem um significado? O que significa exatamente esse lugar para você? Porque? Como isso acontece?
Compatibilidade	Qual dos ambientes que te sentes seguro, sente prazer em estar no local e qual deles desperta mais o teu interesse?
<b>Atributos avaliados:</b>	<b>Categoria: Apego ao Lugar - relacionado aos conceitos de pessoa-ambiente, caracterizado por qualidades espaciais locais e apresenta significados simbólicos e afetivos associados por indivíduos e grupos. (RHEINGANTZ et al, 2012).</b>
Satisfação com o lugar	Ao comparar os locais, qual deles seria o prioritário, quais elementos seriam destacados nesse ambiente? Porque? Teria algo que gostaria de incluir nesse ambiente?
Apego (identificação pessoal com o local)	Nos 4 ambientes existem aspectos afetivos e/ou simbólicos para destacar num dos locais? Tem algum que está ligado a situações vivenciadas e/ou que cria expectativa de vivenciar no futuro alguma experiência? Tem algum que tem identidade própria para você?
Sentir bem-estar	Qual desses lugares você se sente confortável? Qual deles supre necessidades quando se refere a critérios como o conforto térmico, a acústica, o visual, e a emoção/prazer ao estar em contato com o ambiente?

Tabela 1 - Perguntas para a Entrevista estruturada, geradas a partir dos atributos escolhidos (BRAGA, 2019). Fonte: Autoras, 2022.

<b>Atributos avaliados:</b>	<b>Categoria: Comportamento Sócio Espacial - pode ser entendido através da interação entre a pessoa-ambiente, podendo vir por gestos, posturas, orientação corporal, toque, distanciamento entre as pessoas ou elementos não verbais. (ELALI, 2009).</b>
Proxêmica	Quanto ao espaço em relação a comunicação interpessoal, ou seja, ao redor das pessoas, quais ambientes se apresentam flexíveis quanto as suas características (toque, calor corporal, campo visual) que podem ser modificadas?
Territorialidade e Apropriação	Quais desses locais pode ser vinculado ao sentimento de ser o seu espaço individual, que te remete a sentimentos individuais, vivências, que poderia dizer que é o seu lugar, seu território, envolvido por um sentimento de posse?
Privacidade	Quando sente vontade de se isolar, tem algum desses lugares que poderia ir? Teria algum que seria especial para?

A seguir temos a representação da localização das Ecovilas no Estado do Rio Grande do Sul (figura1), nomeadamente a Ecovila Karaguatá, 45 ha, 3 moradores, localizada em Santa Cruz do Sul; Ecovila Nação Tutumbaiê, 2 ha, 16 moradores, localizada em Itaara; e Espaço Trilha Jardim, localizado em Pelotas, 33ha, 1 morador.



Figura 1 - Mapa de localização das Ecovilas. Fonte: Google Maps (2022). Adaptado pelas autoras.

A Ecovila Karaguatá (figura 2) iniciou suas atividades em 2003, localizada no Vale do Rio Pardo, na região central do Rio Grande do Sul. Na última visita em junho de 2019, era habitada e mantida pelos 2 proprietários e fundadores do local, que relataram que já haviam passado por lá 48 moradores e cerca de 20.000 visitantes ao longo dos anos, desde o início das atividades. Para se manter, a Ecovila dispõe de algumas casas que são alugadas para famílias distintas. E além da renda dos aluguéis, eles plantam praticamente tudo que consomem e, quando sobram produtos, estes são trocados por outros produtos que não são cultivados lá (BRAGA, 2019).

A Ecovila Nação Tutumbaiê (figura 3) surgiu em 2006, com o objetivo de tornar-se um centro de excelência e divulgar diferentes valores culturais. O assentamento possui espaços bem definidos como a horta comunitária, horta medicinal, floresta, jardins, local das construções. Os locais mais frequentados são a sede comunitária principal e o templo coletivo, e a maioria dos eventos locais são regidos pelo Xamanismo, destacando o caráter religioso desta Ecovila. Para se manter, além dos eventos, os proprietários oferecem cursos variados durante o ano todo. Eles comercializam tinturas medicinais produzidas no local, pois possuem plantadas 40 tipos de ervas medicinais reconhecidas pela ANVISA<sup>5</sup>, o que torna esta comunidade uma referência local em relação a produção dessas plantas e tinturas (BRAGA, 2019).

A Figura 4 apresenta a localização dos espaços externos e construções do Espaço Trilha Jardim. O espaço “Trilha Jardim” (figura 4), surgiu em 1998, localizado no Quilombo - 7º distrito da Colônia Santa Maria, na zona rural de Pelotas. Um local situado dentro de um vale montanhoso cercado pela mata nativa, trilhas e jardins e lindas paisagens. Frequentado para imersão em processos vivenciais para recuperar o equilíbrio interno, autoestima e harmonização com o meio ambiente, planeta e universo (QUANTA, 2022). Foi um local estudado na condição de plano piloto, importante por ser semelhante às Ecovilas, com espaços ligados à natureza, produções artísticas e com aspectos e costumes ligados à cultura local.

Os espaços ilustrados pelas figuras 2 (Ecovila Karaguatá), 3 (Ecovila Nação Tutumbaiê), e 4 (Trilha Jardim), são aqueles mencionados pelos moradores. Refletem os locais sagrados escolhidos com base na literatura. Aparentemente, com exceção do espaço denominado Fogo Sagrado, todos os lugares de auge são espaços comuns que, provavelmente, não receberiam tanta atenção se observados com os olhos de alguém externo à comunidade. Nesse sentido, a percepção dos moradores obtida nas respostas às perguntas da entrevista estruturada (Tabela 1) foram essenciais para uma reflexão profunda sobre como é construído o auge nesses lugares sagrados.

## Discussões e resultados

As respostas da entrevista estruturada foram decisivas para eleger o grau de importância dos lugares externos para os moradores entrevistados. Foi possível perceber quais eram seus lugares sagrados e especiais.

Após a aplicação da entrevista (Tabela 1) e da revisão da literatura, foi possível constatar certas particularidades na percepção dos espaços externos relacionados com a descrição de lugares sagrados. No caso da Ecovila Karaguatá, a respondente 1, se sentia mais ligada ao Espaço da Horta, onde passava mais tempo. Sentia prazer

5 Anvisa: Criada pela Lei nº 9.782, de 26 de janeiro 1999, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária é uma autarquia presente em todo o território nacional que tem por finalidade, promover a proteção da saúde da população, por intermédio do controle sanitário da produção e consumo de produtos e serviços submetidos à vigilância sanitária (ANVISA, 2022).

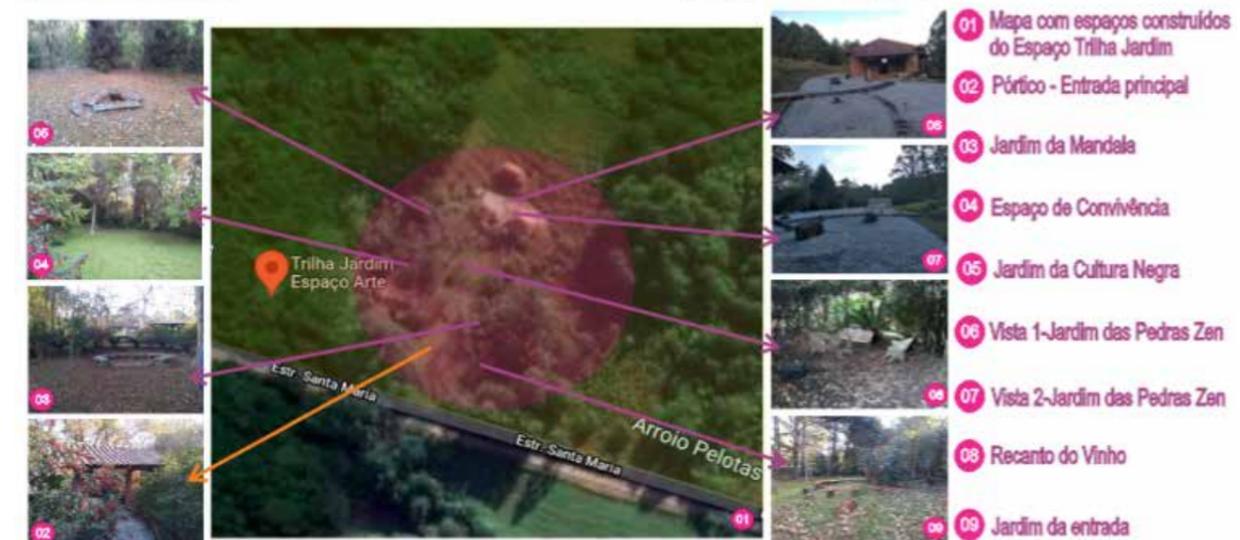
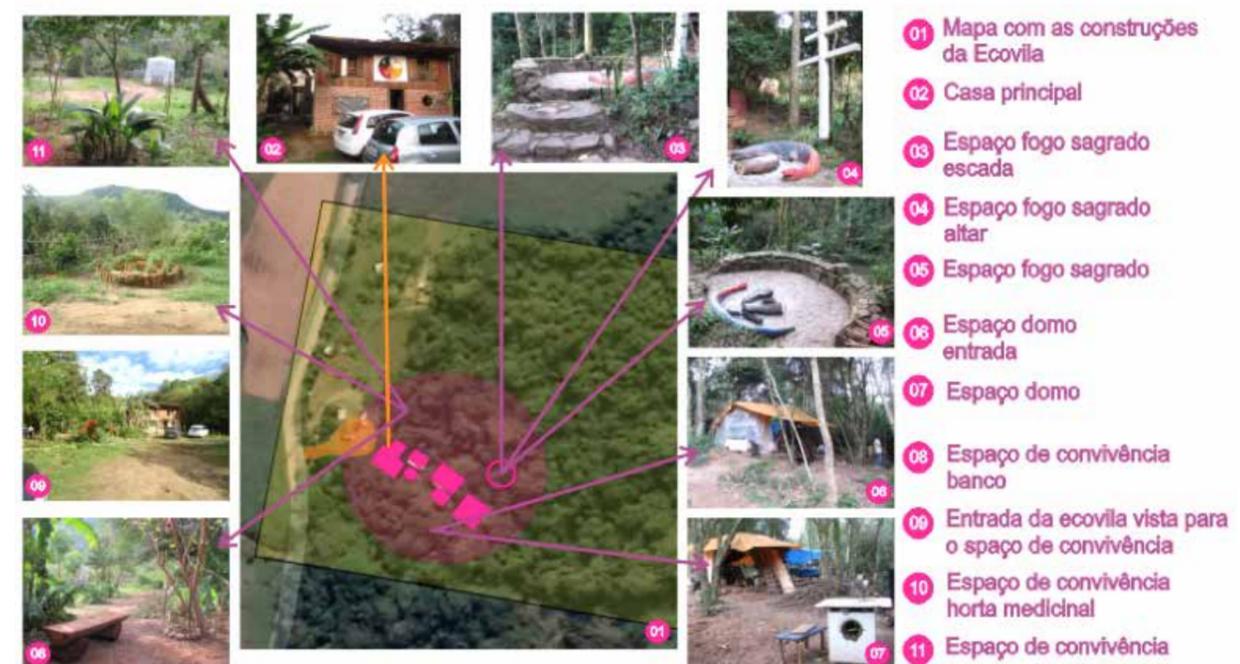
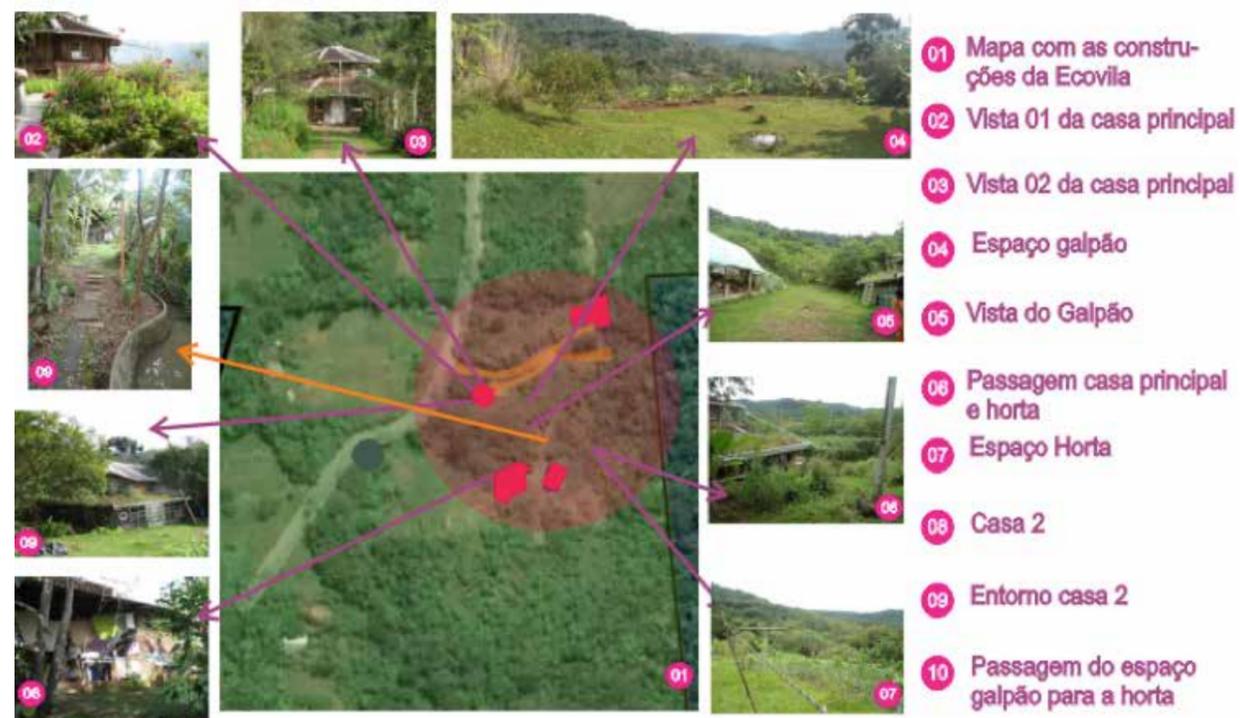


Figura 2 - Espaços Externos da Ecovila Karaguatá. Santa Cruz do Sul/RS. Arquivo, 2022.

Figura 3 - Espaços Externos da Ecovila Nação Tutumbaiê. Itaara/RS. Arquivo, 2022.

Figura 4 - Espaços Externos do Espaço Trilha Jardim. Pelotas/RS. Arquivo, 2022.

em estar naquele local, meditar e estar em contato com as plantas e com a terra.

Acho que é a horta mesmo. Porque é um momento de trabalho e reflexão [...] o estar aqui em todos os momentos faz a gente refletir muito como todos os dias tem que ir para a horta, cada dia tem um ensinamento. Quando a gente tá lá tirando inço, quando a gente tá colhendo, quando a gente planta e não consegue colher [...] A rúcula em 2, 3 dias ela já aparece, a cenoura demora quase 1 mês para ela aparecer [...] então se tu tá atenta ao que está acontecendo, tu tá refletindo, tu tá filosofando que cada coisa tem o seu tempo. O inço, tu acha que ele é ruim, mas ele tem um papel fundamental ali. Então quando tu fica trabalhando [...] se tu tá com outras pessoas tu vai conversando sobre isso, ai cada um vai colocando o que acontece na sua vida, por isso é importante não separar isso do trabalho, da conversa [...] pra mim é sempre muito restaurador [...] a gente tem as frutíferas, a gente tem outras coisas ali, as ervas medicinais também, né. Tá tudo junto, a gente não separa uma coisa da outra (Respondente 1).

Praticamente todos os moradores das Ecovilas, em algum momento da pesquisa, mencionam o espaço das hortas como locais de conexão interpessoal, com o corpo, mente, espírito e natureza. Onde há o aguçamento dos sentidos humanos. É um espaço que demanda o contato direto com a natureza e a produção da própria subsistência, remetendo à imagem do gaúcho, que é a denominação dada ao habitante do Rio Grande do Sul e dos pampas da Argentina e Uruguai.

a figura bem delineada do gaúcho, o céu límpido, o campo imenso de um verde regular, a linha reta do horizonte. Essa nítida e expressiva composição de poucos elementos, que o frio fazia abrigarem-se em si mesmos, não desperdiçarem energia e se alimentarem das próprias reservas como ursos a hibernar, sugeria uma natureza resultante de um trabalho ao mesmo tempo casual e criterioso, e denotava rigor, profundidade, concisão, clareza, sutileza, leveza (RAMIL, 2004, p. 20).

Tanto nas comunidades rurais quanto no contexto urbano, as hortas têm demonstrado um forte simbolismo a nível comunitário. O plantio é uma atividade simples que pode resgatar um pouco da ancestralidade dos povos em meio a um grande centro urbano (GONÇALVES, 2020). Wesener (2017) aponta o papel fundamental das hortas comunitárias para a recuperação de uma comunidade após grandes crises. A resiliência era o foco do seu estudo, ou seja, como pessoas ou grupos retomaram suas vidas se adaptando à nova realidade, num contexto pós terremoto. A Horta Comunitária foi vista como santuário, lugar acessível, seguro e de “troca social”. E o autor concluiu que o grande benefício das hortas urbanas, além das noções da resiliência alimentar, poderia estar sendo subestimado e que os jardins comunitários se referem, acima de tudo, às pessoas (WESENER, 2017).

Essa cultura de hortas e desenvolvimento de habilidades manuais também se origina das influências da imigração alemã e italiana presentes no Rio Grande do Sul e que se estabeleceram em várias regiões do Sul do Brasil.

O respondente 2, estava mais ligado ao Espaço Fogueira Galpão. Um espaço que ele idealizou. Trata-se de um local aberto e com vista privilegiada, para onde as pessoas podem convergir e socializar. Um local que ele construiu inteiramente.

[...] fogueira do galpão que a gente tá fazendo, é ali que a gente tá investindo [...] porque ali também vai ser um lugar muito importante para socialização, para convívio, ali é bem aberto. [...] foi assim, o planejamento e tal, quem é que fez fui eu, o fluxo da água e tem a ver com ela, tem muito a ver com um planejamento que eu acabei fazendo e tem muito a ver com desejo também. A gente acabou não só fazendo a fogueira, mas também passa próximo da fogueira ali o fluxo da água da chuva né. [...] então foi todo um planejamento feito que era um sonho [...]. É a realização do meu desejo aquilo ali. Eu quis fazer [...] (Respondente 2).

Leal (2019) destaca a importância social do galpão no tradicionalismo gaúcho, especialmente para os homens. É no espaço da fogueira que há o momento da conversa depois de um longo dia de trabalho e o relato de *causos*, que são narrativas que percorrem o cotidiano do campo, histórias épicas e mitológicas, de acordo com as crenças.

Nos discursos de ambos os respondentes se nota que a possibilidade de ter um papel ativo no ambiente (SHAMAI, 1991) está atuando fortemente na escolha do lugar de auge. Os respondentes valorizam o fato de eles mesmo terem construído ou idealizado os espaços e a influência do meio natural nas decisões de projeto.

No caso da Ecovila Nação Tutumbaiê, um dos moradores mais antigos, o respondente 3, tinha profunda ligação com o local, Espaço Fogo Sagrado. Ele era o xamã<sup>6</sup> da comunidade, passava muito tempo neste local, um espaço que se encontra no centro da Ecovila, foi projetado em detalhes para a função de ser um espaço ligado a rituais xamânicos. Para ele, era o lugar de maior identificação pessoal.

Exatamente, o fogo sagrado né. Como a noção de comunidade é uma comunidade espírita, então a oração é o centro do nosso trabalho, então o fogo sagrado está no centro da nossa comunidade ali. [...] para mim o prioritário é o lugar do fogo, porque ali a gente se reúne todos para fazer as orações né, ali tá alinhado com o centro do templo, tá no centro também da terra (Ecovila), temos ali a fonte de água, logo atrás do fogo sagrado, e o fogo é o elemento. O altar que é onde a gente faz as orações, então como eu comentei, para mim é o centro energético da comunidade, é ali no fogo sagrado, e rodeado de árvores e natureza. [...]Tudo tá relacionado ali no fogo sagrado onde a gente se reúne para oração [...] o que nos comunica com Deus. [...] O fogo sagrado é meu território né, nós chamamos aqui de o lugar de poder, tu escolhes o lugar onde mais te sente bem, as vezes nem é um espaço feito, às vezes alguém se sente melhor ali por cima da mata, mas em geral aquele lugar que a gente usa ali é um lugar de poder meio coletivo, todo mundo que precisa, vai ali (Respondente 3).

O xamanismo é uma prática presente no cotidiano de alguns povos indígenas do Rio Grande do Sul, como os Kaingang, e está relacionado ao domínio da floresta, de onde se tira os poderes necessários para beneficiar toda a comunidade (AQUINO, 2008). Esse forte significado religioso remete à origem multicultural das Ecovilas. Essas comunidades têm sua história vinculada a uma diversidade de referências identitárias:

<sup>6</sup> Xamã: é um portador de função religiosa, um sacerdote do xamanismo, que pode acessar outras dimensões, e fazer contato espíritos ancestrais (XAMÃ, 2022).

“os ideais de autossuficiência e investigação espiritual dos mosteiros, ashrams<sup>7</sup> e movimentos gandhianos<sup>8</sup>; os movimentos ambiental, pacifista, feminista e os de educação alternativa dos anos 1960 e 1970; nos países afluentes, o movimento back-to-the-land<sup>9</sup> e o de *cohousing*<sup>10</sup>; e, nos países “em desenvolvimento”, os movimentos pelo desenvolvimento participativo e a apropriação de tecnologia” (DAWSON, 2006; LITFIN, 2014 apud DIAS et. al, 2017, p.82).

O respondente 4, fez referência ao Espaço Convivência, que é um espaço localizado na entrada da Ecovila. A partir daquele espaço ele podia enxergar as hortas (medicinal e de alimentos), as quais ele cultivava e cuidava. Segundo ele, este era o local onde gostava de passar parte de seu tempo, conversando, tomando chimarrão e contemplando a paisagem. De modo que era seu lugar especial, onde sentia segurança, confiança e prazer.

Eu gosto bastante aqui da frente [...] fazer yoga, às vezes tomar um sol, tomar um chimarrão, trabalhar. Eu gosto de trabalhar muito aqui pela frente também, na praça de convivência. [...] é um espaço que eu sinto mais expansão, porque é um espaço mais aberto que a gente consegue ver o céu, pegar sol, eu sinto essa abertura assim da energia. [...] o que mais me deixa feliz ao estar ali é quando tem sol mesmo [...]. Eu adoro estar ali. As práticas que faço ali [...] me deixa muito bem, muito feliz[...] (respondente 4).

O chimarrão é um dos símbolos culturais do Rio Grande do Sul. O ato de tomar esta bebida quente é tanto relacionado às práticas sociais e a espaços de convivência quanto à contemplação solitária da natureza após um dia de trabalho (RAMIL, 2004). O respondente 5 citou como lugar sagrado o Espaço Domo (Figura 10), onde ele passava a maior parte do tempo. Ali ele trabalhava manualmente, entre outras coisas, consertando eletrodomésticos e produzindo móveis. Era onde ele meditava, refletia, se comprazia no trabalho e realizava sua função dentro da Ecovila, como parte ativa desta comunidade.

Sem dúvida, acho que o Domo que é meu lugar de trabalho, onde nós temos nossas ferramentas, nosso espaço, sem dúvida que esse é nosso lar, que não é somente para estar trabalhando (Respondente 5).

É possível verificar também que o lugar de apego ou especial, está fortemente ligado ao papel que o morador desempenha na comunidade. Seja ele de liderança, ou de mantenedor do local. A possibilidade de desempenhar funções importantes e dentro da comunidade, promove tanto a valorização individual do morador quanto a coesão comunitária.

<sup>7</sup> Ashram: é um eremitério hindu, onde os sábios viviam em paz e com tranquilidade na natureza. Termo normalmente usado para designar uma comunidade formada intencionalmente com o intuito de promover a evolução espiritual dos seus membros, frequentemente orientado por um místico ou líder religioso (ASHRAM, 2022).

<sup>8</sup> Gandhianos é relativo a Mahatma Gandhi (1869-1948), líder do movimento independente indiano, ou ao pensamento “desobediência civil” (GANDHIANOS, 2022).

<sup>9</sup> Back-to-the-land é um movimento de volta à terra é um movimento agrários. É um apelo para que as pessoas se apropriem de pequenas propriedades e cultivem alimentos, em busca da autossuficiência, autonomia e comunidade local. Os grupos envolvidos eram reformadores políticos, hippies da contracultura e religiosos separatistas (BACK-TO-THE-LAND, 2022).

<sup>10</sup> Cohousing é uma comunidade intencional de casas particulares agrupadas em torno de espaço compartilhado, que geralmente pode incluir uma grande área de cozinha e sala de jantar, lavanderia e espaços de lazer (COHOUSING, 2022).

O respondente 5 é de nacionalidade uruguaia e vive nesta comunidade já há algum tempo. É importante abordar sua origem para entender os benefícios que a diversidade cultural do Sul proporciona nestas situações. Segundo Beck e Silva (2009), os pressupostos e valores culturais são válidos em seus países de origem, mas ao interagirem com outras realidades culturais, assumindo as normas comportamentais deste novo grupo, mais conhecimentos são agregados. A este fato, as autoras acrescentam ainda que profissionais estrangeiros, ao ultrapassarem as fronteiras de seus países, ao interagirem com outro grupo, podem produzir um aprendizado bilateral, ocorrendo apropriação das particularidades e normas de comportamento dos membros e também dos novos contextos culturais aos quais foram expostos (BECK; SILVA, 2009). As fronteiras culturais são ainda mais entrelaçadas onde há muitos fatores comuns às diversas identidades, como o que acontece no território gaúcho do Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai (MARTINS, 2002).

Visto que o respondente 5 trouxe sua bagagem cultural, costumes como o chimarrão, que é partilhado na fronteira cultural gaúcha, e técnicas de trabalhos manuais em madeira de outro país, agregou estes valores à Ecovila Nação Tutumbaiê, diversificando e proporcionando um maior aporte cultural a esta comunidade. E essa complexidade multicultural contribuiu para a construção de um lugar sagrado de identidade única. O Trilha Jardim abriga um espaço conhecido por Jardim da cultura negra (figura 4), ligado aos rituais da Umbanda, para a memória e manifestação dos pretos velhos. A Umbanda se manifesta com força nas cidades de Pelotas e Rio Grande, cidades do extremo Sul do país, uma cultura ancestral africana que se adaptou aos costumes locais dessas cidades.

Pelotas é uma cidade ligada a movimentos culturais e artísticos, foi escravista por longo tempo, abriga muitos centros de umbandistas, provenientes da cultura africana. Souza (2014), cita que o termo Umbanda surgiu no século XX, se referindo às práticas específicas conhecidas na atualidade, porém já existiam no Rio Grande do Sul, antes. Seria um culto, num local específico para ajudar o próximo, onde seriam transmitidos os ensinamentos trazidos pelos espíritos dos negros e índios escravizados. Nesse sentido, parte de nossa cultura é expressa pela presença da cultura ancestral africana, que se enraizou e veio somar com a cultura gaúcha.

Outro local criado no Trilha Jardim, também representativo da região Sul, é o Recanto do Vinho (figura 4). Um local sagrado, conforme manifestou o respondente 6, que o usa para meditar, descansar, pensar na vida. Beber vinho no inverno é outro costume ligado a regiões frias e à cultura gaúcha. Quando foi perguntado ao respondente 6 sobre privacidade no sentido de isolamento, ele respondeu:

Olha quando eu sinto vontade de me isolar um pouquinho assim eu gosto muito [...] do recanto do vinho, porque o recanto do vinho eu fico realmente escondido, eu fico ali, porque realmente assim, só se a pessoa for me procurar, para me achar, senão não me acha, é onde eu tô afim de ficar sozinho e isso é meio raro acontecer comigo porque eu tô sempre disposto a estar com pessoas, uma vez que outra que aconteça isso comigo, vai ser no recanto do vinho (Respondente 6).

Segundo Lavandoski et al (2012), a cultura do vinho foi fortemente influenciada pelos aspectos culturais e costumes dos descendentes de imigrantes italianos, principalmente na serra gaúcha do Estado do RS. Já que eles se especializaram no cultivo de uvas e na produção de vinho para comercialização.

Este fato, agregado a outras particularidades, levou Ramil (2004) a destacar diferenças marcantes do Sul do Brasil em relação ao restante do país, as quais devem ser

consideradas em estudos de percepção ambiental que se ocupam da construção do apego dentro das comunidades. Dessa forma, entende-se que no processo de construção do senso de lugar, as características do ambiente são tão importantes quanto as de seus usuários.

Noberg-Schulz entende que o homem vai habitar o ambiente onde ele conseguir se orientar e se identificar, trazendo um significado para este local escolhido. Portanto, o sentido de *habitar*, vai além de um simples abrigo, seria algo como um *lugar com caráter*. Ele descreve que desde a antiguidade, o *espírito do lugar* ou *genius loci*, é uma realidade concreta com a qual o Homem tem que se defrontar, sendo ele, transportado para a sua vida quotidiana (NORBERG-SCHULZ, 1980). No *Genius Loci*, os fatores socioeconômicos são menos importantes do que os significados existenciais, pois estes têm raízes mais profundas. Estes significados são determinados pela estrutura do nosso *ser-no-mundo*. E se os assentamentos estão organicamente relacionados ao seu ambiente, devem ser focos de condensamento e explicação deste ambiente (FRIAS, 2010).

### Conclusão

Primeiramente, é preciso desconstruir a ideia de que os locais sagrados são antigos, criados como referência à uma cultura anterior à existente na atualidade. Ao fazer isso, corrobora-se o entendimento de que o fator sagrado reside apenas em alguns aspectos específicos. Alguns locais sagrados são originados a partir de laços emocionais e afetivos. Eles são, muitas vezes, os locais de produção diária, criados e cuidados pelas pessoas que os consideram como seus preferidos, algo como uma extensão de si mesmo. Outros, são fortemente baseados na cultura local e são criados a partir do desejo de expressá-la, influenciando fortemente nos programas de necessidade e no planejamento de projetos de arquitetura.

Estes espaços representam papéis e funções que conduzem à valorização individual, ao mesmo tempo que fortalecem o espírito comunitário. Sendo especialmente significativos por consequência da cultura local que se junta a bagagem cultural de cada habitante, formando uma subcultura local. Costumes locais agregam aos costumes dos habitantes, e no Sul, a tradição gaúcha tem traços marcantes. O chimarrão, o vinho, a integração com ambientes naturais, esta ligação com o rural, o plantio, a criação de hortas, as rodas de mate, fazem parte desta tradição. Por um lado, há a assimilação da diversidade das heranças europeias, desde a portuguesa da colonização, passando por italiana e alemã. Por outro lado, há uma presença forte e constante das origens africanas nas cidades bem ao Sul, por serem nestes locais onde estavam as senzalas, os quilombos, as charqueadas. A cultura ancestral africana se enraizou e veio somar com a cultura gaúcha. Atualmente se tem uma diversidade cultural, o que traz grande riqueza neste aspecto a região Sul do país.

As comunidades sustentáveis requerem impulsionar a qualidade de vida através da resiliência e organização da comunidade para superar dificuldades e desigualdades profundas. A criação de uma cultura própria baseada intensamente em referências identitárias, faz com que estes lugares reúnam qualidades únicas, uma composição de espaço pessoal e sentimentos de prazer, segurança e conforto emocional. Funcionam como um porto seguro, conectado à natureza e ao universo pessoal. Proporcionam felicidade, satisfação, apropriação e sensação de pertencimento e acolhimento. Retornar a eles, é como resgatar uma identidade social, é como retornar ao seu eu interior.

Os lugares sagrados podem ser escolhidos individualmente ou por grupos e, em ambos os casos, eles se mostraram ligados ao ideal comunitário. A ligação afetiva comanda este contato único que ocorre de forma natural. Porém, estes locais podem e devem ser criados, estimulados em todos os *habitats*, sejam eles rurais ou urbanos, promovendo a saúde do corpo e da mente. Nesse sentido, a assimilação da cultura local e/ou regional ocorre sob a forma de espaços que acomodam costumes, comportamentos e atividades importantes e sagradas para estas comunidades.

### Referências

ALEXANDER, C.; ISHIKAWA, S.; SILVERSTEIN, M. *Uma linguagem de padrões: A pattern language*. Porto Alegre: Bookman, 2013. 1117p .

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Acesso em 17 de Jan. 2022. Online. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/>

AQUINO, Alexandre M. de. *En ga uyg en tóg (“nós conquistamos essa terra”): os Kaingang no litoral do Rio Grande do Sul*. 2008. 213 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

ASHRAM. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ashram&oldid=59049609>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

BACK-TO-THE-LAND. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Back-to-the-land\\_movement](https://en.wikipedia.org/wiki/Back-to-the-land_movement)>. Acesso em: 21 jan. 2022.

BECK, Ceres G.; SILVA, Anielson B. da. *Brasil e Índia: Culturas Transnacionais e Aprendizagem Gerencial*. ENANPAD - Encontro da ANPAD. São Paulo, v.33, 2009. Acesso em 11 ago. 2021. Online. Disponível em: [http://www.anpad.org.br/diversos/down\\_zips/45/EOR2194.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/down_zips/45/EOR2194.pdf) .

BRAGA, Adriana V. *COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS: Recomendações para o planejamento de espaços externos das Ecovilas do Rio Grande do Sul*. 2019. 244f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas: 2019.

COHOUSING. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Cohousing&oldid=61485322>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

DIAS, Maria Accioly; LOUREIRO, Carlos Frederico B.; CHEVITARESE, Leandro; SOUZA, Cecília de Mello e. *The meaning and relevance of ecovillages for the construction of sustainable societal alternatives*. Ambiente & Sociedade, [S.L.], v. 20, n. 3, p. 79-96, set. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asoc0083v2032017>.

DINES, Nicholas; CATTELL, Vicky; GESLER, Wil; CURTIS, Sarah. *Public spaces, social relations and well-being in East London*. Bristol: The Policy Press, 2006. Disponível em: <<https://www.jrf.org.uk/file/public-spaces-social-relationspdf>>. Acesso em: 6 ago. 2021.

EL JORNAL ON (Santa Catarina). *Ecovila Karaguatá: uma outra alternativa. uma outra alternativa*. 2011. Disponível em: <https://eljornalon.wordpress.com/2011/05/02/ecovila-karaguata-uma-outra-alternativa/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

ELALI, G. A. *Relações entre comportamento humano e ambiência: uma reflexão com base na psicologia ambiental*. In: COLÓQUIO AMBIÊNCIAS COMPARTILHADAS. Anais do Colóquio Internacional Ambiências compartilhadas: cultura, corpo e linguagem. Rio de Janeiro: ProArq / UFRJ, 2009, 1-17.

FELIPPE, M. L.; KUHNEN, A. *O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa*. Estudos de Psicologia, Campinas, 2012, v. 29, n. 4, p. 609-617. Online. Acesso em 06 ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/XNYyrZyTCfmmtqLFRw7DsCv/?format=pdf&lang=pt>

FERNANDES-PINTO, É. IRVING M. A. *Sítios Naturais Sagrados: valores ancestrais e novos desafios para as políticas de proteção da natureza*. v. 40, p. 275-296, abr. 2017. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, UFPR.

FRIAS, P. *Mundo Virtual e o "espírito do lugar"*, SP 2010. Acesso em 11 Nov. 2019. Online. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/296701952\\_Mundos\\_virtuais\\_e\\_o\\_'espírito\\_do\\_lugar'](https://www.researchgate.net/publication/296701952_Mundos_virtuais_e_o_'espírito_do_lugar').

FRIED, M. *Grieving for a lost home*. In: L. Duhl (Org.), *The urban condition* (pp. 151-171). Nova York: Basic Books, 1963.

GANDHIANO. In: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/gandhiano>. Acesso em: 21 jan. 2022.

GEN, Global Ecovillage Networks, 2019. Acesso em 11 ago. 2021. Online. Disponível em: <http://ecovillage.org/about/gen/>.

GONÇALVES, Anderson. *Projeto combina produção de alimentos e ensino de agricultura orgânica em Curitiba*. 2020. Gazeta do Povo. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/projeto-fazenda-urbana-alimentacao-saudavel-curitiba/?fbclid=IwAR1qRDwEbe7UebEVZHpdJWQ1-ion3k3vbw67Upbf4AW5fZJNiYLOm4FAu0U>. Acesso em: 11 ago. 2021.

HALL, Edward T. *A Dimensão Oculta*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

KAPLAN, R. e KAPLAN, S. *A experiência da natureza: uma perspectiva psicológica*. Nova York: Cambridge University Press, 1989.

LANG, J. *Urban Design: The American Experience*. New York: John Wiley & Sons, 1994.

LAVANDOSKI, J.; TONINI, H.; BARRETO, M. *Uva, Vinho e Identidade Cultural na Serra Gaúcha*, Revista Brasileira de Pesquisa em turismo. São Paulo, 2012. MARTINS, M.. *Fronteiras culturais: Brasil - Uruguai - Argentina*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

LEAL, Ondina Fachel. *Os gaúchos: cultura e identidade masculina no pampa*. Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia, Pelotas, v. 7, n. 1, p. 18-47, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/14568>. Acesso em: 14 jan. 2022.

NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture*. London: Academy Editions. 1980.

QUANTA. *Espaço Trilha Jardim*. Disponível em: <http://trilhajardim.com.br/> Acesso em: 17 jan. 2022.

RAMIL, Vitor. *A estética do frio*. Porto Alegre: Satolep, 2004.

RHEINGANTZ, Paulo A.; AZEVEDO, Giselle; BRASILEIRO, Alice; ALCANTARA, Denise de; QUEIROZ, Mônica. *Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação*. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU-UFRJ, 2009.

SHAMAI, Shmuel. *Sense of place: an empirical measurement*. Geoforum, [s.l.], v. 22, n. 3, p.347-358, jan. 1991. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/0016-7185\(91\)90017-k](http://dx.doi.org/10.1016/0016-7185(91)90017-k).

SOUZA, Fabíola Amaral Tomé de. *A Umbanda brasileira e a desconstrução de uma memória coletiva africana*. Rev. Hist. UEG – Anápolis/GO, v.3, n.1, p.143-162, jan./jun.2014.

SPELLER, G. M. (2005). *A importância da vinculação ao lugar*. In L. Soczka (Ed.), *Contextos humanos e psicologia ambiental* (pp.133-167). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

XAMÃ. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Xam%C3%A3&oldid=60806530>. Acesso em: 2 abr. 2021.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Tradução de Daniel Grassi. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

# ARQUITETURA ENTRANHA NO PAMPA

## Perspectivas pré-conceituais

*BOWELS ARCHITECTURE IN THE PAMPA*  
*Preconceptual perspectives*

*Luiz Antônio Bogo Chies<sup>1</sup> e Diego Leite da Silva<sup>2</sup>*

### Resumo

Neste ensaio se vislumbra uma arquitetura peculiar que se desenvolve no Pampa, em especial nos ambientes rurais dos séculos XVIII e XIX, mas repercute em construções posteriores, inclusive urbanas, alcançando as edificações contemporâneas. Como estratégia metodológica, trabalhamos com textos literários e relatos de estrangeiros viajantes pelos territórios do cone sul (Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai) escritos, preferencialmente, entre o século XIX e as primeiras décadas do século XX. Focalizamos três eixos de registros arquitetônicos: o rancho; a tapera; e, a casa do estancieiro. Por fim, buscamos analisar os achados nas narrativas com auxílio de duas perspectivas estéticas: a *do Frio*, elaborada por Vitor Ramil; e, a *Wabi-sabi*, originária da cultura japonesa. Com a apresentação de perspectivas pré-conceituais do que propomos como uma *arquitetura entranha* no pampa, buscamos abrir uma agenda de reflexões e pesquisas que valorize as peculiaridades regionais de um continente mestiço.

Palavras-chave: arquitetura entranha, pampa, rancho, tapera, casa do estancieiro.

### Abstract

*This essay glimpses a peculiar architecture that develops in the Pampa, especially in the rural environments of the 18th and 19th centuries, but has repercussions on later constructions, including urban ones, reaching contemporary buildings. As a methodological strategy, we work with literary texts and reports from foreign travelers through the territories of the southern cone (Argentina, Brazil, Chile, Paraguay and Uruguay) written, preferably, between the 19th century and the first decades of the 20th century. Thus, we focus on three architectural object types: the ranch; the tapera; and the rancher's house. Finally, we seek to analyze the findings in the narratives based on two aesthetic perspectives: the of the Cold, elaborate by Vitor Ramil; and the Wabi-sabi, originating in Japanese culture. With the presentation of preconceptual perspectives of what we propose as an bowels architecture in the pampa, we seek to open an agenda of reflections and research that values the regional peculiarities of a mestizo continent. Keywords: bowels architecture, pampa, ranch, tapera, rancher's house.*

### Introdução

Os seculares casarões da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, em seus estilos ecléticos e neoclássicos, ainda hoje se apresentam como símbolos da riqueza e do refinamento da elite de uma sociedade charqueadora, cujo apogeu está entre fins do século XIX e início do XX.

Ao se cruzar a fronteira entre Brasil e Uruguai e ao se transitar pelas cidades do interior, em especial as da chamada Banda Norte (*Melo, Tacuarembó e Rivera*, por exemplo), casarões também são encontrados, pois riqueza oriunda da economia ganadeira não lhes faltou. Existem, entretanto, diferenças ao olhar. Os casarões uruguaios são menos ornamentados (revestidos de adereços), sugerem maior concisão de linhas e rigor de formas.

Peculiar *pueblo*<sup>3</sup> se encontra na *Ruta 9*, estrada que acompanha o litoral atlântico uruguaio. Entre as cidades de *Castillos* e *Rocha* está *19 de Abril*. A localidade é ponto de referência no histórico Caminho da Praia, ou Caminho do Mar – que ligava Colônia do Sacramento (hoje Uruguai) a Laguna (no atual estado de Santa Catarina), através do qual, desde o século XVII, conduziram-se tropas.

A primeira descrição conhecida deste caminho data de 1703 (FILGUEIRA, 1981). Em 12 de outubro de 1820 o viajante francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853)<sup>4</sup> pernoita no local, então identificado como *Chafalote*, denominação do pequeno arroio ali existente (SAINT-HILAIRE, 2012, p. 163). Justifica-se, assim, que ali se tenha erigido um *pueblo* e que o mesmo algum desenvolvimento possuiu, a ponto de deixar peculiar conjunto arquitetônico: paredes despidas de reboco e tijolos aparentes, como entranhas a mostra, são características que capturam o olhar.

Desleixo? Civilização incompleta? Barbárie arquitetônica? Decadência? Seriam as edificações de *19 de Abril* uma confirmação da oposição civilização-barbárie de que Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) trata na icônica obra *Facundo* (publicada originalmente em 1845), na qual se utiliza da biografia de Juan Facundo Quiroga (1788-1835) – caudilho Riojano do século XIX – para atacar o também caudilho Juan Manuel de Rosas (1793-1877), numa Argentina ainda tumultuada em sua unificação federal?

A hipótese desse ensaio aborda a perspectiva de um olhar histórico em relação à arquitetura pampeana sob uma predisposição não tão dicotômica, mas sim de leveza.

Leveza como princípio epistemológico sugerido tanto pela *Estética do Frio*, de Vitor Ramil (1992; 2004), como pelo sociólogo Charles Wright Mills (1980).

Leveza: “recusa à inércia [...] mudar de ponto de observação [...] considerar o mundo sob outra ótica, outra lógica” (RAMIL *apud* RUBIRA, 2014, p. 178-179). Leveza: “Pois essa imaginação [sociológica] é a capacidade de passar de uma perspectiva a outra” (MILLS, 1980, p. 13).

A hipótese vislumbra uma arquitetura pampeana peculiar, a qual se *propõe chamar de arquitetura entranha*, que se desenvolve em especial nos ambientes rurais dos séculos XVIII e XIX, mas repercute em construções posteriores, inclusive urbanas, como se pode verificar em *pueblos* como *19 de Abril* e nas demais cidades já citadas

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia (UFRGS/2006), Professor do Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos da Universidade Católica de Pelotas (UCPel).

<sup>2</sup> Mestre em Arquitetura pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PROGRAU(UFPel/2019) e Arquiteto e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura (UNISINOS /2003).

<sup>3</sup> *Pueblo* é uma denominação da estrutura administrativa Departamental do Uruguai.

<sup>4</sup> Dados os períodos históricos de nossas fontes, para todos autores não contemporâneos citados que nos foi possível identificar, informamos entre parênteses os anos de nascimento e falecimento.



do Uruguai, bem como em municípios sul-rio-grandenses, em especial na faixa da fronteira.

Arquitetura entranha porque ao se adotar tal substantivo se está remetendo às vísceras internas de um corpo e, como já sugerido, esta arquitetura se destaca por deixar visível aquilo que em geral estaria encoberto (por rebocos e/ou ornamentos). Também como uma analogia da produção arquitetônica em relação à mais peculiar característica da economia pampeana: a exploração dos rebanhos bovinos que expôs suas entranhas para lucrar com os couros, com a carne, com a graxa, sebo etc...

Sob a perspectiva epistemológica a inspiração e compromisso se dá com as *Epistemologias do Sul* (SANTOS, 2018). Ao propor uma sociologia das ausências, Boaventura de Sousa Santos “visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, ativamente produzido como tal, isto é, como uma alternativa não-credível ao que existe” (2018, p. 59). Propõe-se, então, uma arquitetura das ausências, capaz de reconhecer no pampa rústico não uma ausência estético-arquitetônica – dita não existente em especial pelo saber hegemônico moderno – mas sim uma presença, que demanda tradução.

Tal qual a ecologia dos saberes é estratégia de tradução na sociologia das ausências, aqui se propõe a análise dos achados da pesquisa através de uma ecologia das estéticas. Nesse sentido, *duas perspectivas se apresentam como potentes ferramentas de tradução: a Estética do Frio, elaborada por Vitor Ramil (1992; 2004), pois que imediatamente vinculada aos contextos pampeanos, incluindo suas peculiaridades topográficas e climáticas; e, a Wabi-sabi, originária da cultura japonesa, por sua valorização da beleza das coisas imperfeitas, transitórias e incompletas... das coisas modestas e simples... das coisas não convencionais* (KOREN 2019, p. 52).

Como estratégia metodológica, trabalhou-se com textos literários de autores pampeanos e relatos de estrangeiros viajantes pelos territórios do cone sul (Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai). Ambos tipos de fontes preferencialmente escritas entre o século XIX e as primeiras décadas do século XX.

Os estrangeiros favorecem observações protagonizadas pelo distanciamento/estranhamento sociocultural, o que permite o destaque de aspectos pitorescos que



os nativos, demasiadamente envolvidos, desprezariam de registros, pois que lhes apareceria como normal e cotidiano. Não obstante, via-de-regra os estrangeiros subjetivam suas narrativas com preconceitos, arrogâncias civilizacionais (em especial os europeus) e os matizes de seus próprios interesses e compromissos no decorrer das viagens.

Os literatos também buscam elementos pitorescos como a matéria prima de suas obras. Mas, mesmo quando exercitam certo nível de distanciamento psicoemocional, tendem a ser mais suscetíveis às armadilhas do envolvimento, até mesmo porque envolvidos em projetos que possuem objetivos e metas político-culturais.

No cotejo desses dois tipos de narrativas, quando se encontram satisfatórias coincidências dos conteúdos, sentidos e descrições, é possível identificar níveis de credibilidade suficientes para incluir aspectos e elementos num empreendimento cognitivo.

Após uma breve reflexão sobre o território e contexto histórico pampeano – sua natureza e seus processos de ocupação humana e social – o texto se dedica a três eixos de registros arquitetônicos: o rancho; a tapera; e, a casa do estancieiro.

Nas considerações finais (e instigativas), busca-se realizar a tradução dos achados nas narrativas utilizadas como fontes. Trata-se de um exercício inspirado na já mencionada ecologia das estéticas.

Deve-se, ainda, reconhecer que esse ensaio produz uma abordagem exploratória das perspectivas arquitetônicas desse histórico universo pampeano. Objetiva-se mais a abertura de uma agenda de investigações e pesquisas do que a identificação exaustiva do que se propõe como arquitetura entranha, motivo pelo qual são consideradas pré-conceituais os registros estéticos apresentados ao final.

### O pampa como território original, invadido e ocupado

O pampa pode e deve ser abordado sob diferentes perspectivas, as quais confluem para sua compreensão em nível de complexidade histórica e social.

Como bioma:

[...] os campos e pampas se estendem por uma área de aproximadamente 750 mil km<sup>2</sup>, compartilhada por Brasil, Uruguai e Argentina.

[...][...]

O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. Em sua paisagem predominam os campos, entremeados por capões de mata, matas ciliares e banhados.

A estrutura da vegetação dos campos – se comparada à das florestas e das savanas – é mais simples e menos exuberante, mas não menos relevante do ponto de vista da biodiversidade e dos serviços ambientais (MMA, 2021).

Mas, para além de bioma, esse território – por um complexo de ações humanas nos processos de colonização – converteu-se numa fonte de riqueza e de disputas políticas e econômicas entre os séculos XVII e XIX.

O historiador Jaime Cortesão (1954) o denominou de Território de Sacramento, em alusão à Colônia de Sacramento, fundada em 1680 pela Coroa Portuguesa, em frente à espanhola Buenos Aires, na desembocadura do Rio da Prata, área estratégica para as ações coloniais. Sua abordagem oferece dados satisfatórios para reconhecer os aspectos geográficos e político-econômicos envolvidos:

[a] região de que nos estamos ocupando era constituída pelas chamadas vacarias do Uruguai ou do Mar, que se estendiam desde o Rio Uruguai até à costa atlântica, desde a margem setentrional do estuário platino até às vacarias dos Pinhais, cerca dos limites entre os atuais Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Terra de ninguém, foi disputada durante quase dois séculos pelos Padres da Província do Paraguai e, mais particularmente dos chamados Sete Povos, pelos portugueses da Colônia, da Laguna e do Rio Grande de São Pedro, e pelos espanhóis de Buenos Aires, Montevideu, Santa Fé e Corrientes (CORTESÃO, 1954, p. 135-136).

Mas, terra de ninguém apenas na perspectiva das coroas coloniais, já que território de diferentes povos originários: charrúas, bohanes, guenoas, minuanos, guarani-yaros (KLEIN, 2012) no noroeste da Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai; além das diferentes etnias – querandies; tehuelches; mapuches e araucanos (ASSUNÇÃO, 2011) – denominadas genericamente de Pampas pelos espanhóis, que habitavam desde a província de Buenos Aires até a Patagônia e a Terra do Fogo (o chamado Deserto, sobre o qual ao longo do século XIX ocorreram insistentes investidas de conquista).

O pampa, contudo, apesar desses povos originários, em muito se apresentava como um grande espaço vazio. O historiador uruguaio Fernando O. Assunção, ao tratar do nomadismo que é quase regra para os povos originários, chama atenção para aspectos de uma fragilidade de recursos naturais favorecedores à sedentarização humana:

[...] em tão vasto e aparentemente fértil e benigno território, mas em realidade escasso de produtos alimentares naturais. De fato, tratavam-se de grupos tribais – não verdadeiras nações –, de caçadores-coletores, ou seja, predadores por excelência do habitat, pelo qual transitavam de forma nômade, como corredores das planícies e destruidores da escassa flora utilizável como alimento (coleta) e da fauna (caça e pesca), devendo se mover periodicamente à medida

que determinada porção do território se esgotava (2011, p. 589)<sup>5</sup>.

Com tais contextos, desde o século XVI e até o século XIX o pampa é essencialmente um território de fronteiras: fronteiras entre os domínios portugueses e espanhóis, em constante tensão ao menos até a metade do século XIX; fronteiras entre colonizadores e povos originários, igualmente em constante tensão.

Quanto aos modos de produção utilizados pelos colonizadores, estes estiveram vinculados às riquezas que o gado, especialmente o bovino, pode oferecer. Num primeiro período, em relação às manadas selvagens que compunham as chamadas vacarias do Uruguai ou do Mar, quando a atividade principal pode ser descrita como a vaqueria: “na época colonial, matança de gado, praticada a céu aberto, para a extração de couro e graxa. // Criação de gado selvagem a campo aberto” (SCHLEE, 2019, p. 917); a “Idade do Couro” (ASSUNÇÃO, 2011). Posteriormente, através de práticas que acompanharam a gradual sofisticação de manejos pastoris e pecuários.

Tais modos de exploração econômica contribuíram para formas específicas de apropriação do território, formas que em muito incluíram as perversidades entre os que se dedicaram a ter mais em detrimento daqueles a serem excluídos ou, no máximo, precariamente incluídos. Estes, *los menos pudientes*, incluídos apenas para servir aos *decentes y pudientes*<sup>6</sup> (MOLAS, 1982).

Assim, o pampa se constituiu historicamente como um território de latifúndios e grandes Estâncias. Para o Uruguai e para a Província de Buenos Aires é significativa a imagem do *terratiente ausentista*, proprietário “que confia a exploração [da Estância] a um capataz enquanto ele reside onde tem as verdadeiras fontes de sua riqueza: a cidade” (BARRÁN; NAHUM, 2010, p. 87). No Rio Grande do Sul o ausentismo do proprietário pode ser menos intenso, mas a constituição dos latifúndios seguiu lógicas similares.

Esse pampa, que aqui se acessa para buscar evidências duma perspectiva arquitetônica e estética é, portanto, um território original, invadido e ocupado. Na trama complexa que se desenvolve entre tais dimensões, bem como na trajetória histórica dos indivíduos e grupos que nele atuaram e habitaram, encontram-se, sob algumas categorias não tão agradáveis de se lidar, potentes chaves de leitura para compreender o rancho, a tapera e a casa do estancieiro. São categorias como violência e apropriação, inclusive na grade teórica de Boaventura de Sousa Santos (2007), ou mesmo como o militarismo e o racismo. Aquele, entendido como “um vasto conjunto de hábitos, interesses, ações e pensamentos associados com o uso das armas e com a guerra mas que transcende os objetivos puramente militares” (PASQUINO, 1998, p. 748), este na perspectiva de discursos e práticas que inferiorizam indivíduos e grupos para deles extrair recursos, explorá-los, incluindo, ainda, o sentido proposto por Michel Foucault, quando indica que ele é o primeiro meio de introduzir um corte na população: “o corte entre o que deve viver e o que deve morrer” (2010, p. 214).

Mas também foi (e é) lugar de desenvolvimento de sentimentos e sensibilidades peculiares: o de querência se destaca entre estes.

No *Dicionário da Cultura Pampeana Sul-Rio-Grandense* (SCHLEE, 2019), querência é apresentada como o “Lugar em que se nasce ou em que se vive; e no qual estão

<sup>5</sup> Optamos por traduzir as citações de obras acessadas em língua espanhola, mantendo, entretanto, em tal idioma quando se tratam de poesias. Na referência a obras acessadas a partir de dispositivo Kindle, a indicação se refere a posição e não a paginação.

<sup>6</sup> *Los menos pudientes*: os menos prósperos; *decentes y pudientes*: decentes e prósperos, ou, decentes e ricos.

os maiores afetos de uma pessoa: ou sua casa ou seus parentes ou seus amigos ou seu trabalho” (SCHLEE, 2019, p. 760). Também se encontra o verbo aquerenciar(-se): “Acostumar-se (animal ou pessoa) a um lugar ou a uma companhia” (SCHLEE, 2019, p. 97).

## O rancho

O rancho, como definido por Schlee, é a “[p]rimitiva construção tipicamente pampeana, utilizada pelo campeiro pampeano como morada” (2019, p. 771), e, em breve descrição de suas características:

Geralmente tem as paredes de torrões de terra ou barro, teto de palha quinchada e piso de cupim socado. Os mais antigos e rústicos tipos de rancho já desapareceram: não possuíam paredes divisórias e tinham pedaços de couro a fechar-lhes as aberturas (SCHLEE, 2019, p. 771).

Os diferentes grupos e povos originários do pampa, como mencionado, eram preponderantemente nômades ainda que alguns – quando do momento da conquista ibérica – já alcançassem incipiente nível de sedentarização (KLEIN, 2012), não obstante suas habitações mantivessem características favoráveis à mobilidade. Por tal perspectiva, pode-se considerar que o rancho é genuína expressão arquitetônica de um desejo sedentário no pampa.

O caráter primevo do rancho como habitação pampeana, sua prevalência no espaço rural e sua consequente superação na perspectiva da urbe, é bem perceptível ao se acompanhar as narrativas do francês Arsène Isabelle (1806-1888). Em rápida descrição do Uruguai, assinala:

Ao todo, vinte e seis povoações, independentemente das *estancias* ou grandes herdades do país, disseminadas a grandes distâncias umas das outras, e em torno das quais agrupam-se sempre alguns *ranchos* ou choupanas de terra cobertas de junco, onde se alojam as famílias que trabalham nos campos (2006, p. 51).

E, quando passa por *Paissandu*, hoje uma das mais importantes cidades do Uruguai, observa, dando a perceber o contraste que já havia registrado em outras localidades:

Paissandu, há quatro ou cinco anos, não passava de uma aldeia, como Las Higeritas, com uma dúzia de ranchos espalhados aqui e ali. Em 1833, já se podiam contar quatrocentos *ranchos* ou choupanas, umas trinta casas de tijolo, bem construídas e com *azoteas*, ruas alinhadas, calçadas, lampiões, e uma população de quase cinco mil almas, incluindo a dos arredores (2006, p. 156).

Para o francês os ranchos são quase sempre adjetivados como miseráveis, não obstante em *Salto* (também Uruguai) registre existirem, além de não mais do que cinco casas, “*ranchos* bem construídos e, na maioria, caiados exteriormente” (2006, p. 173-174).

Sua mais detalhada descrição é ainda na região de *Salto*. Refere-se à habitação de imigrantes oriundos das Ilhas Canárias, mas, em suas palavras:

Sua habitação, como a dos gaúchos, era uma choça de terra,

entremeada de caniços e coberta de palha, construída, enfim, com aquela simplicidade arquitetônica da idade de ouro. Era composta de duas peças, o quarto de dormir e a sala de visitas que servia ao mesmo tempo de cozinha. Uma cama, formada de quatro estacas cravadas na terra suportando uma caniçada, ou correias de couro entrelaçado sobre as quais se coloca, em vez de colchão, um magnífico couro cru; alguns outros couros estendidos no solo e que servem de cama para as crianças; *bolas*, *lazos* (armas indispensáveis do gaúcho), arreios pendurados nas paredes do rancho, formavam a única mobília do quarto. Uma outra caniçada, suportada por seis estacas, e que servia às senhoras de sofá; duas cabeças de boi, fazendo as vezes de cadeiras; um barril de água, uma panela de metal, duas ou três cuias que serviam de copos, uma gamela de madeira e um espeto de ferro cravado verticalmente diante do fogão, colocado bem no meio da cozinha, constituíam rigorosamente o inventário da sala de visitas. Devo acrescentar que, na casa dos gaúchos mais ricos há, às vezes, ao lado do corpo principal da habitação, à distância de oito ou dez pés, uma segunda choupana, análoga à primeira, que serve de cozinha, de dispensa e de galinheiro. Não existe chaminé: o fogão está colocado no meio da peça e a fumaça escapa por onde pode (2006, p. 178).

O negociante inglês William Mac Cann, que na década de 1840 viaja por províncias argentinas, também realiza potentes descrições dos ranchos pampeanos. Destas, destaca-se:

O paisano vive numa choça ou rancho, construído - como tenho dito - com barro, estacas e palha. O rancho se compõe geralmente de duas peças, uma delas usada como cozinha, cujos utensílios já descrevi; a outra serve de dormitório e contém duas ou três cadeiras e um catre ou cama; os paisanos mais pobres usam uma espécie de plataforma disposta com estacas, tábuas e tranças de couro, ou então uma pele de vaca, esticada em quatro estacas cravadas no chão (2020, p. 63).

Quanto ao mobiliário típico de ser encontrado nos ranchos, alguns detalhes:

O mobiliário consistia em um couro seco sobre uma espécie de plataforma elevada, num canto do rancho; isto servia de assento durante o dia e de cama à noite. Os poucos utensílios domésticos eram também da ordem mais primitiva: uma panela de ferro, com três pernas, grandes cabaças onde guardavam a água e conchas recolhidas no rio próximo, as quais faziam de colheres. Preso ao teto, pendia um couro disposto de forma que servisse para guardar tudo e, em outro lugar, o esqueleto torácico de uma ovelha estava suspenso, funcionando como uma canastra (2020, p. 101).

Para ranchos no Rio Grande do Sul e também uruguaios (em período que este território estava ocupado pelo Reino de Portugal na condição de Província Cisplatina), os relatos do naturalista francês Saint-Hilaire podem ser acessados (2012). Ele, contudo, é menos descritivo dos aspectos estruturais, arquitetônicos e de mobiliário, sendo mais avaliativo quanto às sensações de repugnância que tais habitações lhe provocavam.

Não raro os viajantes realizam críticas ao que muitos consideram indolência ou falha civilizacional dos habitantes pampeanos, haja vista sua não inclinação à agricultura:

Vivem em seus ranchos e não dedicam um palmo de terreno a um jardim, nem plantam uma só horta. (MAC CANN, 2020, p. 14)

Depois disso, só tereis planícies desertas [...][...]. De longe em longe, só vereis cabanas miseráveis [...][...]. Não notareis o mínimo vestígio de trabalho agrícola, nenhuma árvore, nenhuma moita, mas somente horizontes imensos, sombrios e tristes, animados, por acaso, aqui e ali, pela passagem de um avestruz ou o galope de um *gaúcho*, que vai agrupando os animais dispersos pela seca ou pelas incursões dos índios.

Estareis nos *Pampas*[...] (ISABELLE, 2006, pp. 90-91).

Nesse aspecto, o qual aqui se relaciona também com a arquitetura que realizam, as reflexões do inglês Francis Bond Head (1793-1875) se fazem relevantes por conduzirem a uma inflexão de perspectivas, uma leveza epistemológica.

Após detalhadas descrições dos ranchos pampeanos, as quais coincidem com aspectos já relatados, expõe:

O gaúcho tem sido acusado por muitos de indolência; aqueles que visitam seu rancho o encontra, na porta, de braços cruzados e o poncho recolhido sobre o ombro esquerdo, ao modo de capa espanhola; seu rancho está esburacado e, evidentemente, seria mais cômodo se ele lhe dedicasse uma quantas horas de trabalho; em um lindo clima, carece de frutas e legumes; rodeado de gado, frequentemente está sem leite; vive sem pão e não tem mais alimento que carne e água [...] (HEAD, 2012, p. 227).

Head, ainda que não indulgente, propõe algo que se opõe a mera crítica ou detração do gaúcho:

[...] e quando se reflete que, na série crescente de luxos humanos, não existe ponto que produza contentamento, não se pode sentir que existe tanto filosofia como ignorância na determinação do gaúcho de viver sem necessidades; e a vida que realiza é, certamente, mais nobre que se trabalhasse como escravo, de manhã à noite, com a finalidade de obter outro alimento para seu corpo ou outros adornos para se vestir (2012, p. 235).

O rancho pampeano é simples e repercute a relação do homem com a natureza de seu entorno, numa condição social de distanciamento e significativo nível de isolamento em relação à urbe ou, ao menos, às povoações mais estruturadas do litoral do Rio da Prata e do Atlântico na época.

Ela, natureza, com pouca intervenção humana, compõe sua estrutura e mobiliário; em seu estado bruto é assimilada como funcional e em sua condição rústica e tosca conforma uma estética peculiar, que contemporaneamente é reproduzida como valor nos galpões e sedes de Centros de Tradições Gaúchas (CTGs).

## A tapera

Num pampa de apropriações e violências coloniais; de expropriações territoriais e conflitos com povos originários; de precários direitos para os gaúchos e homens/famílias campeiras que ocupavam, de fato, vastas propriedades de *teratenientes*

*ausentistas* ou que, sem verdadeiras garantias e reconhecimentos, lançavam-se à desbravamento de territórios que, não raras vezes, depois lhes foram expropriados, a tapera – “Ruína. Rancho, casa ou outra edificação da campanha – abandonada e destruída por não ter quem a habite” (SCHLEE, 2019, p. 854) – virou símbolo das peculiaridades e complexidades dos processos sociais associados aos territórios e ao modo de habitar, também arquitetônico, da região.

Na realidade campeira pampeana a querência está associada ao rancho, por mais simples que este seja. A tapera, rancho-querência em ruínas, também demonstra esse desejo de lugar estável: a literatura a apresenta sempre acompanhada alguma árvore, símbolo e testemunha de uma vontade humana de permanência e conforto.

O argentino Bartolomé Aprile (1894-1941), em poesia denominada *A un rancho* (19--., p. 60-62)<sup>7</sup>, canta não só as características arquitetônicas e sentimentos confluem para esse ícone da paisagem pampeana mas, em especial, o compromisso de não o deixar se tornar tapera: “Rancho que aún quedas en pie / no llegarás a tapera!” (19--., p. 62).

Também Bernardo Taveira Júnior (1836-1892) dedica ao rancho um de seus poemas na obra *As Provincianas* (TAVEIRA JÚNIOR, 1986), editada originalmente em 1886. Idealizado, é lugar de gente pobre, mas honesta, que: “Fez, mui longe da cidade, / Uma família o seu ninho.” (TAVEIRA JÚNIOR, 1986, p. 35); Nele vivem “Mulher, marido e pequenos, [...] Gorduchas, lindas crianças!... [...] Crescendo iam vigorosos / Esses futuros campeiros / Homens fortes, e briosos / Cidadãos ou guerrilheiros.” (TAVEIRA JÚNIOR, 1986, p. 35).

A tapera, como contraponto do rancho, é a felicidade que se frustra: pelo infortúnio; pela desilusão; pela usurpação da terra; pelos efeitos da guerra e da ganância...

Luiz Araújo Filho (1845-1918) em *Recordações Gaúchas* (s.d.), publicada originalmente em 1897, apresenta uma síntese do valor e da significação da tapera.

A obra narra a viagem, datada em 1860, de uma pequena comitiva através da Zona Sul do Rio Grande do Sul e da Banda Norte do Uruguai. O grupo, ao que tudo indica, havia comercializado tropa de gado nas charqueadas de Pelotas e retornava a uma estância (de brasileiros) no Uruguai. Já próximo ao fim da viagem, realizam uma parada; inicia-se reflexiva narrativa: “Uma tapera... um umbu... quem não conhece estas duas cousas tão comuns na nossa como na campanha do país vizinho?...” (s.d., p. 958).

Após “algumas palavras a respeito dos escombros representando a saudade, e da árvore simbolizando o segredo, ali, no descampado” (s.d., p. 963), Araújo Filho remete o leitor à densidade da questão social que a tapera simboliza e que se matiza com as peculiaridades pampeanas:

[...] e só uma alma vazia poderá ver um destes destroços de habitantes sem experimentar lá dentro, nos seus mais íntimos recessos, um certo sentimento de tristeza, sentimento que se traduz por uma interrogação jogado ao ar, ao tempo, ‘quem moraria aqui?’, pergunta insolúvel, porque quem poderia contar alguma cousa não fala, é ele, o umbu, a única testemunha viva, porém triste, solitária, muda (d.d., p. 977).

<sup>7</sup> Não há data precisa da edição da obra *El Libro de los Criollos*, de Bartolomé Aprile. Sabe-se, entretanto, que é dos primeiros anos da década de 1930. Por tais motivos as referências a ela são registradas na forma: 19--., seguido da página da edição que utilizamos, a qual é a original.

Godofredo Daireaux (1849-1916), em similar sensibilidade, escreve sobre a tapera:

O humilde rancho desapareceu, com seus cachorros buliçosos e turbulentos, com o balido de suas ovelhas. A família se foi a outros “pagos”, levando tudo, seu pequeno rebanho, sua pobre bagagem e suas esperanças. Não deixou, em torno do solitário [salgueiro-chorão], mais do que um pequeno forno em ruínas, o qual já não se verá coroado de alegre fumaça, além dos abrolhos e espinhos, inevitável vestígio da passagem do homem...

Quantos corações humanos são uma Tapera! (1901, p. 128).

Para os personagens que não são apenas espectadores, os quais retratam na literatura um pampa de paradoxos, a tapera é a realidade vívida de como se viam forçadas as populações pampeanas (pela natureza e pela política) a manejar fatalismos (CHIES, 2021). O icônico Martin Fierro, de José Hernández (1834–1886), é bastante explícito num trecho de seus cantos:

*Tuve en mi pago en un tiempo  
Hijos, hacienda y mujer,  
Pero empecé a padecer,  
Me echaron a la frontera.  
Y ¡qué iba a hallar al volver!  
Tan sólo hallé la tapera.*

*Sosegao vivía en mi rancho,  
Como el pájaro en su nido;  
Allí mis hijos queridos  
Iban creciendo a mi lao...  
Sólo queda al descraciao  
Lamentar el bien perdido.  
(HERNANDEZ, 1988, p. 17)*

Nazario Zerpa, personagem do conto *La tapera* (2020), do uruguaio Santiago Maciel (1865–1931), está entre aqueles vários pampeanos engajados a força nos exércitos protonacionais e/ou dos caudilhos regionais. Maciel lhes dá um desejo comum: “submetidos aparentemente a seus destinos, mas sempre buscando o momento oportuno para fugir aos montes ou em direção ao ‘pago’, a fim de ver, ainda que por breves instantes a suas famílias” (MACIEL, 2020, p. 59).

Zerpa por duas vezes já tentara desertar, sofrendo os castigos e humilhações quando das capturas. Era gaúcho jovem; casado há cerca de um ano, com moça excelente, simpática e ativa; possuía um rancho que ele mesmo construiu; pequeno rebanho de gado mestiço; e, já tinha um pequeno filho. “Sua obsessão permanente era voltar ao ‘rancho’, atacado do mal da ‘querência’” (MACIEL, 2020, p. 76).

O conto se desenvolve com a terceira deserção de Zerpa. Seu angustiado e perigoso retorno à querência. Ao final, depara-se com a tapera: “Uma partida de revolucionários havia atacado o ‘rancho’ o incendiando e roubando o pouco rebanho que ainda existia nos poteiros. Sua mulher e seu filho, surpreendidos pelas chamas, não tiveram tempo de fugir e pereceram. Essa era a história” (MACIEL, 2020, p. 225).

O jovem gaúcho, prestes a ser recapturado pela terceira vez, apenas foi atropelado pela cavahada de seus perseguidores.

Roque Callage (1886 – 1931), em obra publicada originalmente em 1910, *Escombros* (2004), traz, em especial nos contos *Através do Pampa* e *Entre ruínas*, a imagem da tapera como o resquício de um passado pampeano e gaúcho que está a se modificar na passagem dos séculos XIX ao XX:

E olhei tudo aquilo, senti toda aquela ânsia fatal envolver-me desesperadamente com melancolia emotiva da saudade, pairando em cada queda da habitação moribunda. Deixei-me ficar no seio daquelas ruínas, falando com elas, vivendo com elas, na mesma dor infinita, no mesmo abalo doloroso.

[...][...] Só via, só sentia e percebia a alma imortal da recordação, falando à felicidade boa e simples dos que ali viveram e morreram... Escoimava-se de todos os fragmentos, de todos os restos, a saudade iluminando a minha rude reminiscência de gaúcho... [...]

[...][...]

E agora pela manhã um Sol se derramando em largas pulverizações de ouro, jorrando por todos os recôncavos da terra, vai penetrando em todos os cantos, em todas as entranhas, arrancando de todos os sítios, uma evocação longínqua do passado distante... (CALLAGE, 2004, pp. 91-92).

Acaso se avance na busca de exemplos deste complexo *querência-rancho-tapera*, encher-se-ão páginas e mais páginas desse ensaio, sobretudo ao se aproximar dos mais contemporâneos poetas, músicos e cantores das regiões pampeanas, estejam suas produções artísticas matizadas pelo folclore, pelo tradicionalismo ou mesmo por ritmos de pop e rock.

A tapera, ainda que contraponto em ruínas, é tão ícone da arquitetura pampeana como o é o rancho. Complementa a tríade aqui proposta a casa do estancieiro: por vezes uma evolução, uma superação do rancho; por vezes a edificação – concreta e simbólica – do poder que domina os ranchos. Parafraseando Michel Foucault, um Poder Caudilho/Soberano de deixar ser rancho, fazer virar tapera.

### A casa do estancieiro

No primeiro quartel do século XIX a habitação rural do estancieiro pampeano ainda pouco se diferencia do rancho. Saint-Hilaire permite tal percepção em algumas de suas descrições, mais detalhadas em se tratando de estancieiros. Em 24 de setembro de 1820, transitando de Rio Grande ao Chuí, faz parada na estância de José Bernardes, a qual:

[...] compõe-se, como todas as outras, da casa do dono e algumas casas de negros e de uma cozinha que forma uma choupana à parte, segundo o costume de quase todo o Brasil. A casa do estancieiro é coberta de palhas como as que vi depois da estância do Silvério: baixa como todas as outras, e construída também de pau-a-pique, construção esta usada em toda a região. Constituem o interior da casa duas peças: a sala e o quarto do proprietário, sendo este separado daquela apenas por uma cortina. A sala muito limpa, mas sem janelas, é apenas mobiliada por duas cadeiras de assento de couro, uma mesa, um leito de madeira com fundo guarnecido de couro, como é uso geral, e, finalmente, um estrado sobre o qual a dona da casa trabalha acocorada, formado por tábuas pregadas sobre dois tocos de madeira (SAINT-HILAIRE, 2012, p. 140-141).

Já no território uruguaio, tendo passado de Colônia do Sacramento, em 19 de dezembro de 1820, descreve a casa de Dom Gregório:

[...] se apresenta muito mais arrumada e limpa do que as que vi na campanha, desde Montevideu; entretanto é também caiada e compõe-se igualmente de duas peças: uma que dá para fora, onde se recebem os hóspedes, e outra que se comunica com a primeira, onde dormem os donos da casa. A cozinha é, como de costume, numa choupana separada. (SAINT-HILAIRE, 2012, p. 230).

O tempo, a exploração das riquezas pampeanas e do trabalho de negros escravos e gaúchos campesinos proporcionará que a casa do estancieiro transite do rancho, ou mesmo de uma barraca primitiva, à morada senhorial. Com abordagem quase poética, Godofredo Daireaux proporciona reflexões sobre o tema:

A estância estende seus campos ricos e de pastagens ao redor da morada senhorial. [...] Mas, da barraca primitiva, do toldo que hoje se arma aqui e amanhã lá, sem adornos e sem móveis, sucedeu o humilde rancho, berço da família futura e dos Penates e do Lares, deuses domésticos já se assentaram nele [...] (2011, p. 430).

Mas, para além de uma suntuosidade, que na literatura de Daireaux se apresenta como civilizatória, identifica-se uma arquitetura que se propõe funcional ao ambiente, aos desafios pampeanos e às demonstrações de poder. No conto *Los amores de Bentos Sagrera* (VIANA, 2020), de Javier de Viana (1868 – 1926), escritor e político uruguaio do período de transição do século XIX ao XX, esta dimensão está presente:

A estância de Sagrera era um desses velhos estabelecimentos de origem brasileira, que abundam na fronteira e que se assemelham a cárceres ou fortalezas. Um longo edifício de paredes de pedra e teto com terraço; uns galpões, também de pedra, em frente, e nas laterais um alto muro com só uma porta pequena dando ao campo. A cozinha, a despensa, o forno, os quartos dos peões, *tudo estava encerrado dentro da muralha* (2020, p. 468. Grifamos).

No decorrer do conto, no qual a casa do estancieiro é tão somente um cenário, Viana destaca a força da construção perante o vento e a chuva que naquela noite enfrenta: “o vento que vinha desde longe saltando livre as coxilhas peladas, arremeteu com fúria contra os maciços edifícios [...] a chuva açoitava as paredes da mansão e batia furiosamente nos telhados de zinco dos galpões” (2020, p. 502).

Também é possível vislumbrar que, não obstante sua riqueza, o estancieiro vivia ali sem grandes luxos e prazeres. Viana menciona a “espaçosa peça que servia de sala de jantar” (2020, p. 481), sem descrever mobília que se possa destacar; qualifica Sagrera de “orgulhoso e arrogante, avaro e egoísta” (2020, p. 489).

Ocorre que não obstante a riqueza, o desejo de exibição de opulência de alguns, num território que se manteve intensamente beligerante ao menos até a segunda década do século XX<sup>8</sup>, as casas rurais dos estancieiros mesclaram com ênfase, quando não

8 Sem adentrarmos no tema do período das ditaduras latino-americanas dos anos 1960-70-80, no Rio Grande do Sul registram-se guerras, incluindo as fratricidas, pelo menos até a Revolução de 1923, resquício da brutal Revolução Federalista de 1893, também conhecida como Revolução das Degolas.

priorizaram, as modernidades e o luxo às funcionalidades das atividades de exploração econômica e defesa militarizada. Maiores exibições de opulência, em especial no Rio Grande do Sul, será destinada às residências urbanas desses mesmos estancieiros.

Quem, como turista, visita a charqueada São João em Pelotas/RS, construída entre 1807 e 1810 às margens do Arroio Pelotas e que, além de residência familiar em períodos de safra, manteve-se em atividade como indústria até 1937<sup>9</sup>, será informado sobre sua disposição de peças, sobre os ângulos de tiro em suas janelas, dentre outras peculiaridades arquitetônicas que favoreciam tanto as funcionalidades de uma empresa com o rigor escravista no controle de sua mão-de-obra, como de uma fortificação de defesa contra ataques externos.

Outro exemplo: em 1892 (ano anterior a data oficial de início da Revolução Federalista de 1893, no Rio Grande do Sul) o republicano Euclides B. de Moura publica a obra *O Vandalismo no Rio Grande do Sul*, através da qual entende “prestar um serviço aos imparciais julgadores desta calamitosa época em que campeiam o terror, o ódio e o banditismo” (MOURA, 2000, p. 12)<sup>10</sup>.

Da obra, a esse ensaio interessa uma alusão à estância de Gumercindo Saraiva, liderança federalista na época, localizada no município de Santa Vitória do Palmar/RS (fronteira com o Uruguai):

Procedendo-se a uma busca minuciosa na tristemente célebre estância de Curral de Arroios, cuja casa achava-se convertida numa verdadeira fortaleza, com as competentes seteiras e torreões artilhados, foram apreendidas quarenta e tantas Remingtons de precisão, e grande número de munições, cartuchos embalados, etc. (MOURA, 2000, p. 65).

Não há dúvidas de que as casas de estancieiros se prestam a uma diversidade de olhares orientados pela ciência da arquitetura. Textos e estudos de Luís Henrique Haas Luccas, por exemplo, desde sua dissertação *Estâncias e Fazendas: arquitetura da pecuária no Rio Grande do Sul* (LUCCAS, 1997), instigam a se observar diferentes aspectos dessas edificações. O olhar na abordagem desse ensaio, entretanto, é mais focalizado na percepção de alguns elementos que, em tecitura complexa de fatores – naturais, culturais, econômicos, políticos e geopolíticos – interagindo e se dinamizando em recíprocas influências – sugerem terem emergido peculiaridades estéticas para além de diretrizes assumidas e conhecidas pelos edificadores/construtores da época.

Uma dessas peculiaridades sugere ser a não refutação, ou ainda mais a adesão, ao singelo (incluindo o sentido de desprovido de ornamento, de enfeites, ou mesmo de luxos).

Em 27 de abril de 1821 Saint-Hilaire, no trajeto entre os municípios sul-rio-grandenses de Cachoeira e Rio Pardo, é recebido na casa do Major Filipe Carvalho, homem que qualifica como rico (2012, p. 426). Observa a edificação, registra alguma mobília e a ausência de decoração:

A casa do Major é coberta de telhas, porém, térrea; em geral não vi nesta capitania uma só casa de um andar.

9 Informações que constam no site: [www.charqueadasaojoao.com.br](http://www.charqueadasaojoao.com.br).

10 Não obstante suas pretensões, Euclides B de Moura, como republicano que é, produz uma obra importante, mas indiscutivelmente parcial, chagando à demonização dos opositores federalistas.

Havia na sala em que fui recebido uma mesa e cadeiras de dobrar, com assento de couro. Quanto à mesa, era bem servida. É preciso que uma casa seja muito pobre para que nela não se encontrem alguns talheres de prata, mas o uso de pratos desse metal é desconhecido no Brasil. Na Capitania do Rio Grande não há tapeçaria em parte alguma; as paredes são caiadas e sem ornamentos (2012, p. 427).

Dias depois, Saint-Hilaire volta a mencionar o Major Filipe:

Tenho dito inúmeras vezes que há nesta capitania homens muito ricos; contam-se numerosos estancieiros com renda de até quarenta mil cruzados e, no entanto, em suas casas nem o mobiliário demonstra uma tal fortuna. O Major Filipe, por exemplo, é um destes que possuem quarenta mil cruzados de renda; porém, um campônio francês, com mil escudos de renda, vive mais confortável (2012, p. 435-436).

Este mesmo trecho do Diário de Saint-Hilaire também chama a atenção de Luccas (2010), que o menciona após registrar que:

A principal diferença programática [das sedes de estâncias pecuaristas sul-rio-grandenses] frente às casas-grandes cafeeiras e açucareiras foi uma redução proporcional destas, de suas áreas sociais e do número de aposentos. O fator econômico pode ter apresentado assimetria entre o sul e as regiões ricas referidas, pela liquidez das exportações de açúcar e café, mas não sustenta a questão de modo exclusivo. [...] [...]

É plausível que a simplicidade das casas e o modo de vida fossem resultado de uma convergência de mais fatores, além dos recursos econômicos prováveis. Um destes fatores foi a escassez de mão-de-obra local registrada [...] (LUCCAS, 2010, s.p.).

Aqui a hipótese é outra. Não é na arquitetura que o típico sul-rio-grandense e platense da economia ganadeira encontrará espaço para a ostentação, para o ornamento, para o decorativo. Saint-Hilaire ainda registra observação que auxilia a sustentar a hipótese:

É no equipamento de seus cavalos que a gente desta região procura ostentar maior luxo; os estribos de prata, a testeira, o freio a retranca de seus cavalos são guarnecidos de placas desse mesmo metal mas essa despesa não se renova seguidamente, absorvendo somente parte muito pequena de renda dos que a fazem. (2012, p. 436).

Com tais informações, pode-se avançar para algumas análises e considerações.

### Considerações instigativas

Do reconhecimento do pampa como território, bem como dos registros históricos sobre os ranchos, as taperas e as casas de estancieiros que nele se ergueram, ruíram e se edificaram até fins do século XIX, identificam-se fatores e elementos que se destacam na perspectiva desse estudo:

- a) A restrição dos materiais que a natureza oferta aos edificadores da época;
- b) O distanciamento físico entre as edificações, ou pequenos conjuntos dessas, que

repercutem em tipos de sociabilidades e em demandas no âmbito das reciprocidades concretas ou simbólicas, as quais se resolvem mais no essencial do que na ostentação de luxos;

c) O horizonte amplo num território de planuras, que impacta sensibilidades, tornando-as mais autorreflexivas;

d) As atividades econômicas brutas, que só extraem riquezas no revirar de entranhas, sejam as entranhas de animais, na matança ganadeira, seja, posteriormente, as entranhas da terra, na lavra dos agricultores;

e) O singelo e funcional como um valor.

Para que se realize uma tradução desses reconhecimentos e registros em estética arquitetônica, propôs-se operar através de uma ecologia de estéticas – *do Frio e Wabi-sabi* –, o que conduz à identificação de seus princípios e características.

A *Estética do Frio* é uma elaboração reflexiva do cantor, compositor e escritor sul-rio-grandense Vitor Ramil, desencadeada pelo experimentar um sentimento de estranhamento identitário de sua arte em relação ao Brasil. Ramil encontrou num complexo geográfico-humano – o pampa (seu relevo, seu clima) e o gaúcho (tipo humano e social que lhe é peculiar) – a chave compreensiva da estética que já exercia e que desejava manter e sofisticar.

Sete princípios são destacados nessa estética, os quais aqui se apresenta a partir dos versos de sua *Milonga das Sete Cidades* e da interpretação de sua trajetória na obra de Luíz Rubira (2014):

Princípios/propriedades	Estética de Frio	
	Milonga das Sete Cidades	Vitor Ramil – Nascer leva tempo (RUBIRA, 2014, pp. 176-179)
<b>Rigor</b>	me entreguei Aos caminhos mais sutis	Significa me lapidar aos poucos, como artista e como pessoa.
<b>Profundidade</b>	A minha alma eu encontrei E me vi em mim	Dimensão introspectiva, meditativa. A profundidade de seu pensamento.
<b>Clareza</b>	O pampa infinito e exato me fez andar	No pampa tudo é definido: a regularidade (...)
<b>Concisão</b>	Concisão tem pátios pequenos Onde o universo eu vi	É palavra-chave
<b>Pureza</b>	fui sonhar	---
<b>Leveza</b>	o céu se abriu	Recusa da inércia. Mudança de pontos de observação
<b>Melancolia</b>	A minha alma me sorriu E eu me vi feliz	---

Já o universo *Wabi-sabi*, mais amplo e complexo que tão somente sua estética, tem suas origens no taoísmo e no zen-budismo chinês (KOREN, 2019, p. 251). Seu desenvolvimento se deu, entretanto, através dos rituais e ambientes da cerimônia do chá no Japão, tendo seu auge no século XVI (KOREN, 2019, p. 264). A síntese de suas dimensões é apresentada no seguinte quadro:

Quadro 1 – Princípios da Estética do Frio, de Vitor Ramil. Fonte: RAMIL, 1997; RUBIRA, 2014. Organizado pelos autores.

<b>Base metafísica</b>	As coisas são conduzidas para o nada ou se desenvolvem a partir dele
<b>Valores espirituais</b>	A verdade vem da observação da natureza
	A “grandeza” existe nos detalhes mais discretos e imperceptíveis
	O belo pode ser extraído do feio
<b>Estado de espírito</b>	Aceitar o inevitável
	Valorizar a ordem cósmica
<b>Preceitos morais</b>	Livrar-se de tudo aquilo que é desnecessário
	Concentrar-se no que é intrínseco e ignorar a hierarquia material
<b>Características materiais</b>	Processo natural inusitado no objeto
	Irregularidade
	Intimismo
	Despretensão
	Aspecto terroso
	Aspecto turvo
	Simplicidade

Ao se detalharem as características materiais do *Wabi-sabi*, potências estéticas se evidenciam:

<b>Processo natural inusitado no objeto</b>	As coisas são feitas de materiais visivelmente vulneráveis aos efeitos do clima e do uso humano. Registram descoloração, ferrugem, manchas, rachaduras etc...
<b>Irregularidade</b>	As coisas podem exibir efeitos de um acidente ou mostrar os resultados de quando acontecem ao acaso.
<b>Intimismo</b>	As coisas geralmente são pequenas e compactas, silenciosas e voltadas para dentro.
<b>Despretensão</b>	As coisas são espontâneas e inevitáveis; discretas e modestas; facilmente coexistem com seu entorno.
<b>Aspecto terroso</b>	As coisas podem parecer grosseiras e não refinadas.
<b>Aspecto turvo</b>	As coisas têm uma característica vaga, imprecisa ou atenuada.
<b>Simplicidade</b>	As coisas podem ser reduzidas à essência, sem perda da poesia.

Uma gramática decorrente de uma ecologia das estéticas apresentadas remete a noções dialógicas e complementares que se permitem expressar em pares como:

<b>Estética do Frio</b>	<b>Wabi-sabi</b>
<b>Clareza</b>	Despretensão
	Processo natural inusitado no objeto
	Simplicidade

<b>Leveza</b>	Processo natural inusitado no objeto
	Irregularidade
	Aspecto terroso
	Aspecto turvo
	Simplicidade
<b>Pureza</b>	Processo natural inusitado no objeto
	Irregularidade
	Aspecto terroso
	Aspecto turvo
	Simplicidade
<b>Rigor</b>	Intimismo
<b>Concisão</b>	Despretensão
	Intimismo
<b>Profundidade</b>	Intimismo
<b>Melancolia</b>	Simplicidade

Será possível cotejar essa gramática em relação ao contexto arquitetônico pampeano registrado nesse estudo?

Clareza, que também é despretensão e processo inusitado natural no objeto, verifica-se e se produz na oferta da natureza do pampa ao sujeito, seus materiais disponíveis à construção edificadora, suas regularidades e sua exatidão infinita. É na utilização dessa natureza que o humano edificador também se lapida com rigor e profundidade no intimismo e simplicidade. Edifica o viável, o rigorosamente necessário e se preocupa com o funcional (ainda que um crâneo equino lhe sirva como assento).

O que a natureza lhe oferta, e na relação que se estabelece com o território (recursos, ação do clima e do humano) acaba por se constituir como irregular, assumir aspectos terrosos e turvos, os quais não deixam de se relacionar com pureza e leveza, capazes de acolher a beleza do singelo e com ela se satisfazer: melancolias da simplicidade, que reduz às essências sem perder a poesia.

Concisão, de pátios e ranchos/casas pequenas, que ao mesmo tempo é despretensiosa e intimista. Quem tem o pampa como “quintal”, vislumbra o infinito pelos buracos de seu rancho de duas peças, pelas janelas de sua sede de estância (não tão grande como as dos cafezais paulistas). Para ter e estar no universo do pampa não é necessário edificar para além da concisão, sobretudo diante de uma clareza que induz rigor e profundidade.

As possibilidades de análise se multiplicam e extrapolam os limites de registro nesse ensaio. Não obstante, é de se considerar satisfatório o que já se pode explorar para fins de se retornar ao ponto de partida: olhar novamente as imagens das edificações do *pueblo* uruguaio de *19 de Abril*, despidas de reboco e com seus tijolos aparentes, e sugerir que em nada representam desleixo, civilização incompleta, decadência ou barbárie arquitetônica. São, sim, bons exemplos das repercussões de uma *arquitetura entranha*, que se constitui no pampa, e se pauta pelo singelo, pelo rústico e pelo tosco, desenvolvidos em clareza, profundidade, rigor, concisão, leveza e pureza. Têm nas ambíguas melancolias seu epifenômeno, pois essencializam a beleza das coisas simples e modestas.

Para a arquitetura contemporânea pode-se, assim, esboçar perspectivas estéticas e pré-conceituais de uma *arquitetura entranha*:

Perspectivas estéticas	Gramática interpretativa a partir da ecologia de estéticas
linhas simples, sem enfeites, sem adornos	Rigor; profundidade; pureza; concisão; despreensão; simplicidade
materialidade à vista, nua, definindo e apresentando sua essência e “entranhas”	Pureza; clareza; leveza; melancolia; processo natural inusitado no objeto; aspectos terroso e turvo; irregularidades
escala construtiva justa, formas simples, menor impacto	Concisão; rigor; pureza; intimismo; simplicidade
discernimento/entendimento do lugar, fusão das espacialidades interna e externa	Pureza; clareza; leveza; profundidade; melancolia aspecto turvo; simplicidade

É possível se encontrar edificações contemporâneas com aplicações destas perspectivas estéticas? Sim! Em Pelotas e em diferentes cidades do Cone Sul (Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai). Aqui se traz um sugestivo exemplo, nas figuras da página seguinte.

Por fim, é de se registrar que num continente mestiço (KUSCH, 2007) o par barbárie-civilização emerge como característica, dilema e paradoxo. E para Rodolfo Kusch, filósofo e antropólogo argentino, é na sedução da barbárie – “sedução do verdadeiro, do que vive” (LOJO, 1992, p. 419) – e não na da ficção da civilização que se pode encontrar uma chave de compreensão das identidades e peculiaridades americanas: “Esta sedução não é o que causa o pecado, mas sim o que o redime: não é a mentira, mas sim o que anula, com argumentos da verdade mais incontestável, a grande ficção da cidade americana *ad usum Europae*” (LOJO, 1992, p. 418).

A *arquitetura entranha* parte da necessidade de revitalizar perspectivas estéticas que, ao primeiro olhar, possam parecer bárbaras. Nesse sentido, talvez se tenha que também perscrutar como a filosofia de Kusch, com sua sedução pela barbárie, contribui para que avancemos do pré-conceitual ao conceitual. Mas esta será outra etapa da agenda de reflexões e pesquisas que, através deste ensaio, propõe-se realizar.

## Referências

APRILE, Bartolomé R.. *El libro de los Criollos*. Buenos Aires: El Canta Claro, 19--.

ARAÚJO FILHO, Luís. *Recordações Gaúchas*. Porto Alegre: Independently published, s.d.. (dispositivo Kindle)

ASSUNÇÃO, Fernando O. . *Historia del Gaucho. El gaucho: ser y quehacer*. Buenos Aires: Claridad, 2011(Dispositivo Kindle).

BARRÁN, José Pedro; NAHUM, Benjamín. *Bases económicas de la revolución artiguista*. Montevideo: La Banda Oriental, 2012.

CALLAGE, Roque. *Prosas de ontem; Escombros*. Santa Maria: Ed.UFSM, 2004.

CHIES, Luiz Antônio Bogo. *Atitudes cognitivas: o arquétipo “gaucho”*. Pelotas: Ed. do Autor, 2021.



Fotografia 3 - Prédio na Vila Judith, Pelotas, RS. Crédito: Diego Leite da Silva.



Fotografia 4 - Detalhe da sala de jantar, prédio na Vila Judith, Pelotas, RS. Crédito: Diego Leite da Silva.

CORTESÃO, Jaime. O território de Colonia do Sacramento e a formação dos Estados Platinos, *Revista de História*, 17, p. 135-165, 1954.

DAIREAUX, Godofredo. *Los Dioses de la Pampa*. Buenos Aires: Tecnibook Ediciones, 2011. (dispositivo Kindle)

DAIREAUX, Godofredo. *Tipos y Paisajes Criollos* (primera serie). Buenos Aires: Prudent Hnos. y Moetzel Editores, 1901.

FILGUEIRA, Domingos da. Como viajar, por terra, da Colônia do Sacramento a Laguna. In: CESAR, Guilhermino. *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul: estudo de fontes primárias da história rio-grandense acompanhado de vários textos*. 2.ed., Porto Alegre: Edurgs, 1981, p. 57-60.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da Sociedade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HEAD, Francis Bond. *Viaje a través de las Pampas y los Andes*. Buenos Aires: Claridad,

2012. (dispositivo Kindle)
- HERNÁNDEZ, José. *El Gaucho Martín Fierro*. Montevideo: La Republica, 1988.
- ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006.
- KLEIN, Fernando. *Nuestro pasado indígena*. Montevideu: Ediciones B, 2012.
- KOREN, Leonard. *Wabi-sabi: para artistas, designers, poetas e filósofos*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020. (dispositivo Kindle)
- KUSCH, Rodolfo. La seducción de la barbarie. In: KUSCH, Rodolfo. *Rodolfo Kusch: obras completas*. Rosario: Fundación A. Ross, 2007, pp. 1-131.
- LOJO, María Rosa. H.A. Murena y Rodolfo Kusch: "Barbarie" como seducción o pecado. *Anales de Literatura Hispanoamericana*, V. 21, pp. 415-420, 1992.
- LUCCAS, Luís Henrique Haas. *Estâncias e fazendas: arquitetura da pecuária no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1997 (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Arquitetura, 1997.
- LUCCAS, Luís Henrique Hass. Estâncias e Fazendas do Rio Grande do Sul Arquitetura tradicional da pecuária. 2º *Seminário de Patrimônio Agroindustrial, Lugares de memória*. São Carlos : EESC/USP, pp. 19-22, 2010.
- MAC CANN, William. *Viaje a caballo por las provincias argentinas*. Disponível em [https://pdfs.semanticscholar.org/2fe4/878ded2a1f1038cdcfb823694b7cf96bd2c9.pdf?\\_ga=2.151191033.1599198826.1586275349-706685818.1581440162](https://pdfs.semanticscholar.org/2fe4/878ded2a1f1038cdcfb823694b7cf96bd2c9.pdf?_ga=2.151191033.1599198826.1586275349-706685818.1581440162). Acesso em 07 de abril de 2020 (descarregado em PDF).
- MACIEL, Santiago. La tapera. in: NEMO, August (editor). *7 mejores cuentos – literatura gauchesca*. São Paulo: Tacet Books, 2020.
- MILLS, Charles Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- MMA (Ministério do Meio Ambiente). *Pampa*. Disponível em <https://www.mma.gov.br/biomas/pampa.html>. Acessado em 25 jun. 2021.
- MOLAS, Ricardo E. Rodriguez. *Historia social del gaucho*. Buenos Aires, CEAL, 1982.
- MOURA, Euclides B. de. *O vandalismo no Rio Grande do Sul: antecedentes da revolução de 1893*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.
- PASQUINO, Gianfranco (orgs.). *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 240-242.
- RAMIL, Vitor. A estética do frio. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto (coords.). *Nós, os gaúchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1992, pp. 262-270.
- RAMIL, Vitor. *A estética do frio: conferência de Genebra*. Porto Alegre: Satolep, 2004.
- RAMIL, Vitor. Milonga de Sete Cidades (A Estética do Frio). In: RAMIL, Vitor. *Ramilonga - A Estética do Frio*. Porto Alegre: Satolep Music, 1997.
- RUBIRA, Luís. *Vitor Ramil: nascer leva tempo*. Porto Alegre: Publicato, 2014.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2012.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal. Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos estudos CEBRAP*, n. 79, pp. 71-94, Nov. 2007.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Na oficina do sociólogo artesão: aulas 2011-2016*. São Paulo: Cortez, 2018.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo, o, Civilización y barbarie*. Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 2018.
- SCHLEE, Aldyr Garcia. *Dicionário da Cultura Pampeana Sul-Rio-Grandense (2 volumes)*. Pelotas: Frutos do Paiz, 2019.
- TAVEIRA JUNIOR, Bernardo. *Provincianas*. Porto Alegre: Movimento; Brasília: MinC/ Pró-Memória, INL, 1986.
- VIANA, Javier de. Los amores de Bentos Sagrera. in: NEMO, August (editor). *7 mejores cuentos – literatura gauchesca*. São Paulo: Tacet Books, 2020.

# CASA FUKÉ-BARRETO

## Arte e arquitetura ao sul do Sul

*HOUSE FUKÉ-BARRETO*  
*Art and architecture south of the South*

*Evelise Both<sup>1</sup>*

### Resumo

Esse artigo pretende, a partir do estudo de caso de uma casa-ateliê localizada no estado do Rio Grande do Sul, discutir e dar visibilidade à arte e principalmente à arquitetura produzida ao sul da América do Sul. Tal estudo deriva de uma pesquisa a respeito de casas-ateliê para artistas plásticos que engloba as regiões sul e sudeste do Brasil. Trata-se da Casa Fuke-Barreto, projeto do arquiteto gaúcho Flávio Kiefer para o casal de artistas plásticos Mauro Fuke e Lia Menna Barreto, na zona rural de Eldorado do Sul. Busca-se verificar a partir de uma análise arquitetônica, que particularidades emergem deste projeto, e sobretudo, como e quais relações estabelece com o local. Vislumbra-se que havendo um olhar sensível e um exercício minucioso de projeto, que respeite e preze pela conexão com o lugar, podem ser encontradas variadas – e genuínas – representações de uma arquitetura rio-grandense e de uma estética do frio. Palavras-chave: casa, ateliê, artista, arquitetura, Rio Grande do Sul.

### Abstract

*This article intends, from the case study of a house-studio located in the rural area of the state of Rio Grande do Sul, to discuss and give visibility to art and especially to architecture produced in the south of South America. This study derives from a research on studio houses for plastic artists, which includes the south and southeast regions of Brazil. It about the Casa Fuke-Barreto, a project by the gaucho architect Flávio Kiefer for the couple of plastic artists Mauro Fuke and Lia Menna Barreto, in the rural area of Eldorado do Sul. It seeks to verify from an architectural analysis, which particularities emerge from this project, and above all, how and what relationships it establishes with the place. It is envisaged that with a sensitive look and a meticulous exercise of design, which respects and values the connection with the place, varied – and genuine – representations of an architecture from Rio Grande do Sul an aesthetic of the cold. Keywords: house, studio, artist, architecture, Rio Grande do Sul.*

### Introdução

Esse artigo pretende, a partir do estudo de caso de uma casa-ateliê localizada na zona rural do estado do Rio Grande do Sul, discutir e dar visibilidade à arte e sobretudo à arquitetura produzida ao sul da América do Sul. Tal estudo deriva de uma pesquisa a respeito de casas-ateliê para artistas plásticos que engloba as regiões sul e sudeste do Brasil.

De um modo geral, verifica-se que essas casas mantêm em comum senão um caráter transformador, uma reconhecida qualidade por meio de publicações e premiações, e certa relevância na carreira dos arquitetos autores. Sabendo-se da importância do interlocutor para o ofício da arquitetura (SERAPIÃO, 2007), especula-se sobre uma suposta liberdade de criação do autor, permitida por esse tipo inusitado de interlocutor e de programa. A partir deste olhar a casa-ateliê poderia ser considerada uma ocasião para a experimentação projetual do arquiteto. Neste sentido, uma casa-ateliê poderia denotar de modo significativo por meio do projeto de arquitetura, a sensibilidade e compreensão do arquiteto não só para com o programa, mas também para com o lugar.

Embora existam autores que debatem a arquitetura moderna no Sul, como será exposto a seguir, nota-se que a produção arquitetônica mais recente é ainda – e naturalmente – pouco explorada. Este trabalho seria uma possibilidade oportuna de aprofundar o tema e contribuir com a difusão da arquitetura produzida nesta região.

Com relação ao exemplar selecionado, ressalta-se que é comum ao seu autor e aos seus clientes o registro de relevante produção no meio que atuam – arte e arquitetura – nesta região. Assim, é a partir do estudo de uma casa-ateliê em solo rio-grandense, que pretende-se expandir as fronteiras sobre a arquitetura produzida neste território. Pondera-se este estudo como uma oportunidade de ir em busca de uma interpretação – neste caso, no campo da arquitetura – do que propôs Ramil (2009) como uma estética do frio.

Em *A estética do frio* Ramil (2009, p. 23) utiliza-se do clima frio para justificar a milonga – gênero musical comum no Sul – descrevendo-a com palavras como “rigor, profundidade, clareza, concisão, pureza, leveza, melancolia”, e caracterizando o gênero como um convite à introversão. Nota-se que a mesma condicionante climática e termos análogos são utilizados por arquitetos para comentar a arquitetura regional. Debiagi (ARQUITETURA,... 1983) identifica o reflexo do clima na produção de uma arquitetura mais protegida, mais fechada. O autor pondera ainda que em razão da formação cultural as pessoas no sul seriam mais circunspectas, o que refletiria em uma arquitetura menos audaz e mais cautelosa, e mesmo assim “de grande criatividade.” Seguindo neste raciocínio Fayet ao comentar a arquitetura gaúcha considera que de um modo geral:

No Rio Grande do Sul, a arquitetura é um pouco mais comedida, um pouco mais responsável. A proposta é justamente um pouco mais de prudência, de comprometimento com os custos; não é bem uma característica formal, mas acaba atingindo a forma. Esse comportamento pode ser atribuído, em parte, ao aplicador; não que isso defina uma característica da arquitetura gaúcha, mas efetivamente colabora para que ela seja assim mais comedida, mais austera. (ARQUITETURA,... 1983).

Ao analisar com maior proximidade a arquitetura moderna produzida no estado Marques aponta o que poderiam ser algumas características regionais:

<sup>1</sup> Mestre em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (UFRGS/2021) e Arquiteta e Urbanista pela Universidade de Passo Fundo (UPF/2014).

No sul do Brasil, o racionalismo tectônico decorrente da maneira de armar a concepção arquitetônica, em que o sistema estrutural e processo construtivo nascem indissociados enquanto lógica de projeto e organização espacial, conjugados a preceitos de economia, frugalidade e sentido comum no atendimento ao programa, arroga um dos meios idiossincráticos do pensamento arquitetônico regional. (MARQUES, 2012, p. 12).

Tais autores, embora centrados na pesquisa da arquitetura moderna produzida no Sul, podem trazer parâmetros, interpretações e entendimentos que contribuem para a compreensão e análise da arquitetura produzida mais recentemente, visto que muitas condicionantes são perenes.

Considera-se para esta análise a casa-ateliê de Fuke e Barreto, projeto do arquiteto gaúcho Flávio Kiefer para o casal de artistas Mauro Fuke e Lia Menna Barreto. Esta residência encontra-se localizada na zona rural do município de Eldorado do Sul, região metropolitana de Porto Alegre<sup>2</sup>. Busca-se verificar a partir de uma análise arquitetônica que particularidades emergem deste projeto, e sobretudo, como e quais relações estabelece com o local em que está inserida.

Este trabalho vislumbra que, desde que haja um olhar sensível e um exercício minucioso de projeto, que respeite e preze pela conexão com o lugar, podem ser encontradas não uma, mas variadas – e genuínas – representações de uma arquitetura local e de uma estética do frio.

Tal assunto desenvolve-se a partir de duas seções. Como forma de aproximação com o tema, em um primeiro momento será tratado dos personagens envolvidos no projeto e a relevância de seus trabalhos nas áreas em que atuam, tanto na arquitetura quanto nas artes. A seguir uma análise arquitetônica da Casa Fuke-Barreto<sup>3</sup>, a partir de questões formais, funcionais, estruturais e de materialidade do projeto, do espaço dos ateliês e de sua inserção no local. Finalmente será possível retomar os principais pontos abordados e sua possibilidade como manifestação de uma arquitetura rio-grandense.

### Flávio Kiefer, o arquiteto

Flávio Kiefer, arquiteto autor do projeto, é formado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É sócio fundador do escritório *Kiefer Arquitetos*, com atuação na área desde 1991, trabalhando com diversas escalas de projeto: desde arquitetura de interiores, passando por projetos residenciais, comerciais, institucionais, culturais, até intervenções urbanas, tendo destaque em trabalhos de rearquitetura. O escritório também tem participação frequente em concursos públicos de projeto.

Na capital gaúcha, o arquiteto destaca-se pela autoria dos projetos da Casa de Cultura Mário Quintana, do Centro Cultural CEEE - Érico Veríssimo; e da Recuperação da Usina do Gasômetro. Três casos que tratam da reciclagem de edifícios históricos de Porto Alegre.

<sup>2</sup> Infere-se, por meio das datas que constam nos croquis dos estudos iniciais de projeto, que o processo de projeto possa ter perdurado de 1996 a 2002, já a obra foi finalizada em 2003.

<sup>3</sup> Conhecida na obra do arquiteto Flávio Kiefer como Casa Fuke, nesta pesquisa, com o objetivo de proporcionar maior aproximação do projeto com o artista, optou-se por utilizar-se os sobrenomes do casal de clientes na designação, chamando-a de Casa Fuke-Barreto.



Figura 1 - Mauro Fuke, Paisagem, Orla do Guaíba. Fonte: Evelise Both, 2020.

Em sua carreira, Flávio Kiefer também registrou algumas experiências com projetos para artistas, como: o Ateliê das Pedras – projeto de um ateliê para a artista Gisela Waetge – situado na chácara das pedras em Porto Alegre; o ateliê para Michael Chapman – artista inglês, radicado em Rio Grande; e o ateliê de Patricio Farias – pintor chileno – em Viamão; os dois últimos projetos não foram construídos.

### Mauro Fuke e Lia Menna Barreto, o casal de artistas

Mauro Fuke é artista plástico, nascido em Porto Alegre, em 1961, e formado pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Gaúcho, de origem japonesa e consumidor da cultura pop, Bohns (2002) considera que essa miscelânea de procedências e o deslocamento de sua produção do eixo Rio-São Paulo o colocam como um importante representante da arte contemporânea brasileira.

O artista tem na escultura sua principal forma de expressão e na madeira, o material veículo dessa manifestação. O fazer manual é uma característica do seu trabalho, bem como o uso da técnica e do digital como ferramenta de estudo. Filho de japoneses que se dedicavam a processos de carpintaria e tecelagem manual, a habilidade do artista no trato dos materiais tem origem na sua infância (SILVA, 2014, p. 39).

Suas obras constantemente apresentam características de mobilidade por meio de articulações que possibilitam diferentes configurações aos objetos. O artista considera que esses atributos convidam o espectador a interagir com a arte (FUKE, 2016). Essas estruturas articuladas têm suas medidas e dinâmicas de interação definidas por meio do uso da informática e da matemática.

O uso desses instrumentos não está presente somente na criação de esculturas, a concepção de mosaicos em pastilhas – uma arte em duas dimensões – também considera o trabalho em software para criação e detalhamento dos desenhos. Sobre o uso da informática e da matemática em sua trajetória, o artista revela:

Faz alguns anos, tenho me confrontado com dois pólos [sic] aparentemente opostos - ordem e caos; ou mais precisamente rigor e imprevisibilidade. Logo no início da minha trajetória, busquei na matemática um chão firme onde pisar, pois sentia falta de objetividade e rigor no meu trabalho e no cenário artístico. Me incomodavam a

Figura 2 - Mauro Fuke, Painel do Aeroporto Salgado Filho.  
Fonte: Evelise Both, 2020.



falta de parâmetros, o excesso de subjetividade e elementos. Uso a matemática para organizar todos os volumes do meu trabalho, a ponto do projeto ser praticamente uma tabela numérica. [...] A aplicação da matemática me levou a elaborar projetos cada vez mais precisos, usando softwares de modelagem 3D, juntamente com uma execução que sempre envolveu muita artesanaria. (FUKE, 2006).

Mauro Fuke expõe desde a década de 1980, tendo seus trabalhos exibidos em eventos como: Panoramas do Museu de Arte Moderna de São Paulo e da 2ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul, em Porto Alegre no ano de 1999, da qual é bastante conhecida a sua obra *A escada*. Na 5ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul, em 2005, foi um dos artistas convidados pelo curador geral Paulo Sérgio Duarte a conceber uma das quatro obras que seriam distribuídas pela orla do rio Guaíba. O Monumento *Paisagem*, materializado em concreto e granito, está presente até hoje nesse ponto turístico gaúcho.

A presença visual do artista na capital gaúcha é notável já que suas obras estão presentes em diversos espaços públicos. Como no viaduto Ildo Meneghetti (*Iluminuras*, 1999), projeto selecionado por concurso promovido pelo poder público municipal. Além disso, é cartão postal na entrada da cidade pelo Aeroporto Salgado Filho, no mural que representa os pampas gaúchos, feito com pastilhas em tons frios e nas marquises de entrada da Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre. Ambos os projetos foram realizados com diagramação em AutoCad. Além disso, o artista também é autor das Pérgolas Jardim Lutz, localizado em um dos terraços da Casa de Cultura Mario Quintana.

Em 2002 teve uma exposição dedicada a si, fruto de uma parceria entre o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) e o Instituto Tomie Ohtake. No catálogo da exposição Fuke é descrito por Coutinho (2002, p. 13) como referência para a escultura contemporânea nacional, além da menção de Ohtake (2002, p. 15), que ressalta o misto de engenho e leveza de suas obras.

Fuke faz parte da história artística da capital gaúcha com presença em eventos e nas já referidas obras de arte em espaços públicos. Além disso, o artista tem suas obras presentes no acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul e na Pinacoteca Aldo Locateli.

Por outro lado, a artista plástica Lia Menna Barreto embora nascida no Rio de Janeiro



Figura 3 - Lia Menna Barreto, Diário de uma boneca.  
Fonte: Fundação Vera Chaves Barcelos, 2019. Figura 4 - Lia Menna Barreto, sem título. Fonte: Itaú Cultural, 2021.

reside e trabalha no Rio Grande do Sul há algumas décadas. Seu currículo contempla a formação em desenho no Ateliê Livre da Prefeitura de Porto Alegre, bacharelado em desenho pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e formação internacional com bolsa de estudos em São Francisco, nos Estados Unidos.

Desenhista, pintora e escultora, participou de diversas exposições individuais e coletivas no Brasil. Internacionalmente teve seu trabalho exposto em mostras coletivas. Destaca-se sua participação na 6ª Bienal de Havana e na Bienal de Los Angeles, em 1997, além da 1ª e 4ª edições da Bienal de Artes Visuais do Mercosul, em Porto Alegre, nos anos de 1997 e 2003, respectivamente.

Grande parte da sua produção é pautada pela transformação de símbolos da infância e do afeto (LIA, 2021). Assim, em sua obra a artista faz uso de brinquedos infantis, principalmente de bonecas de plástico, mas também de animais de borracha, bichos de pelúcia e flores artificiais. Além disso, se utiliza de materiais como espuma e tecidos, principalmente a seda, nos quais executa processos de bordado, costura, plantio, entre outros.

Nos itens de plástico e borracha a artista trabalha com processos de fusão por calor, queimando-os com ferro de passar. Ao colocar calor em corpos sem vida transforma o que era volume em plano, essa fusão de objetos através do calor é considerada por Gloria (2014) sua marca registrada. Para Corso (2002) Lia Menna Barreto “é uma menina levada que estraga brinquedos. Ela desmonta, derrete, perfura e rasga, mas também é uma mulher prendada que borda, tece, costura e cola”.

Menna Barreto promove uma mudança de significado em objetos industrializados do cotidiano, e conseqüentemente na relação que estabelecemos com eles habitualmente (FERRONY, 2009). Corso (2002) ainda pontua o caráter afetivo dessas operações aparentemente macabras. Segundo Menna Barreto (apud MAGALHÃES, 2011) a proposta é a de trabalhar com simulacros, desestruturando seus significados. A artista afirma para Bernardes:

Eu perverto, sim, o significado das coisas: um brinquedo é um objeto inanimado; eu injeto calor e ele se move, toma vida; eu corto a cabeça dele, e o ar, lá de dentro, é liberado, ganha o espaço [...] perverto o significado da boneca quando a retiro do contexto da infância e a trago para o mundo adulto do artista. (BERNARDES, 2009).



Bohns (2003) considera que essa transposição dos objetos do universo industrial para o universo artístico executada por Menna Barreto coloca a artista no território da criação de linguagens. Território este que o autor considera de fundamental importância para a arte contemporânea, e complementa:

O empreendimento da artista é claro: ela percorre o caminho inverso da fabricação e distribuição de mercadorias banais, e, partindo do material industrial, re-cria [sic] objetos para a pura fruição estética. Em suma, muda o estatuto e subverte a função dos artefatos criados para o agrado fácil e para o comércio em larga escala. Ao libertá-los do destino que lhes era reservado, devolve-lhes a possibilidade de assumirem novos e surpreendentes sentidos. (BOHNS, 2009).

Outra maneira de conferir sentido e vida para estes objetos, escolhida pela artista, é por meio do plantio de vegetação. Requerendo para a obra de arte o cuidado da manutenção, permitindo um processo de afeição do cuidador com a obra viva.

A obras da artista podem ser encontradas nos acervos de museus no Brasil e no exterior, são eles: Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna de São Paulo, Museu de Arte Contemporânea de San Diego, Califórnia e no Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

Juntos, Lia Menna Barreto e Mauro Fuke tem uma marca de acessórios chamada TUN, criada em 2009. Nesse projeto o casal produz acessórios a partir de materiais como a borracha industrial, o látex e a borracha reciclada, que são executados em corte a laser. Os desenhos das peças refletem o trabalho dos autores. Atualmente, o casal de artistas vive e trabalha em sua casa-ateliê em Eldorado do Sul.

### O encargo

Flávio Kiefer e Mauro Fuke registram trabalhos em parceria desde o concurso do *Porto dos Casais* em 1996, nesta experiência Fuke foi responsável pelo 3D, e a proposta recebeu menção honrosa. Além disso, em 1997 participaram do concurso da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA), em que Fuke projetou o revestimento em madeira

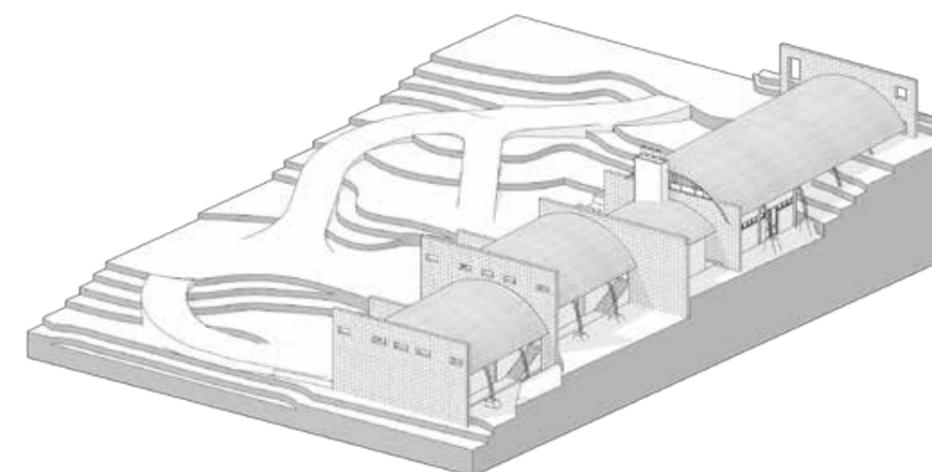
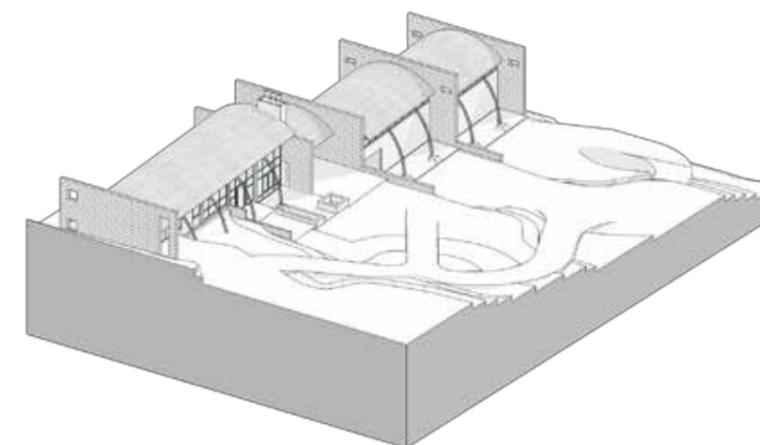
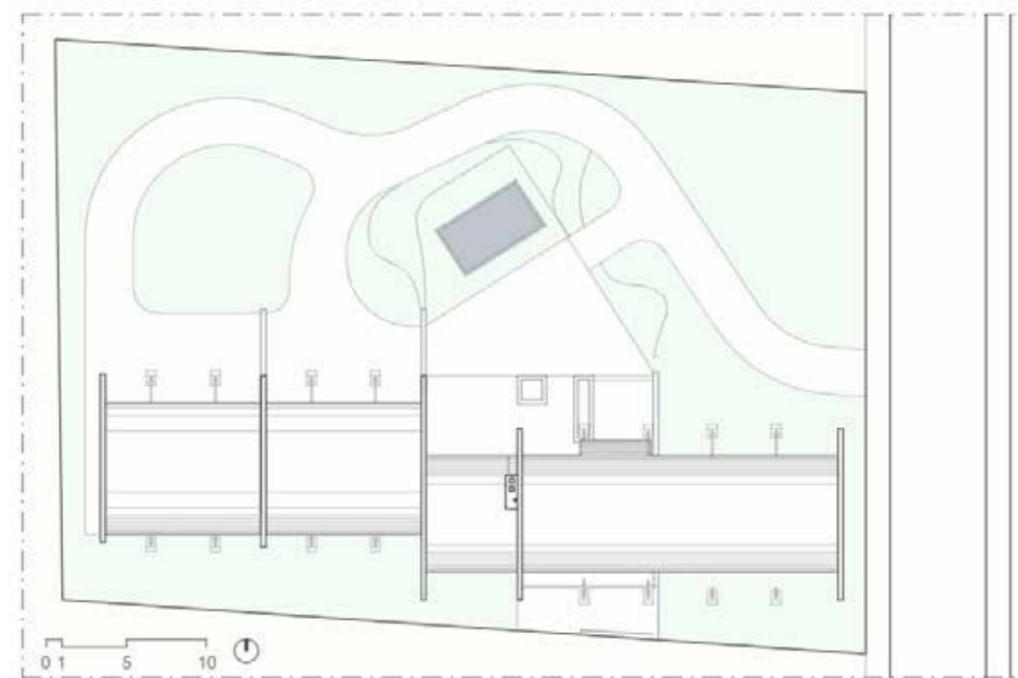


Figura 6 - Implantação. Fonte: Redesenho elaborado por Evelise Both, 2020. Figura 7 - Perspectiva isométrica, orientação leste e norte. Fonte: Redesenho elaborado por Evelise Both, 2020. Figura 8 - Perspectiva isométrica, orientação oeste e sul. Fonte: Redesenho elaborado por Evelise Both, 2020.

da sala de concertos, o projeto ganhou 2º lugar.

Especula-se que o projeto da residência tenha sido encomendado neste período. O programa de necessidades, segundo Kiefer (2020), previa uma casa-ateliê para uma família de três pessoas, e devia compreender dois ateliês para o trabalho artístico, equivalentes em seu espaço de trabalho. Além disso, recursos financeiros escassos adicionaram como requisito a necessidade de construção em etapas (KIEFER, 2005).

### A casa-ateliê

O lote em que a Casa Fuke-Barreto foi construída, encontra-se situado na zona rural do município de Eldorado do Sul, região metropolitana de Porto Alegre. Mesmo fora do perímetro urbano, atualmente percebe-se uma certa urbanização do entorno, como vias asfaltadas e a presença de comércio e serviços. Próximo ao terreno as características são distintas e nota-se a ausência de pavimentação na via, bem como uma ocupação majoritária de chácaras rurais.

Localizado em um miolo de quarteirão, o lote exhibe formato de paralelogramo medindo 36 m por 50 m. Da testada leste, o perfil topográfico cai aproximadamente 8 m em direção ao limite posterior do terreno. O lote oferece boas visuais da paisagem da região em todas as orientações. Havendo baixa ocupação do bairro na época, o entorno pouco influenciou nas soluções de projeto.

A ocupação se desenvolve no sentido longitudinal do terreno. Caracterizado pela projeção da cobertura metálica curva, o perímetro da edificação compreende dois retângulos deslizados entre si, que medem aproximadamente 11 m de largura, e juntos somam quase 46 m de comprimento. Para o arquiteto a preocupação com o clima e o conforto foi fundamental, “o melhor aproveitamento do sol praticamente obrigava a alinhar a casa junto à divisa sul” (KIEFER, 2005). Assim, volume está locado com maior proximidade à esta orientação e vinculado a esta divisa mediante o muro que delimita o pátio de serviços. A organização linear, caracterizada pela sequência de espaços é uma solução que facilita a adaptação à topografia.

Para o arquiteto as principais premissas do projeto eram as condicionantes climáticas do estado: em especial o clima frio e chuvoso. Assim, a prioridade foi criar uma considerável área sombreada e a salvo da umidade. Sobre este cuidado Kiefer comenta: “o desfrute de uma área seca maior que a projeção da casa é muito bom para quem mora no campo e tem que enfrentar um inverno frio e chuvoso como o do sul do Brasil” (KIEFER, 2005).

A partir disto Kiefer revisita soluções utilizadas em outras obras de casas rurais no Rio Grande do Sul, em sua carreira. Da Casa Fortes (1996-97) – transformação de um estábulo em residência –, o arquiteto se apropria da estratégia de uma grande cobertura genérica para abrigar todo o programa. Já da Casa Atelier para Patrício Farias (1994), busca a inspiração na resolução programa híbrido e no partido formal, caracterizado pela expressividade da estrutura da cobertura. Destes projetos, a Casa Fuke-Barreto aproxima-se pela composição de arranjo linear e pela formação de galerias em partes do perímetro<sup>4</sup>.

Evidenciadas todas essas considerações, para o autor da obra a Casa Fuke-Barreto

<sup>4</sup> Kiefer chegou a considerar soluções tidas como mais tradicionais, como o uso da estrutura em eucalipto, que fora proposta na Casa para Patrício Farias (1994).

elementarmente “nasceu de uma ideia de abrigo, como uma grande cobertura acolhendo uma casa e dois ateliês” (KIEFER, 2005). De certo modo, esta ideia de abrigo e a intenção de uma arquitetura acolhedora e introspectiva, correspondem as considerações de Ramil sobre a música regional.

Mahfuz (2005) descreveu o partido como “uma série de muros paralelos de grês<sup>5</sup>, com os espaços entre eles cobertos por coberturas metálicas curvas”. Para o autor do projeto essa solução, comum aos galpões industriais, é justificada por ser uma solução de construção rápida e econômica, além de permitir que a cobertura fosse tida como um abrigo para a execução obra, que deveria ser construída em etapas (KIEFER, 2005). A preocupação com o custo e a implicação formal desta condicionante corrobora o enunciado por Fayet (ARQUITETURA..., 1983), de que o comprometimento com custos embora não seja uma característica formal atingiria a forma.

Para o transeunte, desde a via pode ser observada a empena de grês esburacada e anuncia-se parte da cobertura curva. A partir do interior do lote, chama a atenção a acomodação das partes em patamares. A busca pela adaptação ao terreno também fica evidente na disposição dos planos verticais de grês, acomodados de modo paralelo às curvas de níveis, servindo ao mesmo tempo como arrimo do solo e oitão da cobertura. Destaca-se o equilíbrio resultante na composição, proporcionado pelo contraste entre a verticalidade dos planos de grês e a horizontalidade que caracteriza a forma geral.

Três características podem denunciar a boa arquitetura: a legibilidade da forma, a possibilidade de expansão sem descaracterização do partido e sua adaptabilidade para outros usos. Sobre o conjunto, Mahfuz (2005) destaca sua autenticidade, alegando que “não há qualquer referência a precedentes históricos estrangeiros nem à obviedade da casa tradicional de campo gaúcha”.

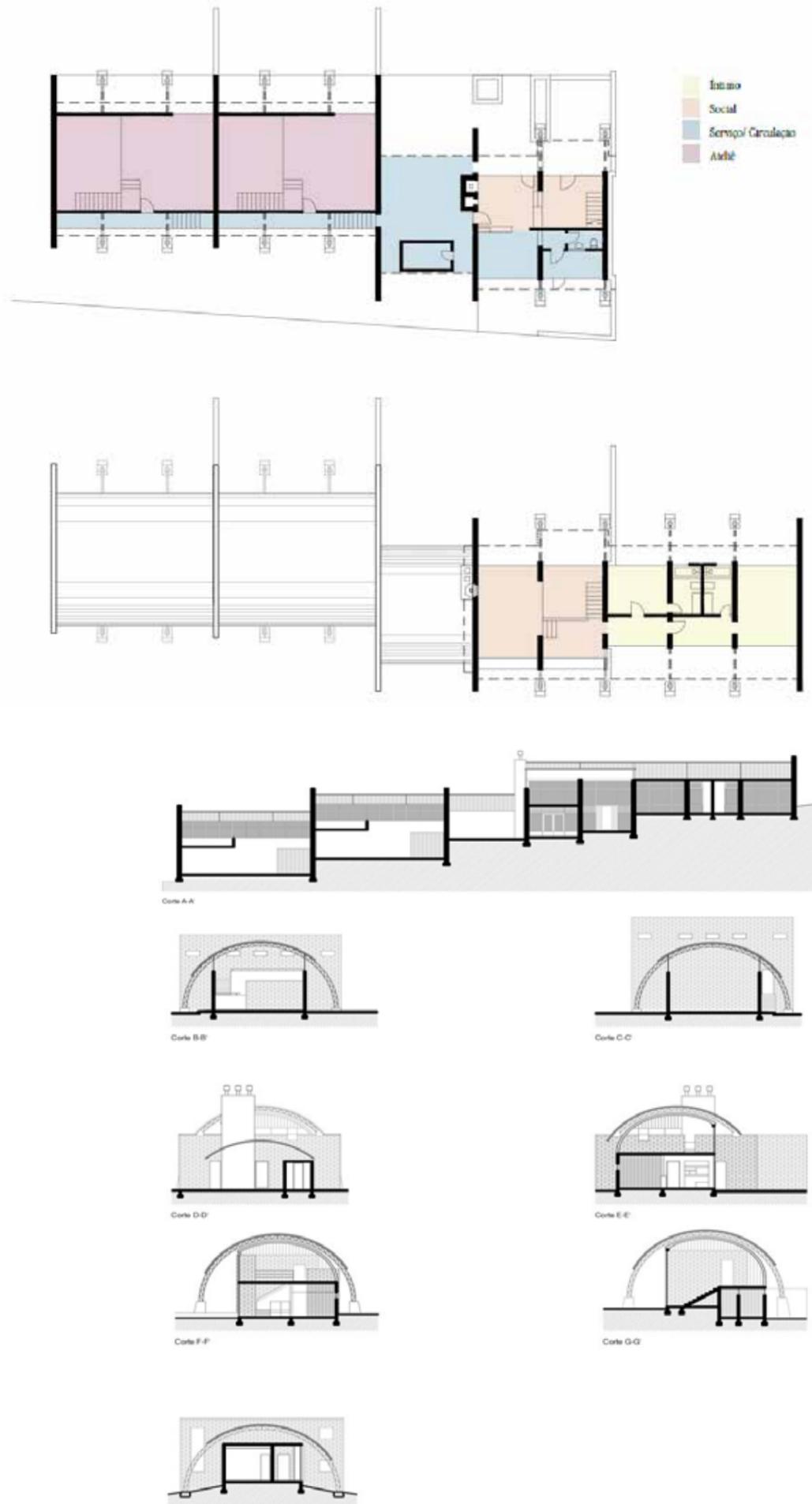
Tal como enunciado por Marques (2012, p. 12) anteriormente sobre a arquitetura produzida no Sul, nota-se que neste caso também o sistema estrutural utilizado é claramente expresso no partido: são nove paredes em grês – material encontrado na margem norte do rio Jacuí (FUKE, 2020) –, cobertas em seus intervalos por cobertura metálica pousada sobre oito arcos treliçados, encerrados em blocos de concreto aparentes. As distâncias entre as paredes de grês medem 4 m na parte residencial, e 10 m nos ateliês. Já as treliças, no setor residencial, se distribuem regularmente a cada 4 m, coincidindo com os planos de grês, e nos ateliês com distâncias que variam entre 3 m a 4 m. A garagem foi propositalmente inserida como um interstício (KIEFER, 2005), em um módulo de 6 m sem arcos<sup>6</sup>. O acesso social é demarcado pelo prolongamento da cobertura metálica e pela área ajardinada.

Funcionalmente o programa está todo acomodando neste volume único. A setorização de moradia e trabalho manifesta-se em planta pelos retângulos deslizados entre si. Formalmente, os planos de alvenaria estruturam o conjunto e definem as zonas de ocupação.

Embora possa ser notada correlação entre estrutura e programa, em decorrência do uso da estrutura metálica, dentro de cada uma das fatias geradas a planta é livre. Assim, devido à maior complexidade programática, nota-se maior compartimentação

<sup>5</sup> Material também conhecido como pedra de arenito.

<sup>6</sup> A edificação pode ser entendida como a soma de quatro partes principais – residência, garagem, ateliê 1 e ateliê 2, volumetricamente manifestadas, pela expressão das alturas da cobertura e pelos proeminentes planos de grês, que segmentam o volume. Além de delimitar os espaços, estes planos coordenam as diferenças entre as seis cotas do plano de base (setor íntimo, social, serviço, garagem, ateliê 1 e ateliê 2) e as três alturas da cobertura curva metálica (residência, garagem e ateliê 1, ateliê 2).



no setor residencial quando comparado aos espaços de trabalho. No intervalo entre treliças, a compartimentação leva em consideração as demandas de cada zona.

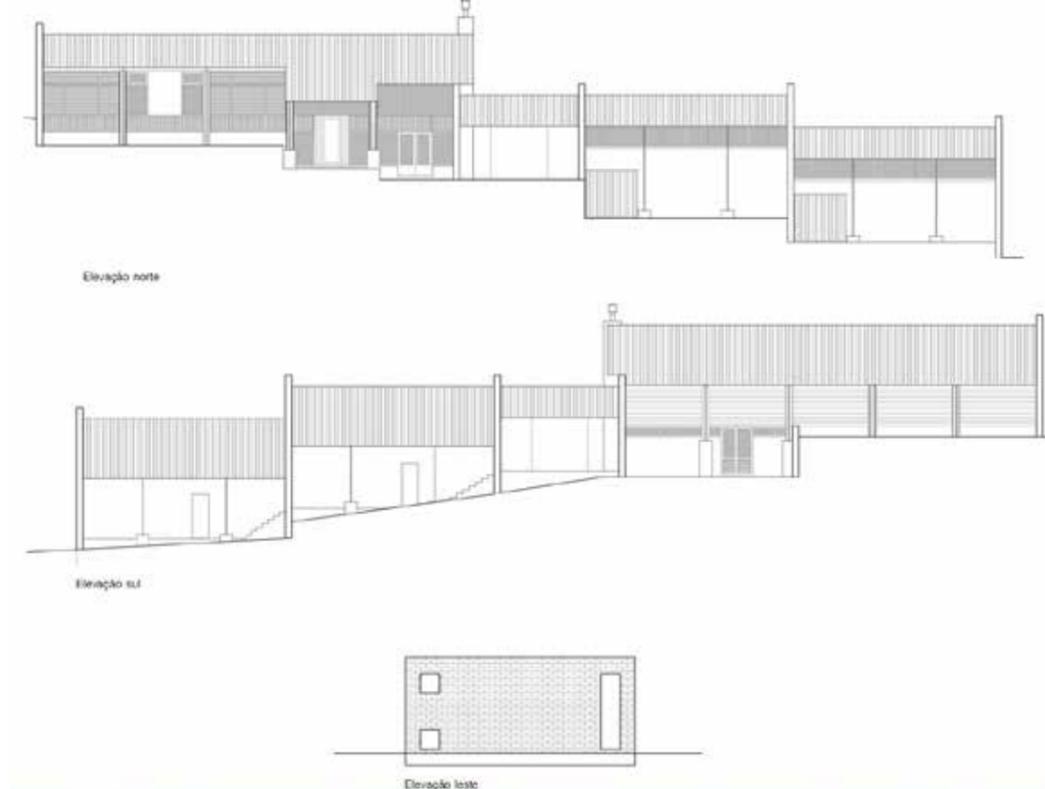
A distribuição dos espaços no setor residencial se dá de modo que no pavimento térreo estejam localizadas as zonas social e de serviço, enquanto no pavimento superior distribuem-se parte do estar e a zona íntima. Em todos setores a circulação é posicionada a sul, solução que corrobora a inserção dos cômodos de uso prologado voltados para a orientação norte.

No pavimento mais alto distribuem-se o estar íntimo e duas suítes, intermediados por um hall. Junto da circulação paredes-armário atravessam todo o setor íntimo, fazem a vedação e contém as janelas. Para o arquiteto estão “sintonizadas com o modo de viver japonês dos donos da casa” (KIEFER, 2005). Dois banheiros compartilham o módulo central entre suítes. O estar superior estende-se entre os limites transversais da edificação, evidenciando a cobertura curva com forro em madeira, e possibilita ao observador a apreciação o pé-direito duplo sobre o estar inferior.

Adjacente aos módulos de moradia, o espaço da garagem coberto e aberto acomoda o depósito, disposto como um volume solto e centralizado, permitindo passagem pelos seus

Figura 12 - Jardim de acesso à residência. Fonte: Revista Mínimo Denominador Comum, 2005, Figura 13 - Vista do acesso para os ateliês, a partir da garagem. Fonte: Revista AU, Figura 14 - Vista da residência para circulação dos ateliês. Fonte: Kiefer Arquitetos, 2020, Figura 15 - Vista da escada de acesso ao ateliê de Mauro Fuke. Fonte: Evelise Both, 2020, Figura 16 - Vista da garagem a partir do acesso ao ateliê. Fonte: Evelise Both, 2020.

Figura 17 - Fachada norte (acima), sul e leste (abaixo). Fonte: Redesenho elaborado por Evelise Both, 2020.



recuos laterais. Atravessando a abertura da garagem, pela parede de grês que separa este ambiente do ateliê de Lia Menna Barreto, circula-se sob a cobertura metálica rumo ao acesso dos ateliês, localizados em patamares distintos. Cada ateliê acomoda um nível de mezanino. A continuidade e a interligação entre os setores são estabelecidas pela porta da sala de jantar voltada para a garagem. Esta abertura é replicada nos planos de grês subsequentes, alinhadamente, até a empena limite do conjunto. Cria-se assim uma perspectiva longitudinal desde o jantar até os ateliês por entre estes recortes e sob os arcos metálicos.

A materialidade se dá a partir da “mistura de sistemas construtivos racionalizados e rústicos” (FIGUROLA, 2005, p. 26). Assim, para estrutura e vedação são utilizadas a pedra grês e a madeira, materiais que usualmente remetem ao aconchego e proporcionam conforto na arquitetura de clima frio. Conforme Fischmann (2017, p. 04) “o tijolo à vista e a madeira são materiais de emprego recorrente na arquitetura residencial gaúcha e numa certa tradição pertencem ao imaginário do caráter doméstico nesta latitude”. Esses materiais contrastam com a frialdade dos materiais metálicos presentes na estrutura e na cobertura, característicos aos pavilhões industriais, como citado pelo arquiteto.

Internamente, as paredes portantes em grês integram a ambientação. Aparecem desnudas destacando o material e o partido adotado. São tomadas como divisórias efetivas que contém o mínimo de aberturas necessárias para possibilitar a comunicação entre os espaços. Já os arcos treliçados, responsáveis pela possibilidade da planta livre, não são evidenciados no interior, mas recebem forros em painéis de madeira que acompanham sua curvatura, tanto na residência como nos ateliês. No setor íntimo da residência utiliza-se laje de forro. As demais compartimentações internas são executadas em alvenaria. O encontro entre vedação e cobertura com frequência é mediado por painéis de vidro.

Externamente, os planos de vedação encontram-se em maior ou menor grau, recuados do limite das paredes de grês, o que destaca as estratégias estruturais utilizadas. Nota-se a similaridade entre as faces opostas. Sendo assim, o tratamento das fachadas norte e sul expressa a setorização da edificação ao demonstrar as diferentes necessidades de iluminação e ventilação destes espaços -, enquanto leste e oeste marcam o



Figura 18 - Vista da orientação leste. Fonte: Kiefer Arquitetos, 2020. Figura 19 - Vista da orientação norte. Fonte: Kiefer Arquitetos, 2020. Figura 20 - Vista da orientação sul. Fonte: Revista Mínimo Denominador Comum, 2005. Figura 21 - Vista da orientação sul. Fonte: Kiefer Arquitetos, 2020. Figura 22 - Inserção da casa na paisagem. Fonte: Kiefer Arquitetos, 2020.

encerramento da composição.

No setor residencial, os fechamentos são tratados como painéis. Assim, ponderando a maior amplitude visual da fachada norte esta recebe painel com estrutura em madeira e vidros, ora fixo, ora móveis. Esse plano incorpora ainda, as portas de acesso no nível térreo e recebe venezianas nos dormitórios, localizados no pavimento superior. É a cobertura metálica prolongada que permite os amplos painéis envidraçados, pois ela protege das intempéries e da exposição demasiada ao sol.

No setor do trabalho artístico as duas fachadas paralelas, norte e sul, têm esquadrias em fita localizadas próximas do teto, que são responsáveis pela transição entre os planos de alvenaria e cobertura, trazendo leveza ao encaixe a partir da transparência do material. A distinção entre as fachadas se dá pela dimensão das portas de acesso, e pelo maior prolongamento da cobertura na face sul – previsto para garantir maior proteção no caminho até os ateliês. As paredes de alvenaria recebem reboco e pintura na cor amarela predominantemente, pontuando-se o uso do verde externamente no ateliê de Mauro Fuke. As fachadas leste e oeste são compostas pelos planos de grês conformados como empenas, que se prolongam com relação aos limites da vedação e cobertura. Na parte superior desses planos – análogas aos recortes utilizados na Casa Orozco e na Villa Le Lac – poéticas aberturas emolduram a paisagem gaúcha.

É notável que com o tempo e o crescimento da vegetação, a casa interage cada vez mais com a paisagem. Tal vegetação cresce sobre as treliças e planos de grês, enquanto mimetiza e funde a intervenção humana no campo.

### Os ateliês

Localizados subsequentes aos espaços residenciais, os ateliês de Lia Menna Barreto e Mauro Fuke estão mais resguardados com relação à testada do lote. A conexão se dá através do espaço aberto e coberto da garagem. Deste nível, cada ateliê desce respectivamente 1,5 m e 3 m.

A partir da via, os ateliês podem ser acessados por veículos de modo independente da casa e entre si, através de um caminho previsto no projeto e da marcação gerada pelos arrimos. Desde o interior da residência, é a partir da garagem que pode ser acessado o corredor que dá acesso aos ateliês. Esta circulação se configura como uma rua interna (KIEFER, 2020)<sup>7</sup>, coberta e aberta que permite atravessar longitudinalmente boa parte da composição.

Os ateliês constituem-se como dois espaços idênticos de 70 m<sup>2</sup> cada, com área de mezanino de aproximadamente 40 m<sup>2</sup>. Sob o vão da escada, um banheiro. No espaço remanescente, há um pé-direito duplo. Somadas, as áreas destinadas aos espaços de trabalho resultam em quase metade da área total da residência.

Especialmente, estes ambientes são amplos galpões de pé-direito duplo com cobertura curva, que pousa sob os rasgos de luz. A forma da cobertura é evidenciada no interior dos espaços, que recebem forro de madeira acompanhando tal curvatura. É através das janelas em fita que a iluminação natural adentra o recinto. Não há janelas no nível do usuário, a conexão do espaço com o exterior provém apenas das portas, o que pode favorecer um ambiente de reclusão e concentração.

<sup>7</sup> Entrevista concedida por KIEFER, Flávio. Conversa com Flávio Kiefer [out. 2020]. Entrevistadora: Evelise Both. Porto Alegre, 2020. 2 arquivos .mp3 (3m28s e 19m18s).



Figura 23 - Vista para o ateliê de Lia Menna Barreto. Fonte: Evelise Both, 2020. Figura 24 - Vista para o ateliê de Mauro Fuke. Fonte: Evelise Both, 2020. Figura 25 - Vista para os ateliês. Fonte: Evelise Both, 2020.

Figura 26 - Ateliê 1, Lia Menna Barreto. Fonte: Kiefer Arquitetos, 2020.  
Figura 27 - Ateliê 2, Mauro Fuke. Fonte: Kiefer Arquitetos, 2020.



Internamente os ateliês diferem com relação à materialidade e ocupação. O ateliê de Lia Menna Barreto quando construído tinha tons mais claros, com paredes brancas, piso cimentado e sua apropriação era mais espaçada, com objetos e mesas de trabalho locados pontualmente. Já o ateliê de Mauro Fuke era caracterizado por materiais mais escuros e robustos. Nas paredes os mesmos tons de verde e amarelo usados nas fachadas repetem-se no interior. O plano de base recebe piso de borracha tipo moeda. Em geral, o ateliê de Mauro apresentava um caráter de oficina, com ferramentas penduradas pelas paredes, bancadas de trabalho sobre cavaletes, e os revestimentos aptos a suportar o trabalho com materiais mais pesados.

As imagens do local anunciam seus usuários e revelam esta apropriação do espaço. Martins (2005, p. 12), quando escreveu sobre a casa alguns anos após sua ocupação advertiu que eram os ateliês os espaços mais usados da casa. São nos relatos sobre o trabalho de Lia Menna Barreto que o espaço do ateliê é mais comumente citado. Em sua análise sobre o projeto *Diário de uma Boneca*, Santos (2019, p.18) destaca a ocupação do espaço pela arte: “as bonecas arranjadas em grupos, por semanas, meses, ocupam o espaço físico do atelier. O atelier torna-se desta maneira habitado”.

Na percepção de Antunes – referindo-se ao trabalho de Mauro – o espaço do ateliê é expandido para o entorno, demonstrando uma visão mais holística que contempla obra arquitetônica e paisagem:

O estúdio funciona como local para organizar idéias [sic] alternando projeções de toda a natureza circundante ao meio ambiente, e o lugar para insights do artista continua sendo o mundo. Na casa que vive consigo fazer uma analogia com seu trabalho, onde pude acompanhar parte do processo de sua construção tomada hoje pela natureza com muitas espécies vegetais agregadas à arquitetura. O terreno que antes era árido tornou-se fértil. (ANTUNES, 1998).



Atualmente, o espaço concebido como ateliê de Lia Menna Barreto abriga o ateliê da marca TUN, enquanto a artista deslocou seu trabalho para outro endereço. Já o ateliê de Mauro Fuke demonstra a passagem do tempo apenas pelo acréscimo de materiais e ferramentas, quase duas décadas depois, segue com caráter muito parecido com a época da construção.

### Considerações finais

Buscou-se no presente artigo, um olhar para as manifestações artísticas e arquitetônicas produzidas no Rio Grande do Sul. Tal exploração tomou como base uma pesquisa sobre casas-ateliê e o estudo de caso da Casa Fuke-Barreto, a partir da qual desdobrou-se uma breve compilação sobre a obra do arquiteto autor do projeto, dos artistas proprietários, e em especial da arquitetura produzida neste processo.

O resultado revela um exercício arquitetônico perspicaz proposto por Kiefer, manifestando uma visão crítica da arquitetura local, no momento em que renuncia a reprodução das casas ditas tradicionais – ao mesmo tempo em que dispõe de soluções rústicas sem inclinar-se à uma caricatura – em busca de uma conexão real e efetiva com o lugar.

A adaptação do projeto ao terreno em busca da mínima intervenção, a apropriação de materiais locais e o protagonismo outorgado a estes, a atenção à complexidade do programa híbrido, a racionalidade da estrutura, a atenção ao modo de construir condicionada pelo proprietário; e a preocupação com as condições climáticas – que perpassaram todos os tópicos anteriores – revelam uma próspera experiência arquitetônica.

A conceito de abrigo idealizado pelo arquiteto revela-se assim como o gênero avaliado por Ramil, como um convite à introversão a partir de uma arquitetura acolhedora e introspectiva. A arquitetura proposta por Kiefer reverbera o proposto por Fayet e Debiagi,

Figura 28 - Ateliê Lia Menna Barreto, atual ateliê da Tun. Fonte: Evelise Both, 2020. Figura 29 - Ateliê Lia Menna Barreto, atual ateliê da Tun. Fonte: Evelise Both, 2020. Figura 30 - Ateliê Mauro Fuke. Fonte: Evelise Both, 2020. Figura 31 - Ateliê Mauro Fuke. Fonte: Evelise Both, 2020.

em uma produção cautelosa e comprometida com os custos. Tal projeto reafirma ainda as características da racionalidade na lógica de projeto proposta por Marques como idiosincrasias do pensamento regional.

Assim, é neste território interseccionado pela tropicalidade e frialidade que ergue-se a Casa Fuke-Barreto, mesclando a frialidade das soluções industriais ao calor e aconchego proporcionados pelos materiais e texturas empregados. A resolução pragmática do ponto de vista construtivo e formalmente discreta outorga ao cenário local o protagonismo ao revelar uma fusão singular entre a arquitetura e a paisagem. Talvez essa experiência possa ser uma das possíveis interpretações, da chamada estética do frio. Parafraseando Jorge Luis Borges<sup>8</sup> sobre seu modo argentino de escrever, está é uma arquitetura que não tenta ser rio-grandense, mas com franqueza o é.

## Referências

- ALMEIDA, José Francisco Alves de. *A especificidade da Arte Pública na 5a. Bienal do Mercosul - Porto Alegre*. 2011. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/55343>. Acesso em: 10 set. 2020.
- ANTUNES, Alexandre. *O afeto que não se encerra em Lia Menna Barreto*. [S. l.], 2010. Disponível em: <https://lia-mennabarreto.blogspot.com/2010/04/texto-de-alexandre-antunes-abril-de.html>. Acesso em: 20 set. 2020.
- ARQUITETURA gaúcha: seis arquitetos falam de sua arquitetura das condições de trabalho... Projeto, São Paulo, n. 50, abr., 1983. Disponível em: <https://revistaprojeto.com.br/acervo/arquitetura-gaucha-seis-arquitetos-falam-de-sua-arquitetura-das-condicoes-de-trabalho/>. Acesso em: 27 mar. 2022.
- BERNARDES, Maria Helena. *Sem título*. [S. l.], 2009. Disponível em: <https://lia-mennabarreto.blogspot.com/2009/03/texto-m-helena.html>. Acesso em: 10 set. 2020.
- BOHNS, Neiva Maria Fonseca. “...dos objetos nascem objetos dos objetos nascem objetos dos ob...”. Porto Alegre: [s. n.], 2003. Disponível em: <https://lia-mennabarreto.blogspot.com/2008/02/neiva-bohns.html>. Acesso em: 10 set. 2020.
- BOHNS, Neiva Maria Fonseca. *Diálogos entre a vontade e a razão: rápido panorama sobre a produção de Mauro Fuke*. [S. l.], 2002. Disponível em: <http://mauro-fuke.blogspot.com/2008/02/neiva-bohns-2002.html>. Acesso em: 10 set. 2020.
- CORSO, Diana. *A infância como matéria-prima: sobre o trabalho da artista plástica Lia Menna Barreto*. Zero Hora, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <http://www.marioedianacorso.com/a-infancia-como-materia-prima>. Acesso em: 10 set. 2020.
- COUTINHO, Fábio Luiz Borgatti. Apresentação da exposição Mauro Fuke. In: *Mauro Fuke* (Catálogo da exposição realizada pelo Museu de Arte do Rio Grande do Sul e Instituto Tomie Ohtake). Porto Alegre/São Paulo: MARGS/ Instituto Tomie Ohtake, 2002.
- ESCRITÓRIO de Arte. *Lia Menna Barreto*. São Paulo: [s. n.], [s. d.] Disponível em: <https://www.escrioriodearte.com/artista/lia-menna-barreto>. Acesso em: 10 set. 2020.
- FERRONY, Maria Cristina. *Da transvaloração, das hecceidades, do simulacro, do humor, do devir-criança*. 2009. Disponível em: [https://lia-mennabarreto.blogspot.com/2008/12/blog-post\\_11.html](https://lia-mennabarreto.blogspot.com/2008/12/blog-post_11.html). Acesso em: 10 set. 2020.
- FIGUROLA, Valentina. De pedra e metal. *Revista AU - Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, ano 20, n. 136, p. 26–33, jul. 2005.
- FUKE, Mauro. *Rigor e Imprevisibilidade*. [S. l.], 2006. Disponível em: <http://mauro-fuke.blogspot.com/2008/02/mauro-fuke-2006.html>. Acesso em: 20 set. 2020.
- GLORIA, Rafael. *A arte em bordados de Lia Menna Barreto*. [S. l.], 2014. Disponível em: <https://lia-mennabarreto.blogspot.com/2014/03/bordados-2014.html>. Acesso em: 10 set. 2020.
- LIA Menna Barreto. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10795/lia-menna-barreto>. Verbete da Enciclopédia. Acesso em: 10 set. 2020.
- KIEFER, Flávio. Casa Fuke em Eldorado. *Arquitextos*, São Paulo, v. 06, n. 067.07, dez. 2005. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.067/401>. Acesso em: 08 set. 2020.
- KIEFER, Flávio. *Conversa com Flávio Kiefer* [out. 2020]. Entrevistadora: Evelise Both. Porto Alegre, 2020. 2 arquivos .mp3 (3m28s e 19m18s).
- MAGALHÃES, Helcio. *Lia Menna Barreto: instalações e objetos 2001-2011*. São Paulo: Galeria Tomas Cohn, 2011. Texto para a exposição Instalações e Objetos 2001-2011. [S. l.: s. n.]. Disponível em: <https://lia-mennabarreto.blogspot.com/2011/10/texto-de-helcio-magalhaes.html>. Acesso em: 20 set. 2020.
- MAHFUZ, Edson da. Casa Fuke. *MDC: Mínimo Denominador Comum*, Belo Horizonte/ Brasília, mar. 2005. Disponível em: <https://mdc.arq.br/2012/03/18/casa-fuke/>. Acesso em: 08 set. 2020.
- MARQUES, Sergio M. *Fayet, Araújo & Moojen: Arquitetura Moderna Brasileira no Sul*. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2012.
- MARTINS, Rosele. *Releitura campestre*. Zero Hora. Caderno Casa & Cia., Porto Alegre, 2005, p. 10–13.
- MAURO Fuke. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9932/mauro-fuke>. Acesso em: 11 de Jan. 2021. Verbete da Enciclopédia.
- MEET Joe TV. *Mauro Fuke*. 2016. (1m16s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Fs8tEHkOCAY&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=Fs8tEHkOCAY&feature=emb_logo). Acesso em: 08 set. 2020.
- MONACHESI, Juliana. *Lia Menna Barreto faz sinergia de arte e vida*. Folha de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1003200032.htm>. Acesso em: 10 set. 2020.
- OHTAKE, Ricardo. Apresentação da exposição Mauro Fuke. In: *Mauro Fuke* (Catálogo da exposição realizada pelo Museu de Arte do Rio Grande do Sul e Instituto Tomie Ohtake). Porto Alegre/São Paulo: MARGS/ Instituto Tomie Ohtake, 2002.

<sup>8</sup> “Em uma entrevista, Borges declarou que não necessitava tentar ser argentino ao escrever, porque já era; se tentasse, soaria artificial.” (RAMIL, 2009, p. 14).

FISCHMANN, Daniel Pitta. Herança brutalista – A casa do arquiteto Edenor Buchholz em Porto Alegre. *Arqtextos*, São Paulo, v. 18, p. 04, jul. 2017. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.206/6631>. Acesso em: 28 mar. 2022.

RAMIL, Vitor. *A estética do frio*. Pelotas: Satolep Livros, 2009.

SANTOS, Maria Ivone dos. Efemérides de Lia: engendramento de um calendário afetivo. In: RITTER, Constança [et al] (Org.). *Diário de uma boneca*. Viamão: Fundação Vera Chaves Barcellos; Porto Alegre: Libretos, 2019. p. 16–19. Disponível em: <https://lia-mennabarreto.blogspot.com/2008/02/maria-ivone-1998-2.html>. Acesso em: 10 set. 2020.

SERAPIÃO, Fernando. *Arte negociada*. Projeto Design, São Paulo, n. 297, p. 72–75, nov. 2007. Disponível em: <https://revistaprojeto.com.br/acervo/artigo-arte-negociada-01-05-2007/>. Acesso em: 15 set. 2020.

SILVA, Diogo Perin da. *Publicação digital para apreciação de arte*. Trabalho de Conclusão de Curso (Design Visual) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/116089>. Acesso em: 10 out. 2020.

# DA METRÓPOLE PAULISTA AO SUL DO SUL

## Um olhar para a arquitetura moderna a partir das casas Benedito Levi e Edyr Lima

*FROM THE SOUTH OF SOUTH TO THE SOUTH OF SOUTH*  
*A look at modern architecture*  
*from the houses Benedito Levi and Edyr Lima*

Ana Elisa Souto<sup>1</sup>, Renata Zampieri<sup>2</sup> e Laline Cenci<sup>3</sup>

### Resumo

O artigo apresenta e analisa a casa Edyr Lima, passa pela investigação da casa Benedito Levi e culmina com a reflexão comparativa entre exemplar e precedente. O trabalho relaciona a definição de habitar de Juhani Pallasmaa verificando como a estética do frio se manifesta na casa Edyr. O texto pretende colaborar para a divulgação da arquitetura moderna ao sul do sul, alimentar criticamente a trajetória da arquitetura local, além de permitir um olhar para esta arquitetura junto da produção de mais alta qualidade no país produzida por Artigas. O estudo é resultado de pesquisa desenvolvida pelo Laboratório de Investigação Projetual (L.I.P) da UFSM/CS. A metodologia dialoga com autores como Gastón e Rovira (2007) e Melo (2019) resultando em uma proposta que não é apenas descritiva, mas também crítica. Na casa Edyr, a modernidade está associada a um repertório de elementos de composição que agrega e preserva hábitos da região sul.

Palavras-chave: arquitetura moderna, casa Benedito Levi, casa Edyr Lima, documentação, investigação projetual.

### Abstract

*The article presents and analyzes the Edyr Lima house, goes through the investigation of the Benedito Levi house and culminates with the comparative reflection between exemplary and precedent. The work relates Juhani Pallasmaa's definition of dwelling, verifying how the aesthetics of the cold are manifested in the Edyr house. The work intends to collaborate for the dissemination of modern architecture to the south of the south, critically feed the trajectory of local architecture, in addition to allowing a look at this architecture along with the highest quality production in the country, produced by Artigas. The study is the result of research developed by the Laboratory of Project Investigation (L.I.P) of UFSM/CS. The methodology dialogues with authors such as Gastón and Rovira (2007) and Melo (2019) resulting in a proposal that is not only descriptive, but also critical. At the Edyr house, modernity is associated with a repertoire of compositional elements that aggregates and preserves habits of the southern region.*

*Keywords: modern architecture, Benedito Levi house, Edyr Lima house, documentation,*

1 Doutora em Arquitetura pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura (UFRGS/PROPAR,2010). Mestre em Tecnologia da Construção e Urbanização UFRGS/POPAP (2002) e Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura do Rio Grande do Sul (1998). E-mail: ana.souto@ufsm.br.

2 Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Arquitetura (UFRGS/PROPAR). Mestre em Arquitetura Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011). Arquiteta e Urbanista Universidade Federal de Santa Maria (2008). E-mail: renata.zampieri@ufsm.br.

3 Doutora em Arquitetura e Urbanismo também pela Universidad del Bio-Bio (2015), Chile e reconhecido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. Diplomados em Vivendas Sustentáveis (2009), Edifícios Sustentáveis(2010) pela Universidad del Bío-Bío, Chile. Arquiteta e Urbanismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2008). E-mail: laline.cenci@ufsm.br.

*project investigation.*

### Introdução

O artigo apresenta e analisa a casa Edyr Lima, projeto do arquiteto Flávio Figueira Soares, de 1958, localizado em local privilegiado na rua Conde de Porto Alegre número 1346 em um lote de esquina na cidade de Cachoeira do Sul. A seguir, a casa Benedito Levi, projetada por Vilanova Artigas, em endereço nobre na rua Áustria número 141, em São Paulo, no ano de 1944 é investigada e analisada e o trabalho culmina com reflexão comparativa entre exemplar e precedente. O texto apresentado discute o uso de soluções exemplares como critério de projeto e relaciona a definição de habitar de Juhani Pallasmaa verificando como ocorre a apropriação do repertório moderno e a identidade do sul, ou seja como a estética do frio se manifesta na residência gaúcha. O trabalho pretende colaborar para a divulgação da arquitetura moderna ao sul do sul, alimentar criticamente a trajetória da arquitetura local, além de permitir um olhar para esta arquitetura junto da produção de mais alta qualidade no país produzida por Vilanova Artigas.

O estudo é resultado de pesquisa desenvolvida desde 2020, pelo Laboratório de Investigação Projetual (L.I.P) do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Maria, no campus de Cachoeira do Sul. A pesquisa tem como objetivo investigar e documentar o habitar moderno residencial unifamiliar presente na cidade. Objetiva-se também contribuir com a identificação e documentação do patrimônio residencial unifamiliar moderno presente na cidade de Cachoeira do Sul, nas décadas de 1950 a 1970. Justifica-se publicar parte do resultado inicial da pesquisa, por reconhecer a importância da preservação e documentação do patrimônio do Movimento Moderno na formação histórica e arquitetônica da cidade de Cachoeira do Sul. A divulgação desta obra inédita contribuirá com o debate em nível nacional das soluções projetuais e construtivas dos projetos residenciais unifamiliares modernos presentes no sul do país. É possível também, como propõe Vitor Ramil (2017), estabelecer uma aproximação com a estética do frio que está ligada as particularidades do clima e da paisagem que tanto diferenciam a região sul do restante do país. Afinal somos subtropicais em um país tropical.

O artigo também apresenta e divulga através do projeto da casa Edyr Lima, a trajetória pessoal e profissional do arquiteto gaúcho Flávio Figueira Soares que desempenhou um papel muito importante, ao convencer o então cliente sobre a pertinência e adequação de realizar um projeto moderno residencial na cidade de Cachoeira do Sul. Em entrevista realizada em junho de 2021, o arquiteto comentou que é responsável por vários projetos residenciais na cidade no mesmo período. A pesquisa objetiva realizar o levantamento e análise desses projetos. Em 09 de setembro de 2009, Flávio recebeu o troféu Câmara de Porto Alegre em função dos inúmeros serviços prestados à comunidade local. Foi responsável por projetos residenciais unifamiliares, edificações comerciais, clubes e instituições de ensino, mas sua ampla atuação profissional ainda não tem o merecido destaque e reconhecimento pela historiografia moderna (L.I.P,2020).

Para ZEIN (1985), o projeto da casa é o grande laboratório do arquiteto. As casas servem tanto como exercício em pequena escala como têm um caráter experimental para projetos mais complexos, permitindo ao arquiteto avaliar hipóteses e testar sua utopia. No projeto residencial o arquiteto pode experimentar e testar soluções que sintetizam conceitos, valores que alicerçam a produção individual de cada profissional. Segundo SOUTO, ZAMPIERI e CENCI (2021), tema recorrente da arquitetura, as casas, dada a complexidade dos problemas relativos à sua preservação, não têm recebido a mesma

atenção por parte dos órgãos do patrimônio, tampouco são compreendidas pelos usuários, proprietários e muito menos pelo mercado imobiliário como um bem artístico-cultural. Com isso, estudos como este tornam-se de fundamental importância, uma vez que registram a pertinência de exemplares de qualidade arquitetônica e lançam luz a reflexões sobre sua preservação, seja do objeto em si, seja de sua memória.

De acordo com Zein (1985), por terem um programa simples, mas que diferem geograficamente, por comparecerem em todas as regiões, em ambientes rurais e urbanos, por serem feitas por arquitetos novos e experientes, as casas podem oferecer, num dado momento, a uma ampla visão de a quantas anda a nossa arquitetura, ou melhor, por onde estão a florescer as suas raízes. Apesar das diferenças culturais e contextos regionais existe uma diversidade que não é apenas de materiais e técnicas, mas de diferentes ênfases: nos aspectos sociais e urbanos, na expressividade estética, na atualidade semântica e na adequação ambiental. Apesar das grandes diferenças regionais, contata-se os rasgos comuns da arquitetura moderna brasileira.

A relevância da arquitetura moderna na produção arquitetônica brasileira é notável. É esta arquitetura que está presente nas mais importantes cidades brasileiras nos seus períodos de prosperidade econômica, e de conseqüente expansão urbana e expressiva produção da construção civil, a partir de meados do Século XX. Por esta razão, em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre, é notável a importância da arquitetura moderna na paisagem urbana das regiões centrais e, principalmente, nos bairros urbanizados a partir da década de 1950. A produção moderna, no entanto, não ficou restrita apenas aos grandes centros. É claro que com algum distanciamento temporal, proporcional ao distanciamento geográfico, a linguagem moderna foi contagiando também a produção em cidades de pequeno e médio porte, e mais afastadas dos principais centros urbanos.

Para Marques (2012), o modo de fazer Arquitetura Moderna no Rio Grande do Sul revestiu-se de outros atributos e processos, menos condicionados pelas particularidades estéticas desenvolvidas no Rio de Janeiro e São Paulo, que constituíram apropriações peculiares no Movimento Moderno, o bastante para formação de escolas filiadoras. Marques declara:

A ideia de arquitetura moderna gaúcha não encontrou eco em termos de sistemas compositivos e elementos formais próprios suficientes para sustentação de escola arquitetônica regional irradiadora, nem corpo disciplinar hereditário que fizesse jus à identidade formal distinta da Arquitetura Moderna Brasileira consagrada (MARQUES, 2012, p.11).

As maneiras de concepção da Arquitetura Moderna, em especial da disseminada de maneira recorrente nos anos 1950, baseadas, segundo Piñón (2006), em firmes princípios estéticos de concepção como construção, abstração, universalidade e forma consistente a partir de uma ideia de ordem, manifestaram-se no sul do Rio Grande do Sul. De encontro a esse pensamento Marques reitera:

No Sul do Brasil, o racionalismo tectônico decorrente da maneira de armar a concepção arquitetônica, em que o sistema estrutural e processo construtivo nascem indissociados enquanto lógica de projeto e organização espacial, conjugados a preceitos de economia, frugalidade e sentido comum no atendimento ao programa, arroga um dos meios idiossincráticos do pensamento arquitetônico regional (MARQUES, 2012, p.12).

Para Marques (2012), o sentido universal desta arquitetura, portanto, deteve-se muito mais ao plano formal, no sentido de ordem e controle compositivo, bem como ao domínio de princípios tectônicos associados à concepção, com certo rigor, muitas vezes confundido com acanhamento em relação aos antecedentes cariocas e paralelos paulistas. As relações de influências diretas, indiretas e paralelismos entre a Arquitetura Moderna no Sul do Brasil e a arquitetura referencial produzida no Rio de Janeiro, nos anos 1930-1960, e em São Paulo, a partir dos anos 1950, têm sido interpretadas de maneira diversa, tanto desde o ponto de vista de seus agentes e protagonistas, como pela crítica posterior e olhar historiográfico de estudiosos de diversos campos.

Ao analisarmos o retrospecto da arquitetura moderna em Porto Alegre, constataremos a ausência de obras significativas dentro do panorama internacional, como o Ministério da Educação e Saúde, o conjunto habitacional do Pedregulho, o Parque Guinle, entre tantas outras do Rio de Janeiro; o Parque Ibirapuera, em São Paulo, e o conjunto de obras locais que, observado de forma mais apurada, revelará a eficiência deste modo projetual modernista, resultante de um repertório de elementos de arquitetura sucinto, porém flexível, e uma sintaxe precisa (LUCCAS, 2016).

Para Luccas (2016), persistiu o projetar adotando soluções exemplares como modelo figurativo, conjugado com o abstrair, dois elementos presentes em diferentes proporções. “Enfim, não se pode negar que em parte da arquitetura identificada como moderna prevaleceu o reproduzir formas, para não dizer imitar ao construí-las” (LUCCAS, 2016, p.01). O autor afirma que ao final da década de quarenta, algumas obras prenunciavam a tendência corbusiana dos anos cinquenta. A modernidade local apresentou dois vetores preponderantes. No primeiro, as soluções cartesianas, a ênfase racional, utilizaram-se de dimensões, proporções e alternativas de elementos *standard* para particularizar as obras. No segundo, criativo, a ausência de sistemas ou regras formais e a eleição de formas inéditas originaram obras de exceção. Ao final dos anos cinquenta percebe-se a substituição da matriz corbusiana vigente pela influência de Mies van der Rohe em Porto Alegre.

O artigo aqui apresentado aborda uma reflexão sobre o impacto da arquitetura moderna também em cidades menores e fora dos grandes eixos de desenvolvimento do Brasil, como é o caso da cidade de Cachoeira do Sul, localizada na região central do Estado do Rio Grande do Sul, a 200 km de Porto Alegre. Para tanto, se propõe à análise de uma residência importante para o contexto da modernidade da arquitetura do município, a Residência Edyr de Lima, projetada pelo arquiteto Flávio Figueira Soares, em meados da década de 1950, e que é inaugural na cidade (L.I.P, 2020).

É proposto ainda um olhar desta arquitetura produzida no interior do Rio Grande do Sul sob a ótica da análise de um precedente de um dos maiores arquitetos brasileiros, a Residência Benedito Levi, de João Batista Vilanova Artigas. Esta pretende não apenas verificar as relações entre ambas, mas também permitir uma visão atenta a uma produção de relevância na cultura arquitetônica brasileira, entendendo-a como parte do arcabouço de bagagem arquitetônica dos profissionais do período.

A pesquisa utiliza uma linha de trabalho que dialoga com autores como Rovira e Gáston (2007), Vázquez Ramos (2016) e Melo (2019), resultando em uma proposta metodológica que não é apenas descritiva, mas também crítica agregando informações primordiais para a apreensão e compreensão das edificações e relacionando com seus distintos condicionantes. Segundo Melo (2019, p.02): “uma metodologia analítica dos objetos arquitetônicos objetiva contribuir para a qualidade das investigações considerando o maior número possível de reflexões observando o sistema que circundou a obra e a tornou ser o que é.”

A edificação é o foco da metodologia, isto é, um bem imóvel, possuidor de valores culturais, históricos, arquitetônicos, construtivos, espaciais, formais, funcionais e que sofre desgastes. O edifício é a fonte primária da pesquisa, um documento construído. Também constituem fontes primárias os desenhos, esboços, memoriais, os depoimentos, observações dos usuários e até a escrituração. São fontes secundárias, os textos de referência e os ensaios críticos e históricos. (MELO,2019).

Segundo essas premissas, na pesquisa em desenvolvimento, o edifício é um documento, e que, portanto, a metodologia de enfoque arquitetônico e visual através da coleta de imagens, desenhos e fotografias tem uma importância fundamental. A investigação também considera outras dimensões como a normativa, a dimensão histórica, a dimensão espacial, tectônica, funcional e formal.

Segundo Melo (2019), o reconhecimento é parte essencial da conservação do patrimônio cultural, principalmente nos tempos atuais, onde se observa o grande risco de desaparecimento desses bens culturais pela simples ausência de registro e consequente reconhecimento. A realização de análises arquitetônicas acadêmicas tem colaborado com a alimentação de inventários do acervo patrimonial moderno.

A análise espacial da obra apoia-se em metodologia desenvolvida por Gastón e Rovira (2007), que elaboram um guia básico de investigação sobre o projeto de arquitetura cujo objetivo é facilitar a análise crítica e arquitetônica. O estudo gráfico projetual é realizado através de fotografias da obra, levantamento do material de projeto, como plantas, cortes, fachadas e construções tridimensionais, que permitem a melhor compreensão do objetivo em estudo.

A residência cachoeirense foi redesenhada a partir de desenhos do projeto original, contidos no arquivo pessoal do Arquiteto Augusto de Lima, o qual foi contratado para uma reforma, posteriormente, e realizou levantamento da condição inicial da residência. A residência paulista foi possível de ser redesenhada a partir do material gráfico disponível no site oficial de Vilanova Artigas, o qual conta com material ricamente organizado sobre a produção do arquiteto.

O redesenho promove uma experiência de projeto, análoga à do projetista original. Mais do que uma prática de pesquisa histórica, o redesenho não objetiva uma mera reprodução e documentação, mas se transforma em uma técnica de transmissão de conhecimento, na qual se aprende fazendo. Uma prática de fundamental importância para os discentes envolvidos na investigação. Segundo Vázquez Ramos (2016), redesenhar pode ser em si uma metodologia de pesquisa que, além de fornecer dados sobre a obra, nos instrua sobre o processo de projeto que a originou, usando da própria prática de projeto para investigar a estrutura compositiva da obra. Assim as técnicas empregadas são múltiplas, mas devem ser conduzidas conceitualmente segundo o pressuposto de que o redesenho é a chave interpretativa mais eficiente para entender a arquitetura.

### **Arquitetura versus lar por Juhani Pallasmaa**

A residência unifamiliar é um dos bens mais caros a seus proprietários, uma vez que envolve vários conceitos e o que pretende ser insinuado a partir da casa. Sendo assim, o arquiteto, ao projetar uma residência, se depara com o grande desafio de sintetizar as expectativas e normativas impostas pelo cliente. Para Pallasmaa:

A casa é um cenário concreto, íntimo e único da vida de cada um, enquanto uma noção mais ampla de arquitetura implica

necessariamente generalização, distanciamento e abstração. O ato de habitar revela as origens ontológicas da arquitetura, lida com as dimensões primordiais de habitar o espaço e o tempo, ao mesmo tempo em que transforma um espaço sem significado em um espaço especial, um lugar e, eventualmente, o domicílio de uma pessoa (PALLASMAA, 2017, p. 7).

O ato de habitar é o modo básico de alguém se relacionar com o mundo. É fundamentalmente um intercâmbio e uma extensão, por um lado, o habitante se acomoda no espaço e o espaço se acomoda na consciência do habitante, por outro lado esse lugar se converte em uma exteriorização e uma extensão de seu ser, tanto do ponto de vista físico, quanto mental (PALLASMAA, 2017).

Juhani Pallasmaa, arquiteto com prática profissional que adota como ponto de partida o estudo da obra de Alvar Aalto e das teorias de Christian Norberg-Schulz, expõe a necessidade de uma arquitetura mais humana, relacionada com todos os sentidos, e não meramente visual. Para Pallasmaa, a arquitetura do século XXI somente pode reformular-se a partir de uma recuperação dos valores éticos e humanistas. Pallasmaa condena a arquitetura pós-moderna por ser regressiva, com valores individuais e sensitivos (MONTANER, 2015).

A leitura aqui proposta pretende demonstrar como a qualificação de determinados aspectos arquitetônicos torna as análises não apenas registros da história, mas construtos culturais de uma ligação entre o passado e o presente. Segundo Pallasmaa:

As cidades e edificações antigas são confortáveis e estimulantes, pois nos situam no contínuo temporal. São museus benevolentes do tempo, que registram, armazenam e mostram traços temporais diferentes de nossa atual noção de tempo, nervosa, apressada e plana. Elas projetam um tempo lento, consistente e tátil. A modernidade se comprometeu prioritariamente com o espaço e a forma, enquanto o tempo, uma qualidade essencial de nossa existência foi negligenciado (PALLASMAA, 2017, p. 9).

Arquitetos estão preocupados em projetar edificações como manifestações filosóficas de espaço, estrutura e ordem, mas parecem incapazes de lidar com os aspectos mais sutis, emocionais e difusos do lar. O que interessa ao usuário é que uma habitação seja capaz de lhe proporcionar um domicílio. Essa residência possui sua própria psique e alma, além de suas qualidades formais e quantificáveis. O lar é uma moradia individualizada, e o significado dessa sutil personalização parece ficar de fora de nosso conceito de arquitetura. Uma casa é o invólucro, a casca de um lar. O lar é a expressão da personalidade do morador e de seus padrões de vida únicos (PALLASMAA,2017).

A vila Mairea (1937-39) de Alvar Aalto representa uma fusão entre as dimensões arquitetônicas da casa e as dimensões pessoais e privadas da vida. O projeto é o resultado de uma amizade entre arquiteto e o cliente, um colecionador de arte. Segundo Pallasmaa (2017), a vila é ao mesmo tempo arcaica e moderna, rústica e elegante, regional e universal. Com seu imaginário vasto, o lar proporciona um amplo terreno para o apelo psíquico individual.

O arquiteto projetou uma sala de 250m<sup>2</sup> para diversas finalidades com paredes móveis para que a flexibilidade espacial fosse total. Com o objetivo de promover a fácil variação dos trabalhos em exposição, assim como a disponibilidade para manipular a organização interna da casa, Aalto sugeriu a utilização de paredes flexíveis que poderiam ser dispostas de diferentes formas. As paredes tinham uma dupla função de

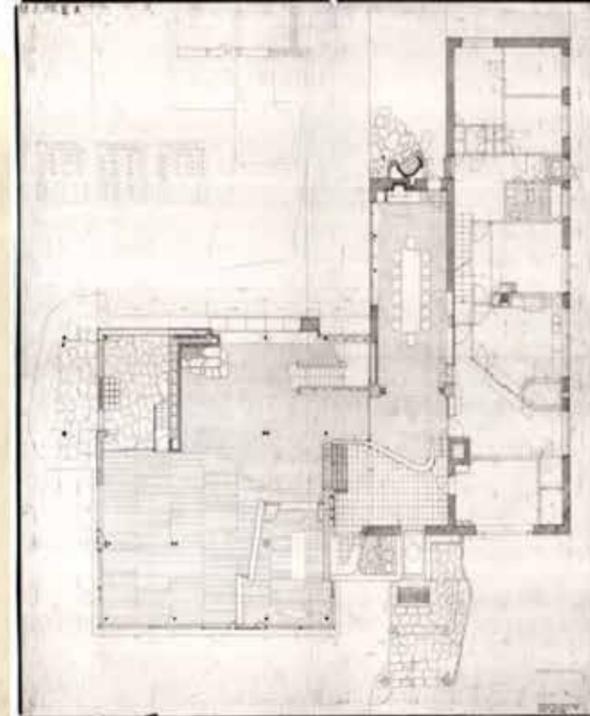


Figura 1 - Vila Mairea, 1937-39, Alvar Aalto, Finlândia, Noormarkku. Fonte: <https://www.alvaraalto.fi/en/architecture/villa-mairea/>. Figura 2 - Flávio Figueira Soares (1931-), Porto Alegre, 2021. Fonte: Registro fotográfico realizado em entrevista concedida ao L.I.P, junho de 2021.

fechamento e painel expositivo o que permitia o ajuste permanente da coleção exposta e ou armazenada (MARQUES,2021).

É possível observar a intenção de incorporar o espaço de exposição no interior da casa em continuidade ao hall. A relação com o exterior revela-se uma preocupação persistente, tendo em conta o espaço intermediário dedicado ao hall e as escadas, um primeiro indicador das intenções do projeto (Figura 1).

A concepção final da Villa Mairea incorpora na sua expressão formal a resolução dos problemas apontados e questionados no curso do processo projetual: o encontro das paredes-estantes da galeria com o teto faz-se através de uma faixa ondulada, permitindo a passagem de luz, deixando entender a continuidade de todo o espaço através da leitura do teto comum; relativamente às escadas, para além de assumirem uma posição privilegiada em relação ao jardim, compõem-se por perfis em madeira numa alusão à paisagem natural envolvente (MARQUES,2021).

O projeto sintetiza os anseios e necessidades do cliente promovendo uma arquitetura mais humana, compatível com todos os sentidos e não meramente visual. A definição da materialidade se relaciona diretamente ao entorno e a paisagem circulante criando uma relação dialética entre interior e exterior. Montaner (2015), afirma que cada obra apresenta uma missão ideológica, e a arquitetura que elas sustentam o expressa sempre com clareza.

Para Pallasmaa (2017), uma concepção completa de lar consiste em três tipos de elementos mentais ou simbólicos. Primeiramente, os elementos fundamentais em um nível biocultural profundo e inconsciente (entrada, cobertura e lareira); os elementos relacionados com a vida pessoal e a identidade do habitante (objetos de valor sentimental, pertences, objetos herdados da família); e por fim, os símbolos sociais com objetivo de passar certa imagem ou mensagem às pessoas de fora (os símbolos de riqueza, educação, identidade social etc).

A estrutura do lar como instituição vivida diferencia-se dos princípios da arquitetura. O arquiteto projeta uma casa como um sistema de hierarquias espaciais e dinâmicas de estrutura, luz, cor e assim por diante, enquanto um lar se estrutura ao redor de poucos centros que consistem em funções e objetos domésticos distintos. Cada um desses ingredientes forma a base para a inspiração e o exame fenomenológico individual. Segundo o autor:

Os seguintes tipos de imagens podem funcionar como focos de comportamento e simbolismo: frente da casa, jardim frontal, fachada, contexto imediato, entrada, janelas, mobiliário, e objetos de valor sentimental. (PALLASMAA, 2017, p.29).

A região que abrange a fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai e a Argentina é bem peculiar. Nela, se mesclam a formação histórica e geográfica, a constituição social, idiomas, literaturas, costumes de três países. Ressalta-se a importância do estudo nessa região, eles para repensar o passado e projetar o futuro. Nos anos 1950, a linguagem moderna foi adotada pela sociedade brasileira como um estilo pelas classes mais favorecidas como signo de *status*, e assumida pela classe média como paradigma estético, apesar das diferenças regionais.

### O exemplar do sul do sul: a residência Edyr Lima

A residência Edyr Lima foi projetada pelo arquiteto gaúcho Flávio Figueira Soares, em 1958, que é responsável por outras obras modernas na cidade (Figura 2). Este, nasceu em 18 de abril de 1931, em Santiago, no Rio Grande do Sul. Viveu sua infância na cidade de Cachoeira do Sul e em 1944 mudou-se para Porto Alegre, para cursar o colegial científico no Colégio Anchieta, se formando em 1947. Passou para o curso de Engenharia-Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na UFRGS. Durante sua formação, este curso se fundiu ao curso de arquitetura do IBA, culminando na fundação da Faculdade de Arquitetura, pela qual Flávio Soares se formou na primeira turma de arquitetos do Rio Grande do Sul, no ano de 1954. Iniciou a carreira profissional realizando levantamentos topográficos para uma empresa multinacional petrolífera no Estado. Realizou projetos residenciais em Cachoeira do Sul e Bagé, além de clubes sociais, entre eles os da cidade de Bagé e de Uruguiana, além do Clube Rio Branco, em Cachoeira do Sul (L.I.P,2020).

No final da década de 1950 e início da década de 1960, juntamente com o arquiteto Lincoln Ganzo, projetou, implantou e construiu o tradicional Loteamento Parque Ganzo, no Bairro Menino Deus. Na década de 1960, ingressou como professor da Escola de Engenharia da UFRGS e depois passou para o Departamento de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura, tendo sido professor, nessa época, de centenas de engenheiros e arquitetos. No ano de 1974, assumiu a Direção da Faculdade de Arquitetura, permanecendo pelo período de quatro anos. Na década de 1980, assumiu

Figura 3 - Prédio da Faculdade de Farmácia da UFRGS, 1952-1958, Campus Saúde, Quarteirão 1. Fonte: Acervo Banco de Imagens SPH 173 base digital, 2014.



a cadeira de diplomação, fazendo parte de uma renomada banca de arquitetos que assessoravam o trabalho de diplomação dos formandos da Faculdade. Junto de Lincoln Ganzo, seu sócio de escritório fundado ainda na graduação, em 1953, os sócios destacaram-se desde o projeto da Faculdade de Farmácia da UFRGS, o qual desenvolve-se a partir de um volume de seis pavimentos, com linhas marcadamente horizontais, apoiado sobre pilotis e base térrea deslocada do corpo principal do edifício (NEDEL, 2009).

O projeto da Faculdade de Farmácia da UFRGS, demonstra traços compositivos que vão marcar a produção de Flávio Figueira Soares nos projetos residenciais em Cachoeira do Sul. A composição marcada pelas linhas horizontais e a relação entre horizontalidade e verticalidade, as janelas em fita e o acesso recuado no térreo. O projeto apresenta a intenção de eliminação da massa construída através do uso de planos com fenestrações em fita, uma intenção que todo arquiteto moderno perseguia (Figura 3).

Edyr Lima era um advogado muito bem inserido na sociedade cachoeirense, o qual já desfrutava de livre circulação nas rodas de debate da cidade ainda enquanto acadêmico de direito, junto de políticos e membros da sociedade de Cachoeira do Sul. Com isso acabou fazendo parte da diretoria de entidades locais, como o Aero Clube de Cachoeira (SELBACH, 2007), e o Jornal do Povo, principal jornal de circulação no município, do qual passa a integrar a diretoria em 1944. Para ter uma dimensão da relevância de Edyr de Lima para a cidade, este faz a doação, em 1978, de uma coleção inicial que dá origem ao Museu Municipal, que hoje leva o nome de seu patrono (RITZEL, 2012).

Tratando do aspecto cultural e social que envolve o projeto e construção de uma casa, vale destacar relato oferecido pelo próprio arquiteto responsável pelo projeto, em entrevista realizada em junho de 2021. Aos seus 90 anos de idade, Flávio Soares contou à equipe do projeto que investiga a casa de Edyr Lima, que este não tinha a intenção inicial de construir uma casa com linguagem moderna. Coube ao próprio Flávio, em começo de carreira, convencer o então cliente sobre a pertinência e adequação de realizar um projeto de residência moderna. Assim surgiu o projeto da Residência Edyr Lima, o qual é abordado aqui.



Figura 4 - Localização da casa Edyr Lima. Fonte: Registro fotográfico L.I.P.2020. Figura 5 - Implantação geral e pontos de referência do entorno. Fonte: Mapa desenvolvido pelo L.I.P.2021.



Localizada na Rua Conde de Porto Alegre, no número 1346, em um lote de esquina com 400,48m<sup>2</sup>, a casa com 522,18m<sup>2</sup> destaca-se pela localização em espaço privilegiado e simbólico da cidade, em frente à ala sul da Praça Balthazar de Bem, ponto histórico do município, que concentra os edifícios cívico e culturais mais marcantes (Figura 4).

No entorno da residência estão a Igreja Matriz, o prédio da antiga Câmara, Júri e Cadeia, posteriormente o Paço Municipal, e o antigo Teatro, demolido anos mais tarde. Além destes, é no centro desta praça, em frente à Igreja, que está localizado um dos símbolos da cidade, o *Chateau d'Eau*, construído entre 1924 e 1925 para abrigar um reservatório de água (Figura 5).

Figura 6 - Fotografia da esquina das fachadas sudeste e nordeste (à esquerda), fotografia fachada nordeste (à direita). Fonte: Acervo L.I.P.2021.



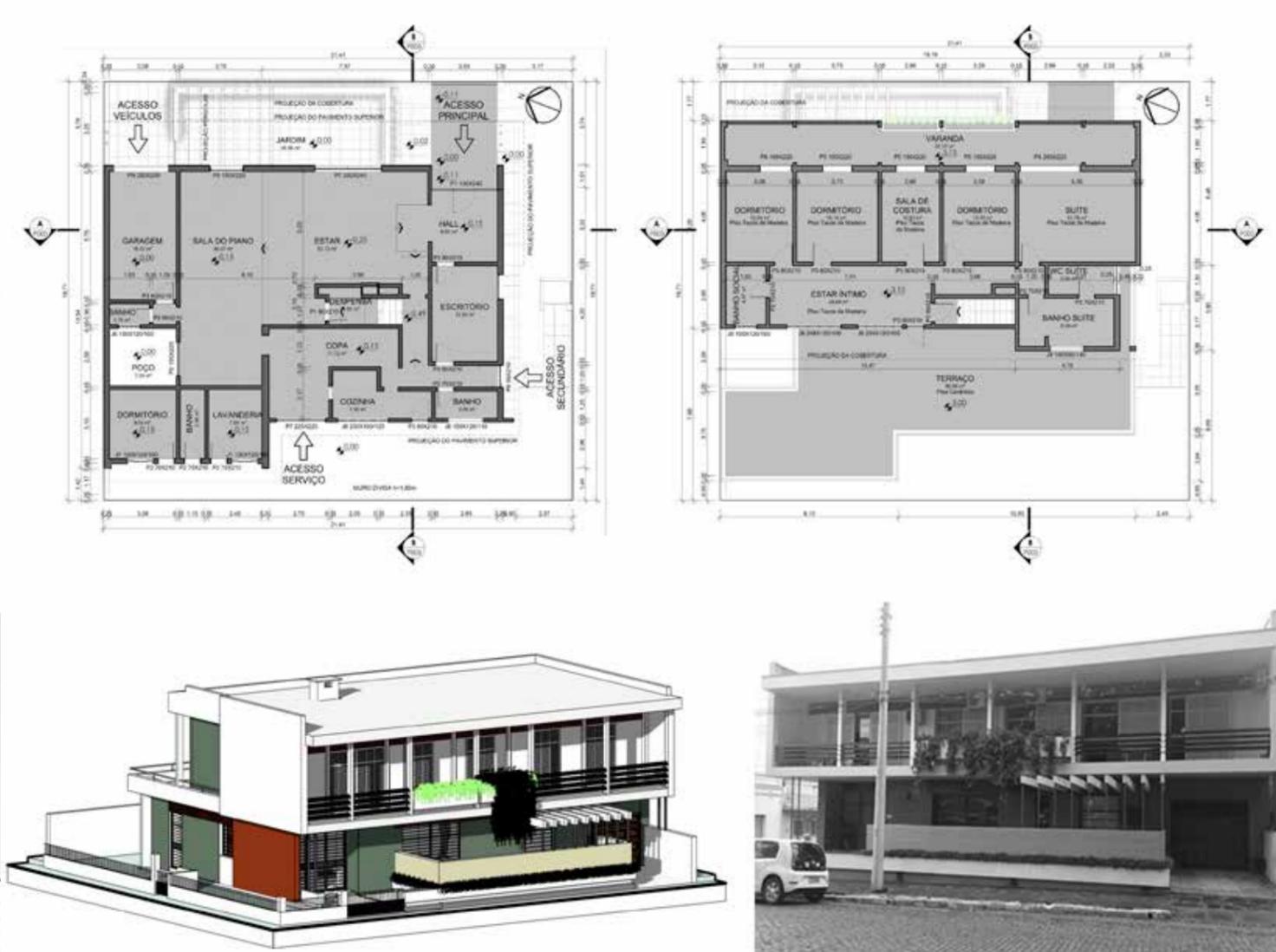
Figura 7 - Acima: Fachada Nordeste (à esquerda) e Fachada Sudoeste (à direita).  
Abaixo: Fachada Sudeste (à esquerda) e Fachada Noroeste (à direita). Fonte:  
Acervo L.I.P.2021. Figura 8 - Corte AA (à esquerda) e Corte BB (à direita). Fonte:  
Acervo L.I.P.2021.

A solução em dois pavimentos, a partir de uma caixa estrutural, e a composição ortogonal de cheios e vazios das aberturas e vazados da varanda, garagem e acessos, marcam a obra, que explora os planos horizontais e verticais. A cobertura é marcada pelo plano horizontal que extrapola o perímetro determinado pelas paredes, na fachada principal, fornecendo leveza e elegância à composição (Figura 6).

O projeto explora a hierarquia entre as fachadas frontal (nordeste) e posterior (sudoeste), abertas e permeáveis, em contraponto às empenas quase que totalmente cegas das fachadas laterais sudeste e noroeste (Figura 7).

O segundo pavimento de 275,80m<sup>2</sup> avança em relação aos limites do primeiro com 221,18m<sup>2</sup>, indicando os balanços nas fachadas menores sudeste e noroeste. A integração entre espaço superior interno e externo é evidenciada pela presença da sacada coberta, que demonstra a modernidade da concepção arquitetônica e sua contemporaneidade aos acontecimentos do panorama nacional e internacional (Figura 8).

O pavimento superior insinua a presença de uma malha de seis módulos, de diferentes dimensões, realizando uma releitura de Le Corbusier, onde a coluna clássica é vista como um cilindro que se relaciona com um plano horizontal (laje) e outro vertical (parede), proporcionando planta e fachadas livres. Em fachada, é marcado pela subtração no plano horizontal, gerando uma sacada que remete à tradicional varanda da casa colonial brasileira (Figura 6 e 7), e que é um convite à apreciação da praça logo à frente da residência (Figura 4). As aberturas com planos envidraçados recebem painéis com veneziana que realizam a adaptação climática local, com inspiração nas



obras residenciais de Lucio Costa.

A solução em planta demonstra uma articulação em setores separados por sua função: localização dos quartos em posição que prioriza o conforto ambiental na porção nordeste do lote. A porção sudoeste é reservada à circulação vertical, sanitários, cozinha e serviços. O sanitário localizado na orientação noroeste atende três dormitórios, enquanto o quarto de casal, indicado como suite, tem o sanitário próximo, mas fora do quarto, na porção sudeste (Figura 9).

A clareza e organização da fachada, ritmada pelos seis módulos vazados, não se manifesta com a mesma lógica na planta. O pavimento superior tem uma maior clareza, a partir da organização em faixas horizontais que acompanham a fachada. A primeira faixa corresponde à varanda, na fachada frontal nordeste, depois a faixa de dormitórios, e uma faixa menor destinada às circulações, sanitário e sala da lareira. Mas essa lógica é rompida pelo sanitário da suite, que avança cerca de um metro, gerando um resíduo na planta. O pavimento térreo apresenta uma organização diferenciada, talvez para evidenciar a independência estrutural. O setor social se localiza na parte central da planta e, tanto o acesso peatonal, quanto veicular, geram duas faixas funcionais que se unem aos serviços na porção sudoeste. O acesso principal, de pedestres, ocorre próximo à esquina, e está claramente demarcado a partir de um recuo da porta em relação ao restante da parede, e ainda pela elevação em relação à rua, constituída a partir de três patamares que culminam em um desnível de cerca de meio metro em relação ao passeio.

Figura 9 - Planta baixa pavimento térreo (à esquerda), Planta baixa pavimento superior (à direita). Fonte: Acervo L.I.P.2021. Figura 10 - Vista Casa Edyr Lima (à esquerda) e fotografia imagem frontal nordeste (à direita). Fonte: Acervo L.I.P. 2021.

O projeto apresenta os elementos fundamentais e simbólicos que segundo Pallasmaa (2017), representam uma concepção completa de lar, a hierarquia da casa está intimamente relacionada a permeabilidade da planta, pois é através da gradação entre acessos e circulações que se relacionam as questões de privacidade ou fluidez. A sociabilidade pode ser identificada a partir da disposição geométrica dos ambientes. A separação do setor íntimo, disposto em sua totalidade no pavimento superior e com ambientes em faixa voltados para a fachada nordeste, reflete seu caráter privativo. Já a planta livre possibilita a relação entre os ambientes do setor social, promovendo a interação e a socialização entre o compartilhamento das circulações e acessos. As áreas externas da edificação, que com os espaços de abrigo, possibilitam o encontro social e o uso coberto dos ambientes, protegidos pelo volume superior da residência. A partir da estratificação do edifício, identifica-se a relação geométrica dos ambientes entre os pavimentos. O pavimento térreo evidencia a liberdade de arranjo da planta livre, com grandes ambientes integrados na área central e frontal e os espaços funcionais nas periferias.

O pavimento inferior é todo revestido de material mais escuro, o que colabora para ressaltar o balanço do volume superior. A esquina é marcada pelo plano de parede revestida em pedra irregular, que avança ligeiramente em relação ao restante da fachada do térreo, configurando o vestíbulo externo de acesso à residência. As vergas também são revestidas de madeira, porém menos destacada em relação às superiores, uma vez que o contraste da madeira não fica tão saliente em função do revestimento escuro das plaquetas cerâmicas. Dois esbeltos pilares metálicos ajudam a apoiar o pavimento superior, nas duas extremidades do volume. A pérgola de vigas de concreto engastadas na parede e apoiadas sobre pilares metálicos configura o pátio social, acessado pelas salas, o qual é delimitado por um muro baixo, que possibilita ainda conexão visual dos usuários deste com os transeuntes do passeio público. A gentileza na transição do espaço privado ao espaço público ainda é completada com uma floreira colocada em frente ao muro do pátio, que se inicia ainda no limite do acesso à casa, gentileza urbana pouco vista nas nossas cidades atualmente (Figura 10).

Compositivamente, fica clara a hierarquia concedida às duas fachadas que compõem a esquina. O prisma superior, destacado em relação ao inferior, é demarcado pelo plano da empena cega da fachada sudeste, que tem continuidade conformando o piso da varanda, e a empena cega da fachada noroeste. O plano recuado é composto pela sequência de planos de esquadrias dos dormitórios, e as venezianas que se colocam como elementos de correr externos. A verga é inteiramente revestida em madeira, arrematando a sequência de plano de vidro e veneziana de madeira, conferindo distinção ao projeto. O guarda-corpo da varanda complementa o volume superior, atribuindo leveza à composição. Este é resultado de uma composição de pequenos planos metálicos inclinados, instalados entre os pilares de concreto, nos quatro módulos das extremidades, e uma floreira em alvenaria, elegantemente afastada do piso, nos dois módulos centrais (Figura 10).

Corona Martinez (1998) afirma que os elementos de arquitetura são como corpos, livres (envolventes) espaciais que fazem existir os elementos de composição; são coisas concretas, tem natureza definida (portas, janelas, pilares, artefatos, etc) são partes da construção. Já os elementos de composição são espaços, abstrações. São conceitos, como por exemplo, a proporção de determinados ambientes. Não tem uso por si mesmos; são rótulos que se aplicam aos espaços segundo uma determinada situação.

A linearidade da fachada principal, também é um resultado da estrutura utilizada e do ritmo possível através de seus pilares. As linhas horizontais da composição são reforçadas pela volumetria do pavimento superior quanto em seus elementos, como

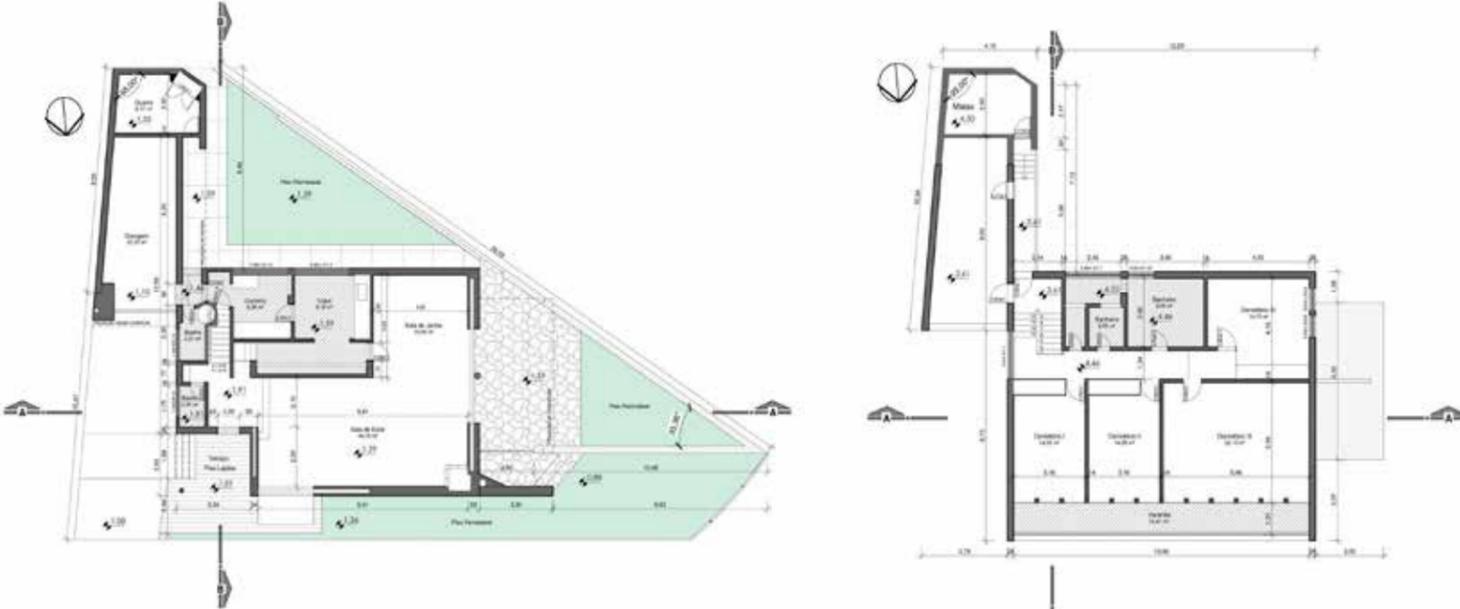
o guarda-corpo, e as adições da edificação como o jardim frontal e suas floreiras. A sobreposição e avanço do volume superior sobre o térreo reforça a composição plana. A diferenciação dos volumes e a composição dos planos das principais fachadas são realizadas através da diferenciação de seus materiais, pelo revestimento em cerâmica e pedra, variando as cores e texturas. Esse projeto revela um cenário moderno concreto, íntimo e único. Lida com as dimensões primordiais do habitar, o espaço e o tempo ao mesmo tempo que transforma um espaço sem significado em um espaço especial, um lugar e eventualmente o domicílio de Edyr Lima e família. Outro aspecto simbólico que Pallasmaa (2017), se refere, diz respeito a imagem do projeto perante a sociedade de Cachoeira do Sul estabelecendo uma nova identidade residencial moderna gerando novos simbolismos e aspirações na cultura arquitetônica local.

A disposição da varanda e jardins localizados na fachada nordeste, valorizam a vista para a praça amplamente arborizada e viabilizam a apropriação desses espaços na frente da casa como áreas de lazer e jardim, permitindo a relação entre o espaço interno e externo, hábito que se observa em outras residências do entorno e na cidade. Tanto a varanda quanto o pátio frontal com a pérgola em concreto e metal, reforçam o caráter linear e a qualidade formal e compositiva da proposta, destacam também a identidade do lugar ao serem dispostos na frente da residência. A varanda também protege as esquadrias de madeira das intempéries climáticas caracterizada por sua grande umidade e calor.

A modernidade deste projeto está associada mais a um repertório de elementos de composição do que na concepção geral do projeto. Existe uma clara apropriação de elementos da arquitetura moderna brasileira que são adaptados através dos painéis de venezianas, a sacada coberta pelo avanço da laje de cobertura, a pérgola de concreto, os elementos planares do térreo, a leitura volumétrica prismática da fachada frontal, e a utilização de materiais rústicos e opacos que contrastam com as subtrações volumétricas e os vãos. Essa obra mereceu a atenção da pesquisa por sua excepcionalidade, inovação e qualidade plástica, e adequação aos condicionantes ambientais, além da adequada utilização do vocabulário moderno em sua solução compositiva, apesar de uma planta térrea mais tradicional.



Figura 11 - Casa Benedito Levi, 1944, Vilanova Artigas, São Paulo. Fonte: <http://www.vilanovaaartigas.com/cronologia-projetos/casa-benedito-levi>



### O exemplar da metrópole paulista: a residência Benedito Levi

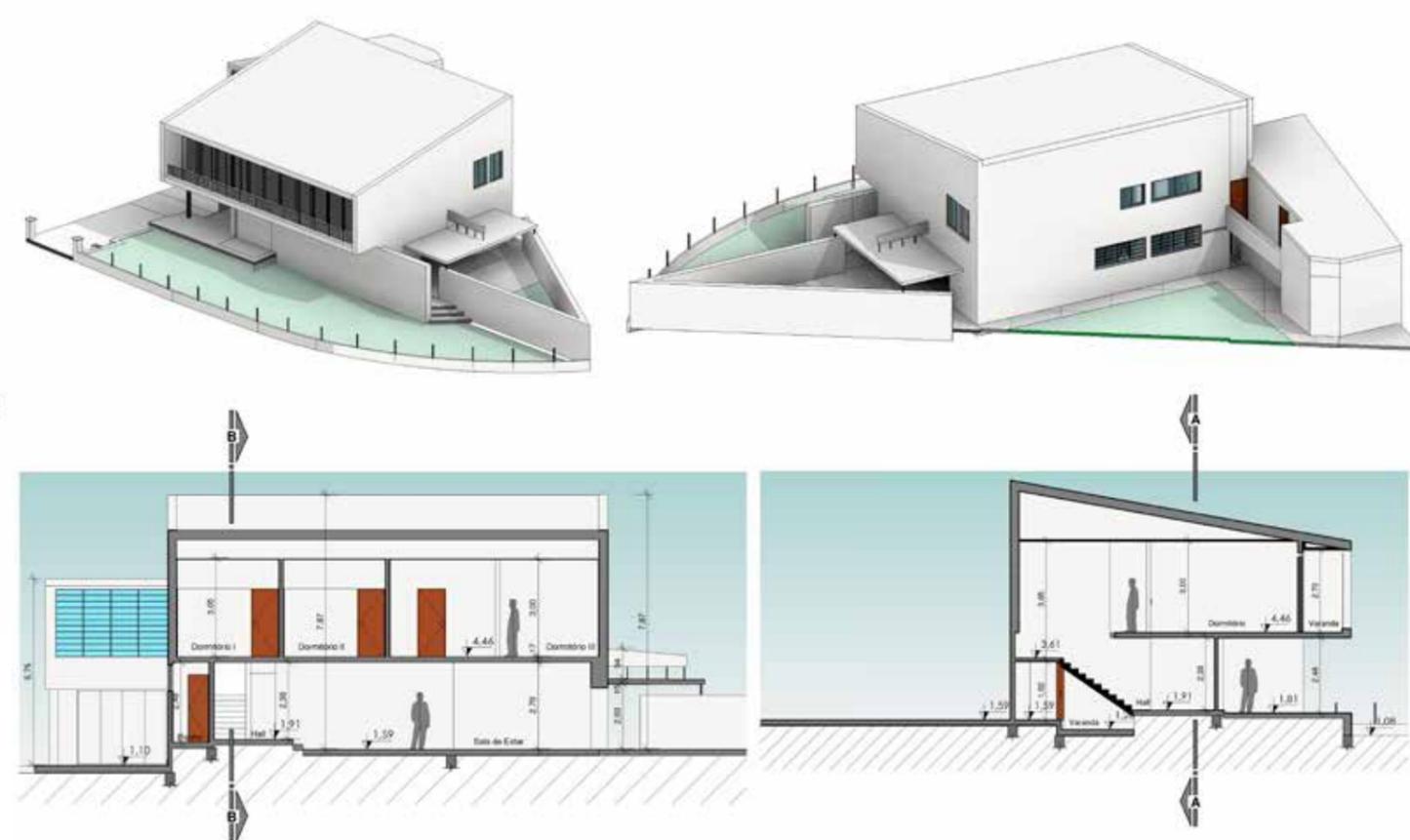
A residência projetada por Vilanova Artigas para Benedito Levi, em endereço nobre da capital paulista, na Rua Áustria, número 141, no bairro Jardim Europa, é datada do ano de 1944, tendo o habite-se sido aprovado em maio de 1946 (Figura 11). Em um terreno de esquina, com formato retangular, de 420,0 m<sup>2</sup> de área, a residência desenvolve-se em dois pavimentos, além de uma edícula vinculada ao corpo principal da residência, que concentra garagem e dependência de empregada, além de um escritório. A área construída total é de aproximados 296,0 m<sup>2</sup>, distribuídos em 142,0m<sup>2</sup> no pavimento inferior, e 154,0 m<sup>2</sup> no pavimento superior (PETROSINO,2009).

Ao ser analisada a extensa produção do arquiteto paranaense fundador da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, podemos enquadrar este projeto em um período de produção compreendido pela transição entre as fases de atuação e linguagem de Vilanova Artigas.

Autores e estudiosos da obra do arquiteto estabelecem diferentes periodizações de sua produção. Ruth Zein (1985) organiza a produção de Artigas em quatro fases: A fase inicial, 1929-1946; Intermediária: 1946-1955; Maturidade, 1956-1966; Consagração: 1967-1984. Maurício Petrosino (2009), classifica a obra em três fases, sendo a primeira de 1937 a 1945, marcada pela influência de Frank Lloyd Wright, a segunda fase se caracteriza pelo racionalismo de 1946 a 1955, e a terceira caracterizada pela maturidade profissional de 1956 a 1984. Bruand (2002) denomina a fase entre os anos 1938 à 1944, de período wrightiano. "O prestígio de Wright e principalmente das *Prairie houses* do começo do século era enorme nos meios profissionais de São Paulo quando a vanguarda carioca se prendia ao estudo da obra de Le Corbusier" (BRUAND,2002, p.271).

Para Bruand (2002), três das mansões que Artigas construiu entre 1938 e 1945 no bairro Pacaembu, marcam as etapas de uma evolução visível, premissa da reviravolta completa que ocorreu com o arquiteto a partir de 1945. As casas Roberto Lacase (1938-1939), a casa Paranhos (1942-1944) e a casa Luiz Antoni Leite Ribeiro (1943-1945) ilustram essa etapa.

De acordo com ambas as classificações, o projeto para a Casa Benedito Levi enquadra-se, temporalmente, nos primeiros períodos da produção de Artigas. Embora este possa parecer um dado menos importante, torna-se relevante quando analisamos a residência Benedito Levi. Apesar da classificação dos autores indicarem a data de 1946 como a de transição entre uma fase e a outra, e o projeto da Casa Benedito Levi ser datado de 1944, portanto concentrada, temporalmente, nas fases inicial ou primeira,



a depender da classificação utilizada, ela claramente insere-se, enquanto linguagem e configuração espacial, nas fases imediatamente posteriores, denominadas de fase intermediária, para Zein (1985), ou do racionalismo, para Petrosino (2009), o que poderá ser percebido a partir da análise que segue. A data do projeto coincide com o ano de término da sociedade entre Vilanova Artigas e Duilio Marone, e, como afirmam Tagliari, Perrone e Florio (2015), Artigas segue um novo rumo em relação a arquitetura residencial, a casa Benedito Levi sinaliza essas mudanças.

A distribuição programática da residência se dá pela presença do setor social e de serviço no pavimento inferior, e o setor íntimo no pavimento superior. O acesso à residência ocorre a partir de uma varanda criada pelo recuo da porta de acesso e avanço do pavimento superior, varanda a qual está elevada cerca 70cm em relação ao terreno. Logo após a porta de acesso há um hall de entrada, que distribui a circulação diretamente ao setor de serviço – por meio de uma circulação/dispensa que conecta à cozinha, a um lavabo, e ao setor íntimo – através de uma escada disposta frontalmente ao hall. Também a partir do hall têm-se acesso a todo o ambiente social, que está rebaixado em relação ao vestíbulo, operação esta que eleva o pé-direito do setor social, e gera amplitude de visão a partir do hall, denotando certa relevância a este setor (Figura 12).

O espaço social está distribuído de maneira a tirar proveito da ampla área do lote, e da configuração triangular do mesmo, sendo a sala de estar e de jantar desenvolvidas em "L". Ambas são vinculadas ao espaço externo por meio de amplas aberturas, que fazem uma transição ao espaço externo de maneira sutil, a partir de duas varandas. A varanda a norte, junto ao estar social, é configurada pela projeção do pavimento superior, e a varanda a oeste, vinculada ao ambiente do jantar, é definida por uma ampla laje plana. O setor de serviço, que complementa o programa do pavimento térreo, está voltado a sul, conectando-se a um pátio de serviço triangular, oriundo da conjugação entre o formato triangular do lote e a disposição dos blocos da edícula e do corpo principal da residência, no térreo (Figura 13).

A edícula, que na realidade consiste em um volume que se conecta por meio da escada ao corpo principal da residência, abriga a garagem e dependência de empregada no pavimento inferior, e um escritório e espécie de depósito no pavimento superior. A garagem está em uma cota inferior à do acesso da residência, o que possibilita que todo este volume assuma uma altura inferior ao do bloco principal, operação que fortalece a hierarquia do volume principal em relação à edícula. O acesso ao segundo pavimento – escritório e depósito – se dá pelo patamar intermediário da escada principal da residência, na altura do décimo degrau da escada. O escritório está disposto à fachada principal da residência, à norte, enquanto o depósito se coloca na parte posterior. O telhado inclinado deste bloco, com a parte mais alta na porção frontal, possibilita o ganho de pé-direito no escritório, além da possibilidade de criação de uma grande janela, que além de iluminar muito bem o ambiente, permite maior conexão visual com a rua.

O pavimento superior do volume principal da residência, por sua vez, acomoda o setor íntimo, o qual é composto por quatro dormitórios e dois banheiros, sendo que nenhum dos dormitórios configura-se como suíte. Três dos dormitórios, incluindo o maior deles, voltam-se à fachada principal, à norte, e estão conectados através de uma varanda. O quarto dormitório está disposto na porção posterior da planta, junto aos banheiros, e possui abertura à oeste, diferentemente dos banheiros, que se abrem a sul (Figura 14).

Estruturalmente, a residência Benedito Levi apoia-se em uma solução mista, comum ao período, conforme demonstram suas plantas. Maior parte da residência é resolvida com paredes portantes, enquanto o ambiente principal, o espaço social, com sua ampla área de laje, possui a complementação de um pilar de seção circular, destacado visualmente em meio à grande abertura que comunica o estar social ao pátio.

Volumetricamente perceptível como uma composição aditiva, composta por um pavimento inferior ligeiramente recuado, destaca-se pelo pavimento superior com varanda avançando sobre o térreo e solucionado por um telhado de uma água, com baixa inclinação, escondido em uma pequena platibanda. Completa a composição ainda o volume da edícula, na porção posterior do lote, a expressiva laje de cobertura da varanda do pavimento térreo, com delgados pilares, e atirantada por uma viga vinculada ao pavimento superior, e ainda a parede no pavimento térreo, cujo prolongamento para a porção oeste gera um plano que confere privacidade à varanda lateral.

Os acabamentos externos são bastante neutros, com o predomínio da cor branca, que aparece tanto nas venezianas dos dormitórios, no pavimento superior, como na pintura da residência como um todo. Essa estratégia gera uniformidade ao conjunto. Destaca-se a presença da pedra natural como revestimento do muro do lote e do podium criado pela elevação do vestíbulo externo em relação à garagem.

O desenho das fachadas aponta também para a utilização desta pedra como revestimento dos muros do lote. Alguns elementos mais pontuais complementam a solução compositiva, como a coluna circular junto à varanda de acesso, os delgados pilares metálicos da varanda do pavimento superior, a chaminé metálica aparente, oriunda da lareira do ambiente de estar, e a solução estrutural dada à sustentação da marquise da varanda lateral, composta por uma viga transversal à empena lateral, que atiranta a laje, a qual ainda se apoia em dois estreitos pilares metálicos – similares aos da varanda superior. As esquadrias, em metal e madeira, também são brancas, o que confere unidade à residência.

Lina Bo Bardi (1950), em texto publicado na revista Habitat n° 1, de out-dez de 1950, exalta a arquitetura das casas de Artigas, por sua singularidade, e domesticidade. Lina defende que uma casa construída por Artigas não é vistosa e nem se impõe por uma

aparência de modernidade. As casas de Artigas não se exaurem na única expressão de prazer comunicada por uma boa arquitetura de exteriores. Não é por acaso que a Casa Benedito Levi aparece brevemente neste artigo, pois é um exemplo do que Lina aborda, uma vez que sua expressividade não se reduz ao vocabulário básico da arquitetura moderna do período, demonstra austeridade, mas esta é contrabalançada pela leveza dos elementos delgados metálicos e das grandes aberturas do pavimento superior. Ainda no mesmo artigo, Lina destaca a relação de conectividade entre o espaço interior e o espaço exterior nas casas de Artigas afirmando que as casas de Artigas são espaços abrigados contra as intempéries, o vento e a chuva, mas não o são contra o homem, tornando-se o mais distante possível da casa-fortaleza, a casa fechada, a casa com interior e exterior.

A residência Levi mostra-se como um exemplar que não abre mão da franca relação entre o espaço interno, a paisagem e o entorno, mas que reconhece seu local de inserção, local urbano, próximo à calçada e via pública e privilegia a privacidade de seus usuários, concentrando as maiores aberturas para o pátio lateral, mais privativo e protegido devido ao prolongamento da parede e muro, e ainda a partir das amplas esquadrias do pavimento superior, que pela cota mais elevada não expõe sobremaneira seus usuários.

### **Análise Comparativa – Exemplar e Precedente**

Oliveira (2016), afirma que os projetos exemplares configuram um repertório de referências paradigmáticas, portadoras de qualidades e significados aceitos como desejáveis, no todo ou em parte, em uma obra de arquitetura. É amplamente compartilhada a ideia de que a invenção do arquiteto não eclode no vazio, mas se adensa contra um pano de fundo de realizações precedentes, com as quais uma nova proposição arquitetônica construirá seletivamente pontes operativas. Nesse sentido o autor declara:

Cada novo projeto, em suas escolhas, delimita um campo paradigmático demarcado por outros projetos, cujas singularidades são interligadas por configurações e significações comuns. Tais obras, tomadas em sua autonomia documental, podem ser objeto de manipulação compositiva, como se o momento de sua concepção ainda estivesse em aberto, sujeito a transformações e atualizações (OLIVEIRA, 2016, p.59).

Segundo o autor, não se trata, porém, de recompor o percurso original de seu autor, encapsulado em uma subjetividade à qual não temos acesso, mas de construirmos um novo itinerário, mapeando operações que não sabemos se realmente ocorreram na mente do autor, mas que, em uma reconstituição verossímil, bem poderiam ter ocorrido. Esta dimensão criativa da interpretação do precedente se incorpora a novos projetos, a novas arquiteturas (OLIVEIRA, 2016).

De acordo com Oliveira (2016), interpretar o precedente implica em projetá-lo novamente. O papel operativo assumido pela referência a uma produção arquitetônica preexistente guarda, contudo, uma certa ambiguidade, situada entre a simples reprodução de um modelo e a recomposição transformadora de uma proposição que, por comparação, pode ser estendida a outros exemplares, reunindo-os, por sua vez, em sistematizações tipológicas.

Ruth Verde Zein, ao comentar sobre a relação da obra de Frank Lloyd Wright para a arquitetura paulista, em sua tese de doutorado, aborda a questão do precedente:

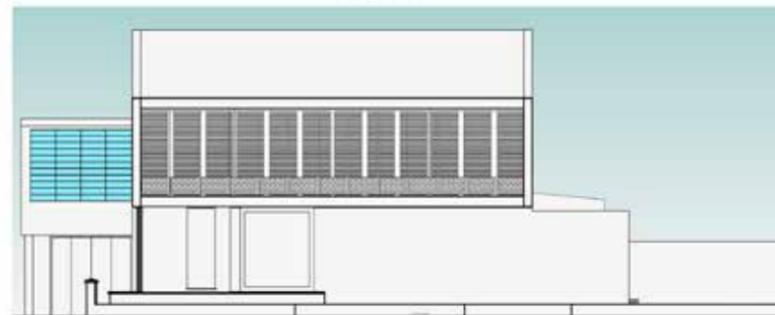
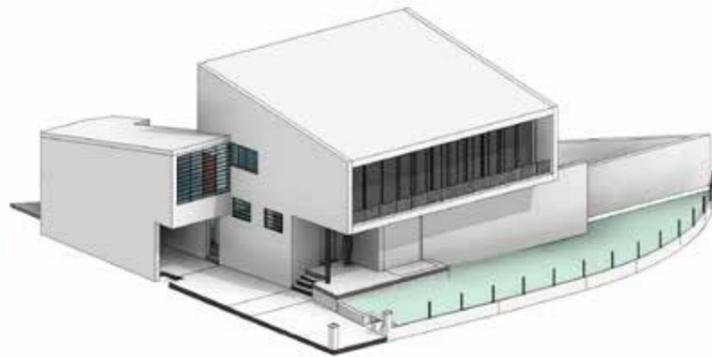
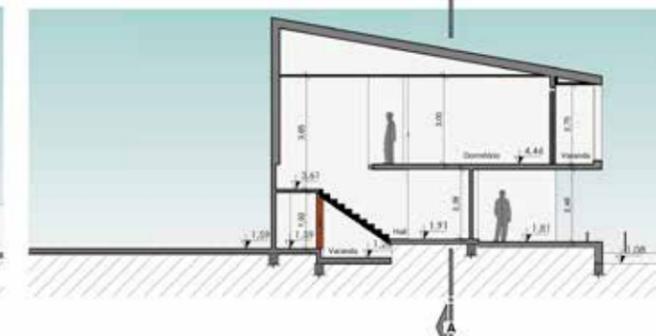
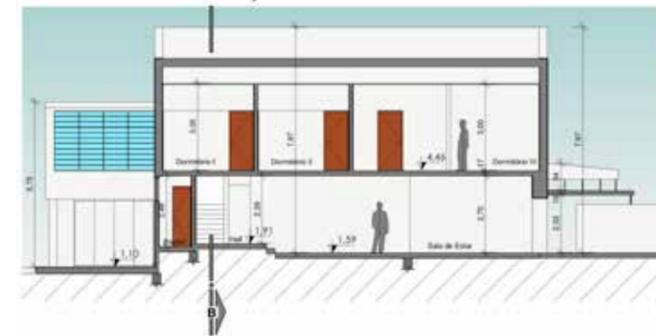


Figura 15 - Casa Edyr Lima, 1958 (à esquerda), Casa Benedito Levi, 1944 (à direita).  
Fonte: Acervo L.I.P., redesenho Revit, 2021. Figura 16 - Corte dos pavimentos em perspectiva axonômica, Casa Edyr Lima, (à esquerda), Casa Benedito Levi, (à direita). Fonte: Acervo L.I.P., redesenho Revit, 2021.

O precedente tomado de maneira visual e não conceitual não é situação incomum na arquitetura: de fato, a influência arquitetônica parece dar-se, em muito mais amplo grau, pelas imagens do que pelas essências. Por isso mesmo, tais influências podem ser detectadas e reconhecidas mesmo quando os autores não chegam a admiti-las, pois basta o depoimento comparativo das obras. (ZEIN, 2005, p.79).

As influências arquitetônicas em geral, inclusive as advindas de quaisquer dos mestres da modernidade, podem acontecer com muitíssima maior frequência pela apropriação visual sem referência a doutrinas e princípios e ancorada, quase que exclusivamente, nas sugestões formais. Segue-se que, se uma obra que parece, ou seja, demonstra, por sua aparência, estar influenciada por outra, principalmente se esta for de autor precedente, canônico e notável, então pode-se legitimamente dizer, com razoável



grau de certeza, que tal influência ocorreu, pode o autor se dar conta disso ou não (ZEIN, 2005).

O argumento de Zein (2005), cabe bem ao que se pretende explorar nesta análise comparativa entre o exemplar construído na interiorana cidade gaúcha, e o precedente de Vilanova Artigas na capital paulista. Isso porque não se pretende verificar se de fato o arquiteto Flavio Soares intencionalmente apoia-se em referências do precedente, mas é proposto um olhar atento às duas obras, que demonstram paralelos para além da sugestão formal primeiramente imposta por uma visada rápida em imagens das duas casas. Artigas já era um dos grandes nomes da arquitetura brasileira na década de 1950, e por isso sua obra certamente era bastante apreciada por estudantes e arquitetos do período.

Figura 17 - Cortes AA e BB, Casa Edyr Lima (à cima), Casa Benedito Levi (à baixo). Figura 18 - Varandas, Casa Edyr Lima (à esquerda), Casa Benedito Levi (à direita). Fontes: Acervo L.I.P., redesenho Revit, 2021.

A Casa Benedito Levi, de 1944, aparece, ainda que brevemente, no artigo de Lina Bo Bardi na primeira edição da revista Habitat (1950), em artigo intitulado: Casas de Vilanova Artigas. Neste período, Flavio Figueira Soares já estava cursando a Faculdade de Arquitetura da UFRGS, e certamente fez-se saber, no meio acadêmico, sobre a publicação da Habitat, revista criada e editada pelo casal Pietro e Lina Bardi. Além disso, no final dos anos 1940 e início dos anos 1950, Vilanova Artigas já havia sido publicado em revistas como a *Architectural Forum* (nov.1947), *Comunità* (fev.1949), *Arquitetura e Engenharia* (jun.1951), *Revista Politécnica* (mai/jun.1951 e jul/ago.1951), *L'Architecture d'Aujourd'Hui* em agosto de 1952, entre outras (ZEIN,2005). Outro fato relevante é a aula inaugural proferida por Artigas na Faculdade de Arquitetura da UFRGS, em 1959, sob o tema: Arquitetura e Cultura Nacionais. Assumimos, portanto, como sugere Zein, que a Casa Edyr Lima parece estar influenciada pela Casa Benedito Levi, e sendo esta de um autor canônico e notável como é Artigas para a arquitetura brasileira no período, é possível compreendermos que tal influência tenha ocorrido, independentemente de o autor Flavio Soares se dar conta desta ou não.

Do olhar atento aos dois exemplares, é possível perceber relações tanto do aspecto formal e do repertório de elementos da arquitetura moderna, como soluções espaciais que refletem na organização do programa (Figura 15).

A distribuição geral do programa é, talvez, o elemento mais perceptível, uma vez que ambas as residências se estruturam em duas faixas principais em cada pavimento, reservando a porção posterior aos espaços de serviço e sanitários, e a porção frontal aos ambientes sociais e dormitórios, nos pavimentos inferior e superior, respectivamente. Elementos mais pontuais do programa também coexistem nos dois projetos, como o desnível do hall em relação ao restante da sala, o que confere destaque ao espaço social, com pé-direito mais elevado, e visual ampliada a partir do acesso (Figura 16).

A configuração formal das duas residências possui similaridades evidentes, as quais são perceptíveis já a partir de um ligeiro passar de olhos. O volume superior, com varanda em toda a sua extensão, e avançado em relação ao pavimento térreo, criando área de projeção e sombreamento sobre este, são os elementos primeiramente destacáveis dos dois projetos. A diferenciação entre ambas se dá pela cobertura, inclinada no projeto de Artigas, e plana no projeto de Flávio.

O acesso ligeiramente recuado em relação ao restante do pavimento térreo também está presente nos dois casos, além da elevação em relação ao passeio público, que confere destaque e marcação do acesso principal. Os materiais mais amplamente utilizados nos dois projetos também se assemelham. A pedra irregular aparece nos muros da residência Benedito Levi, enquanto compõem a empena da esquina do pavimento térreo da casa Edyr Lima. A estrutura metálica esbelta também é um elemento presente em ambos os projetos, sendo utilizado como apoio da cobertura da varanda do pavimento superior, no exemplar paulistano, e como apoio do volume superior e da pérgola, no pavimento térreo do exemplar cachoeirense (Figura 17).

A relação das residências com os espaços externos também possui similaridade nos dois projetos, perceptíveis na transição sutil entre os ambientes internos e externos. Isso ocorre, de maneira mais clara, a partir da varanda no pavimento superior, em ambos os projetos. Nos pavimentos térreos manifesta-se a partir da pérgola do ambiente social, na Edyr Lima, e da varanda instituída a partir da laje atirantada por cabos de aço e vinculada ao jardim íntimo, na Benedito Levi. No exemplar gaúcho, o muro baixo que demarca o lote e o muro de média altura que delimita o pátio social, demonstram certa gentileza da residência em relação ao espaço público. No exemplar paulista o mesmo ocorre, a partir de um muro de baixa altura, e a transição gradual ocorrida pelos degraus alongados que levam a cada um dos alpendres de acesso a

ambas as residências (Figura 18).

Segundo PALLASMAA (2017), a janela, em especial, o ato de olhar para fora da janela da casa para o quintal ou jardim é uma experiência essencial e poética do lar. É possível sentir uma forte sensação de lar quando se olha para fora a partir do espaço fechado privativo. As duas residências apresentam o acesso recuado, com varanda criada pela sobreposição do volume superior. No pavimento superior, em ambas as casas, a varanda contínua confere uma transição sutil entre exterior e interior. Na casa Edyr Lima a pérgola no térreo realiza a transição entre público e privado (Figura 15 e 18).

Para PALLASMAA (2017), a arquitetura evoca as sensações e emoções existenciais. Os materiais utilizados como fechamento, revestimento cumprem um papel importante ao exprimir suas texturas, cores e sensações associadas ao clima e ao lugar. O uso da pedra como revestimento em muros na casa Benedito Levi, e na empena da esquina da casa Edyr Lima desempenham um papel sensorial importante na leitura dos partidos.

## Conclusão

As residências têm cumprido, ao longo da história, um papel fundamental no campo da experimentação arquitetônica, pois permitem refletir, lidar com os vários aspectos envolvidos no processo de projeto. A casa Edyr Lima é um dos exemplos de apropriação do legado moderno na cidade de Cachoeira do Sul, onde a partir das estratégias projetuais aqui expostas na proposta do arquiteto gaúcho Flávio Figueira Soares pode ser considerado como um dos pioneiros nesta região.

É necessário ressaltar que para o contexto histórico da arquitetura moderna nacional, investigar profissionais locais como Flávio Figueira Soares nos permite compreender quão profundas foram as raízes do movimento moderno no Brasil, que inicialmente, semeados nos grandes centros, encontraram terreno fértil em cidades do interior do Rio Grande do Sul. A divulgação desse tipo de pesquisa que investiga o legado moderno na Cidade de Cachoeira do Sul promove a compreensão da história da arquitetura moderna e sua dispersão pelo território nacional, primeiramente chegando às metrópoles e depois aos interiores.

Além disso, esse tipo de estudo nos aponta personagens e obras antes desconhecidas ou pouco reconhecidas, como é o caso do arquiteto Flávio Figueira Soares e de sua produção residencial em Cachoeira do Sul. A investigação sobre a arquitetura moderna cachoeirense, além de expressar a história local também reflete sobre a interpretação do modernismo junto a apropriação ou aproximação com a produção moderna praticada nos grandes centros, principalmente no eixo Rio e São Paulo. Nesse sentido, as imposições do modernismo externo, por mais que existam e prevaleçam, também se apresentam em conjunto com soluções condicionadas pelo contexto ou pelo projetista. Os resultados da investigação são inéditos e importantes, objetivam colaborar com a historiografia da arquitetura moderna brasileira, através da divulgação, entendimento e valorização do patrimônio moderno presente em Cachoeira do Sul. Além de permitir olhar para esta arquitetura junto da produção de mais alta qualidade no país.

## Agradecimentos

Um agradecimento espacial ao arquiteto Flavio Figueira Soares, que concedeu entrevista ao L.I.P em junho de 2021. Ao arquiteto Augusto de Lima e ao Edgar de Lima, filho de Edyr Lima, pelos diálogos que ajudaram a construir este estudo. Aos

discentes participantes do projeto de pesquisa e responsáveis pelo redesenho das casas Edyr Lima e Benedito Levi: Yasmin Pinzon e Vinicius Lameira.

## Referências

CORONA MARTÍNEZ, Alfonso. *Ensayo sobre el proyecto*. Buenos Aires: Editorial Nobuko, 1998.

BARDI, Lina Bo. Casas de Vilanova Artigas. *Habitat*. n. 1, São Paulo, pp. 2-16, 1950.

BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. Editora perspectiva, São Paulo, 2002.

GASTÓN, Cristina; ROVIRA, Teresa. *El proyecto Moderno: Pautas de Investigación*. Barcelona: Ediciones UPC, 2007.

LUCCAS, Luís Henrique Haas. Arquitetura Moderna em Porto Alegre (Parte I): Antecedentes e a linhagem Corbusiana dos anos 50 / Luís Henrique Haas Luccas” 08 Jul 2016. *ArchDaily Brasil*. Acessado 30 Mar 2022. <<https://www.archdaily.com.br/br/790990/arquitetura-moderna-em-porto-alegre-antecedentes-e-a-linhagem-corbusiana-dos-anos-50-luis-henrique-haas-luccas>> ISSN 0719-8906.

MARQUES, Sergio Moacir. *Fayet, Araújo & Moojen – Arquitetura Moderna Brasileira no Sul: 1950/1970*. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MARQUES, Ana Mafalda. *Alvar Aalto, estudo do processo projetual beleza e funcionalidade em Arquitetura*. 2021. Tese Doutorado, Universidade do Porto, Faculdade de Arquitetura.

MELO, Alcília Afonso. Notas sobre métodos para a pesquisa arquitetônica patrimonial. *Revista Projetar- Projeto e Percepção do Ambiente*, v.4, n.3, p.54-70, 2019.

MONTANER, Josep Maria. *Arquitetura e crítica*. São Paulo: Gustavo Gilli, 2015.

NEDEL, João Carlos. *Exposição de Motivos*. Troféu Câmara Municipal de Porto Alegre, Resolução nº 2.083, 9 setembro 2009. [http://200.169.19.94/processo\\_eletronico/039652009PR/039652009PR\\_PROJETO\\_214318430\\_1380.pdf](http://200.169.19.94/processo_eletronico/039652009PR/039652009PR_PROJETO_214318430_1380.pdf) . Acesso em 20 MARÇO 2020.

OLIVEIRA, Rogério de Castro. Usos do precedente: a construção do repertório arquitetônico na prática projetual. *Revista Thésis*, Rio de Janeiro, v.2, n. 2, p. 58-73, 2016.

PALLASMAA, Juhani. *Habitar*. São Paulo: Gustavo Gilli, 2017.

PETROSINO, Maurício Miguel. *João Batista Vilanova Artigas – residências unifamiliares: a produção arquitetônica de 1937 a 1981*. 2009. Dissertação de mestrado. Curso de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

PETROSINO, Mauricio Miguel. As casas projetadas por J.B. Vilanova Artigas na cidade de São Paulo e a liberdade de sua pesquisa pelos caminhos para a arquitetura. *Risco Revista De Pesquisa Em Arquitetura e Urbanismo* (Online), (21), 108-119, 2016.

PIÑÓN, Hélio. *Teoria do Projeto*. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2006.

RAMIL, Vitor. *A estética do frio*. CEP, v. 96, p. 720, 2017.

RITZEL, Mirian. Jornal do Povo – 83 anos. *Blog História de Cachoeira do Sul*. Cachoeira do Sul, 29 jun. 2012. Disponível em: <http://historiadecachoeiradosul.blogspot.com/>. Acesso em 16.09.2020.

SELBACH, Jeferson Francisco. *Muito além da praça José Bonifácio: as elites e os outsiders em Cachoeira do Sul pela voz do Jornal do Povo, 1930-45*. 2007. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

SOUTO, Ana Elisa; CENCI, Laline; ZAMPIERI, Renata. Casas modernistas como patrimônio em Cachoeira do Sul. In: Migliorini, Jeanine Mafrá (Org) *Arquitetura e Urbanismo: Patrimônio, Sustentabilidade e Tecnologia 2*, Ponta Grossa-PR: Atena, 2021. Cap. 10. p.128-138. ISBN 978-65-5983-316-0. DOI <https://doi.org/10.22533/at.ed.16021160710>. Publicado em 26/7/2021.

SOUTO, Ana Elisa (coord); CENCI, Laline, ZAMPIERI, Renata. Laboratório de Investigação Projetual (L.I.P): Habitar Moderno em Cachoeira do Sul. *Pesquisa em Desenvolvimento*, UFSM, campus de Cachoeira do Sul, 2020.

TAGLIARI, Ana; PERRONE, Rafael AC; FLORIO, Wilson. Arquitetura residencial de Vilanova Artigas: relações entre a obra construída e projetos não construídos. *Revista arq. urb*, n. 14, p. 96-121, 2015.

VÁZQUEZ RAMOS, Fernando Guillermo. Redesenho. Conceitos gerais para compreender uma prática de pesquisa histórica em arquitetura. *Arquitextos*, São Paulo, ano 17, n. 195.09, Vitruvius, ago. 2016 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.195/6181>>. Acesso em 20 março de 2022.

ZEIN, Ruth Verde. Residências Brasileiras, depois do laboratório. *Revista Projeto*, São Paulo, SP, edição nº 73, p. 49-52, 1985.

ZEIN, Ruth Verde. *A arquitetura da escola paulista brutalista 1953-1973*. 2005. Tese (Doutorado em Arquitetura). Programa de pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

# O CINEMATÓGRAFO EM PELOTAS

## Consolidação de uma modernidade no sul do Brasil

*THE CINEMATOGRAPH IN PELOTAS*  
*Consolidation of a modernity in south of Brazil*

**Natália Toralles dos Santos Braga<sup>1</sup>, Célia Castro Gonsales<sup>2</sup>  
e Aline Montagna da Silveira<sup>3</sup>**

### Resumo

O cinema como arte, lazer e arquitetura, sempre esteve relacionado ao processo de modernização urbana na virada dos séculos XIX para o XX. Pelotas, enriquecida pela indústria do charque, atividade econômica diretamente associada ao seu lugar geográfico, acolhia as novidades da época e atraía olhares de investidores. Nesse contexto, a importância que a arte cinematográfica alcançou na cidade se refletiu tanto na produção cinematográfica como no grande número de salas de cinema construídas na cidade. Assim, este trabalho tem como objetivo traçar uma narrativa que entende o cinema como reflexo e, ao mesmo tempo agente, da renovação na cultura urbana pelotense. Uma ampla revisão bibliográfica sobre a pioneira produção cinematográfica em Pelotas e um levantamento extensivo da concretização espacial e arquitetônica das salas de projeção no centro e bairros da cidade, permitiram traçar esse paralelo entre arte, arquitetura e território em um contexto cultural e geográfico muito peculiar. Palavras-chave: modernidade, cinema, Pelotas, arquitetura, história.

### Abstract

*The cinema as art, leisure and architecture, has always been related to the process of urban modernization in the turn of the 19th century to the 20th. Pelotas, enriched by the charque industry, activity directly associated with the geographic location of the city, received the news of that time and became target for investors. In this context, the importance that cinema reached in the city was reflected both in the cinematographic production and in the large number of movie theaters built in the place. Therefore, this paper aims to provide a narrative that explains the cinema as a reflection and, at the same time, a tool of renewal in Pelotas' urban culture. An extensive bibliographic review on the pioneering film production in Pelotas and a wide survey of the spatial and architectural concretization of the movie theaters in the center and other areas of the city, enable the creation of this connection between art, architecture and territory in a very peculiar cultural and geographical context.*

*Keywords: modernism, cinema, Pelotas, architecture, history.*

1 Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UFPel/2020).

2 Doutora em Arquitetura pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidad Politécnica de Cataluña (2000).

3 Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP/2009).

### Introdução

O surgimento do cinema sempre esteve atrelado à ideia de modernidade. O autor Paulo Emilio Sales Gomes (1979) aponta que a advento do cinema nos anos de 1890, tanto nos países europeus quanto nos norte-americanos, foi o sinal de que a Revolução Industrial começava a se estender no campo do entretenimento. Uma sociedade industrial, urbana e moderna do século XX entrava em contraponto, em virtude do espírito de mudança de século, com uma cultura substancialmente rural do século XIX (NETO, 2001).

Em 28 de dezembro de 1895 Auguste e Louis Lumière, popularmente conhecidos como os irmãos Lumière, apresentaram uma série de filmagens no subsolo do Grand Café, em Paris. Essa é a data comumente considerada como a do “nascimento” do cinema (CARVALHAES, 1975). Já em meados de 1896, os aparelhos, responsáveis pelas projeções exibidas ao público europeu e norte americano começaram a chegar ao Brasil – à cidade do Rio de Janeiro – e a novidade logo foi apresentada a outras cidades do país (GOMES, 1979) como afirma Santos (2014), menos de um ano após o nascimento do cinema, parte da população de Pelotas já estava desfrutando das imagens em movimento que havia encantado as plateias da Europa.

A primeira projeção na cidade de Pelotas aconteceu no dia 26 de novembro de 1896 no salão da Bibliotheca Pública Pelotense. Promovido por Francisco De Paola, o evento contou com o aparelho de Thomas Edison, que rivalizava no continente americano com o cinematógrafo dos irmãos Lumière:

Foi nesse ambiente que, por cinco noites seguidas, De Paola proporcionou aos pelotenses o primeiro contato com imagens em movimento, arte que havia pouco tempo começara a encantar as plateias na Europa. [...] É provável que De Paola tenha apresentado as mesmas cenas animadas que exibiu em Porto Alegre no começo do mês, como: Uma corrida de Velocípede, Baile Escocês, Chegada de um Trem a Londres e Dança Serpentina (SANTOS, 2014, p. 191).

Ainda que não se possa considerar que a sessão de 1896 tenha marcado a instalação da primeira sala permanente de exibição de filmes na cidade, a data serviu como marco inaugural de uma atividade comercial que se desenvolveria rapidamente pelos próximos anos (CUNHA, 2017). Já a primeira sessão da cidade com o uso do cinematógrafo Lumière aconteceu mais tarde – em maio de 1898 – e contou com imagens de um mar revolto, barcos em movimento, o desfile de batalhões e imagens do cotidiano (SANTOS, 2014).

O setor comercial, composto de um leque de florescentes atividades, tinha no ramo das diversões públicas um dos destaques, cujo mote principal era o “cinematógrafo” (CALDAS e SANTOS, 1994). Para a visualização da nova tecnologia do cinematógrafo somente necessitava de um espaço escuro (ALONSO; BARREIRO E SOLA, 2016).

No início da história do cinema, poucos puderam aventurar-se nessa empreitada em virtude do alto custo e da pouca disponibilidade de câmeras. Tanto na Europa quanto nos Estados Unidos a criação dos estúdios já se tornara corriqueira e no Brasil essas iniciativas ainda eram atípicas (LANGIE, 2013). Por isso, Santos e Caldas (1995) destacam a importância do pioneirismo do português Francisco Santos e da sua atuação inovadora na cidade de Pelotas, a única fora do eixo Rio-São Paulo na época a contar com um estúdio de cinema.

O velho ator português se aposentou dos palcos e resolveu fazer cinema na cidade gaúcha de Pelotas (GOMES, 1979); ele foi o responsável por fundar, em parceria com Francisco Xavier, a fábrica de fitas Guarany Films no ano de 1912, dando início às atividades em 1913<sup>4</sup>, onde ele roteirizava, produzia e atuava nas suas obras.

Essa vanguarda pelotense em campos tão ligados à modernidade – lembremos que Pelotas, mesmo sendo uma cidade cosmopolita, estava geograficamente bastante isolada – talvez encontre uma justificativa na riqueza econômica da região que estava bastante consolidada na época e que permitiu/impulsionou um contato com a cultura exterior (europeia e estadunidense) desde meados de do século XIX. Assim, se por um lado esse contato com as terras de além mar permitiu trazer essa inovação que foi o cinematógrafo, por outro, devido à consolidação econômica e valorização das atividades culturais, a cidade passou a ser vista como um promissor cenário para investimentos, por exemplo, uma fábrica de fitas.

Nesse período, Pelotas apoiou sua atividade econômica diretamente associada ao lugar geográfico em que estava inserida. Trata-se da região do pampa, que com suas planícies e campos ondulados, cobertos de pastagem natural abundante, se construía como um lugar ideal para a criação extensiva de gado. O clima propício e o aperfeiçoamento da técnica do charque completaram o ciclo que caracterizou a fundação e desenvolvimento da cidade estreitamente ligados a essa região sul e meridional. Por outro lado, a presença de rios e arroios, e sua comunicação com a laguna dos Patos através do canal de São Gonçalo, facilitou tanto a produção do charque quanto o deslocamento de mercadoria, de pessoas e de ideias.

A importância que a arte cinematográfica alcançou na cidade desde cedo foi refletida em dois importantes aspectos: a) uma produção cinematográfica relativamente consistente se levarmos em conta o momento (começo do século XX); b) no grande número de salas de cinema construídas em Pelotas já nas primeiras décadas do século XX – salas estas que foram motor da modernidade da arquitetura e do espaço urbano da cidade.

Assim, é nesse contexto geral, que cinema, geografia, cultura, arquitetura, cidade e modernidade tornam-se elementos de um roteiro que, inicialmente podem fazer parte de tomadas dispersas e incongruentes, mas que mediante uma montagem atenta, possibilitam construir múltiplos argumentos conectados ao mesmo tempo, aos acontecimentos do lugar e ao espírito da época.

Com isso, o artigo possui como objetivo traçar uma narrativa acerca da presença da arte cinematográfica em Pelotas, entendendo-a como reflexo de uma modernidade muito própria que vinha se construindo desde o século XIX na cidade. Uma modernidade que só foi possível devido a uma realidade - econômica, cultural, social e climática – construída a partir de uma relação muito estreita com o lugar. Por outro lado, essa arte vai ser um motor na consolidação dessa modernidade, principalmente no ramo do entretenimento (a partir das salas de cinema) e da informação (com a possibilidade de circulação de notícias tanto no nível regional e nacional, como internacional).

A metodologia adotada permitiu traçar uma relação entre os campos da arte, da arquitetura e do lugar, mediante a um contexto geográfico e cultural peculiar da cidade de Pelotas. Os procedimentos utilizados para este estudo foram: a) um levantamento

<sup>4</sup> É importante destacar que, neste mesmo ano, foi inaugurado o primeiro “palácio cinematográfico” nos Estados Unidos – o Regente Theatre – sob projeto de Thomas W. Lamb (ALONSO; BARREIRO E SOLA, 2016).

teórico referente ao período de modernização das cidades e do advento do espírito moderno que proporcionou a chegada da arte do cinema, graças a uma economia muito ligada ao lugar; b) um estudo, levantamento e análise da produção cinematográfica da cidade de Pelotas no início do século XX (jornais e demais fontes primárias, além dos fichamentos das obras da Cinemateca Brasileira), que foi referência nacional para a época e que sempre esteve vinculada à cultura local; c) uma análise cronológica de como foi constituída a arquitetura de cinema, como essa nova tipologia estava inserida no contexto histórico de consolidação dessa nova arte; d) levantamento das informações dos espaços de projeção que existiram na cidade e das suas estruturas com base nos dados registrados no acervo da prefeitura (desenhos técnicos), nos jornais e demais periódicos da época.

### Uma cidade do Pampa que se moderniza

Segundo Martins (2002), a povoação da região sul do Rio Grande do Sul fez com que a sociedade que ali se desenvolvia fosse moldada com características muito peculiares (isolamento, clima frio no inverno, conflitos e complexidades de fronteira). Nessa perspectiva, o autor ainda aponta que a atividade econômica predominante no Rio Grande do Sul, por muito tempo, foi a criação extensiva de gado produzida nas sesmarias (estâncias) que, inicialmente, foi vista como uma estratégia de assegurar a posse do território.

Nesse sentido, o traçado urbano da cidade, em malha reticulada também nasceu do lugar geográfico. É um traçado que se adapta às regiões planas, implantado na fronteira sul do Brasil e que apresenta ressonâncias da ocupação, ora espanhola, ora portuguesa da província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Já a arquitetura, além de possuir sua dimensão física, diretamente conectada ao lugar, foi erguida a partir das duras condições de trabalho da região, que construiu a cidade e os casarões dos senhores (inseridos no espaço urbano pampeano).

A questão regional incorporada na identidade gaúcha foi a semente germinal da formação desta região, um território articulador de resistências sócio-políticas e instituidor de uma identidade cultural (MARTINS, 2002). O gauchismo ou tradicionalismo tornou-se um movimento que transitou entre a realidade da vida campeira e seu estereótipo, difundindo o que se considera como cultura do gaúcho (RAMIL, 2004).

A ocupação da região de Pelotas foi iniciada na segunda metade do século XVIII. Em 1812 foi instaurada a freguesia de São Francisco de Paula, elevada à categoria de Vila no ano de 1832. O desenvolvimento progressivo da empresa charqueadora, somado ao crescimento urbano e populacional, contribuiu para que a Vila fosse elevada à categoria de cidade em 1835 (CERQUEIRA, 2014). A situação industrial de Pelotas era decorrência direta do tipo de economia que se desenvolveu desde o surgimento da vila que deu origem à cidade, portanto, ancorada na indústria do charque (MICHELON, 2014).

O charque, impulsionado pela guerra civil uruguaia - que tirou a sua produção da concorrência com a indústria gaúcha - era o produto da terra mais exportado para as demais Capitâneas. Ao charque se somavam outras exportações, como a carne seca sem sal, sebo em pau, couros em cabelo, queijos, trigo em grão e farinha, biscoitos, velas de sebo, cebola, peles de veado, graxa, manteiga, cabelo de cauda e crina (MARTINS, 2002).

O comércio dava sinais de vitalidade nos maiores centros da época: em Rio Grande, escoadouro comum de toda produção da Capitania através do porto marítimo; em Porto Alegre, centro administrativo e em Pelotas, núcleo da produção da indústria saladeiril (MARTINS, 2002). Gutierrez (2001) aponta a exploração da mão-de-obra escrava na construção civil, no período de entressafra da atividade saladeiril, como um dos fatores do progresso tecnológico pelotense. Cerqueira (2014) indica que a mesma mão-de-obra atuava ainda em uma rede de atividades pecuárias, charqueadoras, domésticas e fabris (olarias, produção de velas, sebo, cal).

Soares (2001) aponta que a cidade pelotense, na década de 1880, era o centro de uma região produtiva ativa nos fluxos internacionais de circulação de capital, o qual recebeu, naquele momento, muitas novidades tecnológicas emergentes no mundo, tais como as ferrovias, o telefone, a indústria. A consistência do desenvolvimento econômico gerado pela atividade saladeiril tornou Pelotas uma cidade atraente para investidores e imigrantes, fazendo com que, ao longo da segunda metade do século XIX, a cidade passasse por um processo de transformações significativo no que se refere à modernização arquitetônica e urbanística (CERQUEIRA, 2014).

Michelon (2014) indica onze elementos presentes nas ruas de Pelotas como definidores de uma ideia de modernidade nas primeiras décadas do século XX: a presença do bonde, a aplicação dos serviços de energia elétrica, os trilhos e os postes para funcionamento desse meio de transporte, o movimento, o ruído e notória presença humana, a pavimentação, o calçamento, as praças e jardins, e os automóveis.

Segundo Martins (2002), estas transformações foram implementadas no espaço urbano através da qualificação da infraestrutura, dos transportes e das construções. O autor indica que as novas ideias higienistas fizeram com que a cidade rompesse com algumas das velhas tradições, incorporando inovações urbanas como as possibilidades de circulação de pessoas, de veículos, de ar e de sol, além das preocupações com a saúde, que mudaram a forma de projetar as construções. O Estado, como um todo, passava por uma fase de transição, de uma economia exclusivamente agropastoril, para uma mais industrial e moderna. O setor comercial, composto de um leque de prósperas atividades, tinha no ramo das diversões públicas um dos destaques sendo o “cinematógrafo” seu mote principal (CALDAS e SANTOS, 1994).

As primeiras duas décadas do século XX testemunharam transformações nas cidades brasileiras em uma escala até então sem precedentes, através das altas taxas de crescimento populacional e da demanda por habitação e por serviços urbanos (SEGAWA, 2018). As cidades começavam a incorporar a velocidade através dos mecanismos (fatos, hábitos e coisas) que determinavam ritmos mais céleres à existência (MICHELON, 2014). Como indica Neto (2001), a modernização e o crescimento das cidades brasileiras foram marcados também pela construção de grandes salas de cinema nas áreas urbanas e esses espaços assumiram um importante significado para a vida social desses lugares.

Nesse contexto, a presença do cinematógrafo se deu precocemente na cidade, o que estimulou uma ideia geral de modernização na cultura urbana e no contato com outros lugares. A produção e distribuição de energia elétrica em escala industrial e a expansão das linhas de bondes elétricos permitiram que essa arte se desenvolvesse na região.

As projeções começaram a se tornar efetivas primeiro nos teatros já construídos na cidade, os quais recebiam o equipamento – cinematógrafo – e adaptavam seus espaços para as projeções. O Teatro Sete de Abril, inaugurado em 1833, no começo do século XX foi adaptado para também acolher a projeção de filmes. Logo foram construídos os cine-teatros e, finalmente, as salas exclusivas para comportarem as

projeções de cinema.

Por outro lado, paralelamente à abertura de salas de cinema em Pelotas, também se desenvolvia uma produção cinematográfica de destaque. A cidade que já acolhera pintores (Trebbi, Litran, Gotuzzo), escultores (Caringi) e arquitetos (Isella, Marcucci, Casaretto)<sup>5</sup>, agora recebia os artistas dessa nova arte que fundamentalmente representava – juntamente com a fotografia - o advento da nova sociedade fruto da revolução industrial, moderna e científica.

### Produção cinematográfica - uma representação do lugar

Na pintura inovadora do século XX (considerar, por exemplo, Monet, Manet e Degas), o conteúdo se desloca dos grandes acontecimentos ou da representação de conteúdos religiosos e doutrinários, para os eventos ordinários, representantes da vida diária nas cidades que se modernizavam. Os artistas saem de seus estúdios e vão para as ruas pintar as esfumaçadas estações de trens, a agitada vida urbana e seus habitantes em seus afazeres diários. Essa direção foi seguida pela fotografia e depois pelo cinema. Esses meios artísticos se caracterizaram por exigir, de alguma forma, uma relação mais direta entre quem toma a imagem ou a cena (fotógrafo ou cineasta) e a cena propriamente dita. Desse modo, o artista sai para o mundo para enfrentar, cara a cara, a realidade e assim registrá-la.

Paulo Gomes (1979) aponta que as primeiras filmagens no Brasil foram realizadas no ano de 1898. Em Pelotas, segundo Santos (2014), os primeiros planos filmados aconteceram no dia 24 de abril de 1904 – realizados por José Filippi – e as cenas consistiam em gaúchos pilchados a cavalo ao redor do fogo durante uma festa do clube tradicionalista União Gaúcha João Simões Lopes Neto. O autor indica que Filippi também foi o responsável pelo mais antigo registro de uma filmagem no Rio Grande do Sul realizado um mês antes.

A produção cinematográfica brasileira foi marcada por ciclos que são identificados não só pelas abordagens estéticas e temáticas, mas também pelas geográficas, marcando assim um ciclo, as diversas obras realizadas em uma região (CARDOSO; SANTOS e PERAZZO, 2017). Segundo esses autores, a produção cinematográfica regional é uma característica da filmografia nacional que colabora para reforçar a diversidade cultural do Brasil.

Na década de 1910, surge em Pelotas, a partir da fundação da Guarany Films criada por Francisco Santos em parceria com Francisco Xavier, um dos mais importantes ciclos regionais de cinema, (SANTOS, 2014). Segundo Santos e Caldas (1995), antes de se tornar cineasta, o português Francisco Santos atuava com sua companhia de teatro e, com ela, viajou pelo Brasil por quase uma década até se estabelecer em Pelotas. Os autores ainda comentam sobre o motivo de escolher as terras pelotenses para morar:

Nos bastidores, porém, a situação estava muito clara: para Francisco Santos a hora de parar já tardava. Não iria abandonar a carreira artística, apenas descartar a vida de cigano para dar uma melhor atenção à vida familiar. E agradava-se tanto de Pelotas, cidade que oferecia excelentes oportunidades no ramo artístico e de lazer...

<sup>5</sup> Obras como Silva (1996); Chevallier (2002); Cabral (2012); Daltoé (2012) vão destacar o papel cultural e de “inovação” desses arquitetos e artistas no território da cidade.

Esse contexto, levando em conta que Santos planejava montar um estúdio de cinema, teve muita influência em sua escolha. (SANTOS e CALDAS, 1995, p. 31).

Em dezembro de 1912, os sócios da Guarany Films anunciaram que instalariam a fábrica de fitas na cidade de Pelotas (SANTOS, 2014). A princípio a Guarany apresentou-se com a proposta de realizar serviços publicitários e, mesmo que essa fosse a intenção inicial, esperava-se que caminhos mais audaciosos fossem tomados (SANTOS e CALDAS, 1995).

A empresa apresentou filmagens do carnaval e das homenagens feitas ao, até então presidente do Estado, Carlos Barbosa. Logo após, anunciou a exibição de “três excelentes fitas”: imagens panorâmicas da cidade, imagens de uma partida de futebol e um filme sobre o processo de beneficiamento de couros em um curtume local (SANTOS e CALDAS, 1995).

Francisco Santos, contudo, causou furor nas telas seguindo uma tendência nacional de reconstituir crimes reais explorados pela imprensa, como o ocorrido em Rio Grande e que abalou a opinião pública, o longa-metragem com o sugestivo título “O Crime dos Banhados” (SANTOS, 2014). Gomes (1979) informa que a fita, com quase duas horas de projeção, foi inspirada num bárbaro episódio de lutas políticas que haviam resultado em um massacre e uma família inteira na Fazenda do Passo da Estiva, em Rio Grande. O cineasta e os câmeras tomavam os trens para Rio Grande, Bagé, Jaguarão e Santa Maria, onde documentavam os acontecimentos de interesse público e essas filmagens constituíam uma espécie de cinejornal, complementando a programação dos cinemas locais (SANTOS e CALDAS, 1995).

Antes, Santos havia rodado a obra “Os Óculos do Vovô” (Imagem 1) que, para muitos, é considerada como o filme de ficção com imagens preservadas mais antigo do Brasil (LANGIE, 2013). Conforme consta na ficha da obra no acervo da Cinemateca Brasileira, é um curta-metragem mudo, que originalmente durava 15 minutos, mas como apenas alguns fragmentos do filme foram encontrados e recuperados, o material encontra-se, atualmente, com 4 minutos e 34 segundos de duração. Segundo Santos e Caldas (1995) a obra, que narra os episódios de um menino que pinta os óculos do avô de preto enquanto ele dorme e este, ao acordar, acredita estar cego, foi produzida em março de 1913.

Ao assistir à obra, observou-se que foram utilizadas técnicas de diferentes posicionamentos de câmera e de cortes de um ambiente para o outro, métodos bastante inovadores para a época.

Por outro lado, este, como outros filmes posteriores, vão se valer do cenário urbano e arquitetônico da cidade para a locação de suas cenas. As tomadas internas de “Os Óculos do Vovô” foram feitas na edificação que era sede da Guarany Films, localizada na rua Marechal Deodoro esquina General Telles. As tomadas externas foram feitas parte na sede da Guarany e parte no antigo Parque Souza Soares, localizado no bairro Fragata. Além do cotidiano da cidade e de um expressivo local de lazer da comunidade pelotense, muitos hábitos e costumes da época também podem ser observados nesta obra, como, por exemplo, os meios de comunicação e transporte utilizados.

Santos e Caldas (1995) apontam a obra “O Marido Fera” como outro destaque da Guarany, no qual foi retratado um crime que aconteceu na cidade de Bagé no ano de 1913, em que uma mulher foi mantida em cárcere privado pelo marido por quatro anos. Os autores informam que Santos e Francisco Xavier filmaram o momento da prisão do responsável pelo crime e que, inclusive, comentava-se que a revelação dos filmes



Imagem 1 - Os Óculos do Vovô (1913). Fonte: Banco de Conteúdos Culturais da Cinemateca Brasileira. Código do filme: 001395. Código da imagem: FB\_1297\_054.

havia sido feita no percurso de volta a Pelotas. Dezenas de cine-jornais (o “Jornal da tela 1913” teve 83 edições), curtas-metragens de ficção e documentários foram produzidos e exibidos em Pelotas entre os anos de 1913 e 1914 nos diversos lugares de projeção da cidade (CUNHA, 2017).

Todos esses filmes foram exibidos em antigos teatros ou nas salas que viriam a ser construídas, mesmo tendo sido encerradas as atividades da Guarany Film em virtude da eclosão da Primeira Guerra Mundial e da restrição para aquisição de filme virgem (GOMES, 1979). Apesar da crise na qual mergulhou a fábrica de fitas, Francisco Santos se manteve atuando no ramo de exibição, passando a arrendar e a construir cinemas como o Cine-Teatro Guarany, o Cine Avenida, o Cine Apolo e o Capitólio (SANTOS, 2014).

### Os primeiros espaços de projeção de Pelotas: uma arquitetura para o cinematógrafo

Os espetáculos teatrais, líricos e de variedades, sofreram forte concorrência do cinema, que era um lazer mais popular e, por isso, não demorou para que os teatros abrissem suas portas para a nova diversão. Em Pelotas, como nos demais lugares, os exibidores ambulantes utilizavam qualquer salão mais amplo para reunir o público e projetar os filmes (CALDAS e SANTOS, 1994).

Segundo Munarim (2009), em um primeiro momento, a arquitetura das novas salas de cinema buscavam engrandecer o espetáculo dos filmes e se distanciar dos espaços adaptados como os vaudevilles (teatro de variedades) e os nickelodeons (grandes depósitos para abranger o maior número possível de pessoas). O uso dos grandes teatros foi uma maneira de enobrecer essa arte autêntica representante da modernidade.



A busca por essa nova arquitetura partiu das estruturas dos grandes teatros. Esses grandes espaços, embora projetados para acolher outro tipo de espetáculo, podiam ser adaptados para a tecnologia da projeção. Assim, em Pelotas, destacou-se o Theatro Sete de Abril (Imagem 2), inaugurado em 1833.

Santos (2014) informa que, graças à energia fornecida por um motor do Moinho Pelotense, em 1901, o cinematógrafo tornou-se atração por várias noites no Sete de Abril. O autor ainda aponta que, no ano seguinte, o ilusionista Amarante fez uma temporada de apresentações no teatro nas quais algumas delas contavam com imagens projetadas através de um aparelho de cinematógrafo. Por isso, acredita-se que o Theatro Sete de Abril tenha sido um dos primeiros locais da cidade com projeções na sua programação fixa.

Como o novo lazer revelou-se um negócio extremamente lucrativo, as dificuldades de acomodação e de infraestrutura dos espaços limitavam os rendimentos dos exibidores. O Sete de Abril, neste caso, era o espaço com melhores acomodações, tornando-se motivo de disputa entre os empresários de diversões públicas da época. Tal contexto influenciou diretamente na construção de cinemas, com grandes prédios que substituíssem as precárias salas existentes (CALDAS e SANTOS, 1994).

A partir do ano de 1909, a abertura de salas de cinema prosperou na cidade. Segundo Santos (2014), a inauguração do Éden, em 15 de agosto de 1909, foi considerada um grande acontecimento cinematográfico. A partir da primeira década do século XX, as principais construções públicas pelotenses caracterizaram-se pela busca de uma identidade visual através das edificações. Em decorrência disso, e devido à existência de uma nova ordem social, a cidade assumiu um caráter mais cosmopolita resultando na edificação de oito cinemas, três teatros, um cassino, quatro bancos e um hotel de luxo (MOURA, 1998).

Na década seguinte, novos espaços de projeção foram inaugurados como: o Parisiense,



o Coliseu e o Polytheama. Em 1911 foi inaugurado o Cinema Popular (Imagem 3) e foram noticiadas projeções no Cinema Caixeral. No ano de 1912 foram abertas mais três salas de projeção: Eldorado, Recreio Ideal e Ideal Concerto (Ponto Chic), esse último com a proposta de funcionar como um cine-café (SANTOS, 2014).

Nos anos de 1915 e 1916 foram inauguradas três novas salas de cinema: o Cinema Gaúcho, o Cinema Universal, o Cinema Guarany (no Capão do Leão) (SANTOS, 2014). Santos e Caldas (1995) informam que a busca por um cinema mais novo e mais amplo na cidade, fez com que os empreendedores Francisco Santos, Francisco Xavier e Rosauro Zambrano fizessem uma parceria com o objetivo de construir o Theatro Guarany (Imagem 4), inaugurado no ano de 1921. Os autores apontam que foi através do projeto do engenheiro Stanislaw Szarfarki e das orientações de Francisco Santos que o projeto do cine-teatro seguiu elementos do estilo neoclássico. Um dos aspectos que mais impressionou no novo teatro de Pelotas foi a grandiosidade de suas instalações elétricas, além da variedade e intensidade da iluminação (CALDAS e SANTOS, 1994).

A sociedade Santos, Xavier e Zambrano durou um curto período de tempo, mas Francisco Xavier e Francisco Santos ainda construíram, em parceria, outros três cinemas em Pelotas: o Apolo (1925), o Avenida (1927) e o Capitólio (1928). Pelotas, ao longo do século XX chegou a contar com mais de três dezenas de cinemas, alguns acomodando mais de mil pessoas por sessão (SANTOS, 2014). A partir da década de 1930 essas salas vão apresentar em sua arquitetura a linguagem moderna que vai se consolidando na cidade.

### Considerações finais

A arte do cinema encontra em Pelotas um ânimo cultural e sólido para se desenvolver. A cidade, cosmopolita, assim como expressa um espírito vanguardista ao acolher



prontamente as novas ideias artísticas, arquitetônicas e urbanísticas vindas de fora, reinterpretando-as e adaptando-as de algum modo ao lugar, acolhe prontamente a arte cinematográfica.

Essa arte, ao mesmo tempo que incorpora em sua narrativa os elementos locais (geografia, paisagem urbana e arquitetura) impulsiona a construção de edificações que demandam uma modernização em termos plásticos e técnicos: a arte moderna cinematográfica requer um espaço de formas simplificadas que tragam em presença uma estética mais vanguardista; a necessidade de acolher um público numeroso leva a um investimento em técnicas construtivas que permitam vencer grandes vãos criando salas de dimensões generosas e que liberem a visual necessária às projeções.

A riqueza gerada no pampa foi o motor – de extrema potência – que possibilitou a aproximação dessa cidade geograficamente tão isolada dos grandes centros exportadores de cultura. As condições climáticas desse lugar – frio, vento, umidade, mas também calor em janeiros longínquos – talvez tenham sido importantes no costume da população urbana de buscar abrigos mais climaticamente controláveis nos seus momentos de lazer. Essa é uma suposição que pode ser tomada como hipótese em futuros trabalhos de investigação.

#### Referências

ALONSO, Daniel Villalobos; BARREIRO, Sara Pérez; SOLA, Javier Rey de. Relaciones entre Espacio Filmico y Espacio Arquitectónico: Cines, Mitos y Literatura. *Arquitectura de Cine*. 13-36. Valladolid: Cargraf, 2016.

CABRAL, Helen Gularte. *Guilherme Marcucci: ecletismo na arquitetura pelotense: (1860-1901)*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2012.

CALDAS, Pedro Henrique; SANTOS, Yolanda Lhullier dos. *Guarany - o grande teatro de Pelotas*. Pelotas: Semeador, 1994.

CARDOSO, João Batista Freitas; SANTOS, Roberto Elísio dos; PERAZZO, Priscila Ferreira. *Cinema regional: cultura e história nas telas brasileiras*. Estudos sobre las Culturas Contemporâneas. Colima, época III. v. XXIII. n. III. p.11-26. 2017.

CARVALHAES, A. C. *Curso Básico de História do Cinema*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado: Clube de Cinema de Porto Alegre, 1975.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. Atenas do Sul: Recepção e (Re)Significação do Legado Clássico na Iconografia Urbana de Pelotas (1860-1930). *Almanaque do Bicentenário de Pelotas*. v.2: Arte e Cultura. Santa Maria: Gráfica e Editora Pallotti, 2014.

CHEVALLIER, Ceres. *Vida e obra de José Isella: Arquitetura em Pelotas na segunda metade do século XIX*. Pelotas: Editora Livraria Mundial, 2002.

CUNHA, João Manuel dos Santos. In: LONER, Beatriz Ana; GIL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osorio Magalhães (org.). *Dicionário de História de Pelotas*. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. p.69-76.

DALTOÉ, Guilherme. *Caetano Casaretto: arquitetura urbana em Pelotas / RS (1892–1931)*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2012.

GOMES, Paulo Emílio Sales. *Cinema, Trajetória no Subdesenvolvimento*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

GUTIERREZ, Ester J. B. *Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. 2.ed. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2001.

LANGIE, Cíntia. Francisco Santos 100 anos depois. *Orson - Revista dos Cursos de Cinema do Cearte UFPEL*. Pelotas, v.web, p.1-5, 2013.

MARTINS, Roberto Duarte. *A ocupação do espaço na fronteira Brasil-Uruguay: a construção da cidade de Jaguarão*. 2002. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Universidade Politécnica da Catalunha, Barcelona, 2002. Disponível em: <https://upcommons.upc.edu/handle/2117/93390>. Acesso em: 09 dez. 2021.

MICHELON, Francisca Ferreira. *A Cidade Como Cenário do Moderno: Representações do Progresso nas Ruas de Pelotas (1913-1930)*. Biblos, Rio Grande, 16: 125-143, 2004.

MUNARIM, Ulisses. *Arquitetura dos cinemas: um estudo da modernidade em Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, UFSC / PGAU-CIDADE, 2009.

MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim. *100 Imagens da Arquitetura Pelotense*. Rosa Maria Garcia Rolim Moura e Andrey Rosenthal Schlee. Pelotas: Pal lotti, 1998.

NETO, Olavo Amaro da Silveira. *Cinemas de rua em Porto Alegre – do Recreio Ideal (1908) ao Açores (1974)*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado/Faculdade de Arquitetura da UFRGS, 2001.

RAMIL, Vitor. *A Estética do Frio*. Conferência de Genebra. Pelotas: Satolep Livros, 2004.

RAMIL, Vitor. *Satolep*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

SANTOS, Klécio. O Reino das Sombras: palcos, saloes e cinema em Pelotas. In: *Almanaque do Bicentenário de Pelotas*. V. 2. Arte e Cultura. Santa Maria: Editora Pallotti, 2014.

SANTOS, Yolanda Lhullier dos; CALDAS, Pedro Henrique. *Francisco Santos: pioneiro do cinema do Brasil*. [S.l.: s.n.], 1995.

SILVA, Ursula Rosa da. *História da arte em Pelotas: a pintura de 1870 a 1980*. Pelotas: EDUCAT, 1996.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. *Modernidade urbana e dominação da natureza: o saneamento em Pelotas nas primeiras décadas do século XX*. Pelotas: História em Revista. (UFPEL) V.7, Dez. 2001. (p. 65-92).

# MAPEAMENTO DOS PRÉDIOS REPRESENTATIVOS DA ARQUITETURA PÓS-MODERNISTA EM PELOTAS/RS Neo-racionalistas, historicistas e virtuais

*MAPPING OF REPRESENTATIVE BUILDINGS OF POST-  
MODERNIST ARCHITECTURE IN THE CITY OF PELOTAS/RS  
Neo-rationalist, historicist and virtual*

*Jeferson Francisco Selbach<sup>1</sup>*

## Resumo

A arquitetura contemporânea tem por característica a diversidade de formas e tendências, naquilo que se convencionou denominar de arquitetura pós-modernista. Objetivamos apresentar levantamento de prédios representativos da arquitetura pós-modernista de Pelotas/RS, de modo a perceber quais tipos desta tendência arquitetônica se fazem mais presentes. Como método, selecionamos doze prédios cujas fachadas foram fotografadas e onde destacamos os campos de observação que permitem considerar as obras representativas de uma arquitetura pós-modernista, tais como detalhes da construção, a unidade arquitetônica, o espaço ocupado, a fachada e o corpo arquitetônico, a tipologia e o contexto da construção. Os doze prédios foram divididos em três categorias: neo-racionalistas, historicista, e virtual. O resultado destaca composições geometrizadas e distorções de formas, mescla do estilo eclético com contemporâneo de linhas geometrizadas, e composição de forma sem função estrutural. A partir do levantamento pode-se afirmar que Pelotas possui prédios representativos da arquitetura pós-modernista.

Palavras-chave: arquitetura pós-modernista, arquitetura neo-racionalista, arquitetura historicista, arquitetura virtual, Pelotas.

## Abstract

*Contemporary architecture is characterized by the diversity of shapes and trends, in what has been conventionally called postmodernist architecture. We aim to present an index of representative buildings of postmodernist architecture in Pelotas/RS, in order to understand which types of this architectural trend are more present. As a method, we selected twelve buildings and photographed their facades, highlighting the observation fields that allow us to consider them as representatives of postmodernist architecture, like construction details, architectural unit, occupied space, the facade and the architectural body, the typology and the construction context. The twelve buildings were divided into three categories: neo-rationalist, historicist and virtual. The result highlights geometric compositions and shape distortions, blending eclectic and contemporary style of geometric lines, and shape composition without structural function. From the survey, it can be said that Pelotas has buildings that are a representation of postmodernist architecture.*

*Keywords: postmodernist architecture, neo-rationalist architecture, historicist architecture, virtual architecture, Pelotas.*

<sup>1</sup> Licenciado em Ciências Sociais (Unisinos, 1996), Mestre em Planejamento Urbano e Regional (UFRGS, 1999) e Doutor em História (Unisinos, 2007). Professor Associado IV da Universidade Federal do Pampa (Unipampa).

## Introdução

A arquitetura contemporânea tem por característica a diversidade de formas e tendências, naquilo que se convencionou denominar de arquitetura pós-modernista. É representativa deste início do Século XXI, em que a multiplicidade das intenções humanas está cada vez mais visível. E traz como inovação o fato de se apresentar de diferentes possibilidades e nas mais variadas formas, dificultando uma classificação exata. Podem ser apontadas correntes ou tendências que se desdobram, mas também se imbricam entre si. As mais visíveis são as derivadas da arquitetura modernista, com combinações nas mais diversas formas, as lúdicas, que instam o olhar dos usuários a partir de diversas formas orgânicas, e as que buscam certa sustentabilidade, com uso de elementos do passado.

A arquitetura pós-modernista comunga com a chamada arquitetura modernista o fato de romper com o passado, renovando constantemente, em um movimento contínuo e incessante de modificação, característico dos tempos atuais. Mas, diferente da arquitetura modernista, não necessariamente rejeita a priori estilos anteriores. Antes, os adapta, reconfigura, com releituras e proposições de novas tendências ou sugestões de ideias radicalmente inovadoras. Desta maneira que, tanto pode utilizar-se da chamada construção honesta – estrutura aparente, forma seguindo a função, concreto, ferro e vidro – quanto se permitir o uso de ornamentos e fachadas sobressalentes para criar designs diferenciados cujo objetivo é impactar aqueles que circulam pelos espaços construídos.

Objetivamos, neste trabalho, apresentar levantamento de prédios representativos da arquitetura pós-modernista de Pelotas/RS, de modo a perceber quais tipos desta tendência arquitetônica se fazem mais presente na região. Tais manifestações arquitetônicas carregam em si diferenciais por estarem situadas em uma cidade com características únicas, como é Pelotas, mas também podem configurar enclaves urbanos em meio à paisagem. Esta zona de riquíssima cultura é atravessada pelos mundos hispano-portugueses, indígenas e africanos, influencia e é influenciada por esta arquitetura dita pós-modernista. Tal hibridismo representado em suas construções forma uma identidade própria da região, que a diferencia de outras paragens. Neste sentido, situa a região nesta perspectiva do olhar sulista para seu entorno e para além das suas fronteiras. O viver em um continente ao sul da linha imaginária do Equador, no sul latino-americano, no sul-brasileiro, na metade sul do Estado, o nosso sul.

## Método

Delimitamos metodologicamente para este estudo um dos quadriláteros pelotenses mais economicamente valorizados, na chamada Zona Norte. O perímetro escolhido faz parte do Centro e abriga as regiões da Luz, Cohabpel e Treptow. Limita-se entre as avenidas Bento Gonçalves, Juscelino Kubitschek de Oliveira, Dom Joaquim e Fernando Osório e rua Santos Dumont. A escolha deu-se em razão de que esta área, apesar de fazer parte do Centro de Pelotas, não compõe o núcleo de preservação histórico, onde estão localizados vários prédios exemplares do período eclético, construídos entre o final do Século XIX e início do Século XX. Por ser uma zona de expansão mais recente, a maior parte das construções do perímetro escolhido são da segunda metade do Século XX em diante, fazendo com que a zona passasse por um processo de renovação arquitetônica mais consistente e permitindo o aparecimento de prédios com características pós-modernistas.

Selecionamos doze prédios considerados representativos da arquitetura pós-modernista. A partir desta seleção, fotografamos a fachada de cada um dos prédios

e destacamos os principais aspectos, os campos de observação que permitem considerar as obras representativas de uma arquitetura pós-modernista, tais como detalhes da construção, a unidade arquitetônica, o espaço ocupado, a fachada e o corpo arquitetônico, a tipologia e o contexto da construção (KEMP, 2009). Para fins de análise metodológica, dividimos os doze prédios em três categorias.

Na primeira, consideramos oito prédios como sendo pós-modernistas neo-racionalistas: Condomínio Edifício Solar da XV, na rua Quinze de Novembro, lado oeste, entre as ruas Amarante e Padre Felício; Condomínio Versailles, na avenida Dom Joaquim, entre a avenida General Osório e a rua Guilherme Wetzel; Condomínio Residencial Michel Karam, na avenida Dom Joaquim, esquina rua Quinze de Novembro; Condomínio Residencial Da Luz, na rua Gonçalves Chaves, entre as ruas da Luz e Antônio dos Anjos; Edifício Monte Carlo, no final da rua Senador Carlos Barbosa; Condomínio Edifício Quinze de Novembro, na rua Quinze de Novembro, lado leste, entre as ruas Amarante e Padre Felício; Residência, na esquina das ruas Armando Gastaud Sica e Paulo Marques; e Clínica Otoplena, na rua Padre Anchieta, entre a rua Barão de Azevedo e avenida Dom Joaquim.

Na segunda categoria, consideramos três de caráter pós-modernista historicista: antigo Restaurante Chu, localizado na esquina das ruas Andrade Neves e Barão de Azevedo Machado; Escritório de Advocacia Eduardo Menezes Gomes da Silva, na esquina da rua Antônio dos Anjos e avenida General Osório; e Clínica Angiocor, na rua Gonçalves Chaves, entre as avenidas Domingos de Almeida e Bento Gonçalves. Incluímos o décimo-segundo prédio selecionado – o Restaurante Ichiban; na rua Padre Anchieta, entre as ruas Antônio dos Anjos e Rafael Pinto Bandeira – numa terceira categoria, devido a sua referência à arquitetura pós-modernista virtual.

Antes de analisarmos detalhadamente a arquitetura dos prédios selecionados, discutimos teoricamente os principais conceitos sobre modernidade e pós-modernidade e como a arquitetura pós-modernista se insere neste contexto. Justificamos a revisão bibliográfica com a escolha de autores que lançaram um olhar mais amplo sobre o período em que vivemos. Esta percepção ampliada permite um recorte para analisar como a arquitetura pós-modernista se insere neste contínuo movimento de modificação das relações humanas, numa ruptura com as condições históricas precedentes, na permanente alteração do cotidiano, na paisagem e no que dá vida a ela, numa arquitetura marcada pelo pluralismo onde o espaço reflete a cultura do lugar.

### **Pós-modernidade e arquitetura pós-modernista**

Os conceitos sobre modernidade e pós-modernidade são bastante ambíguos, fugidios, carecem de amplitude para explicar tudo aquilo a que se propõe. Modernidade pode ser definida, a partir de BERMAN (1986), como a experiência de tempo e espaço, na qual a espécie humana está passando, de uma ou outra forma, nos últimos cinco séculos. A modernidade é o turbilhão que mantém a humanidade num perpétuo estado de vir-a-ser, num movimento contínuo de modificação da sua maneira de ser, de agir, de sentir, mas que não parece ter uma finalidade em si, a não ser o próprio girar da roda. A essência do ser moderno é, neste sentido, carregada da ambiguidade de transformar a si mesmo e ao mundo, mas sempre com a sensação de ameaça pessoal.

Tal ambiente moderno independe de espaço geográfico, fronteiras territoriais, étnicas, culturais, econômicas, sociais, religiosas ou mesmo ideológicas. A modernidade, nesta perspectiva, une os indivíduos, mas numa unidade paradoxal, pois joga o ser humano num estado de perpétua contradição e renovação. Neste sentido é que o termo modernidade seria imbuído de uma conotação auto-renovante, que não pretende

preservar nem a si mesmo, quanto mais algo que pertence ao passado, sejam formas antigas ou primordiais de seu próprio movimento.

HARVEY (1994), analisando como esta concepção de modernidade reflete no urbano, define como um interminável e implacável processo de ruptura com as condições históricas precedentes. A sociedade seria orientada para intermináveis guinadas de transformações e rupturas com o passado, dando um sentido crítico para todas as coisas que surgem e se autotransformando, de etapa em etapa. Um novo mundo criado destruindo boa parte do que preexiste, onde a única coisa segura seria a própria insegurança. Palavra de ordem presente, sobretudo nas cidades, visto tanto no traçado quanto na arquitetura, não só na metrópole desenvolvida e tecnológica, mas também na periferia pauperizada.

O conceito de pós-modernidade seria, também neste sentido, muito mais estético, utilizado pela necessidade de marcar-se a diferença histórica em relação às gerações anteriores, em relação a uma época fortemente denominada de modernidade. Segundo BOLLE (1994), a denominação mais adequada para a pós-modernidade seria a modernidade pós-moderna. HALL (2004) sugere o termo modernidade tardia para denominar o período da segunda metade do Século XX em diante, marcado pela também chamada modernidade pós-industrial (RANGEL e RIBAS, 2011).

Partindo dessa concepção de modernidade, BERMAN (1986) categoriza os aspectos materiais e processuais que dão vida à modernidade como modernização, assim denominado como tudo aquilo que diz respeito ao caráter concreto da vida atual. Já o modernismo envolveria tudo que diz respeito à sensibilidade perceptiva e criativa dos que pertencem a essa época, o caráter paradigmático da fé modernista dos novos seres humanos que conseguem absorver as contradições da modernidade.

À arquitetura caberia o duplo aspecto: tanto reflete os desejos de uma vida moderna, de caráter especificamente volátil, através das formas que as construções assumem em dada época; quanto são frutos da sensibilidade de quem projeta as construções, ao pensar sobre o espaço construído como capaz de influenciar a maneira de viver das pessoas. Segundo o autor, no período arquitetônico denominado modernista, foi forte a ideia na qual através das construções ou estilos construtivos de determinados tipos de prédios se moldariam os indivíduos.

Nesta lógica, a arquitetura pós-modernista abandonaria tal intento, aceitando muito mais a ideia de que o espaço construído é, ao mesmo tempo, o terreno em que as práticas cotidianas se exercem, a condição necessária para que elas existam e o quadro que as delimita e lhes dá sentido. COSTA GOMES (2002) entende que o arranjo físico do espaço urbano influencia determinadas práticas cotidianas, mas há dinamicidade nesta relação que desencadeia mudanças no fazer cotidiano e, por consequência, na desorganização e reorganização do espaço. A ordem espacial pode influenciar as práticas, fazendo com que elas dependam, num dado momento, da distribuição espacial. Mas as formas espaciais explicam parte das maneiras de ser de determinado grupo social e estas maneiras de ser afetam, inversamente, a composição do espaço.

Como definiu SANTOS (1992), o espaço é uma instância da sociedade, portanto de essência social. Como instância econômica-cultural-ideológica, contém e é contido por várias instâncias. Não é formado tão somente por coisas palpáveis, naturais ou construídas, mas engloba a sociedade que atua neste espaço. Por um lado, a paisagem; por outro, o que dá vida a ela. A dinamicidade das mudanças reside nesta imbricação entre as instâncias, na medida em que as mudanças do fazer cotidiano implicam em sua permanente alteração.

Para HARVEY (1980), ao se analisar o espaço construído é necessário relacionar as formas espaciais aos seus respectivos processos sociais. As construções demonstram a dinâmica da cidade, sendo símbolos referentes ao processo pela qual passam, ao nível de transição em que se encontram.

Justamente nesta ruptura do espaço como influenciador dos indivíduos que nele habitam que reside a essência da diferença do modernismo e pós-modernismo. HARVEY (1994) ressalta que o modernismo universal se identificaria com a crença no progresso linear, nas verdades absolutas, no planejamento racional de ordens sociais ideais e na padronização do conhecimento e da produção. O marco do pensamento pós-modernista, em contraste, privilegiaria a heterogeneidade, a diferença como forças libertadoras na redefinição do discurso cultural, a fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança de todos os discursos universais ou totalizantes. Do modernismo surgiu um sentimento anti-modernista nos anos 60, que abriria espaço para o pluralismo retornado do pós-modernismo nos anos 1968-72.

A arquitetura pós-modernista seria exemplo disto, ao pegar partes e pedaços do passado de maneira bem eclética e os combinar à vontade, uma vez que há pouco esforço aberto para sustentar a continuidade de valores, crenças ou mesmo de descrenças. Os prédios seriam concebidos não mais como um todo unificado, mas como junção de partes distintas e não necessariamente alinhadas umas com as outras, sem necessidade de unidade, suscetíveis à variedade de interpretação (HARVEY, 1994).

Pensar especificamente no habitar dos indivíduos foi o que marcou a ruptura na elaboração arquitetônica das construções modernistas. Segundo STROETER (1986), foi o momento em que arquitetos passaram a ter maior preocupação com o bem-estar e qualidade de vida, que estas deveriam prevalecer sobre as demais questões. Por isso, a profusão da ideia de simplificação na construção, rompendo com o passado carregado de adornos. Da Bauhaus que assemelhava a moradia como uma máquina bem lubrificada, onde a disposição arquitetônica deveria condizer com esta funcionalidade. A forma e estética das obras deveriam resultar dessa concepção e os arquitetos, como artistas criadores, deveriam compreender a essência dos problemas propostos e adotar soluções da maneira mais adequada possível, a partir de suas capacidades de entender tais necessidades humanas.

Uma tensão entre projetar partindo de determinados procedimentos e agregar a livre expressão da forma arquitetônica. Aspectos comuns como simetria, unidade e variedade, necessidade, racionalidade, que vão se consubstanciar na planta como elemento gerador, tratamento da superfície e volumes, pilotis, fachada livre, janela contínua e terraço-jardim. Ironicamente, foi esta preocupação exacerbada com a forma que aprisionou a arquitetura modernista na sua própria estética, abrindo caminho para questionamentos aos dogmas modernistas e fazendo ressurgir a estética como elemento criador, naquilo que ficaria conhecido como arquitetura pós-modernista (STROETER, 1986).

Tal multiplicidade de expressões marca o designado período pós-modernista na arquitetura, nas últimas três décadas do Século XX, englobando tendências díspares e permitindo coabitar uma profusão de ideias. NESBITT (2008) escreve que este momento é marcado pelo desejo de ultrapassar os limites teóricos do modernismo sem, contudo, substituí-lo por nenhum outro estilo singular. Ao contrário, um pós-modernismo arquitetônico marcado pelo pluralismo, em que se questiona, inclusive, a real contribuição da funcionalidade espacial no bem-estar dos indivíduos. Ao invés disso, pensar o lugar da obra arquitetônica no contexto urbano, a arquitetura como expressão simbólica da sociedade, a harmonia do espaço construído em relação ao corpo humano, à escala dos indivíduos que nele habitam. Onde o espaço existente,



Figura 1 – Fachada do Condomínio Edifício Solar da XV.  
Fonte: fotografia do autor, registrada em setembro de 2016.

natural e modificado, revela a verdadeira arquitetura do lugar, pois reflete sua cultura, história, memória, desejos e concepções mais díspares.

Uma arquitetura que não tem por intuito mudar o mundo e as pessoas, ser a salvação da humanidade e redenção do mundo, mas que se interessa pela reforma social, contribuindo para a melhoria do ambiente urbano. Nesta arquitetura pós-modernista, resgata-se a concepção estética como importante para a elaboração da obra: o sublime, o belo e a beleza. Retoma-se a preocupação na recepção das obras arquitetônicas pelo público. Os prédios voltam a ser analisados pelos seus simbolismos. A arte vai desempenhar um papel tão relevante quanto a tecnologia. É partindo dessa concepção teórica que mapeamos prédios considerados representativos da arquitetura pós-modernista pelotense.

### Arquitetura pós-modernista pelotense

A arquitetura pós-modernista em Pelotas pode ser considerada diversificada, embora nem todas as correntes sejam especificamente representadas. Os doze prédios selecionados no quadrilátero da Zona Norte, considerados representativos da arquitetura pós-modernista, transitam nestas diversas correntes: combinam elementos da arquitetura modernista com formas geométricas puras, marcação de topo e base, inexistência de elementos ornativos e a monumentalidade do projeto; utiliza formas orgânicas pontuais para reforçar a ludicidade; bem como resgatam elementos do passado, principalmente na fachada e aberturas.

Os prédios considerados neo-racionalistas se caracterizam pela releitura da linguagem racionalista, pelo uso de figuras geométricas e pelas regras de composição, ao mesmo tempo que cruzam referências culturais de sentido regional para além do universalismo nivelador. Utilizam muitas das concepções arquitetônicas do modernismo, mas sem abrir mão das cores e texturas variadas e da marcação de topo e base (ARANTES, 2001).

O Condomínio Edifício Solar da XV (Figura 1) é exemplo do ineditismo do pós-modernismo pelotense. Localizado no lado oeste da rua Quinze de Novembro, entre as ruas Amarante e Padre Felício, aparenta ter mais de três décadas. Sua fachada foi dividida em três partes horizontalmente. No lado direito, foram dispostas sacadas em formato arredondado e aberturas em alumínio preto fosco, com altura compreendendo todo

Figura 2 – Fachada do Condomínio Versailles. Fonte: fotografia do autor, registrada em setembro de 2016.



Figura 3 – Fachada do Condomínio Residencial Michel Karam. Fonte: fotografia do autor, registrada em setembro de 2016.



pé-direito. Na parte central, as aberturas também são alumínio preto fosco, com altura compreendo todo pé-direito, mas foram dispostas de modo a aparentemente fechar uma sacada retangular. No lado esquerdo, uma sacada de esquina, separado por uma coluna arredondada, pintada em cor diferente das demais cores do prédio, com clara intenção de destacá-la na composição (detalhe 1.1). Verticalmente, o prédio conta com quatro pavimentos destinados aos apartamentos, o térreo destinado às garagens, e a cobertura, possivelmente agregada ao último apartamento. No lado esquerdo, a coluna arredondada aparenta sustentar o topo do prédio.

Outros três exemplos mais recentes desta releitura com influência modernista. O Condomínio Versailles (Figura 2), localizado na avenida Dom Joaquim, entre a avenida General Osório e a rua Guilherme Wetzel, tem a fachada dividida verticalmente em uma parte central e duas laterais. A parte central tem, em cada andar, janela com arco abatido e venezianas com caixilho enxadrezado (detalhe 2.1). Nas laterais foram alocadas as varandas privadas dos apartamentos, originalmente com guarda-peitos, mas atualmente fechadas em vidro. Horizontalmente, o prédio é marcado pelas características topo-base. O primeiro pavimento difere dos demais, pela maior altura do pé-direito, pelo avanço que permitiu uma área avarandada, pelos três arcos abatidos e pela própria cor em tom mais escuro que as demais partes do prédio. O topo, acima do



Figura 4 – Fachada do Condomínio Residencial Da Luz. Fonte: fotografia do autor, registrada em setembro de 2016.



Figura 5 – Fachada do Condomínio Monte Carlo. Fonte: fotografia do autor, registrada em setembro de 2016.

sexto pavimento, é dividido igualmente em uma parte central, com eitão em forma de arco abatido (detalhe 2.2), e duas laterais, onde foram postos balaústres de cimento, que aparecem igualmente na parte superior central do primeiro pavimento, de forma a ressaltar a junção do antigo com o contemporâneo (detalhe 2.3).

O Condomínio Residencial Michel Karam (Figura 3) traz igualmente estes elementos caracteristicamente modernistas. Localizado na avenida Dom Joaquim, esquina rua Quinze de Novembro, tem seis pavimentos que marcam esta influência. O primeiro remete ao piloti, fazendo da área livre um espaço de lazer aos moradores (detalhe 3.1). Os pavimentos dois a cinco são destinados ao espaço privado. O lado esquerdo da fachada é marcado pela volumetria caracterizada tanto pelo avanço da sacada, quanto pelas linhas sobressalentes da própria construção, de certa maneira suavizadas e minimizadas no uso da cor branca em todo prédio. No lado direito constam somente pequenas aberturas de uso em banheiros. O sexto e último pavimento é marcado pelo fechamento da volumetria visto no avanço da sacada dos pavimentos inferiores, com um eitão em alvenaria, em formato triangular que dá forma e caimento ao telhado. Na parte inferior do eitão foi feito um arremate em forma de semicírculo. O lado direito da fachada foi reservado ao terraço-jardim adaptado como cobertura (detalhe 3.2).

Figura 6 – Fachada do Edifício Quinze de Novembro. Fonte: fotografia do autor, registrada em setembro de 2016.



O Condomínio Residencial Da Luz (Figura 4), localizado na rua Gonçalves Chaves, entre as ruas da Luz e Antônio dos Anjos, igualmente tem fachada dividida verticalmente em uma parte central e duas laterais. Embora semelhantes, estas laterais não são idênticas. A parte central foi totalmente revestida com vidros translúcidos, dispostos retangularmente em formato côncavo, de fora para dentro. Essa forma côncava destoa proposadamente do padrão retilíneo dos demais itens da fachada, tanto na horizontal quanto na vertical, como elemento diferenciado da composição geometrizada (detalhe 4.1). Para marcar a divisão entre a parte central e as laterais utilizou-se de mármore. A parte central possui topo bem marcado, definido com a mesma divisão em mármore. As laterais foram marcadas por sacadas em toda sua extensão, com guarda-corpo em alumínio branco e vidro. O pavimento térreo é marcado por quatro pilotis em mármore, sendo aberto na parte esquerda e fechado com vidro na parte direita.

As quatro construções seguintes têm por característica marcante as formas geométricas. Podem ser considerados neo-racionalistas com forte composição geometrizada, com elementos volumétricos retangulares ou arredondados, alguns com distorções de suas formas. O Condomínio Monte Carlo (Figura 5), localizado no final norte da rua Senador Carlos Barbosa, tem seis pavimentos destinados aos apartamentos, além do térreo aberto, destinado às garagens. Traz em sua composição o elemento da distorção vertical das formas geométricas retangulares. O bloco central (que na imagem aparece à esquerda) tem os primeiros pavimentos mais recuados em relação aos últimos pavimentos, fazendo com que o edifício avance à medida que ganha altura (detalhe 5.1). Contrariamente, as sacadas laterais (na imagem ao centro-esquerdo) são mais avançadas nos primeiros andares e diminuem nos andares superiores (detalhe 5.2). Na fachada lateral, tal elemento de distorção desaparece. No pavimento térreo foram utilizados pilotis em formato retangular e em arco. O topo não recebeu tratamento específico para marcá-lo, com exceção da cinta de concreto arredondada acima das sacadas, trazendo a ideia de que está “amarrando” os blocos (detalhe 5.3).



Figura 7 – Fachada da residência de esquina atual e anterior à reforma. Fonte: fotografia do autor, registrada em setembro de 2016, e Google Street View, obtida em fevereiro de 2017.

O Edifício Quinze de Novembro (Figura 6), localizado no lado leste da rua Quinze de Novembro, entre as ruas Amarante e Padre Felício, possui quatro pavimentos destinados à área residencial, mais o térreo destinado a garagens e hall de entrada, onde se destacam os pilotis em formato retangular. Para ressaltar os pavimentos, utilizaram revestimento imitando mármore, de forma inteiriça nas sacadas e acima do primeiro e do último pavimento, que fazem o fechamento do topo, caracterizando-o de forma marcante. O prédio recebeu tratamento da fachada em formato arredondado, tendo em destaque uma sacada central, com guarda-corpo em alumínio preto e vidro fumê (detalhe 6.1). Foram utilizadas janelas em alumínio branco e persianas, com altura de colocação mais baixa que a normalmente utilizada. A diferença foi compensada com o uso de caixilho translúcido, permitindo assim maior entrada de iluminação natural (detalhe 6.2). Destaca-se ainda no prédio o uso de vidros temperados como muro separando a calçada do pequeno jardim privado. As portas de acesso principal, tanto de pedestres quanto dos veículos, também foram confeccionadas em vidro temperado.

Um exemplo de reforma é a da residência localizada na esquina das ruas Armando Gastaud Sica e Paulo Marques (Figura 7), que foi modificada a partir de reforma de residência já existente (detalhe 7.1). É possível perceber que o recuo e a disposição principal das paredes externas foram mantidos, bem como os espaços destinados aos cômodos, em especial, a garagem. A reforma trouxe elementos geometrizados, de forma a agregar à composição o novo estilo pós-modernista. O principal elemento de destaque é o volume que marca o acesso principal da residência, em formato retangular distorcido, pintado em cor mais escura do que as demais partes da residência (detalhe 7.2). O acesso ganhou cobertura em alumínio branco e vidro. No pavimento superior foi construído um bloco com parte do teto inclinado, que recebeu cobertura de vidro, igual ao das paredes. As janelas foram confeccionadas em madeira, com venezianas deslizantes horizontalmente, o que ressalta na composição devido ao tamanho. Na reforma, o muro de gradil deu lugar aos vidros temperados, inclusive nos acessos de pedestres e da garagem.

Figura 8 – Fachada da Clínica OtoPlena. Fonte: fotografia do autor, registrada em setembro de 2016. Figura 9 – Fachada do antigo Restaurante Chu. Fonte: fotografia do autor, registrada em setembro de 2016.



Já a Clínica OtoPlena (Figura 8), localizada na rua Padre Anchieta, entre a rua Barão de Azevedo e avenida Dom Joaquim, foi construída a partir de um lote ocupado por uma residência demolida, permitindo receber toda estrutura nova. Na fachada destacam-se três volumes retangulares, definidos a partir do uso diversificado de materiais. No bloco principal utilizou-se aço escovado em cor que remete à ferrugem (detalhe 8.1). O bloco avançado é formado de vidros jateados, encaixados em alumínio branco, utilizados igualmente nas demais aberturas. O terceiro bloco, que fica recuado, é rebocado e pintado na cor cinza escuro. Na lateral direita destaca-se a parede feita em concreto aparente, de característica brutalista (detalhe 8.2), técnica usada também para marcar o fechamento frontal, que esconde o portão de enrolar, trazendo segurança ao prédio. Na calçada e no acesso da garagem foram utilizados paralelepípedos de pedra. No estacionamento frontal foram utilizados blocos de concreto vazados com gramíneas. Para destacar o acesso à porta principal, utilizou-se pedra regular polida.

Os três prédios selecionados como pós-modernistas historicistas trazem elementos que os identificam com a arquitetura protomoderna, embora possam ser incluídas como do período eclético, ambas ainda muito presentes no centro da cidade de Pelotas. Segundo JANTZEN e OLIVEIRA (2016), se as edificações ecléticas datam do final do século XIX e início do século XX, as protomodernas são vistas dos anos 1920 a 1950-60. Por esta confluência de padrão de estilos, podem ser consideradas neo-ecléticos por praticarem releitura de elementos históricos e aplicando estas características na arquitetura atual. Esta releitura unindo passado e presente tem por influência a preservação arquitetônica europeia, em especial a italiana, cujos projetos de reabilitação urbana e de reutilização de antigos edifícios favorecem, segundo FICHER (1985), maior sensibilidade para valores atemporais e ajustam-se estrategicamente ao movimento ecológico.



Figura 10 – Fachada do Escritório de Advocacia Eduardo Menezes Gomes da Silva. Fonte: fotografia do autor, registrada em setembro de 2016. Figura 11 – Fachada da Clínica Angloror.

O prédio do antigo Restaurante Chu (Figura 9), localizado em lote de esquina nas ruas Andrade Neves e Barão de Azevedo Machado, é exemplo desta unificação ao compor dois estilos: o eclético-protomoderno remodelado e o contemporâneo de linhas geometrizadas. Partiu-se da preservação da fachada existente na face leste, retirando-se o reboco para deixar à mostra os tijolos maciços assentados disformemente (detalhe 9.1). Na face norte, utilizou-se de traçado uniforme moderno, com aberturas em vidro. Para unir os padrões, optou-se pela simbologia do silo de armazenagem, uma estrutura circular com fachada recoberta de telhas de zinco enferrujadas e um enclave retangular como hall de entrada do público. Os elementos do prédio sofrem da segregação ao separar estilos diferentes, destacando-se as desigualdades no campo visual, contrastando tais visões de modo que seja estimulada a percepção da diferença de estilos. A obra tem ambiguidade por apresentar forte diversidade de linguagem arquitetônica, que admite mais de uma leitura no mesmo campo de visão. As fachadas de estilos diferentes remetem às lembranças de outrora e do presente. Por fim, o elo tem como característica principal o arredondamento de suas linhas, reforçados pela utilização de telhas em zinco, com chanfraduras em forma de onda que, dispostas de maneira horizontal, reforçam continuamente a perspectiva proposta.

Igualmente mesclando estilos, o Escritório de Advocacia Eduardo Menezes Gomes da Silva (Figura 10), localizado em lote de esquina na rua Antônio dos Anjos e avenida General Osório. A parte eclética existente na esquina foi preservada em sua maior parte, recebendo nova pintura em única tonalidade (detalhe 10.1) e com as aberturas originais sendo substituídas por vidros fixos. Agregou-se lote anexo para construção da fachada contemporânea, com destaque para dois volumes retangulares. O primeiro em cor clara, mais à esquerda, e o segundo em cor escura, levemente à frente, para marcar o acesso principal. Acima deste bloco, uma forma vazada circular (detalhe



10.2). Nota-se que a fachada eclética é entrecortada por este bloco de entrada, que também serve de elo. Destaca-se no conjunto a percepção dos dois estilos, que se mostram segregados, mas entrecruzados ao mesmo tempo.

O terceiro prédio de caráter historicista é o da Clínica Angiocor (Figura 11), localizado na rua Gonçalves Chaves, entre as avenidas Domingos de Almeida e Bento Gonçalves. Neste, a fachada foi totalmente remodelada em estilo contemporâneo, mas se mantiveram aspectos que remetem ao eclético, com alinhamento da construção rente ao passeio público, dois pavimentos bem definidos pelas aberturas retangulares – embora no lado direito foram utilizados vidros fixos para tão somente manter a fachada eclética reestilizada, sendo que por trás da fachada tem-se um pequeno pátio descoberto. Outra característica marcante que remete ao ecletismo é o acesso através do centro do prédio, onde foi colocada uma porta com desenho eclético, vazada com fechamento em vidro e grade de ferro (detalhe 11.1).

O décimo-segundo e último prédio selecionado para análise foi o do Restaurante Ichiban (Figura 12), localizado na rua Padre Anchieta, entre as ruas Antônio dos Anjos e Rafael Pinto Bandeira. Único considerado como representativo da arquitetura pós-modernista virtual, por utilizar elementos na composição de sua edificação com a finalidade apenas de produzir efeito, para compor a forma, não sendo um elemento estrutural.

A fachada deste prédio foi remodelada em estilo contemporâneo, mas se procurou marcar o acesso principal com porta dupla em ferro, pintadas na cor amarela, acompanhando o gradil ou fachada falsa no mesmo material e cor, vazado de forma a remeter ao bambu-metake (detalhe 12.1), vegetação característica da flora asiática, de países como Coréia do Norte, Coréia do Sul e Japão. Tal elemento marca o estilo gastronômico da culinária servida no restaurante japonês. Nota-se que a construção foi mantida na beira da calçada, algo bem característico da arquitetura eclética pelotense.

## Conclusão

Retomando o conceito de pós-modernidade no sentido estético, utilizado pela necessidade de se marcar a diferença histórica em relação às gerações anteriores, é possível concluirmos que a arquitetura pós-modernista fez ressurgir a estética como elemento criador, rompendo com a ideia de que o espaço possa ser um elemento influenciador dos indivíduos, mas onde deva prevalecer o bem-estar e a qualidade de vida.

Nos doze prédios apresentados se destacam as composições geometrizadas, muitos

com características modernistas, como o uso de pilotis ou mesmo marcações topo-base. Mesclam-se estilos, como eclético e contemporâneo, com ênfase no uso de linhas geometrizadas. Neste sentido, podem ser considerados representativos da arquitetura pós-modernista, com sua multiplicidade de expressões, englobando tendências díspares e abrindo possibilidades para o pluralismo de expressões e formas construtivas.

Em que pese o fato da zona selecionada não estar no centro histórico, onde predomina o ecletismo arquitetônico, podemos considerar que parte dos exemplos trazidos neste estudo são enclaves no conjunto arquitetônico pelotense, visto que diferem em alto grau dos demais prédios que compõem a paisagem urbana da região. É o caso de duas das categorias apresentadas.

Nos prédios com arquitetura pós-modernistas neo-racionalistas, as subcategorias: ineditismo, com o Condomínio Edifício Solar da XV (Figura 1); influência modernista, com os condomínios Versailles (Figura 2), Residencial Michel Karam (Figura 3) e Residencial Da Luz (Figura 4); e composição geometrizada, com o Condomínio Monte Carlo (Figura 5), o Edifício Quinze de Novembro (Figura 6), a residência de esquina (Figura 7) e a Clínica Otoplena (Figura 8). Inclui-se aí a categoria arquitetura pós-modernista virtual, com o Restaurante Ichiban (Figura 12),

Na categoria da arquitetura pós-modernista historicista podemos considerar que foram agregados no projeto arquitetônico elementos característicos da composição urbana pelotense, com adaptações pós-modernistas. Portanto, são propostas que se aproximam enormemente da arquitetura eclética da região, podendo ser consideradas neo-ecléticas, visto unirem passado e presente. É o caso do prédio do antigo Restaurante Chu (Figura 9), do Escritório de Advocacia Eduardo Menezes Gomes da Silva (Figura 10) e da Clínica Angiocor (Figura 11). O hibridismo construtivo visto nestes exemplos reforça a identidade pelotense, que marca que sua diferença em relação às demais regiões.

Finalizamos destacando o lugar destas propostas arquitetônicas no contexto urbano de Pelotas que expressam simbolicamente sua sociedade ao unir estilos do passado a conceitos do presente. Neste sentido é que ressaltamos a virtude da análise arquitetônica, que reside na capacidade de distinguir o que é importante e o que não é.

## Referências

- ARANTES, O.B.F. 2001. *Urbanismo em fim de linha e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 244 p.
- BENEVOLO, L. 2007. *A arquitetura no novo milênio*. São Paulo, Estação Liberdade, 496 p.
- BERMAN, M. 1986. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia da Letras, 360 p.
- BOLLE, W. 1996. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: representação da História em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 332 p.

COSTA GOMES, P.C. 2002. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 304 p.

FICHER, S. 1985. *Anotações sobre o Pós-Modernismo*. *Projeto*, n. 74, abr., 1985, pp. 35-42

HALL, S. 2004. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 102 p.

HARVEY, D. 1980. *A justiça Social e a Cidade*. São Paulo: Hucitec, 292 p.

HARVEY, D. 1994. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 350 p.

JANTZEN, S.A. D.; OLIVEIRA, A.L.C. 2016. Brasil, extremo sul, tipologias tradicionais: descaracterização ou preservação? *In: 4º Colóquio Ibero-Americano Paisagem cultural, patrimônio e projeto*. Belo Horizonte, set/2016, *Anais 4º Colóquio Ibero-Americano Paisagem cultural, patrimônio e projeto*. Belo Horizonte. Volume 1: Artigo 159, 18 p. Disponível em <http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2016/artigos/pdf/159.pdf>. Acesso em 17/10/2018

KEMP, M. 2009. *Interactive Architecture*. New York: Princeton Architectural Press, 256 p.

NESBITT, K. 2008. *Uma nova agenda para a arquitetura*. São Paulo: Cosac & Naify, 664 p.

RANGEL, V., RIBAS, M.C. 2011. Sobre a Aventura da Modernidade. *In: Revista Anagrama*, n.4, Jun-Ago, 22 p. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/download/35550/38269/> Acesso em 22/11/2018

SANTOS, M. 1992. *Espaço e Método*. 3ª ed. São Paulo: Nobel, 120 p.

STROETER, J.A. 1986. *Arquitetura e teorias*. São Paulo: Nobel, 210 p.

# A CASA DOS ESPÍRITOS E SEUS LUGARES

## Arquitetura, literatura e mulheres na obra de Isabel Allende

*THE HOUSE OF THE SPIRITS AND THEIR PLACES*  
*Architecture, literature and women in Isabel Allende's work*

*Cecília de Almeida Silva<sup>1</sup> e Maribel Aliaga Fuentes<sup>2</sup>*

### Resumo

A arquitetura possui diversos campos de estudo, a investigação de contextos e locais históricos é uma delas. Através desse viés, a pesquisa parte da escolha do livro *A Casa dos Espíritos* como fonte documental. A análise é complementada pelo estudo do contexto no qual a história do livro está inserida, criando assim as primeiras relações entre arquitetura, história e literatura. Além dos momentos históricos e situações mais conhecidas, foram investigados e classificados locais com menor visibilidade, separados em três categorias: lugares de repressão, mazela e de afeto. Esse levantamento permitiu visualizar e compreender as alterações, usos e situações protagonizadas nos mais diversos espaços da história pessoal e social chilena, demonstrando a ligação entre arquitetura e literatura.

Palavras-chave: arquitetura, literatura, realismo mágico, Isabel Allende, espacialidade.

### Abstract

*Architecture has many fields of study, the investigation of contexts and historic places is one of them. Through this bias, the research starts from the choice of the book *The House of Spirits* as a documentary source. The analysis is complemented by the study of context in which the story is inserted, thus creating the first relations between architecture, history and literature. Beyond the historical movements and known situations, were investigated and classified places with less visibility, separated in three categories: places of repression, sore and affection. This survey allowed see and understand the changes, uses and situations protagonized in the most diverse places of personal and social Chilean history, demonstrating the connection between architecture and literature.*

*Keywords: architecture, literature, magic realism, Isabel Allende, spatiality, architecture and literature.*

### Introdução

*A Casa dos Espíritos* é um dos livros mais conhecidos da escritora chilena Isabel Allende, publicado pela primeira vez em 1982, foi através deste que a escritora ganhou notoriedade, usando da literatura para retratar não só o imaginário criado por ela, como também questões sociais e reais do contexto latinoamericano. Por se tratar de uma obra de realismo fantástico, a narrativa conta com elementos fictícios e reais, que aparecerão aqui de diferentes formas.

O recorte arquitetônico foi feito através de percepções e acontecimentos que ocorreram nesses locais, as primeiras análises são dos lugares ligados à opressão durante a ditadura militar chilena, logo após estão os locais das mazelas femininas, que fazem gancho também com a opressão. Por último, e não menos importante, estão os lugares mais afetivos e particulares. A construção deste artigo não se dá de maneira cronológica, pois os lugares foram agrupados segundo uso e sensação, não por períodos.

As relações existentes na obra podem ser tratadas em vários aspectos, como o arquitetônico, geográfico, histórico e literário. Isso porque o aspecto dos ambientes é arquitetura, o contexto é histórico, as questões sociais são também geográficas e a literatura é o que permite visualizar todos esses. O interesse desta pesquisa está em trazer e discutir essas relações, demonstrando como a arquitetura pode ser estudada por meios não tradicionais.

Um dos campos que explora a cidade através de outro viés é o da história cultural urbana, que não só reconhece, como também se utiliza de romances e fotografias como fonte de investigação. Dentro desse campo, as obras literárias são pesquisadas, isso porque elas trazem à luz relatos de locais e eventos que passaram despercebidos pela documentação mais formal e/ou acadêmica.

Em casos de dificuldades de interpretação ou documentos que possam descrever elementos e locais do passado, a literatura pode ser capaz de preencher algumas lacunas. "Basta pensarmos na Paris de Baudelaire ou de Zola, na Londres de Dickens, na Petersburgo de Dostoiévski, na São Paulo de Mário de Andrade e Alcântara Machado, na Buenos Aires de Borges ou Roberto Arlt." (CASTRO, 2016).

Um bom exemplo de como a literatura pode dar aporte à compreensão no campo da arquitetura é o trabalho de Cláudia Barbieri, que discute Espaço e Espacialidade na obra *A Capital!* de Eça de Queiroz. Apesar de se tratar de um trabalho feito no âmbito da Faculdade de Letras, a argumentação sobre o espaço feita pela autora é de grande utilidade para esse ensaio, pois ela afirma:

o espaço literário não é meramente um pano de fundo estético, ou simplesmente um cenário. Ele compartimenta e dinamiza a ação, liga-se à vida das personagens, estabelecendo uma correlação íntima com a sua movimentação e com a caracterização de seus estados de espírito, projetando-se, muitas vezes, no seu comportamento (BARBIERI, 2008, p. 141).

A análise parte de um ponto de vista bastante específico, pois existem muitas diferenças entre Santiago e Brasília. Não é comum, por exemplo, existirem edificações em Brasília passadas por tantas gerações quanto em Santiago (fundada em 1541). A perspectiva da autora enquanto habitante de cidade modernista, sobre uma história que conta com um recorte temporal de pelo menos 70 anos, vem cheia de estranhamentos, pois os períodos abarcados no livro têm duração maior que toda a existência de Brasília.

<sup>1</sup> Graduanda de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília, colaboradora no Coletivo Mayumi Lima e no Observatório Amar.é.Linha.

<sup>2</sup> Arquiteta e urbanista pela Belas Artes de São Paulo, Mestre em Teoria da Arquitetura e Urbanismo pelo PROPARG - UFRGS, doutora em Teoria e História da Arquitetura pela UnB, professora adjunta da mesma instituição desde 2008. Feminista e Pesquisadora do Observatório Amar.é.linha.

Mesmo com as diferenças, é possível encontrar similaridades entre a história dos países. A América do Sul quase inteira passou por ditaduras militares, no caso do Chile e Brasil, ocorridas após os anos 1960. Estes eventos transformam a dinâmica da cidade, das edificações, da própria vida urbana. Brasília teve, logo após sua fundação, um longo período sendo capital de um país sob um regime militar, tendo até hoje perguntas não respondidas sobre que pessoas e que lugares foram palco de repressão. Através da sua escrita, Isabel Allende consegue inserir elementos e momentos históricos dentro de um gênero literário não destinado à fidelidade de eventos. Essa não intencionalidade é um dos pontos mais chamativos sobre este ensaio, pois a autora consegue percorrer caminhos históricos, arquitetônicos e sociais de maneira muito natural, abrindo as possibilidades de estudo para diversas áreas.

As informações sobre inserção da literatura nos estudos históricos tornam mais clara a intenção deste ensaio. A partir disso, é possível iniciar a análise do livro a ser discutido neste trabalho.

### A Casa dos Espíritos em contexto

#### A história

Para entender melhor os desdobramentos deste ensaio, é importante conhecer, mesmo que superficialmente, a história do livro: *A Casa dos Espíritos* é uma saga de Isabel Allende, cuja história transpassa diferentes períodos e é contada em diversas vozes. Os eventos da narrativa do livro têm como plano de fundo comum o Chile, que é abordado no contexto rural e urbano.

A narrativa é feita em primeira pessoa por Alba e por Esteban, personagens de extrema importância no livro, que usam da memória escrita de Clara para retomar e contar os momentos da história. Mesmo quando a narração é de Esteban, existe um protagonismo em torno das mulheres do livro, principalmente Clara. É sobre a família dela, antes e depois de se casar, que as discussões vão sendo tecidas.

A história se inicia com a inserção de uma família na igreja, não somente pela questão religiosa, mas também pela política, pois fazer parte da igreja era um fator decisivo para as eleições. Essa família é a da Clara, que, ainda criança, começa a contar coisas da sua vida. Nesse primeiro momento é tratada a relação familiar dos Del Valle, isso inclui o contexto da casa, as tragédias e os triunfos da família.

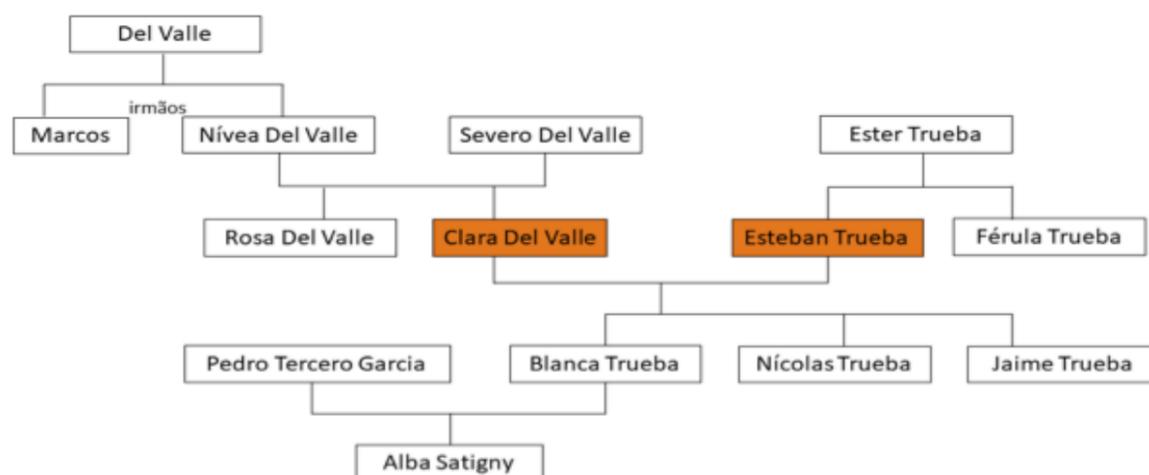


Figura 1 - Árvore Genealógica dos Trueba e Del Valle. Autoria própria, 2020.

A beleza da história é mostrada junto a muita dificuldade, e a vida de Clara é marcada assim por muito tempo. Uma sucessão de mortes vai guiando o rumo de sua vida, seja do tio, da irmã, da mãe ou de outros conhecidos.

A primeira mudança brusca de rumo se dá quando Clara resolve se casar com Esteban, dando início à vida conjunta como Trueba. Clara e Esteban vivem felizes por um bom período, têm três filhos juntos e dividem a vida entre a capital e Las Tres Marias, uma espécie de vilarejo. Clara se concentra em questões espirituais, Esteban é um homem que gosta de comandar e logo se insere na vida pública.

Na cidade e no campo estão ocorrendo eventos importantes para o contexto político, culminando com o golpe militar e na morte do presidente eleito Salvador Allende, vivenciado de diferentes formas pela família Trueba. Esses locais aparecem como protagonistas nesses momentos, pois demonstram as realidades às quais a população do Chile está sendo submetida, incluindo recortes de bairros ricos e pobres. Apesar do grande destaque dado ao contexto comum, não se pode minimizar a importância da residência dos Trueba, que abriga os mais diferentes tipos de ideologia sob um mesmo teto.

É sobre a família Trueba, sobretudo, que o livro vai falar. A inserção dos Trueba na sociedade vai sendo mostrada através dos contatos dos membros com o exterior. Eles são uma família de classe média alta, detentora de bens e conhecimento, cujos integrantes tomam decisões completamente opostas em relação ao social.

Esteban e Clara têm três filhos: Blanca, Jaime e Nicolas, Blanca é a mais velha, seguida pelos gêmeos alguns anos depois. Alba, a outra narradora da história, aparece como fruto da relação entre Blanca e Pedro Tercero. É ela que faz com que seu avô, Esteban, um apoiador do regime militar, entenda o outro lado da história ao ter sua neta sequestrada e torturada. Apesar de não querer acreditar, Esteban também perde seu filho Jaime para o regime.

#### O livro e seus paralelos com a realidade

Dentro da história contada em *A Casa dos Espíritos*, existem alguns paralelos com eventos reais ocorridos no Chile durante os anos 1900-1970 aproximadamente. Aqui serão citados apenas alguns que demonstram a interação entre literatura e realidade. Logo no começo do livro Esteban cita seu trabalho nas minas a fim de arrecadar dinheiro para se casar com Rosa. Observando a história do país, percebemos que existiu no Chile um período de intensificação nos processos de extração de minério, foi a partir de 1950 que o país se tornou um dos maiores exportadores de metal do mundo<sup>3</sup>, especialmente de cobre.

Apesar de não vivenciarem de perto as grandes guerras mundiais, ambas influenciaram a vida, ou pelo menos a convivência da família Trueba. Na primeira delas, Esteban já reconhece o comunismo como uma ameaça ao seu país e valores, decidindo se aliar ao Partido Conservador. A movimentação em prol do conservadorismo acontece simultaneamente ao crescimento das ideias comunistas, que crescem principalmente nos anos 1920, quando o Partido Conservador perde as eleições presidenciais, mas vence de forma expressiva no Senado. Em relação à Segunda Guerra, Clara se coloca como apoiadora dos aliados, mesmo que discretamente, enquanto Esteban prefere acompanhar os nazistas e seu avanço.

<sup>3</sup> INFOMET, 2001. *História do Chile se confunde com a da mineração no país.*

No campo político, o Chile foi aos poucos ganhando mais representações ligadas à esquerda ao longo dos anos, isso culmina com a eleição de Salvador Allende em 1970. Dentro do livro, o nome do presidente não é citado, mas há uma rejeição forte pelo conservador Esteban e um apoio maior por parte de Jaime e Miguel, personagens com inclinação menos conservadora.

Em relação à território, é citada no livro a Reforma Agrária, e de fato, existem dois momentos que envolvem essa temática. A primeira delas se inicia em 1962, ainda no governo da Democracia Cristiana, e é nessa onde o ódio de Esteban é demonstrado, pois os camponeses recebem partes da sua terra. Esse movimento continua até o governo Allende, que finaliza esse processo desapropriando mais de 4000 terras agrícolas.

No contexto de cidade também é possível notar as mudanças ao longo dos anos. Os bairros da cidade acabam refletindo o funcionamento de uma ditadura: os locais mais ricos seguem limpos, com as propriedades sendo respeitadas por um bom tempo, os bairros mais pobres entram em miséria, vivem sujos e sofrendo com a truculência policial.

Em *Chili*, veiculada em 23 de setembro de 1973, a TV francesa filmava a longa fila nas periferias para conseguir alimentos, enquanto no bairro de Providencia muitos caminhavam sorrindo, satisfeitos com o fim da UP. Essa ideia de um país dividido em dois grupos sociais, sendo os setores populares os mais afetados pelas ações dos militares e os abastados aqueles que se beneficiavam delas, é recorrente na produção audiovisual estrangeira da época, repleta de imagens contrastantes entre as áreas pobres e ricas da capital (AGUIAR, 2017).

Todas essas informações dizem respeito ao contexto histórico e político do Chile, algumas se relacionam com arquitetura e podem ser discutidas com mais afinco. Por essa razão, capítulos seguintes tratarão exclusivamente da arquitetura e dos espaços de modo geral.

### A inserção de Isabel Allende nas discussões históricas

Isabel Allende é uma escritora chilena, cuja conexão é intimamente ligada à história do país. Boa parte da infância se passou no Peru, mas já na adolescência vivia no Chile. O começo da sua vida literária foi na revista Paula, uma revista para mulheres, mas que tinha em Isabel seu ponto de ironia.

Até o dia 11 de Setembro de 1973 a vida de Isabel seguiu normalmente, neste dia o país sofreu um Golpe Militar, e ela não teve outra opção a não ser se exilar. Seu tio era Salvador Allende, o presidente deposto pelos militares. A escritora passou então a viver na Venezuela, que ainda era um país democrático, posteriormente mudou-se para os EUA, após se casar.

O que manteve Isabel mais conectada ao país por muitos anos foi seu avô, um senhor muito adoentado a quem ela não podia visitar por razões políticas. Foram as cartas trocadas com ele que originaram o livro *A Casa dos Espíritos*.



### Os lugares em *A Casa dos Espíritos* – Uma abordagem

No princípio, foram levantados e tabulados os locais da obra de Isabel Allende. Essa classificação foi feita a partir de um mapeamento dos espaços, levando em consideração os momentos em relação à história e aos sentimentos dos personagens. A tabulação (consultar anexos) resultou em 44 lugares e mais de 60 espaços, os espaços são cômodos ou derivações de lugares. Exemplo: a casa é um lugar, a cozinha, o quarto e a sala são espaços.

A partir dessa tabulação, foi possível perceber a predominância de alguns espaços e sua utilização/sentido de diferentes formas, resultando na divisão de três categorias, sendo elas: lugares de repressão, lugares de mazelas e lugares afetivos. Para contribuir com a análise, foram feitas ilustrações de alguns dos espaços discutidos neste ensaio. Essas ilustrações foram feitas por alunos de Arquitetura, que tiveram como base o trecho onde o respectivo espaço aparece na história. Os colaboradores são: Eduardo Ancrin, Felipe Espíndula Torres e Talita Reis.

### Os lugares de repressão

Os primeiros locais retratados e discutidos serão os lugares de repressão, que aqui são entendidos como os locais usados pela e para a ditadura militar chilena como instrumento de poder e repressão.

O primeiro desses locais é o Palácio de La Moneda, que foi construído na época colonial. De características neoclássicas, é um dos poucos edifícios do período que ainda existem em Santiago. O Palácio foi usado como habitação presidencial e sede do governo por muitos anos, sendo duramente atacado no dia em que os militares tomaram o poder. No livro, esse evento é tratado de maneira fiel à realidade, visto que tanto a descrição quanto às fotos do momento conversam bem entre si. A perda foi além da arquitetura, mas também de documentos importantíssimos à história do país. Após mais de 6 horas de ataques e muitas perdas patrimoniais, os militares tomaram oficialmente o poder.

Após a invasão e ocupação pelo governo ditatorial de Pinochet, algumas mudanças que dizem respeito à arquitetura foram feitas: várias entradas foram fechadas, assim como o Salão da Independência. O Salão da Independência leva este nome pois tem um quadro de Pedro Subercaseaux retratando o momento de independência do país e o juramento da mesma. Outro quadro do salão é Cosme San Martín, onde está

acontecendo o juramento à bandeira em frente à Catedral de Santiago.<sup>4</sup> Além deste simbolismo para o povo Chileno, que não era de interesse ao contexto militar, foi também local da morte de Salvador Allende.

A destruição do edifício também tem um caráter material e simbólico, pois significa um atentado não somente aos aliados do governo, mas à história de um país. Neste contexto, é possível entender como a arquitetura sofre alterações a depender do contexto político social vigente.

Outro local de repressão apresentado no livro é o Ministério da Defesa, segundo a narrativa, é onde ocorreram as primeiras prisões e torturas do regime. É também onde Esteban Trueba vai oferecer sua ajuda e trabalho aos militares pós golpe, se deparando com uma desorganização, ficando surpreso negativamente pela primeira vez com o resultado de sua escolha.

Na obra, a continuação dos eventos de torturas se deu principalmente em prisões, retratados mais detalhadamente quando Alba é presa. Alba se envolveu com o regime usando sua casa como esconderijo, sendo pega pelos militares após algum tempo. As prisões são citadas no livro como: um cubículo e o canil. O cubículo é onde os prisioneiros ficam, que pode ser entendido como uma cela, já o canil seria um paralelo à solitária, é descrito por Alba como menor, sufocante e similar a um túmulo.

No campo de concentração, Alba conta da parceria que criou com outras mulheres durante a reclusão, do compartilhamento das dores de cada uma, apesar de tudo, é onde ela diz que foi mais feliz. Na história do país, esses campos realmente existiram, sendo o principal deles o Centro de detenção Estádio Nacional do Chile, que operou durante meses no primeiro ano do governo de Pinochet.

Outros locais, mais disfarçados, também eram usados, como clínicas de saúde. Nesses lugares deixavam os presos políticos que estavam feridos, mas ainda não podiam morrer, para isso, eram levados às clínicas, onde tinham o mínimo possível de cuidado médico para que pudessem retornar aos locais de tortura e detenção.

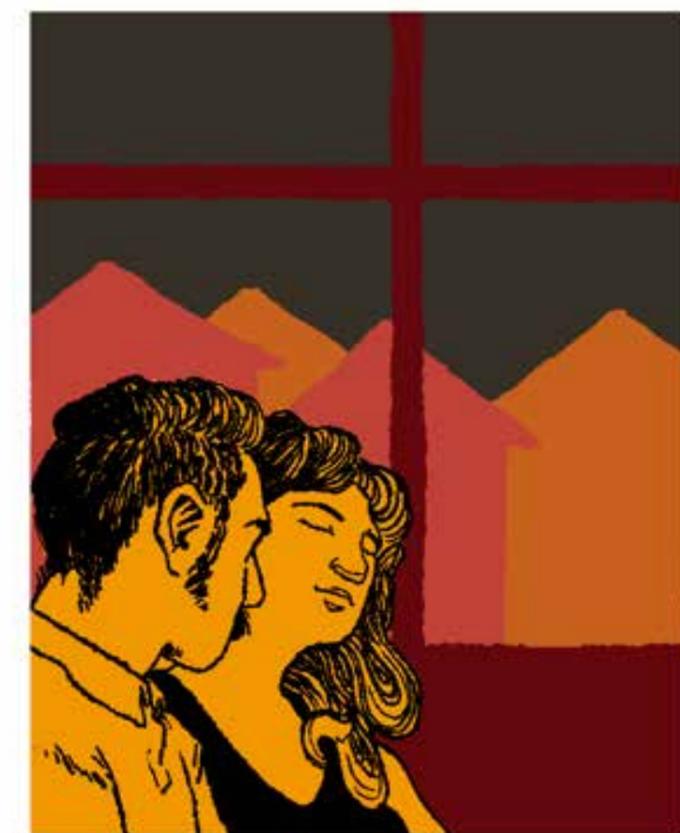
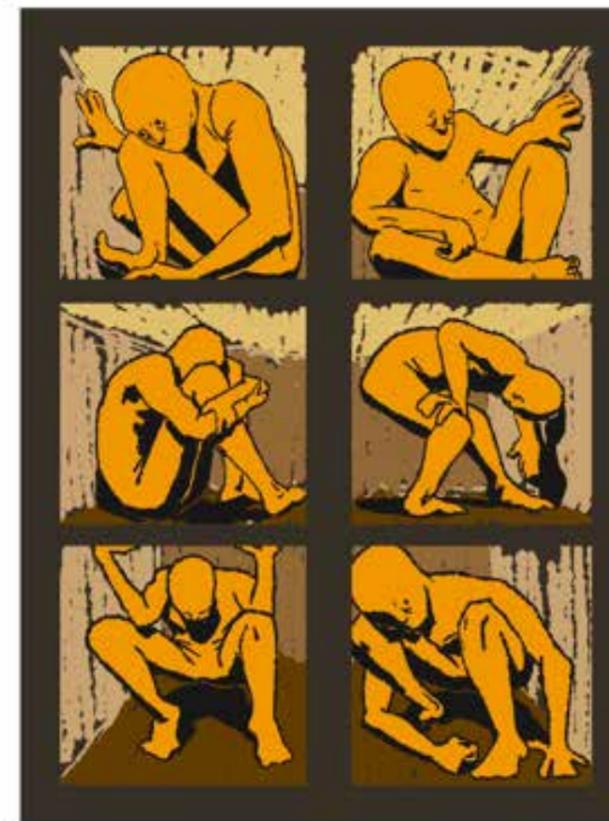
Apesar de não representar tortura e/ou violência física, o Palácio do Ditador também está inserido aqui. Esse nome foi dado pelos militares à antiga residência do presidente deposto, que foi completamente alterada para passar a visão que os militares queriam. Alguns elementos luxuosos foram colocados e montados, literalmente, para vilanizar o presidente democraticamente eleito. Esse momento demonstra como os espaços possuem potencial de convencimento, de manipulação.

### Lugares de mazela

Esses lugares dizem respeito à mazelas relacionadas ao sexo feminino, que estão presentes na história em estupros, aborto e outras formas de abuso. Nem todas elas ocorreram durante o período ditatorial e nem todas são abusos sexuais, mas dores compartilhadas por mulheres.

O primeiro desses lugares é a casa dos Del Valle, que apesar de aparecer como local de afeto muitas vezes, também é cenário do abuso sofrido por Rosa. A jovem morreu precocemente, e durante o tratamento do corpo para o enterro, ela é violada pelo

<sup>4</sup> VILLEGAS, Hernan Rodriguez. **Palacio de La Moneda**. Dirección de bibliotecas, archivos y museos. Ministerio de Educación Pública. Chile, 1983



assistente do médico da família, doutor Cuevas. Quem presenciou esse episódio foi Clara, que se traumatiza ao ver o corpo da irmã sendo violado mesmo após sua morte. O segundo lugar engloba a casa de campo dos Trueba e o território nas Tres Marias, um vilarejo, onde Esteban Trueba abusava de mulheres com certa frequência. Por ser o dono de boa parte das terras, acreditava que tudo que estivesse em seu domínio era dele por direito, incluindo o corpo das mulheres que ali viviam. Um dos estupros cometidos por ele gerou Esteban Garcia, fruto da violação cometida por Trueba contra Pancha Garcia. É de conhecimento de todos que existiram vários bastardos de Esteban, que ele se recusou a reconhecer até sua morte.

Seguindo ainda o protagonismo de Esteban em relação ao seu comportamento, temos o Farolito Rojo, um prostíbulo localizado nas Tres Marias. No livro, a descrição dada relata não somente mulheres, mas também crianças de 12 anos em situação de prostituição. É nesse local onde Tránsito Soto aparece pela primeira vez, ainda adolescente, se vendendo para Esteban.

Apesar das boas histórias e memórias de Clara e Blanca nas Tres Marias, lá foi também onde as duas romperam a relação com Esteban. Após descobrir que Blanca estava grávida, Esteban a agride, Clara, ao tentar defendê-la, é esmurrada por Esteban. Isso tudo acontece na casa dos Trueba, demonstrando novamente que o espaço doméstico nem sempre é sinônimo de segurança e acolhimento.

Outro episódio diretamente ligado à mulheres é o aborto de Amanda, feito por Jaime no Hospital dos Pobres, onde ele estagiava. Amanda engravidou do irmão de Jaime, Lucas, mas sabe e reconhece todas as dificuldades que gerar e criar essa criança trariam. O aborto é feito num hospital, mas ocorre de maneira ilegal. Esse tipo de acontecimento segue sendo comum à realidade de diversas mulheres mesmo nos dias atuais, tanto no Chile como no Brasil.

Ainda no contexto de cidade, temos o Cristóbal Colón, local que ganhou status de hotel ao longo dos anos mas que era um prostíbulo. Se tratava da união de três casarões, que



foram remodelados para ter vários pequenos quartos onde os clientes eram atendidos. Lá é onde Esteban reencontra Tránsito para se vingar de Clara nos momentos de briga, é também onde ele vai para pedir ajuda para encontrar Alba durante o período ditatorial.

O espaço residencial adquire várias funções ao longo da história, e nesse caso, há um paralelo com acontecimentos reais no sentido do abuso de mulheres. Existiu, durante a ditadura, um espaço usado pelos militares para abusar de prisioneiras, era chamado de Venda Sexy<sup>5</sup>. Para lá, eram levadas as mulheres envolvidas com o movimento político chileno, onde sofreram diversos abusos, físicos, psicológicos e sexuais.

### Lugares afetivos

Os lugares afetivos são aqueles em que o cuidado e o amor determinam os episódios. A grande maioria desses acontecimentos se dão na interação das filhas com as mães, mas existem algumas exceções. Um dos espaços mais relevantes é a casa, seja a dos Del Valle, com Clara ainda criança, ou as casas Trueba, na cidade e/ou campo, onde Clara cria sua família. Os primeiros momentos podem ser citados na casa Del Valle, que apesar de ter um caráter afetivo muito forte, trata também das mazelas dessa família.

Logo no começo, há o velório de Tio Marcos, uma das pessoas mais queridas por Clara, que relembra dos bons momentos com ele enquanto a tragédia vai acontecendo. Aqui, já temos um uso não tradicional da casa para nós, brasileiros, criados no contexto contemporâneo mais urbano, seguido das histórias de Clara com o tio, com quem ela certamente se divertia muito. Outro uso, contado na narrativa, é dos atendimentos

<sup>5</sup> La amplia casa esquina, de dos pisos de altura, con un gran patio, y cerrada con una alta muralla y portón metálico, ubicada en un sector residencial, fue arrendada por el teniente de Carabineros Miguel Eugenio Hernández Oyarzo, quien era integrante de la recientemente creada Dirección de Inteligencia Nacional (DINA). **La Venda sexy y la invisibilización de la mujer**. Colegio de Arquitectos y Arquitectas de Chile. Pedro Alejandro Matta, 2019.



espirituais feitos na antecâmara da casa por Clara e Marcos, que demonstravam ter saberes sobrenaturais já no início da história.

A descrição dessa casa, feita por Clara, faz entender que se tratava de um casarão bem grande, com pátio central e corredores extensos. A memória afetiva de Clara se dá por toda a casa, mas principalmente no pátio central, onde ela brincava com seu cachorro Barrabás, e na sala de costura, onde assistia sua mãe tecer e contar as histórias de sua vida. Esse segundo, foi um hábito transportado por Clara para sua filha, Blanca, nas casas Trueba, onde viveram por muitos e muitos anos. A casa de costura é local de refúgio anos mais tarde, quando, vendo a infelicidade da filha, Clara resolve se isolar nela.

Já se tratando das vivências de Blanca, a casa nas Tres Marias é onde ela começa a criar suas primeiras memórias afetivas. O pátio, o jardim e a natureza são o cenário de muita diversão e bons sentimentos vividos por ela. É também nas Tres Marias que Clara finalmente encontra paz, onde descobre sua missão no mundo.

Os Trueba também tinham um casarão na cidade, num dos melhores bairros, onde Clara e Blanca vão viver depois de sair das Tres Marias. Esse casarão é dividido, não literalmente, mas no sentido de cada um ficar no seu espaço, de um lado está Clara, do outro lado está Esteban. Os demais membros da família convivem em ambos espaços, mas também se recolhem na sua individualidade, principalmente nos quartos.

Por se tratar de um espaço muito grande, constantemente pessoas eram recebidas e abrigadas na casa, isso acontece tanto na democracia quanto na ditadura. Apesar de não ser puramente uma questão de afeto, isso demonstra uma preocupação dos membros da família com aqueles que vêm de fora. Amanda, a que realiza o aborto, é uma das que fica abrigada por um tempo nas dependências da casa Trueba. Pedro Tercero, namorado de Blanca, é abrigado em segredo. Blanca, que estava casada com outro homem, também busca abrigo na casa de sua família após fugir dele. Alba faz da casa um grande abrigo durante a ditadura, aproveitando a falta de interesse do avô no restante da residência.



Figura 8 - Ilustração do quarto de Jaime. Autor: Eduardo Ancrín, 2021.

A ideia de abrigo aparece mais clara em alguns momentos na casa dos Trueba. Esteban, por exemplo, tem seu escritório e biblioteca como lugar de paz. Jaime tem o seu quarto, que apesar de caótico para quem o vê, é perfeito para ele. O quarto de Jaime também é local afetivo para Alba, a única pessoa autorizada a entrar, a única que entende a zona além do próprio tio. Já o quarto de Alba funciona como uma tela para seus desenhos, é onde pode se expressar com mais intimidade na casa.

A transformação da Casa dos Trueba na cidade é constante, essas transformações são tratadas aqui pois, mesmo em meio à tristeza, segue sendo um local de afeto. Já era da dinâmica dessa casa receber muitas pessoas, manter suas portas abertas, estar sempre em movimento, mas isso se altera ao longo dos anos. Primeiramente, a casa se abriu para as reuniões espirituais de Clara e depois, para os contatos políticos de Esteban. Posteriormente, para os perseguidos da ditadura, escondidos por Alba. Um momento que muda essa dinâmica de forma marcante é a morte de Clara, que faz a casa começar a ruir, os jardins, os móveis, a cozinha, tudo perde a vida e é tomado de sujeira.

É com o retorno de Alba para casa e a revelação dela como narradora que o livro se encerra. A neta ainda estava com seu avô, mesmo sob todas as diferenças políticas, os dois se mantiveram juntos, fazendo da escrita sua homenagem à vida de Clara.

### A saída 8, para que nunca mais

A narrativa criada por Isabel Allende perpassa momentos leves, gloriosos e também sombrios da história do Chile, e em todos eles, o imaginário de leitora ambienta situações. A possibilidade de ligação entre arquitetura e literatura, até então pouco explorada no estilo do realismo fantástico, permitiu que paralelos fossem traçados entre o que é história real e o que é criação da autora. O exemplo do Palácio sendo invadido é o mais claro de todos, pois relembra o que aconteceu com prédios públicos ao longo da história de diversos países em regime ditatorial. Mesmo de forma ficcional, é possível captar as informações que dizem respeito à realidade do Chile.

Através da tabulação e classificação dos lugares, foi possível perceber a dominância de alguns espaços sobre outros, sobretudo o residencial. As funções adquiridas pela casa dos Trueba ao longo da narrativa demonstram que o espaço vai muito além de um cenário de fundo. As reuniões espíritas, os velórios, a casa como esconderijo, os



Figura 9 - Estádio Nacional do Chile. Fonte: El Lapicero, 2015.

quartos usados para abrigar pessoas e armas, a separação criada pelas questões ideológicas, o local carregado de memória afetiva. Todos esses momentos colocam a casa como protagonista, explicando, de uma maneira não tão explícita, a razão pela qual esse espaço mereceu estar no título do livro.

O livro de Isabel Allende, a história do Chile e todos os relatos históricos trazem uma lembrança de tempos duros, de pouca esperança, mas que devem ser discutidos e lembrados. No campo da arquitetura, a discussão das ditaduras pode ser tratada no campo do urbanismo, do planejamento, da história da cidade e das edificações. Apesar de muita destruição, as memórias deixadas e criadas no período podem ser investigadas nas mais diversas fontes, desde relatos contados até os documentos oficiais. Mesmo sem a proposta de ser um livro com relatos verídicos, *A Casa dos Espíritos* demonstra que os paralelos entre espaço, história e arquitetura podem ser traçados através da literatura.

A questão da espacialidade não só pode, mas deve ser tratada com seriedade para além das palavras. No Chile, a saída 8 do Estádio Nacional foi mantida da forma como estava durante a ditadura, sendo reaberto nos últimos anos com uso de memorial. Era através desse portão que entravam os presos políticos durante a ditadura, ele foi transformado em um memorial e inaugurado em 2015, sendo mantido como símbolo de respeito, memória e educação histórica. Que as lembranças, os relatos e as vidas perdidas não nos permitam esquecer.

### Referências

AGUIAR, C. A. A ditadura chilena pelas câmeras estrangeiras: a vida social sob a repressão na TV e no cinema internacionais. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 43, n. 3, p. 667-680, 2017. (<https://www.redalyc.org/jatsRepo/1346/134653657018/html/index.html>)

ALLENDE, Isabel. *A Casa dos Espíritos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BARBIERI, Cláudia. *Arquitetura de palavras: espaço e espacialidade em A Capital! de Eça de Queiroz*. 2008. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008. (<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/91569>)

CASTRO, Ana Claudia Veiga de. Figurações da cidade: um olhar para a literatura como fonte da história urbana. *An. mus. paul.*, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 99-120, 2016. ([http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142016000300099&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142016000300099&lng=en&nrm=iso))

VILLEGAS, Hernan Rodriguez. *Palacio de La Moneda*. Dirección de bibliotecas, archivos y museos. Ministerio de Educación Pública. Chile, 1983 (<http://www.memoriachilena.gob.cl/archivos2/pdfs/MC0000547.pdf>)

ZINANI, Cecil. Isabel Allende e Marcela Serrano: vozes chilenas na literatura latino-americana. *Letrônica*, Rio Grande do Sul, v. 13, n. 1, p. e34966, 2020. (<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/34966>)

# SATOLEP

## Explorando a cidade de Pelotas a partir da literatura

SATOLEP  
*Exploring the city of Pelotas from literature*

**Bianca Ramires Soares<sup>1</sup> e André de Oliveira Torres Carrasco<sup>2</sup>**

### Resumo

Este artigo procura investigar as relações entre literatura e urbanismo, compreendendo as obras literárias como ferramentas capazes de explorar, de um modo geral, os processos de formação cultural das cidades e o processo de produção e apropriação do espaço urbano. A literatura, a arquitetura e o urbanismo foram em larga escala influenciados por movimentos culturais, políticos e estéticos constituídos na sociedade contemporânea. Desse modo o trabalho procura estabelecer relações entre textos literários e as possibilidades de sua utilização como ferramentas de leitura, interpretação e apropriação da forma urbana. O recorte da pesquisa seleciona a América Latina como território a ser explorado, concentrando sua abordagem no modo como estas questões se expressam na cidade de Pelotas. Desta maneira, busca reunir, tanto no campo da literatura quanto do urbanismo, interpretações dos fenômenos urbanos recentes de forma a construir uma investigação situada no contexto das manifestações culturais que podem ilustrar as consequências de uma crise urbana decorrente do esgotamento da matriz modernista funcionalista.

Palavras-chave: urbanização, literatura, América Latina.

### Abstract

*This article seeks to explore the relationship between literature and urbanism, understanding literary works as tools capable of exploring, in general, the processes of cultural formation of cities and the process of production and appropriation of urban space. Literature, architecture and urbanism were largely influenced by cultural, political and aesthetic movements constituted in contemporary society. In this way, the work seeks to establish relationships between literary texts and the possibilities of their use as tools for reading, interpreting and appropriating the urban form. For reasons of identity, the focus of the theme selects Latin America as a territory to be explored. In this way, it seeks to gather, both in the field of literature and urbanism, interpretations of recent urban phenomena in order to build an investigation situated in the context of cultural manifestations that can illustrate the consequences of an urban crisis resulting from the exhaustion of the modernist functionalist matrix.*

*Keywords: urbanization, literature, Latin America.*

### Introdução

Habitualmente, os discursos urbanos e habitacionais estão com a atenção e esforços voltados para vinculações ideológicas, dentre estas vinculações é possível citar a análise da tecnologia empregue nas construções, bem como a documentação de crítica das obras pragmáticas de arquitetura e urbanismo a partir da metade do século XX. Em 1940, segundo Atique (2005), a quinta edição do congresso Pan-Americano de Arquitetos já destaca a questão do urbanismo como tema central na busca por referências e aprofundamento no campo da arquitetura e do urbanismo. Dito isto, é possível perceber uma retomada nos debates acadêmicos sobre questões urbanas, entretanto até o presente momento sem a intenção direta de propor um debate sobre o cotidiano local, circunscrito regionalmente, no contorno latino-americano. Esta lacuna, anteriormente colocada ao debate urbano por Jacobs (2011), explora um contexto diferente do cenário em que o subdesenvolvimento se coloca, além de tratar exclusivamente da metrópole, não transgredindo o seu contexto, não sendo relacionado, portanto, ao conteúdo latino americano. Assim sendo, nos meandros dos debates acadêmicos esta produção relacionada ao cotidiano ainda é jovem. Em escalas diferentes o fenômeno urbano do cotidiano já foi em alguma medida explicado e alvo de estudos, ainda que não esteja esgotado. Desse modo, é possível pensar que ainda é recente o movimento de apreensão multidisciplinar sobre o território nas políticas públicas e também nos debates acadêmicos a respeito da história das cidades.

A literatura, em linhas gerais, se apresenta com certa capacidade de avançar no sentido da apropriação e construção dos espaços dentro das narrativas. Estas construções apresentam a possibilidade de um progresso mais imediato a um novo cenário, o que resulta, em aspectos mais sensíveis à realidade e ao tratamento da questão temporal. Em vias disso, há uma ênfase inicial na busca por aspectos espaciais que tenham sob pano de fundo questões relacionadas à descrição de um cotidiano em fragmentos onde há expressão da literatura em sua característica mais simples de narração do espaço a ser imaginado pelo leitor.

Assim, este trabalho procura apresentar um breve estudo de caso, a partir de uma obra de literatura que toma a cidade de Pelotas - ou seu reflexo a partir de um espelhamento proposto pelo autor - como uma das protagonistas do enredo. Para ser possível o entendimento sobre esta obra específica e seus desdobramentos nos termos propostos pela pesquisa, procurou-se percorrer algumas perspectivas em passagens da literatura e que, em contexto, pudessem apresentar a situação ao longo do tempo da produção literária latino-americana.

### Dimensão Urbana da Literatura

Por questões de apropriação e de apreensão do território, se escolheu uma obra local que possibilitasse a associação direta entre aspectos físicos e aspectos culturais da cidade de Pelotas. É possível considerar que a formação de uma literatura latino-americana possui uma história recente. Segundo Moisés (1997), nos últimos quinhentos anos se consolidou o que hoje é possível chamar de uma literatura latino-americana, o que nos permite pensar que o histórico recente de uma consolidação da representatividade literária na América Latina produziu, ainda que em português e espanhol, principais línguas que fomos colonizados, prolongamentos excêntricos das literaturas europeias, forçando-as desde então a lidar com uma questão de identidade cultural (PERRONE-MOISÉS, 1997).

<sup>1</sup> Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL/2019).

<sup>2</sup> Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP/2011).

Nesse sentido, observa-se que ao longo da história, tanto a literatura quanto o urbanismo latino-americano sofreram transformações expressivas, considerando os períodos entre colonização, independência, industrialização, urbanização e consolidação dos centros urbanos. Segundo Segre (1983), a partir da década de 30, países como Brasil, Argentina, México, Venezuela, Chile, entre outros, sofreram um processo acelerado de industrialização, o que produziu um intenso processo de urbanização no território latino americano. Desse modo, este artigo reconhece, no contexto latino americano, a possibilidade de explorar a constituição de influências mútuas entre estes dois campos da cultura e do conhecimento: o urbanismo e a literatura.

Por outro lado, Waisman (2013) rejeita a concepção inicial das unidades históricas como determinantes para a categorização da produção material nas cidades latino americanas. Estas concepções, segundo a autora, apesar de serem determinadas por historiadores, devem ter um sentido e se justificarem. Assim, dentro do universo da produção social e material produto dessas consequências, periodizações e divergências sobre os desdobramentos históricos evolutivos dos territórios, este trabalho procura entender e contribuir ao debate sobre como o urbanismo é capaz de produzir e ser produto da literatura em culturas locais, procurando explorar, através das interações entre literatura e urbanismo, seus desdobramentos nas cidades da América Latina ao longo do último século. E, no que diz respeito à uma literatura latino-americana, o que seus registros são capazes de mostrar e de que modo em suas obras aparecem rastros de crise do urbanismo moderno. Este artigo também propõe explorar como esses registros literários poderiam fomentar, a partir de metodologias próprias, a indução de outras práticas urbanas contemporâneas.

Orientando o estudo para as produções que incorporam fenômenos urbanos, dentro desse espectro, é possível considerar que algumas obras literárias são capazes de apresentar ao leitor o processo de formação, modernização e crise das cidades a partir da perspectiva de seus autores. Assim sendo, existem obras capazes de se deter em muitos processos observados na sociedade, dentre esses a urbanização. Usando o entendimento citado anteriormente de que a urbanização, assim como a literatura, são produtos recentes na história, é possível construir o questionamento e pensar, a partir da literatura, no contexto em que se consolidaram esses territórios urbanizados.

Nesse sentido, é importante recordar que por vezes a ideia de uma cidade latino-americana, no estudo de arquitetura e urbanismo, pode conduzir ao pensamento simplificado de apenas uma porção do território ou um recorte geográfico. Entretanto, este trabalho considera que a construção desta noção é sobretudo cultural, da mesma forma como são os elementos plurais que compõem a literatura (GORELIK, 2005).

Adrián Gorelik (2005) apresenta uma interpretação a respeito de uma caracterização geral que coloca as cidades latino-americanas como uma construção cultural. Esta formulação é um dos argumentos que direcionam este trabalho, visto que a análise procura se dar dentro deste recorte territorial. Segundo o autor, a construção da ideia de uma cidade latino-americana faz sentido se pensarmos como uma construção cultural, porém nunca como conceito integral. À medida em que estas cidades também possuem um universo de particularidades distintas, o que as torna extremamente diferentes entre si.

A cidade latino-americana não pode ser tomada, então, como uma realidade natural, como uma categoria explicativa da diversidade de cidades realmente existentes na América Latina. Assim, devemos constatar, ao mesmo tempo e de modo inverso, que a 'cidade latino-americana' existe, mas de outra forma: não como uma ontologia, mas como uma construção cultural (GORELIK, Adrián, 2005, pg. 112) .

Assim, as cidades também assumem o caráter simbólico de lugar onde se produzem e se manifestam distintos imaginários, acessando outros domínios subjetivos da paisagem e do significado das coisas que de fato possam ser materializadas. As cidades vivenciaram diversas manifestações culturais e sociais ao longo de sua história. O meio urbano definiu a forma e ao mesmo tempo teve sua forma definida por estas expressividades. Suas formações, hierarquizações e relações são o acervo para o aspecto experimental desses usos cumulativos. O presente trabalho considera que determinadas passagens da literatura latino-americana contemporânea podem, por um lado, ilustrar determinados fenômenos urbanos a partir de perspectivas particulares, e por outro, permitir explorar situações urbanas a partir de um entendimento próprio do texto literário. Mesmo sabendo que o conteúdo urbano ensaiado na literatura se encontra por natureza em um tempo passado, ou seja, quando se aborda algo em uma narrativa a construção dessa imagem já passou, é possível considerar que o mesmo ocorre nos projetos urbanos. Projetamos a partir de um território estático, geralmente sob um ponto de vista cartesiano, produzindo para o futuro uma ficção que também tem como fundamento uma realidade que já passou.

Desse modo, o vínculo do fenômeno da arquitetura com o sistema econômico geral, entende que o cidadão, assumirá o papel diante da escala urbana de "consumidor da cidade". Essa analogia ao consumo é estabelecida para esta escala, uma vez que o usuário é o fomentador de bens e de serviços, neste caso, é ele quem exerce esse papel ainda que haja uma adaptação das condições de vida social às mudanças impostas pela racionalização e não ao contrário. Entretanto, Arantes (2009) esclarece que a simplificação dos problemas urbanos como sendo decorrentes apenas da ordem de consumo coletivo e do conflito entre trabalhadores e o Estado se coloca como um encontro de saídas facilitadas, elegendo novos sujeitos. O autor coloca que para o marxismo esses sujeitos, dos movimentos sociais presentes na cidade permanecem indecifráveis como classe social. Na conjectura da explicação da América Latina, eles constituem o eixo da marginalidade (ARANTES, 2009).

Ainda assim, de acordo com Liernur (2010), a modernidade, em um sentido amplo do termo, se constituiu inicialmente como um movimento dual e paradoxal. O autor aborda a questão da complexidade da modernidade estabelecendo como o motivo dessa complexidade o fato de que a modernidade abrangia uma gama de assuntos, os quais impulsionaram a expansão e a universalização do capital, do consumo, da igualdade política e da razão ocidental. Durante esse período, segundo o autor, é tido como fundamental impulsionamento a universalização e a expansão do capital, do consumo, da igualdade política e da razão. No entanto, para que haja a imposição das mesmas, são necessárias forças que fomentem a individualização, como a burguesia, o novo, as nações e as subjetividades (LIENUR, 2010).

Desse modo, ainda segundo o autor, apesar de inicialmente tomar uma posição mais generalista sobre os processos que constituíram o que o autor chama de modernidade, o mesmo afirma que existe certa divergência entre a construção do pensamento modernista na arquitetura e urbanismo e em outras áreas, como a arte ou a literatura, para as quais a explicação da expansão capitalista surge como essencial para o entendimento da constituição de modernidade. No entanto, o autor coloca que o discurso do modernismo dentro da história da arquitetura e do urbanismo ignora as existências do imperialismo, colonialismo e neocolonialismo. Negligenciando estes discursos e incorporando de uma maneira ingênua as consequências da globalização. Assim sendo, é possível considerar que existem pontos de convergência e divergência entre o urbanismo e a literatura, sendo possível traçar algumas relações entre eles, principalmente ao longo do século XX, a partir de um paralelo entre os principais movimentos sociais atravessados pela literatura, dos principais movimentos literários e os movimentos que defendiam a renovação da linguagem da arquitetura e,

consequentemente, no urbanismo. Nesse sentido, por exemplo, podemos perceber que existiu movimento moderno tanto na literatura quanto no urbanismo, e nos dois casos, ambos modernismos foram movimentos que tiveram subdivisões.

Para tanto, assim como o Movimento Moderno alcançou o urbanismo, a literatura também foi impactada por manifestações das vanguardas históricas. Na virada do século XIX para o século XX, os movimentos de vanguarda na arquitetura e no urbanismo avançaram na construção de um consenso em torno de uma abordagem excessivamente racionalista das cidades, culminando com a publicação e generalização das recomendações que seguiam a Carta de Atenas. Segundo Frampton (2003), o discurso da arquitetura moderna desenhava certas vicissitudes, dentre eles a ideia de que a arquitetura inclui o vínculo entre o fenômeno da arquitetura e do sistema econômico geral, como também aborda que a padronização e racionalização ocorrem de algumas formas, dentre elas, através das simplificações dos métodos aplicados à concepção, produção e apropriação das obras.

Novos autores deram luz à chegada dos novos tipos de narrativas, definindo novas expressividades. No urbanismo, novos tipos de concepção do espaço e de construção foram formulados e defendidos neste processo. Segundo Castro (2016), a história cultural urbana está aberta às disciplinas que tenham algo a contribuir no conteúdo sobre cidades e, portanto, isso resulta em novas definições em torno dela, a literatura, a política, a sociologia, a arquitetura, também passam por uma nova codificação ao serem reformuladas por novos filtros. No panorama cultural das cidades latino-americanas, várias questões causam certo estranhamento em relação à constituição das vanguardas na América Latina. Originalmente, as vanguardas europeias, ou também chamadas neste texto vanguardas históricas, contrapunham-se às expressividades vigentes na Europa e à sociedade que as produziu, propondo sua reorganização. O padrão revolucionário das vanguardas europeias se organizava contra a constituição e organização das formas políticas e sociais vigentes. Segundo Adrián Gorelik (2005) as vanguardas na América Latina são vanguardas adjetivadas, ou seja, não são apenas vanguardas, mas uma construção de significado em um momento no qual ainda está sendo criada uma identidade nacional para esses lugares. Sendo assim, os movimentos de vanguarda são tidos como movimentos passíveis de incorporar novos significados, enquanto ainda está sendo constituída uma identificação do território. Gorelik (2005) explora a necessidade de adjetivação, colocando então as vanguardas latino americanas como vanguardas classicistas, reativas, tropicais, oficiais, entre outras.

Entre as décadas de 20 e 30 a Europa já estava consolidada em sua representatividade e expressividade, enquanto a América Latina ainda constituía sua identidade. Gorelik (2011) aponta que um Estado nacionalista benfeitor, típico da realidade latino-americana no período, atua na reorganização a capitalista do território, imbuídos de um desenvolvimentismo já pré-estabelecido pelos nacionalismos em ascensão na época da constituição de uma identidade cultural para a América Latina. E nesse momento urbanismo, Estado e vanguarda confluem na necessidade de construir uma cultura própria (GORELIK, 2005).

Por outro lado, pensar as vanguardas na América Latina como potencial revolucionário de mudança no período dos anos 20 aos anos 30, é uma questão bastante complexa. Desponta, neste período, um imaginário predecessor a uma identidade cultural que ilustra a ideia de que é a nação mais do que a sociedade, o que torna difícil a compreensão do potencial revolucionário das vanguardas de um ponto de vista cultural. Os intelectuais brasileiros estavam imbuídos, junto e financiados pelo o Estado para a criação de uma identidade cultural nacional. Neste período, no Brasil, segundo Martins (2010), houve um processo de cooptação dos intelectuais da época pelos setores

dominantes da economia e pelo aparelho estatal.

Luciano Martins indica que, ao contrário do que fez a força da intelligentsia russa, os intelectuais brasileiros, mesmo os mais lúcidos denunciadores da miséria moral e material do país, são incapazes de superar em seu discurso o domínio da crítica moral, frequentemente confusa: “os protestos e perplexidades não chegam a se converter em um projeto de transformação da sociedade (MARTINS, 2010, pág. 281).

Para isso, é possível delinear um percurso que teria como ponto de partida uma discussão em torno da ideia de vanguarda; do contexto histórico de sua consolidação; de suas manifestações tanto no campo da literatura quanto no da arquitetura e urbanismo e de sua importância na construção e consolidação da noção do direito à arte. As vanguardas aconteceram de diversas formas ao redor do mundo, para tanto, é possível citar os casos de vanguardas em sociedades já política e culturalmente estabelecidas e no contexto da formação da América Latina de maneiras distintas.

Em seguida, seria importante refletir a respeito das particularidades em torno das formas pelas quais estas manifestações de vanguarda chegaram e se consolidaram na América Latina; das tensões entre a constituição original destas expressividades e um contexto periférico e das semelhanças e diferenças entre as manifestações locais. A partir deste ponto, seria possível identificar e explorar as relações entre a produção literária e a produção de espaço urbano decorrentes deste contexto, entre obras específicas em cada um dos campos; entre tipos e possibilidades de narrativas e escalas de leitura e intervenção no espaço, chegando até nas possibilidades de interação entre seus personagens.

Certa atenção deve ser dada ao paralelo das vanguardas no continente latino-americano. De acordo com Gorelik (2005), as vanguardas estabelecidas na América Latina possuem uma série de analogias. O conceito de imaginário sempre figurou nos aspectos de textura do espaço social das cidades. Assim, as vanguardas tendem a explicar os desdobramentos dos movimentos artísticos, políticos e sociais.

### **Direito à Cidade e Direito à Literatura**

Segundo Antônio Candido, a literatura dá acesso a uma possibilidade de leitura do mundo, na qual o texto literário dá a oportunidade de testar coisas, de estar presente em lugares, de estar com pessoas que talvez jamais conheceríamos, lugares que jamais visitaríamos (CANDIDO, 2011).

Uma sociedade sem a possibilidade de imaginar, de pensar o mundo diferente do que ele é, não tem poder transformador da realidade. É uma sociedade que não consegue se estabelecer politicamente. A literatura, por sua vez, dá amparo à construção individual da forma de ver, dando acesso a cenários alternativos. Estes são fundamentais porque são uma perspectiva de futuro, que além de possivelmente ligados ao bem estar geral, dão subsídios à imaginação. Dessa forma, voltando às questões particulares do desenvolvimento do urbanismo no cenário urbano, se não há imaginação não existe a possibilidade de existir um novo pensar.

A organização do pensamento coletivo a respeito das questões urbanas se dá através de uma construção superior que possibilite a formação de um olhar que vai além das imagens postas cotidianamente no cenário urbano. Desse modo, mudanças e conflitos são gerados, ocorrendo a produção de novos cenários. Existe, na sociedade, uma

produção material desenfreada que se impõe à vida cotidiana, e por consequência disto, uma forte inclinação voltada ao consumo, o que dificulta uma visão atenta a todas experiências que desenham a urbanidade. A organização do pensamento coletivo a respeito das questões urbanas se dá através de uma construção superior que possibilita a formação de um olhar que vai além das imagens postas cotidianamente no cenário urbano.

Se não existe a possibilidade de um novo pensamento não há como existir um novo projeto urbano ou, indo mais adiante, um processo de planejamento urbano que seja transgressor e fuja dos meios tradicionais, repetitivos e homogêneos, interditando uma construção política do espaço. A literatura é arte em forma de discurso, é manifestação cultural e capacidade de argumentação diante de um mundo desigual, que pode ser uma ferramenta potente para as grandes demonstrações das raízes profundas de nossas desigualdades. O urbanismo possui questões profundas sobre a produção de desigualdades, enquanto a literatura se ocupou em retratar algumas destas desigualdades, o urbanismo por sua vez foi responsável também por produzi-las.

Assim sendo, a intenção é abordar elementos de obras selecionadas, pela perspectiva de que cada elemento de uma narrativa literária atribui determinados sentidos e significações para o processo de urbanização das cidades latino americanas ao mesmo tempo que tem seu sentido e significação determinados por esse mesmo processo. Desta forma, é preciso procurar e explorar estas conexões e compreender como elas se realizam e se inserem dentro do contexto de nossas cidades.

Devido à heterogeneidade da produção literária latino-americana, e com a intenção de fixar o estudo em uma produção literária que segue uma mesma lógica, análoga a lógica de construção de um projeto urbano, decidiu-se nortear o estudo na busca de repertório na produção literária latino-americana contemporânea que pudesse delimitar o estudo. Na intenção de fazer um estudo mais aprofundado da reflexão contemporânea sobre a cidade, tornar mais restrita a dimensão do estudo e viabilizar o desenvolvimento deste, mostrou-se necessária a escolha de elementos que delimitassem tal universo. Com isto, percebeu-se que ao identificar e analisar passagens da literatura latino-americana contemporânea se pôde, por um lado, ilustrar determinados fenômenos urbanos, além de explorar situações urbanas a partir de perspectivas próprias do texto literário.

Visando superar uma lacuna cultural percebida nos projetos de planejamento urbano, este trabalho procura estabelecer uma articulação, um diálogo entre dois campos de tamanha importância para a constituição dos movimentos estabelecidos em malhas urbanas e que vão muito além delas. Nesse formato, o trabalho se justifica por buscar romper os limites da arquitetura e do urbanismo no âmbito da configuração da configuração espacial cartesiana, buscando propor um eixo linear de tempo, incluindo literatura, urbanismo e a historiografia arquitetônica, visto que grande parte da produção material produzida nos territórios é arquitetônica.

É ainda restrito o universo de pesquisas que abordam a literatura como ferramenta de leitura, análise e intervenção sobre o espaço urbano. Considerando que estas seriam as instâncias nas quais, ao menos como possibilidade, o direito à literatura poderia se articular com o direito à cidade, é preciso ter em conta alternativas para a superação dessas lacunas.

Uma vez que o direito à literatura está intimamente ligado aos direitos humanos (CANDIDO, 2011), o mesmo deve ser considerado em relação ao direito à cidade (LEFEBVRE, 2010). Se a construção de uma sociedade demanda a construção dos mundos endógenos e exógenos de seus cidadãos e de seu espaço cultural, a consistência desse processo relaciona-se com sua capacidade de criação, seja em

literatura, seja em urbanismo. Tal capacidade de criação é proporcional ao tamanho de seu mundo, e por sua vez, seu mundo do tamanho dos mundos conhecidos. Nessa linha, devido à grande potência dessa articulação, torna-se a cada dia mais necessário o entendimento da literatura de maneira integrada à cidade. Desse modo, considerando o direito à cidade como primário e básico a todos, de maneira correspondente é possível defender o direito à literatura.

Num contexto que predomina a desigualdade urbana, o acesso aos espaços culturais da cidade não está disponível para todos. Sob diferentes perspectivas é possível perceber uma série de barreiras de classe, gênero e raça, principalmente ao se observar as relações de produção e apropriação destes espaços. Uma vez que a produção cultural seja de difícil acesso, torna-se de difícil entendimento a mesma como importante construtora da paisagem nas cidades. Neste sentido, é possível dar protagonismo à literatura, que é arte em forma de discurso, podendo desse modo, sustentar e dar suporte a uma construção de mundo que não é somente externa, mas também interna de cada ser humano.

Segundo Paola Jacques (2012), a sociedade caminha justamente no sentido oposto, na medida em que sentimos o empobrecimento das narrativas. A autora tem o entendimento de que o “próprio exercício de narração já está associado a uma prática espacial” (JACQUES, 2012, p.17). De acordo com Jacques (2012), há grande importância das narrativas para a construção dos sujeitos. Desta maneira, a sociedade atual, focada no espetáculo e centrada nas questões do capital, fomenta a morte das narrativas. Logo, no lugar onde elas morrem nasce uma cidade homogênea e cheia de limites. Lugar este, onde há perda da capacidade de transmissão da experiência e impossibilidade de experiências coletivas. Inexistência também da memória (JACQUES, 2012).

A busca por um caminho comum entre literatura e urbanismos resultou no interesse do estudo das obras da Internacional Situacionista (IS), que, segundo Jacques (2011) formava um grupo de artistas, pensadores e ativistas que lutavam contra a alienação e a passividade da sociedade moderna contemporânea. Nesse sentido, a força crítica dessas ideias delineava um movimento mais amplo que alcançava âmbitos artísticos, sociais, culturais e, sobretudo políticos (JACQUES, 1998). Posto isto, ponderando que o ambiente urbano, por vezes, se apresenta como elemento central de algumas narrativas literárias contemporâneas, podemos pensar em uma possível relação de interferências mútuas entre literatura e urbanismo no contexto latino americano.

Através das narrativas e da literatura podemos compor a imagem de um espaço, seja ele real ou abstrato, fruto de uma invenção ou de fatos. A cidade está presente na literatura e, por sua vez, a literatura está na urbanização. É sabido também que a literatura tem o poder de transformar seus leitores e conseqüentemente seus leitores também a transformam (CASARES, A. B., BORGES, J. L., OCAMPO, S., 2019).

Isto posto, se torna possível construir uma reflexão a respeito de como estes campos do conhecimento, e suas respectivas categorias de análise e de produção, podem se articular tanto em termos conceituais quanto metodológicos, visando estabelecer as conexões necessárias para uma identificação entre o direito à literatura e o direito à cidade.

A respeito da urbanização, a modernidade, enquanto engrenagem do pensamento estruturante das vanguardas históricas, apresenta uma dimensão ambivalente dos estados da arte nesse período (ARANTES, 1998). Os desdobramentos do período, apesar de garantirem os avanços dos movimentos artísticos durante o processo, calcificaram o desenvolvimento do terceiro mundo em uma matriz capitalista de promoção cultural. Nesse sentido, a força de mudança das narrativas ficou

comprometida, engessada e com vínculos no capital que as detinha.

Assim esta reflexão se organizaria em camadas de questionamentos, que são relativas a distintos elementos das narrativas urbanas, incorporando questões relativas à paisagem, habitat urbano e produção do espaço com enfoque no pensamento e crítica na criação da imagem das cidades contemporâneas.

Sobre a perspectiva do direito à cidade e do acesso à literatura, podemos orientar ambos, pensados em lógicas diferentes, mas unidos por ideais de acesso em comum. Pode-se pensar em um direito à cidade e um acesso a literatura que não se concretizam, que não chegam da mesma forma a todos, para que haja a apropriação por parte daqueles que usam a cidade. É evidente que este pensamento é complexo e passa por vários vieses, como o da falta de acesso aos livros e material literário de qualidade, falta de acesso a espaços culturais na cidade que possibilitem conexões e ainda pouco tempo de conexão do usuário com essas esferas do ensino e da cultura. Uma cultura voltada para o consumo, como mencionado anteriormente, uma grande questão em se articular um pensamento entre a cultura do capital e seus engendramentos intrínsecos na formação da cultura e, desse mesmo modo, sobre a produção e formação cultural das cidades. Tanto no texto sobre direito à literatura escrito por Candido (2011) quanto no texto em que Lefebvre (2010) escreve sobre o direito à cidade, a democratização do acesso e das possibilidades de intervenção são pontos importantes para o debate das questões de direito e acesso aos espaços, estejam eles em um ambiente físico ou imaginário. Nesse sentido, as vanguardas, de uma maneira geral, já adotavam posicionamentos que abordavam a conjuntura atual dos sistemas, num sentido de se expressar também sobre a sombra cultural da promoção da identidade cultural feita pelo sistema nacional.

É possível também pensar em questões que apontam para a não realização de um direito à cidade e de um direito à literatura. Esses direitos, eram bandeiras estabelecidas das vanguardas artísticas e históricas. Entretanto, no caso da América Latina, pela necessidade da criação de uma identidade cultural, pela importância da possibilidade de identificação com os próprios costumes, própria cultura e modo de vida, os movimentos de vanguarda foram necessários para a construção de um território de identificação. Se, por um lado, isso possibilitou uma série de reconhecimentos culturais e históricos, por outro, fez com que houvesse no processo de constituição cultural um forte conluio com o modelo de modernização capitalista adotado, além do cooptação desses intelectuais na época.

Assim sendo, estes seriam os fundamentos dos questionamentos sobre as relações entre a formação e produção cultural e as dinâmicas de urbanização no território na América Latina, que por sua vez definiriam um contexto no qual tanto o direito à cidade quanto o direito à literatura se realizaram principalmente como negatividade. A formação cultural e urbana latino-americana, e principalmente a brasileira, existiu como parte de um projeto amplo e complexo, que envolveu uma série de variáveis. Por este motivo, como já citado anteriormente, esta pesquisa não procura organizar um material com o intuito de se obter uma síntese sobre os processos de interação entre a literatura e o urbanismo nas cidades latino americanas e sim, criar um eixo de conexão entre assuntos que se influenciam mutuamente ao longo da história de formação destes territórios com uma ampla diversidade cultural e um histórico de desigualdade, visando explorar alternativas de superação de uma situação de não realização dos direitos à cidade e à literatura.

## Construindo uma leitura urbana de Pelotas a partir de Satolep

Desse modo, o trabalho irá se apropriar da cidade de Pelotas, através do livro Satolep, de Vitor Ramil. A escolha dessa obra se deu por se tratar de uma obra latino-americana e sobretudo por a pesquisa ter sido idealizada e escrita em Pelotas. Em consequência disso, por tratar-se de uma obra local, possibilita uma aproximação com cenários físicos de correlação possível em uma análise urbana. Nesse sentido, a intenção é produzir uma breve deriva cartográfica a partir da obra, entendendo o que a narrativa desenvolvida pelo autor “mostra” e o que ela “esconde” sobre os conflitos passados, presentes e futuros no espaço urbano da cidade de Pelotas.

No começo do livro a personagem principal chega a um espaço não muito bem definido. Aos poucos o espaço vai sendo descrito, em uma sequência. Assim, neste percurso, este sujeito, que chega a Satolep, estabelece certo distanciamento em relação ao espaço ilustrado através da narrativa. Entretanto, é neste momento que esta figura central vai estabelecendo relação com os elementos encontrados durante o percurso, descrevendo seus encontros. No decorrer destes encontros existe uma passagem por pensamentos que o protagonista tem sobre os elementos da cidade com que se depara, além de alguns desabafos. Nesse sentido, expõe sobre como o clima influencia em suas emoções ao longo da trajetória percorrida no livro, contribuindo para a ilustração do caminhar e por consequência torna possível uma apreensão da cidade através do caminhar.

Após isto, serão pensadas e organizadas narrativas complementares para a construção da reflexão. Desse modo, estas narrativas de autores virão a complementar a reflexão, procurando ilustrar outros cenários possíveis. Posteriormente, investigar se existem narrativas de outros autores que estejam à margem, ou ainda, se existem outros tempos dentro ou fora dessas narrativas. Por fim, fazer uma análise dessa estrutura e produzir associações.

Com o intuito de produzir uma leitura cultural contra hegemônica, é possível pensar que uma cultura é composta de diversos eixos estruturadores a respeito da formação de um conjunto de conhecimento, ações, comportamento, crenças e costumes. Gorelik (2005) escreve no momento em que esta produção está à tona, produzindo uma identidade para a América Latina. Neste contexto, junto de outros autores, elementos são organizados a fim de estruturar o que se pode chamar de teoria da dependência. Destas teorias contra hegemônicas podemos pensar também na teoria crítica, que, em linhas gerais, pode ser caracterizada brevemente como a produção ou um resultado da chamada Escola de Frankfurt. Walter Benjamin desenvolve sua obra neste contexto. Por não ser monolítica, sua obra estabelece aproximação com várias áreas do conhecimento, sendo uma delas a literatura. Benjamin (1995), descreve em um capítulo chamado O Narrador, características próprias daquele que narra um espaço, mostrando que há a necessidade de um certo afastamento por parte daquele que narra, que escreve.

Argan (2005) coloca que nenhuma cidade é fruto da produção ou do processo de nenhum ser superior, que uma cidade, é, acima de tudo, produto de uma história. Ao encarar as cidades como fruto de processos que evoluem em si das características coletivas podemos assim pensar na narrativa e em como a estrutura histórica contribui para a consolidação de uma memória e, nesse sentido, para a constituição de um modelo que se transforma em algo espacial e de fato transforma o meio urbano. Existem várias formas de se criar uma abordagem a partir de um conceito, entretanto, para serem fixados alguns argumentos nesta reflexão são necessárias serem estabelecidas algumas das questões fundamentais em torno do objeto desta reflexão, que são as narrativas. Assim, pode-se desenhar uma estrutura básica de análise com base no

conceito benjaminiano de narrativa.

Utilizando o livro *Satolep* como narrativa a ser transposta sobre a cidade de Pelotas, uma questão que aparece é a de como esta narrativa é capaz de problematizar em si possíveis conflitos urbanos presentes na cidade e, deste modo, como dito anteriormente, quais conflitos e relatos destas experiências que estão à margem deste discurso esta narrativa poderia estar ocultando. Nesse sentido, é possível desenhar a trajetória desta narrativa, através da base de espaço físico por detrás da intenção de mostrar a cidade de *Satolep* com uma outra ótica, sob um outro ponto de vista. Esta *Satolep*, que é em si uma cidade de Pelotas de outro tempo, onde a narrativa é percorrida de um alguém que chega à cidade, sob uma perspectiva de fora, no entanto ao decorrer da narrativa este narrador estabelece uma conexão com elementos do cenário inventado, demonstrando reconhecimento do espaço. Neste instante, é possível perceber que este viajante se reconhece cada vez mais na cidade. Nesta continuidade, esta personagem que é o centro da narrativa passa a colocar sua visão de mundo, demonstrada por aquele que é o descritor deste espaço, é um indivíduo que já conhece a cidade e, nesse sentido, é capaz de reconhecer elementos materiais no ambiente urbano descrito. Então, uma leitura crítica à visão do ambiente urbano descrito pelo usuário desta *Satolep* é hábil em despertar ao leitor um sentimento de urbanidade em relação ao centro, fazendo daquele que descreve, parte do cenário descrito.

O livro em si, em uma perspectiva geral, é capaz de ilustrar um viajante por uma cidade de Pelotas como pano de fundo, apesar de o autor em sua obra romper com a temporalidade. O livro *Satolep*, se propõe a de contar uma narrativa de um viajante, um transeunte e um passageiro. É importante evidenciar que em momento algum o autor afirma que se trata de Pelotas. No decorrer do texto, o autor também estabelece relações diretas com hábitos regionais, como por exemplo a hora do chimarrão, e também com um certo reconhecimento de uma volta para casa. Há durante o percurso da personagem certa sociabilidade com os encontros proporcionados pela chegada à cidade elaborada pelo autor. Desse modo, é possível através da sua obra, pensar em um percurso do indivíduo pela cidade, um transeunte como o próprio autor chama em sua narrativa. Nesse sentido, esse indivíduo que deriva pela cidade, que em certos momentos parece uma Pelotas do passado, é capaz de ilustrar um cotidiano de alguém que se apropria no centro e não está à margem, apesar de um discurso em sua maioria mais centralizado, esta centralidade retoma um poder de força no centro, espaço físico que em uma narrativa atual já teria perdido certa força.

Esta personagem que inicialmente parece não conhecer a cidade, muda sua posição na continuidade da obra. Desse modo, é possível concluir que *Satolep* não é um livro sobre conflitos, não tem a intenção de produzir uma problematização sobre o espaço urbano. O que existe, em alguma medida, é uma discussão que passa sobre a construção patrimonial pelotense, que perpassa sobre os costumes e contorna alguns assuntos relacionados ao contexto das edificações históricas. No entanto, existe uma vasta realidade patrimonial e excludente que está à margem deste discurso centralizado em homens produzindo e tendo a possibilidade de falar sobre a cidade. Não só faltam ouvidos atentos a esta cidade que não é vista como também são escassos os diálogos com mulheres durante o decorrer da obra. As mulheres são colocadas na obra como lembrança ou como parte da cena.

Nesse sentido, surge a existência de grupos invisibilizados nas narrativas oficiais da cidade (RIETH; NETO; ALFONSO, 2018), desse modo, demandando reconhecimento de suas práticas, saberes e processos. Assim sendo, é possível deduzir que existe a possibilidade de uma obra literária desvendar um lugar, entretanto, a mesma obra é capaz de ocultar narrativas, fazendo com que a reprodução do ambiente urbano narrado seja um tanto parcial e segmentada. Dentre as mais diversas faces que uma

obra literária é capaz de assumir a posição de não contar com integralidade o espaço ainda assim é uma escolha de perspectiva, não se trata de um ponto de vista diverso, reproduzindo alguns estereótipos.

A respeito dos aspectos físicos da cidade, o livro é poético em ressaltar de descrever os vários lugares em que o narrador passa, o começo da obra se dá na estação, uma antiga estação ferroviária, equipamento urbano atualmente revitalizado. Após este momento na obra a personagem percorre vários elementos arquitetônicos de importante conexão com a cidade, dentre eles o mercado público, o teatro, a praça, a catedral, o autor fala também da conexão da cidade com o porto e sobre o canal São Gonçalo.

Nesta sequência, é legítimo pensar nos diálogos que este homem branco estabelece durante seu percurso, como uma conversa com um personagem cubano nesta viagem à cidade imaginada, onde neste momento, o autor aborda questões próprias sobre a criação da cidade e da relação desta construção urbana com a escravização dos povos africanos. Durante a narrativa é possível perceber os lugares que ele frequenta. Neste sentido, temos a deriva deste flâneur, que é sempre representado por um homem com o adendo de que ele também só frequenta lugares essencialmente masculinos, como o Café Aquário, por exemplo. Desse modo, reforça como a obra pode esconder alguns tipos de narrativas. Mostrando ao final do livro, que quem escreve e tem a possibilidade de escrever textos é um homem. Por fim, este artigo reforça, ainda que de maneira breve, que obras literárias são capazes de contar sobre a cena urbana de uma cidade, possibilitando a problematização e pensamento no contexto em que estão inseridas. E, deste modo, que possam existir narrativas complementares e estarem sofrendo um processo apagamento, sendo ocultadas.

Acerca da obra, é fundamental mencionar que neste percurso o autor não passa sobre o tema das áreas periféricas da cidade, precisamente aquelas as quais vivem os descendentes destes povos escravizados. Do mesmo modo, ele visita e elogia uma igreja cristã, mas não dá visibilidade aos rituais religiosos de matriz africana que se apropriam do espaço urbano - especialmente cruzamentos de vias - até os dias de hoje. Dessa forma, torna-se pertinente questionar se estes lugares e manifestações culturais realmente existem, ou ainda, se são autorizadas pelo pensamento hegemônico de *Satolep*.

Nesse sentido, é significativo considerar a necessidade de certo afastamento e amadurecimento em relação à espacialidade e à temporalidade das obras literárias, ainda assim, é um convite à exploração destas e outras possíveis narrativas latino-americanas de latente exposição destas perspectivas, validando discursos a que durante muito tempo só ocorreria relatar os espaços interiores e, nesta linha, que possuíam menos acesso restrito ao contexto urbano e, posto isso, teriam menos possibilidade e escuta para narrar questões sobre o espaço urbano, logo, demonstrando, que ainda há muito a ser explorado sobre urbanismo dentro das obras literárias latino-americanas.

### Considerações Finais

A abordagem se mostra promissora e será desenvolvida e aprofundada na sequência do trabalho de pesquisa do mestrado, mas esse trabalho inicial já mostra efetivamente que obras literárias podem ser apropriadas para exercícios de leitura urbana, na medida em que, por um lado, confrontam abordagens excessivamente tecnicistas, e por outro, apresentam temas disparadores para uma análise crítica, que articulam forma urbana, história e sociedade.

Isto posto, pode-se concluir que a inclusão de obras da literatura em exercícios de

apropriação e planejamento dos territórios urbanos pode ser de grande valor para os assuntos urbanos. No entanto, é importante lembrar que se trata de um começo, que se inicia pelas bordas, nos debates acadêmicos. Na evolução das pesquisas sobre a cidade, enquanto se dá a teia de atividades e processos que acontecem nos centros urbanos a todo o momento, estamos sempre no passado. O tecido urbano se desenvolve diariamente e, dentro dele, todas narrativas que comporta. Assim, entende-se que o cotidiano é um alicerce para o desenvolvimento de outros “urbanismos” e de novas formas de pensar o espaço urbano.

## Referências

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. *Urbanismo em fim de linha*. São Paulo: Edusp, 1998.

ARANTES, Pedro Fiori Arantes. *Em Busca do Urbano*. Novos Estudos, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CASTRO, Ana Cláudia (2016). Figurações da cidade: um olhar para a literatura como fonte da história urbana. *Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material*, 24(3), 99-120. <https://doi.org/10.1590/1982-02672016v24n0304>

CASARES, Adolfo Bioy BORGES, Jorge Luis. OCAMPO, Silvina. *Antologia da literatura fantástica* (org.) Trad. Josely Vianna Baptista. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FRAMPTON, Kenneth. *História Crítica da Arquitetura Moderna*. 2003

GORELIK, Adrian. A produção da “cidade latino-americana”; São Paulo: Tempo Social, *revista de sociologia da USP*, v.17, n.1, pp.111-133, 2005. Tradução Fernanda Arêas Peixoto.

GORELIK, Adrian. 1. Nostalgia e Plano. O Estado como vanguarda. In: *Das vanguardas à Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

GORELIK, Adrian. *La memoria material: ciudad e historia*. Bol. Inst. Hist. Argent. Am. Dr. Emilio Ravignani, Buenos Aires, n. 33, p. 181-187, dic. 2011. Disponível em <[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0524-97672011000100026&lng=es](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0524-97672011000100026&lng=es)

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. Crítica ao urbanismo. In: JACQUES. Paola Berenstein (org.) *Apologia da deriva*. Escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2010.

LIERNUR, Jorge Francisco. ¡Es el punto de vista, estúpido! In: *Arquitectura en teoría*. Escritos 1986-2010. Buenos Aires, Nobuko, 2010, pp. 273-288.

JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012. 331p.

MARTINS, Carlos A. F. Identidade nacional e Estado no projeto modernista. Modernidade, Estado e tradição. In: GUERRA, Abilio. (Org.). *Textos fundamentais*

*sobre história da arquitetura moderna brasileira*. Parte 1. São Paulo: Romano Guerra, 2010, pp. 279-298.

JACQUES, Paola Bernstein. *Apologia da Deriva. Escritos Situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2003.

PERRONE-MOISES, Leyla. Paradoxos do nacionalismo literário na América Latina. In: *Estudos avançados*. [online]. 1997, vol.11, n.30, pp. 245-259. [[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141997000200015](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000200015)]

RIETH, Flávia. NETO, Francisco Pereira. ALFONSO, Louise. *Pelotas-RS pelas suas margens: a patrimonialização como expressão das múltiplas formas de habitar a cidade*. Brasília: Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2018.

SEGRE, Roberto, relator. *América Latina en su arquitectura*. Cidade do México: Siglo XXI, 1983.

WAISMAN, Marina. Conceitos instrumentais para a análise da arquitetura a partir de um ponto de vista latino-americano. In: *O interior da história. Historiografia arquitetônica par auso de latino-americanos*. São Paulo, Perspectiva, 2013, pp.55-207.

# INFLUÊNCIA DO ADENSAMENTO CONSTRUTIVO SOBRE OS MICROCLIMAS

## Estudos brasileiros e singularidades do Sul

*THE INFLUENCE OF CONSTRUCTIVE THINNING  
ON MICROCLIMATES  
Brazilian Studies and Southern singularities*

*Mônica Machado dos Santos<sup>1</sup>,  
Lisandra Fachinello Krebs<sup>2</sup> e Raischa Holz Ribak<sup>3</sup>*

### Resumo

Diferentes densidades construídas resultam em distintos microclimas em espaços urbanos abertos, influenciando no conforto térmico de pedestres. Este artigo discute os efeitos do adensamento sobre o conforto térmico em espaços urbanos abertos, apontando potencialidades para estudos ao Sul do Brasil, a partir de uma revisão narrativa de literatura. Os estudos analisados demonstram a relação direta entre os efeitos do adensamento construtivo e os respectivos clima das cidades brasileiras. Ao Sul da Região Sul do Brasil, a influência do inverno frio altera padrões recorrentes em outras cidades brasileiras. Os resultados evidenciam a importância de mais estudos desta natureza para a Região Sul, analisando formas de adensamento, revestimentos de edificações e pavimentações, e efeitos da vegetação para o conforto térmico ao nível do pedestre em espaços urbanos abertos.

Palavras-chave: adensamento construtivo, microclimas urbanos, Região Sul.

### Abstract

*Different built densities result in different microclimates in open urban spaces, influencing the thermal comfort of pedestrians. This article discusses the effects of densification on thermal comfort in open urban spaces, pointing out potential for studies in southern Brazil, based on a narrative literature review. The analyzed studies demonstrate the direct relationship between the effects of building densification and the respective climate of Brazilian cities. In the south of the southern region of Brazil, the influence of the cold winter alters recurring patterns in other Brazilian cities. The results show the importance of further studies of this nature for the South Region, analyzing forms of densification, building coatings and pavements, and the effects of vegetation on thermal comfort at the pedestrian level in open urban spaces.*

*Keywords: constructive density; urban microclimates, South Region.*

<sup>1</sup> Arquiteta e Urbanista, mestranda na área de Urbanismo Contemporâneo, Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. monicamsantos@outlook.com

<sup>2</sup> Professora no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas. lisandra.krebs@ufpel.edu.br

<sup>3</sup> Acadêmica na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas. raischa.h.ribak@gmail.com



Figura 1 - Exemplo de Cânion Urbano na Avenida Borges de Medeiros, Porto Alegre. Fonte: Omar Junior, 2008.

### Introdução

No Brasil, é comum que a especulação imobiliária em centros urbanos médios a grandes estimule o aumento da densidade construída em zonas consideradas de interesse econômico. Esta dinâmica resulta em significativas modificações no tecido urbano, sem que os efeitos de maiores densidades construídas sobre os microclimas sejam previstos. Variáveis ambientais como a direção e a velocidade dos ventos, a temperatura e a umidade do ar, e a temperatura radiante média são alteradas com as mudanças na morfologia urbana. Isto modifica os microclimas, alterando a sensação de conforto térmico ao nível do pedestre em espaços abertos e podendo, inclusive, influenciar o conforto térmico e a eficiência energética das edificações próximas.

A especulação imobiliária também direciona à construção de determinadas tipologias. Carvalho (2008) observou a estreita relação entre o mercado imobiliário residencial e as transformações na paisagem urbana da cidade de São Paulo. O autor constatou que o aumento do valor dos terrenos e o interesse no maior aproveitamento do solo, aliados aos parâmetros urbanísticos, resultaram na expressiva construção de torres isoladas nos bairros Itaim Bibi e Higienópolis e de conjuntos de torres na Vila Leopoldina.

De modo semelhante, Inda (2003) analisou os impactos dos planos diretores de 1959 a 1999 sobre as tipologias edificadas no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre/RS, destacando a construção de edifícios torres e sem recuos nos primeiros pavimentos, naquele período. Essa tipologia explorou os máximos limites construtivos do Plano Diretor vigente.

Aguiar et al. (2017) contam que, em Fortaleza/CE, a intensa influência da especulação imobiliária acarretou na verticalização das edificações e na formação de cânions urbanos<sup>4</sup>. A figura 1 exemplifica a caracterização de cânion urbano. Um processo similar ocorreu no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro, influenciado por diferentes Planos Municipais vigentes no período entre 1930 e 2010 (BARBOSA; ROSSI; DRACH, 2014). Ambos os estudos apontaram que a alteração na morfologia urbana implicou

<sup>4</sup> Consistem na combinação de superfícies horizontais, as vias, e verticais, as edificações (NUNEZ e OKE, 1977).

na elevação da temperatura do ar, ao nível do pedestre, principalmente no período próximo ao meio dia, e na mudança na direção e velocidade do vento.

Estudos de simulação dos cenários de adensamento construído trazem o aspecto do conforto térmico ao nível do pedestre às decisões de planejamento urbano. Desta forma, a escolha por uma ou outra alternativa projetual poderá alinhar-se a um uso mais saudável das cidades estimulando o caminhar, o uso da bicicleta, e tantas outras ocupações compatíveis com microclimas urbanos termicamente confortáveis.

A Região Sul do Brasil apresenta uma singularidade em relação às demais: o inverno com temperaturas mais frias. Os verões são caracterizados por elevadas temperaturas, apresentando grandes amplitudes térmicas e estações bem definidas ao longo do ano. Kottek et al. (2006) contam que, segundo a classificação Köppen-Geiger, o clima da Região Sul brasileira divide-se basicamente em “CFa”: subtropical úmido, caracterizado por distintas estações de aquecimento e resfriamento, alta umidade e verões quentes; e “CFb”: clima temperado úmido com verões amenos. A grande amplitude térmica diária também é observada na maioria das cidades ao Sul do Brasil. Tais características requerem diferentes estratégias arquitetônicas e urbanísticas, se comparadas a outras regiões brasileiras.

Este estudo integra uma pesquisa maior sobre os efeitos do adensamento construtivo sobre os microclimas urbanos em cidades médias ao Sul do Sul do Brasil. O recorte aqui apresentado discute os efeitos do adensamento sobre o conforto térmico nos espaços urbanos abertos a partir da revisão de estudos análogos desenvolvidos em cidades brasileiras, incluindo a Região Sul.

### Metodologia

O método empregado foi a revisão narrativa de literatura, em estudos revisados por pares. A busca foi feita majoritariamente pelo motor de busca “Portal de Periódicos CAPES”, que reúne as principais revistas nacionais e internacionais na área, e pelo “Google Acadêmico”. O website “Researchgate”, os repositórios digitais de universidades brasileiras (com Teses e Dissertações) foram também consultados. Adicionalmente, Anais dos dois maiores eventos nacionais na área de tecnologia e conforto foram incluídos na busca: o “Encontro Nacional de Conforto no Ambiente Construído” (ENCAC) e o “Encontro Nacional de Tecnologia no Ambiente Construído” (ENTAC). Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: “microclima”, “verticalização”, “Envi-met”, “adensamento”, “densidade construída”, “conforto térmico”, “ilha de calor” e “zonas climáticas”.

A revisão conta com vinte e dois trabalhos compostos por artigos, teses e dissertações, sendo dezoito sobre adensamento, e quatro que tratam de outros assuntos na região sul, abrangendo o período entre 2007 e 2021. O idioma prioritário é o Português. A revisão de literatura foi desenvolvida em três etapas. As duas primeiras etapas dedicam-se a estudos sobre os efeitos do adensamento, caracterizando-os e discutindo seus resultados. A terceira etapa aborda a influência da morfologia no microclima urbano especificamente na Região Sul.

### Caracterização de estudos sobre adensamento e microclimas

Oliveira et al. (2021) destaca que o Brasil é o segundo país que mais publica artigos em inglês sobre verticalização e microclima em cidades tropicais, com o principal foco de estudo na geometria urbana. A Tabela 1 agrupa os dezoito estudos analisados sobre

adensamento construtivo e microclima. Os trabalhos contemplam sete climas distintos em capitais e cidades médias de até 320 mil habitantes<sup>5</sup> em onze estados brasileiros. A Tabela 2 detalha informações climáticas conforme as correspondentes siglas usadas na classificação climática de Köppen-Geiger.

Contextualização dos artigos						
Autor	Localização	Clima Köppen	Foco	Método	Software	
GIROTTI, C.; SHIMOMURA A. R. P. (2021)	São Paulo - SP	Cfb	tipologias construtivas e vegetação	simulação paramétrica	Rhinoceros. Plugins Grasshopper e Dragonfly	
MEDEIROS, J. M. M.; FILHO, L.G. A. (2021)	Palmas - TO	Aw	verticalização	simulação computacional	ENVI-met	
OLIVEIRA, A. K. N et al. (2021)	-	Diversos	verticalização em climas tropicais	revisão bibliográfica	nenhum	
BRANDAO, L. K. V. (2020)	Arapiraca - AL	Bsh	adensamento, verticalização e orientação solar	simulação computacional	ENVI-met	
GUSSON, C. S. (2020)	São Paulo - SP	Cfb	verticalização e materiais da edificação	simulação computacional	ENVI-met	
MONTEIRO, F. (2020)	Macapá - AM	Am	verticalização e vegetação	simulação computacional	ENVI-met	
NOVAES, G. B. A. (2020)	São Paulo - SP	Cfb	verticalização e adensamento existente	simulação computacional	ENVI-met	
MARTINS, W. T. O. S.; ROSSETI, K. A. C. (2019)	Cuiabá - MT	Aw	adensamento existente e vegetação	simulação computacional	ENVI-met	
SANTOS, E. B.; AMORIM A. C.; SIMÕES, R. M. (2019)	Colatina - ES	Aw	verticalização e taxa de ocupação	simulação computacional	ENVI-met	
LIMA, D.C.R.; LIMA, P.R.; CARAM, R.M. (2018)	Umuarama - PR	Cfa	cânions urbanos e vegetação	simulação computacional	ENVI-met	
MUNIZ-GAAL, L. P.; PEZZUTO, C. C.; CARVALHO, M. F. H. de; MOTA, L. T. M. (2018)	Campinas - SP	Cfa	cânions urbanos, adensamento, verticalização e orientação solar	simulação computacional	ENVI-met	
NOGUEIRA, A. M. P. et al. (2018)	Maceió - AL	As	verticalização	simulação computacional	ENVI-met	
MORSCH M. R. S.; SILVOSO M. M. (2017)	Passo Fundo - RS	Cfa	densidade e vegetação em morfologias existentes	medições em campo	nenhum	
BARBOSA, G. S.; ROSSI, A. M. G.; DRASH, P. R. C. (2014)	Rio de Janeiro - RJ	Aw	verticalização e adensamento existente	simulação computacional	ENVI-met	
GUSSON, C. S. (2014)	São Paulo - SP	Cfb	tipologia e orientação solar	simulação computacional	ENVI-met	

5 Exceção de Campinas - SP com 1.200.000 habitantes, não sendo capital ou cidade de médio porte.

SCHMITZ, L. K. (2014)	Curitiba - PR	Cfb	prognóstico de verticalização e do aquecimento global e medidas de mitigação	simulação computacional	ENVI-met
SILVA, C. F. (2013)	Brasília - DF	Aw	Cânions urbanos, materialidade do solo e orientação solar	simulação computacional	ENVI-met
FRANCISCO R. C. A. (2012)	Belo Horizonte - MG	Cwa	verticalização e vegetação	simulação computacional	ENVI-met

Legenda da classificação climática Köppen				
Sigla	Classificação	Grupo	Tipo	Subtipo
Am	Clima de monção	Tropical	de monção	--
As	Clima de savana	Tropical	de savana	Verão seco
Aw	Clima de savana	Tropical	de savana	Inverno seco
Bsh	Clima semiárido quente	Seco	semiárido	Quente
Cfa	Clima subtropical úmido	Temperado	sem estação seca	Verão quente
Cfb	Clima oceânico temperado	Temperado	sem estação seca	Verão fresco
Cwa	Clima subtropical úmido	Temperado	inverno seco	Verão quente

\*cores representadas a partir do mapa Köppen original

Os trabalhos analisados focam na análise de morfologias existentes (BARBOSA et al., 2014; MARTINS e ROSSETI, 2019; NOVAES, 2020; MORSCH e SILVOSO, 2017); propostas de aumento de verticalização em novos loteamentos (BRANDÃO, 2020; GUSSON, 2020; MUNIZ-GÄAL et al., 2018; NOGUEIRA et al., 2018) ou sobre uma morfologia urbana consolidada (MEDEIROS e FILHO, 2021; MONTEIRO, 2020; SANTOS et al. 2019; LIMA et al., 2018; SCHMITZ, 2014; FRANCISCO 2012); análise de cânions urbanos (MUNIZ-GÄAL et al., 2018; LIMA et al., 2018; SILVA, 2013); tipologias construtivas (GIROTTI e SHIMOMURA, 2021; GUSSON, 2014) e de revisão bibliográfica (OLIVEIRA et al., 2021).

Os estudos de cânions urbanos relacionam diferentes combinações de alturas das edificações com a largura das vias (H/W) e seus efeitos sobre os microclimas onde estão inseridas. Os estudos que analisam diferentes tipologias construtivas contemplam edificações-torre, perimetral, perimetral com subtração (semiaberta) e lâmina. Outros estudos simulam o adensamento apenas com edifícios torre, tipologia que possibilita maior aproveitamento do solo e atende às legislações urbanísticas municipais, alternando alturas e taxa de ocupação.

Onze estudos comparam, além do adensamento, também variáveis naturais (vegetação e orientação solar) e construtivas (materialidade dos edifícios e das pavimentações). GIROTTI et al. (2021); MONTEIRO (2020), MARTINS e ROSSETI. (2019), LIMA et al. (2018), MORSCH e SILVOSO (2017), FRANCISCO (2012) abordam a influência da vegetação sobre o microclima. BRANDÃO (2020); MUNIZ-GÄAL et al. (2018); GUSSON, (2014) e SILVA (2013) estudaram a influência de diferentes orientações de eixos de vias sobre os microclimas. GUSSON (2020) e SILVA, (2013) simularam cenários com distintas materialidades onde variam os índices de refletância nas edificações e nas pavimentações.

A maior parte dos estudos realizaram simulação computacional de cenários reais e hipotéticos por meio do programa ENVI-met. MORSCH e SILVOSO (2017) analisaram o adensamento por meio de medições locais das variáveis ambientais temperatura e umidade relativa do ar, velocidade e direção dos ventos. OLIVEIRA et al. (2021) realizaram a revisão de literatura de estudos sobre verticalização em cidades tropicais no Brasil e no exterior.

### Variáveis de estudo

A Tabela 3 apresenta os detalhes sobre a localização, o clima, o período analisado e as variáveis apuradas pelos estudos. Todos os estudos são ao nível do pedestre.

Parâmetros utilizados no estudo										
Autores	Localização	Clima (Köppen)	Período		Variáveis para análise de resultados					
			Verão/primavera	Inverno/outono	Temperatura média radiante	Temperatura do ar	Direção do vento	Velocidade do vento	Umidade relativa	Índice térmico
GIROTTI, C.; SHIMOMURA A. R. P. (2021)	São Paulo - SP	Cfb	X	X		X				
MEDEIROS, J. M. M.; FILHO, L.G. A. (2021)	Palmas - TO	Aw	X	X	X					
BRANDÃO, L. K. V. (2020)	Arapiraca - AL	Bsh	X		X	X	X	X		PMV
GUSSON, C. S. (2020)	São Paulo - SP	Cfb		X	X					TEP
MONTEIRO, F. (2020)	Macapá - AM	Am	X		X	X	X	X		PET e UTCI
NOVAES, G. B. A. (2020)	São Paulo - SP	Cfb	X		X	X	X	X	X	TEP
MARTINS, W. T. O. S.; ROSSETI, K. A. C. (2019)	Cuiabá - MT	Aw		X		X	X	X		
SANTOS, E. B.; AMORIM A. C.; SIMÕES, R. M. (2019)	Colatina - ES	Aw	X							IDT, PMV, TEv
LIMA, D.C.R.; LIMA, P.R.; CARAM, R.M. (2018)	Umuarama - PR	Cfa	X	X						PET
MUNIZ-GÄAL, L. P.; PEZZUTO, C. C.; CARVALHO, M. F. H. de; MOTA, L. T. M. (2018)	Campinas - SP	Cfa	X	X		X		X		PET
NOGUEIRA, A. M. P. et al. (2018)	Maceió - AL	As	X			X	X	X		
MORSCH M. R. S.; SILVOSO M. M. (2017)	Passo Fundo - RS	Cfa	X			X	X	X	X	
BARBOSA, G. S.; ROSSI, A. M. G.; DRASH, P. R. C. (2014)	Rio de Janeiro - RJ	Aw	X			X				PET e UTCI

GUSSON, C. S. (2014)	São Paulo - SP	Cfb		X	X	X	X	X		
SCHMITZ, L. K. (2014)	Curitiba - PR	Cfb	X	X	X	X		X	X	UTCI
SILVA, C. F. (2013)	Brasília - DF	Aw	X							PMV
FRANCISCO R. C. A. (2012)	Belo Horizonte - MG	Cwa		X		X		X	X	

Quanto às variáveis ambientais apresentadas para as discussões de resultados, menos da metade (sete de dezessete) utilizou a temperatura radiante média e a umidade relativa do ar. A maioria analisou diretamente a temperatura do ar, a velocidade e a direção do vento. A umidade relativa do ar foi analisada em apenas três dos dezessete estudos. Outra ferramenta utilizada para avaliar o conforto são os índices térmicos, os quais apareceram em mais de metade dos estudos. Foram identificados seis diferentes índices de conforto térmico: Voto Médio Estimado (PMV), Temperatura Equivalente Percebida (TEP), Temperatura Fisiológica Equivalente (PET), Índice Climático Térmico Universal (UTCI), Índice de Desconforto Térmico (IDT) e Temperatura Efetiva em Função do Vento (TEv).

### Discussão sobre os estudos e seus resultados

Dentre os estudos que simulam verticalizações em configurações existentes, a maior parte trabalha com inserções de edifícios em diferentes alturas (alguns por restrição das legislações urbanas como taxa de ocupação e coeficiente de aproveitamento). Com exceção de Brandão (2020), os estudos que trabalham com verticalizações em loteamentos hipotéticos simulam a implantação de edifícios-torre<sup>6</sup> de mesma altura, o que dificilmente ocorre na malha urbana, que comumente se desenvolve de modo heterogêneo.

Dentre outros aspectos, a heterogeneidade de alturas das edificações interfere na dinâmica dos ventos, variável de grande influência sobre o conforto térmico. Novaes (2020) observou que o recorte urbano com edificações de alturas mais variadas e altura média de 10 metros, aliada a orientação da via no sentido dos ventos predominantes, resultou no melhor desempenho térmico para o verão em 2018. A grande variabilidade nas alturas das edificações permite a circulação dos ventos, auxiliando na retirada do calor.

A escala de verticalização varia dentre as investigações. Aproximadamente metade dos estudos contemplam verticalizações de até 15 pavimentos (o que equivale a aproximadamente 45 metros de altura), e os demais (sobretudo os realizados para capitais) simulam alturas maiores, chegando a até 40 pavimentos (o equivalente a aproximadamente 119 metros de altura).

Para os climas quentes, nos estudos para edificações de até 15 pavimentos, os cenários mais verticalizados são apontados como favoráveis ao conforto térmico ao nível do pedestre, provavelmente devido a um equilíbrio entre sombreamento e permeabilidade dos ventos. Em estudos com verticalizações mais elevadas (até 40 pavimentos), edifícios com alturas intermediárias em relação às hipóteses consideradas, entre 8 e 27 pavimentos. Para o clima de São Paulo, "Cfb", a temperatura radiante entre torres de 81 metros foi menor comparada a cenários com verticalizações de 119 e 44 metros, às 12 horas no mês de abril (GUSSON, 2020).

<sup>6</sup> A proporção entre a altura e a base da edificação apresenta uma verticalidade visual.

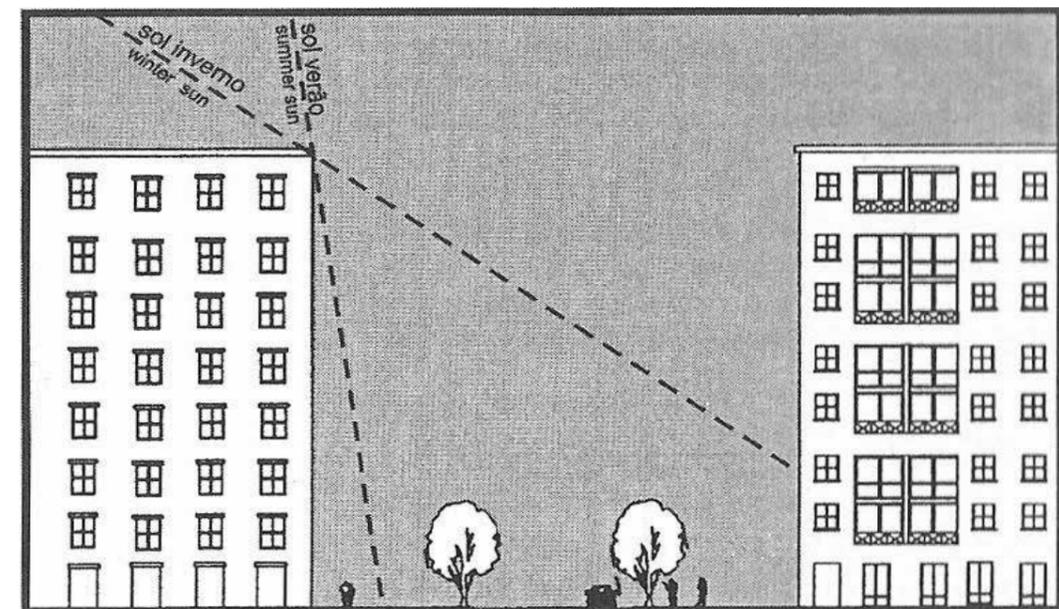


Figura 2 - Imagem com as proporções W/H entre 0,5 e 0,6. Fonte: *Ambiência Urbana*, 3ª ed. 2009.

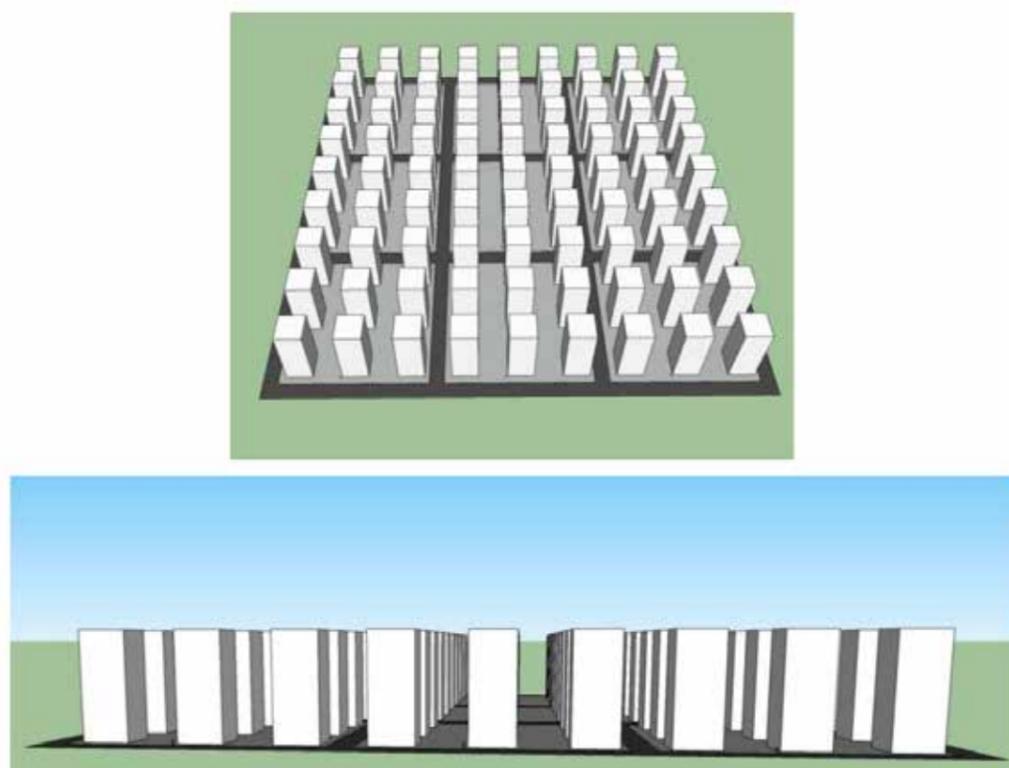
Para locais com outras características climáticas como a baixa umidade, a verticalização pode elevar o desconforto térmico. Medeiros e Filho (2021) observaram que edificações mais altas aumentaram a rugosidade e, conseqüentemente, elevaram a velocidade do ar, reduzindo a umidade, variável importante para o clima seco (tropical de savana) de Palmas - To. Schmitz (2014) informa que em cidades de clima com invernos de baixas temperaturas, o sombreamento resultante da verticalização pode colaborar com o desconforto térmico, como observado em Curitiba - PR. Nesse estudo, a proposição em diminuir a altura das edificações para 6, 8 ou 10 pavimentos, adicionando vegetação e utilizando materiais de elevado albedo, mostraram-se mais eficientes para ambos os períodos de inverno e verão, em cenários de aquecimento global (prognósticos para os anos de 2036 e 2061).

Referentes aos estudos em cânions urbanos, é clara a influência do clima da cidade estudada nos resultados. A Figura 2 demonstra um cânion urbano com a proporção da largura da via e a altura da edificação menor que 1. No clima subtropical úmido "Cfa", para o período de verão, foi mais indicado uma proporção mais verticalizada, H/W de 1,4 e 2, respectivamente para Campinas - SP (MUNIZ-GÄAL et. al, 2018) e Umuarama - PR (LIMA et al., 2018).

Já para o período de inverno, Muniz-Gaal et al. (2018) identificou melhor desempenho de conforto térmico, em proporções menores que no verão, H/W entre 0,8 e 1. Diferentemente, para o clima tropical de savana "Aw", Silva (2013) identificou melhor desempenho do índice térmico PMV, em Brasília, para cavidades em que a largura da via é maior que a altura dos edifícios, proporção W/h entre 3 e 7.

A orientação da via é outro fator importante a ser considerado, visto que as fachadas e áreas de determinado ponto podem receber mais ou menos radiação solar, além das edificações poderem gerar maior ou menor sombreamento sobre o entorno. A orientação da via também é analisada em relação aos ventos predominantes. Quando as vias são posicionadas paralelas à direção dos ventos, possivelmente, a ventilação será acentuada. Ao contrário ocorre na direção perpendicular aos ventos predominantes, ou seja, o vento pode ser barrado pelas edificações. O vento também pode ser distribuído de modo mais uniforme entre as vias quando elas são rotacionadas 45° em relação aos ventos predominantes, conforme observado nos estudos Gusson (2014), Muniz-Gaal et al (2018) e Brandão (2020).

Figura 3 - Cenário de verticalização em torres. Fonte: Gusson, 2014.



Observando a relevância do vento sobre o conforto térmico, destaca-se dois estudos em clima tropical de savana, “Aw”, que analisaram adensamentos ocorridos. Martins e Rosseti (2019) observaram mudança na velocidade e direção do vento analisando um cenário com os recuos mínimos estabelecidos pelo Plano Diretor e a ocupação irregular consolidada. Barbosa et al. (2014) destacam que a baixa permeabilidade entre os edifícios e a barreira formada pelas construções elevaram o desconforto térmico por calor, resultante do adensamento devido à especulação imobiliária. Ambos os estudos apontam para a importância de legislações adequadas a cada região e clima.

Dentro os estudos que analisam diferentes tipologias construtivas, ambos na cidade de São Paulo, clima “Cfb”, Gusson (2014) encontrou melhores condições térmicas na tipologia torre, dentre as demais perimetral e lâmina. Diferentemente, Girotti e Shimomura (2021), identificaram maiores temperaturas na tipologia perimetral, que possui maior adensamento construtivo. As temperaturas menores foram observadas na tipologia semi-aberta com menor densidade construída e maior área de vegetação, categorizando a tipologia torre em um nível intermediário. As diferenças de resultados provavelmente ocorrem em razão do contexto das edificações estudadas. O cenário de tipologia torre em Gusson (2014) apresentado na figura 3 é composto por um grupo de edifícios na mesma quadra, gerando o sombreamento entre si e sobre áreas próximas. Já no cenário de Girotti e Shimomura (2021), demonstrado no cenário 2 da figura 4, o edifício é um bloco único e há presença de vegetação com área variável dentre as tipologias analisadas.

### Região Sul

Salientou-se que a Região Sul possui uma peculiaridade climática: invernos frios, sendo de grande importância estudos específicos para essa região nos períodos de verão e de inverno. As pesquisas foram desenvolvidas para o período de frio e calor, exceto Morsch e Silvos (2017) que realizaram levantamento apenas no verão. A Tabela 4 demonstra os estudos no Sul com enfoque sobre os efeitos do adensamento,

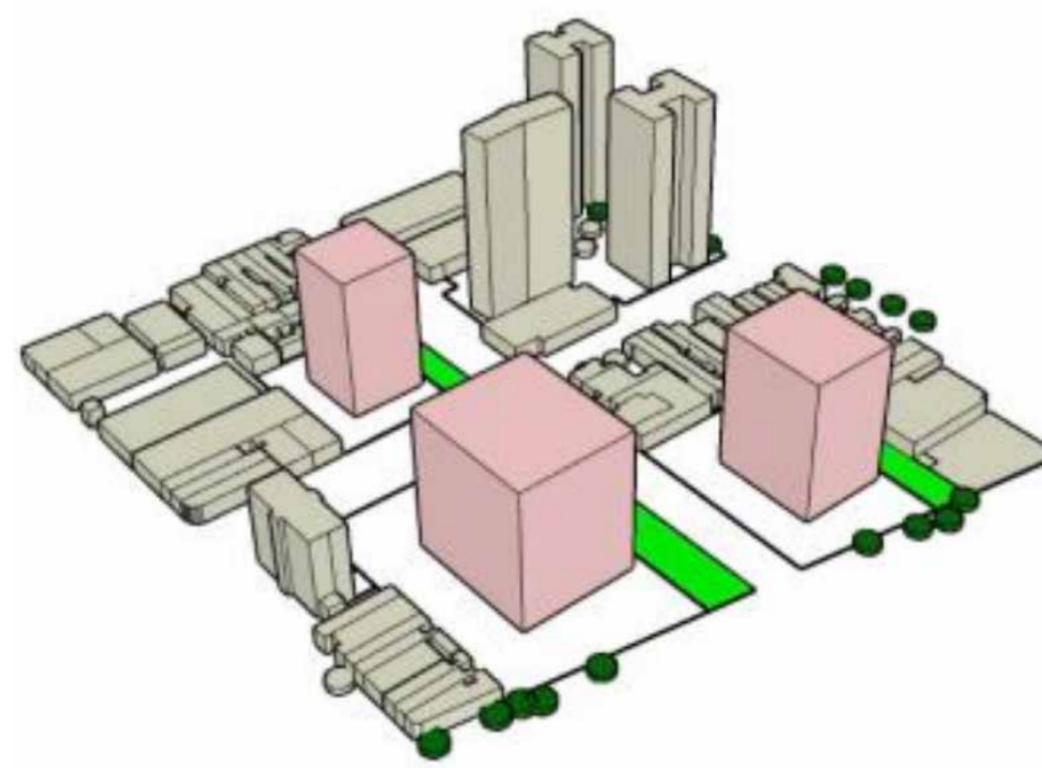


Figura 4 - Cenário de verticalização em torre isolada. Fonte: Girotti e Shimomura (2021) editada pelas autoras.

verticalização, vegetação, materiais construtivos ou fator de céu visível<sup>7</sup>. As pesquisas utilizaram a metodologia de levantamento de campo em três estudos de sete e, nos demais, foram realizadas simulações computacionais no programa ENVI-met.

Estudos realizados na região sul sobre microclimas urbanos				
Autor	Localização	Assunto/objeto de estudo	Método	Software
MORSCH M. R. S. (2020)	Passo Fundo - RS	medidas de mitigação - materiais construtivos e vegetação	simulação computacional	Envi-met
GRICOLETTI, C.; LAZAROTTO, G.; WOLLMANN, C. (2018)	Santa Maria - RS	vegetação	interpretação de imagens e medições em campo	--
LIMA, D.C.R.; LIMA, P.R.; CARAM, R.M. (2018)	Umuarama - PR	cânions urbanos e vegetação	simulação computacional	Envi-met
MORSCH M. R. S.; SILVOSO M. M. (2017)	Passo Fundo - RS	densidade e vegetação em morfologias existentes	medições em campo	--
SCHMITZ, L. K. (2014)	Curitiba - PR	prognóstico de verticalização e aquecimento global e medidas de mitigação	simulação computacional	Envi-met
MINELLA, F. C. O.; RASIA, F. B. C.; KRÜGER, E. L. (2011)	Curitiba - PR	relação entre FCV e alterações no microclima	medições em campo	--

Os estudos realizados para Curitiba - PR e Umuarama - PR nos períodos de frio e calor demonstraram que a verticalização reduziu as temperaturas dos índices PET e UTCI inclusive no inverno, desfavorecendo o conforto térmico (SCHMITZ, 2014 e LIMA et al., 2018). Mesmo em áreas com baixa densidade construída, recuos e presença

<sup>7</sup> Consiste na proporção geométrica entre o Céu e a Terra, estimando a área de Céu Visível (SOUZA et al., 2010).

Tabela 4 - Caracterização dos estudos analisados na Região Sul. Fonte: Autoral (2022).

de vegetação, Morsch e Silvos (2017) identificaram impactos da urbanização sobre o microclima em Passo Fundo: elevação da temperatura e redução da velocidade do vento e umidade. Esse estudo demonstra que não só as cidades maiores, mas também as de médio porte necessitam de estudos climáticos prevendo os efeitos da morfologia urbana sobre o conforto térmico ao nível do pedestre.

Embora o presente artigo discute sobretudo o adensamento construtivo, sabe-se que a conformação de um microclima depende do conjunto de características morfológicas a serem consideradas. Áreas com densidades construtivas semelhantes podem apresentar microclimas diferentes em função de outras características como a vegetação, conforme observado entre recortes urbanos de Santa Maria (GRICOLETTI, 2018).

A maior parte das pesquisas apresenta uma semelhança: analisa a presença de vegetação. O incremento de áreas verdes pode ser uma estratégia para diminuir as temperaturas, através do sombreamento e reflexão da radiação solar. Em Passo Fundo - RS, a inserção de vegetação sobre 70% dos passeios representou uma redução de até 1,08°C na temperatura do ar, às 16h para o dia 21 de dezembro (MORSCH, 2020). Por outro lado, no inverno, áreas mais vegetadas também podem apresentar temperaturas menores em relação a áreas com menor taxa de vegetação, como observado por Gricoletti (2018) em Santa Maria. Além disso, a presença de vegetação pode gerar redução da velocidade do vento em cânions mais profundos, como observado em Umuarama - PR, interferindo no conforto térmico (LIMA et al., 2018).

Outro fator que foi observado em um estudo é referente ao Céu visível em estudo na cidade de Curitiba - PR. Embora não seja determinante para o conforto térmico, o fator mais elevado resultou no maior desconforto em dias quentes, devido a permeabilidade para a radiação solar, o que pode ser confortável para dias quentes (MINELLA et al., 2011).

### Considerações finais

Este artigo analisou a influência da morfologia urbana sobre os microclimas em diferentes cidades brasileiras, identificando as peculiaridades de estudos realizados ao Sul do Brasil. Foram evidenciadas características climáticas, métodos de pesquisa e resultados. Não é possível generalizar os efeitos da morfologia urbana sobre as variáveis climáticas, como temperatura do ar e velocidade e direção do vento, em razão das especificidades de cada região. Tal fato reforça a necessidade de estudos para cada lugar, visando melhores condições térmicas para os pedestres.

Para a Região Sul encontrou-se poucos estudos a respeito dos efeitos da morfologia urbana sobre os microclimas e em sua maioria analisam a influência da arborização. Os resultados apontam para estratégias opostas para o conforto no verão e no inverno. Como esperado, para o verão um maior conforto ao nível do pedestre foi provido pelos cenários verticalizados, concordando com os resultados obtidos em estudos para climas quentes. Já no inverno, a verticalização mostrou-se desfavorável à Região Sul, reflexo de sua singularidade climática (inverno frio e úmido). Esta revisão de literatura reforça a importância de estudos da influência da morfologia urbana sobre os microclimas focados na Região Sul, incluindo análises de adensamento, componentes construtivos e revestimentos das edificações e pavimentações.

A vegetação foi apontada como uma estratégia eficiente para reduzir a temperatura do ar no período de verão, mas a alteração na temperatura também ocorre no inverno, o que pode elevar o desconforto térmico no período de frio.

Os artigos tiveram diferentes enfoques de modo que se complementam na construção do conhecimento, visto que os microclimas são resultantes do conjunto de características naturais e construídas de cada lugar. Observou-se que a maioria dos estudos realizaram simulação computacional com o programa ENVI-met. Identifica-se também a variedade de índices térmicos utilizados, não havendo unanimidade.

### Referências

AGUIAR L. F. M. C. et al. Caracterização de Cânions Urbanos e seus Efeitos Climáticos em Área com Intenso Processo de Verticalização na Cidade de Fortaleza, Ceará. *Revista Brasileira de Geografia Física*. v.10, n.04, 2017.

BARBOSA, G. S.; ROSSI, A. M. G.; DRASH, P. R. C. Análise de Projeto Urbano a partir de parâmetros urbanos sustentáveis: alteração morfológica de Copacabana (1930 - 1950 - 2010). *urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, V.6, n 3, p. 275-287, set./dez. 2014.

BRANDÃO, L. K. V. *Verticalização e ambiente térmico urbano análise de parâmetros urbanísticos integrados à abordagem bioclimática em Arapiraca, Alagoas*. Orientador Barbosa, Ricardo Victor Rodrigues 2020. 149f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

CARVALHO J. P. *A tipologia dos edifícios de apartamentos e sua relação com o tecido urbano da cidade - um estudo de suas transformações nos últimos 40 anos*. 2008. 224f. Dissertação (Mestrado em Planejamento urbano e regional) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

FRANCISCO R. C. A. *Clima urbano: um estudo aplicado à Belo Horizonte, MG*. Orientador: Eleonora Sad de Assis 2012. 122f. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

GIRALT, R. P. *Conforto térmico em espaços públicos abertos na cidade de Torres-RS*. Orientador: 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GIROTTI, C.; SHIMOMURAA, R. P. Avaliação da ilha de calor para diferentes variações de tipologia em área de eixo de transformação urbana do município de São Paulo. In: XVI Encontro Nacional de Conforto no Ambiente Construído. *Anais*. Palmas, TO, v.16, p.215-223, 2021.

GRICOLETTI, C.; LAZAROTTO, G; WOLLMANN, C. Microclima Urbano de áreas residenciais no período noturno: Estudo em Santa Maria, RS. *Sociedade & Natureza*. Vol. 30, n. 2 p. 140 – 163, 2018.

GUSSON, C. S. *O impacto da verticalização no microclima urbano e no conforto térmico na escala do pedestre: o papel da geometria e da envoltória dos edifícios*. 2020. 268 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

GUSSON, C. S. *Efeito da densidade construída sobre o microclima urbano: construção de cenários possíveis e seus efeitos no microclima para a cidade de São Paulo, SP*. 2014. 152f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo.

INDA P. A. A. *O planejamento urbano e seu impacto na tipologia arquitetônica, no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre*. 2003. 201f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

KOTTEK, M. et al. World map of the Köppen-Geiger climate classification updated. *Meteorologische Zeitschrift*, v.15, n.3, p.259-263, 2006.

LIMA, D.C.R.; LIMA, P.R.; CARAM, R.M. Influência da geometria e arborização no estresse térmico de pedestres em cenários de cânions urbanos de Umuarama – PR. *ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO*. Foz do Iguaçu, n.17, p.885-893, 2018

MARTINS, W. T. O. S.; ROSSETI, K. A. C. Impactos da configuração da habitação na ocupação dos lotes, um estudo em área de alto adensamento construtivo na cidade de Cuiabá/MT. In: XV Encontro Nacional de Conforto no Ambiente Construído e XI Encontro Latino-Americano de Conforto no Ambiente Construído. *Anais*. Porto Alegre: ANTAC, n. 15 e 11, p.693-702, 2019

MEDEIROS, J. M. M.; FILHO, L.G. A. Conforto ambiental em uma nova capital modernista: a verticalização na margem do Lago de Palmas. In: XVI Encontro Nacional de Conforto no Ambiente Construído. *Anais*. Palmas, TO, v.16, p.253-262, 2021.

MINELLA, F. C. O.; RASIA, F. B. C.; KRÜGER, E. L. *Impactos microclimáticos do desenho urbano: estudos realizados em Curitiba*. 2011. Departamento de Geografia - UFPR, Curitiba. p. 298-336.

MONTEIRO, F. *Análise da temperatura intraurbana: simulações computacionais para melhorias no meio urbano de Macapá - Amapá*, região equatorial do Brasil. 2020. 220f. Tese (Doutorado em Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MONTEIRO, L. M; ALUCCI, M. P. Questões teóricas de conforto térmico em espaços abertos: consideração histórica, discussão do estado da arte e proposição de classificação de modelos. *Ambiente Construído*. Porto Alegre, v. 7, n. 3, p. 43-58, 2007.

MORSCH M. R. S. *Estratégias de mitigação de ilhas de calor: Uma metodologia para cidades médias consolidadas*. 2020. 192f. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Universidade federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MORSCH M. R. S.; SILVOSO M. M. Avaliação microclimática de uma cidade de médio porte. In: XIV Encontro Nacional de Conforto no Ambiente Construído. *Anais*. Balneário Camboriú, SC, v.14, p.214-221, 2017

MUNIZ-GÄAL, L. P.; PEZZUTO, C. C.; CARVALHO, M. F. H. de; MOTA, L. T. M. Parâmetros urbanísticos e o conforto térmico de cânions urbanos: o exemplo de Campinas, SP. *Ambiente Construído*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 177-196, abr./jun. 2018

NUNEZ M.; OKE, T. R. The Energy Balance of an Urban Canyon. *Journal of Applied Meteorology and Climatology*, v. 16, n 1, p. 11-19, 1977.

NOGUEIRA, A. M. P. et al. Impacto da verticalização no microclima urbano: o caso do bairro Guaxuma, em Maceió-AL, Brasil. *PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção, Campinas*, SP, v. 9, n. 2, p. 72-85, 2018.

NOVAES, G. B. A. *Impactos da morfologia da cidade nas condições microclimáticas de áreas urbanas consolidadas de São Paulo em dias quentes*. 2020. 332f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

OLIVEIRA, A. K. N et al. Verticalização e microclimas em cidades tropicais: breve revisão da literatura recente. *Anais do XVI Encontro Nacional de Conforto no Ambiente Construído*. *Anais*. Palmas, TO, v.16, p.412-420, 2021

ROSSI, F. A. *Proposição de metodologia e de modelo preditivo para avaliação da sensação térmica em espaços abertos em Curitiba*. 2012. 188 f. Tese (Doutorado em Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.

ROSSETI, K. A. C. *Efeitos do uso de telhados vegetados em ilhas de calor urbanas com simulação pelo software ENVI-met*. 2013. 253 f. Tese (Doutorado em Física Ambiental) - Instituto de Física. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

SANTOS, E. B.; AMORIMA, C.; SIMÕES, R. M. Avaliação microclimática pelo programa Envi-MET: o caso do centro urbano de Colatina - ES. In: XV Encontro Nacional de Conforto no Ambiente Construído e XI Encontro Latino-Americano de Conforto no Ambiente Construído. *Anais*. Porto Alegre: ANTAC, n. 15 e 11, p.461-470, 2019

SCHMITZ, L. K. *Reestruturação urbana e conforto térmico em Curitiba/PR: diagnóstico, modelagem e cenários*. 2014. 298f. (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SILVA, C. F. *O conforto térmico de cavidades urbanas: contexto climático do Distrito Federal*. 2013. 175f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília.

SOUZA, L. C. L; TENTE, C. M.; GIUNTA, M. B.; NAKATA, M. N. *Fator de visão do céu e intensidade de ilhas de calor na escala do pedestre*. *Ambiente Construído*, Porto Alegre, v. 10, n. 4, p. 155-167, out./dez. 2010.

# CONSTRUIR O SUL, HABITAR O NORTE

## Orlas urbanas como forma de expressão de um mundo globalizado

*BUILDING THE SOUTH, DWELLING IN THE NORTH*  
*Urban waterfronts as a way of expression of a globalized world*

Celma Paese<sup>1</sup>,  
Gianluca Perseu<sup>2</sup> e Gabriela Ferreira Mariano<sup>3</sup>

### Resumo

Nesse artigo procuramos problematizar as relações entre a produção da cidade formal e de subjetividades no espaço urbano, partindo dos conceitos de cidade torta, aberta e modesta, propostos por Richard Sennett em *Construir e Habitar* (SENNETT, 2018). Buscamos discutir a produção de paisagens de orlas urbanas em um contexto globalizado e, mais especificamente, as orlas da cidade de Porto Alegre. Iniciamos colocando os conceitos de ville e cité sennettiano, o desejo de cidade implicado na produção projetual da paisagem urbana e as relações com a experiência humana. Na segunda parte comentamos sobre a cidade torta, que se deforma e resiste à lisura, expondo outras formas de experienciar a urbe. A seguir, expomos a cidade aberta, explorando fenômenos sociais mais amplos, como a globalização pasteurizada da paisagem. Em um terceiro momento, invocamos a cidade modesta do fazer do Homo Faber que se orgulha de suas obras. Finalizamos deixando em aberto questões para serem retomadas na continuidade da pesquisa.

Palavras-chave: cartografia da hospitalidade, construir e habitar, orlas urbanas, urbanismo contemporâneo, arquitetura e desconstrução.

### Abstract

*In this article we seek to problematize the relations between the production of the formal city and subjectivities in the urban space, drawing from the concepts of crooked, open and modest city, proposed by Richard Sennett in Building and Dwelling (SENNETT, 2018). We seek to discuss the production of urban waterfront landscapes in a globalized context and, more specifically, the edges of the city of Porto Alegre. We begin by placing the sennettian concepts of ville and cité, the desire for the city implied in the design production of the urban landscape and the relationships with human experience. In the second part, we comment on the crooked city, which deforms and resists smoothness, exposing other ways of experiencing the city. Next, we discuss the open city, exploring broader social phenomena, such as the pasteurized globalization of the landscape. In a third moment, we invoke the modest city of the making of Homo Faber who is proud*

1 Arquiteta e Urbanista (UniRitter), Doutora e Mestre em Arquitetura (PROPAR-UFRGS). Membro dos grupos de pesquisa credenciados no CNPQ: Arquitetura, Derrida e aproximações (UFRGS/UERJ) e Cidade+Contemporaneidade (UFPEL). Coordena o Coletivo Cartografia da Hospitalidade.

2 Arquiteto e Urbanista (UniRitter) e Mestre em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR-UFRGS). Membro dos grupos de pesquisa credenciados no CNPQ: Margem: Laboratório de Narrativas Urbanas e Pagus: Laboratório da Paisagem (UFRGS). Colabora com o coletivo Cartografia da Hospitalidade e coordena o coletivo R.U.A.: Refletir Urbanidades na Ação.

3 Arquiteta e Urbanista (UniRitter), Mestre em Arquitetura (PPGAU UniRitter/Mackenzie). Professora Investigadora pelo Programa de Doutorado em Arquitetura, História e Desenho (UIC-Barcelona). Colabora com o coletivo Cartografia da Hospitalidade.

*of his works. We end by leaving questions open to be resumed in the continuity of the research.*

*Keywords: cartography of hospitality, building and dwelling, urban waterfronts, contemporary urbanism, architecture and deconstruction.*

### Paisagem e humanidade

Richard Sennett é um sociólogo norte-americano cuja produção intelectual constitui, desde os anos 1960, eminente contribuição para o campo dos estudos urbanos<sup>4</sup>. Na trilogia de livros *Homo Faber*<sup>5</sup>, o autor explora relações entre os agrupamentos humanos e o mundo em que habitam, culminando, em *Construir e Habitar* (SENNETT, 2018), em um estudo mais direto acerca das múltiplas possibilidades de vida nas cidades produzidas pelas sociedades contemporâneas.

Interessa-nos, a partir de algumas das propostas conceituais do autor expostas na obra citada, que inicia com a contraposição dos conceitos de *ville* e *cit e*, iluminar e discutir a experiência humana na cidade como questão fundamental para os estudos urbanos, pensando seus obstáculos e possibilidades como agenciamentos de um construir e de um habitar cujas brechas estão em negocia o constante. Colocamos, para tanto, certas inquieta es, oriundas de nossas vivências e percep es na paisagem urbana da cidade de Porto Alegre, e, mais especificamente, de transforma es e disputas envolvendo as orlas da cidade. Se a imagem da cidade vai sendo moldada pelas a es do planejamento urbano, como essas transforma es se refletem na dimensão da experiência urbana cotidiana?

De Walter Benjamin (1987) a Jorge Larrosa (2017), as possibilidades da experiência humana são compreendidas como se dando de forma cada vez mais rara, em contraposi o ao papel que a informa o vem adquirindo, há quase um século, no cotidiano. Crises na dimensão da experiência, enquanto ato pr -refletido de habitar o mundo, já são lugar-comum em diversos campos do conhecimento, e os estudos urbanos não são exce o. Transpondo, justamente, a questão para o urbano, Guatelli (2012, p.9) chega a afirmar que não   novidade o apontamento de uma crise generalizada na Arquitetura e Urbanismo. Tal fenômeno reflete-se diretamente nas cidades contemporâneas, com os evidentes descompassos entre projeto e vida urbana. Em contraponto, inúmeras são as pesquisas, interpreta es, diagnósticos e propostas de soluço para tais problemas. A afirma o recorrente de tal crise no campo de estudo reside, pensamos, na constata o generalizada de uma assimetria entre a cidade praticada pelo planejamento urbano vigente e as demandas sociais oriundas das práticas urbanas cotidianas.

Um dos sintomas que nos atravessam ao olhar para a produ o de Arquitetura e Urbanismo no sul global do século XXI   a coloniza o das formas de experiência por matrizes de pensamento neoliberais, que reduzem tudo ao mesmo. O planejamento urbano hegemônico constrói o Sul, mas quer habitar o Norte, por meio de técnicas de semelhança e pasteuriza o da experiência, e   sobre a produ o de paisagens globais sob tais pressupostos que escrevemos as presentes palavras.

Se, de fato, entre a cidade pensada pelo planejamento e a cidade vivida no cotidiano, se pode perceber descompassos; se um dos maiores problemas que enfrentam

4 Adotamos, ao longo deste texto, a expressão "estudos urbanos" buscando referir-nos ao caráter transdisciplinar da cidade enquanto objeto de conhecimento.

5 Trilogia composta pelas obras *O Artífice*, *Juntos* e *Construir e Habitar*.

arquitetos, urbanistas e planejadores diz respeito à apreensão de realidades sociais para a proposição de projetos e novas formas de estar em conjunto no espaço; se essas brechas são objeto já tradicional no campo da Arquitetura e do Urbanismo, nos parece propício pensar, não apenas, em um fenômeno de disjunção<sup>6</sup> e crise da experiência com base na produção formal de artefatos *arqui-urbanos*, mas na produção de subjetividades e formas de experiência, enquanto operadores sobre tal relação. Compreender as subjetividades como algo a produzir, na esteira de Guattari e Rolnik (2010[1986]), requer a compreensão de que a realidade é instaurada por práticas e discursividades, sendo os modos de percepção, julgamento, comportamento e as próprias relações sociais moldados por complexos agenciamentos coletivos de enunciação (GUATTARI; ROLNIK, 2010). Dessa forma, partimos aqui, de uma compreensão do projeto enquanto ferramenta política, na medida em que participa do complexo processo de disputa por sentidos na esfera pública, podendo reforçar ou tensionar hegemonias e sentidos dominantes da paisagem urbana.

De um lado, a experiência vivida da cidade por quem a transforma e a atualiza constantemente: a experiência dos errantes e dos sem-nome que, em conjunto, instauram o urbano a partir das práticas do cotidiano. De outro, a prática projetual enquanto uma experiência em si: percursos, percepções e julgamentos que, a partir de saberes técnicos, servem como substrato à proposição de imagens urbanas que aspiram vir a ser. Como aproximar o olhar do sobrevôo às experiências cotidianas da cidade? Em meio a um mundo eminentemente ocupado da produção do idêntico nas paisagens construídas das cidades mundo afora, como pensar o projeto urbano enquanto abertura a outras formas de perceber, imaginar, desenhar e viver a paisagem? Criar imagens outras, que não as mesmas?

Compreendemos a imagem urbana, não como simples produto, mas como processo e discurso, participando da produção de subjetividades e de desejo. Essa produção é política, pois disputa os rumos da urbanização. Imagem é desejo pois imagem produz desejo; pois participa de uma complexa política de subjetividades a qual o projeto urbano, enquanto prática de composição com imagens, opera ativamente. No entanto, é preciso que nos questionemos de onde vêm as imagens que alimentam o desejo pela cidade; de onde vêm as referências arquitetônicas que populam o imaginário projetual contemporâneo; de onde vêm as vontades que nos fazem imaginar a cidade que queremos, de certos modos em detrimento de outros.

É nesse sentido que propomos explorar a produção de orlas urbanas mundo afora, enquanto arquétipos arqui-urbanos da inserção da imagem de cidades — tão distintas quanto Porto Alegre e Moscou — em um mercado global de imagens (MUÑOZ, 2003; 2004).

O projeto urbano, a partir de uma acepção dominante, compatível com o campo da gestão de projetos e do planejamento urbano estratégico de matriz neoliberal (VAINER; ARANTES; MARICATO, 2013; DARDOT; LAVAL, 2018), é comumente exercido enquanto ato de resolução instrumental de problemas. Nesse sentido, a prática de projeto é reduzida a uma mimese de “casos de sucesso”, uma resposta a certas imagens que estão dadas de antemão. Haveria, ainda, brechas para o exercício do projeto enquanto expressão de diferenças?

A prática projetual determina uma relação de poder com o espaço. Por meio da ação por projetos, não apenas se produz uma ideia de cidade, mas se o faz produzindo as vontades por habitar certas paisagens em lugar de outras. Essas vontades não

atravessam apenas as coletividades de pessoas, mas também os espaços de vida. Neste sentido, compreendemos a prática contemporânea em Arquitetura e Urbanismo como imbricada em toda uma economia de desejos e subjetividades que diz respeito a uma realidade neoliberal e, portanto, informacional.

Não haveria, imaginemos, a produção de inúmeros arranha-céus, *shopping centers* ou espaços de aço e vidro se não houvesse a produção, igualmente generalizada, da vontade por habitar tais espaços. Não haveria a imagem de São Paulo ou Rio de Janeiro sem que houvesse Nova Iorque e Hong Kong. Desta maneira, tanto a experiência do espaço vivido quanto aquela da prática em projeto (arquitetônico, urbanístico, paisagístico etc.) nos parecem agenciadas por enunciações massivas de sentido. Se, por um lado, são reforçadas mundo afora as tendências do planejamento estratégico contemporâneo, como requalificações, revitalizações, refuncionalizações e *retrofits*, é igualmente visível o alastramento do idêntico no tocante às subjetividades de um mundo em rede.

Buscando dar forma a essas inquietações, elaboramos este texto como um ensaio sobre as relações entre projeto e práxis social, entre cidade e vida, a partir do plano teórico proposto por Richard Sennett em sua obra *Construir e Habitar* (2018).

O autor ilumina essas questões a partir da ideia das ‘pequenas cidades’ (*cit e*) dentro da cidade (*ville*) e suas relações sistêmicas. Para o urbanista (2018, p.11), se referir à *ville* vai além do ambiente construído pois, para entend e-lo é necessário mergulhar nas águas das diferentes percepções, hábitos e convicções dos indivíduos e grupos da *cit e*. Se há diferença na *cit e*, nos arriscamos na proposição de que, a diferença é o princípio político da cidadania. A prática projetual enquanto uma ferramenta democrática surge como a possibilidade de compor com essas diferenças, dando voz, não a uma versão de realidade constituída *a priori*, mas uma possibilidade de duvidar do que está colocado de forma macropolítica.

A paisagem, tratando da relação entre sociedade e natureza, entre o concreto e o subjetivo, deve ser pensada para além da construção de elementos concretos. Contestar a produção da paisagem requer que se dispute a produção dos sentidos da experiência no espaço e no tempo; que seja disputada a produção de subjetividades sobre a cidade na qual queremos habitar. Para aprofundar o estudo das relações entre *ville* e *cit e*, os conceitos *cidade torta*, *cidade aberta* e *cidade modesta*, propostos por Sennett (2018), compõem a pauta da discussão, funcionando como guias para uma exploração da experiência urbana enquanto questão de primeira grandeza para colocar o problema da disjunção projetual que acomete as paisagens globais de forma cada vez mais precisa.

## Torta

Um primeiro conceito trazido por Sennett (2018) é o de cidade torta. Torta, pensemos, como qualidade do que se deforma. A cidade torta resiste à lisura imposta por monoculturas de sentido. Mesmo que haja enunciações macropolíticas do mesmo (do idêntico, do igual), reconhecer o dano que a vida causa às hegemonias é abraçar a práxis como campo de diferenças. O espaço físico da cidade é visto e praticado de distintas maneiras pelas sociedades que habitam suas arquiteturas. Essas últimas, sobrepondo-se e coexistindo temporalmente, constituem a morfologia do tecido urbano. Diferentes indivíduos e grupos constroem sua própria cidade no mundo das ideias, através de suas percepções e crenças cotidianas. É nas brechas entre diferentes formas de existência nas cidades que os sentidos do que acontece se recusam ao fechamento. Essas significações desiguais são refletidas nos encontros e trocas, nos

<sup>6</sup> Termo proposto por Bernard Tschumi, aludindo ao descompasso entre projeto e práxis social. Ver: TSCHUMI, B. *Architecture and Disjunction*. Cambridge: MIT Press, 1996.



Figura 1 - Orlas centrais de Porto Alegre: decomposição visual por faixas de aterro. Fonte: Colagem, Cartografia da Hospitalidade (2022), a partir de imagens das orlas urbanas de Porto Alegre à disposição na Internet.

modos de construir e viver as espacialidades. Assim, os modos e as significações da experiência cidadã se dão de forma múltipla e sempre disputada, aludindo ao caráter político da paisagem enquanto expressão estética do conflito.

Tomemos como exemplo o caso das orlas centrais de Porto Alegre (Figura 1), nas quais a tradição de aterros sucessivos, que marcou as vontades e propostas de mais de um século do planejamento municipal, culminou em uma paisagem cuja estratificação temporal se pode notar ao contrapor as diferentes faixas de tecido urbano umas às outras. Essas marcas resistentes, que servem como vestígios do processo de produção da cidade, expressam, não apenas diferentes usos, padrões de ocupação, morfologias e aspectos locacionais, mas também preservam os afetos de diversos fazer-cidades, coexistentes na contemporaneidade. Pensemos a cidade como locus de subjetividades heterogêneas que residem na paisagem, a constituindo enquanto palimpsesto polifônico e polissêmico. Este complexo imbricamento de tempos, espaços, significados e formas de fazer pode ser percebido e explorado ao percorrer a cidade e suas orlas, compostas como multiplicidade de heterogêneos, cuja composição se dá nos próprios atos habitativos metropolitanos.

Já no século XXI, assistimos à replicação de propostas que pensam as orlas portoalegrenses por meio de imagens compatíveis com aquelas dos filmes de *streaming*, ou mesmo do *Pinterest*. Em primeiro lugar, por buscar assemelhar a cidade e suas orlas a outras cidades e orlas, supostamente superiores. Arranha-céus, rodas gigantes, museus de grife internacional e novas oportunidades de consumo alastram-se pela esfera pública municipal, na busca por identificar a paisagem urbana a um produto do mercado financeiro global. Essa produção esbarra, para além da *physis* urbana propriamente dita, na modulação das subjetividades e dos desejos. A paisagem é desejada, mas também ensina a desejar. Quando o desejo é produzido de forma massiva e modelizada, o que se perde são formas de pertencimento dissidentes às lógicas de consumo. Assim, é preciso que se possa pensar em como rasgar as ordens instauradas; é preciso dar voz às experiências que laceram a paisagem neoliberal desde o tecido do cotidiano.

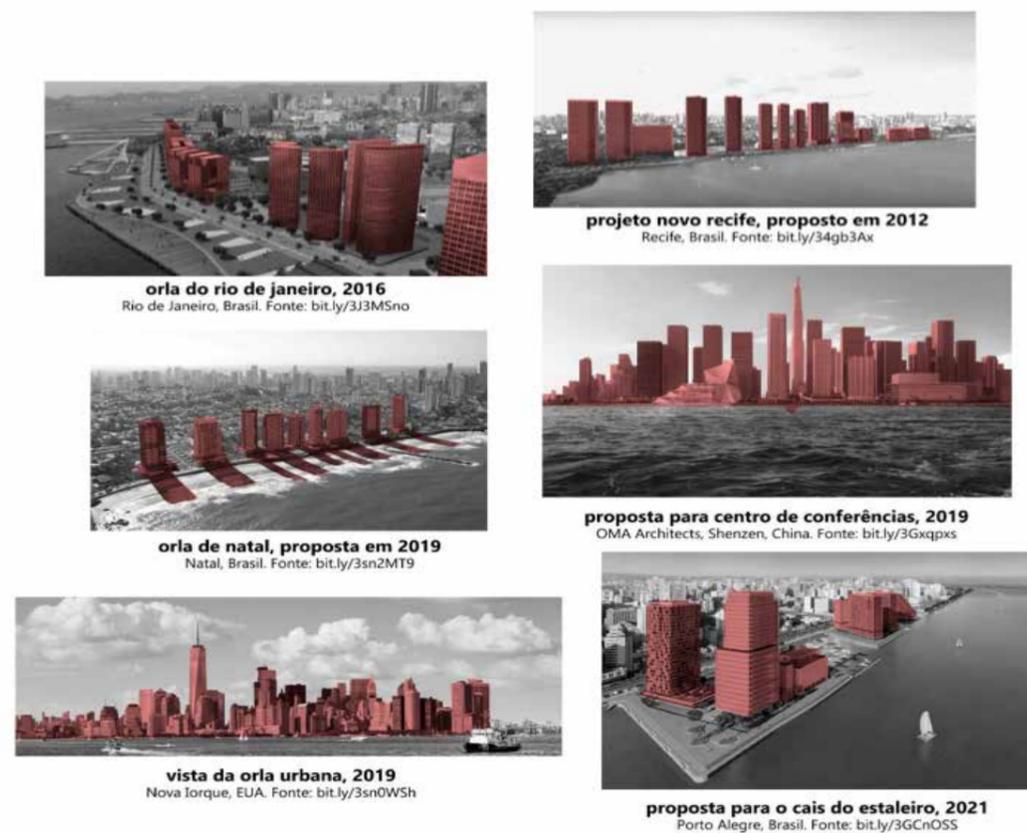
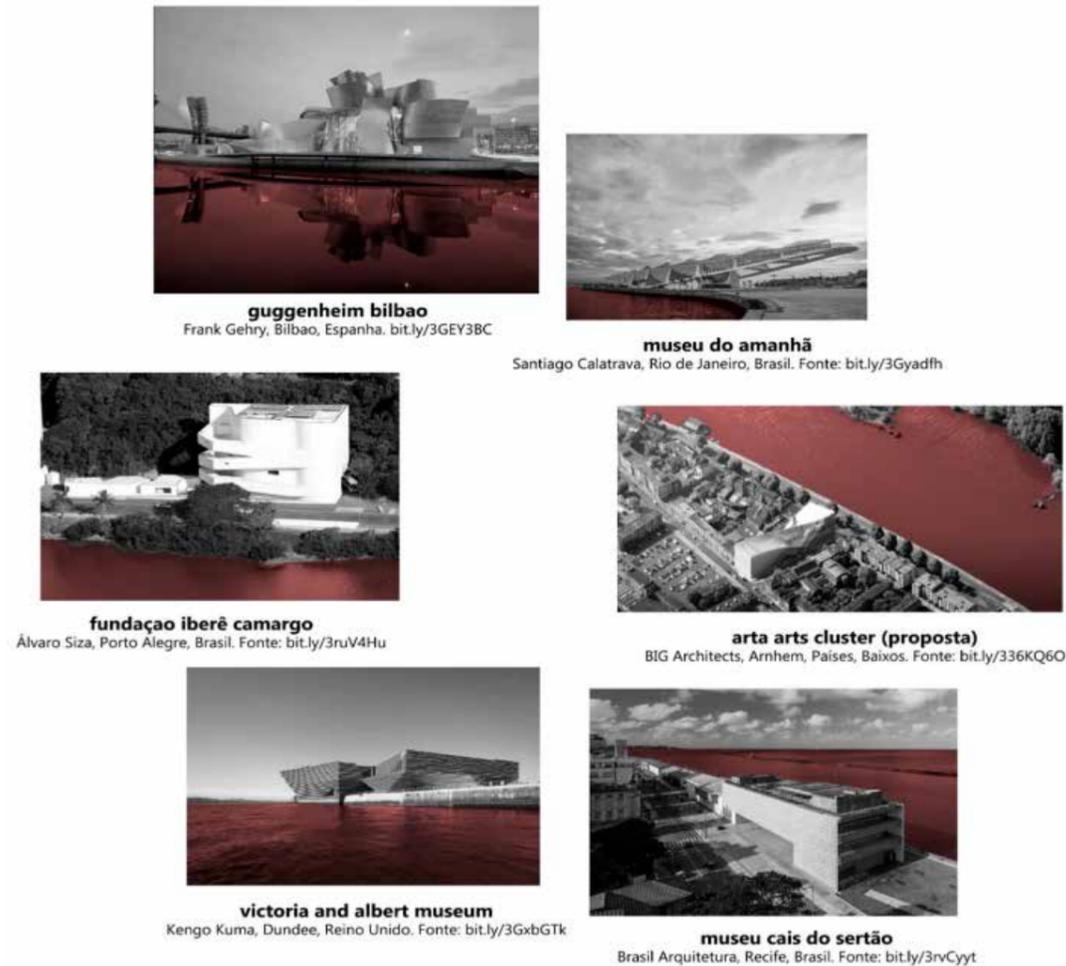


Figura 2 - Torres em orlas urbanas globais. Fonte: Infogravuras, Cartografia da Hospitalidade (2022), a partir de imagens de orlas urbanas à disposição na Internet.

No caminho de outras maneiras de produzir cidade, o projeto aparece como uma ferramenta política, pois, entre outros procedimentos, trata-se também de um trabalho de composição com imagens. Essa composição pode, assim, disputar o desejo pela paisagem, produzindo outras semânticas, que não estavam dadas *a priori*. O projeto como abertura, no entanto, não se dá gratuitamente. É preciso que se possa reconhecer formas de produção do idêntico na paisagem urbana para, então, pensar em alternativas. Consideramos que talvez seja preciso mapear o idêntico, para então, produzir diferença. Diferença que, atentemos, pode vir a gerar novos idênticos, em um complexo jogo de resistência e captura.

Arriscamos, portanto que, para investigar a produção formal da cidade, de suas paisagens e de suas orlas, é preciso que seja explorada a natureza das subjetividades que incitam o desejo por habitar certos espaços, por operar a composição de si com certos apetrechos de mimetização e pertencimento, e não outros. Que imagens animam a produção de desejo pelas paisagens de orla de Porto Alegre? O que dizem da produção neoliberal da paisagem contemporânea ao sul do Brasil? Se, por um lado, defendemos a diferença como princípio político de projeto, não é possível ignorar que nos deparamos com um mundo urbano cujo sintoma é o de um alastramento do idêntico. Muñoz (2003; 2004) afirma que, de fato, as paisagens urbanas globais estão se assemelhando, cada vez mais, umas às outras, em um fenômeno ao qual denomina *urbanização*.

Na figura 2, esse sintoma se manifesta na produção de torres espelhadas e arranha-céus diversos em orlas urbanas mundo afora, independentemente de contexto, história ou geografia. Uma cultura marcadamente visual leva, assim, a um reforço contínuo de imagens e versões de realidade que se reforçam umas às outras, pasteurizando a inventividade projetual em orlas urbanas mundo afora. Sendo assim, que está em jogo são as possibilidades de resistência às subjetividades dominantes; de produção de paisagens de orla singulares e voltadas aos processos de vida, à participação e inclusão social e à democracia.

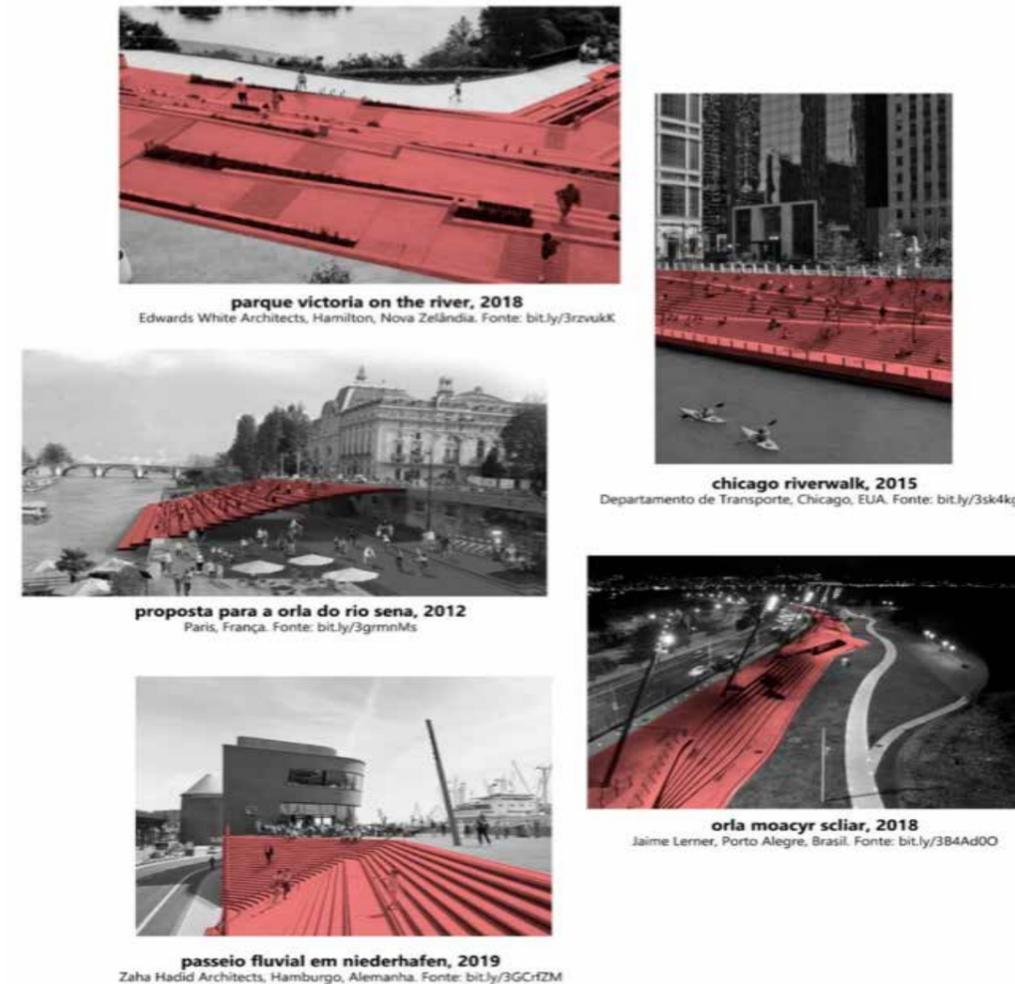


Na figura 3, buscamos dar forma a um idêntico programático, que acaba por identificar as orlas urbanas de diversas cidades do globo com a implementação de museus de arte contemporânea de autoria de starchitects de renome internacional. Estes grandes escritórios fazem as vezes de grifes que agenciam o pertencimento global ao espaço urbano.

Na figura 4, conversões de orlas urbanas em *waterfronts*, enquanto produtos desse mercado que financia soluções de projeto com uma identidade que pode ser chamada de globalizada: quando colocadas lado a lado, nos parecem remeter à replicação de soluções formais. Uma cidade sonha em se assemelhar à outra, e assim por diante, até que a diferença seja reduzida aos nichos de público-alvo que as podem, enfim, habitar. Pensemos, em paralelo, que a produção de paisagens espetaculares, como os *waterfronts* neoliberais, está intrinsecamente ligada à produção (igualmente generalizada) de paisagens precárias. O que anima o desejo da produção dessas estranhas paisagens *copy/paste*?

Essa questão aparece em Sennet (2018, p.12), para quem estudar a *city* vai além do estudo antropológico das suas diferentes culturas, na medida em que é preciso superar o descritivismo e a simples comparação das diferenças. É nesse sentido que o termo *city* também remete à política de criação da consciência de lugar por indivíduos e grupos, do significado do que é o viver coletivo, algo próximo à ideia de cidadania, *citoyenneté*. Em contraposição a um devir-usuário, no qual a paisagem passa a ser pasteurizada por relações de consumo. Uma das questões que nos parecem importantes ao debate contemporâneo está focalizada nas possibilidades de um devir-cidadã(o), da produção macro e micropolítica da cidade enquanto lugar de igualdade a partir do reconhecimento de diferenças.

Por sua vez, a *ville* sennettiana é muito mais do que o ambiente construído, pois os



edifícios raramente são fatos isolados. Suas formas, que possuem sua própria dinâmica interna, são pequenos sistemas que se abrem à escala da cidade, se relacionando uns com os outros, enquanto formam complexos sistemas relacionais com os espaços abertos no entorno, a natureza e a infraestrutura urbana.

É preciso lembrar, novamente, que a arquitetura de uma cidade vai além de ser o reflexo da economia e da política local: suas formas são resultado das “vontades” envolvidas. Talvez as práticas urbanas entre *city* e *ville* tivessem o dever de criar um equilíbrio entre os desejos de seus cidadãos e as formas construídas. Porém, sabemos que é uma tarefa complexa, pois a experiência de viver em uma cidade pode ser comparada a um romance, onde os momentos de total harmonia são raros.

### Aberta

Ao discutir a produção das orlas de Porto Alegre como importante *locus* para o planejamento e para o imaginário da cidade, o fazemos buscando explorar um fenômeno social mais amplo, que diz respeito à inserção da paisagem urbana em todo um mercado global de imagens (MUÑOZ, 2003). Esse movimento diz respeito à vontade por pertencer a um modelo competitivo de gestão urbana, no qual as cidades do mundo passam a se assemelhar, cada vez mais, umas às outras. Estando o pertencimento a certos mundos sociais largamente mediados por relações de consumo, em que pertencer é o mesmo que consumir, julgamos estar lidando com um obstáculo à igualdade ocasionado pela configuração de regimes dominantes de pertencimento e autorização discursiva, manifesto na produção massiva de imagens urbanas hegemônicas. Se as relações entre as *cities* são testemunhos da tensão entre diferentes, que coabitam suas bordas, não é de se ignorar que, conflitos perdem a força quando o mercado se apropria dessas diferenças, as tornando novos públicos-

alvo, nichos de mercado, mercadorias espetaculares, prontas para serem desejadas, instagramadas e, caso interesse como modelo, metaversadas mundos afora.

A essa produção de idênticos globalizados se assemelha a produção de narrativas em redes sociais *online*, às quais Deleuze (2000) discute diretamente como dispositivos de produção de subjetividades neoliberais. Han (2019) atualiza a discussão, afirmando que é, justamente, no contato tópico com o outro, que a sociedade em rede proporciona uma profunda frustração que acaba por instaurar o que chama de “inferno do igual”. Assim, na ânsia por assemelhar-nos a outros (sujeitos, culturas, cidades...), na promessa por conectividade ilimitada e por singularidades a todo o momento, o que se instaura é a produção de novos idênticos, de novas bolhas, monoculturas e públicos-alvo.

Se nossas cidades se tornam cada vez mais genéricas, a esse fenômeno compreendemos que esteja relacionada a extrema visibilidade de classes supostamente superiores. As paisagens urbanas contemporâneas passam por um processo de estetização espetacular, próprios para atender à demanda da *pinterestização* e da *instagramatização* do mundo. Sennett (2018, p.14) pergunta “O urbanista deve representar a sociedade tal como ela é ou tentar mudá-la?”, e nós perguntamos, em rebote: as redes sociais representam a sociedade tal como ela é ou participam de sua produção? Seria possível disputar subjetividades em rede? As relações entre *ville* e *citê* são tortas, assimétricas por natureza. Como já comentamos, o convívio entre diferentes, frequentemente, é motivo para a criação de paisagens psicossociais, no mínimo, tensas. Faz-se da urbe um laboratório de coexistência social, e da própria democracia, enquanto expressão da abertura de brechas entre diferentes, em conjunto. Por outro lado, existe a força do idêntico, da vida carimbada para atender a demanda do mercado da vida lisa, sem fissuras, confortável. Que subjetividades ganham espaço nessa vida em estado de lisura? Como o idêntico participa da percepção? Como produz sentido? Pertencer é assemelhar-se? Ou é abrir-se a outras possíveis texturas?

Han (2018) apresenta o conceito de lisura enquanto retificação das diferenças, para tratar da fabulação de consensos e esvaziamentos de sentido. Os fechados (entre si, narcísicos, olhando para si) criam lisura. Na ordem da produção formal, acreditamos que se trate da produção de monoculturas expressas em condomínios fechados, “carimbos” arquitetônicos, repetições indiscriminadas de modelos prontos *a priori*, imitações, pastiches, zoneamentos rígidos, tudo em nome do conforto do não-estranhamento, do previsível. As cidades tornam-se cada vez mais lisas, pois são amplamente produzidas com base no fetiche da terra arrasada. Para criar lisura é preciso apagar a aspereza das texturas da diferença, ou, pelo menos, delas apropriar-se para que se tornem fatores de diferenciação entre iguais.

Nos parece interessante olhar para as formas de narração da experiência em diversas orlas urbanas mundo afora, frutos de projetos ao longo do século XXI (Figura 5). Compreendemos que, a produção narrativa da paisagem no cotidiano nas redes sociais está tão acometida das lógicas de pasteurização e consumo quanto a própria produção formal da paisagem urbana.

Sennett (2018, p.13) exemplifica os obstáculos à diferença na *ville*, com empreendimentos residenciais fechados. Nessas tipologias, que se proliferam por todo o mundo — tanto quanto a refuncionalização de antigos distritos industriais, gentrificação de centros urbanos precários ou produções indiscriminadas de *waterfronts* identificados com o desejo por pertencimento a paisagens globalizadas —, busca-se o convívio entre iguais, a lisura e, por conseguinte, a negação de outras versões de realidade. O urbano do século XXI surge, assim, como prática colonizada por sistemas de pensamento e de linguagem de percepção imagética dominantes, traduzida nas postagens das redes sociais.



Figura 5 - Montagem das postagens mais populares do Instagram no presente, marcadas em orlas urbanas globais. Fonte: Composição de imagens, Cartografia da Hospitalidade (2022), a partir de busca de imagens do Instagram..

Figura 6 - Imagens visuais mais recentes postadas na Orla do Guaíba, no aplicativo Instagram, Porto Alegre. Fonte: Composição de imagens, Cartografia da Hospitalidade (2022), a partir de busca de imagens do Instagram.



Na base de uma lógica de lisura está a ascensão da realidade informacional. As redes sociais, enquanto gêneros discursivos da experiência contemporânea, revelam uma pasteurização do que nos acontece no urbano do século XXI. *Selfies*, figuras solitárias, espaços genéricos e cisão entre sujeitos e os meios em que habitam. A elaboração das narrativas em redes sociais *online* acerca das paisagens produzidas pelo planejamento estratégico nos parece apontar para o alastramento do idêntico, tanto do ponto de vista da produção urbana formal quanto dos processos de subjetivação e mentalidades a nível global. Como abrir-se para a diferença, quando a linguagem estética da paisagem construída é globalizada?

No caso das orlas de Porto Alegre (figura 6), ao olharmos para algumas localizações utilizadas para referir-se a essas paisagens, nos chama atenção a replicação dessas recorrências temáticas e visuais, proporcionadas, em boa parte, pela inserção da paisagem das orlas portoalegrenses em um mercado global de imagens, tanto do ponto de vista das imagens urbanístico-arquitetônicas propriamente ditas, quanto daquelas que dizem da experiência e das formas de habitar a paisagem.

Ecoamos a postura de Sennett (2018), para quem não existe fórmula clara e direta para a retidão ética do urbanista se manifestar: solucionar a aspereza das relações entre a *ville* vivida e construída não é uma questão de projeto, nem mesmo que seja essa a vontade dos grupos e governanças envolvidas. É preciso, no entanto, que se possa problematizar tais questões no próprio campo dos estudos urbanos, buscando propiciar a produção da crítica, para além das imagens do projeto enquanto produto “finalizado”; que se possa disputar as subjetividades, não apenas na esfera pública como um todo, mas no próprio campo, a fim de tornar, cada vez mais, proeminente a necessidade por buscar outros referenciais e outras formas de fazer cidade. Uma

questão que fica é como se pode disputar, dentro de uma prática projetual urbanística, as próprias subjetividades, os anseios que animam a produção da morfologia urbana? Como produzir singularidades por meio de projeto? Ou, colocado de forma menos idealista: como o projeto pode agenciar a produção de singularidades?

A cidade é um sistema aberto por natureza, onde as relações são rizomáticas, nunca lineares. Perguntas que não querem calar brotam das paredes, testemunhas silenciosas do estranhamento e da busca pelo (im)possível. Cartografar a experiência humana na urbe é construir representações acêntricas que contribuem para a conexão de diferentes campos em diferentes dimensões, que conectam contradições e ambiguidades (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Sua complexidade se manifesta de modo quântico, em contínua evolução, onde tempo e espaço se confundem. Um sistema impossível de ser analisado em partes.

Portanto, a experiência de viver a cidade e seu *éthos* é complexa, sempre contraditória e ambígua, enriquecedora (SENNETT, 2018, p. 17). Enquanto diferentes culturas a habitarem, a vida continuará a ser estimulada pela troca entre diferentes maneiras de pensar, costumes e habilidades. A diferença, combatida pelo capital, é compreendida como possibilidade de escape. Aristóteles já chamava a atenção para esses fatos. O filósofo comentava que economias diversificadas e complexas estimulam trocas, assim como, diferentes opiniões na política, possibilitam aos cidadãos entenderem distintos pontos de vista. Chamava a convergência de agentes de *synoikismós* (sinecismo), expressão que se originou da estratégia de pequenas comunidades se unirem em tempos de guerra, processo social que levou à formação da *pólis* e de onde se originaram as palavras “síntese” e “sinergia”.

Esse exercício de coexistência poderia parecer um caminho para a afirmação dos valores humanistas como garantia para uma cidade aberta ideal, onde reinaria a tolerância recíproca, enquanto trocas comerciais garantiriam uma maior distribuição de riquezas. Porém, sabemos que as coisas não funcionam dessa maneira, pois a riqueza antrópica<sup>7</sup> continua crescendo de forma concentrada, seja na cidade ou no campo. Perante esses fatos, Sennett (2018, p.18) pensa sobre a ética urbana, questionando o que torna a ética urbana. Talvez pensar sobre a liberdade seja um caminho, valor que é visto de forma distinta na cidade.

Eticamente, as diferenças seriam respeitadas enquanto diferenças, enquanto a equanimidade fosse promovida. Entendemos que é preciso abrir espaço para uma ética da hospitalidade, a partir da qual se reconhece a existência do diferente, do outrem que não o mesmo. Aquele difícil de compreender, aquele que causa estranhamento pelo seu simples estar no mundo. O filósofo Jacques Derrida (2003, p.23 e 25) utiliza em sua obra a palavra *hospitalidade* como sinônimo da palavra *acolhimento*, que por sua vez, significa reconhecer a diversidade humana e o seu direito à inclusão social, independente de gênero, cor, *status* social, atividade econômica ou religião. Reconhecer é acolher: ética primeira, assim como oferecer abrigo e alimento. Quando a ética da hospitalidade é transferida para o estudo das relações sistêmicas, materiais e imateriais de determinado espaço, reconhece-se os diferentes modos de sua apropriação e vivência. Dessa maneira, abre-se espaço para a alteridade, para a articulação entre lugares e, conseqüentemente, para suas potências.

A partir de tais leituras e discussões, defendemos a compreensão de que é preciso abrir espaço para a prática da ética da hospitalidade, a partir da qual se abre espaço para o diferente, para outrem que não o mesmo. Que a cidade seja aberta e em movimento,

<sup>7</sup> Antropia: estudo da ação humana sobre o meio ambiente. Ver: <dicio.com.br/antropia/>.

para se tornar cidade-lugar de múltiplas existências, do nosso e de outrem, onde há espaço para a diferença se colocar à vontade. É dar chance para que se dispute a produção da paisagem, a partir de um princípio de busca pela equanimidade, que reside no convívio entre diferentes: como um lugar de lugares, nossos e de outrem, que, longe de serem configurados de forma consensual, são disputados dentro de um princípio de inclusão e participação. Esse lugar precisa ser aberto para que as diferenças venham à luz e se coloquem à vontade. Não se trata, assim, de um apaziguamento do conflito ou de ficções consensuais, mas de uma disposição de diferentes em praticar a ética da hospitalidade, enquanto princípio de cidadania. Se é no reconhecimento da diferença que nasce a política da hospitalidade, essa abertura deve ser praticada tendo em vista um cuidado com outrem e com o lugar de outrem.

*Stadtluft macht frei*, expressão alemã que significa ‘o ar da cidade liberta’ tem origem na Idade Média. Contém a promessa de libertação herdada na hierarquia econômica e social de servir a um único senhor. Significava que, apesar das obrigações a cumprir em relação a uma guilda, vizinhos ou para com a igreja, mudanças poderiam acontecer ao longo da vida. São palavras que transmitem uma verdade profunda: quanto mais aberta é a vida do sujeito, mais possibilidades de vivências em diferentes camadas psicossociais na urbanidade, que se sobreporiam de modo sinérgico no decorrer de sua existência. Em vez de tentar arrumar o enigma da relação entre *ville* e *cité*, uma cidade aberta trabalharia as diferenças e suas complexidades, estimulando-as, enquanto cria uma *ville* interativa e sinérgica maior que a soma de suas partes.

Reafirmamos que, se é entre as diferenças que se pratica a ética da hospitalidade, essa deve ser praticada tendo em vista um cuidado com e para com o outrem e com o lugar de outrem. Talvez, esse seria um caminho para as pessoas se libertarem da camisa de força do que lhe é familiar, cômodo; enquanto é criado um terreno para a experimentação, expansão e valorização da vida. Afinal, a vida é experiência e toda a experiência deve ser experimental, pré-refletida. Contudo, *stadtluft macht frei* não informa aos *urbanistarquitetos* a fórmula projetual que os isentaria de ter que prestar contas às pessoas que talvez não gostem de viver em uma experiência de inovação e seus processos, frequentemente com resultados surpreendentes. Em processos de intervenção em sistemas abertos, evoluir da experiência para a prática não é simples, pois a desconstrução de práticas arraigadas não aponta imediatamente novas soluções. Quando libertos do neurótico ‘dever de acertar’, experimentadores passam a percorrer caminhos tortos, frequentemente abraçando o simples e factível, dessa maneira evoluindo para o realizador (SENNET, 2018, p.19 e 20).

Talvez seja inevitável, a cristalização de alguns processos ou fechamento de alguns sistemas. É possível observar esse fato na (re)evolução da *Internet*, que, no presente, se move para uma condição de fechamento. No seu primeiro quarto de século, ela era compreendida como um universo que abrigava e integrava pequenos sistemas abertos em constante expansão, resistentes a qualquer tipo de autoritarismo. O que dava sentido a essa dimensão era justamente a liberdade de troca de informações, protagonista de um processo social de inteligência coletiva.

Tal processo possibilitou interfacear a maioria dos dispositivos de criação, informação, gravação, comunicação e simulação até então existentes. Em pouco tempo, a perspectiva da digitalização geral das informações tornou a *Internet* o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade. Podia ser comparada a um território minimamente mapeado, como a Terra no início dos tempos, quando bandos de humanoides vagavam por sua superfície. Agora, a *Internet* das Coisas mostra que ela está presente na experiência diária da cidade, em todos os objetos e lugares em que sua presença possibilita agregar valor. Enquanto isso, o presente-futuro aponta outros modos de viver e de gerar riqueza, que se expandem para poucos, reforçando

as desigualdades sociais.

As redes sociais podem ser comparadas a monopólios territoriais estatais e privados, que produzem tecnologias voltadas para a exploração e controle dos seres. Quando não é pela censura explícita. Com o *Second Life Metaverso*, a própria imagem pública do corpo passa a ser espelho dos dados do desejo, enviados a um programa de computador que os decodificará em um avatar de realidade expandida. Quem saberá conviver com sua imagem sem semelhança? Assim como nos estados totalitários, a tecnologia da informação passou a seduzir as pessoas com a promessa de uma vida organizada a partir de suas expectativas e ideais. Seu desejo é uma ordem, diz a máquina: as regras da experiência são esquematizadas para cada indivíduo, conforme seus desejos, a partir das informações que ele mesmo fornece. O preço da clareza e certeza de resultados é o controle da própria vida por algoritmos. Nunca foi tão fácil controlar as massas. A lógica inverteu-se: se, no começo o mundo 3D era referência para o virtual, hoje ele reflete esse mundo ou, frequentemente, já se confundem. Nas cidades, essa lógica reflete-se nas paisagens padronizadas pelas grandes empresas da construção, carimbos habitáveis que carregam a ‘certeza’ da realização de desejos espetaculares; queridinhos da globalização para vender a ilusão da satisfação garantida. O medo do outro, somada à incapacidade de lidar com o diferente inesperado, é superado com a garantia de não precisar se deslocar dos domínios fechados dos muros da *cité*. Tanto faz se ela é física ou virtual. O importante é que seja agradável, lisa, “sem perigos”.

Ainda assim, existe espaço para olhares condescendentes e cúmplices, de uma suposta elite ‘esclarecida’ em relação ao diferente, apesar de frequentemente esses serem acompanhados por sorrisos carregados de superioridade moral. Uma *cité* que se fecha por medo de lidar com o *por vir* passa a ser tanto uma questão ética quanto de economia política (SENNET, 2018, p. 21 e 22). Apesar de tudo, é na *cité* que enxergamos a luz no final do túnel: é nela que nos deparamos com experiências abertas e suas complexidades que, carregadas de incertezas e contradições, teimam em existir como sinônimo de resistência à opressão e controle, seja em que meio for. A *cité*, pensemos, atravessa a cidade concreta e a *Internet* (e as diversas mídias e tecnologias que, na contemporaneidade, coexistem e se complementam) pois a negociação de subjetividades habita a própria paisagem enquanto realidade instaurada comunicativamente.

### Modesta

*Fazer*, palavra simples e modesta. É pelo fazer que se trazem as palavras e as coisas do mundo das ideias, produzindo algo a partir de determinada ação. A celebração do fazer é a história do *Homo Faber* sennettiano que, com seus talentos, realiza e se orgulha de suas obras. Através dos tempos, sua produção definiu o meio artificial das pequenas cidades (*cité*) da urbe (*ville*). Na era moderna, o orgulho e o prazer de realizar do *Homo Faber* foi questionado. A revolução industrial obscureceu suas habilidades manuais e, à medida em que as máquinas retraduziam a sua perícia, as condições de trabalho nas fábricas degradavam sua figura social. No século passado, os regimes totalitários transformaram o papel criativo do *Homo Faber* em uma arma ideológica obscena, com as práticas conhecidas do *Arbeit macht Frei* do nazismo e do comunismo de estado.

Na contemporaneidade, esses horrores foram aparentemente erradicados. Porém, outras situações de degradação do trabalho humano foram criadas. A ascensão da robotização e das profissões que surgiram para atender às necessidades criadas pelas novas tecnologias, jogaram ao poço da inutilidade uma massa de trabalhadores. Na sua

maioria, essas pessoas foram obrigadas a migrar para tarefas eventuais a curto prazo para sobreviver, se não para trabalhos que são realizados em condições humanas degradantes. Para resgatar a dignidade da habilidade do fazer manual, talvez seja necessário o entendimento de seu papel na sociedade contemporânea.

A ancestralidade do *Homo Faber* dentro de cada um é compreendida quando desviamos o olhar para as pequenas realizações que o dignificam perante a *city*, que acompanham a ética do fazer modesto, como: realizar uma pequena reforma em casa a baixo custo, plantar vegetais comestíveis em um espaço público, providenciar bancos para as pessoas se sentarem ou dormirem nas calçadas. Surge, aí, a possibilidade de semantização oriunda das próprias práticas formais, da produção micropolítica da cidade. A contemporânea prática informacional do projeto urbano, afeita às ferramentas digitais e à produção padronizada de desenhos e vontades, encontra, em processos comunitários de deliberação e decisão, uma possibilidade de realização singular. Isso por que, ao ser desenvolvida a *partir da* e não *sobre a* experiência coletiva, se propõe a esbarrar na própria dimensão vivida da paisagem. Essa dimensão colaborativa do projeto, pensemos, surge como uma forma de produzir subjetividades com os próprios diálogos e formas de expressão dos grupos envolvidos.

Para Sennet, (SENNET, 2018, p.24). a localização e as formas de uso do ambiente construído é que definem a cidade. O autor utiliza Siena, na Itália, como exemplo para essa colocação. Quando passeamos por suas ruas, constatamos volumes semelhantes, que configuram lugares pelos seus diferentes usos, expressivos das necessidades daquela comunidade através dos séculos. A adaptação e variedade de usos cria uma espécie de sensação de desdobramento de lugares, consagrando o primado da *city*: o fazer decorrente do habitar. Compreendemos esse sentimento quando a sensação de pertencimento em relação a um ambiente físico toma conta de nós, como consequência de como o habitamos e de quem somos. Como habita em nós a sensação de pertencimento quando encaramos a produção das orlas de Porto Alegre? Seria o mesmo tipo de pertencimento que testemunhamos ao percorrer o Porto Maravilha ou o Puerto Madero?

Se pensarmos a respeito da produção da imagem urbana da cidade como um todo, bem como de tantas outras cidades latino-americanas acometidas de referenciais oriundos de uma cultura globalizada, falar das orlas de Porto Alegre é falar da produção do espaço subserviente a essa cultura. Esse fenômeno diz respeito à produção das imagens urbanas “ao sul do sul” e sua ulterior integração a um mercado globalizado de imagens, que serve a uma economia neoliberal de subjetividades. Falar das orlas construídas de Porto Alegre é falar de muitas outras cidades e orlas; e das redundâncias que nossa cultura visual expressa.

Na figura 7, dispusemos uma colagem para expressar a compreensão do conceito de cidade modesta. Se, por um lado, a cidade vai sendo produzida por forças macropolíticas de aterramento e subjetivação, muitas são as escritas e rasuras que, na ordem do cotidiano e da experiência, contestam o que está colocado. Mais do que marcar a paisagem, essas rugosidades nos parecem propícias à produção de sentido sobre o que vem a ser o espaço metropolitano: espaço das grandes escrituras imobiliárias, mas também das marcações dos sem-nome, da produção de diferença e de diferentes formas de estar em conjunto no espaço. Se há uma vontade generalizada, já transformada em *slogan* em diversas ocasiões, de conexão com a água, o muro da Mauá — há mais de oito décadas barrando fisicamente a tangibilidade cidade-água — se torna objeto de disputa. Essa disputa diz respeito à paisagem pois contesta os regimes de visibilidade e autorização discursiva que incidem sobre a experiência do espaço. O muro, nesta colagem, dispara dúvidas. Se o muro não é desejado pois limita o acesso e a visão, que outros artefatos fazem as vezes de muros e opacidades?

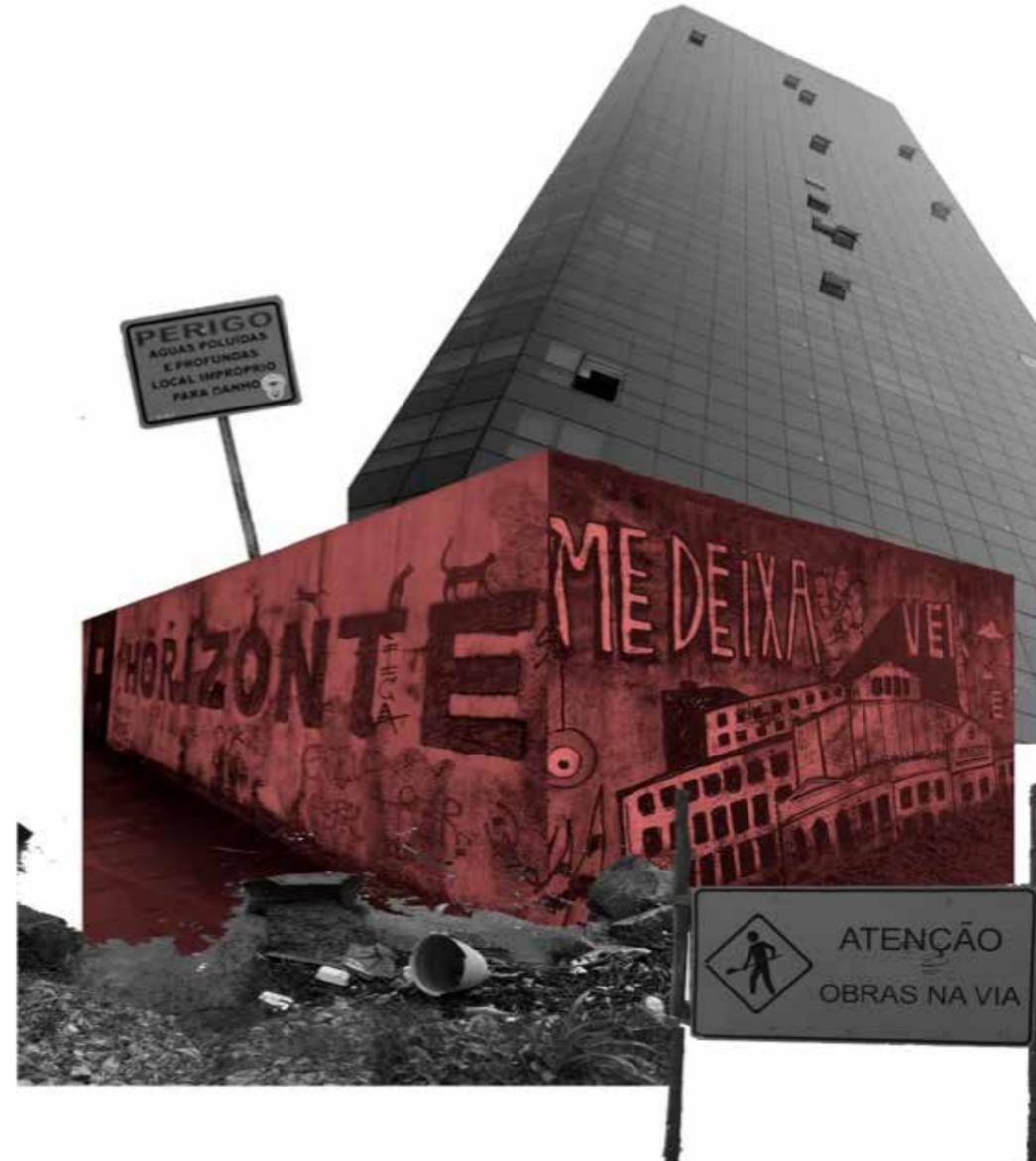


Figura 7 - Colagem “cidade modesta”, visibilizando outras cidades possíveis no cotidiano. Fonte: Cartografia da Hospitalidade (2022).

O tempo é o aliado da modificação diária consequente das experiências do habitar, sejam elas em termos de percepção ou de medidas. Sabemos que, toda inovação carrega em si a disparidade entre o modo que as pessoas fazem as coisas e como poderiam fazê-las. É comum constatar que o processo temporal dos modos de uso de um objeto não pode ser previsto antecipadamente. Sennet (2018, p.25 e 26) exemplifica comentando com o artesanato, onde uma ferramenta ou um material frequentemente surgem antes dos artesões saberem o que fazer com eles, sendo que a experiência acaba apontando seus usos por tentativa e erro. São situações em que o tempo e a experiência acabam mostrando que a função seguir a forma é uma colocação tão verdadeira quanto o mantra modernista a forma segue a função.

Todos sabem dar sentido intuitivamente a um espaço, seja ele aberto ou fechado. Porém, arquiteturas que desconstruem espacialidades tradicionais, podem vir a questionar percepções e hábitos estabelecidos pela experiência espaço-temporal dos indivíduos. Projetos e modificações que, porventura, são propostas porque ficam bem no papel, raramente levam em conta os acontecimentos que constroem os processos de vida dos lugares. Assim como a identidade contemporânea das ruas da cidade medieval, uma orla construída só cria sinergia com a cidade através do tempo e das experiências de hospitalidade ali vividas. É na linguagem, não só na troca de falas, mas na observação dos movimentos dos corpos, das ambiências construídas pela experiência da interação diária que estão explícitos os desejos dos usuários para

um espaço. Traduzir esses desejos em representação, o desafio. Talvez seja esse o caminho para texturizar a lisura, des-instagramar a imagem urbana e humana, desafiar a lógica da rede social dos iguais, assim re-criando a ideia de que outros mundos são possíveis.

### Costuras

Ao longo deste trabalho, buscamos estabelecer uma discussão guiada pelos conceitos de cidade torta, cidade aberta e cidade modesta, propostos por Sennett (2018) como operadores sobre o problema das disparidades entre construir e habitar. Ao nos apropriarmos desses conceitos, outras questões teóricas foram sendo convocadas para consolidar a discussão, interessando-nos explorar a experiência enquanto questão de primeira grandeza no tratamento da problemática.

De forma semelhante, nos interessou explorar o caso das orlas da cidade de Porto Alegre, as quais, inseridas em um fenômeno de urbanização (MUÑOZ, 2003; 2004), foram sendo discutidas com base em montagens visuais, por vezes envolvendo imagens de orlas urbanas em outras cidades do globo. Procuramos, com isso, explorar e delinear os fenômenos aqui discutidos. É nesse sentido que o procedimento compositivo aqui levado a cabo foi o da montagem, com vistas a demonstrar como o idêntico se alastra pelo mundo urbano. Ao dispor imagens urbanas de diferentes cidades mundo afora, a discussão foi sendo estabelecida a partir das interpretações que fazíamos. Da mesma forma, a busca por tais imagens, foi sendo alimentada pelas inquietações da leitura de Construir e Habitar e da própria escrita do texto.

Observamos o aumento vertiginoso da população, principalmente no Sul Global. Esse fenômeno e suas consequências fez as cidades crescerem tanto, e tão rapidamente, que o planejamento em larga escala se tornou necessário. Como o urbanismo pode ser praticado modestamente em grande escala? Como pensar o sujeito quando o urbanista se depara com problemas de infraestrutura de massa?

A partir da experiência pessoal de um grave AVC e suas sequelas, Richard Sennett passou a repensar e ressignificar as relações espaciais com o ambiente construído. O autor passou a se importar com a necessidade de uma sintonia em escala mais ampla com a complexidade e ambiguidades dos sistemas arquitetônicos e suas espacialidades. Assim como uma certa visceralidade, pois, segundo sua compreensão, é o corpo que faz nascer a espacialidade.

A mudança da percepção espacial o fez investigar como o urbanismo proativo poderia ser combinado com a modéstia ética, o que não significa subserviência: o urbanista deve ser visto como um parceiro dos *urbanitas*. As trocas entre ambos devem fomentar atitudes realizadoras e crítica sobre os modos de viver na urbe, assim como assumir a necessidade de uma permanente autocrítica nas construções em comum. Se as relações entre *ville* e *cité* forem possíveis dessa maneira, a cidade poderá se abrir. Porém, a chance de reduzir a tensão entre o fazer do *Homo Faber* e o habitar das diferentes *cités* pede realizadores que encarem sua missão com humildade, apesar desse tipo de atitude evitar correr riscos. E o autor questiona: se a vontade pretenciosa, assertiva e criativa é abrasadora, será que a construção de um urbanismo sensível, coletivo e autocrítico pode ser igualmente vigorosa? (SENNETT, 2018, p. 27-28).

### Referências

- BENJAMIN, W. O Narrador. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *Comum: ensaio sobre a revolução do século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (Vol. 1)*. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DERRIDA, J. Anne Dufourmantelle convida Jacques a falar da Hospitalidade. São Paulo: Escuta, 2003.
- GUATELLI, I. *Arquitetura dos Entre-Lugares: sobre a importância do trabalho conceitual*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Subjetividade e História. In: GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010[1986].
- HAN, B. C. *A Salvação do Belo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- MUÑOZ, F. *Urbanization: landscapes of post-industrial change*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2003.
- MUÑOZ, F. Urbanización: En el Zoco Global de las imágenes urbanas. In: *Cidades – Comunidades e Territórios*. Lisboa, n.09, 2004. pp. 27-38.
- SENNETT, R. *Construir e Habitar: ética para uma cidade aberta*. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- VAINER, C., ARANTES, O.; MARICATO, E. *A Cidade do Pensamento Único: desmanchando consensos*. São Paulo: Editora Vozes, 2013.

# O CALOR DA ARTE NA CULTURA DO FRIO

## Representações artísticas e culturais em prol diversidade de gênero em Satolep

*THE HEAT OF ART IN THE CULTURE OF THE COLD*  
*Artistic and cultural representations*  
*for gender diversity in Satolep*

*Estevan de Bacco Bilheri<sup>1</sup>, Cristhian Moreira Brum<sup>2</sup>,  
Tarcísio Dorn de Oliveira<sup>3</sup> e Helena Copetti Callai<sup>4</sup>*

### Resumo

A relação das cidades com o gênero ainda é frágil, pois ainda é dominada pelos padrões sociais. O que dificulta sua apropriação pelos dissidentes de gênero, impedindo a criação de vínculos de pertencimento: elemento fundamental para o desenvolvimento humano. Em contrapartida a dominância, existe o movimento da cultura alternativa utilizado pelas minorias sociais para equilibrar o direito à cidade. Mas como estas manifestações se comportam na cultura do frio? Este artigo visa compreender como a produção artística das minorias de gênero interferem na urbe. Para o desenvolvimento foi utilizado a revisão bibliográfica, além do estudo das produções artísticas dos dissidentes em Satolep. Os resultados obtidos, revelam que a produção artística interfere positivamente no desenvolvimento da cidade, além de contribuir para a constituição de vínculos com o Poder Público. A arte e a cultura acendem a fagulha do calor dentro da cultura do frio, lançando um futuro promissor para os dissidentes.

Palavras-chave: cidades, gênero, cultura do frio, Satolep, cultura alternativa.

### Abstract

*The relationship between cities and gender is still fragile, as it's still dominated by social networks. This hinders their appropriation by gender dissidents, preventing the creation of bonds of belonging: a fundamental element for human development. On the other hand, dominance exists in the movement of alternative culture, used by social minorities to balance the right to the city. But how do these manifestations behave in the culture of cold? This article aims to understand how the artistic production of gender minorities interferes in the city. For the development, the literature review was used, in addition the study of artistic productions of dissidents in Satolep. The results obtained reveal that artistic production positively interferes in the development of the city, besides contributing to constitution of links with the Public Power. Art and culture ignite the spark of heat within the culture of the cold, casting a promising future for dissidents.*

*Keywords: cities, gender, culture of the cold, Satolep, alternative culture.*

1 Arquiteto e Urbanista pela Universidade de Passo Fundo (UPF), mestrando em Arquitetura e Urbanismo na linha de Percepção do Ambiente pelo Usuário pelo Programa de Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

2 Pós- Doutor em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Mestre em Engenharia Civil e Ambiental pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

3 Pós- Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Mestre em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria.

4 Pós- Doutora pela Universidade Autônoma de Madrid. Doutora e Mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo. Licenciada e Bacharel em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí.

### Introdução

A relação entre gênero e a cidade ainda é um tabu urbano, pois a apropriação dos dissidentes não é plena logo que as cidades ainda são hostis para as mulheres, LGBTQIA+ e outras minorias. (encontrar conjugação) pela perpetuação de padrões impostos culturalmente favorecendo a dominância do homem heterossexual dentro da sociedade resultando no patriarcado. Este fator impede que os destoantes criem vínculo de pertencimento com a urbe, entretanto como veículo para romper a dominação culturalmente imposta o movimento da arte e cultura alternativa é utilizado pelas minorias.

Pois, a arte permite e facilita a promoção humana ao se dedicar aos elementos simbólicos ao sentimento e à dimensão estética da vida, sendo ela uma forma de expressão e comunicação essencial para o desenvolvimento pessoal e coletivo. Uma das suas formas de representação é a arte nas paredes como: os desenhos e escritas, utilizados nas culturas ancestrais para a comunicação e retratavam temas cotidianos como: a caça, rituais religiosos e a vida silvestre. No presente estas representações são conhecidas popularmente como grafite e estão presentes em todas as cidades.

O grafite “é aquele bastão fininho que tem dentro do lápis que para escrever. Mas graffiti também é escrita. Escrita nas paredes da cidade. É cor, linguagem, textura, arte, intervenção, protesto e provocação” (MARTINS, 2014, n.p). Sendo ela uma forma de alterar a paisagem, mesmo com caráter efêmero são capazes de marcar o tempo e espaço, concedendo voz a quem precisa falar.

Além do grafite existem os lambes-lambes<sup>6</sup> com inúmeras formas de representação, incluindo os que unem as técnicas do crochê. O que remonta a lembrança da infância na casa da avó onde ela costurava blusões aconchegantes para enfrentar o frio, esta memória proporciona um ar de nostalgia para os mares em tons de cinza que são as cidades.

Com um ar ainda mais efêmero, mas com o mesmo impacto em reter a atenção do cidadão são as representações culturais, como: as paradas, teatros ao ar livre e as manifestações populares, elementos com o poder da comunicação direta entre o público e o apresentador. Além de modificar a urbe por um curto período causando pequenas rupturas e modificações por onde repercutem.

Estas representações por conceder o poder de fala principalmente quando se trata da arte alternativa e a cultura ativista, representações que visam quebrar a dominância urbana. As minorias de gênero e sexualidade se apropriaram desta cultura como meio de comunicação, almejando alcançar seu lugar dentro das cidades e da vida social.

Mas como estas representações artísticas se comportam em uma cultura do frio. Neste artigo, o convidamos para uma viagem para o extremo sul do Brasil, região conhecida pela sua cultura tradicionalista e seu povo sempre acompanhado pelo chimarrão em uma roda de conversa. Além do frio que o acompanha no cotidiano até mesmo em sua estética (RAMIL, 2009). O objetivo deste artigo é compreender como a produção artística dos dissidentes de gênero interferem no desenvolvimento da cidade e concedem a palavra e o direito de fala aos sujeitos invisíveis.

5 Sigla que representa a comunidade Lésbica, Gay, Bissexual, Transgênero e Travesti, Queer, Intersexual e Assexual.

6 Técnica parecida com o grafite, uma vertente da arte de rua que se utiliza de colagens para produzir intervenções na paisagem urbana. Os temas retratados são variados como: uma informação, protesto, apenas um convite e a divulgação da arte.

A pesquisa tem o caráter qualitativo, para seu desenvolvimento foi executado uma revisão bibliográfica com o objetivo de agregar embasamento teórico sobre o tema. Para além, foram selecionadas representações artísticas sendo elas: lambes-lambes, grafites e paradas, produzidas por grupos minoritários dentro de uma cidade localizada no sul do país.

### A cidade e o gênero

As cidades, espaços que envolvem o imaginário de quem se arrisca em entrar na sua trama lúdica e concreta. Ela está em constante construção e desconstrução de si, sendo cenário e protagonista da vida dos cidadãos. A produção deste espetáculo chamado cidade é o fruto da imaginação humana (ROLNIK, 1995) e cada habitante tem em seu imaginário uma cidade diferente como conta Calvino (1990). As cidades são fruto do pensamento humano em sua constante busca por criar raízes.

Nesta obra em constante produção a vida flui produzindo histórias individuais e coletivas, relações amistosas e conflituosas marcando o percurso destas coletâneas vividas. A cidade necessita ser palco e plateia das produções, entretanto se torna personagem ativo interferindo de forma direta nas histórias. O faz através de leis e configurações que determinam o funcionamento social, tais parâmetros são impostos por uma ordem distante regida por grandes instituições colocadas em um nível superior (LEFEBVRE, 2005). As regulações determinadas são seletivas e reproduzem padrões sociais hegemônicos causando segregação.

Os grupos segregados são nomeados de minorias sociais, sendo a característica principal a inferioridade. Eles são marcados por características introduzidas em seu cerne como a vulnerabilidade, identidade *in statu nascendi*<sup>7</sup> e a luta contra hegemônica. Além de, adotar estratégias discursivas como protestos e manifestações artísticas (SODRÉ, 2005). Tais características são consequência do poder hegemônico, que além de tudo reprime as pessoas que destoam dos padrões de gênero afetando a vivência na urbe.

A relação das cidades com as diferenças de gênero é limitante, pois a identidade sexual e de gênero são reprimidas pelos padrões heteronormativos. Pois os padrões culturalmente construídos ser homem/heterossexual é ser sujeito, limitando os demais gêneros/sexualidade ao papel do outro, subordinado a ação (BUTLER, 2021). Esta falsa superioridade de ser o sujeito é produzida por um sistema de classificação, processo que expressa hierarquia e desigualdade (SIMÕES, FRANÇA, MACEDO, 2010). Produzindo a sensação de insegurança, medo e o não pertencimento, fatores que atingem os grupos dissidentes de gênero.

Em um relato sobre a vivência LBTQIA+ na urbe é contada a história de um homem cisgênero gay que experimentou as nuances do preconceito de forma precoce, na escola. Logo o desprezo avançou para outros campos de sua vida, como: no prédio onde residia, no transporte público e nas ruas. Estes preconceitos sofridos forjaram uma armadura o blindando do sofrimento. Entretanto esta armadura o tornou uma pessoa introspectiva, afetando a maneira como vivência a urbe, pois, para ele não há lugar aonde se sente seguro e aceito. Portanto sua experiência nos espaços urbanos não é plena (MOREIRA, 2017).

<sup>7</sup> *In statu nascendi*, significa a condição de um grupo em formação que se nutre da força e ânimo dos estados nascentes. Mesmo quando sua existência se encontra estruturada, as minorias vivem neste recomeço eterno (SODRÉ, 2005).

Vislumbrando outra relação entre a cidade e o gênero as mulheres são as principais vítimas de opressão, sendo a principal forma de autoritarismo a designação do espaço público como masculino, enquanto a mulher fica resignada ao ambiente residencial. Esta relação está ligada à falsa dominação de gênero culturalmente construída, aonde o homem é responsável pela função social e a mulher cuidar da família. Além disso é imposta a condição de vulnerabilidade às mulheres enquanto usufruem dos espaços públicos, esta condição ocorre principalmente quando se encontram desacompanhadas de um homem (RUIZ, 2017).

Além disso, há o apagamento da sexualidade feminina o que ocasiona pressão para que elas se curvem a heterossexualidade, pois apenas assim ao lado de um homem conseguem proteção e segurança contra o ataque de outro homem. Nas demonstrações de afeto entre mulheres na urbe constantes são os questionamentos sobre a veracidade de sua sexualidade, impondo assim a elas a repressão da demonstração de sentimentos em público as impedindo de usufruir da cidade de forma plena.

Por ser a cidade uma produção humana ela é historicamente situada e a dominação de gênero é uma marca ainda presente dificultando que os dominantes respeitem as diferenças, impedindo o direito à cidade. Entretanto, o direito a urbe não pode ser o retorno às cidades antigas (LEFEBVRE, 2001), mas sim o direito pela vida urbana, desfrutando de todos os espaços de forma plena. Entretanto, este direito não abrange a totalidade da população, quando a questão de gênero é abordada nas cidades o principal enfoque é o conceito de sexo como destino para o gênero excluindo os múltiplos gêneros e caindo em um binário (BUTLER, 2021), os dissidentes do padrão culminam no esquecimento e exclusão social. Este ato é refletido nas cidades, aonde pessoas transgêneros e queer são invisibilizadas, pois os espaços como banheiros, vestiários e outros espaços que produzem a distinção binária e esquecem da diversidade (MARIN, et al, 2017). Além desta exclusão a população transgênero sofre com a marginalização e sexualização dos seus corpos. Os crimes contra essas pessoas são brutais e as impedindo de usufruir da urbe.

Porém, a cidade aos poucos apresenta mudanças de forma lenta impulsionada pelas lutas dos movimentos de gênero por direitos e visibilidade conquistando caminhos e rompendo barreiras dentro da urbe. Entretanto, a cidade ainda é hostil para os destoantes impondo a condição da camuflagem, ou seja, obrigando a pessoa adquirir estratégias consideradas normais no padrão heteronormativo como: adotar padrões de vestimenta, alterar a voz e outras alterações físicas e comportamentais (VIANNA, COPPIETERS, 2007). Sendo assim, evitando o alvo da intolerância colocado em cada pessoa que subverte os padrões hegemônicos de gênero.

### A arte como voz ativa na cidade queer

Em contrapartida a ordem distante que busca a regulação hegemônica das cidades, tem as relações de ordem próxima caracterizada por vínculos de indivíduos em coletivos, além disso há as imediatices, vínculos diretos entre pessoas como as famílias e amigos (LEFEBVRE, 2005). Estes enclaves entre as ordens criadas dentro das cidades é uma busca pela equidade de modo que a minoria consiga se sentir pertencente aos espaços da urbe.

Um exemplo desta relação de ordem próxima é a cultura alternativa, sendo o significado da palavra alternativa é outro, ou seja, outra possibilidade. Esta é a cultura que abre novas possibilidades buscando empoderamento e tem em seu cerne a crítica ao sistema capitalista sendo seu foco denunciar a opressão e a desumanização imposta por ele (BOLTANSKI, CHIAPELLO, 2011; CARMO, et.al., 2014).

Figura 1 - Grafite contra o feminicídio, no Bairro de San Lorenzo. Fonte: MENDONÇA, 2020.



Apenas no século XX que a crítica e a política da criatividade ganharam seu espaço dentro da vanguarda modernista, quando a figura do artista e o cidadão político se fundiram conformando uma recusa ao produto do burguês austero. Na metade do século alguns artistas e intelectuais proporcionaram o seu significado teórico completo, porém o valor desta crítica é medido a forma que se distancia do sistema capital, ou seja, do comércio. A arte deve ser liberta do seu valor comercial, portanto ela deve estar deslocada do empreendimento assim rompendo com a realidade opressiva (CARMO, et.al., 2014).

A cultura alternativa nasceu da nova perspectiva política se afastando do autoritarismo, sendo ela um produto do encontro entre o novo movimento de esquerda e os movimentos como o teatro vivo. Neste desenvolvimento político, vários pequenos movimentos foram organizados lutando por uma diversidade de causas como: o movimento de libertação das mulheres e movimentos antirracistas (LANZA, et.al, 2013; CARMO, et.al, 2014). Outros movimentos minoritários como o movimento LGBTQIA+ que estavam em fase inicial também aderiam a cultura de modo a fortalecer o movimento.

Com o mesmo viés se encontra a arte e cultura ativista seu primeiro momento foi na década de 60 com as manifestações contra a Guerra do Vietnã. Que mobilizou movimentos estudantis e culturais pela luta por direitos civis. O segundo impulsor do movimento começou na década de 90 com o desenvolvimento tecnológico que com a ampliação dos meios de comunicação em massa permitiu maior contato. Se constituindo como um suporte para ampliar o potencial de alastrar a ação dos artistas ativistas, pois o espaço e tempo foram reduzidos propiciando aproximações instantâneas (CHAIA, 2007).

O ativismo cultural tem a tendência da anti-arte, pois tende a eliminar o objeto artístico em prol da intervenção social nesta produção os sujeitos concebem conceitos e práticas com base em uma consciência crítica. O movimento é marcado por métodos colaborativos e pela disseminação dos resultados como: os protestos que proliferam imagens e discursos a respeito dos temas em debate, os introduzindo a experiência social. Não se contendo nas barreiras das políticas e aproximando da vida cotidiana (CHAIA, 2007; GIOVANNI, 2015). Neste sentido, sua aproximação com o público é instantânea além de ter impacto nas mídias de comunicação.



Figura 2 - Grafite homenagem para Marielle Franco. Fonte: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,ex-deputados-sao-ouvidos-em-inquerito-sobre-morte-de-marielle-franco,70003062748>

Ligações proporcionadas porque o ativista está no interior de uma relação social com o propósito de luta e reconhece a existência de conflitos a serem enfrentados de forma imediata. Contudo, é necessário no ativismo o reconhecimento do outro e os fatores que produzem o contemporâneo, neste reconhecimento do outro a produção do movimento é concebida no espaço público (CHAIA, 2007). Convidando os cidadãos a se engajarem no ato, portanto deslocando a cultura dos espaços elitistas e a produzindo e reproduzindo para os habitantes que vivem o cotidiano das cidades com os seus problemas e dilemas.

As duas maneiras de expressão artística são ligadas pelo elo da crítica ao sistema contemporâneo e capitalista. Os movimentos são atos políticos contra a cultura hegemônica produzida nas cidades (CARMO, et.al, 2014; GIOVANNI, 2015). Sendo eles responsáveis pela produção da cidade artística e crítica na busca pelo direito à cidade através de expressões marcadas no espaço e tempo da cidade.

Nestas produções artísticas que provêm voz aqueles que necessitam serem ouvidos, o grafite é o modo mais disseminado dentro da urbe estampando os anseios daqueles que o produzem. Por ser um meio de comunicação versátil, pois contém a fala escrita em forma de arte expressas em muros, mas não na definição literal da palavra. O pensamento aqui evocado é que os muros são todas as superfícies da cidade física (MENDONÇA, 2020), tornando ela uma grande tela em branco.

Uma das suas principais características do grafite é ser efêmero, pois está em constante modificação e aberto a novos grafismos. Além das ações climáticas e as modificações urbanas que interferem em sua permanência, mas ele é simultaneamente um elemento repetível e transmissível por meio das mídias digitais (MENDONÇA, 2020). Sendo assim, seu discurso não se limita à cidade construída e passa a ocupar o mundo digital.

Ele constitui nas relações dialógicas sendo uma forma de verbo visual (traçado e imagem) como também a materialização do discurso do seu autor. Com o pensamento na dialogia a arte da grafia inscrita na cidade é resultado da interação social, sendo os elementos compositivos deste diálogo o autor, a pessoa que o lê na cena cidadã e a mensagem expressa pela arte (MENDONÇA, 2020). Nesta relação, o discurso contém inúmeras interpretações o tornando uma arte interativa e convidativa.

Figura 3 - Intervenção cultural TransVIVA - parem de nos matar. Fonte: MACEDO, 2017.



Na produção interativa do grafite a temática gênero está distribuída em diferentes espaços urbanos (figura 1), demonstrando sua reprodutividade e circulação proporcionando a implementação de microterritórios na cidade. Ele interfere nos espaços alterando valores e poderes estabelecendo novos significados à trama urbana por meio da voz artística dos grupos minoritários (MENDONÇA, 2020; OLIVEIRA, 2015).

Na América Latina o uso do grafite para expressão obteve seu reconhecimento na década de 70, pois foi um mecanismo de representatividade contra os regimes ditatoriais instaurados. Este ato começou com o movimento feminista que visava transformar as relações sociais e culturais em prol das minorias de gênero (OLIVEIRA, 2015). No Brasil o grafite de gênero está disseminado em todo o território, retratando fatos e protestos contra as brutalidades que acometem os dissidentes de gênero, como retrata o lambe-lambe (figura 2) na escadaria entre as vias Cardeal Arcoverde e a Cristiano Viana, no Bairro Pinheiro, SP. O local é conhecido como um ponto de grafite com diversas intervenções durante os anos, no ano de 2018 foi colado o lambe-lambe em homenagem a Marielle Franco<sup>8</sup>, assassinada no mesmo ano. Ao lado da imagem estão escritas frases e mensagens de protesto, além da pergunta quem matou Marielle um pedido de justiça pelo assassinato da deputada.

Além das representações gráficas os movimentos culturais são outra ferramenta utilizada para protestar, pois é uma forma de expressão que proporciona o contato direto entre o autor e o público. Esta comunicação direta propicia um vínculo que permite a exposição de temas e debates significativos de forma atrativa, além de contar com uma construção coletiva e uma dissipação por massas. Como são os casos das Paradas do Orgulho LGBTQIA+ e outros movimentos culturais.

Um movimento relevante a ser citado é o Loucas de Pedras Lilás, fundado em 1989 no Recife o grupo surgiu da necessidade das militantes feministas em criar uma imagem forte e bem humorada, de modo a debater temas e demandas do movimento. O grupo

<sup>8</sup> Marielle Franco era mulher negra e parte da comunidade LGBTQIA+. Formada em Sociologias e Mestra em Administração Pública, foi eleita Vereadora da Câmara do Rio de Janeiro nos anos de 2017 a 2020. Era conhecida por ser ativista pelos direitos humanos, trabalhou em organizações como a Brasil Foundation e Centro de Ações Solidárias da Maré (Ceasm). Além de coordenar a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro e desenvolvia diversos coletivos feministas, negro e de favelas. Foi assassinada no ano de 2018 a tiros junto com o seu motorista, na região central do Rio de Janeiro.



Figura 4 - Primeira Parada do Orgulho LGBTQIA+ de 1997. Fonte: [https://brasil.elepaís.com.br/album/1497452267\\_727156.html#foto\\_gal\\_1](https://brasil.elepaís.com.br/album/1497452267_727156.html#foto_gal_1)

se utiliza apresentações teatrais, apresentadas nas vias da cidade como uma forma de propiciar a desconstrução de gênero através de uma interação humorada com o público (OLIVEIRA, 2015).

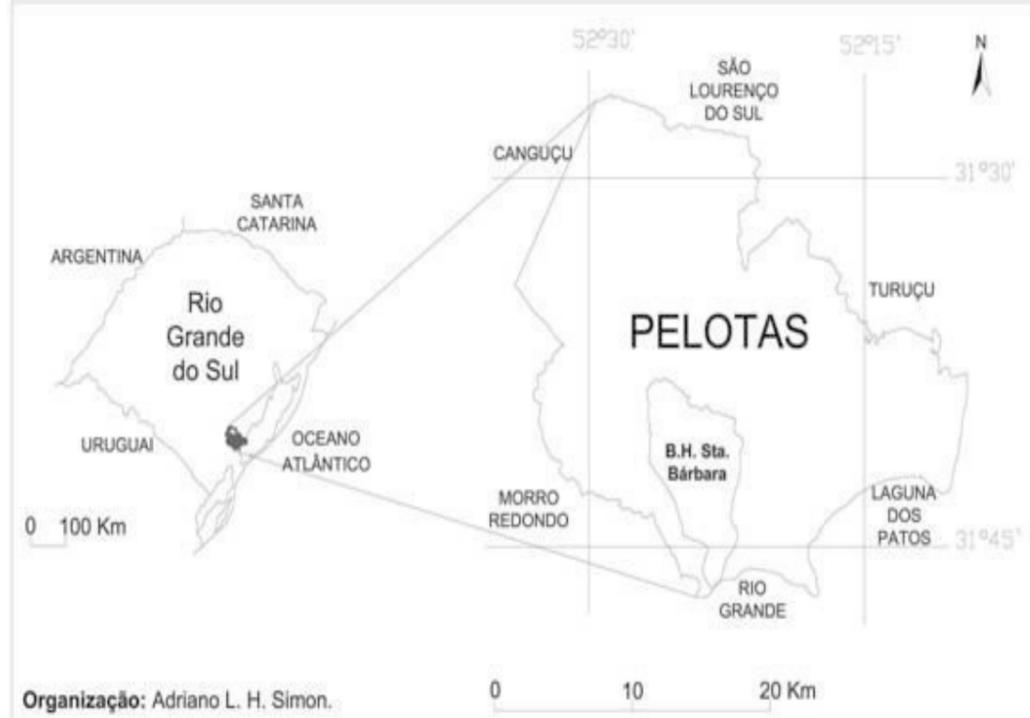
Em uma apresentação intitulada Mamy Blue que circulou em cinco cidades do Recife debatia sobre a alta mortalidade feminina na região. O grupo utilizou adereços para representar a data de nascimento das crianças, pois o tema debatido na apresentação era a falta de iniciativa pública no combate à alta mortalidade materna. Além das peças o grupo conta com produção áudio visual tratando de temática diversificada como a legalização do aborto (OLIVEIRA, 2015).

Seguindo nas intervenções culturais, mas voltadas para o enfoque da comunidade Transgênero e Travesti. O movimento #transVIVA realizou uma performance em São Paulo, intitulada transVIVA - parem de nos matar sendo ele um manifesto contra a violência sofrida pelo corpo trans. A manifestação visava debater temas como os crimes de ódio, a desumanização e a negação de direitos para esta comunidade. As ações foram realizadas na rua, na praça, em frente a uma igreja e no transporte público (MACEDO, 2017).

O ato era uma representação literal e poética sobre a violência sofrida por pessoas T, a autora do ato gravava nomes de pessoas vítimas do preconceito no chão (figura 3). Além de escrever em seu corpo o título do movimento e no chão frases que compunham um grande painel com a frase parem de nos matar. Durante o ato outra participante a apedrejava, as pedras representavam as inúmeras formas de agressão (MACEDO, 2017).

As reivindicações da população Trans/Travesti ocorrem dentro da própria comunidade LGBTQIA+, pois ocorre o processo de interseccionalidade dentro deste grupo distinto. Entretanto, a união da comunidade acontece por compartilhar o mesmo objetivo e lutas. Neste sentido a forma para a reunião desta pluralidade de pessoas é a Parada do Orgulho LGBTQIA+ sendo ela um ato de protesto e orgulho. As primeiras paradas aconteceram nos Estados Unidos da América após o episódio ocorrido no Bar StoneWall Inn no ano de 1969, desde então ela foi disseminada pelo globo acontecendo nas mais diversificadas cidades.

Figura 5 - Localização geográfica da cidade de Satolep.  
Fonte: SIMON, TRETIN, CUNHA, 2010.



No Brasil a primeira parada aconteceu em 1997 (figura 4), cerca de 2 mil pessoas se reuniram no dia 28 de junho na cidade de São Paulo para marchar da Av. Paulista até a Praça Roosevelt, protestando contra a discriminação e violência sofrida pela comunidade. Ela foi puxada por uma Kombi com caixa de som que gritava a frase: “Somos muitos e estamos em todas as profissões” (APOGLBT, [s.d]). Protestando contra a falta de empregabilidade e visibilidade de pessoas do acrônimo no mercado de trabalho.

Desde então a parada trata de temas emergentes pensando na proteção e lutas por direitos da população pertencente ao acrônimo, como no ano de 2018 ela utilizou da temática: Poder para LGBTQIA +, Nosso voto, Nossa voz. O tema foi explorado para conscientizar a população sobre a importância do voto em candidatos que lutam pela causa.

Diante das restrições impostas pela pandemia do vírus Sars- Cov-2 (Covid 19) nos anos de 2020 e 2021 a Parada do Orgulho LGBTQIA + foi realizada de forma online. Entretanto, a sua abrangência foi maior atingindo um público de 11 milhões de visualizações no YouTube. O tema abordado em 2021 foi a HIV/Aids: Ame+, Cuide+ e Viva, retratando os estigmas impostos às pessoas soropositivas, ela visava conscientizar a população com o objetivo de quebrar tabus e preconceitos.

As inúmeras representações da arte alternativa são utilizadas pelas minorias para expressar sua voz e lutas. Porque a produção da arte nas ruas e muros das cidades é o local onde eles podem ser ouvidos, porque nenhum outro lugar ouve a voz daqueles que clamam (MACEDO, 2017). Mas, se volta o pensamento para a produção da arte alternativa como voz ativa na estética do frio (RAMIL, 2009) e como essa produção repercute no frio, na produção do calor.

### A cidade do frio Satolep

Ao percorrer o mapa do Brasil em direção ao sul é possível mirar em seu extremo o Rio Grande do Sul reconhecido pelos seus campos agrícolas, a cultura típica gaúcha e o clima frio. O frio inclusive é reconhecido nacionalmente como uma marca para o estado, ele oportuniza as características culturais, os hábitos e o movimento da economia. Por estar ambientado na paisagem marca a caracterização do Sul e o distingue das outras regiões do país (RAMIL, 2009), ele “simboliza o Rio Grande do Sul e é simbolizado por ele” (RAMIL, p.14, 2009).

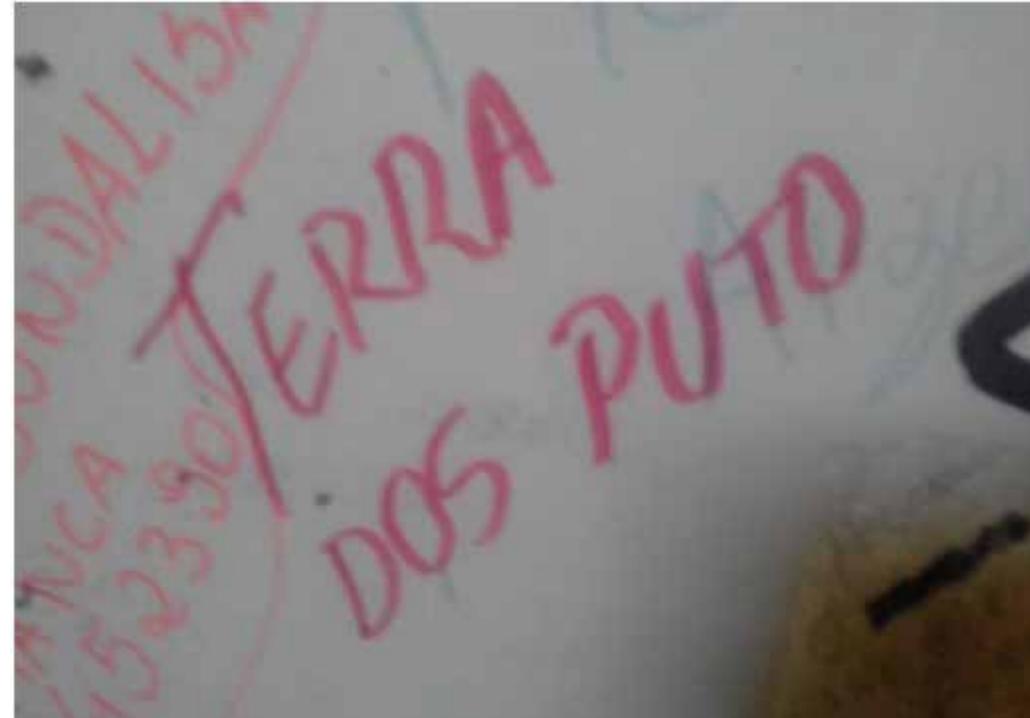


Figura 6 - Grafite no banheiro da estação rodoviária de Pelotas. Fonte: RODRIGUES, 2018.

Mas o frio não é apenas característica meteorológica, ele está intrínseco no gaúcho visto como valente, machista e bravateiro, com um estilo característico de vestimenta e acompanhado por um cavalo e chimarrão sempre à mão. Carregando os conceitos culturais perpetuados a cultura gaúcha é fria e conservadora. Entretanto com uma visão diferente da escrita em A Estética do Frio (RAMIL, 2009), aqui o conceito abordado é do frio do preconceito e preceitos criados por características que expressam o gaúcho heróico, branco e elitizado de 1920 (ZALLA, NECCHI, 2016).

A criação do sujeito heróico gaúcho dispõe os demais gêneros na condição do outro conceito explorado por Butler (2021), pois a prenda<sup>9</sup> nesta produção fica resignada como frágil, recatada e o seu lugar é o privado. As demais sexualidades e gênero que se aproxime do feminino, ou destoe do padrão são inferiorizadas. Portanto a homossexualidade é constantemente banida, pois a figura do gaúcho viril e guerreiro está em constante observação (ZALLA, NECCHI, 2016).

Esta constante vigia cria regras passadas entre gerações concretizando uma cultura fria para os destoantes. Tal ação perpetua a figura do “homem” sem fragilidades, sem emoções e dono do seu destino, designando a mulher como frágil, doce e que necessita da figura masculina. Modelo binário que ainda é perpetuado na sociedade, entretanto constantemente contestado pelas minorias que rompem a caixa do padrão.

Contudo, há uma dualidade que precisa ser estudada dentro da cultura do frio, existe uma cidade que carrega um título contraditório a “Cidade Gay”, mas onde está localizado esta cidade que parece acolhedor a diversidade. Convidamos a percorrer o mapa do Rio Grande do Sul, seguindo a BR-116 em direção ao sul em seu extremo às margens da Lagoa dos Patos se encontra Satolep<sup>10</sup> (figura 5), ou, conhecida como à terra do doce.

Fecha os olhos  
Deixa eu te levar  
A neblina já desceu

9 Mulheres que representam os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), demonstrando o tradicionalismo, para isso percorrem uma série de estudos sobre a cultura.

10 Na canção de Vitor Ramil, utiliza o anagrama Satolep para referenciar a cidade de Pelotas, como um apelido íntimo.

Figura 7 - Lambe-lambe em homenagem às mulheres.  
Fonte: <https://www.instagram.com/usinafeminista/>



Em Satolep Fields [...]  
Onde as ruas querem se perder  
E as esquinas querem se encontrar [...] (RAMIL, 2017).

A cidade conhecida como Princesa do Sul teve seu desenvolvimento na indústria do charque, principalmente na década de 60 neste momento a cidade atinge uma crescente na economia e política, entretanto seu desenvolvimento pelas charqueadas carrega as manchas da escravidão, sendo que em seu auge mais da metade dos habitantes era formada por escravos. O trabalho escravo enriquecia os charqueadores, que impulsionavam o desenvolvimento da cidade e com o investimento ela se tornou um centro cosmopolita imprimindo nos viajantes seus traços de riqueza, luxo e cavalheirismo (MONTEIRO, 1998; VARGAS, 2017).

Neste mesmo contexto histórico que urge o título da “Cidade Gay” que até hoje é utilizado. Essa nomenclatura surgiu, pois, as famílias abastadas da cultura do charque enviavam seus filhos para Europa com a finalidade de completar seus estudos em locais conceituados. Quando eles retornavam para a cidade eram considerados “afeminados” na visão da cultura do frio, entretanto eles apenas tinham adotado os costumes e expressões europeias (MONTEIRO, 1998).

Um fato que corroborou para o título foi a frescura atribuída à cidade. O desenvolvimento econômico em diferentes setores impulsionou a valorização das artes e culturas, destacando a Arquitetura e Urbanismo, porque os habitantes buscavam os profissionais para a construção de suas residências. Deixando a cidade pomposa e diferente das demais onde grande parte da população morava em ranchos (MONTEIRO, 1998).

Este título não tem a premissa de acolhimento à diversidade, pois o próprio intuito parte do preconceito, utilizando a figura do homossexual como um adjetivo pejorativo diminuindo a cidade perante as demais onde prevalecia o gaúcho herói. A própria sociedade não era adepta a este título, um fato que tem destaque é uma ação individual que foi o pedido de um repórter da rádio. Ele propôs diferenciar, marcar os homossexuais assim como era realizado em outras épocas, foi proposto raspar o cabelo de homossexuais que estivessem em locais denominados familiares como as praças (MONTEIRO, 1998).



Figura 8 - Produção do Coletiva Sálvia . Fonte: <https://www.instagram.com/salviacoletiva/>

Essas manifestações de preconceito segregam os divergentes, confirmando o pensamento de Lefebvre (2005) sobre a regulação das cidades pela ordem distante que produzem a segregação se apoiando nos mecanismos de poder, neste caso baseado na falsa relação de superioridade do sujeito sobre o outro (MONTEIRO 1998, BUTLER, 2021). Esta relação ainda está ativa na cultura da cidade de Satolep reproduzindo a segregação de gênero e criando fronteiras entre o espaço do sujeito e o espaço do outro.

Representação desta delimitação de espaços são os grafites expressos nos banheiros da rodoviária da Cidade Gay (figura 6). Esta grafia não constitui uma relação dialógica entre o autor e o leitor, ele materializa um discurso de ódio e repulsa. Não sendo uma representação da cultura alternativa/ativista (CARMO, et al., 2014; CHAIA, MENDONÇA, 2020), pois essa expressão apenas consolida padrões hegemônicos e impulsiona o preconceito vigente.

Para além as violências de gênero se expandem ao âmbito físico, pensando na relação de poder imposta pelo binário o feminino é tido como pertencente ao masculino e esta relação de pertencimento imprime a falta de liberdade feminina de explorar a cidade. Portanto, constante é o medo de sofrer algum tipo de violência, na pesquisa de Morales (2019) aponta que os principais crimes cometidos contra as mulheres na cidade de Satolep, foram: lesão corporal, ameaças e o estupro. Além dos constantes casos de assédios sofridos disfarçados por “humor”, limitando a mulher ao seu espaço privado, ou, ao desafio diário de enfrentar o medo constante.

A dominância exercida nas relações urbanas interfere na construção social dos dissidentes de gênero, pois a cultura do frio travada em padrões antigos faz com que as minorias de gênero se tornem seres fechados criando uma armadura contra o preconceito. Entretanto, rompendo com esta armadura e buscando o calor do sol há expressão artística e cultural que se utiliza do alternativo/ativismo.

### O calor artístico

Um novo dia vem nascendo  
Um novo sol já vai raiar  
Parece a vida, rompendo em luz



E que nos convida a amar [...] Espere a luz acontecer [...] (LOBO, MORAES, [s.d.]

A arte é como a luz capaz de romper barreiras entre o frio da cultura, entretanto diferente da canção Um novo dia (LOBO, MORAES, [s.d.]), ao invés de esperar a luz acontecer os movimentos abordados neste capítulo produzem luz através da arte. Se apropriando da cidade com intervenções artísticas e culturais visando o respeito pela diversidade de gênero e sexualidade.

O primeiro movimento é a Usina Feminina um grupo que preza pelos direitos e liberdades das mulheres. Atuando em manifestações de rua, na acolhida de mulheres e elaboração de projetos culturais. Tem sua sede no Bairro Dunas junto ao Comitê de Desenvolvimento Dunas (CDD) (USINA FEMINISTA, 2021).

Em uma campanha para o 8M<sup>11</sup> o grupo realizou a colagem de lambe-lambe no bairro Dunas. A arte abordava a manifestação contra as políticas de morte do estado e um manifesto contra o governo. Em outro momento os lambe-lambes homenageavam mulheres (figura 7) como a Mestra em Griô<sup>12</sup> Sirley Amaro e tantas outras mulheres que abriram caminhos para o movimento (USINA FEMINISTA, 2021).

Em outra ação colaborativa da 8M foi realizada a intervenção na Academia Pelotense de Letras, mas agora com a colaboração da Coletiva Sálvia, organizada por artistas mulheres tendo sua formação durante a pandemia. Elas têm como objetivo proporcionar encontros com trocas de saberes, além de confeccionar intervenções subversivas na cidade e ao corpo. Produzindo práticas artísticas e artesanais como o bordado, crochê, desenhos e escrita criativa, as produções fluem conforme o desejo das integrantes (REPÓRTER POPULAR, 2021).

Com o acúmulo de material produzido a coletiva decidiu expor suas produções pela cidade através das técnicas como lambe-lambe, lambes de bordado, pinturas e grafites, para a intervenção elaborada em conjunto com a 8M a coletiva produziu grafites

<sup>11</sup> Frente feminista e antirracista e anticapitalista que reúne diversos coletivos. Localizada na cidade de Pelotas, RS.

<sup>12</sup> O termo Griô é universalizante, ele foi extraído do Griot que engloba uma coletânea de tradições orais africanas. O mestre ou mestra em Griô é um sábio na tradição oral, conquistando seu título pelo reconhecimento na comunidade. Disponível em: <http://graosdeluzegrio.org.br/acao-grio-nacional/o-que-e-grio/>



(figura 8). Para divulgar autoras femininas latino-americanas, além de expor imagens de lutas e protestos contra a dominância masculina, além de convidar as mulheres a se organizarem independentemente da cor, raça, sexualidade e etnia (REPÓRTER POPULAR, 2021).

Tratando de intervenções culturais a Parada da Diversidade ou Avenida da Diversidade rompe barreiras dentro da cultura do frio. O evento nasceu no ano de 2002 com a iniciativa do Grupo TAMBÉM, Grupo Nuances, Vale a Vida e o Poder Público. Esta ligação com o Poder Público aconteceu de forma inusitada, pois os grupos não cogitavam a ligação com a Prefeitura, entretanto com a ligação com o Vale a Vida o vínculo aconteceu (CAVALHEIRO, 2004).

A data escolhida para a realização do ato foi pensada para transmitir o pertencimento e acolhimento o dia 28 de junho, conhecido como o Dia do Orgulho LGBTQIA + em memória às lutas no Stonewall Inn. Entretanto, ela foi adiada para que não houvesse colisão com outras paradas e o evento aconteceu no dia 14 de julho, ou seja, ficou na semana da comemoração do aniversário da Princesa do Sul. Esta coincidência fez com que a Parada pertencesse a cidade ainda mais. A Avenida da Diversidade, aconteceu durante três edições no mesmo dia aos domingos, na Avenida Bento Gonçalves (CAVALHEIRO, 2004).

No ano de 2021, a XX Parada da Diversidade (figura 9) aconteceu em conjunto com a V Semana da Diversidade, entre os dias 29 de novembro e 6 de dezembro com o tema Sobreviver. O evento aconteceu de forma híbrida em decorrência da pandemia de Covid19, foram abordados temas como HIV/Aids, intersexualidade, a história do movimento e contou com outros atrativos.

Além da Parada da Diversidade acontecem outros eventos ligados à comunidade LGBTQIA +, como a Semana da Visibilidade Lésbica que no ano de 2019 realizou a Sapatada Cultural (figura 10). Ele contou com apresentações artísticas, bancas expositivas da arte e cultura lésbica. No ano de 2021 o evento aconteceu de forma virtual em decorrência do distanciamento social, para mais foram distribuídos pela cidade lambe-lambes pela cidade (figura 9) com frases pedindo respeito, visibilidade, protesto e empoderamento.

Os movimentos artísticos expressos dentro da urbe têm como premissa alterar a hierarquia urbana (CARMO, et.al, 2014; CHAIA, 2007). Na cultura fria do Sul os movimentos estão conquistando espaço e de certo modo equilibrando a balança



do domínio urbano. Rompendo pequenos pedaços das grades da cidade, mas são significativos passos para a liberdade.

As grades sendo derrubadas  
Um novo mundo exposto  
Com a liberdade alcançada  
Caminharei ao teu encontro  
[...] E poderei contigo viver  
Entre luzes, amigos e flores  
Todas as tardes, todas as noites  
Livre de antigos aprisionadores (CONTRAPONTO, 2021).

A representação dos movimentos artísticos teve seu alcance no Poder Público da cidade, fazendo com que ele apoiasse a Semana da Diversidade em conjunto com outras ONG e grupos, além de ações artísticas desenvolvidas na cidade. Como a pintura com as cores da bandeira LGBTQIA + da faixa de segurança de um dos principais cruzamentos (figura 11), a intervenção foi executada para o Dia Mundial do Orgulho LGBTQIA + (NUGEN, 2021).

Além, da faixa de segurança outra intervenção foi a pintura da passarela da estação férrea (figura 10) entre a praça Rio Branco e o Largo de Portugal. Foi realizada dentro da V Semana da Diversidade de 2021, porém a iniciativa para a realização das intervenções partiu do Grupo TAMBÉM (DIÁRIO POPULAR, 2021). Mesmo partindo de um pensamento externo ao Poder Público a ação é um avanço entre as relações de apoio aos dissidentes de gênero e sexualidade.

Essas produções dentro da cultura do frio estão provendo voz para aqueles que precisam como afirma Mendonça (2020). Há diferentes modos de comunicação através da arte proporcionando ligações de graus distintos dentro da urbe. Em Satolep esta realidade é presente produzindo alterações culturais no cotidiano, além de proporcionar voz, elas criam os vínculos de pertencimento fundamentais para a vida urbana.

## Conclusão

O frio sobre o Sul do país tem diversos significados, não se limitando apenas a características meteorológicas que produzem paisagens exorbitantes. Além da tradição típica de estar sempre acompanhado de uma cuia de chimarrão, mas o frio no Rio Grande do Sul vai além, ele está ligado ao cerne dos gaúchos.

Entretanto, este mesmo frio que impregna a cultura contém uma dualidade, entre ser o orgulho de diferenciar o estado dos demais, ou, ser motivo de vergonha quando se encontra repetindo padrões culturalmente ultrapassados. Como o pedestal criado em torno do herói gaúcho colocando a figura masculina como sujeito e rebaixando os demais gêneros.

Em uma viagem em direção ao Sul se encontra a sua Princesa, a cidade que através de intervenções artísticas e culturais está aos poucos sendo banhadas pelos raios de luz. Produzindo calor dentro da cultura do frio, os exemplos de arte ativista/alternativa movimento das conexões imediatas, tais produções estão rompendo os limites sociais dentro do espaço urbano.

Os movimentos de minoria em Satolep estão ganhando uma voz potente, através da arte e cultura ampliando as discussões de gênero dentro da cidade. O produto resultante de tais ações são a apropriação da cidade e a criação de vínculos de pertencimento. Sendo eles importantes para a comunidade, pois são parte da composição da personalidade da pessoa, sendo ela composta pela vida em sociedade e o pertencimento ao local.

Mesmo em dimensões de média escala as conquistas são importantes para cada pessoa, pois quanto mais os dissidentes ocuparem Satolep maior a sensação de segurança. Para além, os vínculos criados com o Poder Público abrem debates sobre a implementação de medidas para a apropriação da urb e o resultado desta ação é uma cidade aberta à diversidade de gênero. No futuro talvez a Princesa mostre com orgulho o título da Cidade Gay, ou melhor, a Cidade da Diversidade.

Através das representações culturais, artísticas e implantação de políticas públicas que visem garantir o direito destes grupos. Quando os padrões sociais dominantes dentro do gaúcho herói ruírem, a cultura se modificará causando um produto diferente capaz de representar todas as pessoas do Sul. Perpetuando o seu legado entre as gerações, portanto o calor artístico das minorias contribui para a ruptura do frio na cultura.

## Referências

APOLGBT. Parada. [s.d]. Disponível em: <https://paradasp.wordpress.com/parada/>. Acesso em: 05 fev. 2022.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *Le nouvel esprit du capitalisme*. Editions Gallimard, 2011.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de

Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia de Letras, 1990.

CAVALHEIRO, Gláucia Lafuente. Pelota, Cidade de Gay: um estudo sobre os usos políticos de uma representação. *Periódicos UFPEL*, Pelotas, v.1, n.2, p.1-35, 2004.

CHAIA, Miguel. Artivismo: Política e arte hoje. *Revista Aurora*, São Paulo, 2007.

CONTRAPONTO. Livre. Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FaPEI7iUt7M>. Acesso em: 05 jan de 2022.

COPPIETERS, Luiza; VIANNA, Rodolfo. Acidade hostil ao afeto LGBT. In: CERQUIERA, Jéssica Tavares; KOETZ, Vanessa; FROTA, Henrique Botelho (ORG). *Direito à Cidade: vivências e olhares de identidade de gênero e diversidade afetiva e sexual*. São Paulo: IBDU, 2017. Cap. 6, p. 54-60.

DIÁRIO POPULAR. Escadaria de passarela ganha cores da diversidade em Pelotas. Online. Disponível em: <https://www.diariopopular.com.br/geral/escadaria-de-passelela-ganha-cores-da-diversidade-em-pelotas-166768/>. Acesso em: 13 jan. 2022.

GIOVANNI, Julia Ruiz. Artes de abrir espaço: apontamentos para a análise de práticas em trânsito entre a arte e ativismo. *Cadernos de Arte e Antropologia*. v.4, n.2, p. 13 – 27, 2015.

LANZA, Elena Cogato; PATTARONI, Luca; PIRAUD, Mischa; TIRONE, Barbara. *Le Quartier des grottes/ Genève: De la différence urbaine*. Metispresses, 2013.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2005.

MACEDO, Vita Pereira da Silva. Cidade violenta: Performance e intervenções TRANSurbanas. In: CERQUIERA, Jéssica Tavares; KOETZ, Vanessa; FROTA, Henrique Botelho (ORG). *Direito à Cidade: vivências e olhares de identidade de gênero e diversidade afetiva e sexual*. São Paulo: IBDU, 2017. Cap. 8, p. 65-78.

MARIN, Juliana Fabbron Marin; CORREIA, Kevin Campo; ALVES, Natália Cristina B; NERES, Raiumundo Nonato B; SILVA, Wellington; COLETIVO PRISMA. Análise da inserção das pessoas transgêneras, travestis, mulheres transexuais e homens trans na cidade e o desafio na garantia dos seus direitos. In: CERQUIERA, Jéssica Tavares; KOETZ, Vanessa; FROTA, Henrique Botelho (ORG). *Direito à Cidade: vivências e olhares de identidade de gênero e diversidade afetiva e sexual*. São Paulo: IBDU, 2017. Cap. 2, p. 18-25.

MARTINS, Antônio. Graffiti: arte de rua, poesia e protesto. Sul 21. Online. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias-em-geral/2014/01/graffiti-arte-de-rua-poesia-e-protesto/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

MENDONÇA, Viviane Melo. Grafites que (contra)dizem: gêneros e sexualidades na polifonia da cena urbana. *Psicologia e Sociedade*, São Paulo, v.32, p. 1-18.

MONTEIRO, Gláucia Lafuente. O folclore gay de Pelotas: sobre uma representação que se atualiza na história da cidade. *História em Revista*, Pelotas, v. 4, p. 139-160.

MORAIS, Vinicius; LOBO, Edú. Um novo dia. Online. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/vinicius-de-moraes/86932/>. Acesso em: 9 jan. 2022.

MORALES, Christine Moreira. *Violência contra a mulher: incidência e proteção no município de Pelotas*. 2019. Dissertação (Mestrado em Política Social e Direitos Humanos) – Curso de Pós-graduação em Política Social e Direitos Humanos, Universidade Católica de Pelotas.

MOREIRA, Felipe. Cidade e homofobia: um breve relato. In: CERQUIERA, Jéssica Tavares; KOETZ, Vanessa; FROTA, Henrique Botelho (ORG). *Direito à Cidade: vivências e olhares de identidade de gênero e diversidade afetiva e sexual*. São Paulo: IBDU, 2017. Cap. 10, p. 84-92.

NUGEN. Prefeitura de Pelotas pinta faixa de pedestre com bandeira do arco-iris em comemoração ao Dia Mundial do Orgulho LGBTQIA+; Online. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/nugen/2021/06/30/prefeitura-de-pelotas-pinta-faixa-de-pedestres-com-bandeira-do-arco-iris-em-comemoracao-ao-dia-mundial-do-orgulho-lgbtqia/>. Acesso em: 13 jan. 2022.

OLIVEIRA, Julia Glaciela da Silva. Artivismo urbano: as novas figurações políticas dos femininos latino-americanos. *Domínios da Imagem*, Londrina, v.9, n.17, p. 196-217, 2015.

RAMIL, Vitor. *A estética do frio: conferência de Genebra*. Pelotas: Satolep Livros, 2009.

RAMIL, Vitor. Satolep Fields Forever.2017. Online. Disponível em: <https://www.musixmatch.com/pt-br>. Acesso em: 7 jan. 2021.

REPORTER POPULAR. Coletiva Sálvia realiza intervenções artísticas e chama mulheres diversas à luta. Online. Disponível em: <http://reporterpopular.com.br/coletiva-salvia-realiza-intervencoes-artisticas-e-chama-mulheres-diversas-a-luta/>. Acesso em: 14 jan. 2021.

RODRIGUES, Fabrizio de Souza. Quando me desloco eu costuro a cidade: Pelotas pespontada sob a poética de um artista visual e figurinista. 2018. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Curso de Pós- Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal de Pelotas.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasilense, 1995.

RUIZ, Jéssica. A libertação sexual de mulheres que amam mulheres: um ensaio sobre o direito feminino à cidade. In: CERQUIERA, Jéssica Tavares; KOETZ, Vanessa; FROTA, Henrique Botelho (ORG). *Direito à Cidade: vivências e olhares de identidade de gênero e diversidade afetiva e sexual*. São Paulo: IBDU, 2017. Cap. 3, p. 25-34.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. *Cadernos Pagu*, Campinas, v.25, n.1, p37-78, 2009.

SIMON, Adriano L; TRETIN, Gracieli; CUNHA, Cenira M.L. Avaliação da dinâmica do uso da terra na bacia do arroio Santa Bárbara- Pelotas (Brasil), no período de 1953 a 2006. *Scripta Nova*, Barcelona, v.14, n. 327, 2010.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Org). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulos, 2005.  
USINA FEMINISTA. *Usineiras*. Pelotas, 2021.

VARGAS, Jonas Moreira. As mãos e os pés do charqueador: o processo de fabricação

do charque e um perfil dos trabalhadores escravos nas charqueadas de pelotas, rio grande do sul. SÆCULUM - REVISTA DE HISTÓRIA, vol. 36. João Pessoa: jan./jun. 2017.

ZALLA, Jocelito; NECCHI, Vitor. A necessidade da desconstrução do machismo no universo gaúcho: Entrevista especial com Jocelito Zalla. Instituto humanista Unisinos, 20 set. 2016. Online. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/560186-a-necessidade-da-desconstrucao-do-machismo-no-universo-regional-entrevista-especial-com-jocelito-zalla>. Acesso em: 7 jan.

# CORPO, ESPAÇO E DISSIDÊNCIAS NA URBANIDADE ERECHINENSE/RS

## BODY, SPACE AND DISSIDENCES IN THE URBANITY OF ERECHIM/RS

Marcos Sardá Vieira<sup>1</sup>,  
Jonathan Frare Giorgi<sup>2</sup> e Marvin Davi Rojeski<sup>3</sup>

### Resumo

As cidades interioranas do sul do Brasil revelam hábitos e tradições peculiares na constituição da urbanidade contemporânea. No caso de Erechim, localizada ao norte do estado do Rio Grande do Sul (RS), observamos o predomínio de conservadorismos marcados pela relação desigual de gêneros e sexualidades na precarização de identidades dissidentes, que repercutem em processos de exclusões e discriminações cotidianas. Neste contexto, o objetivo deste artigo é analisar os meios de apropriação e sobrevivência social de corporalidades e expressões de dissidências de gênero e sexualidades diante de limites morais e tradições peculiares, demarcados na espacialização formal da cidade. Deste modo, realizamos levantamento de campo (por observação não participante, diário de campo, croquis e fotografias) e revisão bibliográfica para construirmos nossa metodologia cartográfica e interdisciplinar. Por fim, constatamos vivências particulares de dissidências e subversões corporais-identitárias na ocupação efêmera e criativa de espaços heterotópicos felizes e informais.

Palavras-chave: gênero, espaço, Sexualidades dissidentes, Erechim, Rio Grande do Sul.

### Abstract

*The interior cities of southern Brazil reveal peculiar habits and traditions in the constitution of contemporary urbanity. In the case of Erechim, located in the north of Rio Grande do Sul (RS), we observe the predominance of conservatism marked by the unequal relationship of genders and sexualities in the precariousness of dissident identities, which have repercussions on processes of daily exclusions and discriminations. In this context, the goal of this article is to analyse the means of appropriation and social survival of corporeality and expressions of gender and sexual dissidences in the face of moral limits and peculiar traditions, demarcated in the formal spatialization of the city. Thus, we carried out a field survey (by non-participant observation, field diary, sketches and photographs) and literature review to build our cartographic and interdisciplinary methodology. Finally, we found particular experiences of dissidence and body-identity subversions in the ephemeral and creative occupation of happy heterotopic and informal spaces.*

*Keywords: gender, space, dissident sexualities, Erechim, Rio Grande do Sul.*

1 Doutor em Ciências Humanas e professor adjunto no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

2 Graduando em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal da Fronteira Sul.

3 Graduando em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal da Fronteira Sul.

### Introdução

Refletindo sobre a relação entre corporalidade, urbanidade e representações dissidentes, este artigo apresenta uma parte dos resultados da pesquisa<sup>4</sup> sobre as condições de pessoas identificadas como lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e queers na constituição de novas sociabilidades no espaço urbano e regulamentado de Erechim-RS, cidade interiorana na região sul brasileira (Figura 1).

Na relação dessa população LGBTQ<sup>5</sup> com a cultura cis-heteropatriarcal hegemônica e excludente, na qual está inserida, problematizamos a reprodução de estereótipos, preconceitos e restrições representacionais e territoriais, justificados por valores, identidades e tradicionalismos regionais como parte de um processo histórico e cultural de opressão e discriminação. Assim, ao longo do texto, após compreendermos a relação entre corpo, identidade e espaço, analisamos criticamente a cultura gaúcha como base da identidade regional rio-grandense de reprodução do patriarcado, do racismo e da ideologia cis-heteronormativa. Constatamos tais incorporações na cultura material e urbana de Erechim diante de representações, convivências e territorialidades excludentes e restritivas. Porém, também identificamos a formação de urbanidades alternativas e heterotópicas nesta cidade, que contemplam dissidências e resistências contingentes.

Através do método cartográfico, portanto, abordamos os possíveis agenciamentos dessas subversões (pós)identitárias em suas vivências na criação de relações, fluxos e hábitos associados com a conformação de novas urbanidades e cotidianos no espaço urbano e regional de Erechim, interpretado com características provincianas e convencionais predominantes.

Por fim, esta publicação é uma reflexão crítica e interdisciplinar entre cultura, urbanidade, gênero e sexualidades dentro do contexto cis-heteropatriarcal hegemônico de representações e identidades regionais no sul do Brasil.

### Procedimentos metodológicos

Na relação entre as temáticas de gênero e sexualidades com a configuração do espaço urbano, desenvolvemos a pesquisa de campo, basicamente, através de mapeamento por croquis e observação não participante. Também desenvolvemos discussões e pesquisas teóricas relativas às áreas das Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas para a compreensão desse levantamento na cidade (MINAYO, 2010). Na junção destas estratégias de investigação, nossa proposta metodológica e interdisciplinar é definida como cartográfica, ou seja, como procedimento/método de organização dos dados e informações referentes à área estudada de maneira moldável em relação aos levantamentos e compreensões que vão sendo obtidos e sem estabelecer um processo engessado e linear de atuações. Dessa forma foi possível intuímos alguns caminhos de acordo com as evidências levantadas em campo para estabelecermos possíveis compreensões do que o campo estaria revelando enquanto evidências na relação nem sempre óbvia entre aspectos socioculturais e urbanos, muitas vezes invisibilizados

4 Projeto de pesquisa vinculado à Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim, intitulado "Gênero e sexualidades em urbanidades periféricas" (PES-UFFS-2018-0972), que contou com a participação de estudantes voluntários do curso de Arquitetura e Urbanismo no período entre 2018 e 2021. Projeto que faz parte do grupo de pesquisa GIGRAS, Grupo Interdisciplinar em Gênero, Raça e Sexualidades, cadastrado no CNPq.

5 Esta pesquisa possui recorte identitário com lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e queers que moram em Erechim.



(AMADOR; FONSECA, 2009; OLIVA, 2005).

Nesta transição de relações entre áreas de conhecimento, mantivemos uma abordagem qualitativa na qual os métodos de coleta de informações foram definidos tanto por fontes secundárias a partir de revisão bibliográfica (sobre os temas da pesquisa e também de outras análises historiográficas e situacionais sobre Erechim) quanto por fontes primárias através do mapeamento das áreas urbanas de Erechim (STAKE, 2011). Assim, o mapeamento foi realizado através da observação não participante por meio de caminhadas e observações locais, fotografias, além de anotações em diário de campo. Tais observações objetivas e subjetivas são apresentadas neste artigo como resultado único da cartografia sobre a conformação urbana erechinense a partir de nossa análise crítica e concepção filosófica reivindicatória (CRESWELL, 2010).

O levantamento dos dados empíricos e o referencial teórico possibilitam compreender as dinâmicas da urbanidade erechinense atual para além das atividades formais do cotidiano, desvelando as relações humanas no fluxo dos desejos e prazeres. Este aspecto é fundamental para considerarmos a importância do fator tempo na validação das memórias e de fatores intencionalmente repetidos para configurar tradições e valores culturais também por meio da apropriação espacial (SANTOS, 2018).

### Corpo e espaço na articulação (pós)identitária

Entre os principais tópicos de estudos desta investigação, a relação entre o corpo e o espaço foi central para compreendermos as particularidades de comportamentos, ações e desejos atuando no fluxo da cultura material e urbana ao longo do tempo. Desse modo, na medida em que os corpos e as subjetividades são moldados com a expectativa de corresponderem em atitudes, comportamentos e decisões previsíveis para a manutenção da estrutura cis-heteropatriarcal hegemônica, a cidade é planejada com base nessas medidas de regulamentação e disciplina, as quais, junto

à constituição cultural, educacional e jurídica, determinam os modos de vida, os valores e as moralidades de tudo que deve ser aceito ou excluído nesta construção de realidade dicotômica, parcial e cíclica (VIEIRA; GROSSI, 2017; FOUCAULT, 2013; BENTO, 2006).

Assim, para a compreensão de tais fatores identitários e culturais, que perpassam a sociedade contemporânea, a relação entre corpo e espaço aponta para diferentes representações e significados relativamente visíveis e conflituosos. O corpo como meio de representar o indivíduo e a coletividade, comunicando expressões e comportamentos particulares, enquanto o espaço configurando-se como lugar de interação material e simbólica com estas corporalidades. Nem sempre essa associação é harmônica na maneira como as determinações coletivas influenciam (e precarizam) a condição de corporalidades e subjetividades nos processos sociais. Por isso, destacamos a associação das identidades com o espaço urbano e simbólico para tornar possível o reconhecimento representativo e comunicativo da interação sociocultural entre o que se torna factível e o que é obliterado.

Em geral, consideramos a importância da relação do corpo com o espaço enquanto meio de representação e performatividade, na medida em que o corpo dispõe de possibilidades de atuações neste espaço social compartilhado e, ao mesmo tempo, é limitado pela própria configuração do espaço ao permitir atuações e performances específicas para atender à macroestrutura da sociedade. Contudo, ainda que o sujeito apresente relativa liberdade de atuações individuais, seu corpo precisa atender às representações predominantes de aparência, performatividade, orientação dos desejos e comportamentos que seguem a cartilha normativa e subliminar do gênero binário e da heteronormatividade para, assim, garantir sua condição plena de existência e segurança. Caso contrário, este corpo estará sujeito ao ruído e à insegurança ao representar uma corporalidade vista como inadequada e ambígua num contexto de julgamentos morais e preconceituosos (DÍAZ HERNÁNDEZ, 2020).

Segundo Paul B. Preciado (2020a), referindo-se à contribuição do filósofo Michel Foucault para o entendimento das ações de governo da vida ou da mortalidade, o corpo é elemento central de toda ação política. Entretanto, Preciado considera que a ação política do capital espera fabricar este corpo, adestrar suas atividades laborais e condicionar seus modos de reprodução através de técnicas e dispositivos manifestados pelos meios culturais e pelas políticas públicas. Essa noção está ligada à biopolítica por considerar a racionalidade do governo da população com o efeito de homogeneizar os desejos e as corporalidades (assim como do espaço urbano) a partir do binarismo de gênero e sexualidade (PRECIADO, 2020a).

Entretanto, corpo e subjetividades pessoais são atributos carregados de singularidades (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2009). A grande maioria das pessoas dificilmente atende à imagem do corpo idealizada por processos midiáticos, biopolíticos e (re) produtivos. Embora haja um esforço para que todas as pessoas se aproximem dessa imagem, pautada pelo corpo esguio, jovem, caucasiano, monogâmico, rico e cis-heterossexual, tal atitude define o código entre a aceitação e a exclusão dos benefícios sociais, na medida em que os privilégios estão associados a estes marcadores de reconhecimento. Assim, na medida em que cada escolha é direcionada para atender a esses códigos dentro da política cis-heteropatriarcal, quase automaticamente são reforçadas as fronteiras da condição de normalidade corporal e subjetiva no contraponto com as experiências dissidentes de corpos abjetos e desprivilegiados diante do reconhecimento essencialista e ainda hegemônico da sociedade formal (TEIXEIRA, 2018; CAMPOS; MORETTI-PIRES, 2018).

Neste sentido, o corpo torna-se elemento importante de articulação com o espaço, que pode tanto alterar a dimensão física, reproduzindo e modificando os meios de sustentação material, quanto ser alterado por ele, ao refletir processos de transformação e adaptação desse corpo aos meios de vida. Essa relação entre corpo e espaço, portanto, nos revela esse jogo simultâneo de influências, resiliências e negociações. São relações fundamentais e que perpassam a relação das pessoas com o ambiente de interações e realizações dentro da cultura material. Ao mesmo tempo, revelam condições restritivas para a reinvenção dessas relações associadas entre sujeito e objeto, ou seja, do corpo como entidade singular e do espaço/discurso/objetos como meios de produção, criação e troca (SARDÁ-VIEIRA, 2022).

Ao defendermos a concepção ética de que a cidade surge para atender à diversidade humana, constatamos que o corpo se torna o ponto de partida para estabelecer as fronteiras que definem quem nós somos e, nesse sentido, situando a formação identitária com suas ações constitutivas. Ao mesmo tempo, o compartilhamento de representações e simbolismos que acolhem determinadas identidades atesta o caráter de aceitação de determinados desejos e características em detrimento de outras, que permanecem desassistidas, invisibilizadas e excluídas.

De acordo com Kathryn Woodward, “a identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades” e, dessa forma “a identidade está vinculada também a condições sociais e materiais. [Portanto,] se um grupo é simbolicamente marcado como o inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais” (WOODWARD, 2000, p. 14).

Na prática, compreendemos que as experiências de alteridade nem sempre se pautam pela convivência pacífica. Até porque as desigualdades sociais e as identidades coletivas decorrentes agravam a distribuição equitativa de recursos ocasionando disputas e conflitos de classe e raciais. Além disso, as contradições identitárias são alimentadas por visões essencialistas e distorcidas de valores morais e de relações históricas de poder. Isso ocorre não apenas para reforçar similaridades dentro de grupos identitários, mas também para justificar a discriminação com base no preconceito e distorção de fatos históricos e, assim, impor hierarquias e políticas de dominação. Literalmente, estamos tratando aqui da cultura de base racista e moralista, como processo impositivo de subordinar determinadas pessoas por sua feição étnico/racial estigmatizada, ou ainda pela misoginia ou pelo preconceito contra orientações sexuais e identidades não binárias devido à tomada de consciência e empoderamento desses grupos quando mobilizados por teorias e movimentos sociais (PRECIADO, 2020b; LERNER, 2019).

Em geral, as experiências do maior número de culturas e pessoas no mesmo local, atribuídas aos grandes centros urbanos, costumam auxiliar na compreensão de convivências sociais que tal diversidade contempla. Assim, a presença de comportamentos e corporalidades plurais em algumas áreas urbanas de grandes cidades como São Paulo e Berlim, por exemplo, costuma dispor de estabelecimentos voltados ao lazer ativo e às atividades hedonistas, ou seja, aquelas voltadas ao ócio, à contemplação despropositada e ao prazer. Porém, é comum a obtenção do prazer, inclusive os sexuais, ser negada no âmbito público e convencional das cidades. Talvez, tal noção esteja mais presente na constituição de urbanidades em pequenas e médias cidades onde a economia de usos e sentidos constituídos no espaço urbano sejam padronizados por medidas de controle, subsistência e despretensões inovadoras.

No contraste com as metrópoles, essas cidades menores costumam sustentar suas vivências através de atividades e comportamentos hegemônicos, que garantem o funcionamento de suas atividades básicas. Ou seja, são mantidas as prerrogativas da

alta modernidade, na ideia da cidade como máquina (trabalho, moradia, circulação e lazer), priorizando os interesses produtivos, disciplinares e regulatórios justificados por valores morais e tradicionais. Entretanto, tal regime suprime outros interesses singulares e intersubjetivos muito mais amplos<sup>6</sup>, evidenciando os processos de precarização e aniquilação das diferenças sociais, de maneira injusta e ainda evidentes na atualidade.

Ao caracterizarmos cidades pequenas, médias e grandes, consideramos a existência de variações espectrais e complexas, escondidas ou reveladas, todas com potencial de criação de espaços e sociabilidades que promovam o cuidado do corpo, a socialização, o encontro com outras pessoas, o romance e as práticas sexuais entre diferentes identidades, orientações e comportamentos legítimos e possíveis de serem vivenciados (HAESBAERT, 2014; COLLINS, 2006).

Sendo assim, ao tratarmos da padronização nos modos de constituir a urbanidade em pequenas e médias cidades da atualidade, nos referimos às condições de viabilidade para a representação de corpos e performatividades a partir dos limites discursivos e materiais, que condicionam relações e identidades com base no gênero e nas sexualidades (BUTLER, 2019). Portanto, tais relações de restrição à conformação da corporalidade, com seus comportamentos e expressões diversas, definem um campo de precariedades para aquelas pessoas que fogem às normativas do gênero em relação ao sexo que lhes foram estabelecidas por um senso de classificação anatômica. Ou mesmo pela manifestação do desejo sexual de acordo com convenções naturalizadas e reificadas por um sistema histórico de opressão fundamentalista.

De alguma maneira, através dos processos biopolíticos e do regramento social mantidos pela cultura do entretenimento, tais argumentos de simplificação, do que vem a se tornar viável (e ideal) para a sociedade, corresponderiam à perpetuação da condição cisgênero, heteronormativa e patriarcal, presentes na materialização de discursos e objetos, da mesma forma que vêm configurando o planejamento das cidades industriais e capitalistas ao longo da Era Moderna.

### **Cultura gaúcha, territorial e masculina**

No período contemporâneo, observamos que os valores morais defendidos por grupos conservadores e tradicionalistas estão entre os principais temas de oposição às campanhas pelos direitos humanos e por cidades mais inclusivas. Assim, destacamos nossa contextualização sobre a formação da identidade regional do homem gaúcho como parte da cultura de apropriação territorial no Sul do Brasil a partir do século XIX e reforçada como representação política e cultural do poder oligárquico e patriarcal ao longo do século XX (RIBAS, 2013).

Na busca por uma identidade típica brasileira no início do século XX, surgiram medidas políticas, pseudocientíficas e intelectuais para construir uma nova representação identitária em uma população majoritariamente mestiça. Em especial na Região Sul, para onde emigraram grandes contingentes de povos europeus (vistos como representantes da branquitude almejada) foram promovidas medidas eugênicas e aprimoramentos antropomórficos nas feições majoritariamente miscigenadas de brasileiros e brasileiras da época, vistas como inapropriadas para configurar valores estéticos e morais do país no futuro. Tanto as feições corporais como os costumes e as

<sup>6</sup> Interesses ligados, por exemplo, à redução: dos impactos ambientais, da carência de habitação de interesse social, da violência urbana e da pobreza - aspectos esses também associados à hierarquia de estratificação social e humana.

atitudes morais pretendidas teriam como referência a branquitude europeia e a virilidade masculina como parâmetro. Por isso, essas ideias viraram programas incorporados pelos Estados nas primeiras décadas do século XX, tanto no Brasil quanto em outros países ocidentais (FLORES, 2007).

Sob esse entendimento de racismo e virilização do povo brasileiro<sup>7</sup>, a manutenção do patriarcado sob o amparo da burguesia requereu (e ainda requer) o protagonismo da figura masculina como eixo de sua articulação, principalmente, em se tratando de valores ideológicos mais tradicionais. Assim, na ocupação ainda pouco efetiva do território rio-grandense, relativamente distante dos centros geopolíticos do país (como São Paulo e Rio de Janeiro), de certa forma, foram criadas condições propícias para a constituição de uma cultura regional associada à figura emblemática do “homem campeiro”. Nesta corporificação, os traços de masculinidade são realçados pelo vínculo deste sujeito com o trabalho pesado do campo e pelo domínio da natureza, resgatando deste modo a essência da masculinidade que estaria perdida (BILHALVA; RODRIGUES, 2019).

Em complemento, para Liza Bilhalva e Marta Bonow Rodrigues (2019, p. 339), os elementos associados ao árduo trabalho campeiro nos pampas gaúchos e às exigências relativas ao esforço físico corporal dessas atividades (e performatividades) são “elementos necessários para a formação ontológica desses homens”, definindo de maneira mais ampla para a cultura regional as bases de uma unidade regional identitária sul-americana e cis-heteropatriarcal, mantendo-se em conformidade com os ideais políticos em vigor no país.

Ao mesmo tempo em que é formado o sujeito da cultura regional rio-grandense, surgem as políticas públicas de territorialização do interior do país e o controle das regiões de fronteira com outros países sul-americanos. Nesse processo, são mobilizados esforços para a expansão do território e a fundação de novas cidades interioranas, que coadunam com a utopia da modernidade pautada pela regulamentação de sociedades tradicionais, trabalhadoras e reprodutivas. Sociedades essas distintas das diásporas étnicas/raciais presentes entre os povos latino-americanos e dos comportamentos e corporalidades vistos como não representativas da feição esperada para o povo brasileiro.

Portanto, a expansão da cultural gaúcha, dominada por um sujeito masculino, foi mantida como base cultural de toda a região Sul do Brasil, com destaque para as regiões interioranas dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina<sup>8</sup>. Segundo João Vicente Ribas (2013), ao longo do século XX é produzida uma bricolagem da identidade gaúcha em sua origem nos pampas que passa a ser incorporada em mesorregiões como a de Passo Fundo, onde se incorpora o imaginário das tradições gaúchas como identidade local a partir dos meios de divulgação cultural, como o cinema, as canções populares e os eventos tradicionalistas. O autor ainda compara a construção da identidade do *cowboy* norte-americano pela indústria cinematográfica como manutenção identitária de processos contingentes de construção de valores

<sup>7</sup> Segundo Maria Bernardete Ramos Flores, os discursos em prol da virilização, como reação contrária a feminização da cultura no início do século XX, refletem uma crise de masculinidades diante do movimento feminista, da arte moderna, da inserção das mulheres no trabalho fabril e da maior problematização da homossexualidade. Além do Brasil, tais aspectos ocorreram em toda a Europa, Estados Unidos e América Latina (FLORES, 2007).

<sup>8</sup> Destacamos a incorporação da cultura gaúcha nas regiões interioranas do RS e SC ao longo do século XX devido à concomitância de consolidação dessas localidades e áreas urbanas com esta tradição dominante (considerando as tradições dos povos indígenas), enquanto nas cidades litorâneas, ocupadas nos séculos anteriores, outras culturas (e subculturas) já se faziam presentes, além da própria incorporação da identidade gaúcha.



regionais. Em ambos os casos, portanto, confirma-se a centralidade do sistema de dominação identitário-corporal onde a masculinidade precisa ser constantemente reafirmada e ressignificada para a manutenção do patriarcado e do sistema de expansão e exploração territorial (BUTLER, 2019; LERNER, 2019).

Na atualidade, entre os estudos que apontam a configuração de regimes masculinistas na somatização de noções generificadas de poder, Alexandre Bortolini (2022) enfatiza a articulação histórica da dominação masculina com o conservadorismo na constituição de representações produzidas e organizadas dentro do próprio funcionamento do Estado e do sistema político e social. Ainda, para o autor:

Essas produções nos ajudam a compreender o papel das disposições de gênero e sexualidade na consolidação de formas dominantes de representação do poder no Brasil, que definem a política como o exercício autoritário e violento de um pequeno grupo de homens sobre grandes massas feminizadas e racializadas, cristalizando uma associação entre poder e masculinidade, com marcas evidentes de raça e classe. Noção cristalizada no imaginário coletivo a partir do efetivo exercício do poder nestes termos e por esses sujeitos ao longo da nossa história e sedimentada institucionalmente em formas autoritárias, exploratórias e excludentes de governo (BORTOLINI, 2022, p. 95).

Concentrando nossa análise na região norte do estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente, na mesorregião de Erechim, queremos destacar o quanto a construção do território e da urbanidade local está alicerçada nesta cultura regional de perpetuação das políticas cis-heteropatriarcais, de dominação masculina, e que contribuiu na implantação da moderna racionalidade expansionista (e no controle antidemocrático) em segmentar as diferenças étnicas, comportamentais e corporais (vistas como indesejáveis por uma elite branca, cisgênero e heteronormativa) para justificar políticas de restrição, exclusão e aniquilamento de outras corporalidades e representações socioculturais (PEREIRA; VIEIRA, 2020; FLORES, 2007).

Figura 2 - Vista panorâmica do Vale do Dourado no perímetro urbano norte de Erechim. Fonte: Leandro InfoSat Hobby, 2020. Disponível em: <https://i.ytimg.com/vi/Nk61acH6r9M/maxresdefault.jpg>. Acesso em: 02 abr. 2022.

## Contextualização urbana e regional de Erechim

Erechim é uma média cidade brasileira com 106.633 habitantes (IBGE, 2020), localizada na região norte do estado do Rio Grande do Sul, onde predominam paisagens de pequenas e médias cidades mescladas com grandes áreas de matas e campos voltados à produção agrícola (Figura 2).

Sua fundação teve início como colônia de imigrantes em 1908, para expandir a ocupação interiorana do território brasileiro no sentido oeste, em contraponto às áreas mais densamente ocupadas da faixa litorânea no limite com o Oceano Atlântico.

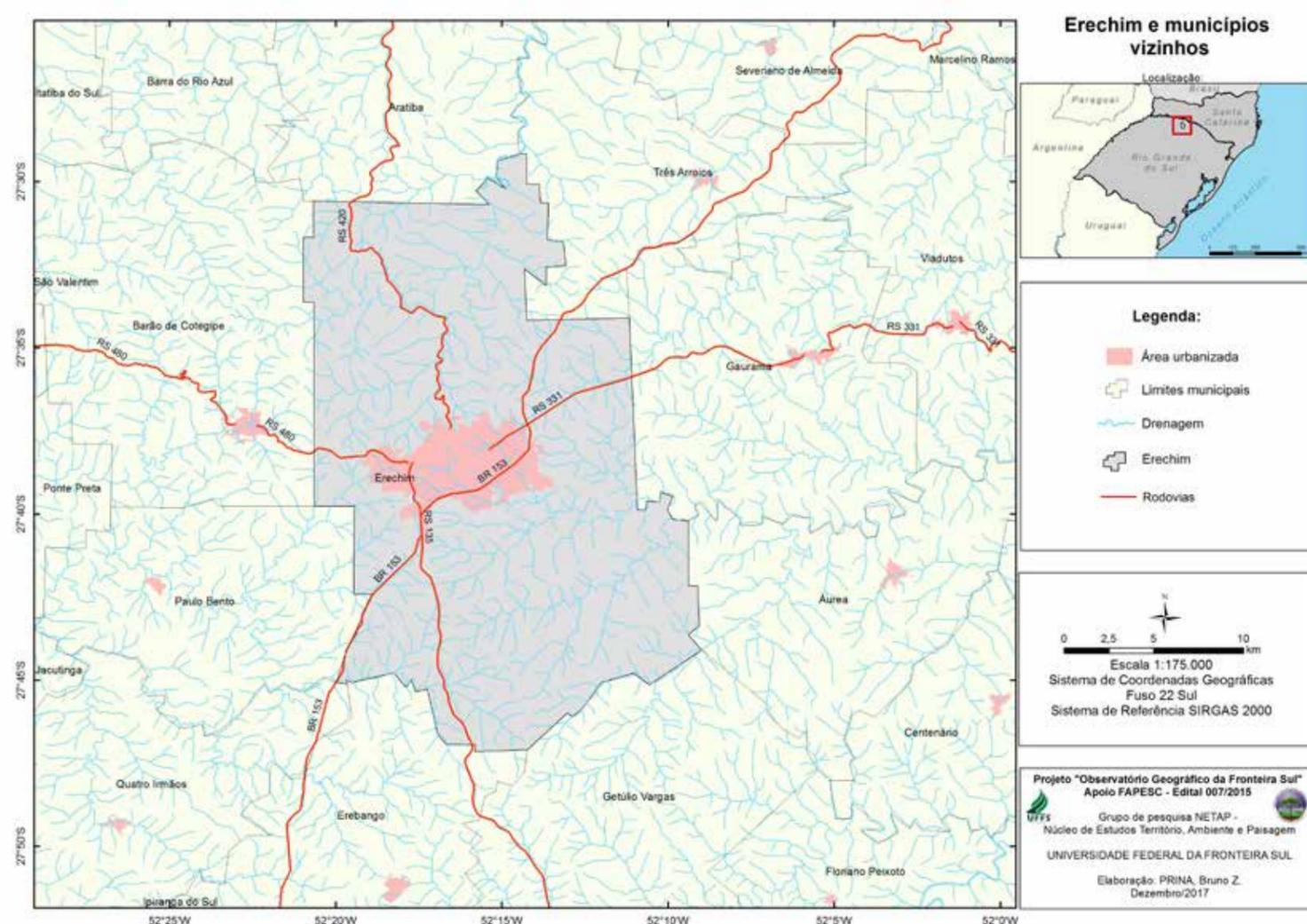
A cidade apresenta conformação urbana consolidada na atualidade a partir do planejamento iniciado no início do século 20 (mais exatamente em 1914), que foi crescendo para conformar a urbanidade atual. A proposta de planejamento que valoriza o traçado das vias, definindo sua malha xadrez regular entrecortada por avenidas diagonais, surgiu pela referência dos principais planos urbanísticos da modernidade e de outras cidades brasileiras, como Belo Horizonte, representativas do estado republicano brasileiro (FÜNFGELT, 2004).

O crescimento de Erechim e os novos loteamentos imprimiram uma nova ordem formal fora daquela quadriculada de origem, sem necessariamente adaptarem-se às irregularidades topográficas e às próprias limitações ambientais. Assim, do traçado original são mantidas as vinculações geométricas do zoneamento e a continuidade dos principais eixos viários na ligação entre os diferentes bairros e na conformação integrada de sua ocupação urbana.

Na relação com outras localidades, Erechim é considerada a capital da microrregião do Alto Uruguai, que reúne 32 municípios. Boa parte desses municípios, que têm esta cidade como referência de comércio e serviços disponíveis em área urbana, é formada por cidades pequenas e de baixa complexidade. No âmbito da mesorregião Grande Fronteira do Mercosul, os dois municípios de maior conformação e proximidade são Passo Fundo/RS e Chapecó/SC, ambos distantes de Erechim não mais do que 100 quilômetros. Em relação às capitais da região Sul do Brasil, Erechim está a 370 km de distância de Porto Alegre, a 500 km de Florianópolis e a 480 km de Curitiba, com trajetos que duram entre seis e doze horas de viagem por rodovias.

Essas ligações rodoviárias ocorrem, principalmente, pela BR-153 (ligando norte e sudoeste), pela saída norte através da RS-420, saída leste pela RS-331, saída sudeste pela RS-477, saída sul pela RS-135 e saída oeste pela RS-211 e BR-480 (Figura 3). Para as entradas e saídas da cidade, portanto, predomina o transporte automobilístico como meio de escoamento de produtos e circulação de pessoas, que se revela predominante também no contexto regional, onde a estrutura ferroviária, o tráfego aéreo e o transporte fluvial deixam de oferecer amplos recursos de deslocamento e abastecimento para a grande maioria da população, além de empresas e instituições públicas (VIEIRA, 2019; GIARETTA, 2008).

Ainda que Erechim seja uma referência urbana importante para a região norte da fronteira sul rio-grandense, queremos destacar o seu caráter regional periférico em relação a outras cidades de maior porte e consolidação urbana. Tal situação define certo isolamento geográfico e cultural de Erechim e outras cidades regionais (inclusive, reforçando as referências culturais e urbanas com Passo Fundo e Chapecó, entre as principais cidades da porção oeste da região Sul brasileira) com relação aos principais centros urbanos da região Sul, como Porto Alegre e Curitiba, e da mesma forma com outras regiões brasileiras e países vizinhos.



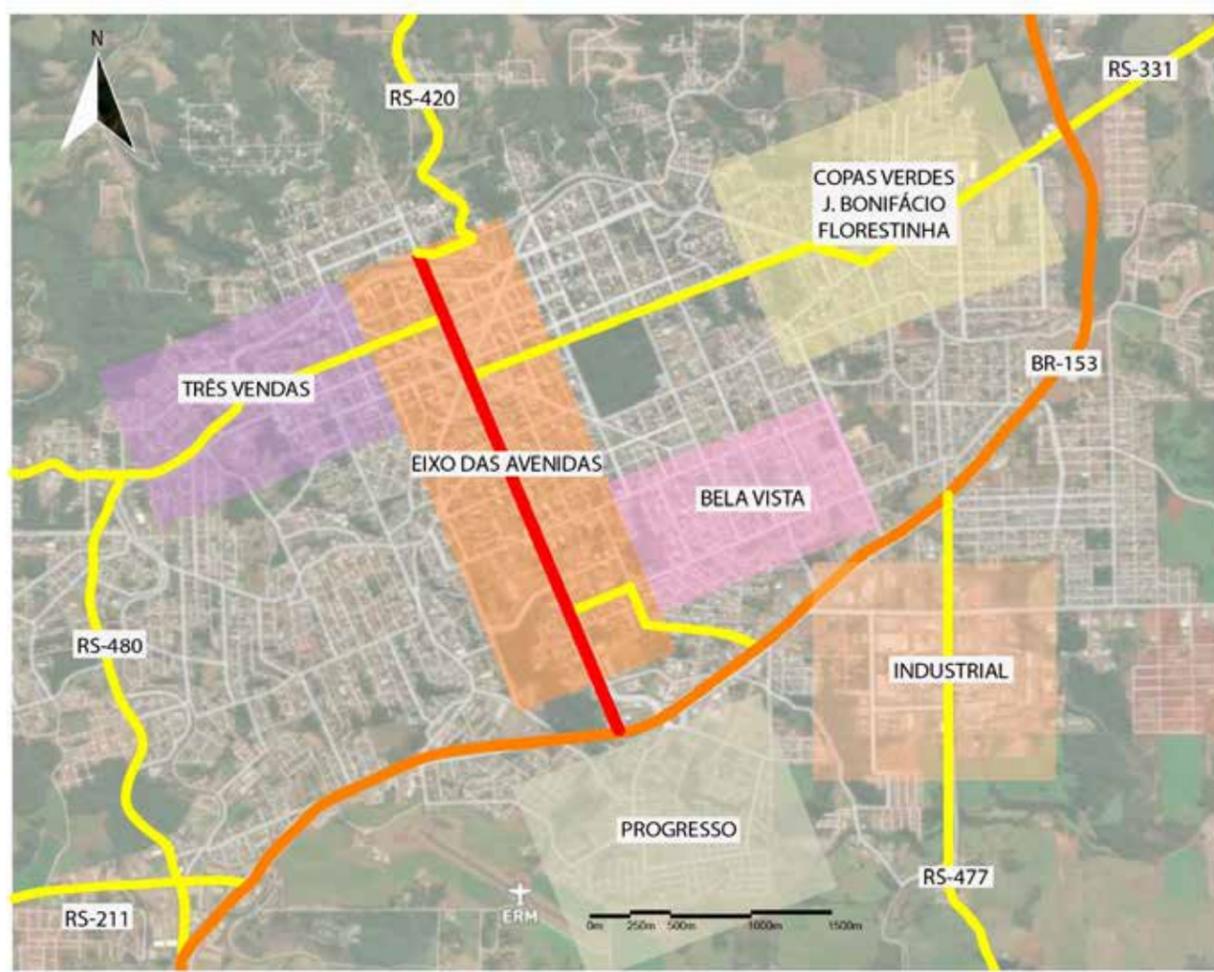
Tal isolamento é evidenciado no sentido das trocas materiais de abastecimento e escoamento de produção, na implantação de recursos de infraestrutura e na mobilidade da população ao entrar e sair da cidade por meio do transporte automobilístico. Ressaltamos, ainda, que os fluxos e as dinâmicas por meio dessas ligações rodoviárias são distintos daquelas localizadas próximas às metrópoles e nos sistemas modais da faixa litorânea brasileira. Ou seja, nos processos de troca e comunicação, representados por pessoas (pesquisadores, técnicos e turistas), objetos e discursos, Erechim tende a ficar distante do contato em primeira mão das novidades promovidas e produzidas pelas dinâmicas urbanas de áreas mais centrais, onde se concentra um maior número de pessoas e riquezas (LYNCH, 2015). Exceções talvez estejam presentes no desenvolvimento de áreas de produção econômica e pesquisas proeminentes localizadas em Erechim e região, como nas indústrias de produção de alimentos de origem animal e no agronegócio, na medida em que mobilizam ações e comunicações específicas. Contudo, tais limitações físicas e culturais repercutem de maneira ampla em todos os segmentos sociais.

Embora se defina como área urbana consolidada e com características específicas, os aspectos socioculturais e os meios de produção permanecem como parte do sistema de reprodução de valores e comportamentos que, de certa forma, se encontram atrelados muito mais na manutenção de atividades econômicas primárias (de produção agroindustrial e matéria-prima) do que na oferta de serviços e consultorias especializadas, que não sejam para atender apenas à própria região. Tais aspectos, portanto, definem uma certa estagnação do município quanto às atividades voltadas à diversidade cultural e de lazer<sup>9</sup>, isto é, todas aquelas não relativas aos processos

9 Diferentemente de cidades próximas como Passo Fundo/RS e Chapecó/SC, que apresentam mais

Figura 3 - Ligação de Erechim com municípios vizinhos através de rodovias. Ao centro (polígono irregular rosa) está a malha urbana erchimense. Fonte: Projeto "Observatório Geográfico da Fronteira Sul", UFFS, 2017. Disponível em: <https://observatoriogeouffs.files.wordpress.com/2018/02/erechim-e-municipios-vizinhos.jpg>. Acesso em: 02 abr. 2022.

Figura 4 - Mapa esquemático de análise dos pontos de referência e localizações na malha urbana de Erechim. Destaque para a área central (retângulo laranja) atravessada pelo eixo das avenidas (linha vermelha). Acervo dos autores, 2022.



- LEGENDA**
- 1 Eixo das Avenidas
  - 2 Prefeitura Municipal
  - 3 Praça da Bandeira
  - 4 Catedral São José
  - 5 Comércio: Rua Alemanha
  - 6 Viaduto Rubem Berta
  - 7 Comércio: Rua Nelson Ehlers
  - 8 Hospital de Caridade de Erechim
  - 8 Parque Longines Malinowski

econômicos (pós)industriais.

Sendo assim, mesmo como polo para outras pequenas cidades da região do Alto Uruguai, observamos em Erechim um certo distanciamento regional no tempo e no espaço em relação à produção e ao consumo de novas tendências estéticas, culturais e tecnológicas. Ao mesmo tempo, existe uma desaceleração na renovação de discursos e valores simbólicos coletivos associados aos pensamentos, comportamentos e expressões identitárias, que surgem, muitas vezes, como movimentos de vanguarda em grandes cidades e áreas metropolitanas, tanto no Brasil quanto no mundo. Talvez, essa distância que separa o cotidiano da cidade do lançamento de novas ideias só não é maior devido aos meios de comunicação digital e midiático, que tornam possível acessar as informações de maneira simultânea entre todos os territórios brasileiros e internacionais. Ainda assim, estes aspectos tecnológicos que aproximam a comunicação das pessoas com as novas informações e conhecimentos, muitas vezes, permanecem isolados entre interesses particulares, sem alterar substancialmente os modos de vida, os meios de produção e as políticas públicas.

Portanto, mesmo que o aumento de informações nem sempre represente qualidade de apreensão, a diversidade de discursos, produtos e atividades enquanto oferta de novas experiências a serem contempladas pelas pessoas, essa carência qualitativa influencia na conformação das dinâmicas urbanas do cotidiano erechinense, nas

oportunidades culturais e lazer acumulados nos últimos 30 anos, Erechim mantém atualmente poucos eventos culturais e opções de lazer, estas últimas muito associadas aos estabelecimentos comerciais. De qualquer forma, é importante ressaltar que toda a região noroeste do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina possuem características majoritariamente mais conservadoras no âmbito de tradições culturais, patriarcais e reprodutivas, ou seja, na dependência acrítica dos meios de vida dominantes na cultura colonial e ocidental, assim como na comodidade de comportamentos e desejos neoliberais ainda voltados à reprodução da prole (para adestrar trabalhadores e consumidores) e da dependência econômica.

interações sociais e no nível de satisfação da população. Contudo, sabemos que nem sempre a promoção de autonomia da população e a oferta de modos de vida alternativos (mais baratos, funcionais e ecológicos) são propostas bem-vindas diante da visão de políticas sociais ainda voltadas à disciplina moral e ao condicionamento dos prazeres (COLLINS, 2006).

### Segmentações urbanas e heterotopias erechinenses

Partindo deste macroentendimento da contextualização urbana de Erechim, nossa investigação teve como foco identificar quais seriam as experiências e ocupações espaciais de grupos e pessoas dissidentes<sup>10</sup> e seus efeitos de ocupação disruptiva com o espaço urbano formal, enquanto cidade de característica geográfica periférica e cultura majoritariamente conservadora. Porém, ao focarmos primeiramente nas relações sociais com os espaços públicos observamos que nem sempre tais manifestações de insurgência tornam-se visíveis. Assim, na medida em que também direcionamos nossa atenção para as áreas mais periféricas e para os estabelecimentos privados, que atendem a grupos e coletividades, constatamos que os limites da condição cis-heteropatriarcal tornam-se relativos a partir de experiências e convivências heterotópicas e particulares (Figura 4).

A heterotopia é um conceito apresentado por Michel Foucault e refere-se à criação de um modo de vida particular em uma determinada geografia e espacialidade. Esse modo de

<sup>10</sup> Consideramos aqui como grupos e pessoas dissidentes, justamente, aquelas que não se adequam às políticas morais e comportamentais conservadoras de base cis-heteropatriarcal, da mesma forma que as consciências que buscam maior diversidade de informações e conteúdos pouco presentes devido ao relativo isolamento geográfico e cultural de Erechim.

Figura 5 - Vista panorâmica da área central de Erechim com alguns pontos de referência. Disponível em: <https://www.pmerechim.rs.gov.br/uploads/notices/7476/6e56b409f2a7178022505e1862cdctf14.jpg>. Acesso em: 02 abr. 2022. Adaptado pelos autores, 2022.

vida pode surgir de grupos identitários, de novos hábitos e de relações sociais. Pode se definir também por um campo de valores simbólicos desassociados da função original para a qual se destinaria a condição material desta localidade. Portanto, diferente da utopia, que é relativa à expectativa de se chegar em uma condição de lugar não existente, a heterotopia refere-se a processos particulares de adaptação criativa do espaço para novos significados de ocupação (SILVESTRI, 2014; FOUCAULT, 2013).

Em nossas análises através de incursões urbanas, observamos que a cidade apresenta sua ocupação bastante segmentada entre classe social, raça e disciplinas de comportamentos nas áreas públicas. A constituição da malha urbana de origem, com sua geometria em grelha e amplas avenidas, configura as áreas mais valorizada do território, principalmente, na porção leste do Centro, onde a topografia é mais regular e as cotas são mais altas. A partir deste território central (e ainda mantendo as características do traço reticulado na continuidade das ruas e avenidas) estão os bairros e localidades transitórias na relação com as áreas expandidas da cidade e mais distantes do Centro e dos principais equipamentos urbanos, como hospitais, prefeitura, igreja matriz e centros comerciais (Figura 5). Na sequência radial dessa transição, por fim, surgem os bairros e ocupações periféricas, que delimitam novas dinâmicas sociais e limites de ocupação junto ao perímetro urbano.

Voltando para a área central, na continuidade Sul do eixo da Avenida Maurício Cardoso está a Avenida Sete de Setembro, a partir da qual são mantidos importantes estabelecimentos e pontos de expansão da cidade, assim como é ampliada a malha urbana quadriculada. Porém, saindo da Avenida Sete de Setembro as dinâmicas sociais e os investimentos materiais decorrentes são reduzidos na conformação de lugares mais específicos, principalmente dando lugar às quadras e edifícios residenciais. Alguns bairros próximos desse eixo reproduzem a geometria do traçado e servem de endereço para outros equipamentos urbanos importantes, como é caso do bairro Bela Vista, onde se localizam a Rodoviária e o Fórum, e o Fátima, onde se localizam o Seminário Nossa Senhora de Fátima e a Universidade Comunitária URI, que agregam grande movimento de pessoas e atividades em seus terrenos com ampla implantação e relativa permeabilidade com os logradouros públicos. Por todas essas localidades observamos grande movimento de pessoas nas ruas representando os grupos mais privilegiados e mais afins aos valores patriarcais e cis-heteronormativos.

Já na porção oeste do perímetro urbano está o bairro Três Vendas, que em nossa análise se refere ao bairro mais autônomo em relação ao Centro. Isso acontece, em parte, devido à sua separação quanto ao alinhamento a partir do eixo das avenidas, fazendo com que o Três Vendas estabeleça na sua conformação linear e orgânica um outro eixo de deslocamento e outros pontos de referência, que funcionam como âncora na dinamização de sua estrutura de deslocamentos. Assim, na medida em que o bairro define uma das rotas de acesso da cidade, pela BR-480 (que leva ao Rio Uruguai, na fronteira com o Estado de Santa Catarina), mantém o fluxo desta passagem entre o Centro e o espaço periurbano, gerando vínculos específicos entre os moradores. De qualquer forma, se mantém como bairro mais voltado às atividades laborais e residenciais do que à oferta de locais para o lazer e o tempo livre.

Já os bairros mais afastados da área central, como o Florestinha, Copas Verdes, José Bonifácio e o Progresso, representam outra configuração socioespacial de Erechim, na medida em que abrigam boa parte da população negra, estigmatizada pela pobreza e pelo racismo estrutural. Desse modo, na medida em que na área central encontramos corporalidades e identidades representativas da branquitude, classe média/alta, nestes principais bairros periféricos estão as diásporas de corpos mestiços, da precariedade, da violência e dos comportamentos mais desviantes para a ordem moral hegemônica (Figura 6). Portanto, o que notamos como estratificação social entre brancos e negros,



ricos e pobres, civilizados e “anormais” apresenta-se relativamente marcado pela hierarquia de territorialização do espaço, tendo o eixo central como marco zero, a partir do qual vai decrescendo o valor estabelecido tanto à porção do solo e da materialidade urbana quanto ao caráter simbólico associado às pessoas, nos seus modos de vida e corporalidades<sup>11</sup>.

Enquanto nos bairros predomina a atividade residencial, as atividades de lazer (diurno e noturno) costumam ser mais intensas na área central de Erechim. Boa parte delas estão vinculadas a estabelecimentos comerciais e privados, localizados próximos ao eixo das avenidas (Maurício Cardoso e Sete de Setembro), por ser o ponto de maior movimento de público e acessos, articulando a centralidade da malha urbana da cidade. Assim, neste eixo está o maior valor agregado aos investimentos públicos e imobiliários e o caráter simbólico e intersubjetivo da paisagem urbana central de Erechim. Os pontos de encontro como áreas livres públicas, praças, terminal de ônibus, postos de gasolina e demais logradouros desta área misturam-se aos pontos comerciais como bares, restaurantes e danceterias, lojas comerciais, escritórios e também residências. Os principais estabelecimentos procurados para o lazer, portanto, encontram-se, assim, concentrados na avenida Maurício Cardoso e nas ruas transversais, como as ruas Alemanha, Argentina e Bento Gonçalves. Contudo, a maioria das locações é voltada para a porção do lado oeste da avenida Maurício Cardoso, principalmente no cruzamento desta com as ruas Argentina e Joaquim Brasil Cabral. A topografia acidentada, a amplitude da dimensão pública através dos eixos viários e a marcação cruzada entre Viaduto e Linha Férrea criam um importante marco espacial central como referência para as dinâmicas urbanas nesta área. Em especial, para as atividades voltadas ao lazer e ao ócio este é o ponto de articulação combinado pelo alto fluxo de mobilidade e abertura visual na paisagem (PEREIRA; VIEIRA, 2020).

Alguns locais voltados a atividades mais clandestinas, como venda de drogas e prostituição também se encontram próximos do eixo central da malha urbana e costumam estar associados com locais de difícil acesso, visualização ou pelo menor movimento de pessoas e veículos em suas proximidades. Por exemplo, em pontos mais

<sup>11</sup> Ainda que esta pesquisa não dê conta da complexidade de cada um dos bairros e das singularidades existentes na cidade, é possível percebermos os reflexos da representação do preconceito e do racismo estrutural decantado na organização urbana de Erechim, que delimita sua centralidade privilegiada no contraste com o ostracismo dos lugares de convívio nas áreas periféricas.

Figura 6 - Fotografias na escala do pedestre coletadas durante o levantamento de campo. Localidades fora da área central de Erechim-RS. Acervo dos autores, 2019.

isolados de quadras devido à alta declividade topográfica, ou pela falta de iluminação noturna nos logradouros e terrenos baldios, além de espaços residuais localizados ao final de ruas sem saída, próximos de escadarias, às margens da linha férrea ou, ainda, nas imediações do Viaduto Rubem Berta. Tornam-se, desse modo, locais estratégicos para a subversão das normas sociais e também para associações com o crime e a violência.

De qualquer forma, algumas poucas áreas fora do eixo central costumam ser ocupadas eventualmente para a promoção de encontros, no compartilhamento de experiências comuns vinculadas ao lazer, à sociabilidade e, até mesmo, ao prazer sexual. Como heterotopias felizes e sem efeitos colaterais negativos para a sociedade. São vivências de ocupação transitória que, indubitavelmente, agenciam os limites da ocupação alternativa e da ação política no espaço público ao driblar as condições de formalidade do planejamento, o controle compulsório do policiamento e as tentações do consumismo como modo de vida. Em outras palavras, tratam-se de ocupações efêmeras de espaços vazios (no limite do perímetro urbano erechinense) realizadas por grupos de jovens de diferentes classes sociais, orientações e identidades que agenciam suas condições de ocupação para performar novas experiências. Ou seja, são grupos e indivíduos singulares, não necessariamente vinculados às representações identitárias das áreas centrais de Erechim e que descobriram no vazio estratégico de canteiros urbanos a possibilidade de viabilizar suas experiências (inter)subjetivas com distanciamento espacial e recriar suas condições de lazer e prazer em áreas abertas e longe do controle panóptico da moral e dos bons costumes da ideologia cis-heteropatriarcal.

Por fim, tais ocupações atualmente ocorrem pelo menos em três áreas distintas da cidade<sup>12</sup>. São amplos terrenos em fase de construção a serem loteados. Para viabilizar tais ocupações, os terrenos contam com infraestrutura básica de ruas e, em alguns casos, iluminação, mas permanecem vazios e acessíveis pelo sistema viário adjacente, de áreas limites e relativamente vinculadas ao perímetro urbano (HAESBAERT, 2014). Nessa configuração singular da prática do desvio, o público ocupa o espaço tanto a pé quanto motorizado, na intenção de promover encontros, ouvir música e utilizar a dimensão física destes vazios urbanos para o isolamento de suas práticas e prazeres particulares.

## Conclusão

Na medida em que alguns corpos se tornam visíveis no rompimento com as normas reconhecidas pelos grupos sociais, de alguma maneira estão desenvolvendo experimentações de sobrevivência que relativizam os valores estabelecidos e, nem por isso, estáveis e completos. Mais do que sobreviver, é possível considerarmos que estes corpos e desejos dissidentes estabelecem novos parâmetros de vivenciar a cidade e, nesse fluxo subversivo, estabelecem também outras políticas e estéticas de existência para a reconfiguração do que é definido enquanto cultura material e urbana no contexto atual de incertezas políticas e autoritárias regendo o futuro das cidades brasileiras.

De maneira geral, a constituição dos resultados cartográficos desta publicação contribui para compreendermos as condições urbanas de cidades médias como Erechim em

<sup>12</sup> Optamos por não divulgar estas áreas em mapas, fotografias e por descrições mais detalhadas sobre sua localização como medida de proteção às pessoas e identidades LGBTQ participantes destas ocupações efêmeras.

intersecção com as vivências de pessoas autoidentificadas como lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e queers. A caracterização do contexto periférico de Erechim e da mesorregião onde a cidade se insere reflete condições de isolamento com outras localidades de produção cultural e artística de maior fomento à diversidade de estilos de vida e comportamentos, tão fundamentais para o desenvolvimento humano, a inovação e a criatividade. O que influencia na oferta do direito à cidade para todas aquelas pessoas, muitas vezes, excluídas da representação pública e urbana devido à sua dissidência pela performatividade e expressão de gênero ou pela sua orientação sexual não hegemônica e, assim, mantidas no isolamento e invisibilidade.

Tal condição de isolamento se reflete na ausência de corpos e performatividades plurais a serem representados no espaço urbano erechinense. Ainda que diferentes identidades e sexualidades participem das dinâmicas sociais, mesmo que em suas privacidades elas costumem ser coibidas de se manifestarem publicamente. Em especial, nas áreas mais centrais e espetaculares, atendidas pelos melhores investimentos de infraestrutura urbana, a presença de corpos dissidentes é pontual e não caracteriza relações cinestésicas (enquanto percepções obtidas pelo movimento do corpo com o espaço) de apropriação efetiva na medida em que estão sujeitas à violência e à injúria provocadas pelos representantes morais das classes mais ricas, brancas e cis-heterossexuais. Ao mesmo tempo, nessa configuração de subjetividades coletivas, a dominação masculina é marcante na apropriação da cidade. Observamos esse caráter tanto na demarcação das áreas de trabalho e mobilidade urbana quanto na designação das áreas de lazer, em especial, do lazer noturno (PEREIRA e VIEIRA, 2020). Assim, da mesma maneira que a cidade se constrói por meio de regulamentações sociais e relações hierárquicas da dominação masculina, branca e cis-heteropatriarcal, as vivências dissidentes apresentadas por pessoas LGBTQ permanecem clandestinas, periféricas ou precarizadas pela impossibilidade do reconhecimento de seus corpos e suas estéticas de existência, assim como são restringidas ao direito de viver a cidade com liberdade, dignidade e segurança (GEA; BARRETO; MOREIRA, 2019; CAMPOS; MORETTI-PIRES, 2018).

Enfim, tal compreensão diz respeito aos limites da regulamentação social na administração dos espaços em Erechim para disciplinar desejo e subjetividades a partir de valores morais e hierarquias sociais e dos subterfúgios para fugir desta ordem. Ou seja, enquanto a área central representa a utopia de corpos e cenários idealizados, nas áreas periféricas estão os corpos clandestinos e os espaços heterotópicos, que tornam possíveis e legítimas as experiências únicas de desvio e errância.

## Referências

AMADOR, Fernanda; FONSECA, Tânia Mara Galli. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa - considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 6, n. 1, p. 30-37, 2009.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BILHALVA, Liza. RODRIGUES, Marta Bonow. "O trabalho vai ser alimento pra prolongar um pouquinho mais a vida: envelhecimento, masculinidade e trabalho no Pampa Sul-riograndense". *Iluminuras*, v. 20, n. 49. Porto Alegre: UFRGS, p. 338-355, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/89717/pdf>. Acesso em: 02 abr. 2022.

BORTOLINI, Alexandre. Militarização das escolas e avanço reacionário: uma perspectiva de gênero. *Diversidade e Educação*, v. 9, n. 2, p. 92-119, 2022. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/13508>. Acesso em: 02 abr. 2022.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam*: os limites discursivos do “sexo”. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: N-1 Edições; Crocodilo Edições, 2019.

CAMPOS, Dalvan Antonio de; MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio. Trajetórias sociais de gays e lésbicas moradores de rua de Florianópolis (SC), 2016. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 2, 2018.

COLLINS, Alan (ed.). *Cities of pleasure*. Sex and the urban socialscape. London; New York: Routledge, 2006.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). *História do corpo*: As mutações do olhar. Tradução e revisão de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Volume 3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa*: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Magda Lopes. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DÍAZ HERNÁNDEZ, José Andrés. Cuerpos, signos y espacios: sobre la arquitectura panóptica de la segregación urinaria. *RELIES, Revista del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades*, n. 3, p. 5-30, 2020. Disponível em: <https://www.upo.es/revistas/index.php/relies/article/view/4904>. Acesso em: 02 abr. 2022.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Tecnologia e estética do racismo*: ciência e arte na política da beleza. Chapecó: Argos, 2007.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

FÜNFELT, Karla. *História da paisagem e evolução urbana da cidade de Erechim-RS*. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

GEA, Karina Dia; BARRETO, Letícia Cardoso; MOREIRA, Lisandra Espíndula. O direito à cidade “no truque”: as resistências das trabalhadoras sexuais travestis e transexuais no bairro Santa Branca em Belo Horizonte. *URBS, Revista de Estudios Urbanos y Ciencias Sociales*, Universidad de Almería, Almería, v. 9, n. 1, p. 57-71, 2019.

GIARETTA, Jane Gorete Seminotti. *O grande e velho Erechim*: ocupação e colonização do povoado de Formigas (1908-1960). 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2008.

HAESBAERT, Rogério. *Viver no limite*: território e multi/transterritorialidades em tempos de in-segurança e contenção. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

IBGE, *Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2020*. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2020. Online. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/erechim.html>. Acesso em: 02 abr. 2022.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado*: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LYNCH, Kevin. *A boa forma da cidade*. Tradução de Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho. Lisboa: Edições 70, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Disciplinaridade, interdisciplinaridade e complexidade. *Revista Emancipação*, Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, p. 435-442, 2010.

OLIVA, Alberto. *Anarquismo e conhecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

PEREIRA, Luiz Eduardo Minks; VIEIRA, Marcos Sardá. Lazer, gênero e sexualidades no espaço urbano central de Erechim. *Indisciplinar*, v. 6, n. 2, p. 300-325, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/29042/23146>. Acesso em: 02 abr. 2022.

PRECIADO, Paul B. Aprendiendo del virus. In: AMADEO, Pablo (ed.). *Sopa de Wuhan*: pensamento contemporâneo em tiempos de pandemias. [Ebook]. Editorial ASPO. p. 163-185, 2020a.

PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano*: crônicas da travessia. Tradução Eliana Aguiar. Prefácio Viginie Despentès. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020b.

RIBAS, João Vicente. A representação municipal do Gaúcho de Passo Fundo. *Revista Latino-Americana de História*, São Leopoldo/RS: Unisinos, v. 2, n. 7, p. 345-361, 2013. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/351/251>. Acesso em: 02 abr. 2022.

SANTOS, Marinês Ribeiro dos. Gênero e cultura material: a dimensão política dos artefatos cotidianos. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 1, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2018000100300&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000100300&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 02 abr. 2022.

SARDÁ-VIEIRA, Marcos. Identidades contingentes e cultura material na pós-modernidade. *Grifos*, Chapecó: Unochapecó, v. 31, n. 55, p. 23-42, 2022. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/view/6135>. Acesso em: 02 abr. 2022.

SILVESTRI, Graciela. Las heterotopias felices. *ANALES DEL IAA*, Buenos Aires, v. 44, n. 1, p. 15-31, 2014. Disponível em: <http://www.iaa.fadu.uba.ar/ojs/index.php/anales/article/view/129/117>. Acesso em: 02 abr. 2022.

STAKE, Robert E. *Pesquisa qualitativa*: estudando como as coisas funcionam. Tradução: Karla Reis. Revisão técnica: Nilda Jacks. Porto Alegre: Penso, 2011.

TEIXEIRA, Marcelo Augusto de Almeida. *Paisagens “sócio-sexuais” de Brasília*: o caso da W3 Norte. Urbana. Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade, Campinas, v. 10, n. 3(19), p. 527-545, 2018.

VIEIRA, Marcos Sardá (org.). *Panorama do espaço público em Erechim*. Palhoça: Editora Unisul, 2019.

VIEIRA, Marcos Sardá; GROSSI, Miriam Pillar. Sujetos invisibles, urbanidad inexistente. In: COZZI, Galia; VELÁZQUEZ, Pilar (coord.). *Desigualdad de género y configuraciones*

*espaciales*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2017. p. 135-149.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7-72.

# LEITURA CRÍTICA DO TERRITÓRIO EM UM CONTEXTO NÃO METROPOLITANO MERIDIONAL

## Os conflitos em torno da produção do espaço habitado na Macrorregião do São Gonçalo em Pelotas/RS

*CRITICAL READING OF THE TERRITORY IN A NON-  
METROPOLITAN SOUTHERN CONTEXT*

*Conflicts around the production of inhabited space in the São  
Gonçalo Macroregion in Pelotas/RS*

*Flávia Pagnoncelli Galbiatti<sup>1</sup>, André de Oliveira Torres  
Carrasco<sup>2</sup>, Luiza Maia Fagundes<sup>3</sup>, Nirce Saffer Medvedovski<sup>4</sup> e  
Rodolfo Barbosa Ribeiro<sup>5</sup>*

### Resumo

O presente trabalho apresenta um exercício de leitura crítica do território, tomando como objeto a Macrorregião do São Gonçalo, na cidade de Pelotas. O texto tem como objetivo analisar o processo de produção do espaço urbano desse contexto, explorando os conflitos em torno de sua formação e ocupação, destacando as disputas recentes em torno do território do Passo dos Negros. A pesquisa que originou este artigo adota como procedimentos metodológicos fundamentais a revisão bibliográfica, a análise documental, etnografia e a cartografia. O texto consolida uma série de reflexões sobre a produção do espaço habitado em Pelotas, a caracterização do território da Macrorregião do São Gonçalo e uma Cartografia em Processo da Ocupação do Corredor das Tropas - Passo dos Negros, subsidiando o desenvolvimento do Plano Popular para a Ocupação do Corredor das Tropas - Passo dos Negros.

Palavras-chave: espaço habitado, assessoria técnica, direito à cidade, Pelotas, Passo dos Negros.

1 Residente do Curso de Especialização em Assistência Técnica, Habitação e Direito à Cidade / Modalidade de Residência Acadêmica em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia (Universidade Federal da Bahia); Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU - Universidade Federal de Pelotas); Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (Universidade Federal de Pelotas/ 2018).

2 Doutor em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (FAU USP / 2011); Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (FAU USP / 2005); Arquiteto e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (Universidade de São Paulo/ 2000).

3 Residente do Curso de Especialização em Assistência Técnica, Habitação e Direito à Cidade / Modalidade de Residência Acadêmica em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia (Universidade Federal da Bahia); Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ 2020).

4 Professora, Doutora, Universidade Federal de Pelotas,

5 Residente do Curso de Especialização em Assistência Técnica, Habitação e Direito à Cidade / Modalidade de Residência Acadêmica em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia (Universidade Federal da Bahia); Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU - Universidade Federal de Pelotas); Arquiteto e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (Universidade Federal de Pelotas/ 2018).

### Abstract

The present work presents an exercise of critical reading of the territory, taking as its object the Macroregion of São Gonçalo, in the city of Pelotas. The text aims to analyze the process of production of urban space in this context, exploring the conflicts around its formation and occupation, highlighting the recent disputes around the territory of Passo dos Negros. The research that originated this paper adopts as fundamental methodological procedures the bibliographic review, document analysis, ethnography and cartography. The text consolidates a series of reflections about the production of inhabited space in Pelotas, the characterization of the territory of the São Gonçalo Macro-region and a Cartography in Process of the Occupation of the Corredor das Tropas - Passo dos Negros. These results support the development of a Popular Plan for the Occupation of the Corredor das Tropas - Passo dos Negros

Keywords: inhabited space, technical assistance, right to the city, Pelotas, Passo dos Negros.

### Introdução

A cidade de Pelotas está situada ao sul do estado do Rio Grande do Sul, às margens do Canal São Gonçalo, com população de aproximadamente 340 mil habitantes. A Macrorregião do São Gonçalo, uma de suas regiões administrativas definidas pelo III Plano Diretor de Pelotas (2008), tem a formação marcada por loteamentos criados pelo poder público municipal, seguido por ocupações irregulares. Recentemente, essa área tem sido objeto de interesse de empreendimentos de incorporação e especulação imobiliária, tornando-se um território em disputa entre os empreendimentos imobiliários e os moradores de áreas de urbanização precária.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar criticamente o processo de produção do espaço urbano da Macrorregião do São Gonçalo, assim como sua ocupação e disputas recentes que envolvem esse contexto, especialmente no que diz respeito às formas como estes fenômenos se expressam no território do Passo dos Negros.

Para isso, o trabalho está dividido em três partes. A primeira analisa o processo de produção urbana da cidade de Pelotas de forma geral, e, em particular, da Macrorregião São Gonçalo. A segunda parte busca a caracterização da Macrorregião São Gonçalo, a partir da legislação pós Estatuto da Cidade, da identificação dos agentes locais, da análise da densidade demográfica, renda, infraestrutura e equipamentos. Elaborando, assim, a construção de um panorama atual sobre essa área. E por fim, a terceira parte apresenta a Cartografia em processo sobre a Ocupação do Corredor das Tropas - Passo dos Negros, como forma de aprofundar a compreensão sobre o processo histórico de formação do território, as relações de moradia e os modos de vida.

Esse trabalho subsidia a atuação profissional dos residentes da Nucleação da Residência AU+E na UFPel6, junto ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR/UFPel), na Ocupação do Corredor das Tropas - Passo dos Negros.

6 O Curso de Especialização em Assistência Técnica, Habitação e Direito à Cidade, na modalidade de Residência Acadêmica em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia (Residência AU+E) é uma proposta pioneira da Universidade Federal da Bahia (UFBA), viabilizado em 2011, sendo a primeira turma do ano de 2013 e atualmente com na quarta edição. Em virtude da participação de profissionais de outros estados do Brasil, tem-se a demanda da criação de nucleações em outras Universidades, como é o caso da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

## Produção do espaço habitado na cidade de Pelotas

### Fundamentos conceituais e metodológicos

A seguir serão apresentadas as bases teóricas e conceituais que fundamentaram, de um modo geral, o trabalho apresentado neste artigo. São formulações que permeiam todas as discussões e análises subsequentes. Ainda assim, é importante destacar que ao longo do texto, em momentos específicos, as reflexões apropriam-se de outras ferramentas teóricas, definições e argumentos necessários para sua melhor fundamentação e compreensão, complementando, desse modo, as formulações mais abrangentes apresentadas neste item.

Iniciando pela definição de maior amplitude, é preciso discorrer sobre como o presente trabalho define a noção de modernização. O processo de modernização é aqui identificado como aquele que implica na formação e generalização dos pressupostos necessários para a universalização da forma mercadoria como mediação social, assim como para a sua realização como tal. Processo que exige o constante rearranjo das formas de articulação entre capital, terra e trabalho visando à viabilização e ao desenvolvimento de uma produção que prove, nos termos da concorrência, ser participante do sistema mundial produtor de mercadorias (KURZ, 2004).

O processo de modernização, assim como suas contradições internas, não se territorializa de modo homogêneo no espaço urbano, na medida em que as formas de reprodução do capital apresentam formas particulares de realização que, por sua vez, dizem respeito a formas particulares de produção de mercadorias. Compreendida como a reorganização de determinada realidade espacial, cujo sentido é definido pela generalização de relações sociais de produção voltadas para possibilitar a acumulação de capital, territorialização, portanto, aqui é entendida como a produção do território do capital (DEDORD, 1997). Desse modo, diferentes mercadorias urbanas, produzidas por diferentes formas de articulação entre capital, terra e trabalho, devem relacionar-se no interior dessa totalidade sempre nos termos de quantidade, em proporções estabelecidas socialmente, e sempre obrigadas a se realizar nos parâmetros de produtividade estabelecidos no nível da totalidade da produção.

Essa passagem, que se coloca na articulação entre as partes e o todo, na qual o nível de produtividade de cada parte se coloca como objetividade pautada pela média socialmente estipulada em detrimento de suas qualidades concretas, pode ser compreendida como responsável pela transformação das diferenças, ou particularidades, entre as partes, em desigualdade. Na incorporação do processo de produção do espaço urbano (LEFEBVRE, 1976) pelo processo de modernização, tal diferenciação é apreendida como uma relação entre áreas urbanas “atrasadas” e “desenvolvidas”, na qual a contradição entre partes e todo aparece como uma relação dual entre opostos, quando, de fato, realizam-se num processo de integração dialética (OLIVEIRA, 2003).

É possível observar, desse modo, como o sentido geral do processo de modernização e as contradições que o constituem se colocam no processo de produção do espaço urbano, territorializando-se, principalmente, nos termos das relações desiguais entre centros e periferias ou entre áreas de urbanização tecnicamente avançada e áreas de urbanização precária (CARRASCO, 2014).

Na cidade de Pelotas, no processo de transição entre uma sociedade escravagista patrimonialista e uma sociedade de classes baseada no trabalho livre (CARDOSO, 1997), a concentração da propriedade da terra e as possibilidades de negócios baseadas nesta exclusividade podem ser interpretadas como elementos centrais para

a compreensão da formação, consolidação e constante redefinição das relações de desigualdade entre centro e periferia e das disputas entre a integração dialética entre estes polos. Os fatores que determinaram estas dinâmicas e as formas pelas quais estas formulações teórico-conceituais se expressam no contexto urbano pelotense, em geral, e Macrorregião do São Gonçalo, em particular, são as questões exploradas nesse trabalho a partir desse referencial teórico.

Referencial que por sua vez será agenciado segundo os termos a partir dos quais Lefebvre (1973) desenvolve seus argumentos em torno da caracterização de uma noção de dialética do espaço. O autor argumenta que o conhecimento do espaço – do que nele se faz, do que nele se passa e do que dele se serve – retoma a dialética, pois fundamenta-se em uma análise que revela e detecta as contradições produzidas a partir dessas ações (LEFEBVRE, 1973). Essa análise, por sua vez, envolve a diferenciação, ao longo do processo de reflexão crítica, entre aquilo que se mantém quanto ao essencial das relações de produção; aquilo que é transgredido ou regride em relação a estas mesmas relações e aquilo que é produzido de novo dentro desse contexto (LEFEBVRE, 1973). Os movimentos de transgressão ou regressão de relações sociais e de produção seriam, nesse contexto, reveladores dos momentos de crise e possibilidade de crítica, pois, segundo o autor, o modo de produção, a medida em que realiza seu conceito, também se desagrega, produzindo, desse modo, as regressões e as transgressões que poderão se apresentar como contestação ou subversão de sua lógica geral (LEFEBVRE, 1973). Apresenta-se, portanto, a necessidade de se observar e identificar no território as formas como esses conflitos se expressam, derivados do choque entre processos pautados pelo pleno desenvolvimento de práticas hegemônicas e aqueles que a elas se contrapõem, evidenciando sua crise. E nas fissuras decorrentes desses choques está o lugar no qual outras perspectivas críticas projetuais poderão se constituir a partir da construção de um novo sentido para seu desenvolvimento.

Assim como o agenciamento do referencial teórico que fundamenta a discussão proposta está submetido à esta perspectiva metodológica mais geral, também estão os procedimentos adotados para o desenvolvimento da pesquisa que originou este trabalho. Assim, o desenvolvimento da revisão bibliográfica, da análise documental, da interpretação e produção de mapas e dos procedimentos etnográficos também foram estruturados a partir de uma abordagem dialética. Esta informação torna-se relevante na medida em que tal abordagem influencia diretamente na construção do que usualmente se considera como respostas ou resultados obtidos por uma pesquisa.

### Localização entre as lagoas e o mar

Na região localizada na encosta sudeste, litoral sul do Rio Grande do Sul, às margens do estuário da Lagoa dos Patos, localiza-se a cidade de Pelotas (PERES; POLIDORI, 2019). Denominada geograficamente por planície costeira, é caracterizada por cotas baixas, próximas ao nível do mar, extensas áreas alagadas e de intrínseca relação com a dinâmica das águas. É justamente nesse complexo lagunar, às margens do Canal São Gonçalo, canal natural que conecta a Lagoa dos Patos à Lagoa Mirim, no qual se estabelece a ocupação inicial da cidade (figura 1a). Ocupação que articulada às ocupações originais das cidades de Rio Grande e de São José do Norte, localizadas na abertura da Lagoa com o mar (figura 01a), constituem o Portal Meridional do Brasil (OLIVEIRA, 2012).

Segundo Oliveira (2012), essa posição geográfica, às margens do canal São Gonçalo, de alta capacidade de comunicação fluvial, porém naturalmente protegida e resguardada das investidas espanholas na disputa por territórios, configura-se como fator determinante para a ocupação no séc. XVIII. Dessa forma, a partir de

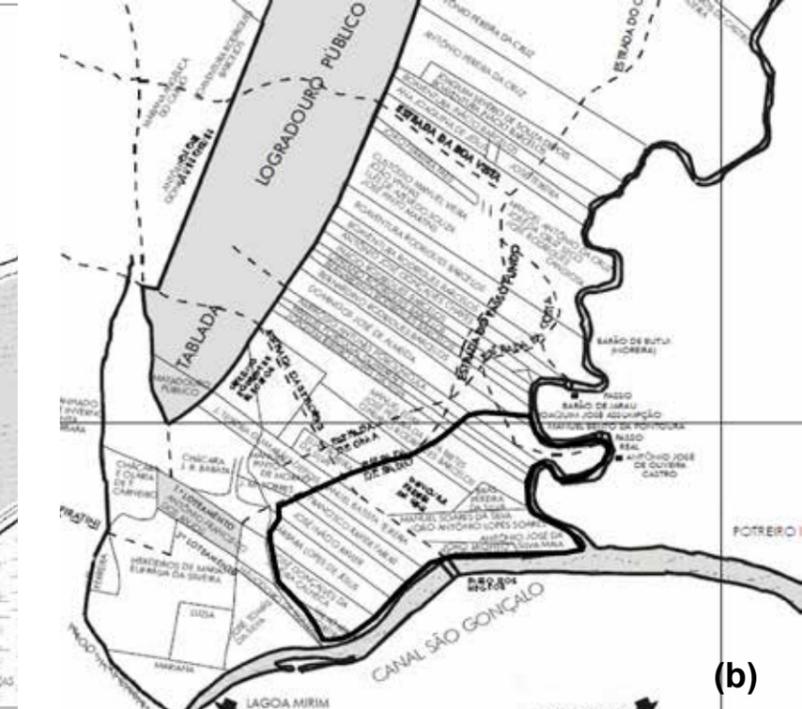
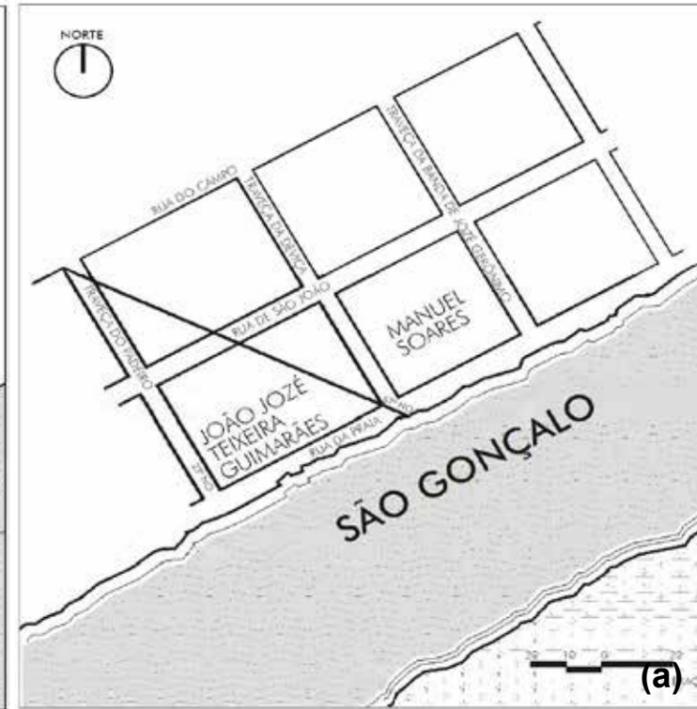
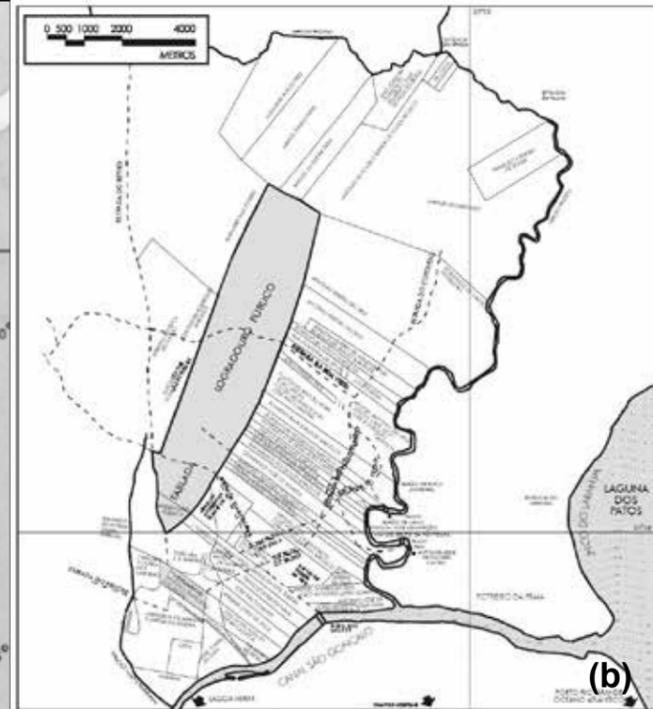


Figura 1 - Complexo lagunar, cidades de Pelotas e Rio Grande (a); Sesmaria Monte Bonito e 1º loteamento (b). Fonte: VARGAS, 2014 (a); GUTIERREZ, 2001, p. 174 (b).

1780, com a retomada da cidade de Rio Grande pelos portugueses, é possibilitado “o desenvolvimento da atividade pecuária e da manufatura do charque em grande escala” nessa região (OLIVEIRA, 2012, p. 124).

### A disputa pelo núcleo urbano original

Na segunda metade do séc. XVIII define-se a sesmaria de Monte Bonito para distribuir e normatizar as terras nessa região (figura 1b). E somente em 1812 se instala a freguesia, originalmente nomeada de São Francisco de Paula em homenagem ao santo do dia da expulsão dos espanhóis da cidade de Rio Grande (GUTIERREZ, 2001).

O estabelecimento do núcleo urbano original é marcado pela disputa em torno da implantação, vinculada aos interesses das posses de terra (GUTIERREZ, 2001). Conforme Britto (2011), a localização do núcleo urbano não se dá apenas pelas condições da paisagem, mas, principalmente, a partir das “relações sociais que se imprimiam no espaço, expressa nos interesses dos proprietários que objetivavam a construção da cidade em suas terras visando o lucro futuro” (BRITTO, 2011, p.43).

Nesse mesmo período, consolida-se o porto e entreposto comercial inicialmente denominado de Passo Rico, e que posteriormente passou a chamar-se de Passo dos Negros. Este viabilizaria a instalação da primeira charqueada e o desenvolvimento dessa atividade produtiva baseada na exploração de povos escravizados (GUTIERREZ, 2001). Localizada à margem do Canal São Gonçalo, no encontro deste com o Arroio Pelotas, o Passo dos Negros (figura 2b), se estabelecerá enquanto o local de fiscalização, cobrança de impostos e de comercialização do gado proveniente dos Campos Neutrais e assumiria função central no tráfico dos povos escravizados na região.

A região do Passo dos Negros foi considerada como uma alternativa na disputa para a implantação do núcleo urbano original da cidade de Pelotas (figura 2a). Inclusive foi elaborado um “projeto de povoação, com seis quarteirões” (GUTIERREZ, 2001, p. 218) para aquele território. Somaram-se assim, sendo determinantes para o abandono da proposta de urbanização do Passo dos Negros, questões sociais, políticas e econômicas, assim como a relação com a paisagem, neste caso, admitida negativamente. Segundo Gutierrez (2001), os dejetos da produção saladeiril e a contaminação das águas compõem essa paisagem, somado a isso, o cenário de violência generalizada, seja na exploração das atividades charqueadoras, seja no tráfico dos povos escravizados

nessa região portuária (figura 3).

### O crescimento urbano e a transição conservadora

Em 1812, o núcleo urbano original da cidade de Pelotas, conforme conhecemos atualmente, foi implantado, com a delimitação do chamado primeiro loteamento (figura 1b) (CARRASCO, 2017). Dessa forma, ainda segundo o autor, a produção do espaço urbano pelotense, desde o princípio, estaria alinhada à reprodução ampliada do capital. O processo de produção urbano e todos os seus instrumentos se apresentavam para elite pelotense como forma de garantir a manutenção da acumulação, concentração de riqueza e de seu protagonismo social (CARRASCO, 2017).

Dessa forma, a partir de Harvey (2009), é possível observar o processo de produção urbano da cidade de Pelotas como resposta ao problema do capital excedente produzido nesse período. De tal forma que, segundo Harvey (2009), o modo de produção capitalista tem a urbanização como instrumento de produção e absorção de excedentes de capital e, portanto, cumpre papel fundamental na reprodução ampliada do capital. Para isso, conforme Carrasco (2017), percebe-se a centralidade da propriedade, que passaria por um processo de transição conservadora.

[A] propriedade privada, categoria fundamental na sociedade escravocrata, também possui um papel central na definição da lógica geral e das formas de realização dos negócios urbanos, estabelecendo um ponto de contato e de continuidade fundamental em um processo de transição conservadora (CARRASCO, 2017, p. 598).

Ainda segundo o autor, a gradativa libertação da população escravizada e o aprisionamento da terra, representados na articulação entre a *Lei de Terras* (Lei 601/1850) e a lei que iria instituir o fim do tráfico de pessoas escravizadas (Lei 581/1850), ambas de 1850, reorganizavam as relações de trabalho e as formas de acesso à terra (CARRASCO, 2017). Reorganização pela qual, aponta Maricato (1996), seriam determinados os termos em que se submeteria e disciplinaria o trabalhador livre.

Figura 2 - Proposta de núcleo urbano original no Passo dos Negros (a); Sesmaria Monte Bonito, destaque para a atual macrorregião do São Gonçalo (b). Fonte: GUTIERREZ, 2001, p. 156 (a); adaptado de GUTIERREZ, 2001, p. 174 (b).



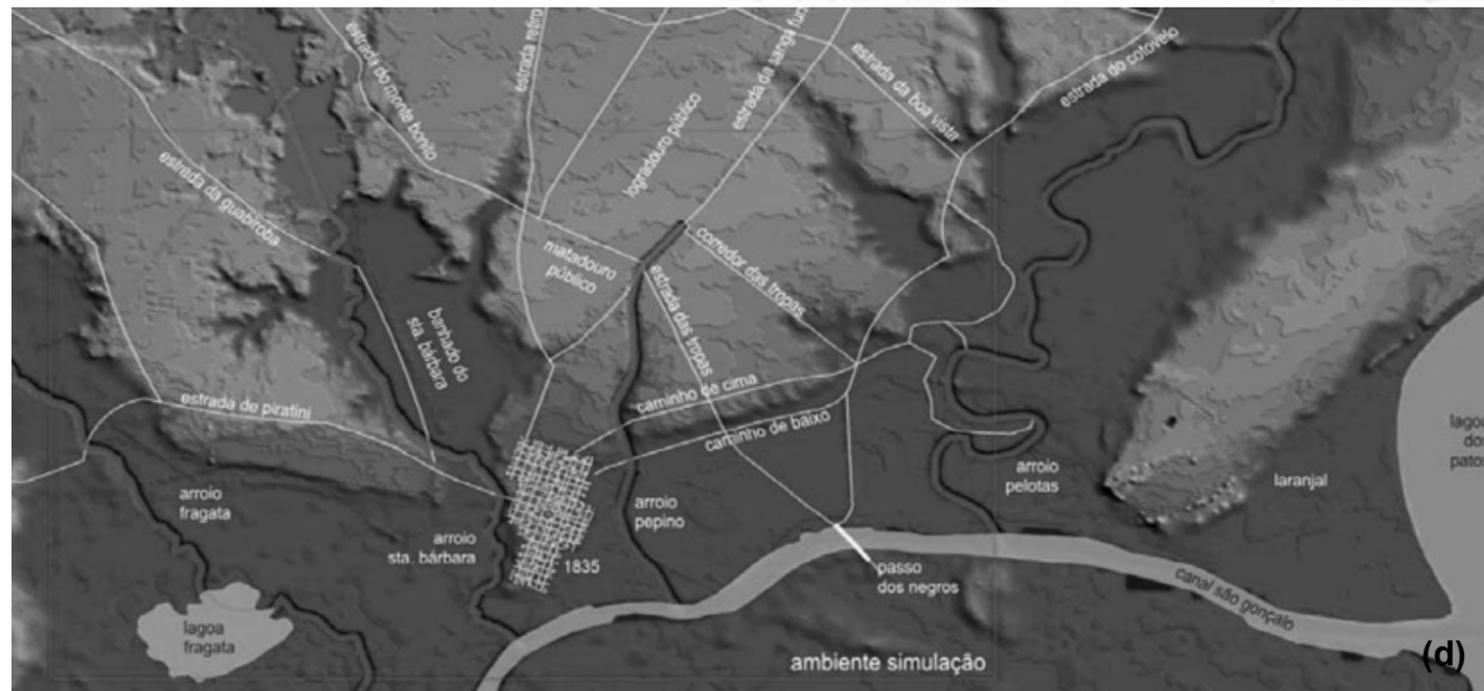
Peres e Polidori (2019), caracterizam o processo de crescimento urbano da cidade de Pelotas, entre 1815 a 1915 como uma morfologia concêntrica de expansão, e, principalmente, no sentido dos limites naturais impostos pelos Arroios Pepino e Santa Bárbara (figura 4a, 4b e 4c). Segundo os autores, em um primeiro momento, ocupando áreas de cotas mais altas e guardando distância dos Arroios (figura 04d). Posteriormente, de 1882 a 1916, é marcada a extensão no sentido sul e sudeste, acercando-se dos Arroios e do Canal São Gonçalo, ocupando áreas mais baixas, propensas a alagamentos e de maior dificuldade de saneamento. Nesse último período, a cidade passa a crescer na direção norte (figura 04c), área marcadamente privilegiada e destinada às elites locais (PMPel, 2021).

### O século XX e a precarização do espaço habitado

O início do séc. XX é marcado pela decadência da produção do charque e pelo crescimento populacional na cidade, na qual “a pobreza urbana perderia a invisibilidade” (CARRASCO, 2017, p. 601). Nesse período, os cortiços passam a ser produzidos como forma urbana precária admitida, e dessa forma, a produção de habitação precária se consolida como instrumento de dominação e rentabilidade (CARRASCO, 2017). Na dimensão urbana, é importante destacar a definição de perímetros de exclusão aos cortiços adotados pelo poder público municipal, sendo o primeiro de 1881, e sua expansão em 1888. De tal forma que, segundo Carrasco (2017), percebe-se o início da relação de desigualdade entre centro e periferia na cidade, definido a partir da delimitação precisa, e conseqüente segregação, entre os territórios que seriam servidos pelas redes de infraestrutura urbana e serviços públicos (dentro dos perímetros) e aqueles destinados à generalização e exploração econômica da moradia precária.

Nas primeiras décadas do Século XX, ainda segundo o autor, como alternativa aos cortiços, incentivos fiscais seriam direcionados à construção de moradias operárias. Dessa forma, a exploração dos cortiços foi sendo gradualmente abandonada, por um lado pelo aumento das restrições, e, por outro, pela maior rentabilidade no investimento de construção de moradias periféricas, tendo em vista a valorização fundiária e a possibilidade de especulação. Soma-se a isso, o desenvolvimento de projetos urbanos de grande escala, marcadamente higienistas nesse período (CARRASCO, 2017).

No processo de exploração da habitação precária na cidade, cabe salientar o papel desempenhado pelas propostas dos grandes loteamentos. Destes, ressalta-se, segundo Carrasco (2017), de forma a representar esse processo, os termos e a escala do projeto original do loteamento Simões Lopes. Estes grandes projetos, promoveriam a superação da modalidade de construção de casas de aluguel, substituindo-a por uma nova forma urbana a ser explorada economicamente. Inicialmente, na forma de parcelamentos do solo combinado a produção habitacional e equipamentos de uso coletivo. Porém, inviabilizada a proposta original, consolida-se uma alternativa mais rentável: a forma urbana de loteamento combinado à autoconstrução da moradia com atendimento parcial de infraestrutura (CARRASCO, 2017).



Esse modelo, a partir das primeiras décadas do séc. XX, passa a ser amplamente replicado, configurando, assim, a forma hegemônica do processo de produção urbano da cidade. Como resultado, “a pressão por áreas cada vez mais afastadas do centro, e conseqüentemente mais baratas, forçou seguidas alterações no perímetro urbano oficial” (CARRASCO, 2017, p. 607). Processo combinado à intensa especulação, de forma a captar a valorização fundiária no entorno dos empreendimentos.

### Os primeiros planos e o problema urbano

Nos anos 1960 e 1980 são elaborados e aprovados o I Plano Diretor e o II Plano Diretor da cidade. Ambos os Planos, apresentam propostas de zoneamento, sistema viário, parcelamento, uso e ocupação do solo. Esses instrumentos são funcionalizados e passam a organizar e legitimar o processo de produção urbana vigente.

Entre os anos de 1953 e 1965, se observa as intervenções urbanas de grande escala na macrorregião do São Gonçalo (figura 5a e 5b). Pode se destacar a implementação do loteamento Municipal da Várzea - loteamento N. S. de Fátima - em 1955 e do loteamento Cruzeiro do Sul em 1956 (SILVA; POLIDORI, 2008). Período no qual, segundo a Prefeitura Municipal, a expansão urbana se relaciona, principalmente, com o parcelamento e ocupação de áreas vizinhas aos loteamentos populares implantados nos períodos anteriores. Dessa forma, é possível constatar a reafirmação da forma

Figura 4 - 1º loteamento, 1815 (a); 2º loteamento, 1835 (b); 3º e 4º loteamentos, 1916 (c); Traçado urbano e caminhos sobre relevo, 1835 (d). Fonte: PERES; POLIDORI, 2019, p. 12 (a;b;c), p. 13 (d).

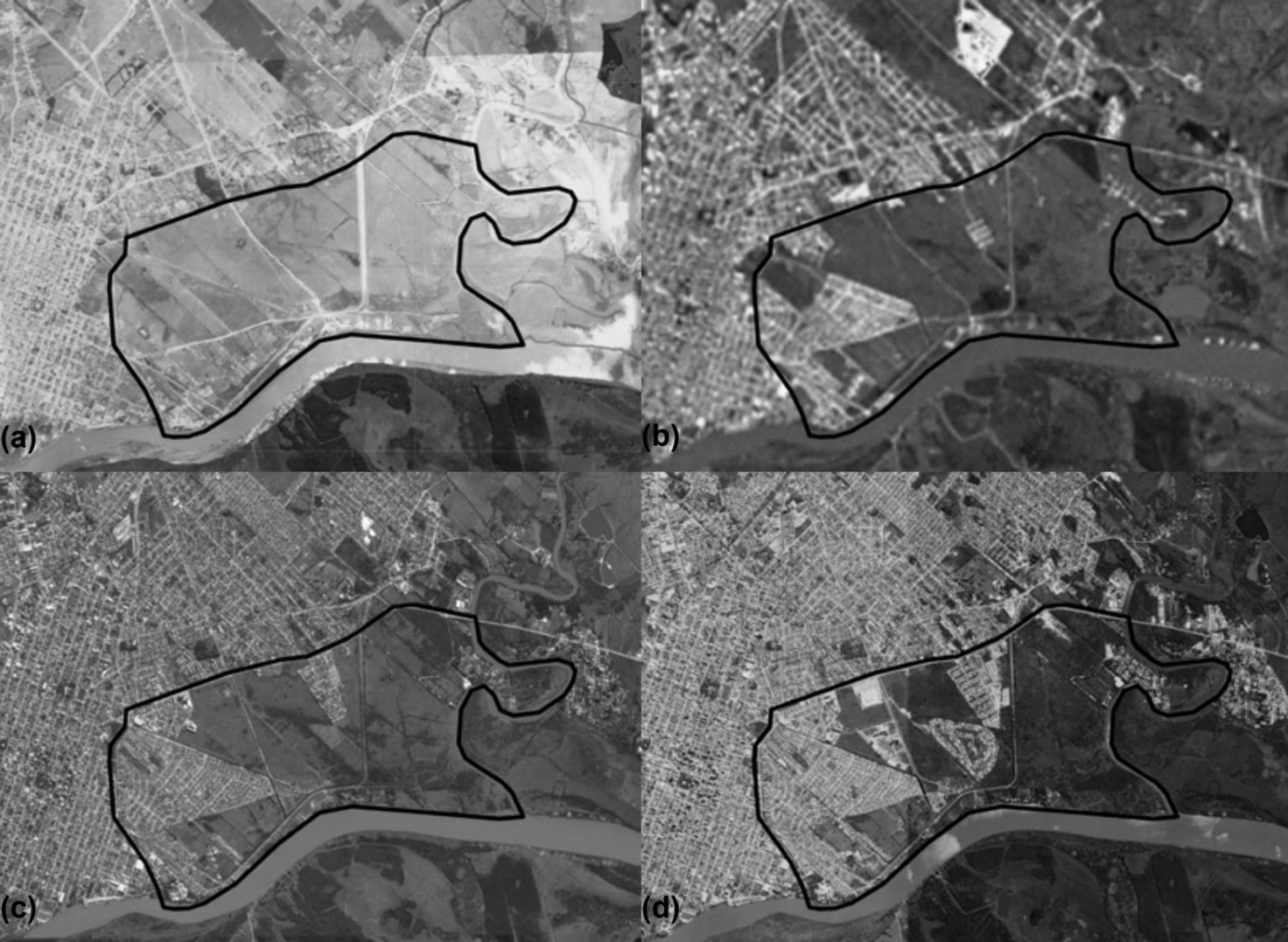


Figura 5 - Imagens aéreas da Macrorregião do São Gonçalo em: 1953 (a); 1985 (b); 2010 (c); 2021 (d). Fonte: PMPel, 2021 (a); Google, 2021 (b,c,d).

urbana precária como solução aos problemas urbanos, mesmo a partir da intervenção pública. No período entre os anos 1965 e 1989 (figura 5b), nessa mesma região, são executados, também pelo poder público, os loteamentos Navegantes 1, em 1975, e Navegantes 2, em 1986 (PMPEL, 2021). Confirmando-se, assim, a lógica hegemônica na produção do espaço urbano da cidade.

Segundo Soares (2002), é estabelecido, também nesse período, a transição da forma loteamento como investimento produtivo. Transição que ocorre, para o autor, a partir do esgotamento do parcelamento do solo, seja pela oferta desmedida de lotes, seja pela atuação direta do Estado nessa mesma forma de provisão habitacional. Soares (2002) aponta que a provisão habitacional, a partir de uma articulação entre agentes públicos e privados, viabiliza a construção de moradias que passaria a superar a forma loteamento enquanto investimento produtivo. “*La promoción de viviendas utilizando recursos públicos se convirtió en una inversión atractiva y segura para el capital inmobiliario*” (SOARES, 2002, p.371).

### Pelotas pós Estatuto da Cidade

Em 2008, a partir do Estatuto da Cidade, é aprovado o III Plano Diretor e, em 2014, o Plano Local de Habitação de Interesse Social (PLHIS). Marcados, segundo Carrasco (2018), pelo reconhecimento do poder público sobre as situações urbanas relacionadas à pobreza e desigualdade, ignoradas pelos Planos anteriores, porém sem efetivamente se traduzir em enfrentamento às desigualdades urbanas.



De forma geral, a expansão da cidade no período recente, entre os anos de 2006 e 2015, expressa uma intensificação no processo de crescimento urbano. Segundo dados da Prefeitura Municipal, esse crescimento se realiza em forma de extensão e de densificação. Nesse período, se evidencia o aumento significativo de ocupações e loteamentos irregulares (PMPEL, 2021).

A cidade de Pelotas apresenta em 2018, a partir de dados da Prefeitura Municipal, mais de 200 áreas irregulares (DIÁRIO DA MANHÃ, 2018). Situação urbana marcada pela precariedade, seja pelo atendimento parcial ou inexistente de infraestrutura urbana, seja pelas condições precárias de habitabilidade, configurando-se em déficit habitacional. Tal desigualdade urbana é resultante do processo de produção urbano na cidade e das formas de exploração da habitação precária, abordados anteriormente no trabalho.

Percebe-se que a produção desse déficit se mostrou funcional em alguns momentos. Afastou os pobres do centro, garantiu o rebaixamento dos custos de reprodução da força de trabalho, consolidou o poder da elite sobre o território, produziu e concentrou riqueza. A convivência, na extensão periférica de Pelotas, entre especulação imobiliária e urbanização precária, passou a fazer parte do cotidiano da cidade, explicitando os termos a partir dos quais foram definidas as relações — sociais, políticas, econômicas, culturais — entre centro e periferia ao longo da história da formação e consolidação desses territórios no município (CARRASCO, 2017, p. 608).

Figura 6 - Cotidiano e atividades produtivas no corredor das tropas (a); Pesca e formas de habitação às margens do São Gonçalo (b). Fonte: SILVEIRA, 2020, p. 73 (a); Acervo JoãoBEM (b). Figura 7 - Mapa de referências geográficas e urbanas do Passo dos Negros. Fonte: Silveira, 2020, p. 53.

Como descrito anteriormente, é possível constatar o processo de produção urbano na cidade, a partir da produção de loteamentos periféricos combinados a autoconstrução e, posteriormente, à produção de unidades habitacionais subsidiadas pelo Estado, e, ainda, articulado à intensa especulação imobiliária, através da valorização do entorno desses empreendimentos. Dessa forma, segundo Carrasco (2017), a periferia se transforma em território preferencial para a implantação de empreendimentos imobiliários, devido a disponibilidade de terras passíveis de serem urbanizadas e o seu relativo baixo custo.

### A região do São Gonçalo em disputa

As transformações recentes na macrorregião do São Gonçalo são expressões da disputa por estes territórios. A coexistência recente de empreendimentos imobiliários de média e alta renda e assentamentos precários evidenciam a transição do investimento produtivo na área. Da exploração da atividade charqueadora, entreposto comercial, atividade fabril e a constante exploração da habitação precária, são confrontadas, atualmente, pelo aumento significativo da valorização da renda fundiária, a partir da implementação de empreendimentos imobiliários voltados à constituição de uma nova centralidade para a área.

Concomitantemente ao processo de transição do investimento, constata-se o adensamento populacional e de área construída na região, intensificando o nível de precariedade e a expressão da desigualdade urbana (GUERRA, 2019). Configura-se assim, uma disputa marcada por intensa pressão pela remoção dos assentamentos precários e apropriação desse território, articulada entre poder público e agentes privados (GUERRA, 2019).

Essa disputa em torno do território assume diferentes formas de enfrentamento. A partir do ambiente construído, representado em muros e câmeras de segurança, e da utilização de estratégias de segregação na implantação dos novos empreendimentos, de tal forma que se constituem em barreiras sociais, espaciais e de classe (SILVEIRA, 2020). Da mesma forma, é possível perceber o processo de desterritorialização das comunidades, suas culturas e patrimônios através da intensa alteração da paisagem do território, com intervenções arquitetônicas e urbanísticas alinhadas à valorização imobiliária, à limpeza urbana, ao ordenamento e à segurança, fragmentando e acirrando ainda mais a segregação social na região (SILVEIRA, 2020). A desterritorialização se estabelece como processo de rompimento do vínculo entre os moradores e território, e nesse caso, é determinado pela disputa por essa área e pelas pressões diretas ou indiretas, mas usualmente violentas, para sua expulsão.

Diante deste contexto, para Tanaka (2017), evidencia-se o papel do Estado tanto nos processos de segregação social, como nos processos de remoção dos assentamentos precários presentes no território. Assim, o poder público, alinhado aos interesses do mercado imobiliário, atua na manutenção da ausência de direitos dos moradores, recorrendo a diferentes instrumentos de controle, organização e legitimação (TANAKA, 2017). Nesse sentido, para a macrorregião do São Gonçalo, Guerra (2019) ressalta as modificações de parâmetros urbanos e de regulação do III Plano Diretor que beneficiam os empreendimentos imobiliários.

### A retomada do Passo dos Negros

Destaca-se na disputa pelo território, o processo imposto de desterritorialização das comunidades, suas culturas e patrimônios a partir do avanço do mercado imobiliário.



Figura 8 - Macrorregião São Gonçalo em imagem Satélite Maxar Technologies, 2021. Fonte: Adaptado de GOOGLE, 2021.

Em contraposição a esse processo, os moradores reivindicam o reconhecimento do Passo dos Negros como patrimônio cultural, material e imaterial, considerando a patrimonialização enquanto uma ferramenta de luta para permanência neste território (SILVEIRA, 2020).

O Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), da UFPel, juntamente com moradores do território, elaboram o mapeamento do Passo dos Negros, definido a partir de um polígono com vértices sobre pontos que retomam o processo histórico e cultural dessa região. Como resultado é definida uma área ampliada, que apesar dos limites traçados, entende-se que não há uma delimitação rígida do território, “as fronteiras são fluidas, estão em constante movimento” (SILVEIRA, 2020, p. 53).

### Caracterização do território

O III Plano Diretor (2018) divide a Área Urbana em sete Macrorregiões administrativas, entre elas, está a do São Gonçalo, localizada às margens do Canal e tendo como limites os Arroios Pelotas e Pepino, e ao norte a Avenida Ferreira Vianna (PELOTAS, 2018).

Para embasar a caracterização do território da Macrorregião do São Gonçalo, serão analisadas questões que auxiliam no entendimento da Macrorregião como um todo, e também as especificidades das áreas que a compõem.

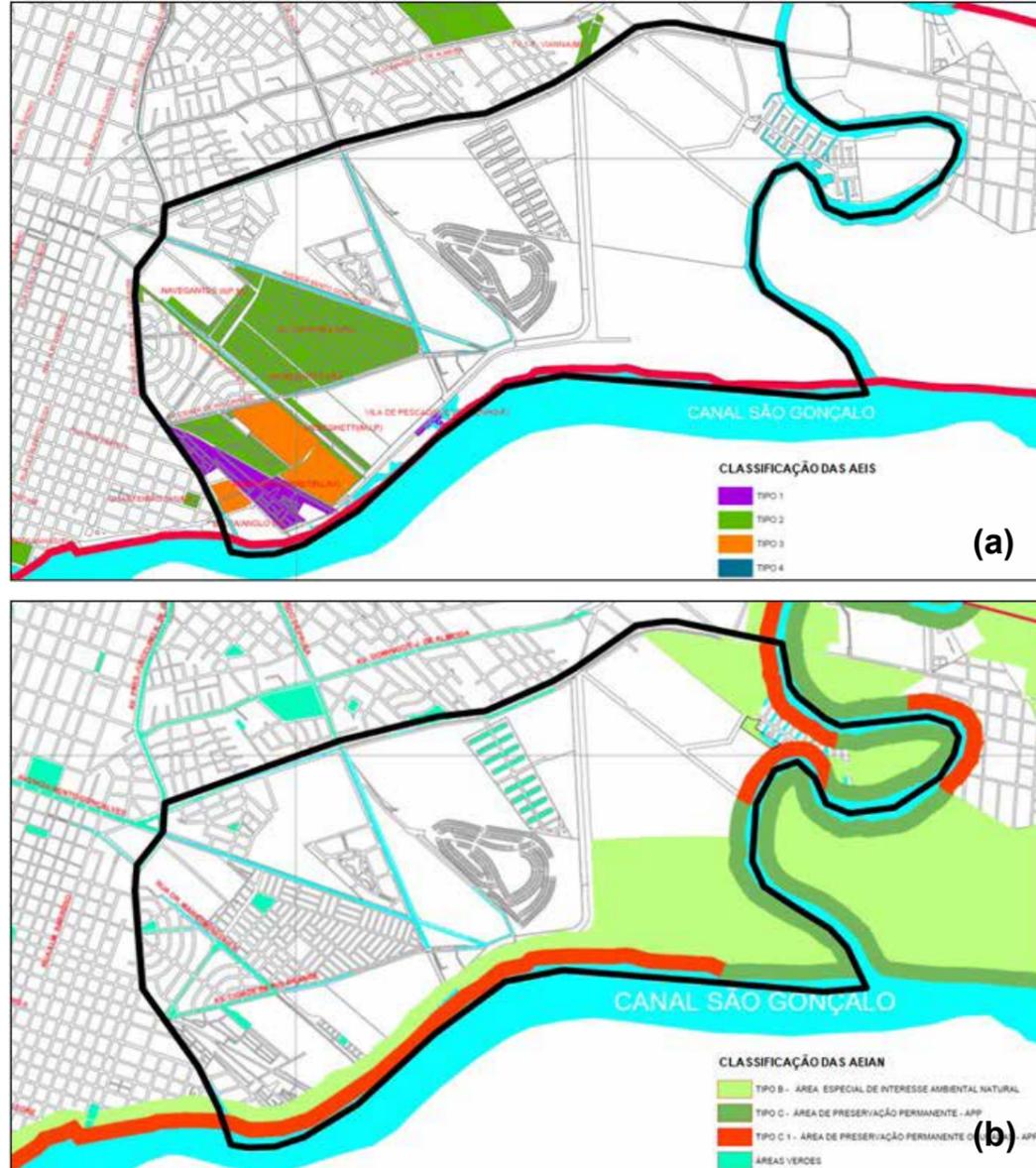
### Legislação pós-Estatuto da Cidade

#### III Plano Diretor (2008, 2018)

O III Plano Diretor (III PD), aprovado em 2008, regulamenta, a nível municipal, os princípios gerais do Estatuto da Cidade (2001): a função social da cidade e propriedade; a gestão democrática do território; e a garantia do direito à cidade (CARRASCO, 2018). Cabe salientar, como abordado anteriormente, apesar do reconhecimento da desigualdade e precariedade na cidade pelo Plano, a incapacidade do Poder Público no enfrentamento dessa situação urbana. Na cidade de Pelotas, destacam-se, entre os instrumentos regulamentados, a definição das ‘Áreas de Especial Interesse’: Ambiental (Natural e Cultural), Social, Ocupação Prioritária e Ocupação Restrita.

As Áreas de Especial Interesse Social (AEIS) são “destinadas prioritariamente à recuperação urbanística e ambiental, à regularização fundiária e à produção de Habitação de Interesse Social” (PELOTAS, 2018, p. 43). De acordo com a figura 09a, na Macrorregião do São Gonçalo é possível identificar as AEIS: Tipo I: áreas de preservação ambiental: Balsa, Anglo e Vila de Pescadores da Estrada do Engenho; Tipo

Figura 9 - Mapa de AEIS do III PD, macrorregião São Gonçalo (a); Mapa de AEIAN do III PD, macrorregião São Gonçalo (b). Fonte: Adaptado de III PD, 2018.



II: áreas públicas ou privadas, ocupadas por população de baixa renda: Navegantes, Meneguetti, Perret; e Tipo III: áreas subutilizadas ou não utilizadas, destinadas à implantação de novos empreendimentos e reassentamento. Destaca-se que o Plano Diretor apresenta como condicionante para as intervenções urbanísticas em AEIS I e II, a elaboração de Planos de Urbanização - Planos Setoriais que complementam o Sistema de Planejamento (PELOTAS, 2018).

O III PD também estabelece Áreas Especiais de Interesse do Ambiente Natural (AEIAN), identificadas na Macrorregião do São Gonçalo (figura 09b), às margens do Canal São Gonçalo e do Arroio Pelotas. São consideradas, também, como Áreas de Preservação Permanente (APP), em sua maioria Ocupadas (APPO), uma faixa menor às margens do Canal e do Arroio. Cabe ressaltar que as AEIANs sofreram modificações na revisão do Plano Diretor de 2018, como a redução dos tipos de área de proteção, a exclusão de áreas, a omissão do propósito de preservação e conservação, e a retirada da regulamentação do texto do Plano - ficando exclusivamente sob controle da Secretaria Municipal de Qualidade Ambiental.

Apesar da implementação das Áreas de Especial Interesse, o Plano Diretor em Pelotas não implementa os instrumentos de maior capacidade de enfrentamento disponibilizados pelo Estatuto da Cidade (2001), reiteradamente postergados em sua regulamentação. Da mesma forma, porém, é possível constatar que mesmo aqueles mais alinhados ao mercado imobiliário, tampouco são implementados. Cabe destacar ainda que os Planos de Bairros e Planos de Urbanização para as AEIS, previstos nos III PD

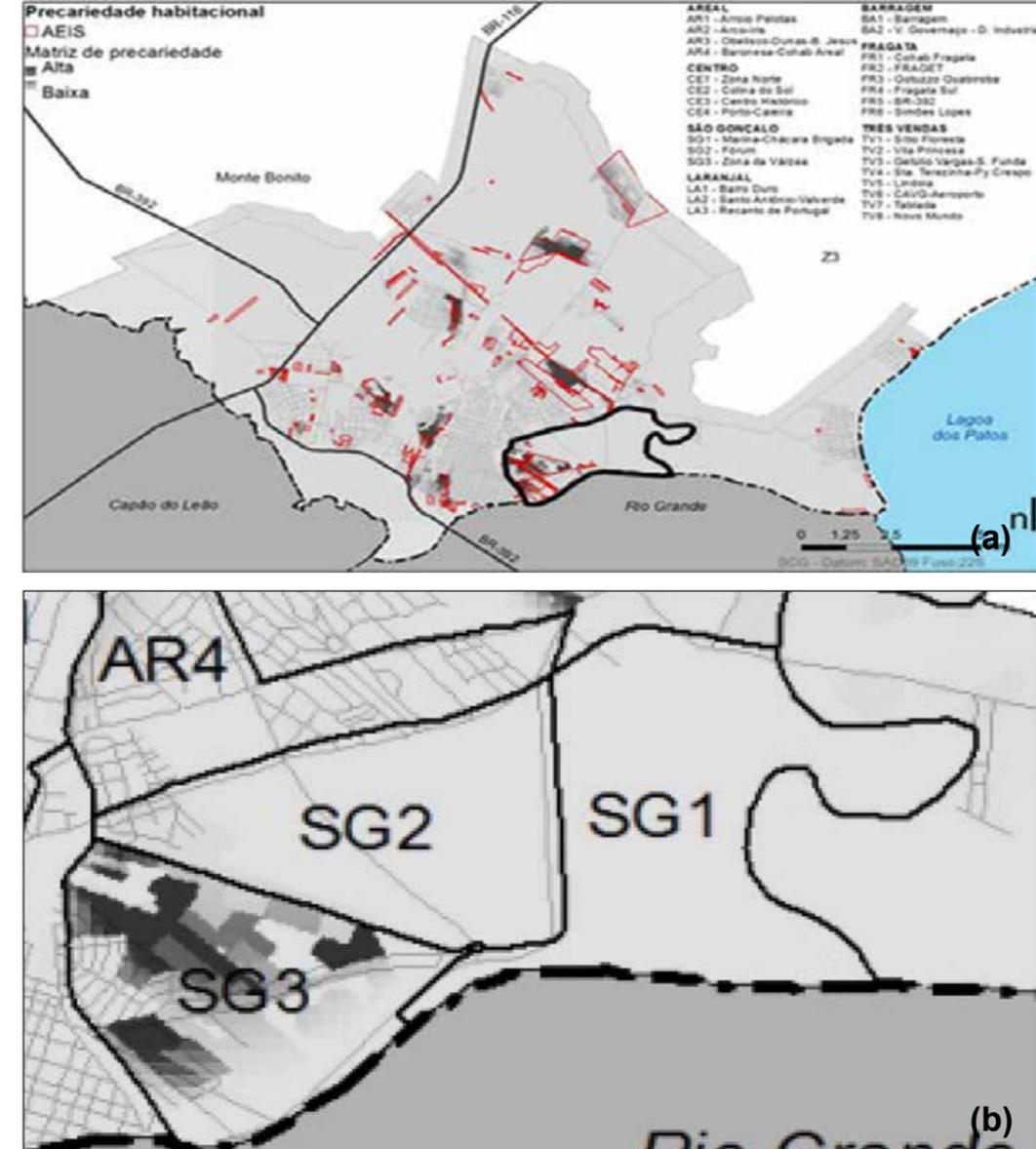


Figura 10 - Mapa de matriz de precariedade habitacional, macrorregião São Gonçalo (a); Mapa de proposta de setorização da macrorregião (b). Fonte: Adaptado de PLHIS, 2014.

(2008), de maior detalhamento do uso do solo e pressupondo processos de participação popular, também não foram implementados.

#### Plano Local de Habitação de Interesse Social (2014)

O Plano Local de Habitação de Interesse Social (PLHIS) em Pelotas foi desenvolvido entre 2011 e 2014, com o objetivo de “orientar o planejamento local do setor habitacional de interesse social, para as áreas urbana e rural” (Pelotas, 2014, p. 20). Dessa forma, o PLHIS realiza o diagnóstico das áreas de precariedade do município, a partir da sobreposição de informações baseadas em três eixos, a Matriz Ambiental, a Matriz de Densidades e a Matriz de Infraestruturas, elaborando assim, em síntese desse processo, a Matriz de Precariedade Habitacional.

A figura 10a apresenta a relação entre a Matriz de Precariedade Habitacional e as Áreas de Especial Interesse Social do III Plano Diretor (2008). Na Macrorregião do São Gonçalo, além da grande quantidade de AEIS, é possível identificar o significativo número de áreas com alta precariedade habitacional (figura 10b). Os assentamentos mais precários são “as ocupações da Balsa, junto ao antigo Frigorífico Anglo (hoje campus da UFPel) e os loteamentos Navegantes I, II e III” (Pelotas, 2014, p. 144).

O PLHIS realiza extenso diagnóstico, a partir do estabelecimento de níveis de precariedade e hierarquias de prioridade para a implementação de políticas públicas

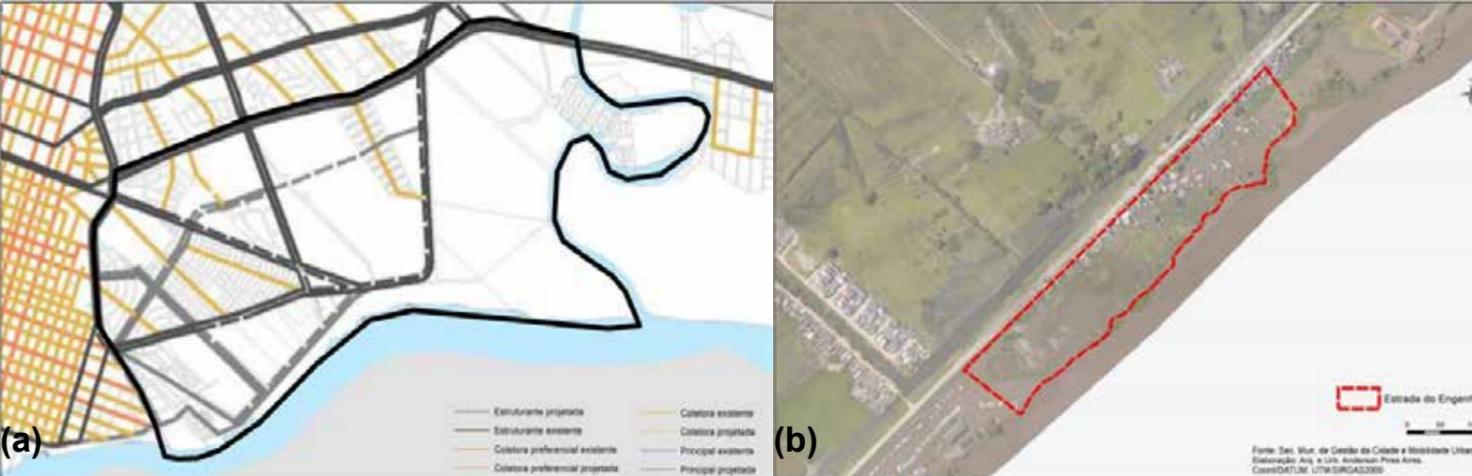


Figura 11 - Mapa de vias arteriais e coletoras, existentes e propostas, e propostas, macrorregião São Gonçalo (a); Mapa de proposta do parque urbano da Estrada do Engenho (b). Fonte: Adaptado de PlanMob, 2019.

habitacionais e urbanas. Contudo, segundo Medvedovski, Lima-Silva e Carrasco (2021), é possível identificar sobreposição das tipologias dos assentamentos precários trabalhados, generalizando as formas de intervenção, de tal forma que a maioria das ações propostas apontam remoções com realocações dos núcleos urbanos precários analisados.

### Plano de Mobilidade

O Plano de Mobilidade (PlanMob) foi realizado na cidade de Pelotas em setembro de 2019, enquanto complemento do III Plano Diretor, instrumento de planejamento da mobilidade que considera o deslocamento de pessoas e cargas em geral e as relações dessa atividade com ambiente natural e construído, com objetivo de estabelecer estratégias e ações para uma mobilidade sustentável na cidade (PELOTAS, 2019).

O PlanMob propõe a complementação do sistema viário, pavimentação de passeios, rede para Transporte Coletivo, integração de modais, etc. Contudo, para Macrorregião do São Gonçalo, apesar de haver propostas de vias arteriais e coletoras, qualificação e reordenação de existentes e proposição de expansão (figura 11b), o Plano se mostra incapaz de reconhecer situações urbanas de precariedade, e, portanto, de incorporar possíveis soluções para essas áreas e identificar suas especificidades.

Destaca-se ainda que o Plano de Mobilidade apresenta o perímetro do projeto do Parque da Estrada do Engenho (figura 11b), elaborado pela Secretaria de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana.

O projeto prevê a implantação de caminho para pedestres, ciclovia, mobiliário urbano, passarelas de madeira para acesso ao canal, paisagismo, quadras poliesportivas e quiosques. Está previsto a relocação da população que vive à beira do canal para a implantação do Parque (PELOTAS, 2019, p.83).

### Regularização Fundiária

O processo de produção urbana na cidade de Pelotas é baseado em intervenções públicas e privadas marcadas pela irregularidade em relação à posse da terra (LIMA-SILVA, 2019). A partir dos anos 1980, com o crescimento da população e o aumento das ocupações e loteamentos sem acesso à infraestrutura, segundo Lima-Silva (2019), é elaborada a proposta de Lei dos Posseiros, porém não implementada.

Com base no Estatuto da Cidade (2001), em 2014 é aprovada uma Lei municipal que regulamenta a regularização fundiária em Pelotas. Contudo, a Lei apresenta uma série de problemas, como a imposição de custos do processo aos moradores - impossibilitando, em sua maioria, a realização efetiva da regularização -, e o processo

essencialmente jurídico - sem a garantia de melhorias de infraestrutura urbana e habitacional (MEDVEDOVSKI; CARRASCO; LIMA-SILVA, 2021).

Em 2017 é aprovada a Lei Federal 13.465/2017 que possibilita a isenção ao morador dos custos do processo de regularização fundiária, contudo, reafirma a relação fundamentalmente jurídica do problema urbano. E, inclusive, essa nova legislação servirá de base para políticas habitacionais e urbanas recentes, como o Programa Casa Verde e Amarela, evidenciando os termos em que serão propostas essas novas políticas.

Dessa forma, observa-se em Pelotas, a regularização fundiária como principal política urbana e habitacional implementada pelo poder público municipal no período recente. Além do caráter essencialmente jurídico, demonstra incapacidade em atender a demanda, continuamente ampliada pela forma de atuação do poder público. Pode-se destacar como exemplo, o loteamento público Navegantes, implementado pela Prefeitura em 1975 e considerado irregular pela insegurança da posse. Outro caso é o loteamento Anglo, que surge como ocupação por trabalhadores do Frigorífico nos anos 1940, passa por intervenções urbanas e habitacionais recentes através do PAC-UAP, porém, permanece com irregularidade fundiária.

### Agentes Locais

#### Agentes Públicos

Pode-se considerar que as intervenções do poder público municipal nessa Macrorregião se iniciam a partir do loteamento público Nossa Senhora de Fátima em 1955 e do Cruzeiro do Sul em 1956, que, como já apresentado, representam a legitimação dessa forma urbana de loteamento e autoconstrução da moradia, destinado à população de baixa renda. E, consolidando essa expansão urbana para além dos limites do Arroio Pepino, a Prefeitura implementa outros dois loteamentos públicos, o Navegantes I (1975) e o Navegantes II (1986) (PMPEL, 2021).

A partir do BNH, se consolida a atuação do Estado na provisão habitacional, apresentado na primeira parte deste texto, e tem-se a combinação de agentes públicos e privados para a construção de moradias. Nesta Macrorregião, o primeiro empreendimento de provisão habitacional com financiamento público foi depois do fim do BNH, em 1989, com a construção do conjunto habitacional Jardim das Acácias (160 unidades habitacionais) (CHIARELLI, 2014).

Em 2008, a partir do Programa de Arrendamento Residencial (PAR), na categoria especial destinada à população de baixa renda - até quatro salários mínimos -, é implementado nesta Macrorregião o Condomínio Par Terra Sul (180 unidades habitacionais) (CHIARELLI, 2014).

Em 2009 a Prefeitura, por meio do Programa de Aceleração do Crescimento - modalidade Urbanização de Assentamentos Precários (PAC-UAP), urbaniza o Loteamento Anglo, e constrói 70 unidades habitacionais para a relocação dos moradores de áreas de risco (MEDVEDOVSKI; CARRASCO; LIMA-SILVA, 2021).

As intervenções mais recentes nesta Macrorregião ocorrem entre 2009 e 2020, a partir do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), sendo 5 empreendimentos faixa 2 (800 apartamentos) e 2 empreendimentos faixa 3 (288 apartamentos) (PINTO, 2016). Cabe ressaltar também outras formas de atuação do poder público nessa região, como planejamento urbano (Plano Diretor, alterações do Plano Diretor, PLHIS, entre outros), as intervenções parciais de infraestrutura, e a regularização fundiária - imposta como

problema e apresentada como solução pelo mesmo poder público, de baixa efetividade e essencialmente jurídica. Tanaka (2017) ressalta a necessidade de compreensão do papel do Estado frente aos processos de segregação sócio-espacial, que como interlocutor do mercado imobiliário, acaba por operar na manutenção da precariedade urbana e habitacional.

### Agentes Privados

A Macrorregião do São Gonçalo, localizada às margens do Canal São Gonçalo e do Arroio Pelotas, como visto anteriormente, desempenha papel fundamental para a atividade charqueadora no século XVIII. Em 1850, a partir da implementação da propriedade da terra e da reorganização do trabalho, acentua-se a apropriação privada desse território. De tal forma que, no século XIX, os investimentos produtivos nessa área vinculam-se à atividade fabril, Frigorífico Anglo e Engenho Pedro Osório, e a exploração da produção urbana, principalmente a habitação precária.

Em 1919, é inaugurada às margens do Canal, na até então Charqueada de Brutus Almeida, a Companhia Frigorífico Rio Grande, especializado na produção de carnes e conservas de carnes, cujo destino da produção era o mercado regional e estrangeiro, a partir do porto do Rio Grande para a Inglaterra (BRITTO, 2011). Segundo Britto (2011), em 1943 o frigorífico é comprado por uma empresa inglesa e passa a ser chamado de Frigorífico Anglo S.A, mantendo as atividades até a década de 1990. Entre os anos 1943 e 1970, estima-se que no entorno do Frigorífico (Ocupação da Balsa e Anglo) habitavam em torno de 800 a 1200 pessoas, sendo cerca de 80% trabalhadores do Frigorífico Anglo (SILVA, 1999, apud BRITTO, 2011). O antigo Frigorífico Anglo foi comprado pela UFPel em 2004 e atualmente é um dos seus *Campi* Universitário, sediando também a reitoria da Universidade.

Em 1922, a Charqueada São Gonçalo dá origem ao Engenho Pedro Osório, engenho de beneficiamento de arroz, considerado o de maior capacidade na América Latina na época (SILVEIRA, 2020). Segundo Silveira (2020), o complexo arquitetônico do Engenho, era composto pela Vila Operária, escola e campo de futebol, e foi ativo até os anos 1980.

Seguindo a lógica de ocupação de áreas afastadas do centro e a especulação como forma de valorização da renda fundiária, nos anos 1980 é inaugurado o Loteamento Umarama, com implementação na zona norte da Macrorregião do São Gonçalo, e que representa essa modalidade de produção urbana vinculada com uma nova frente de expansão imobiliária, a abertura da Avenida Ferreira Viana/Adolfo Fetter, que se torna a principal conexão do centro com o bairro Laranjal.

A partir dos anos 1980, pode-se perceber uma série de flexibilizações sobre a implantação de empreendimentos de alta renda em áreas ambientalmente frágeis, resultando no Loteamento Marina Ilha Verde, às margens do Arroio Pelotas, e em residências unifamiliares às margens do Canal São Gonçalo. Neste período também foi instalado o clube Veleiro Saldanha da Gama, empresa esportiva e iate clube às margens do Canal.

Na Macrorregião do São Gonçalo, os anos 1990 são marcados pela implantação de conjuntos habitacionais para a classe média. Em 1995 é lançado o Jardim das Hortênsias (336 apartamentos), o Village Center I (1000 apartamentos), o Village Center II (500 apartamentos), e em 1996, o Village Center IV (312 apartamentos) (CHIARELLI, 2014).

Recentemente, outros empreendimentos residenciais têm sido implementados nessa Macrorregião. O condomínio horizontal Lagos de São Gonçalo lançado em 2012 (365 lotes), o Loteamento Parque Una, complexo imobiliário vertical em construção (75 lotes - multifamiliar, institucionais e comerciais) (GUERRA, 2019), e o Parque Residencial Porto5, complexo imobiliário com previsão de lançamento em 2023.

Pode-se destacar também como parte desse processo de valorização fundiária dessa região, a implantação de empreendimentos comerciais, como o BIG (2004) - hipermercado atualmente da rede francesa Carrefour -, e o Shopping Pelotas (2013) (GUERRA, 2019). E ainda, segundo Guerra, a transferência do complexo judiciário para essa região, com o prédio do Foro da Comarca de Pelotas (2005) e o prédio do Ministério Público (2009).

### Grupo Sócio Espacial

Como já apresentado, houve incentivo do poder público municipal de ocupação dessa Macrorregião, a partir dos Loteamentos públicos Fátima e Navegantes I e II. A partir de então, tem-se a ocupação de áreas próximas aos loteamentos e conjuntos habitacionais populares, bem como das margens do Canal São Gonçalo. Ainda é possível destacar a ocupação histórica do Passo dos Negros e Corredor das Tropas e as ocupações pelos trabalhadores dos empreendimentos locais.

Para identificar os agentes locais a partir dos assentamentos precários da Macrorregião, utiliza-se do conceito de grupo sócio-espacial, apresentado por Kapp (2018) como “grupo de pessoas que se relacionam entre si num espaço, sendo esse espaço constitutivo do grupo e, inversamente, constituído por ele” (KAPP, 2018, p. 223).

Para a identificação dos grupos sócio-espaciais, tem-se como base o levantamento feito pela Secretaria Municipal de Habitação, utilizado na etapa de diagnóstico do PLHIS (2014):

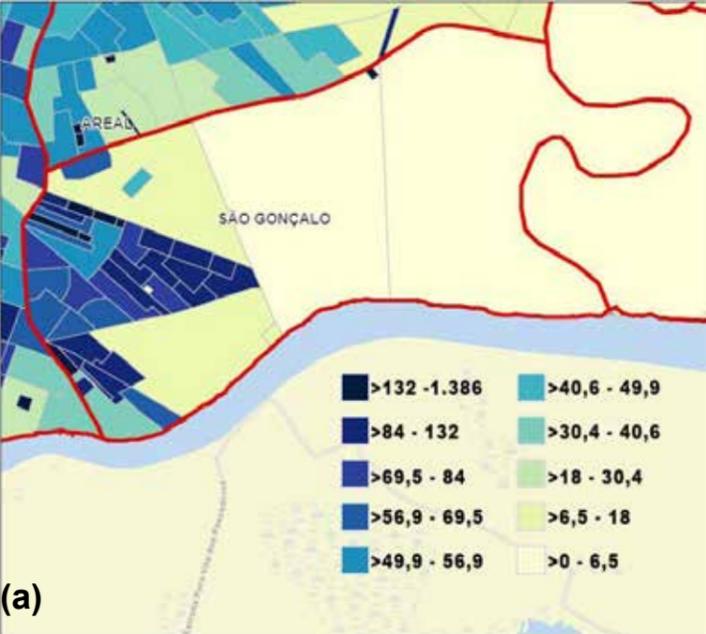
Áreas residuais do Loteamento Navegantes, ocupadas desde a sua criação: Quarteirão da rua Claudiomar Bachini e Quarteirão Telles. Ocupação das áreas entre o Loteamento Navegantes e os conjuntos habitacionais, iniciadas nos anos 1980: Loteamento Belo Horizonte, Loteamento Dulce, Querência, Ocupação muro do Village Center.

Ocupação ao longo da Rua Mário Meneghetti, divisa entre o Loteamento Fátima e o Loteamento Navegantes, iniciada nos anos 1980: Ocupação Mário Meneghetti, Loteamento Mário Meneghetti, Ocupação rua Xavante.

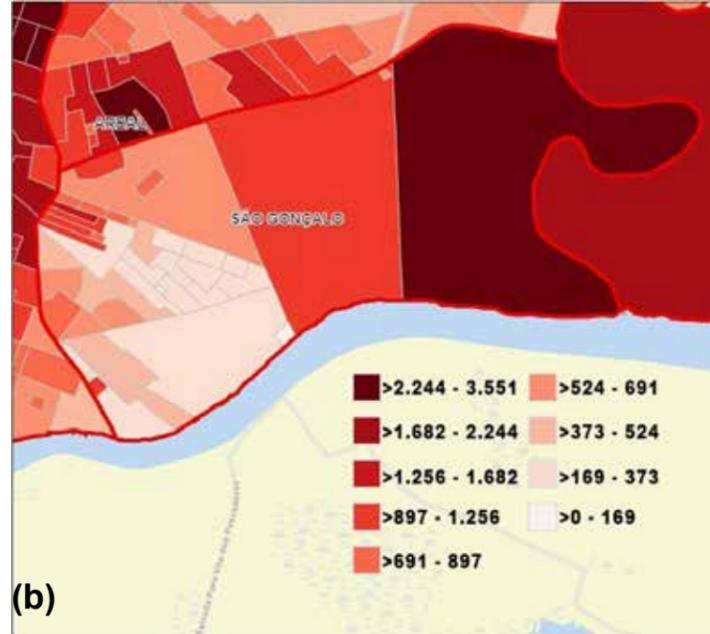
A partir dos anos de 1940, tem-se a ocupação do entorno do Frigorífico Anglo pelos próprios trabalhadores e ocupações ao longo da Rua Tiradentes, motivadas pelo acesso à antiga balsa para a cidade de Rio Grande: Loteamento da Balsa, Loteamento Anglo, Ocupação Campo do Casarin.

Ocupações às margens do Canal São Gonçalo e do acesso a balsa, intensificadas a partir dos anos 1980, a partir da Vila de Pescadores da Estrada do Engenho: Ocupação da Estrada do Engenho, Ocupação do Dique.

Áreas historicamente ocupadas e que receberam intervenções recentes de remoções pelo avanço do capital imobiliário nesta região, e, dessa forma, originam novas ocupações, que se intensificam a partir de 2010: Ocupações próximas ao Campo Osório e Ocupação do Corredor das Tropas.



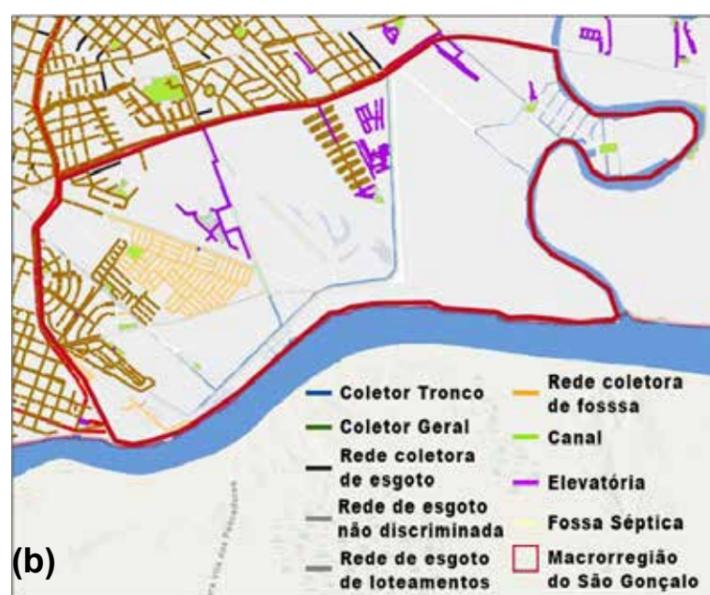
(a)



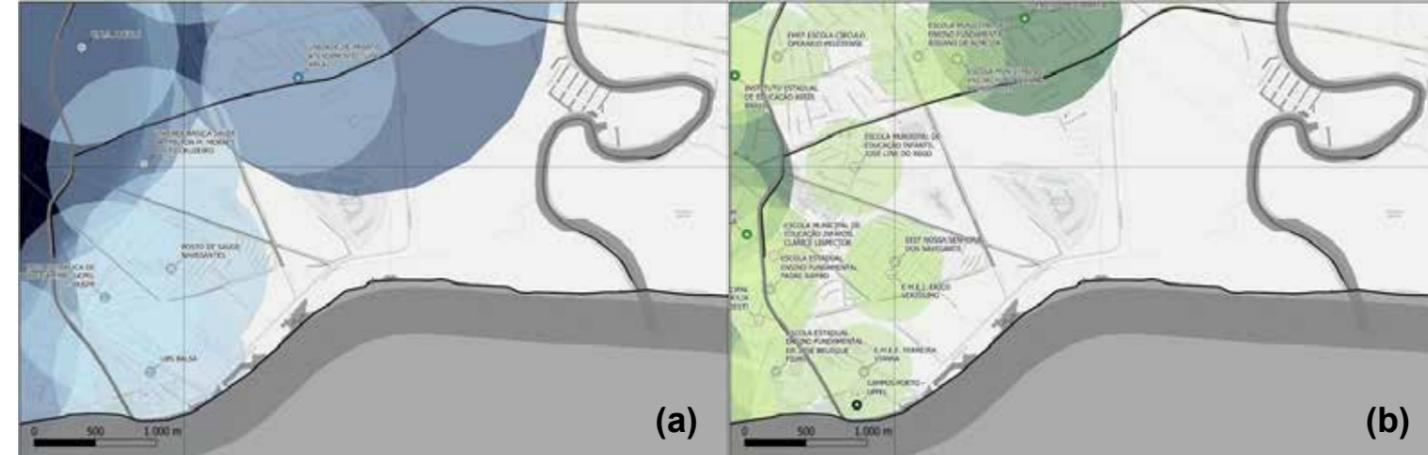
(b)



(a)



(b)



(a)

(b)

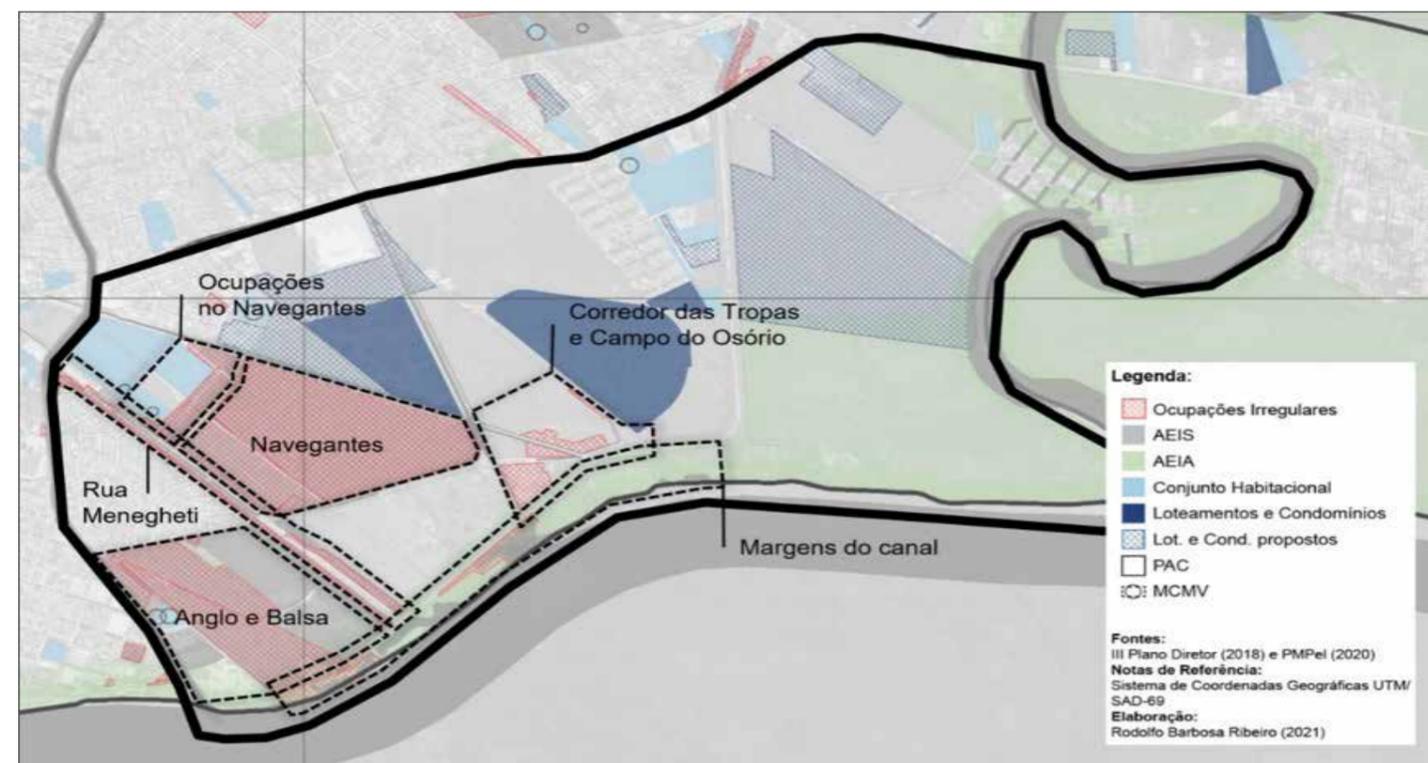


Figura 12 - (a) Recorte do mapa de Moradores em domicílios particulares permanentes por hectare; (b) Recorte do mapa de Renda per capita na Macrorregião do São Gonçalo. Figura 13 - Recorte dos mapas de Rede de Água (a); Rede de Esgoto (b). Fonte: Geo Pelotas.

Os grupos sócio-espaciais apresentados, em assentamentos precários, enfrentam no cotidiano problemáticas geradas pelo histórico descaso do Estado, ausência ou precarização da infraestrutura urbana, e mais recentemente, a disputa do espaço e as ameaças de remoções (TANAKA, 2017). De acordo com Tanaka (2017), a desqualificação do espaço urbano dessas áreas é uma forma de dominação da terra por parte do Estado, que muitas vezes justifica as expropriações através do discurso de “recuperação”, e como consequência, acabam sendo destinadas ao mercado imobiliário.

#### Análise da densidade demográfica, renda per capita, infraestrutura e equipamentos

A análise é apresentada a partir dos dados disponibilizados no Portal de Informações Geográficas da Prefeitura de Pelotas. Para iniciar a análise, foram analisados os mapas de moradores por hectare (figura 12a) e renda per capita (figura 12b), desenvolvidos com base no Censo Demográfico realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Torna-se necessário salientar a defasagem das informações em função do ano do último Censo e a recente expansão dos empreendimentos de incorporação imobiliária nessa área. Através da análise dos mapas, percebe-se também que parte dos assentamentos precários não foram mapeados pelo último Censo, sobretudo aqueles que se localizam às margens do Canal São Gonçalo e de

maior precariedade.

Pode-se afirmar, através da análise dos mapas da figura 12, a evidente segregação sócio-espacial existente nesta macrorregião, demarcadas pelas diferenças de densidade e renda. Também pode-se perceber, na área onde se localizam os loteamentos populares, a concentração de alta densidade e baixa renda per capita. De acordo com o Plano de Mobilidade (2019), a microrregião do Navegantes, que faz parte da Macrorregião do São Gonçalo, está entre as dez microrregiões com maior densidade e menor faixa de renda de Pelotas.

A análise da infraestrutura urbana dessa Macrorregião, se desenvolve a partir da distribuição das redes de água e esgoto. Ao analisar os mapas das figuras 13a e 13b, percebe-se que a distribuição da rede de água e esgoto se concentra nas áreas mais próximas ao centro da cidade e destinadas às rendas mais altas. Nos loteamentos Fátima e Navegantes e nos assentamentos mais consolidados, também é possível identificar o acesso às redes. Contudo, na região às margens do Canal São Gonçalo, a presença das redes de água e esgoto é notavelmente mais escassa, ainda que algumas dessas áreas tenham ocupações historicamente consolidadas.

Analisa-se também, a distribuição de equipamentos públicos de saúde (figura 14a) e educação (figura 14b) nesta Macrorregião, baseada no banco de dados dos

Figura 14 - Equipamentos e raios de abrangência, saúde (a); educação (b). Fonte: Adaptado pelos autores. Figura 15 - Mapa de setorização da macrorregião (em desenvolvimento). Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

autores. Para as medidas dos raios de abrangência dos equipamentos, utiliza-se dos parâmetros estabelecidos por Teixeira et al (2020) para a cidade de Pelotas: ensino infantil e fundamental 400 metros, ensino médio 800 metros, UBS/posto de saúde 800 metros, hospital 1600 metros.

Pode-se identificar na figura 14a que grande parte das áreas ocupadas nesta Macrorregião, são atendidas por equipamentos públicos de saúde, ainda que seja por Unidades Básicas e Postos de Saúde - não há hospitais nesta Macrorregião. Conforme apresenta a figura 14b, os equipamentos de educação - ensino infantil e fundamental - estão implementados nas áreas mais próximas ao centro da cidade e nos loteamentos mais consolidados. Não há equipamento de educação de ensino médio nesta Macrorregião. Pode-se destacar a implantação do *Campi Anglo* da UFPel, que atende a reitoria da Universidade e mais de 20 cursos.

É preciso destacar que, como na análise da infraestrutura urbana dessa Macrorregião, os assentamentos precários às margens do Canal São Gonçalo não são atendidos pelos equipamentos públicos de saúde e educação identificados. Como abordado anteriormente, ao manter a situação de urbanização precária e estigmatizar ocupações irregulares, o Estado mantém o controle pelo território e sujeita os moradores, independentemente do tempo que estejam vivendo nesses territórios, à dinâmica e arbitrariedades do mercado imobiliário (TANAKA, 2017).

### Setorização: síntese da caracterização do território

O mapa da figura 15 é resultado das análises desenvolvidas ao longo deste trabalho, configurando-se como uma síntese da caracterização do território da Macrorregião do São Gonçalo. Buscando espacializar as informações apresentadas, mapeia-se a localização dos agentes públicos e privados, dos grupos sócio-espaciais, dos equipamentos públicos de saúde e educação. Para assim, identificar as possibilidades de contribuição do campo da arquitetura e urbanismo frente ao contexto de precariedade urbana e habitacional e as atuais disputas em torno desta Macrorregião.

Apresenta-se na figura 15, a setorização dos grupos sócio-espaciais identificados nesta Macrorregião, a partir da proximidade física, e origem, período e forma de ocupação. Entende-se essa setorização como proposição inicial sobre a compreensão do espaço, a ser comprovada, ou não, nas próximas etapas de desenvolvimento dessa pesquisa.

### Cartografia em processo

O trabalho desenvolvido na Nucleação da Residência AU+E na UFPel propõe pensar a atuação profissional em arquitetura e urbanismo na Ocupação do Corredor das Tropas - Passo dos Negros, comunidade ameaçada de remoção pelo avanço de empreendimentos imobiliários na região do São Gonçalo, onde está localizada.

Nesse processo, destacam-se dois pontos: primeiro, compreendendo a complexidade da formação histórica e dos movimentos de resistência da região, é indispensável uma perspectiva interdisciplinar para atuação no território; e segundo, o contexto de crise sanitária decorrente da pandemia de COVID-19, demandando distanciamento social e medidas preventivas, torna a atuação presencial no território um elemento complexo e que faz necessário uma relação consolidada com os moradores.

Dessa forma, buscando articulação com grupos organizados que já trabalham no território em contato com as comunidades, têm-se a aproximação com o GEEUR, que

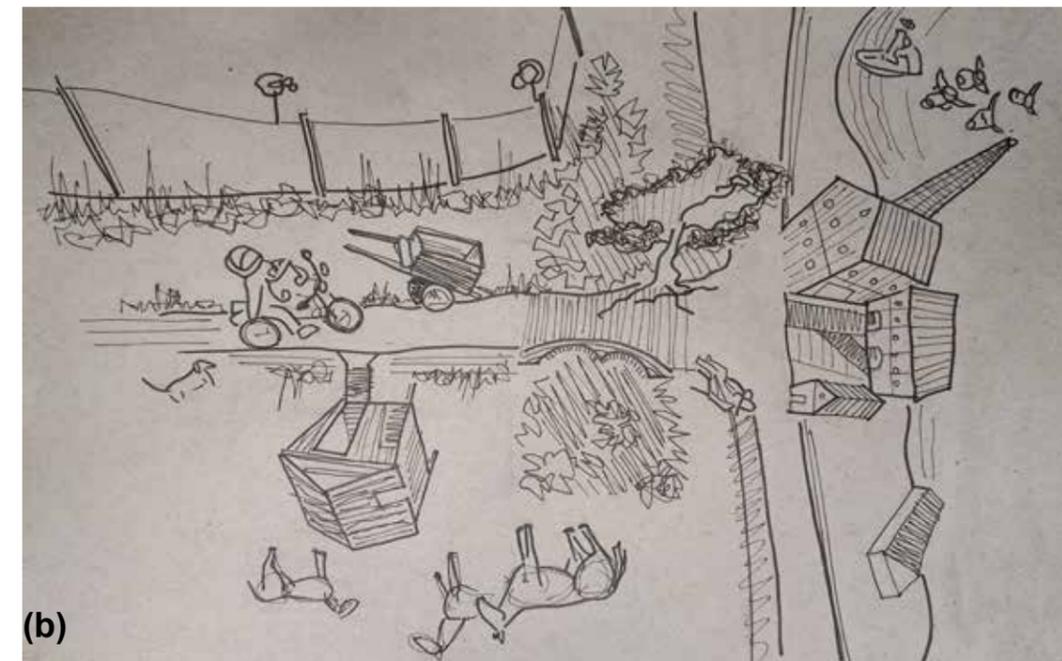


Figura 16 - projeto de cartografia e ilustração de um dos agrupamentos propostos (a); (b). Fonte: Elaborado pelos autores.

desenvolve trabalhos junto à comunidade do Passo dos Negros desde 2014, a partir do Projeto de Pesquisa Margens: Grupos em Processos de Exclusão e suas Formas de Habitar Pelotas e do Projeto de Extensão Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de Etnografia Coletiva para Antropólogos/as em Formação.

Os trabalhos a partir da parceria entre GEEUR e a Nucleação da Residência AU+E na UFPel estão em torno de denúncias sobre o processo de ameaças de remoções e retirada sistemática de direitos dos moradores; visibilidade das comunidades locais e do patrimônio histórico cultural ameaçado; e a construção de um projeto que busca garantir os direitos dos moradores à permanência, à moradia e à cidade, a partir dos termos dos próprios moradores e alinhados a perspectivas centradas no processo histórico dessas comunidades em relação ao território.

Propõe-se, nesse processo, a construção da cartografia como forma de aprofundar a compreensão sobre o processo histórico de formação do território, as relações de moradia e os modos de vida. Tem-se como base para a cartografia a pesquisa sobre a macrorregião, os trabalhos do GEEUR e a relação dos autores com os moradores da

Ocupação do Corredor das Tropas.

Destaca-se, como ponto de partida, as reflexões de Ingold (2005) sobre a cartografia de processo, reconhecendo o mapear enquanto processo contínuo e no qual se deve considerar as contribuições para formação do mundo em movimento. Da mesma forma, Prado Filho (2013) aborda o olhar crítico necessário para representar relações e trajetórias, e que não necessariamente precisa vir em formato de mapa:

Tal estratégia desenha não exatamente mapas no sentido tradicional do termo e sim diagramas, que não se referem à topografia, mas a uma topologia dinâmica, a lugares e movimentos de poder, traçar diagramas de poder, expõe as linhas de força, diagrama enfrentamentos, densidades, intensidades (PRADO FILHO, 2013, p. 47).

Dessa forma, considerando o processo em aberto de mapear e os diagramas como forma de representação e organização das ideias, propõe-se um projeto da cartografia. O projeto da cartografia faz parte do processo de reflexão sobre as formas de espacializar o processo histórico, as relações e os modos de vida.

Para o desenvolvimento da cartografia, busca-se reconhecer os trabalhos desenvolvidos pelo GEEUR ao longo dos últimos sete anos no Passo dos Negros. A partir do método da deriva dos situacionistas - conhecer e pensar as cidades-, busca-se percorrer os textos e trabalhos produzidos pelo GEEUR como forma de melhor compreensão aprofundada desse território.

As grandes cidades são favoráveis à distração que chamamos de deriva. A deriva é uma técnica do andar sem rumo. Ela se mistura à influência do cenário. Todas as casas são belas. A arquitetura deve se tornar apaixonante. Nós não saberíamos considerar tipos de construção menores. O novo urbanismo é inseparável das transformações econômicas e sociais felizmente inevitáveis. É possível se pensar que as reivindicações revolucionárias de uma época correspondem à ideia que essa época tem de felicidade (JAQUES, 2003).

Nesse processo, é possível identificar a constante transformação urbana da região do São Gonçalo e do território do Passo dos Negros. E, no processo de transformação, reconhecer o movimento de fazer cidade (AGIER, 2015).

Na acumulação destes três efeitos de invasão/ ocupação/ instalação encontra-se o movimento do direito à cidade enquanto direito de estar ali e de ali levar uma vida urbana. É neste momento, nesta pragmática, que o fazer-cidade se torna objeto real e observável do 'direito à cidade' [...] Locais, particulares ou precárias, as práticas do fazer-cidade revelam assim uma certa universalidade da cidade, no sentido de que deixam entrever inícios, gêneses, processos e lógicas da cidade, cujo final não conhecemos (AGIER, 2015 p. 494).

Assim, com essas bases, aproxima-se ao território e a partir do levantamento socioespacial, amplia-se ainda mais a compreensão sobre o lugar e seus modos de vida. A proposta de contribuição no campo da arquitetura passa pela construção de uma proposta para esse lugar, como forma de resistir e garantir a permanência dos moradores, frente ao território em disputa. Esse território em disputa, se estabelece nos termos da “guerra pelos lugares” de Rolnik (2015), onde o conflito está nos “processos

coletivos de construção de contraespaços”.

Assim, tem-se como objetivo a construção conjunta entre moradores, GEEUR e Nucleação RAU+E UFPEL, de um contra projeto, a partir dos termos dos próprios moradores, como forma de disputa pela permanência qualificada dos deles no território. A partir dessas bases, se constrói a cartografia, para aprofundar a compreensão do lugar, dos modos de vida, diferentes tempos, e, principalmente, dos diferentes ‘fazer cidade’ que constroem o Passo dos Negros.

[...] os escritos de Seger et al (2015), em que as autoras desdobram a noção de “fazer Passo dos Negros”, observando os diferentes modos de habitar o lugar e colocando a autoria da criação pelas pessoas e suas formas de vida e sociabilidade. Assim, seguindo os caminhos já percorrido pelas autoras, escrevemos como se faz a cidade enquanto ente vivo e em constante (trans)formação, nos levando a concepção de que existem múltiplas maneiras de se fazer cidade (AGIER, 2015), e assim, múltiplas maneiras de se “fazer o Passo dos Negros” (GEEUR, 2019, p. 43).

Destaca-se também, a necessidade de compreender como se estabelecem as relações culturais e históricas com esse território, e como, no cotidiano atual dos moradores, essas relações aparecem.

Ao realizar caminhadas no Passo dos Negros, atentamos para esta paisagem e suas várias camadas de tempo que dialogam entre si. Este é um tempo que surge das relações multifacetadas entre entidades de vários passados, onde tanto passado como presente são completamente misturados (OLSEN, et al., 2012). O passado não passou, de fato (GEEUR, 2019, p. 44).

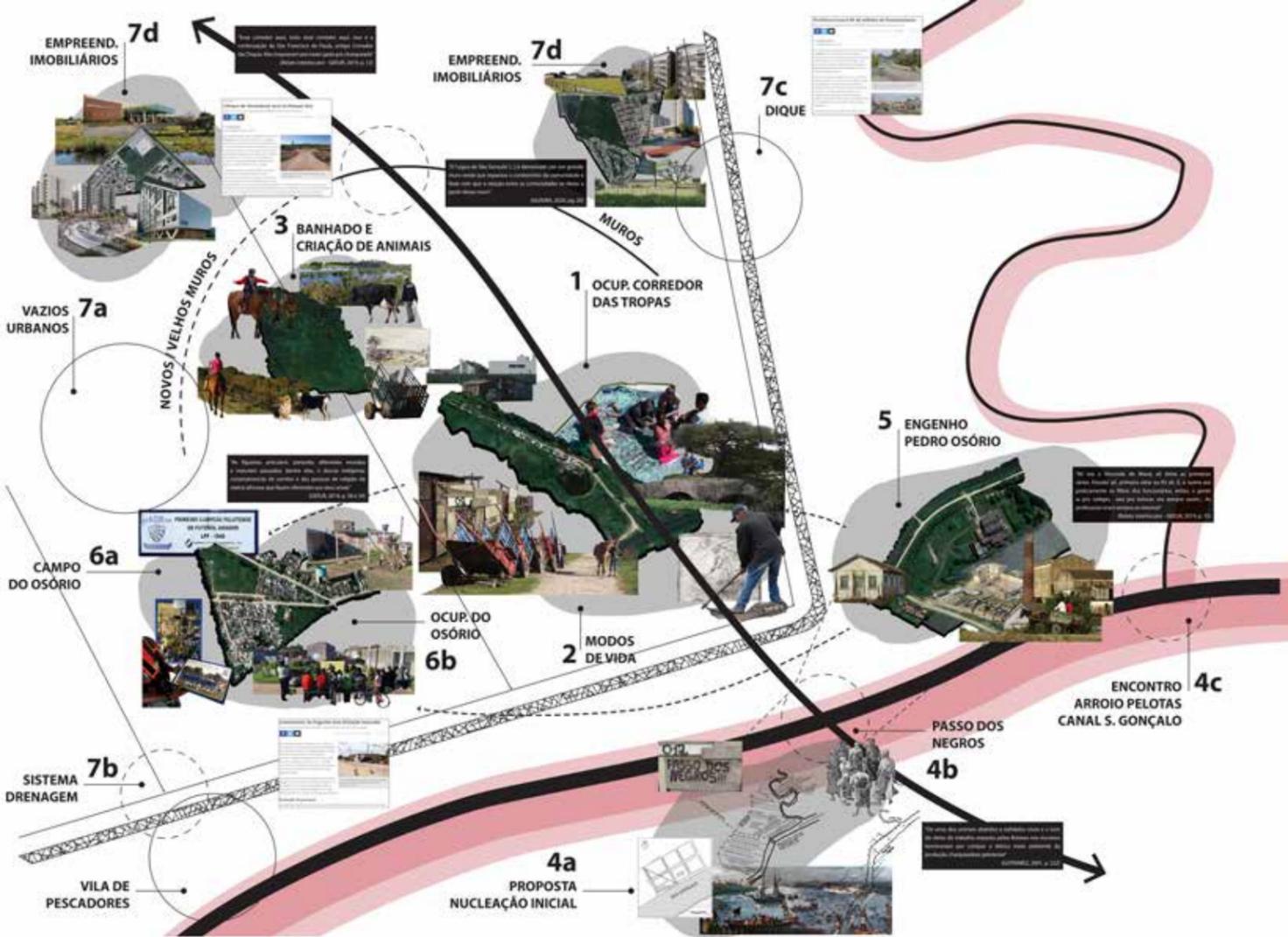
Entende-se também como desafio desse processo, ultrapassar a dimensão do voo de pássaro, do mapa tradicional, das imagens aéreas - formas mais comuns de representação no campo da arquitetura -, e buscando para isso articular outras perspectivas para essa representação. Dessa forma, a cartografia é realizada a partir de imagens e textos, complementando o mapa e buscando estabelecer relações espaciais a partir dele.

A cartografia está organizada em sete agrupamentos, nesta ordem: ocupação corredor das tropas; modos de habitar; banhados e relação com os animais; Passo dos Negros; Engenho Pedro Osório; Campo do Osório e ocupações; e, especulação imobiliária.

São utilizados imagens e relatos dos moradores nos trabalhos do GEEUR, textos de autores que escrevem sobre o território, reflexões a partir do levantamento socioespacial desenvolvido, imagem dos autores e outras ilustrações que representam esses lugares. As imagens, textos, relatos, de diferentes perspectivas e diferentes tempos, criam outras dimensões sobre o lugar do Passo dos Negros, que são conectados pela base do mapa, pelos trajetos, localizações e aproximações.

As reflexões a partir da cartografia partem das questões de “o que” e “como” representar a Ocupação do Corredor das Tropas e o Passo dos Negros. E, no contexto da pandemia, diante da impossibilidade de diálogo direto e frequente com os moradores, questiona-se as formas de trazer outras perspectivas para a cartografia.

Entendendo que o espaço é base das discussões no campo da arquitetura e urbanismo, busca-se, a partir de cartografia, aproximar imagens e relatos da dimensão espacial



do território. Dessa forma, a cartografia resulta (até o momento), na tentativa de transformar o mapa tradicional e em mapa que representa o processo histórico de formação do território, as relações de moradia e os modos de vida.

### Considerações finais

A pesquisa sobre a Produção do Espaço Habitado em Pelotas, com o objetivo de compreender o processo de produção urbana da cidade de Pelotas de forma geral, e, em particular, da Macrorregião São Gonçalo, possibilitou a leitura ampliada sobre essa área. Também subsidiou a escolha do Corredor das Tropas/Passo dos Negros como início dos trabalhos da Nucleação da RAU+E na UFPel, considerando a necessidade de compreensão das relações no território como um todo, reforçando a necessidade de ampliação dos trabalhos junto a outras comunidades do entorno.

A caracterização da Macrorregião São Gonçalo, a partir da legislação pós Estatuto da Cidade, da identificação dos agentes locais, da análise da densidade demográfica e renda, e do reconhecimento da infraestrutura e equipamentos, contribuiu na elaboração de um panorama atual sobre essa área. As análises reafirmaram demandas gerais por melhorias habitacionais e urbanas das comunidades desse território, além de estabelecer as bases para o desenvolvimento do projeto para o Corredor das Tropas. Os levantamentos também expuseram a articulação entre os empreendimentos imobiliários e as intervenções públicas nessa área.

A Cartografia em processo possibilita a leitura dessa área a partir de outras bases, tendo como objetivo aprofundar a compreensão e espacializar questões sobre

o processo histórico de formação do território, as relações de moradia e os modos de vida. O mapeamento a partir de diferentes perspectivas, apresenta as relações temporais, culturais e históricas com o território, além de trazer elementos do cotidiano dos moradores.

A pesquisa bibliográfica, a caracterização do território e cartografia são bases para a construção do Plano Popular do Corredor das Tropas/Passo dos Negros, atualmente em fase de desenvolvimento, e que tem como ponto de partida a relação entre os moradores, o GEEUR e a Nucleação da RAU+E na UFPel. Seu objetivo é a construção de um Projeto que apresente propostas para as distintas escalas do espaço habitado para a área do Corredor das Tropas/Passo dos Negros, buscando desse modo garantir os direitos dos moradores à moradia e à cidade, a partir dos termos dos próprios moradores.

### Referências

AGIER, Michel. *Do Direito à Cidade ao Fazer-Cidade*. O Antropólogo, A Margem E O Centro. Mana vol.21 n.03. Rio de Janeiro, dez/2015.

BRITTO, N. D. S. S. *Industrialização e Desindustrialização do espaço urbano na cidade de Pelotas (RS)*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2011.

CARDOSO, F. H. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional*. O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

CARRASCO, A. O. T. et al. *Limites e contradições do planejamento urbano: a construção de perspectivas superadoras a partir da elaboração do Plano Popular da Estrada do Engenho*. Oculum Ensaios, v.15, n.3, p.557-579, 2018.

CARRASCO, A. O. T. *O Processo de Produção do Espaço Urbano na Cidade de Pelotas: Subsídios para uma reflexão sobre o desenvolvimento das relações de desigualdade entre centro e periferia*. Oculum Ensaios Revista de Arquitetura e Urbanismo, V.14, n.3, p. 595-611, 2017.

CARRASCO, A. O. T. *A arquitetura e o urbanismo da modernização retardatária: particularidades da produção do espaço urbano no contexto brasileiro*. São Paulo: Annablume, 2014.

CHIARELLI, L. M. A. *Habitação social em Pelotas (1987-2010): influência das políticas públicas na promoção de conjuntos habitacionais*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GEEUR - GRUPO de Estudos Etnográficos Urbanos. *Dossiê pela Patrimonialização do Passo dos Negros*. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2019.

GUERRA, H. D. S. *Projeto e discurso: uma análise sobre os novos produtos do setor imobiliário*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2019.

GUTIERREZ, E. J. B. *Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. 2 ed. Pelotas: UFPel, 2001.

GUTIERREZ, E. J. B. *O monte bonito cobriu-se de sangue: História do sítio charqueador Pelotense*. In: Seminário de Patrimônio Agroindustrial Lugares de Memória, II. São Carlos, 2010.

HARVEY, D. *A liberdade da cidade*. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 26, pp. 09 - 17, 2009.

INGOLD, T. *Jornada ao longo de um caminho de vida: mapas, descobridor-caminho e navegação*. In: Religião e Sociedade 25(1):76-110. Rio de Janeiro: 2005.

JACQUES, P. J. *Breve histórico da Internacional Situacionista – IS*. Arqtextos, São Paulo, ano 03, n. 035.05, Vitruvius, abr. 2003 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/03.035/696>>.

KAPP, S. *Grupos sócio-espaciais ou a quem serve a assessoria técnica*. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, São Paulo, V.20, N.2, p.221-236, 2018.

KURZ, R. *O colapso da modernização*. Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LEFEBVRE, H. *A re-produção das relações de produção*. Porto: Publicações Escorpão, 1973.

LEFEBVRE, H. *Espacio y política*. El derecho a la ciudad II. Barcelona: Ediciones Península, 1976.

LIMA-SILVA, F. *Prioridade política e capacidade burocrática: a implementação do PAC – urbanização de assentamentos precários*. 2019. Tese (Doutorado) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2019.

MARICATO, E. *Metrópole na periferia do capitalismo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARICATO, E. *As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias, planejamento urbano no Brasil*. In: ARANTES, O. VAINER, C. MARICATO, E. *Cidade do Pensamento Único: Desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2000. Cap.4, p.121-192.

MEDVEDOVSKI, N. S.; CARRASCO, A. O. T.; LIMA-SILVA, F. *Direito à Cidade e Habitação: Condicionantes institucionais e normativas para a implementação de políticas (programas e projetos) de urbanização de favelas no Município de Pelotas-RS (relatório final de pesquisa)*. Pelotas; 2021. Disponível em: < [https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/wp-content/uploads/2021/04/Relatorio-Final\\_Pelotas\\_UFPEL.pdf](https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/wp-content/uploads/2021/04/Relatorio-Final_Pelotas_UFPEL.pdf)>. Acesso em: 04 maio 2021.

OLIVEIRA, A. L. C. *O portal meridional do Brasil: Rio Grande, São José do Norte e Pelotas no período colonial (1737 a 1822)*. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

OLIVEIRA, F. *Crítica à razão dualista*. In: OLIVEIRA, F. *Crítica à razão dualista*. O ornitorrinco. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

PELOTAS. *Plano Local de Habitação de Interesse Social*. Pelotas: Prefeitura Municipal

de Pelotas, 2014.

PELOTAS. Lei 6.636 de 03/10/2018. *Altera a Lei Municipal nº 5.502 de 11 de setembro de 2008, que dispõe sobre plano diretor de Pelotas, e dá outras providências*. Pelotas: Prefeitura Municipal de Pelotas, 2018.

PELOTAS. *Plano de Mobilidade Urbana de Pelotas*. Junho de 2019. Disponível em: <<https://www.pelotas.rs.gov.br/plano-mobilidade>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

PELOTAS. *Geoprocessamento, Secretaria Municipal de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana*. Pelotas: Prefeitura Municipal de Pelotas, 2021.

PERES, O. M.; POLIDORI, M. C. *Crescimento urbano e hidrografia natural: conflitos e articulações no espaço-tempo*. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, XVIII, 2019, Natal.

PINTO, J. V. *Contribuições para estudo do “Programa Minha Casa, Minha Vida” para uma cidade de porte médio, Pelotas-RS: caracterização das empresas construtoras e incorporadoras privadas e inserção urbana*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2016.

PRADO FILHO, K.; TETI, M. M. *A cartografia como método para as ciências humanas e sociais*. Barbarói, n. 38, p. 45-49, 2013.

*REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA: Pelotas possui mais de 200 Áreas Irregulares*. Diário da Manhã, 05 de set. de 2017. Disponível em: <<https://diariodamanhapelotas.com.br/site/regularizacao-fundiaria-pelotas-possui-mais-de-200-areas-irregulares/>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

ROLNIK, R. *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. São Paulo: Boitempo, 2015.

SILVA, J. G. e POLIDORI, M. C. *Evolução urbana, parcelamento do solo e fragmentação*. Revista Projectare, n.2, p.99-109, 2008.

SILVEIRA, M. 2020. *Territorialidades em Disputa: Normativas e Narrativas do Passo dos Negros em Pelotas/RS*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2020.

SOARES, P. R. R. *Del proyecto urbano a la producción del espacio: morfología urbana de la ciudad de Pelotas, Brasil. (1812-2000)*. Tese (Doutorado) Universidade de Barcelona. Barcelona, 2002.

TANAKA, G. *Planejar para lutar e lutar para planejar: possibilidades e limites do Planejamento Alternativo*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

TEIXEIRA et al. *As relações entre a pandemia de COVID-19 e áreas de fragilidade socioespacial em pelotas*. In: Congresso de Extensão e Cultura da UFPel, VIII, 2020, Pelotas, p. 89-92.

# COMUNIDADES TRADICIONAIS

## Das práticas insurgentes aos múltiplos olhares para uma descolonização do planejamento territorial

TRADITIONAL COMMUNITIES

*From insurgent practices to multiple perspectives for a  
decolonization of territorial planning*

**Alessandra de Sant'Anna<sup>1</sup>, Carolline Amaral da Silva<sup>2</sup>,  
Gabriel Silva Fernandes<sup>3</sup>, Hilder Alberca Velasco<sup>4</sup>,  
Letícia Lopes Brito<sup>5</sup>, Luísa Acauan Lorentz<sup>6</sup>,  
Patricia Fernanda de Sousa Cruz<sup>7</sup> e Rodrigo Quintella Messina<sup>8</sup>**

### Resumo

Neste trabalho, apontamos, a partir de diferentes experiências com comunidades tradicionais - em suas múltiplas e diversas territorialidades -, reflexões para a descolonização do planejamento territorial. São apresentados quatro casos – “Retomada Yjeré” (Porto Alegre/RS), “Pico do Jaraguá” (São Paulo/SP), “Aldeia dos

1 Graduada em Serviço Social (ESS/UFRJ), gerente de projetos para o desenvolvimento (ESALQ/USP; PMD Pro), mestra em Políticas Públicas e Desenvolvimento (PPGPPD/LAESP/UNILA) com ênfase em estratégias de desenvolvimento na América Latina, doutoranda em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ). Pesquisadora dos grupos CNPq Espaço e Poder (IPPUR/UFRJ), TIPPA – Territórios Interiores, Paisagens e Povos da América Latina (CAU/UNILA) e no Laboratório Estado, Trabalho, Território e Natureza (ETTERN/IPPUR/UFRJ).

2 Mestranda em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU-UFF). Graduada em Arquitetura e Urbanismo (EAU-UFF). Bolsista Capes na linha de pesquisa Projeto, Planejamento e Gestão da Arquitetura e da Cidade. Pesquisadora do grupo CNPq Cidade, Processos de Urbanização e Ambiente (PPGAU/UFF) que integra o Laboratório do Lugar e da Paisagem.

3 Doutorando em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPEL. Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela FAUrb/UFPEL. Pesquisador na linha dos grupos de Pesquisa CNPq [POIESE] Laboratório de Política e Estética, e no grupo Arquitetura, Derrida e Interconexões.

4 Natural da província Indoandina campesina de Huancabamba, Piura, Peru. Graduado em Ciência Política e Sociologia pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (CPS/LAESP/UNILA). Mestrando em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ). Colaborador das revistas eletrônicas Ola Política (Colômbia) e Sociotramas (Equador). Pesquisador no Laboratório Estado, Trabalho, Território e Natureza (ETTERN/IPPUR/UFRJ).

5 Mestranda em Planejamento e Gestão do Território na Universidade Federal do ABC (UFABC). Graduada em Direito pela Fundação Getúlio Vargas (FGV/Direito/SP) com especialização em Administração Pública pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV/EAESP). Pesquisadora no Centro de Direitos Humanos e Empresas (FGV/CeDHE).

6 Mestranda em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ) e graduanda em Gestão Ambiental (IFRS). Bacharela em Relações Internacionais (UFRGS). Pesquisadora no Laboratório Estado, Trabalho, Território e Natureza (ETTERN/IPPUR/UFRJ).

7 Doutoranda e Mestre em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR/UFRGS). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Caxias do Sul (UCS-CARVI) sob Licença Temporária. Pesquisadora dos grupos CNPq [POIESE] Laboratório de Política e Estética Urbanas, e no [GEPEUR] Grupo de Pesquisa Estudos Urbanos e Regionais.

8 Mestrando no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP). Graduado em Arquitetura e Urbanismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Sócio-fundador do escritório messina | rivis arquitetura.

Irredutíveis” (Maricá/RJ) e “Beiradão do Xingu” (Altamira e Vitória do Xingu/PA) – que se relacionam com as experiências de pesquisa e ativismo dos autores e autoras. Apesar de situadas em diferentes partes do território brasileiro e marcadas por suas particularidades, as experiências evidenciam as marcas da modernidade-colonialidade nas formas de produção do espaço, tanto por parte do Estado quanto por atores privados. Pretendemos, de tal forma, tecer problematizações à luz das discussões sobre a (des)colonização do pensamento e seus efeitos para compreensão das práticas urbanas e de planejamento que se erguem nos territórios apresentados neste trabalho, bem como do conteúdo simbólico que carregam consigo.

Palavras-chave: comunidades tradicionais, planejamento, colonialidade, modernidade, práticas insurgentes.

### Abstract

*In this work, we point out, from different experiences with traditional communities - in this multiple and diverse territorialities -, reflections for the decolonization of territorial planning. Four cases related to the research and activism experiences of the authors are presented: “Retomada Yjeré” (Porto Alegre/RS), “Pico do Jaraguá” (São Paulo/SP), “Aldeia dos Irredutíveis” (Maricá/RJ) and “Beiradão do Xingu” (Altamira and Vitória do Xingu/PA). Despite being located in different parts of the Brazilian territory and marked by their particularities, the experiences show different ways how modernity-coloniality shapes space production, both by the State and by private actors. We intend, in such a way, to weave problematizations in the light of the discussions about the (de) colonization of thought and its effects to understand the urban and planning practices that arise in the territories presented in this work, as well as the symbolic content they carry with them.*

*Keywords: traditional communities, planning, coloniality, modernity, insurgent practices.*

### Introdução

O presente artigo é resultado de um seminário desenvolvido para a disciplina COLONIALIDADE DO PENSAMENTO URBANO, desenvolvida conjuntamente pelos programas de pós-graduação de diferentes universidades: IAU/USP, IPPUR/UFRJ, PPGCS/UFRRJ, PPGE/UFF, PPGAU/UFF, FAU/USP, PPGAU/UFBA, PPU/UFPR, PROPUR/UFRGS e PPGPGP/UTFPR. O objetivo principal é refletir, a partir de nossas experiências com comunidades tradicionais enquanto conteúdo crítico, sobre as próprias práticas epistêmicas do planejamento urbano na contemporaneidade.

Pensar o planejamento urbano, em especial de forma relacional com outras modalidades de ocupação e relação com o espaço, é compreender que ele contém projetos de sociedade e uma racionalidade, com valores e leituras de sociedade e território (e seus ordenamentos), região, geografia e natureza (cada vez mais, tomada como recurso). Neste sentido, retomamos a advertência de Arturo Escobar (2019) de que a crise urbana contemporânea não se resume à questão de técnicas ou projetos inadequados ou defasados, mas que consiste em uma crise do modo que nossa cultura ocidental entende como habitar. Este modo foi sendo naturalizado ao longo dos séculos, mas rechaça a própria Natureza - a terra e o mundo natural - no urbano. Essa negação simbólica se expressa de maneira crítica nas fricções deste habitar urbano com outros modos de ser e estar no espaço, como as experiências que serão aqui expostas permitem conceber. Tal crise “aponta para uma crise mais profunda, da modernidade colonial capitalista heteropatriarcal como modelo civilizacional dominante para o mundo globalizado” (ESCOBAR, 2019, p.134).

O giro descolonial emerge, então, como uma perspectiva que se situa entre a modernidade-colonialidade (MIGNOLO, 2005) e fornece elementos para pensar

(e reposicionar) os parâmetros de dominação que se estabelecem nos territórios colonizados desde o século XV. A partir da ideia de modernidade, se estabelece um conjunto de dominâncias sobre os modos de ser, pensar e saber sobre si e sobre o outro. O giro descolonial situa historicamente elementos que permitem compreender a relação de dependência, periferia e subalternidade a que são submetidos esses territórios colonizados, e que se reitera no contemporâneo desde uma lógica que é tanto material quanto simbólica e que pressupõe a negação do Outro (DUSSEL, 1992).

Esse processo de negação se traduz na construção de um pensamento urbano que condensa infraestruturas, dinâmica de poder e formas de gestão – inclusive social – do território. Como reações dessa lógica que paulatinamente busca manter-se hegemônica se sobrepondo a outros modos de vida, os conflitos socioterritoriais e as insurgências revelam disputas que desestabilizam ou desafiam estas estruturas de poder. Novos contornos se desenham desde as práticas sociais e da (re)(des)organização social nos territórios. Essa imposição e manutenção da hegemonia ocorre por meio do acionamento de um conjunto de mecanismos de controle e de ordenamento territorial necessários à produção do espaço. Por esse motivo, requer a aceitação do desafio de colocar em perspectiva crítica tanto as práticas epistêmicas quanto o papel dos planejadores urbanos na reprodução e reatualização de mecanismos de colonialidade no tempo presente, por meio do que Castro-Gomes e Grosfoguel (2007) denominam como colonialidade global.

Requer, ainda, a compreensão de que o espaço produzido se coloca à serviço da acumulação de um poder econômico, o qual subordina os demais. Dessa forma, estamos falando de um poder político que cria autolimitações para si mesmo, no sentido de ampliar a capacidade de produção de riqueza, e de um poder jurídico que regula, normatiza e disciplina os limites da acumulação, e que são (re)atualizados a partir das novas necessidades do capitalismo. Ganham especial relevância os discursos produzidos em torno do “outro” e das cosmologias que acabam sendo postas em disputa por meio das narrativas que se constroem em torno dos atores, interesses e elementos em conflito, como ocorre no caso da relação entre o moderno e o atrasado. Verifica-se que narrativas do atraso são construídas a partir de uma ideia de progresso, de linha de chegada ou de meta da humanidade em direção à “civilização” e de “reificação” de qualquer experiência de mundo. Essas narrativas, desde uma perspectiva antropológica, acabam por caracterizar territórios como selvagens, isolados, fora da lei, incivilizados, interditando e deslegitimando outros mundos, outros modos de vida, que devem ser, então, “atravessados” na maior velocidade possível, rumo ao ideal moderno, desenvolvido.

Para desdobrar tais reflexões, este trabalho conta com quatro seções, além desta introdução. Na primeira delas, buscamos situar o debate sobre modernidade e colonialidade de modo a criar um balizamento para que possamos compreender os fundamentos da crítica feita pelo pensamento descolonial. Partindo dessa contextualização, buscamos evidenciar o giro descolonial como teoria crítica e destacar alguns elementos importantes para pensar a descolonização do saber urbano e das práticas de planejamento territorial. Na segunda seção, apresentamos as práticas insurgentes, desde a experiência com comunidades tradicionais, criando um circuito em torno da instalação de grandes obras e empreendimentos nessas comunidades, localizadas no território nacional. Por sua vez, na terceira seção, retomamos a reflexão sobre os modos como nós, planejadores, contribuimos para a produção de espaços (urbanos e não-urbanos), de limites, mas também de possibilidades, para a descolonialidade do pensamento urbano e territorial, a partir do recentramento de conceitos-prática como a ideia de comunalidade. E, por fim, a quarta sessão corresponde às considerações finais.

## **Modernidade e Colonialidade: a (des)colonização do pensamento urbano e das práticas de planejamento territorial**

Antes de tomar o risco e valentia de refletir sobre conceitos como modernidade e colonialidade, desde o que foi a experiência descolonial deste trabalho, resgatamos o pensamento de Giovanni Sartori (2011). Ele enfatiza que o estiramento conceitual é uma moda no contemporâneo, em especial desde a América Latina. Se isso é certo, uma coisa parece ser segura: a lógica da modernidade tem estruturas que fazem acreditar na existência de uma categoria de entes dotados do espírito da razão, ainda, em um segundo segmento a quem cabe a escuta e reprodução do que os primeiros produzem e que tem efeitos sobre os modos de vida e cultura da coletividade. Nesse sentido, o segundo grupo seriam elásticos de conceitos, constituindo-se como intelectuais inconscientes e, subordinados do primeiro, denominados como intelectuais conscientes.

Os colonizadores espanhóis eram recriminados por Bartolomeu de Las Casas (1991) em razão das guerras contra povos que estavam em suas terras tranquilas. As motivações são indicadas por Tzvetan Todorov (2003) e se relacionam com a necessidade de ampliar a força do domínio, traduzindo-se na imposição do que denomina como ego conquisto. Este se expressa na medida em que os homens conquistadores seriam mais humanos que os outros, assumindo que tudo aquilo que estivesse fora dos padrões coloniais deveria ser pacificado ou exterminado, de modo que houvesse uma unificação dos padrões territoriais que aumentasse a capacidade de centralização de poder.

O imaginário do mundo moderno em contraposição ao mundo colonial surgiu, segundo Walter Mignolo (2005, p. 39), da complexa articulação de forças, vozes ouvidas ou abafadas, memórias compactas ou fraturadas. É produto, portanto, de histórias contadas desde uma perspectiva centralista (eurocêntrica) que suprimiram outras memórias e histórias (plurais e periféricas), as quais passaram a ser contadas e (re) contadas a partir de uma dupla consciência que converte o colonialismo em um vetor de diferença.

A colonialidade pressupõe, assim, a negação e o estabelecimento de diferenciações entre o “eu” e o “outro” por meio de interações que criam sucessivas diástases que comportam os parâmetros para a (re)produção de uma colonialidade do poder que se expande em diferentes vias. Trata-se, na compreensão de Quijano (2014), de uma parte constitutiva do capitalismo enquanto sistema interestatal manifestada em múltiplas escalas. E, nesse sentido, chama a atenção para a necessidade de diferenciar colonialidade e colonialismo porque, embora vinculados, são conceitos distintos.

O colonialismo é uma estrutura de autoridade e dominação, via controle estatal, que mobiliza uma estrutura capaz de governar os recursos de produção e apropriação do trabalho de uma população com identidade distinta, em uma outra jurisdição territorial. Assim, o colonialismo se estabeleceu quando os europeus passaram a ocupar os territórios do Sul e instituíram um triplo ordenamento onde se pôde verificar a contraposição e verticalização da relação entre o “eu” e o “outro”.

O primeiro deles, de caráter jurídico, se refere ao fato de que, quando os territórios invadidos passaram a ser suas colônias, se importou o que se considerava como direito justo. Este implica na promoção de pacificação dos conflitos por meio da aplicação de uma ordem jurídica e da autoridade da lei que se orientava segundo os padrões do colonizador. O segundo, de ordem econômica, diz respeito à função deste território que se converte em um grande abastecedor, seus recursos se convertem em insumos que passam a suprir as necessidades da colônia. O terceiro, que se vincula aos demais

e cria um ordenamento para a sociedade, diz respeito ao trabalho no processo de acumulação e na forma com que ele é apropriado. Neste sentido, é importante destacar que a distinção étnico racial se converte em um vetor que possibilita a escravidão traduzida pela submissão do outro a regimes intensos de trabalho (que se desenvolvem a partir de parâmetros europeus) sem que haja qualquer pago.

Diferente do colonialismo, a colonialidade tem uma duração maior e se refere à essa dimensão simbólica traduzida por Quijano (2014) como intersubjetividade do mundo. Nesta perspectiva, o conceito de modernidade parece fornecer a gradação necessária para compreender o imaginário que se conforma e orienta as relações entre centro e periferia. Dussel (1992, p. 176) afirma a existência de um significado negativo ou destrutivo no conceito de modernidade, o qual se caracteriza pela prática irracional e de violência. De forma concreta, a colonialidade e modernidade são faces de uma mesma moeda, uma vez que sem modernidade não pode existir colonialidade e sem modernidade não poderia existir a colonialidade.

Assim, um quarto ordenamento parece se juntar àqueles apontados por Quijano (2014) e se inscreve no âmbito do imaginário e dos símbolos que orientam a integração social. A modernidade se enquadra em uma escola educativa para bárbaros, primitivos que teriam a culpa de sua própria violência e incivilidade. Esta última é refutada por meio da constituição de uma sociedade de corte, bem como da adoção de mecanismos de controle dos comportamentos das pessoas, seja no espaço público, seja no espaço interior doméstico. Neste âmbito, as contribuições de Norbert Elias (1993;1994) são de grande valia para a compreensão do ideário que orienta a sociedade colonial.

O autor trata do processo de constituição do indivíduo civilizado a partir da adoção de marcadores sociais de diferença. Estes são elementos de distinção que possibilitam a conversão do guerreiro em um burguês, implicando em novos modos de agir e pensar. Reflete, então, aquilo que Quijano (2005) relatou quanto ao sentimento presente nos povos do norte quanto a serem não apenas mais avançados, mas os únicos portadores da modernidade, cabendo-lhes a difusão de seus sinais. Estes se traduziriam por meio da secularização do pensamento que, via cristandade europeia, cria mecanismos de pacificação dos povos colonizados e de uma política ao mesmo tempo integradora e diferenciadora (MIGNOLO, 2005).

O sistema mundial moderno, pensado desde Quijano e Wallerstein (1992), tem sua origem no encontro com América e é incubadora da colonialidade como um padrão de poder hegemônico. Com isso, há um convite, feito por Quijano (2005), para pensar a globalização como culminância de um processo cuja origem está no encontro dos países do norte com os países do Sul. Assim, 1492 foi o momento do “nascimento” da Modernidade como conceito, o momento concreto da “origem”, de um “mito” muito particular de violência sacrificial e, ao mesmo tempo, um processo de “encobrimento” da América (DUSSEL, 1992, p. 8).

Os territórios colonizados não foram incorporados, segundo Quijano (2005), a uma existente economia-mundo capitalista, muito embora ela não tivesse ocorrido sem a colonização da América. Evidenciou-se uma primeira alteração na lógica espaço-tempo e a instauração de um novo padrão de poder de convocação mundial como a primeira identidade da modernidade. A contribuição de Braudel (1978) permite problematizar como os corredores mercantis demonstram o funcionamento de escalas de poder que irradiam desde o local até o global.

As formas urbanas, segundo este autor, evidenciam uma construção social e econômica baseada nos padrões europeus e se distribuem em frações desiguais. Os domínios civilizados centralizam a terra e exercem pressão sobre os demais domínios, diminuindo

o seu potencial de risco à ordem hegemônica, não sem disputas e insurgências. Daecto (2008) destaca, a partir do pensamento de Braudel (1978), que a configuração das cidades expressaria uma coerência interna determinada pelo estabelecimento de monopólio de controle e poder que, com o aporte do Estado, passa a regular a conduta social, econômica e política das cidades.

Quando Quijano (2014) indaga sobre o que se globaliza, requer a retomada do conceito de colonialidade do poder, a qual toma em conta a classificação social e universal da população mundial, o que somente é possível a partir da ideia de raça e racialização, na qual a colonialidade se coloca como um dos elementos constitutivos e específicos do poder capitalista. Essa compreensão é acionada por Luciana Ballestrin (2013) ao ressaltar no trabalho de Walter Mignolo a presença de uma tripla dimensão na reprodução da colonialidade – do poder, do saber e do ser. Na perspectiva de Mignolo (2010), esta primeira dimensão, que se refere à colonialidade do poder, envolveria níveis complexos e entrelaçados de controle em uma matriz de colonialidade que influencia e é influenciada pelo centro do poder.

Essa colonialidade, para o autor, é atravessada por outras colonialidades que criam sentidos, os quais são capturados pela matriz de poder, criando um padrão normativo que sustenta a epistemologia (enquanto conhecimento), a hermenêutica (desde a forma como se compreende e se estabelece os núcleos de sentido) e a *aesthesis* (que se relaciona com os sentimentos e sensações em torno do que se apresenta como realidade. Por este motivo, Mignolo concorda com a ênfase dada por Quijano quanto à necessidade de ruptura com a matriz colonial e com as redes de crenças que ela instaura.

Os corpos e as mentes são transformados por meio da colonialidade do poder e a produção do espaço e do saber de si, do território e do outro, também é capturada. Esse seria o nó a ser desfeito no processo de descolonização do saber urbano. Seria necessário acessar o que Mignolo (2010) denomina como desobediência epistêmica, a qual inclui o saber, o conhecer e seus métodos de reflexão. Ela pode promover uma ruptura com a sociologia figuracional na perspectiva eurocêntrica e resgatar valores e práticas que tenham relação com a sua trajetória, história e com a geografia do lugar em que habitam.

A descolonização do urbano passaria, portanto, pela descolonização de seus sujeitos e dos diferentes agentes que se colocam nos territórios, o que pressupõe um novo posicionamento da própria categoria *trabalho* que foi convertido em um ordenador social neste modelo de cidade. Esse novo posicionamento passaria pelo reconhecimento de outras culturas para além do urbano. Haveria que se romper com o *urbanocentrismo* e com todas as ‘novas’ colonialidades que ele traz em seu processo de expansão e aprofundamento.

Phillippe Descola (2006) convida à ruptura com verdades absolutas. Este movimento, característico da antropologia, permitiria localizar o lugar e a forma com que essas verdades são produzidas e apoiariam no processo de qualificação do planejamento territorial, que não se restringe à atividade técnica, dado que é, também, uma atividade cultural. A compreensão do modo de vida do outro, da sua cosmologia, passaria pela problematização da sua própria. O que parece ressignificar o “eu”, o “outro”, o “ambiente/natureza” e que ganha forma por meio do modo e conteúdo como comunicamos, interagimos e nomeamos os *habitus* e *práxis* sociais, pode resultar no reconhecimento de outros mecanismos de imanência e transcendência, e de outras formas de direito, inclusive.



Figura 1 - Localização das Comunidades Tradicionais e experiências narradas pelo Grupo. Fonte: elaborado pelos autores (2021) com base na imagem do Google Earth.

### Comunidades tradicionais e práticas insurgentes

Esta seção apresenta uma caminhada do Sul ao Norte do Brasil, com o intuito de apresentar a experiência vivida pelos autores e autoras com as comunidades tradicionais que integram a Retomada Yjerê, em Porto Alegre-RS; o Pico do Jaraguá, em São Paulo-SP; a Aldeia dos Irredutíveis, em Maricá-RJ; e o Beiradão do Xingu, em Altamira e Vitória do Xingu-PA no planejamento do uso e ocupação dos territórios que lhes afetam (ver Figura 1) e como esse, a partir da descolonização das formas de pensar e planejar os territórios, são capazes de elucidar novas cosmologias e formas de uso do solo mais harmoniosas entre comunidades e natureza. Aqui, os relatos das experiências compõem narrativas que enfatizam as disputas que acometem na produção desses territórios, sobretudo no que diz respeito aos conflitos entre interesses hegemônicos e modos de vida inerentes às realidades próprias dos sujeitos que ali vivem.

#### Retomada Yjerê (Fazenda do Arado Velho - Porto Alegre, RS)

A Fazenda do Arado Velho é uma área de 426 ha no extremo Sul de Porto Alegre/RS, entre os bairros Belém Novo e Lami, de importância ecológica, histórica e cultural. Caracterizada pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PDDUA) de Porto Alegre como Zona Rural e Área de Proteção do Ambiente Natural (APAN), o Arado Velho situa-se às margens do Lago Guaíba, ao sul do núcleo urbano do bairro Belém Novo. Atualmente, composta por áreas de cultivo, banhados e matas de restinga onde habitam animais nativos ameaçados de extinção (COMISSÃO AUTÔNOMA DE MORADORES DE BELÉM NOVO et al, 2016), a região da Fazenda exerce importantes papéis para o equilíbrio ecológico, como o amortecimento das cheias do Guaíba (POSSANTTI; GUS; COSTA E SILVA, 2021). Abriga, ainda, um conjunto de construções históricas e um sítio arqueológico guarani pré-colonial (MPE/RS, 2021).

No ano de 2010, a empresa denominada “Arado Empreendimentos Imobiliários Ltda” adquiriu o terreno e, em 2012, iniciou o processo de licenciamento para o “Empreendimento Urbanístico Fazenda Arado Velho”, para conversão da área em um grande bairro planejado, predominantemente de condomínios fechados para uso

habitacional de alto padrão e residualmente para atividades de comércio e serviços, contando também com áreas privadas de preservação. Para tal, segundo apresentação da versão mais recente do projeto em audiência pública, a Fazenda teria sua ocupação limite elevada para 2349 economias, no lugar das 1323 permitidas hoje pelo PDDUA (SMAMUS/POA, 2021). O poder executivo de Porto Alegre atuou de forma a tentar tutelar o processo, por meio de três projetos de leis apresentados ao longo da última década para efetivar a alteração do regime urbanístico da Fazenda do Arado Velho. Em 2015, quando da edição da primeira dessas tentativas - a Lei Complementar nº 780/2015, de iniciativa do então Prefeito José Fortunati (PDT), articulou-se então, a partir da associação entre grupos do bairro e ambientalistas da cidade, o movimento Preserva Arado que busca contestar não só a proposta do empreendimento como também as alterações do regime urbanístico da área por parte da Prefeitura.

No “Dossiê Fazenda do Arado, Aspectos Ambientais” (2016), elaborado pelo Coletivo Ambiente Crítico, a Comissão Autônoma de Moradores de Belém Novo e demais grupos que compõem o movimento Preserva Belém Novo e entregue ao Ministério Público Estadual do Rio Grande do Sul (MPE/RS), foram elencados pontos problemáticos encontrados no Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental (EIA-RIMA) apresentado pelo empreendedor. No documento afirma-se que o EIA contém mapas alterados sobre a caracterização geológica da área, ocultando importantes informações sobre áreas sensíveis, levando, “através de cores excessivamente parecidas, até mesmo o olhar técnico a concluir de maneira errada a natureza geológica do terreno em questão” (COMISSÃO AUTÔNOMA DE MORADORES DE BELÉM NOVO et al., 2016,p. 13). Este caso remete à discussão de Acselrad e Coli (2008) sobre as disputas cartográficas.

Como os autores demonstram e como o caso da disputa pela Fazenda do Arado corrobora, os mapas, por mais técnicos ou científicos que se proponham, são enunciados performáticos, isto é, carregados de noções sobre o real e capazes de produzir efeitos sobre este. Ao selecionar e até distorcer informações de tendenciosa leitura sobre o real, os empreendedores se valiam do ideal representativo “da técnica” como capacidade de neutralidade e de verdade na argumentação para garantir o desejo dos poderes hegemônicos. Desta forma, os processos de leitura e representação do território, como os mapeamentos, adquirem implicações políticas, abrindo espaço para formas de resistência como os ativismos cartográficos e demonstrando que “a coleta de dados, longe de constituir tarefa técnica, responde a desafios sociais e políticos de grandes consequências” (ACSELRAD & COLI, 2008, p.38). Coloca-se a possibilidade de novas formas de representação do espaço. Nessa chave, como seriam mapas do ponto de vista de sujeitos indígenas, em especial, considerando que o mapeamento incorre no risco de “congelar o que, na verdade, são fronteiras e sistemas de uso da terra instáveis” (ibid, p.38) ou, de outra forma, mutáveis, sem as típicas fronteiras fixas?

Em 2018, teve início, então, o processo de retomada indígena Mbya Guarani na área da Ponta do Arado, denominada Yjerê, aproximando outros grupos voltados para os direitos indígenas da resistência ao Projeto Urbanístico do Arado Velho e pressionando pelo redesenho dos significados e representações da área. A retomada adicionou outros contornos e profundidades ao conflito e à própria atuação tanto do empreendedor quanto dos grupos ambientalistas. Em relação ao primeiro, a presença indígena representou uma ameaça para o empreendimento, potencialmente inviabilizando o licenciamento. As reações foram desde a via judicial, de maneira mais protocolar, até ameaças e violência direta, incluindo seguranças privados e tiros na direção dos indígenas, e também o impedimento de acesso a recursos. É muito simbólico, nesse sentido, o impedimento do acesso à água potável e a chegada de barcos pelo Guaíba para apoiar a comunidade, visto que está em curso uma “ofensiva urbanizadora” que se apropria da Orla de Porto Alegre como diferencial, buscando inspiração direta no modelo de

Barcelona. Essa tendência se insere no bojo da disseminação das “melhores práticas” de planejamento estratégico da cidade empresarial, que consolida um modelo de cidade que reforça a colonialidade do saber urbano, as ideias urbanas “deslocalizadas” (out-of-place urban ideas), conforme problematizado por Vainer (2014). Coloca-se, assim, uma oposição entre águas para vida (ou, quais vidas) e águas para o lucro.

A importância da dimensão ambiental na disputa em torno da Fazenda do Arado Velho emerge prontamente nos discursos da Campanha Preserva Arado, cujos documentos técnicos e de divulgação no site oficial do movimento enfatizam a relevância dos serviços ecológicos da área. Outro aspecto dessa dimensão revela-se nos materiais de divulgação do empreendedor, que enfatizam a proximidade com o verde e as características bucólicas da área como diferenciais positivos, denotando uma apropriação privada do meio ambiente, que se relaciona com disputas sobre a própria “função social da Natureza”. Isto é, não somente sobre quais seus usos, mas, principalmente, a quem atendem os recursos naturais, ao passo em que se multiplicam os projetos de apropriação pelo capital - financeiro e imobiliário - das áreas verdes das cidades e de seu entorno.

Wendel Henrique Baumgartner (2006) descreveu há quase duas décadas como “um padrão individualista, segregatório e egoísta de consumo da natureza, enclausurada nestes condomínios e de usufruto apenas de seus moradores, ou melhor, consumidores” (HENRIQUE, 2006, p. 75). Nesse sentido, a presença da Retomada Yjerê permite ampliar o entendimento sobre a dimensão da questão ambiental, evidenciando como tal apropriação predatória e discriminatória do verde pelas formas urbanas é também fruto de um projeto de cidade calcado na modernidade colonial, capitalista, heteropatriarcal do modelo civilizacional dominante para o mundo globalizado, que nega a determinados sujeitos subalternizados o seu usufruto.

O conflito em torno da Fazenda do Arado não se limita às dinâmicas intra-urbanas, mas se relaciona e é atravessado por discussões sobre modelos de urbanização e sociabilidades relacionadas a dinâmicas da ruralidade contemporânea, como os movimentos neorrurais (WINCKLER, 2020). Aponta, assim, no sentido de abarcar uma “reaproximação ou ‘reencanto’ do mundo urbano ocidental pela natureza” (HENRIQUE 2006, p. 66), que se dá não de maneira ingênua ou romântica, mas em um padrão de natureza moldado pelos interesses capitalistas, “retrabalhada sob a forma de uma segunda natureza, reificada, incorporada, mercantilizada e produzida e vendida de acordo com as leis e objetivos do modo de produção atual – o lucro, a propriedade privada, os fetiches e sensibilidades do mercado” (Ibid, p.66).

No caso da Fazenda do Arado Velho, como se repete em todo o Brasil, a presença da Retomada Yjerê é signo não só da disputa atual, mas de conflitos que dizem respeito a séculos de deslocamentos forçados e despossessão, muitas vezes frutos de planejamentos territoriais marcados por uma racionalidade colonial não só em termos de planejamento urbano, mas também de políticas de conservação ambiental restritivas.

O estabelecimento das Unidades de Conservação, em especial aquelas sob o regime de proteção integral, ensejou diversos conflitos devido à expulsão de comunidades tradicionais ou à proibição de suas práticas, opondo Natureza e sociedade em moldes típicos de uma modernidade positivista. De tal forma, processos e projetos de desenvolvimento e de sustentabilidade nestes moldes aproximam-se como dois lados de uma mesma moeda: o controle dos recursos naturais, e não qualquer controle, mas um adequado ao capitalismo moderno-colonial.

Não obstante, na tentativa de contestar tal tendência, grupos ambientalistas incorrem



no risco de reforçar uma perspectiva também utilitarista e antropocêntrica da Natureza. Dessa forma, a presença indígena problematiza o discurso ambientalista que recorre a abordagens quantitativas como algumas correntes da abordagem de Integração de Serviços Ecológicos (ISE) pautando a incorporação de outras dimensões como o valor cultural e espiritual dos ambientes.

A interação com esse “Outro” indígena colocou, dessa forma, o imperativo de um ativismo decolonial, em especial considerando a atuação do Coletivo Ambiente Crítico, e iniciou um processo de revisão para descolonizar práticas – como a ampliação do entendimento da “história” e a incorporação de outras dimensões além da técnica nas argumentações do grupo –, incluindo o significado espiritual da área para os Guarani, por exemplo, complexificando, assim, a imagem da área como região rural, interiorana.

Por fim, o envolvimento do ativismo com a Retomada Yjerê evidenciou contradições e limites das próprias ferramentas de planejamento territorial, visto que a demanda do movimento Preserva Arado consistia na criação de uma Unidade de Conservação para “proteção da natureza” e que, ainda hoje, permanece a dificuldade de categorias para “territórios híbridos”, capazes de conciliar diferentes sociabilidades nas dinâmicas ecossistêmicas.

### Pico do Jaraguá (São Paulo, SP)<sup>9</sup>

Em São Paulo, no dia 30 de janeiro de 2020, jovens do povo Guarani Mbya da Terra

<sup>9</sup> A pesquisa das resistências guarani mbya, apresentada aqui, é parte de um trabalho em andamento, realizado por um grupo de estudos relacionado ao estudo de caso da região do Pico do Jaraguá em São Paulo. O grupo é composto pelos arquitetos e pesquisadores Beatrice Perracini (Escola da Cidade), Isabela Moraes (Escola da Cidade), Laura Pappalardo (Escola da Cidade - Yale University) e Rodrigo Quintella Messina (IEB/USP).

Figura 2 - Ações do Movimento Preserva Arado e Retomada Yjerê. Fonte: imagens disponíveis no Facebook da Retomada Mbya Guarani das Terras do Arado Velho (2019).



Indígena Jaraguá perceberam uma movimentação no terreno vizinho à uma de suas aldeias. A área de 20.000 m<sup>2</sup>, composta por Mata Atlântica nativa havia sido comprada pela construtora Tenda, em 2017, era destinada para a construção de um empreendimento imobiliário voltado para famílias de baixa renda, contando com 11 torres de apartamentos e cerca de 880 unidades habitacionais, inseridas no âmbito do programa federal de acesso à moradia “Minha Casa Minha Vida” Faixa 3.

Apesar de ser vizinho da Terra Indígena Jaraguá e estar localizado na zona de amortecimento do Parque Estadual do Jaraguá (Unidade de Conservação de Proteção Integral), seguindo as diretrizes do Plano Diretor Estratégico (PDE) de 2014, o terreno comprado pela Tenda está registrado como Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) de tipo 2, o que possibilitou que tal empreendimento ocorresse. A construtora Tenda iniciou a obra do empreendimento imobiliário com o corte de mais de 500 árvores nativas de Mata Atlântica, que ao final da construção, caso não houvesse a mobilização social, somariam um total de 4.000 árvores.

O desmatamento da Tenda provocou uma grande mobilização do povo Guarani Mbya no Jaraguá que, a partir de então, passou a ocupar o terreno, protestando contra as ações da construtora e em defesa dos direitos da Mata Atlântica (ISA, 2020). A ocupação durou até 10 de março, quando houve um acordo de reintegração de posse que fez os Guarani se retirarem, não sem antes terem replantado 800 mudas de árvores no local, onde pretendiam criar um parque ecológico e um Memorial da Cultura Guarani (ISA, 2020).

A fotografia que aparece na figura 3, feita pela fotógrafa paulistana Nair Benedicto, flagra uma intervenção dos Guarani Mbya no outdoor de divulgação do empreendimento, em que a palavra “apê” (abreviação de apartamento no jargão imobiliário) é riscada e adaptada para a palavra “ipê” (árvore nativa da Mata Atlântica e do Cerrado). Tal intervenção expõe, de maneira clara e direta, as diferentes e antagônicas proposições de modos de se fazer cidade. Aqui, o desejo dos guarani não é por um modo de habitar que aparte as pessoas da mata, mas, ao contrário, que as aproxime.

A inclusão destes sujeitos na cena aparece como um ruído de uma narrativa à margem, que não tem o direito de fazer, ser e dizer, que carece de inscrição simbólica na cidade e só vai se tornar discurso quando puder se inscrever. Naquele momento em que a comunidade transgrediu o outdoor, constituiu-se um gesto político. Segundo o pensamento do filósofo Jacques Rancière (2018), o movimento de passar a existir não se daria por uma negociação, mas por uma inclusão violenta, por um ato político. Os Guarani e ativistas ali presentes não solicitaram a permissão para ninguém, sua ação não buscou inserir-se nos moldes do legalismo moderno, mas, precisamente, subvertê-lo - tomaram por sua tática uma capacidade autônoma de dar visibilidade para o que estavam reivindicando. Numa estratégia simbólica transmutaram uma ferramenta que era usada pelas empresas e especuladores imobiliários e conseguiram de outra forma romper a fronteira entre o excluído e o incluído. Montaram naquela calçada um espetáculo fora de lugar, iniciando um processo de subjetivação no qual a sua luta passou a ser evidenciada.

Até o momento, o caso da construtora Tenda se encontra em um estado de suspensão, sendo um momento oportuno para especularmos quais decisões serão tomadas nos próximos meses. Se o planejamento urbano é uma ferramenta que orienta os caminhos da cidade por vir, o que está em questão é como ele pode bem responder aos questionamentos feitos por outros modos de produzir cidades e territórios. Como, por exemplo, ele pode respaldar os direitos da Mata Atlântica, reivindicados pelos Guarani Mbya, e o direito dessa comunidade de permanecer em seu próprio território diante do Jaraguá? Serão suficientes os termos que regem os seus procedimentos de projeto? Questiona-se se ao invés de planejar as cidades, não poderíamos pensar em como “plantejar” as cidades. Ou então considerar as cidades não mais como locus tão apenas para nós, humanos-modernos, mas também para outros agentes, como não-modernos ou mesmo os vegetais, os minerais e animais. Como podemos pensar, portanto, em *floresticidades* e *florestanias*? Quais seriam os efeitos de tal ampliação de nossas imaginações e visões daquilo que hoje entendemos como cidade?

A antropóloga peruana, Marisol de La Cadena (2018), realizou uma série de estudos que exemplificam e comprovam a presença ativa das montanhas, rios e matas, que quando associados às comunidades indígenas locais se trans-substancializam em seres-terra capazes de inferir nas decisões políticas de determinados territórios. Segundo seus interlocutores andinos, se uma certa mineradora invadir ou ganhar concessão de terras sagradas e não fizerem a devida negociação cosmológica entre os agentes presentes naquele lugar, as montanhas vão se enfurecer podendo resultar em desastres vitais. Tal situação pode ser observada nos recorrentes desastres “naturais” e tecnológicos que têm ocorrido no estado de Minas Gerais desde 2015, com o rompimento da barragem do Fundão, operada pela Samarco. A situação social e ambiental calamitosa que tem se instaurado configura-se como uma tragédia anunciada ante a exploração infundável da natureza local ao longo dos últimos séculos.

Nesse sentido, esses saberes xamânicos, que propõem outras técnicas de se relacionar com o que compreendemos enquanto matéria, objetos sem intenções, ampliam os modos de se fazer cidades. E com essas referências, indagamos se o Jaraguá, também conhecido por pedra sagrada, não poderá reagir a certas ações destrutivas que vem sofrendo. Como poderia uma pedra, nunca sozinha, mas sempre em relação a outros agentes, humanos ou não humanos, agir e construir cidades? Como incluir esses outros agentes nos ditos planejamentos urbanos?

### **Aldeia dos Irredutíveis ( Comunidade Zacarias APA Maricá, RJ)**

Em 2007, a empresa luso-espanhola IDB-Brasil lançou o empreendimento Fazenda São Bento da Lagoa, que pretendia ser inserido integralmente na Área de Proteção Ambiental (APA) de Maricá-RJ. O projeto inicial não compreendia a Comunidade Pesqueira de Zacarias, a Aldeia Guarani Mata Verde Bonita e o entorno das comunidades – importante para a manutenção das suas práticas tradicionais. Atualmente, a IDB é formada por um grupo de empresários internacionais – espanhóis, brasileiros, estadunidenses e chineses – liderados pelo Grupo Cetya e o Grupo Abacus, e, apesar de assumir a existência da comunidade pesqueira de Zacarias na área do projeto, o empreendimento a encurrala à beira da lagoa, obstruindo o livre acesso dos moradores ao mar e à restinga de Maricá, segregando com barreiras invisíveis, como campo de golfe e outras construções previstas no projeto do empreendimento. O projeto vai ocupar uma área de 840 hectares, com um investimento de R\$ 11 bilhões. Sendo inserido integralmente na APA, será um complexo turístico, esportivo, comercial, empresarial e residencial de alto padrão.

A empresa também modificou seu discurso e, junto a ele, o nome do empreendimento de alto padrão. Hoje, ele se chama Maraey, que, de acordo com o site do empreendimento, seria inspirado em uma lenda indígena Guarani, a qual dizia que “ao Leste, onde nasce o Sol sobre o Oceano Atlântico, encontrariam o ‘Yvy Mara Ey’, ‘A Terra Sem Mal’, um lugar onde os recursos naturais nunca se esgotam e onde se desfruta o bem-estar do corpo e da mente: a Plena Felicidade”<sup>10</sup>. Segundo a empresa, sua missão é transformar a lenda em realidade e converter Maraey num empreendimento de renome mundial pela sua consciência ambiental, inovação, sustentabilidade econômica, cultural e social.

No entanto, fica difícil sustentar tal discurso quando se sabe que Maraey pretende ser instalado na Área de Proteção Ambiental de Maricá, que é uma Unidade de Conservação Estadual, criada em 1984 como resultado de mobilização de cientistas, ambientalistas e comunidade local, que buscavam, justamente, proteger a região das investidas do setor imobiliário, que já acontecia naquela época. No local, encontramos duas comunidades tradicionais: a Comunidade Tradicional Pesqueira de Zacarias, que habita o local ao menos desde 1797 e foi reconhecida como Patrimônio Histórico e Cultural da cidade, e a Aldeia Guarani Mata Verde Bonita.

Atualmente, o Ministério Público Estadual do Rio de Janeiro (MPE/RJ) questiona as leis municipais que alteraram o zoneamento urbano e os limites de áreas ambientalmente protegidas no Município de Maricá sem participação popular ou estudos técnicos, e a Defensoria Pública do Rio de Janeiro, questiona a licença concedida pelo Instituto Estadual do Ambiente (Inea) para a instalação do empreendimento, a qual contraria a decisão do Superior Tribunal de Justiça (STJ) que impede a concessão de qualquer licença na APA de Maricá. A APA, apesar do reconhecimento como área protegida, mas enquadrada como categoria que não exige desapropriação, permaneceu como propriedade privada, o que acabou favorecendo o mercado imobiliário, deixando o território e a comunidade vulneráveis.

Em novembro de 2021, com a licença concedida pelo Inea, a empresa lançou oficialmente o projeto no evento “Árvore Fundamental”, contando com a presença do prefeito de Maricá, Fabiano Horta, do secretário executivo do Ministério do Turismo, Gustavo Tutuca, do secretário do Ambiente e Sustentabilidade do Rio de Janeiro, Thiago Pampolha e do governador do Estado do Rio de Janeiro, Cláudio Castro.

<sup>10</sup> O discurso pode ser conferido no website da empresa, disponível em: <<https://www.maraey.com/pt/maraey-o-projeto/>>

A empresa, com intuito de vender esse “estilo de vida no paraíso”, se apropria de culturas que não sabemos se serão respeitadas e mantidas no local, contando, para isso, com o apoio de autoridades públicas. O que se sabe é que a proposta da implantação do Complexo na APA confronta com a possibilidade de permanência, resistência e reprodução social dessas populações tradicionais, além de gerar grandes impactos ambientais e territoriais.

Apesar do empreendimento ainda não ter chegado em sua fase de execução, a comunidade já sofre com as consequências da sua possível implantação. A fragmentação da comunidade já é uma realidade, tendo em vista que uma parcela minoritária de moradores é favorável ao empreendimento. Todos estes, no entanto, alheios aos quadros da ACCLAPEZ (Associação Comunitária de Cultura e Lazer dos Pescadores de Zacarias), fundada na década de 1940. Esses moradores teriam fundado a AMORPEZ (Associação de Moradores e Pescadores de Zacarias), que, segundo relatos dos pescadores, teria o objetivo de falsear a impressão de concordância da comunidade com o empreendimento e gerar notícias midiáticas positivas para a empresa e o projeto. Dentro dessa parcela, encontramos em sua maioria moradores não nativos, que não possuem raízes com o local, e cuja presença relaciona-se com denúncias por parte de moradores sobre o aumento de conflitos internos e o enfraquecimento da resistência dentro da comunidade.

Segundo relatos dos pescadores, eles também sofreram com a falta de infraestrutura na comunidade e com a insegurança da posse de suas terras. A AMPLA, concessionária responsável pela distribuição de energia elétrica no município, na época (2016), teria retirado os relógios que fazem a medição de energia de algumas casas e estaria se recusando a colocar em outras, a pedido da empresa IDB Brasil. Em 2007, a empresa cercou toda a área do entorno da comunidade, colocando uma cancela que bloqueava o acesso aos moradores. Há relatos de que os moradores eram revistados para poder ter acesso a suas casas. Em 2016, eles continuavam convivendo com a presença da empresa, com um container instalado nas proximidades da comunidade, criando situações de constrangimento e insegurança para os moradores. Também há relatos de investidas por parte da empresa para convencimento dos moradores em relação ao projeto.

Se, por um lado, temos a crise da insegurança da posse por parte das camadas mais carentes devido à dificuldade da regularização ou falta de oportunidade de moradias acessíveis, por outro, vemos a estruturação do espaço das classes mais altas sendo feita de forma extremamente detalhada na legislação urbanística. Nesse sentido, a definição do “dentro” e “fora” da lei no planejamento urbano se configura, para além da lógica econômica ou da rentabilidade imobiliária, como uma “poderosa maquinaria de discriminação étnico-cultural, que define como ‘proibidas’ formas de morar inscritas em certas práticas socioculturais” (ROLNIK, 2015, p. 187).

### **Beiradão do Xingu (UHE Belo Monte - Altamira e Vitória do Xingu, PA)**

Com a instalação da Usina Hidrelétrica (UHE) Belo Monte, a comunidade ribeirinha que residia nas margens do rio Xingu nos municípios de Altamira e Vitória do Xingu sofreu deslocamento forçado, o qual não foi precedido de Consulta Livre, Prévia e Informada, como preconiza as normas internacionais dos direitos dos povos indígenas e tradicionais – em especial a Convenção n° 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT). O deslocamento foi violento e muitas casas foram demolidas sem que as famílias pudessem retirar os seus pertences. Não houve sequer aviso prévio aos moradores do local.



Tampouco foi reconhecida a tradicionalidade da comunidade e o seu direito de reassentamento nas margens do rio Xingu, com respeito à forma de moradia, aos laços sociais e de vizinhança, e suas formas de subsistência e geração de renda pautadas na pluriatividade – pesca, extrativismo vegetal e criação de animais – com venda de excedentes. Grande parte das famílias possuía dupla moradia – casa no beiradão (como é conhecida a margem do rio Xingu) para produção e na cidade para o respectivo escoamento do excedente –, condição ignorada pela Concessionária, tendo sido ofertado a título de reparação tão somente a possibilidade de carta de crédito ou reassentamento urbano coletivo (RUC).

Em que pese os ribeirinhos em autoidentificarem-se enquanto como comunidades tradicionais nos termos da Convenção n° 169 da OIT e do Decreto n° 6.040/2007, essa comunidade não recebeu o tratamento diferenciado necessário às comunidades tradicionais durante o processo de deslocamento compulsório, de modo que ao serem categorizadas como “população rural” de maneira abrangente (SBPC, 2017), as famílias possuíam duas opções: indenização ou reassentamento em RUC.

Tal solução apresentada pelo Consórcio Norte Energia (NESA), responsável pela construção da UHE Belo Monte, gerou uma série de entraves ao exercício dos modos de vida dessa comunidade. Como pode ser amplamente vislumbrado a partir da revisão de processos judiciais e administrativos, relatórios e dossiês produzidos por diversas instituições sobre o processo de deslocamento compulsório dessa comunidade e as consequências geradas pelo mesmo (SBPC, 2017), o valor da indenização foi arbitrado unilateralmente pela NESA, de modo que não foi suficiente para as famílias adquirirem terrenos adequados à manutenção dos seus modos de vida.

Ademais, o reassentamento das famílias nos RUC, distantes do acesso ao rio e sem área para plantio, impossibilitou a prática das atividades econômico produtivas com as quais estavam tradicionalmente habituadas (pesca, agricultura e extrativismo). Assim, como consequência desse processo, ocorreu o empobrecimento das famílias e aumento dos custos de vida relacionados à moradia, alimentação, transporte e saúde. De Francesco et al (2017) esclarece que “com o deslocamento forçado das localidades beira rio os ribeirinhos perderam seu território, o acesso aos recursos naturais e

ambientais que manejavam e dos quais extraíam sustento e renda, o que significa que foram espoliados das condições que garantiam sua reprodução social e cultural” (DE FRANCESCO et al., 2017, p. 110).

Para além da questão econômica, o deslocamento compulsório ocasionou a ruptura de laços sociais e de vizinhança, insegurança alimentar, dificuldade de acesso a serviços públicos essenciais e a impossibilidade da manutenção e transmissão dos modos de vida ribeirinhos ribeirinhos (DE FRANCESCO, 2020; SCABIN et al. 2017). Segundo relatório da Procuradora da República de Altamira, Thais Santi, nos autos do Inquérito Civil n° 1.23.003.000078/2015-39, “desde que foram removidos dos seus territórios tradicionais, os ribeirinhos encontram-se num estado de ‘suspensão de vida’. Sem acesso aos meios de subsistência, resistem ao sofrimento e à exclusão, em um processo que mudou para não mudar e que a cada dia deixa explícitas suas insubsistências” (SBPC, 2017, p.68).

Embora a Licença de Operação (LO) n° 1.317, emitida em 24 de novembro de 2015 pelo Ibama, tenha previsto como condicionante da operação da UHE a garantia da recomposição e reprodução do modo de vida ribeirinho por meio, sobretudo, da garantia de seus direitos territoriais (condicionante 2.6, alínea “a”), esses direitos não foram garantidos à comunidade. Assim, diante da série de abusos aos seus direitos, a comunidade ribeirinha organizou-se e pressionou a Norte Energia para possibilitar o retorno das famílias ao beiradão e permitir a reconstituição dos seus modos de vida. Ante a pressão local, a NESA realizou uma primeira campanha de reassentamento às margens do rio Xingu. No entanto, o planejamento desta campanha não permitiu a participação dos ribeirinhos, de modo que os terrenos escolhidos não se mostraram adequados à reconstrução do território ribeirinho, não respeitaram os laços de vizinhança e não seguiram as diretrizes internacionais que elencam o mínimo necessário para garantir o direito à moradia adequada.

Diante da gravidade da situação, em meados de 2016, ante mobilização das Instituições de Justiça em conjunto com a comunidade acadêmica para a realização de um estudo multidisciplinar com o objetivo de mapear de forma técnica, com respeito à centralidade das famílias atingidas, os danos às famílias ribeirinhas deslocadas e as possibilidades de realocação às beiras do rio Xingu, foi possível negociar com a Norte Energia uma segunda campanha de reassentamento, dessa vez inclusiva, participativa e com respeito aos critérios locais de autoidentificação das famílias atingidas.

Após longo processo de construção conjunta entre o Conselho Ribeirinho e seu grupo técnico de apoio, em dezembro de 2018 o Conselho protocolou junto à empresa, ao Ibama e ao MPF uma proposta completa de reterritorialização batizada de “Território Ribeirinho”. Esta proposta contém a delimitação de três territórios às margens do reservatório, em regiões mais próximas possíveis das localidades de origem das famílias; o zoneamento ambiental do território, tendo em vista subsidiar o processo de retorno e de organização das famílias, bem como a construção de regras e planos de uso; e a espacialização do local de moradia da quase totalidade das famílias ribeirinhas.

A proposta de implementação do “Território Ribeirinho” foi negociada e detalhada em diversas reuniões entre o Conselho, as famílias e a empresa. Finalmente, em 17 de junho de 2019, a Norte Energia protocolou o projeto básico do Território Ribeirinho junto ao Ibama, em atenção à condicionante 2.6, “a” da LO n° 1.317. Em 18 de novembro de 2019 o Ibama divulgou parecer favorável ao Plano protocolado, autorizou o reassentamento imediato de 59 famílias em áreas localizadas na APP e que já são propriedade da Norte Energia. O parecer vinculou o reassentamento das demais famílias à emissão da Declaração de Utilidade Pública (DUP) e recomendou o início imediato das negociações com proprietários interferidos. Essa segunda campanha de



reassentamento teve início somente na segunda metade de 2021.

Nesse processo, evidenciou-se uma série de problemas e desafios que perpassam as formas coloniais com as quais se enxerga os territórios, natureza e os modos de vida das comunidades tradicionais, como a sobreposição do território ribeirinho com Áreas de Proteção Ambiental (APP) larga e estreita que não permitem a compatibilização das regras de proteção ambiental com os modos de vida da comunidade - como por exemplo a agricultura de queima e o plantio de sementes exógenas tradicionalmente cultivadas; a ausência de autonomia na gestão do território, como preconiza a Convenção n° 169 da OIT, ante o interesse público governamental na gestão de áreas de APP e os compromissos assumidos pela NESÁ no Licenciamento Ambiental com a proteção ambiental dessas áreas; a existência de conflitos fundiários com vizinhos fazendeiros que deverão ser desapropriados e ameaçam a segurança física e territorial da comunidade; a insegurança da posse ante a ausência de previsão jurídica de título coletivo de propriedade da terra ou outro meio de regularização fundiária que garanta às comunidades tradicionais ao mesmo tempo a autonomia de gestão de suas terras e a segurança de que não serão novamente expulsos por ato discricionário do poder público; e o desrespeito ao protagonismo e autonomia da comunidade pela empresa quando não há a presença, pressão e monitoramento do processo por instituições da sociedade civil – como o ISA, por exemplo –, academia e instituições públicas, como MPF, Defensoria Pública e o IBAMA.

### Planejamento territorial e anti-narcisismo: naturezas, culturas e pluridiversidades

Esta seção apresenta pontos que tecem costuras entre teoria e prática: aquilo que os relatos nos provocam a pensar. Um primeiro aspecto a destacar consiste na discussão sobre o conceito de “banimento racial” feita por Ananya Roy (2019), que fornece pistas analíticas importantes para entender os processos de desterritorialização que marcam as diferentes experiências apresentadas. Com este conceito, a autora busca mudar o foco do deslocamento (usual nas perspectivas de gentrificação e remoções associadas a transformações urbanas) para enfatizar a despossessão, especialmente considerando a despossessão da própria condição enquanto sujeito (personhood)

que marca a experiência de comunidades subalternizadas. Ademais, o conceito de banimento racial enfatiza o papel da violência do Estado contra corpos e comunidades racializadas.

Roy (2019) aborda o contexto dos EUA, analisando casos similares aos processos de favelização de populações racializadas no Brasil. Não obstante, pode-se estender sua análise às comunidades tradicionais, em especial indígenas, pensando-se no longo processo histórico de desterritorialização e despossessão dos povos indígenas no país, quando não explicitamente liderado pelo Estado, tutelado por este. Aponta para uma instrumentalização dos ordenamentos municipais que reforça práticas de segregação que não somente significam o deslocamento dos corpos racializados de um local para outro, mas sua expulsão de qualquer lado.

Dussel (1942) adverte que a modernidade não deve ser tomada como um movimento em direção a sua completude, como se o projeto moderno fosse incorporar a todos os povos: a modernidade não é possível sem a colonialidade, sem a hierarquização e subalternização de determinados sujeitos que sustentam a hegemonia do centro. Ananya Roy (2019), desde o conceito de banimento racial, enfatiza a relação também dialética entre posse e despossessão, como um desdobramento da relação modernidade-colonialidade. À branquitude, enquanto signo da modernidade, caberia uma capacidade colonial de possuir a terra - uma relação de direito e posse com o lugar. O banimento racial, como a contrapartida necessária, significa o (não)lugar das populações indígenas e racializadas como despossuídas, exiladas do território.

Contemporaneamente, vemos a multiplicação de “retomadas” ao longo do território nacional, reivindicações das comunidades desterritorializadas por seus territórios ancestrais e, em diversos casos, tal como nos mencionados da Retomada Yjerê, do Pico do Jaraguá e Aldeia dos Irredutíveis, resistências ativas aos processos de urbanização e privatização da terra, cada vez mais, associados. Nessa chave, os quatro casos provocam-nos reflexão sobre a potencialidade da denúncia como advinda não só da necessidade de marcar histórica e geograficamente o que e como algo pode ser contado, mas de precisamente ampliar as possibilidades de narrativas para tais marcos. Reimaginar e repovoar a história. É a pronúncia do mundo desde quem está escolhendo inverter a “mirada” e não sucumbir às narrativas globalizantes desde quem ainda pode contar algo que talvez escape à axialidade hegemônica: aqueles que habitam os “núcleos que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta”, como nos diria Ailton Krenak (2019, p.20).

Assim, as experiências chamam atenção para a relação entre o urbano e o não-urbano e, principalmente, para essa expansão e imposição de um urbano marcado pela colonialidade-modernidade sobre estas áreas, que se apropria das áreas verdes e naturais restantes. Vale ressaltar que a partir do desenvolvimento do “empreendedorismo municipal” como forma de gestão nas cidades, o interesse por produtos imobiliários atraentes para investidores têm dado à terra urbana o papel de promover o crescimento econômico nas cidades, buscando mitigar os usos e formas de ocupação menos lucrativas. Acredita-se que o poder público, ao transformar a cidade em investimento, abre-se para o capital imobiliário sem levar em consideração as reais necessidades da população local, contribuindo para o aumento dos conflitos internos, da desigualdade social e da urbanização informal. Nesse sentido, em um contexto global em que a propriedade não está disponível para os grupos mais pobres, verifica-se que o mercado imobiliário vem aumentando a pressão sobre os territórios controlados por setores sociais que não utilizam a terra como ativo financeiro. Comunidades ficam, então, sob a constante ameaça da perda de sua terra (ROLNIK, 2015).

A apropriação colonial(izada) da Natureza reflete-se ou acompanha também a despossessão daqueles corpos relegados ao status de “natureza” em oposição àqueles integrados à concepção de sociedade/cultura dominante. Dessa forma, a colonialidade do saber urbano direciona para uma apropriação da Natureza que precisamente a distancia daqueles considerados próximos a ela, nos moldes do banimento racial de Ananya Roy. Essa relação predatória da modernidade-colonialidade dessas formas urbanas com outras formas de habitar coloca o imperativo de descolonização do saber urbano, como abordado em seções anteriores, se se pretende construir mundos onde caibam muitos mundos.

Arturo Escobar (2019) indica como a cidade exilou a terra, isto é, “a capacidade da vida para a auto-organização, o fluxo incessante da vida de mudanças de formas, forças, comportamentos e relações, e o fato de que entidades, processos e formas estão sempre em processo de co-surgimento dependente” (ESCOBAR, 2019, p.132, tradução nossa). Esse processo de negação seria resultante da percepção das cidades como locais distanciados do mundo vivo não-humano associada à superioridade atrelada ao urbano e conseqüente depreciação de tudo o que não diz respeito à cidade, apesar dos múltiplos significados atribuídos historicamente ao urbano, como adverte o autor. A cidade, então, mostra-se como o locus privilegiado do desenvolvimento do capitalismo e do colonialismo, ao passo que ao campo é atribuída também certa idealização, a partir da percepção deste como Natureza intocada, inocuada. Tal percepção favorece justamente a invisibilização das comunidades e povos que habitam os espaços não-urbanos, enquadrados como “vazios populacionais”, e contribui para processos de desterritorialização e a persistente assimetria entre o urbano e o não-urbano.

Escobar (2019) coloca, então, como esses espaços encontrados além dos limites das cidades, apesar de aparentemente distantes de questões urbanas, podem fornecer pistas importantes para repensar as cidades e “renaturalizá-las” (rearth) diante das crises combinadas causadas pelo desgaste dessa racionalidade (ESCOBAR, 2019). Ou, talvez, poderíamos pensar no sucesso de uma racionalidade colonial, que constrói dicotomias e destrói vínculos? Como possíveis respostas, colocam-se a comunalidade e comunidade como princípios críticos para a autonomia e “redesign”, lições encontradas aqui nas experiências com as comunidades tradicionais e que podem contribuir para repensar e repoliticizar o habitar urbano. Nesse sentido, a “virada relacional” nos estudos urbanos busca dar conta de conceitualizações e perspectivas não-dualísticas e mostra-se potente para pensar um planejamento territorial decolonial e capaz de dar conta das íntimas e múltiplas relações entre o “urbano” e o “não-urbano”:

Aplicadas às cidades, essas tendências envolvem “ver o mundo como uma constelação de conjuntos existenciais, cada um exigindo ideias, ferramentas e sensibilidades que fazem justiça à sua própria integridade, ao invés de alguma ficção de um padrão universal ou método objetivo” ( Amin e Thrift, 2017: 30, 31) (ESCOBAR, 2019, p.134)

Trata-se, em suma, de um trabalho de montagem que encena uma política de diferença que se opõe à política de indiferença e desrespeito, uma proposta onto-epistemológica que recentraliza a importância de abordagens relacionais, além do “urbanocentrismo”, no que Escobar classifica como interdependência radical:

abordagens abertas ao paradoxo e à experimentação, capazes de lidar com as tensões entre corporificação e digitalização, apego ao lugar e experimentação com globalidade, cidadão e estrangeiro, indivíduo e comunidade, capital global e forças locais, estruturas formais e práticas informais, soluções normativas versus as singularidades de

cada bairro (ESCOBAR, 2019, p.138).

Entendemos, nesse sentido, que é imperativo refletir sobre as singularidades daquilo que é tido como o “aveso da cidade”. Consideramos, aqui, a cidade como uma espécie de representação do padrão de poder capitalista global, uma vez que ela agrega sob um mesmo conceito tudo aquilo que se entende como “civilização” (com suas práticas, seus consumos, suas regras e imposições), e se estende como máquina colonizadora sobre territórios que não absorveram integralmente os processos de urbanização, produzindo (e reduzindo) o mundo à sua imagem e (des)semelhança.

Neste sentido, as experiências expostas apontam para a potência dos territórios “nas bordas” do mundo. Stavrides (2021), refletindo sobre as insurgências e os comuns urbanos, refere-se aos “espaços limiares” como espaços potentes para as experiências de resistência, autonomia e “emancipatórias de convivência” (ibid., p.100). Aqui, compreendemos que espaços limiares não configuram limites, mas, antes, uma “borda” que não separa um dentro e um fora; pelo contrário: confunde-os, transborda. Se o padrão de poder capitalista global opera de maneira opressora nesses territórios, achatando os modos de ler e estar no mundo das populações que os constroem, reconhecemos que é também desse embate e desse conflito que surge a possibilidade de libertação e se passe a (r)existir nas bordas, no limiar.

Stavrides (2021, p.103) nos lembra, ainda, que a autonomia “deve ser construída no contra-e-mais-além da metrópole”. Com isso, se “as metrópoles são armadilhas de consumir vida”, como nos diria Ailton Krenak (2021)<sup>11</sup>, reconhecemos a necessidade de construir um olhar periférico, para além da noção de cidade - com seus signos de modernidade e progresso -, para as experiências e os territórios comumente ignorados e marginalizados pelo próprio campo do planejamento urbano e regional.

Por fim, os relatos aqui apresentados nos mostram uma multiplicidade (e não uma homogeneização) de práticas (talvez mais livres e mais emancipatórias?) e de dinâmicas decoloniais. Retomando o chamado do Vainer (2014) por territorializar as ideias sobre o espaço, e no bojo do desenvolvimento de epistemologias “aterradas” (grounded) que aborda Escobar (2019), descolonizar o planejamento territorial requer recentralizar o olhar, entender que existe mais do que a dicotomia periferia-centro, e que é questão de incorporar múltiplas perspectivas, inclusive, de cidades mais que humanas. Dessa forma, o centro torna-se multiposicional.

Pensando na dualidade entre narrativas do progresso e as narrativas do atraso, através do pensamento de perspectivismo e multiculturalismo de Eduardo Viveiros de Castro (2010), entendemos que ela se daria dentro do paradigma ocidental da cultura-natureza. Tradicionalmente, a primeira é que determinaria e objetificaria a segunda. Desta forma o homem culto, europeu, branco, que determina narcisicamente o que é culto, ou ainda, define uma visão única de natureza. A narrativa do progresso requer que os planejadores se mantenham dentro desta visão narcísica de mundo, que impede este outro em sua alteridade possa diante de nossos olhos, ser saber e fazer em seus territórios. Adotar uma posição anti-narcísica no planejamento urbano seria já de início uma proposição de virada epistêmica, onde o não urbano (os territórios menores) seria pensado para além da lógica hegemônica, não objetificado por esta racionalidade do capitalismo global, mas, sim, sendo legitimado em sua natureza múltipla, em suas diversas visões de mundo.

<sup>11</sup> Trecho da conferência intitulada “Conexões de um Novo Tempo”, realizada pelo Aldeia Sesc Caxias do Sul, em novembro de 2021. Disponível em: <[https://fb.watch/ay\\_Ea2nVhi/](https://fb.watch/ay_Ea2nVhi/)>.

Para tanto, Sandra Lee Pinel (2017) nos alerta sobre a imprescindibilidade de planejadores atentarem-se cada vez mais a métodos qualitativos de planejamento - como abordagens etnográficas, entrevistas de atores-chaves e mapeamento participativo -, isso porque situar o planejamento enquanto Place-based social science requer a compreensão da interação de fatores econômicos, sociais, culturais, dinâmicas ambientais e políticas administrativas que afetam os resultados do ordenamento territorial.

Nesse sentido, Pinel destaca a importância da realização de mapeamentos participativos, os quais, longe de qualquer pretensão de neutralidade, precisam ser considerados tais como são: atos políticos que expressam conflitos e direitos (PINEL, 2017, p.174). Assim, em diálogo direto com a centralidade que possui o mapeamento comunitário nas experiências acima relatadas da Retomada Yjerê e dos ribeirinhos do Xingu, a autora coloca esse método enquanto uma ferramenta que, se bem aplicada, pode ser capaz de recuperar conhecimentos locais das comunidades e dos territórios em questão, os seus limites reais, usos da terra, trilhas e conflitos, além de demonstrar como eventos, lugares e a natureza estão interrelacionados com significados, cosmologias e associações.

### Considerações finais

Ao problematizarmos a importância da (des)colonização do pensamento e seus efeitos para a compreensão das práticas urbanas e de planejamento - com seu conteúdo simbólico - que se fazem presentes nos territórios aqui apresentados, encontramos pontos de contato, questões que atravessam as diversas experiências, para tecer algumas reflexões. Vale ressaltar que tais reflexões não se propõem a encerrar a discussão, mas sim reforçar a necessidade de descolonização do pensamento que tem orientado o campo teórico-prático do planejamento urbano e regional.

Esses territórios, considerados como recursos, são posicionados como barreiras a serem transpostas no menor tempo possível no caminho - linear - rumo ao "Desenvolvimento" e do "Progresso". Tal dinâmica acaba por interditar e danificar os modos de vida das populações que ali habitam, afetando a relação das mesmas com a terra e arrastando consigo práticas tradicionais e vínculos comunitários. Neste sentido, categorias como Terra, Cultura, Identidade e Poder perpassam as experiências relatadas e nos levam a refletir sobre como elas são afetadas nesses lugares. A questão da terra se apresenta como ponto central, uma vez que os conflitos se travam na luta pela regularização fundiária, pela demarcação de terras - sobretudo indígenas -, e contra a remoção violenta daquelas comunidades. Mas, em seu âmago, as experiências apontam para a disputa sobre os próprios significados atribuídos à terra, o que se entende enquanto tal, para além da lógica capitalista e neoliberal. Transborda-se a questão da regularização da terra, isto é, de uma disputa somente jurídica e de classificações legais, e adentra-se numa disputa epistemológica, de significação de mundo.

Nesse sentido, todas as experiências apresentadas denunciam as marcas da modernidade-colonialidade na produção do espaço e como elas incidem sobre os modos de ser, pensar e saber sobre si e sobre o Outro. Demonstrem, ainda, a clara negação do Outro: seus modos de vida e suas diversas maneiras de ler a realidade e de ler o mundo. E tudo isso tem nos levado a refletir sobre nossa relação com o Outro (quem somos nós? quem é o Outro?); sobre a relação entre Natureza e Cultura (sempre tratada com separabilidade pela própria Ciência Ocidental); sobre racionalidades tão excludentes que carregam o Outro de estigmas, compondo narrativas do atraso que nada mais são do que estratégias para manter constantemente atualizadas as estruturas coloniais que retroalimentam o padrão de colonialidade global. Tais reflexões

orientam a ética do pensar e agir enquanto exercício diário de descolonização do ser, do saber e do pensar.

No tocante ao planejamento urbano e regional, entendemos que ele assume um papel diante das disputas por projetos societários, uma vez que carrega uma racionalidade, com valores e leituras de sociedade e território (e seus ordenamentos). Neste sentido, também cabe questionar a própria epistemologia do planejamento - e suas práticas - na realidade das comunidades tradicionais aqui apresentadas.

Quando falamos em planejamento insurgente, cabe perguntar: ele tem insurgido de onde? E de que maneira? Aqui, entendemos que a resistência às formas de dominação e invasão cultural e a luta das comunidades tradicionais que se trava no processo de produção do espaço para a manutenção das formas de vida também demonstram que é nesse tensionamento, nesse conflito, que se faz potente - e presente - a construção de um projeto de libertação, de emancipação e de autonomia, a partir de novas (ou adormecidas) comunalidades. A descolonização insurge desse tensionamento, no seio da luta, gerando rupturas e abrindo frestas de esperança, de novas possibilidades de ser, ver, pensar e saber. Para nós, enquanto planejadores, abre-se uma chave para pensar com o Outro, entendendo a diferença como um fator incluyente e nunca excludente.

Por fim, é urgente assumir que temos multiplicidades (de racionalidades, de modos de vida, de narrativas) imediatamente relacionais e que nisso reside o encantamento pelo e com o mundo: um mundo, talvez, mais plural. Temos sido convidados, diariamente, a reposicionar o nosso olhar e a encontrar outras maneiras de narrar o mundo. Com isso, reconhecemos que as comunidades tradicionais - os povos que vivem "nas bordas" - são seres que experimentam e pensam o mundo não para consumi-lo, capturá-lo, devorá-lo, mas para fazer dele terras férteis de memórias, saberes e experiências plurais. Terras regadas por suas veredas guardiãs das vidas que r-existem, perseveram.

### Referências

- ACSELRAD, Henri; COLI, Luis Régis. Disputas territoriais e disputas cartográficas. *Cartografias Sociais e Território*. Henri Acselrad (org.). Rio de Janeiro, RJ: UFRJ/IPPUR, p. 13-44, 2008.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013.
- BÍBLIA SAGRADA. Lucas. 14, 15-24. U.S.A, 2000.
- BRAUDEL, Fernand. *Escrito sobre história*. São Paulo: Perspectivas, 1978.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. O Anti-Narciso: lugar e função da Antropologia no mundo contemporâneo. CONFERÊNCIA. *Revista Brasileira de Psicanálise*. vol.44 no.4 São Paulo, 2010. versão impressa ISSN 0486-641X.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. *Bogotá: Siglo del hombre* Editores: Universidad Central: Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos: Pontificia Universidad Javeriana: Instituto Pensar, 2007.
- CENTRO DE DIREITOS HUMANOS E EMPRESAS (FGV/CeDHE). *Violações de direitos humanos em decorrência da construção de projetos de desenvolvimento*:

pontos prioritários e recomendações para o deslocamento compulsório de pessoas. No prelo.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa. Livraria SÁ Da Costa Editora. 1978.

COMISSÃO AUTÔNOMA DE MORADORES DE BELÉM NOVO; INSTITUTO ECONSCIÊNCIA; ONG INGÁ; COLETIVO AMBIENTE CRÍTICO. "Dossiê Fazenda do Arado, Aspectos Ambientais". In: *Inquérito Civil 00833.00087/2015 na Promotoria de Justiça de Defesa do Meio Ambiente do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: 2016.

COMISSÃO NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS (CNDH). *Relatório da missão do CNDH em relação à população atingida pela implementação da UHE Belo Monte*. 2015. Disponível em: [https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/conselho-nacional-de-direitos-humanos-cndh/RelatorioFinalBeloMontecom anexos\\_2015.pdf](https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/conselho-nacional-de-direitos-humanos-cndh/RelatorioFinalBeloMontecom anexos_2015.pdf). Acesso em 18 jan. 2021.

CONSELHO RIBEIRINHO. *Critérios e premissas utilizados na construção do mapa das áreas indicadas para ocupação ribeirinha nas margens do reservatório da UHE Belo Monte*. SEI nº 5694030 (Ibama), 2018.

DAECTO, Marisa Midori. Fernand. Braudel e o estudo das cidades: cidades, suas rotas e hierarquias nas origens do capitalismo moderno. *História Revista*, v. 13, n. 1, jan./jun., p. 71-93, 2008.

DE FRANCESCO, Ana Alves. *Terror e resistência no Xingu*. 2020. 1 recurso online (276 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/350209>. Acesso em 17 jan. 2021.

DE FRANCESCO, Ana Alves et al. *O deslocamento forçado de ribeirinhos em Belo Monte*. In SBPC, Coord.: Magalhães, S.B; Cunha, M. C. A expulsão de Ribeirinhos em Belo Monte. São Paulo, 2017. pp. 99-128. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/publicacoes/a-expulsao-de-ribeirinhos-em-belo-monte-relatorio-da-sbpc/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

DE LAS CASAS, Bartolomé. *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*. España. Ediciones Andrés Moreno Mengibar. 1991.

DESCOLA, Philippe. *Outras naturezas, outras culturas*. São Paulo: Editora 34, 2006.

DUSSEL, Enrique. 1492: *El encubrimiento del Otro: Hacia el origen del "mito de la modernidad"*. La Paz, Plural Editores, 1994.

ESCOBAR, A. *Habitability and design: Radical interdependence and the re-earthing of cities*. Geoforum, 2019. <https://sci-hub.se/https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2019.02.015>

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

HENRIQUE, Wendel Baumgartner. *A cidade e a natureza: a apropriação, a valorização e a sofisticação da natureza nos empreendimentos imobiliários de alto padrão em São Paulo*.

GEOUSP - *Espaço e Tempo*, São Paulo, nº 20, 2006, p. 65 - 77.

ISA. *Entenda o protesto dos Guarani-Mbya contra a construtora Tenda*. 13 de Março 2020. <https://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-monitoramento/entenda-o-protesto-dos-guarani-mbya-contr-a-construtora-tenda>. Acesso> 20/01/2021

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CADENA, M. de la. (2018). *Natureza incomum: histórias do antropo-cego*. Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros, (69), 95-117. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p95-117>

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Argentina: Ediciones del Siglo, 2010.

MIGNOLO, Walter. El pensamiento descolonial: desprendimiento y apertura. Un manifesto. Telar: *Revista del Instituto Interdisciplinario de Estudios Latinoamericanos*, Argentina, nº. 6. p.7-38, 2008.

MIGNOLO, Walter. "La colonialidad a lo largo y a lo ancho: el hemisfério occidental en el horizonte colonial de la modernidad". LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

MPE/RS, Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul. Ação Civil Pública com Pedido de Liminar. In: *Inquérito Civil 01633.000.918/2020 na Promotoria de Justiça de Habitação e Defesa da Ordem Urbanística do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: 2021.

PINEL, Sandra Lee. Planning for the place: ethnographic research and planning practice. In: SANCHEZ, Thomas (org.). *Planning Knowledge and Research*. Londres: Routledge, 2017, p. 241-254.

POSSANTTI, Iporã; GUS, Mateus Coimbra; COSTA E SILVA, Santiago. *O custo Arado*. Coletivo Ambiente Crítico, 2021. Disponível em: <https://coletivoambientecritico.wordpress.com/2021/06/24/o-custo-arado/#more-826>.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

QUIJANO, Aníbal. *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. 1ª ed., Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2014.

QUIJANO, Aníbal; WALLERSTEIN, Immanuel. *La americanidad como concepto, o América en el moderno sistema mundial*. Revista trimestral publicada por la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura con la colaboración de la Comisión Española de Cooperación con la UNESC O y del Centre UNESCO de Catalunya. Vol. XLIV, núm. 4, 1992.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Editora 34, 2018.

ROLNIK, Raquel. *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. São Paulo: Boitempo, 2015.

ROY, Ananya. Racial banishment. In: *Antipode Editorial Collective*. Keywords in Radical Geography: Antipode, 50, 2019.

SARTORI, Giovanni. *Cómo hacer ciencia política*. Madrid. Santillana Ediciones Generales S.L., 2011.

SCABIN, Flavia Silva et al. A violação de direitos dos ribeirinhos no contexto Belo Monte e os processos de assistência jurídica na DPU, em Altamira. In: *SBPC*, Coord.: Magalhães, S.B; Cunha, M. C. *A expulsão de Ribeirinhos em Belo Monte*. São Paulo, 2017. pp. 265-308.

SMAMUS/POA - SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE, URBANISMO E SUSTENTABILIDADE DE PORTO ALEGRE. Proposta Urbanística do Arado. In: *Publicação do Diário Oficial de Porto Alegre de 20.07.2021*. Porto Alegre, jul. 2021. Disponível em: [http://dopaonlineupload.procempa.com.br/dopaonlineupload/4029\\_ce\\_329649\\_1.pdf](http://dopaonlineupload.procempa.com.br/dopaonlineupload/4029_ce_329649_1.pdf)

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA (SBPC). Coord.: Magalhães, S.B; Cunha, M. C. *A expulsão de Ribeirinhos em Belo Monte*. São Paulo, 2017. Disponível em: < <http://portal.sbpcnet.org.br/publicacoes/a-expulsao-de-ribeirinhos-em-belo-monte-relatorio-da-sbpc/>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

STAVRIDES, Stavros. Creando un espacio común: el parque ocupado Navarinou en Atenas como un experimento de autonomía. In: HOPKINS, A.; RAMÍREZ, C. E. P. *Pensar las autonomías*. Experiencias de autogestión, poder popular y autonomía. México: Bajo Tierra A.C., 2021. p. 81-105.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo, M. Fontes, 2003.

VAINER C. 2014. *Disseminating 'best practice'? The coloniality of urban knowledge and city models*. In: Parneil S, Oldfield S, editors. *The Routledge Handbook on Cities of the Global South*. Oxon, New York: Routledge, p. 48-56.

WINCKLER, Joana. Ruralidade Contemporânea e Conflito Ambiental: O Caso da Fazenda do Arado. *Revista Contraponto - Edição Especial VIII Seminário Discente* (2019), vol.7, n. 2, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/contraponto/article/view/108700/59031>

# A DILIGÊNCIA FRONTEIRIÇA E OS SÍMBOLOS URBANOS DE FACÇÕES CRIMINOSAS GAÚCHAS

## Um olhar desde o extremo sul

*BORDERS DILIGENCE AND URBAN SYMBOLS  
OF GAÚCHAS CRIMINAL FACTIONS  
A look from the south end*

*Henrique Jeske<sup>1</sup> e Antonio Lourence Kila de Queiroz<sup>2</sup>*

### Resumo

O presente artigo tenciona aspectos observados em duas pesquisas realizadas no campo da sociologia e da geografia, ambas concentradas nas dinâmicas empreendidas por facções criminosas no Rio Grande do Sul. Por meio da metodologia hemerográfica para a análise de reportagens, a contribuição geográfica está estruturada em torno da comercialização ilegal de entorpecentes pelas facções criminosas e da importância da fronteira entre Brasil e Uruguai neste processo. No tocante a sociologia, o acesso aos dados ocorreu por meio da realização de dez entrevistas semiestruturadas junto a indivíduos cujos interesses intelectuais, laborais ou existenciais circundam o mundo do crime, objetivando significar o fenômeno das marcações feitas por ou em nome de facções nos corpos de indivíduos e em áreas urbanas na cidade de Pelotas/RS. São articulados argumentos que auxiliem a observação e análise da atividade criminal dos coletivos atuantes no estado, com enfoque às dinâmicas identitárias engendradas no extremo sul do Brasil.

Palavras-chave: facções, narcotráfico, crime, fronteira, sul.

### Abstract

*The present article intends aspects observed in two studies carried out in the field of sociology and geography, both focused on the dynamics undertaken by criminal factions in Rio Grande do Sul. Through the hemerographic methodology for the analysis of reports, the geographic contribution is structured around the illegal commercialization of narcotics by criminal factions and the importance of the border between Brazil and Uruguay in this process. As far as sociology is concerned, access to the data occurred through ten semi-structured interviews with individuals whose intellectual, labor or existential interests surround the world of crime, aiming to signify the phenomenon of markings made by or on behalf of factions in the bodies of individuals and in urban areas in the city of Pelotas/RS. Arguments are articulated that help the observation and analysis of the criminal activity of the collectives active in the state, focusing on the identity dynamics engendered in the extreme south of Brazil.*

*Keywords: factions, drug trafficking, crime, border, south.*

1 Mestrando em Sociologia – Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Universidade Federal de Pelotas / UFPel. Bolsista Capes e integrante do LAMOV (Laboratório de estudos sobre Ação Coletiva, Movimentos e Violência). Orcid ID: [HTTP://ORCID.ORG/0000-0002-6751-1310](http://ORCID.ORG/0000-0002-6751-1310)

2 Mestrando em Geografia – Programa de Pós-Graduação em Geografia – Universidade Federal de Pelotas / UFPel. Bolsista Capes, membro do LAMOV (Laboratório de estudos sobre Ação Coletiva, Movimentos e Violência, LEUR (Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais, e do GeoTer – Grupo de Pesquisa: Geografia Política, Geopolítica e Territorialidades. Coordenador do GeoTer Segurança Pública. Orcid ID: [HTTP://ORCID.ORG/0000-0002-6383-119X](http://ORCID.ORG/0000-0002-6383-119X)

### Introdução

Ao pensar o extremo sul do Brasil desde os sítios da própria região, pesquisadores e pesquisadoras comumente se deparam com matizes ínsitos, que mesmo quando já assinalados, são refinados, em alguma medida, por cada perspectiva nascente — produto da presença nos micro espaços —, e cujas contribuições traduzem significados, tornando-os inteligíveis. Entretanto, poderia o leitor ou a leitora exclamar que tal afirmação se aplica a qualquer que seja o ambiente, não estando isso reservado ao sul de lugar algum. Ainda assim, argumentamos que os objetos em destaque nesta proposta devem ser analisados, com efeito, como peculiaridades alhures, passíveis de aproximações comparativas com observações situadas em outras localidades, mas ímpares em essência.

O que propomos é um olhar que tenciona aspectos sociológicos e geográficos das dinâmicas próprias de coletivos criminais conhecidos, em atuação, principalmente, no estado do Rio Grande do Sul. Esta abordagem, embasada no acervo das produções científicas sobre o crime produzidas no Brasil, visa discutir as atividades (criminosas, contraventoras ou não), transformações observadas e o espraiamento de coletivos criminosos, cujos nomes mais expressivos e centrais nessa abordagem são Os Manos, Bala na Cara e Taura, entre outros já identificados no estado. Propomos reflexões referentes à constituição de bens simbólicos, marcações e reclames territoriais e as relações comerciais em torno do tráfico de drogas — sendo imprescindível ponderar a compleição dessa modalidade de comércio ilícito ocorrendo no Rio Grande do Sul, e destacar a relevância que a fronteira com o Uruguai possui para esta atividade. Para tanto, aproximamos dados parciais coletados nos processos de pesquisa, assinalando convergências. Destarte, algumas colaborações colhidas em campo por meio de dez entrevistas semiestruturadas realizadas com pessoas compreendidas como atores-chave (profissionais de segurança pública, ativistas da questão carcerária, artistas visuais, gestores públicos, indivíduos auto identificados como associados ao crime, pesquisadores e pesquisadoras, etc.) servirão, em caráter preliminar, às reflexões articuladas em torno do uso e significado das marcações em questão.

Neste sentido, justificamos a relevância de estudos dedicados a obter dados empíricos, e que explorem ferramentas metodológicas capazes de capturar, em certa medida, os muitos significados construídos pelos distintos atores presentes em cada ambiente. A comparação, sob esta ótica, serve como instrumento metodológico valioso que oportuniza um construto referente às semelhanças e distinções operadas no mundo do crime (FELTRAN, 2010), em detrimento de qualquer generalização apressada. Felizmente, o estado do Rio Grande do Sul e o crime como fenômeno manifesto também nesta unidade federativa, já foram o campo e o tema, respectivamente, de pesquisas anteriores — um fator que alicerça a presente abordagem.

Aclarando o intuito dessa exposição, cabe, portanto, uma primeira aproximação comparativa do produto de pesquisas construídas com base nos diferentes dados, obtidos em outros estados brasileiros. Assim, ao passo que Zilli (2015) observa significados contidos nos conflitos violentos entre gangues do entorno da cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, Paiva (2019) por sua vez, descreve o tempo das gangues como algo encerrado na cidade de Fortaleza, no Ceará, onde estas últimas foram, segundo o autor, substituídas por facções. Em vista disso, o que chamaremos de facções criminosas são “grupos constituídos, dotados de identidade (com nomes, regras de ingresso, procedimentos internos, etc.) contraposta a outros e às autoridades” (SALLA; DIAS; SILVESTRE, 2012, p. 334), responsáveis por novos padrões de violência no interior de penitenciárias e fora delas.

Os esforços acadêmicos debruçados sobre as facções gaúchas destacam particularidades em torno da construção identitária destes grupos, e estas particularidades servem como pistas para o registro, a muitas mãos, de configurações operacionais que se repetem nos territórios onde operam coletivos criminais mais ou menos expressivos, orientando este artigo.

Segundo Souza (2020) território é um campo de forças onde as relações de poder expressam-se espacialmente, se estes grupos criminais envolvidos com o tráfico de drogas ilegais são dotados de identidades, diferentes grupos produzem diferentes territórios, visto que sua lógica interna de organização é orientada por uma série de regras e procedimentos próprios de cada facção. Isto não significa que as facções não compartilham significantes e formas organizacionais, mas que para a compreensão adequada deste fenômeno, recortes são necessários.

Assim, no tocante ao Rio Grande do Sul, Cipriani (2016) aponta a “Falange Gaúcha” como o primeiro grupo criminal reconhecido pelas autoridades no estado, em 1987, e cujo surgimento fora sucedido por uma série de outros coletivos, originários do Presídio Central de Porto Alegre. Na esteira dessa contribuição, Chies e Rivero (2019) apontam um processo de interiorização destes grupos no estado do RS, demonstrando uma tentativa de hegemonia estadual por parte de facções como Os Manos (grupo derivado da Falange Gaúcha e atualmente o mais antigo do estado) e os Bala Na Cara (facção em ascensão nos últimos anos, notória pelo uso da violência, como seu próprio nome sugere). Os autores ainda explicitam um aumento na atuação do tráfico de drogas na fronteira entre Brasil e Uruguai após a regularização do plantio, venda e consumo da *cannabis* na República Oriental do Uruguai.

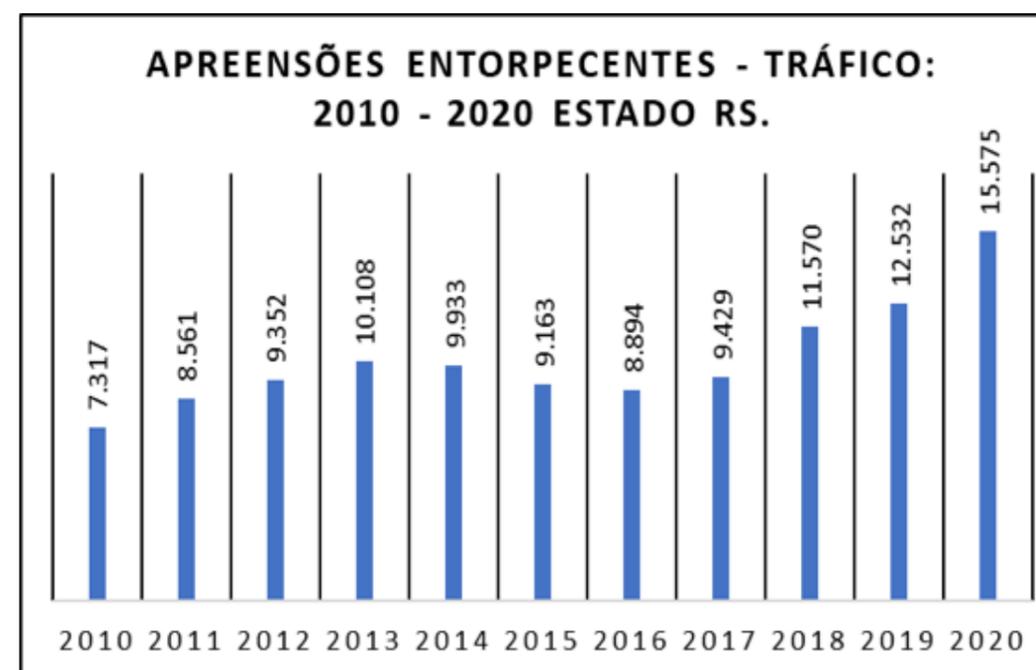
### O sistema Produção-Atacado-Varejo do tráfico de drogas no Rio Grande do Sul

O Rio Grande do Sul historicamente, no que tange as facções, apresenta-se distante do interesse dos grandes grupos atuantes no tráfico de drogas brasileiro, tais como PCC (Primeiro Comando da Capital) ou CV (Comando Vermelho). Apesar da presença no estado, suas atividades não sobressaem aquelas dos grupos locais. Se em estados como Amazonas o PCC acaba, por vezes, atuando através de conflitos diretos (vide o conflito entre Primeiro Comando da Capital e Família Do Norte em janeiro de 2017), no Rio Grande do Sul os acordos entre facções gaúchas e do eixo Rio-São Paulo destacam-se.

Esta relativa liberdade quando comparada a outros estados brasileiros pode ser verificada no atual processo de expansão das atividades do tráfico para o interior do Rio Grande do Sul, expansão esta que é possibilitada pelo fortalecimento do sistema Produção-Atacado-Varejo (P-A-V). Ou seja, o caminho percorrido por entorpecentes desde sua produção (P), passando pela venda e compra em abundantes quantidades e tomada de decisões (A) e, por fim, a comercialização em menores quantidades para o mercado consumidor (V). A seguir, busca-se explicitar a relação entre o aumento do tráfico de drogas e o processo de fortalecimento do P-A-V rio-grandense, tendo como principal expoente o grupo denominado Os Manos.

A expansão do tráfico de drogas no estado do RS é crescente, como observamos no gráfico 01. Esta expansão não ocorre apenas com o aprofundamento do fenômeno na Região Metropolitana de Porto Alegre, mas através da disseminação para o restante do estado.

Como se pode observar, apesar dos grupos criminais gaúchos estarem, de certa forma, distantes dos grandes circuitos do tráfico nacional (facções do eixo RJ-SP), isto não é



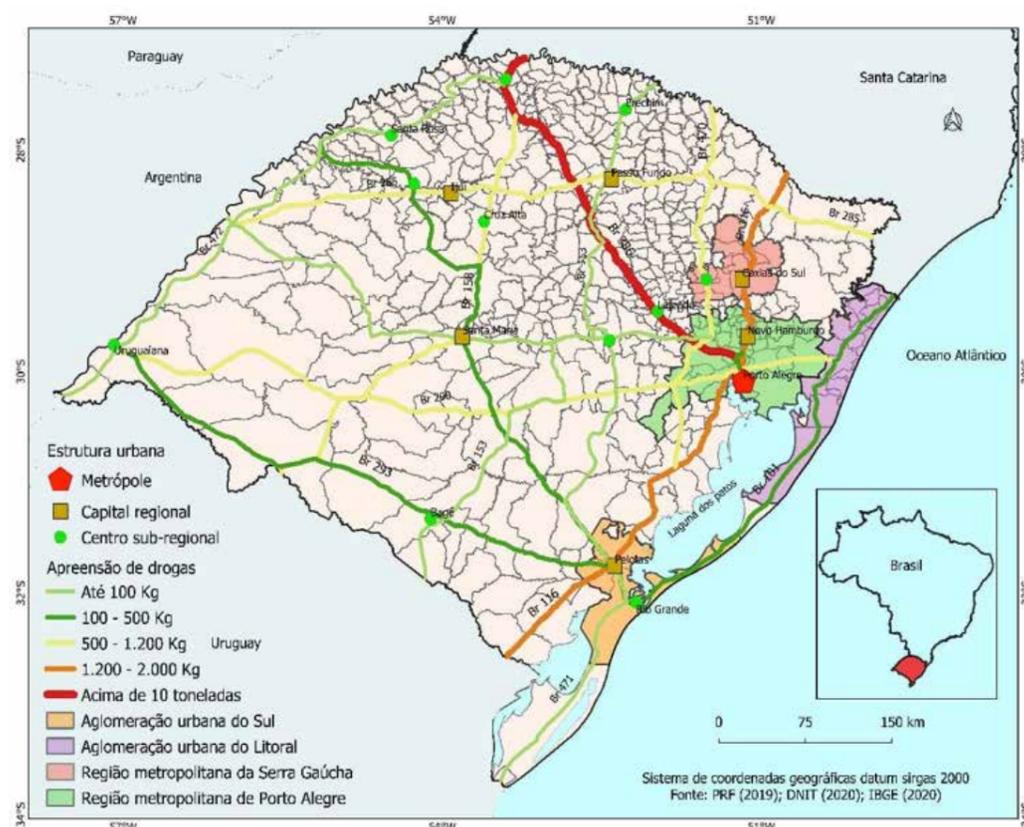
empecilho para o crescimento do tráfico no estado. O gráfico 1 demonstra um aumento exponencial a partir do ano de 2017, significando um espraiamento da atividade do tráfico de drogas. Este aumento, garantido através da estratificação territorial produzida nas interdependências entre os circuitos superiores (Atacado) e inferiores (Varejo) que compõem o sistema P-A-V pode ser ilustrado pelas operações citadas no parágrafo a seguir, possibilitando dimensionar a atuação destes grupos, tendo como exemplo maior a facção do Vale do Sinos, Os Manos.

Para explicitar o P-A-V recém aludido, vejamos as seguintes operações: a Operação Argus apreende grandes quantidades de drogas (maconha e cocaína) na fronteira do BR com o Paraguai, as substâncias eram transportadas para sítios nos municípios de Viamão e/ou Porto Alegre, tendo como um de seus principais articuladores um integrante da facção “Os Manos” (SEÇÃO JUDICIÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2018). Destacando não apenas a existência de relações entre atores do tráfico gaúcho e paraguaio — sendo este último um dos principais produtores de maconha da América Latina — mas também a produção de redes geográficas para o funcionamento do circuito superior.

Operação Magna Ópera é outro exemplo das rotas internacionais produzidas por estes grupos para o transporte de armamento, capital e, obviamente, drogas ilegais. Esta operação resulta na apreensão de uma fazenda de 140 hectares, pertencente ao grupo “Os Manos” na fronteira entre Mato Grosso e Bolívia, contendo uma pista de pouso em meio a mata local (POLÍCIA CIVIL, 2020; CORREIO DO POVO, 2020). Há, como pode ser visto através da operação, territórios pertencentes a este grupo para além do estado do RS, enraizando sua presença na região fronteira com a Bolívia — outro país de destaque no que diz respeito a produção de drogas ilegais na América Latina.

Por fim, observemos a Operação Cabeça que resultou na prisão de 4 indivíduos em Porto Alegre, 1 em Cachoeirinha e 1 em Pelotas, a operação “tem como alvo uma organização criminosa que gerenciava uma rede de fornecimento de drogas vindas do Paraguai para serem comercializadas no estado.” (DIÁRIO POPULAR, 2021). Se às duas primeiras operações citadas expunham exemplos da territorialização na fronteira com países produtores por parte de grupos criminais gaúchos, demonstrando territorializações que visam estabelecer contatos e rotas para fortificar o circuito superior

Gráfico 1 - Apreensões de entorpecentes - tráfico no Rio Grande do Sul entre 2010 e 2020. Fonte: Secretaria de Segurança Pública. Organizado pelos autores.



do tráfico rio-grandense, a Operação Cabeça demonstra a necessidade de produzir territórios e redes para a distribuição e venda para o restante do estado, caracterizando o circuito inferior do tráfico.

As operações Argus, Magna Ópera e Cabeça nos ajudam a entender a necessidade de produzir territórios-rede, espacialmente descontínuos, mas intensamente conectados e articulados entre si (HAESBAERT, 2019), com a finalidade de produzir a simetria necessária entre circuito superior e inferior requerida para o funcionamento lucrativo do tráfico de drogas.

Percebe-se então, um *modus operandi* já conhecido no Brasil: a compra de entorpecentes em países vizinhos para o posterior comércio nacional e exportação para os demais países. Sendo assim, no caso gaúcho, a Produção acontece no Paraguai (principalmente no caso da maconha) e Bolívia, as tomadas de decisões, compras e vendas de grandes quantidades são realizadas pelo Atacado, materializado nas lideranças dos Manos (e outros grupos criminais geralmente situações na RMPA), e o Varejo é concretizado nos diversos pontos de vendas ao longo do estado.

Para melhor compreensão sobre o funcionamento do sistema P-A-V, observa-se o mapa 1, em que as rotas gaúchas do tráfico de drogas são analisadas consoante a quantidade de maconha apreendida nas BRs em 2019.

Através da observação do mapa 1, podemos compreender o fluxo de *cannabis* no estado. Este fluxo vai de encontro com o sistema P-A-V descrito. A BR-386 é aquela em que o maior número de apreensões desse entorpecente ocorre, seguida das BRs 116, 290, 470 e 285. Estas BRs perpassam a RMPA, a BR-386 toca a fronteira norte do estado, ou seja, o local de entrada dos produtos no estado, já as outras BRs e, principalmente, a BR-116 são responsáveis pela distribuição para o restante dos municípios, visto que esta corta a RMPA e a aglomeração urbana sul e Região Metropolitana da Serra Gaúcha.

Esse enraizamento da facção mais antiga em atuação no RS na fronteira entre o Brasil, Bolívia e Paraguai é um passo importante para a cena gaúcha do tráfico de drogas, visto que sua presença nos países produtores pode resultar no descarte de intermediários responsáveis pelas plantações no Paraguai, por exemplo, ou estreitar relações com peças-chaves da logística do tráfico de drogas. Tais fatores possibilitam, em ambos os casos, o barateamento dos produtos comercializados por estes grupos e, doravante, o crescimento dos grupos criminais ligados a atividade do tráfico em sua totalidade, tornando a interiorização destas facções criminosas uma realidade crescente, como pode ser observado no gráfico 1.

A interiorização do tráfico no Rio Grande do Sul significa, também, a intensificação deste fenômeno na fronteira entre o Brasil e Uruguai. Segundo Trezzi (2019b):

Foi detectada também a presença de outra grande facção metropolitana na fronteira, enfatiza o delegado Mário Souza, da Polícia Civil gaúcha, que desencadeou em dezembro a Operação Terminus. [...] A investigação comprovou que traficantes da facção Os Manos (do Vale do Sinos e rival dos Bala na Cara) revendem maconha, na fronteira, por preço três vezes inferior ao estipulado pelo governo uruguaio nas farmácias e nos clubes “canábicos”.

Sendo assim, a fronteira Brasil-Uruguai apresenta-se como um território visado pelas facções, dado que a Região Metropolitana de Montevideo torna-se um mercado consumidor emergente para a maconha paraguaia que abastece o Brasil.

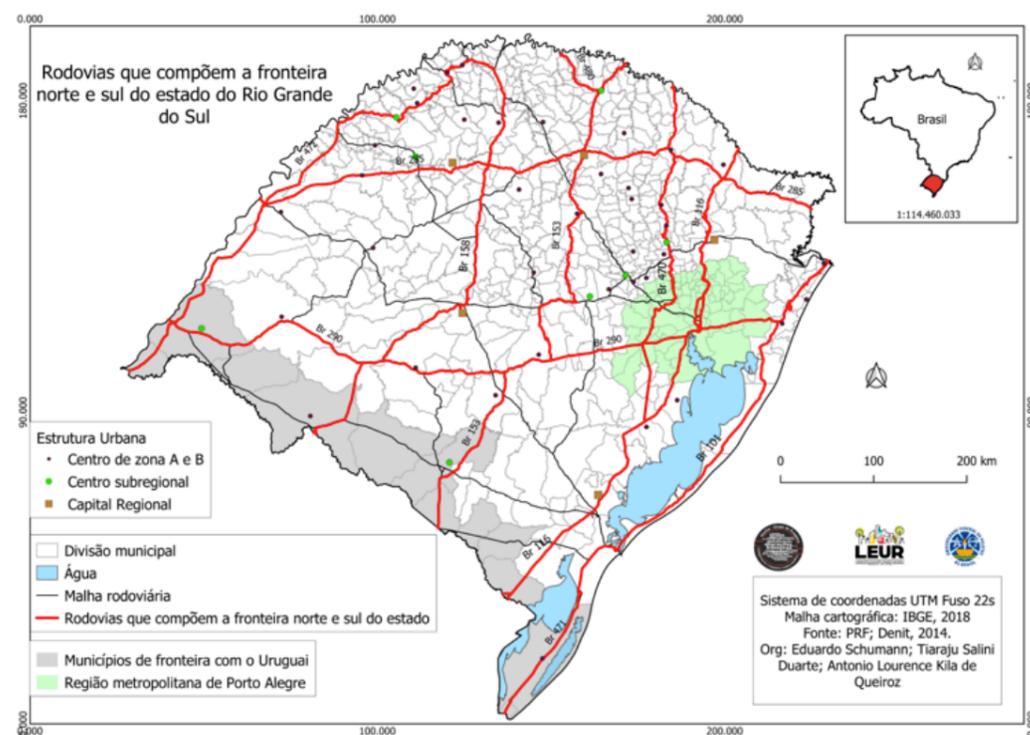
### Extremo Sul: beneficiando-se do *know-how* fronteiriço

O Rio Grande do Sul possui a maior densidade demográfica bem como a maior quantidade de municípios das fronteiras brasileiras, apenas com o Uruguai possui uma fronteira com mais de mil quilômetros (1.069 KM), entre limites secos e úmidos. Esta fronteira é integrada ao restante do estado por uma densa malha urbana (mapa 02). Almeida (2017) ressalta que “desde as vias rodoviárias das cidades conurbadas (cidades-gêmeas) até os chamados trechos (terrestres, fluviais e aéreos), por onde os mercados ilegais transportam suas mercadorias.” a integração expressa-se territorialmente. Além disso, devido à alta concentração populacional, é comum a existência de lares binacionais, logo, a integração é também identitária.

O mapa (2) nos permite verificar a integração urbana, além de ressaltar haver variados possíveis caminhos para transportar entorpecentes da RMPA para os municípios fronteiriços, a BR-290 expande as possibilidades de fluxos, visto que corta o estado de Leste a Oeste. Ressalta-se então o que é assinalado por Adorno e Dias (2019, p. 235), “essas economias criminais desenvolvidas dentro de territórios delimitados pelo fluxo de mercadorias, circulação monetária e serviços variados nos quais as hierarquias e relações de poder são constituídas”<sup>3</sup>.

Torna-se compreensível então algumas semelhanças entre os mapas 1 e 2. As BRs 116, 153, 471 e 158, por exemplo, ganham destaque no mapa 1 devido à quantidade de *cannabis* apreendidas, já o mapa 02 demonstra que estas mesmas rodovias perpassam o estado e conectam fronteira sul e norte. Explicitando que a fronteira sul

<sup>3</sup> Traduzido pelos autores. No original “These criminal economies develop within the territories illegal de entorpecentes pelas facções criminosas e da importância da fronteira entre o Brasil e Uruguai neste processo. delimited by the flow of merchandise, monetary circulation and various services around which the hierarchies and relations of power are constituted.”



do Rio Grande do Sul, encontra-se como parte integrante da expressão territorial dos fluxos de mercadorias, circulação monetária e serviços variados.

Veremos a seguir que a integração dos municípios localizados no extremo sul do país com as atividades ilícitas de grupos originários da RMPA não é nova, mas vive um momento singular e possui questões específicas que devem ser analisadas com a devida atenção, visto que “apesar da conexão com a economia globalizada, uma parte substantiva de suas operações permanecem escondidas como uma espécie de economia clandestina. Porque exerce poder sobre território, é inexoravelmente ligada a vida cotidiana” (ADORNO e DIAS, 2019, p. 235)<sup>4</sup>. Começamos pelo relatório do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) analisa este momento singular, a regularização do plantio, comercialização e uso da *cannabis* no Uruguai.

O relatório do IPEA (2017), o qual versa sobre a percepção dos agentes judiciais atuantes em cidades gêmeas na fronteira BR-UY sobre as mudanças após a regularização da *cannabis*, demonstra que a antiga lógica do tráfico nestas cidades não foi alterada, o Brasil continua fornecendo drogas ilegais para o Uruguai. A novidade aqui alude a crescente atuação destas facções nas cidades gêmeas, segundo dados adquiridos através da Secretaria Segurança Pública do estado do Rio Grande do Sul, cidades como Chuí e Jaguarão revelam, respectivamente, um acréscimo percentual anual (entre 2013<sup>5</sup> e 2020) de 11% e 35% nas apreensões de entorpecentes ligados ao tráfico.

Seguindo mesma linha, Chagas (2021, p. 50) escreve:

Além disso, a dificuldade técnica em relação à venda da *cannabis* no Uruguai acaba por minar um dos grandes propósitos da Lei 19.172,

<sup>4</sup> Traduzido pelos autores. No original “Despite its connection to the globalised economy a substantive part of its operations remain underground as a sort of clandestine economy. Because it exercises control over territory, it is inexorably tied to daily life”

<sup>5</sup> Ano em que a produção, venda e consumo de *cannabis* foi regularizada no Uruguai.

que é combater o narcotráfico e reduzir a violência no país. Dessa forma, em 2017, foram registrados níveis históricos de apreensão de droga, além de uma importante quantidade de assassinatos relacionados a disputas entre traficantes (MELO, 2018, online).

Há, como visto, estudos demonstrando o aumento da atuação do tráfico de drogas na fronteira entre o Brasil e Uruguai. Mas para entender a territorialização de coletivos na fronteira, é preciso discutir o conceito de condição fronteiriça, produzido por Dorfman (2013).

A condição fronteiriça “ênfatis[a] a agência dos habitantes da fronteira, observando a transformação das limitações em oportunidades na experiência desse objeto geográfico originado na territorialização dos estados-nação.” (DORFMAN, 2013, p. 8). Versa sobre a capacidade dos habitantes da fronteira em utilizar das disparidades entre os dois Estados em favor próprio.

Arrematando, a condição fronteiriça apresenta-se como um “saber passar”, uma vez que os habitantes “acostumados a acionar diferenças e semelhanças nacionais, linguísticas, jurídicas, étnicas, econômicas, religiosas que ora representam vantagens, ora o cerceamento de trânsito ou direitos.” (DORFMAN, 2013, p. 10), instrumentalizam estas características em benefícios próprios.

Em conjunto com o “saber passar”, podemos citar o “*know-how* local” (CHIES e RIVERO, 2019) dos traficantes que vivenciam a fronteira Brasil-Uruguai. Enquanto a condição fronteiriça diz respeito a uma ampla gama de práticas e engloba todos os habitantes, o *know-how* do crime local, versa sobre os conhecimentos da cena do tráfico daquele respectivo espaço.

O conhecimento de rotas secas ou úmidas, corredores de passagem, contatos para articular possíveis trocas, compras e vendas são específicos de cada local. Machado (2003) escreve sobre a necessidade de integrar a visão “desde cima” e a visão “desde baixo”, em outras palavras, a tomada de decisão precisa considerar os conhecimentos territoriais locais.

A expansão na atuação das facções na fronteira entre Brasil e Uruguai, aproveita-se da condição fronteiriça (DORFMAN, 2013) produzida historicamente neste recorte espacial, logo, existe um *know-how* local visado por esses grupos criminais (CHIES e RIVERO, 2019). Sendo assim, ao analisarmos este fenômeno, as peculiaridades do tráfico de drogas, situada na fronteira mais ao sul do país tornam-se mais evidentes, bem como o papel adquirido pelo Uruguai no tráfico estadual, para além de mercado consumidor, é também fornecedor de armamentos que possibilitam a realização de roubos e conflitos no estado gaúcho.

Os traficantes do lado brasileiro, aproveitam da disparidade na legislação armamentista existente em relação ao Uruguai, onde o acesso a armas é facilitado. Caso que ganhou destaque nos noticiários diz respeito ao “doble chapa”<sup>6</sup> Adalto Orisney San Martin da Costa (TREZZI, 2019c; DIARIO EL ESTE, 2019). Adalto foi responsável pela compra de mais de 50 armas, entre elas 41 pistolas e 15 fuzis. A compra realizada em território uruguaio foi permutada por maconha advinda do Paraguai, após a troca, o armamento foi utilizado para realizar assaltos em território brasileiro, sobretudo no Rio Grande do Sul.

<sup>6</sup> Expressão que designa aquele indivíduo com duas nacionalidades, brasileiro e uruguaio.

Mesmo que a legislação uruguaia tenha se modificado para tornar mais dificultoso o acesso a armamentos, ainda possui leis mais brandas que a legislação brasileira. Somando esta característica ao ascendente mercado consumidor de maconha ilegal, a fronteira BR-UY apresenta-se como uma oportunidade para facções criminosas gaúchas realizarem o escambo de armamentos por *cannabis*.

### “Tudo 5”: mapas pictóricos em Pelotas/RS

Discussões técnicas e acadêmicas pleiteiam as ciências sociais como disciplina indispensável ao desenvolvimento qualificado de ações voltadas à segurança pública, haja vista que tal apontamento compõe desde documentos voltados ao mapeamento do ensino policial no Brasil (FBSP, 2013), até a elaboração de políticas criminais otimizadas por esse campo do conhecimento científico (SOBRINHO; SILVEIRA; FILHO, 2018). Nesta toada, ao enunciar um recurso caro à geografia, ajustado a uma abordagem sociológica, o que objetivamos é a continuidade de um diálogo interdisciplinar em prol do desenvolvimento de políticas públicas de segurança cientificamente embasadas.

Conforme constatado por Vann e Garson (2001), grande parte dos dados que alimentam pesquisas sociológicas são de natureza espacial. Assim, existem prováveis benefícios a serem obtidos do tensionamento entre dados sociais e metodologias como a análise espacial, por exemplo. É em vista de tais benesses que pensamos não somente a atuação intermunicipal, interestadual e internacional de facções criminosas gaúchas, mas também a dimensão doméstica, ou seja, dinâmicas observáveis em espaços urbanos, dentro das fronteiras municipais nas quais estão inseridas.

Logo, concentraremos a discussão seguinte nos marcadores de facções criminosas espalhadas pelo perímetro urbano na cidade de Pelotas/RS (distante cerca de 140 km da fronteira entre Brasil e Uruguai), distribuídas em forma de pichações — elas próprias legalmente compreendidas como crime ambiental<sup>7</sup> —, que auxiliam no mapeamento e mensuração da atividade criminal, à medida que se propagam, levando em consideração os efeitos sociais e significados atribuídos a esse fenômeno.

Em termos mais específicos, discutiremos um dos muitos usos possíveis da pichação. Neste caso em particular, interessam os nomes, as siglas, palavras de ordem e os reclames territoriais pichados por ou em nome de facções criminosas no município, que cumprem papel introdutório à discussão sobre os coletivos em atuação. Antes de abordar aspectos observados neste município, cabe apontar que o debate público sobre a pichação é ainda obtuso no Brasil, onde é comum que na maior parte dos casos o tema inspire controversos discursos e políticas repressivas<sup>8</sup>, avessas às interpretações que levam em consideração os muitos campos do conhecimento e suas leituras sobre esse fenômeno.

Tomando como exemplo o campo da arte, o olhar dedicado por Martins (2019, p. 95) sobre algumas representações artísticas que essa autora chamou de transgressivas — entre elas a pichação — produziu uma apurada reflexão sobre as cidades, descrevendo-as como o espaço definitivo das trocas simbólicas. Sob esta ótica, a autora descreve o urbano como o espaço/tempo da produção de códigos, que são, por sua vez, as próprias projeções de poder. Esta afirmação ganha corpo quando aproximada ao pensamento do sociólogo francês Jean Baudrillard (1996, p. 100), quando ele aponta

que se anteriormente a cidade era o espaço da produção e exploração industrial, ela se apresenta hoje como “o lugar de execução do signo como de uma sentença de vida ou morte.”

Assim sendo, em meio às orgulhosas *tags*<sup>9</sup>, mensagens de protesto e a infinidade de conteúdos expressos em pichações, chama a atenção em Pelotas, o surgimento e rápida proliferação de marcadores faccionais nos espaços públicos urbanos, referentes aos coletivos que operam atividades criminosas no município e fora dele. Uma vez que os estudos que instrumentam este artigo vêm sendo construídos no âmbito do município em questão, a observação de elementos locais torna-se, indubitavelmente, um fragmento destes estudos, que se encarados com a devida atenção, refletem a indissolúvel dualidade pesquisador/cidadão; sujeito que constrói uma análise ambientada em algum lugar, e é também aplacado pelo que existe e acontece *in situ*.

Em termos de segurança pública, o que se experimenta no município é um conjunto de estratégias que formam o que, no ano de 2017, foi nomeado Pacto Pelotas Pela Paz (PPPP). A ação objetivou, entre outros pontos, a diminuição dos homicídios e da vulnerabilidade juvenil (BORGES; ROJIDO; CANO, 2020). Ao nos atentarmos aos dados que foram estruturados com o intuito de avaliar o impacto desta política pública municipal, deparamo-nos frequentemente com o termo “facções”, repetido dezoito vezes no documento redigido pelos pesquisadores Dorian Borges, Emiliano Rojido e Ignacio Cano (2020). Com o intuito de explicar motivações para homicídios ocorridos no município, descrever apontamentos feitos por autoridades de segurança, descrever ações voltadas ao intento do controle da violência letal empreendida pelos coletivos criminosos e suas demais atividades, entre outros aspectos, a utilização do termo “facções” para referir-se aos coletivos cuja existência fora identificada, serve como reforço à desconstrução do imaginário reducionista expresso em discursos que negam, em certa medida, o expressivo impacto das ações de facções criminosas no território brasileiro, conforme documentado por Gomes (2019).

Passados quatro anos desde a implementação do PPPP, o conteúdo jornalístico voltado à política pública — que originalmente previa reprimir também a prática da pichação, entre outras “incividades” (sic) —, modificou-se substancialmente. Se primeiramente o que se lia era, em maior medida, um conjunto de críticas que incluíam a insatisfação da população com algumas medidas anunciadas<sup>10</sup>, o conteúdo atualizado versa sobre o sucesso das ações em prol da redução dos latrocínios, roubos a pedestres, estabelecimentos comerciais e de veículos, entre outras reduções.<sup>11</sup> Entretanto, as ruas da cidade noticiam, pela via da pichação, dinâmicas que têm como pano de fundo a violência.

Ao todo, registramos entre os meses de janeiro e dezembro de 2021, quarenta e duas imagens de pichações no perímetro urbano do município, contendo siglas e nomes escritos por ou em nome de facções criminosas, entre elas: Os Manos (14-18-12), Mata Rindo (MR), Bala na Cara (BNC, “É os leão”), Primeiro Comando da Capital (PCC, 1533, 1533RL) e também Okaida (OKD), esta última atuante principalmente no estado da Paraíba. Todavia, os registros que fazem referência à facção Taura (TUDO 5, TD5), ocupam um número mais expressivo de espaços.

9 Equivalentes às assinaturas de sujeito pixadores.

10 Como revela o posicionamento de donos de bares e casas noturnas no município, entre outros. <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/codigo-de-convivencia-e-o-debate-acerca-dos-bares-pelotenses/> Acesso em: 18/12/2021

11 Compra em abundantes quantidades Acesso em: 18/12/2021.

7 Conforme descrito no artigo 65 da lei número 9.605, de 12 de fevereiro de 1998.

8 Como se observa em <https://extra.globo.com/noticias/brasil/apos-guerra-aos-pichadores-joao-doria-ataca-de-grafiteiro-21405440.html> Acesso em: 16/12/2021



O destaque numérico das marcações dos Taura é acompanhado de outro fator analiticamente relevante: sua dinâmica de propagação no tecido urbano. Se em um primeiro momento demarcavam bairros mais ou menos afastados da área central, passam gradativamente a ocupar o centro e os bairros que concentram comércios e propriedades de alto valor, acentuando ainda mais sua preeminência.

Mesmo quando o conteúdo não reclama territórios, o espraiamento das pichações parece acompanhar o desenvolvimento da própria facção enquanto grupo que opera atividades ilegais rentáveis, servindo como uma espécie de material publicitário. Os Taura, descritos no ano de 2018 pelo grupo de investigação do grupo jornalístico GZH como “uma facção que só existe na metade sul do RS”<sup>12</sup>, dá indícios de uma atuação expansiva, audaz e que se pretende hegemônica no município de Pelotas.

Projeções de poder que mesmo dependentes, afrontam a ordem do direito, dão o tom de uma atuação criminosa que se difere de alguns outros modelos mapeados no Brasil. O argumento ganha forma ao nos atentarmos, por exemplo, à emblemática fuga empreendida no ano de 2016, quando um caminhão foi acelerado em direção a um dos muros do Presídio Regional de Pelotas (PRP), derrubando-o e possibilitando a fuga de seis apenados vinculados à facção criminosa. Posteriormente, com a recaptura dos indivíduos, chama a atenção que o homem apontado como líder da facção e último a ser recapturado, tenha sido localizado em Ciudad del Este, no Paraguai<sup>13</sup>, reforçando aspectos de uma dinâmica internacional do tráfico de entorpecentes já abordados neste artigo, e que incluem também os Taura.

Da mesma forma que Biondi (2010) aponta os caminhos explicativos não fantasmáticos pelos quais optou ao etnografar algumas das práticas de membros apenados do PCC, os escritos urbanos são observados aqui como instrumentos da ordem do público. Contudo, a atividade da facção em destaque, bem como das demais — atividades criminosas, demarcatórias, violentas ou não —, são desveladas e melhor compreendidas com o

<sup>12</sup> Conforme se verifica em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/grupo-de-investigacao/noticia/2018/07/o-poder-das-faccoes-crime-organizado-do-rs-atua-rumo-ao-exterior-cjk4ftq1e021401qcror4o01j.html> Acesso em: 24/12/2021

<sup>13</sup> Conforme se verifica em <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/pol%C3%ADcia/l%C3%ADder-de-fac%C3%A7%C3%A3o-que-estava-foragido-%C3%A9-presos-pela-pol%C3%ADcia-civil-1.341448> Acesso em: 24/12/2021

auxílio dos múltiplos olhares que, seja por atribuição profissional, pertença, interesse intelectual, interesse humanitário ou outras motivações, estão atentos às ocorrências do mundo do crime.

### Significações

Enquanto um artista visual radicado em Pelotas percebe a *popularidade dessa gurizada* (membros de facções) como fator chave para a difusão das marcações de facções nos muitos espaços da cidade<sup>14</sup>, uma ativista que atua no PRP descreve as intenções como *medo*, pura e simplesmente, descrição que encontra reforço em contribuições posteriores. As perspectivas, ainda que dissonantes *a priori*, soam coesas à medida que são ouvidas mais pessoas, que em termos próprios significam o fenômeno no cotidiano urbano.

As sentenças de vida ou morte às quais se refere Baudrillard (1996) surgem mais claras ao lidarmos com os signos públicos do crime. As pichações, bem como as tatuagens e outras marcas corporais, são expressões comuns no mundo contemporâneo, transmitindo informações ora manifestas, ora codificadas, sobre os indivíduos e as cidades enquanto produto de suas interações. A busca pela inteligibilidade dessas informações em um processo de pesquisa é acrisolada pelo registro das percepções múltiplas que encerram o ciclo de produção, exposição e impacto das marcas que, mesmo estáticas, experimentam transformações no percurso entre o produtor e o observador.

Quando Gabriel Feltran (2015) descreve o símbolo do PCC, inscrito por jovens negros do estado de São Paulo em muros, carteiras de escolas públicas e em seus próprios corpos como uma declaração de consciência sobre o lado que ocupam na guerra empreendida pelo Estado contra populações muito específicas, dá-nos uma primeira pista sobre significados contidos nessas marcas. Tendo em vista que a guerra sobre a qual se refere o autor é a mesma experimentada não somente em outros estados do Brasil, mas em muitos outros países — a guerra às drogas —, as marcações de facções dão indícios de uma reprodução dessa tomada de posição, auxiliando na difusão de “duas imagens polares” (LEITE, 2012, p. 379), positivadas e legitimadas por cidadãos que foram, em um primeiro momento, compulsoriamente atribuídos ao papel de antagonistas da ordem pública.

Dimensionando portanto, a aplicabilidade desta interpretação às marcações observadas em Pelotas/RS, recorreremos à ótica de uma mulher, representante filantrópica da pastoral carcerária da igreja católica, atuante nos presídios de Pelotas e Rio Grande e identificada como Entrevistada C, que relatou os muitos momentos em que percebeu pichações no interior das unidades prisionais e nas ruas das cidades, bem como nos corpos de apenados, cujos teores apontavam demarcações espaciais em nome de facções criminosas por ela conhecidas. Ao ser questionada sobre as motivações dos sujeitos para tais práticas demarcatórias, argumentou:

É a marca da pertença. Para eles aquilo não é a marca do crime, é a marca do pertencimento a um grupo. Um grupo humano onde eles são alguma coisa, onde eles têm o seu valor e o seu lugar. (...) É também domínio geográfico, mas agora me disseram que só tem uma facção aqui, então?! (Entrevistada C).

<sup>14</sup> Quando questionado sobre o que percebia como motivação para a proliferação das pichações na cidade, o entrevistado responde: “Acho que é a popularidade dessa gurizada, vão se tornando mais conhecidos, *apoiam* as pessoas nos bairros, ganham dinheiro e demonstram poder. Assim vão ganhando mais adeptos e o pessoal começa a achar legal, começa a querer fazer parte e picham os símbolos.”

O sentimento de pertença, como fora descrito, está restrito à sujeitos iniciados. Porém, tendo em vista que a reprodução das marcas não se limita àqueles cuja trajetória de vida inclui o ingresso em uma facção criminosa, é importante abarcar neste intento interpretativo a popularidade dessas marcas e seus porquês no contexto investigado. Para tanto, destacamos outros dados colhidos em ocasiões de entrevista, dessa vez realizada com um grupo de três policiais rodoviários federais lotados na delegacia de Pelotas e cujos tempos de serviço na instituição são de nove, oito e cinco anos. Como profissionais de segurança pública, suas contribuições são importantes, principalmente, para aclarar os já citados reducionismos retóricos praticados por autoridades públicas ao lidarem com o assunto dos coletivos criminais em atividade.

Principalmente o jovem, ele quer pertencer a algo. Então ele olha ali e: “Pô, vou ser dos Taura. Ninguém vai meter a mão comigo, as guriinhas vão me querer, eu vou ter dinheiro.” Se cria uma atmosfera toda favorável, como se aquilo ali fosse legal. Na hora o cara olha e pensa que ser dos Taura é legal, mas uma hora ele vai ser preso. Ele pode entrar em confronto com a polícia ou com outra facção e ser morto, mas isso tudo ele não leva em consideração na hora. Para mim é bastante claro que essas pichações são atrativos para isso. (...) Romantiza bastante (PRF 3).

Se as pichações aqui discutidas são percebidas como a marca do pertencimento à um grupo humano, e ao mesmo tempo um objeto que romantiza, ou seja, que torna mais atrativa tal pertença, passaremos a tratá-las em definitivo como um instrumento que além de projetar popularmente as facções criminosas, surge como ferramenta pública, exposta e eficaz de recrutamento. O termo recrutamento fora selecionado, dentre outros possíveis, por acirrar a discussão em torno da guerra empreendida pelo Estado, que por difundida, possibilita àqueles entendidos como inimigos um modelo organizacional elaborado, retroalimentado pelo próprio Estado e que ganha formas igualmente belicosas à luz do espaço urbano.

Figuras de linguagem à parte, as pichações em destaque na cidade de Pelotas expressam além de um convite ao ingresso, um tipo de propaganda que exclama a existência de grupos crescentes que oferecem, acima de tudo, uma identidade econômica. Enquanto exemplo vivaz, as marcações dos Taura espalhadas pelos bairros e área central da cidade de Pelotas, são porta de entrada para uma análise que funda semelhanças comparativas com o mais expressivo coletivo criminoso em atuação no Brasil, o PCC, guardadas as devidas proporções.

Esse argumento é sustentado pelo intento do domínio sobre a cidade, já conhecido inclusive por indivíduos não diretamente vinculados ao mundo do crime, como é o caso da Entrevistada C; pelo reconhecimento da existência e do domínio da facção na instituição carcerária local, vide negociações documentadas por Borges, Rojido e Cano (2020), muito semelhantes ao reconhecimento do domínio do *partido*, como descreve Dias (2008); e pela expansão, internacional inclusive, de um coletivo que era primeiramente descrito como restrito à determinado espaço.

### Considerações finais

O tráfico de drogas, organizacionalmente, pode ser dividido em circuito superior e circuito inferior, respectivamente atacado e varejo. Podemos concluir que os atores do tráfico de drogas gaúchos, em destaque aos que compõem o grupo “Os Manos” visam estabelecer raízes ao nível atacadista, barganhando diretamente com países produtores. Além disso, esse aprofundamento nos circuitos superiores permite o

espraçamento no estado, aumentando o mercado e assim, fortificando a venda no varejo. Os municípios fronteiriços entre o Brasil e Uruguai apresentam-se como territórios de contínuo aumento das atividades do tráfico, sendo que para sua análise, é necessário considerar a vivência local e a relação de seus habitantes com ambos os Estados-Nações, sendo a exploração destas características fundamentais para o logro do tráfico de drogas sul rio-grandense.

Em vista das atividades ilegais empreendidas pelas facções criminosas conhecidas e atuantes não somente no extremo sul, mas em todo o território gaúcho, o espraçamento supracitado se estende ao fenômeno dos marcadores faccionais, que por sua vez exprimem um discurso silencioso, colidindo com os dados oficiais apresentados por autoridades. Se a pichação enquanto fenômeno onipresente nos centros urbanos for encarado como elemento auxiliar, não somente para o mapeamento da atividade criminal, mas para o refino político-instrumental orientado pela manifestação popular, amplia-se a possibilidade de uma agenda de segurança pública mais afinada com as realidades experimentadas. Neste sentido, eleva-se, ainda que indiretamente, a participação pública na tomada de decisões tendo em vista a demanda expressa no corpo físico das cidades, sendo possível suprir necessidades identitárias, econômicas e existenciais que são oferecidas, hoje, pelo mundo do crime.

### Referências

ADORNO, Sérgio; DIAS, Camila Nunes. Brazil: Organized crime, corruption and urban violence. In: *Handbook of Organized Crime and Politics*. UK, Edward Elgar Publishing Limited. 2019.

ALMEIDA, L. N. *et al.* *Subsistemas fronteiriços do Brasil: mercados ilegais e violência*. 1. ed. Rio de Janeiro: Gramma, 2017. 388 p.

BAUDRILLARD, J. *A troca simbólica e a morte*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BIONDI, K. *Junto e misturado: uma etnografia do PCC*. São Paulo, Editora Terceiro Nome. 245 p. 2010.

BORGES, D.; CANO, I.; ROJIDO, E. *Avaliação de Impacto do Pacto Pelotas Pela Paz*. Laboratório de Análise da Violência. Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. Rio de Janeiro, 2020. 80 p.

CIPRIANI, M. Da “Falange Gaúcha” aos “Bala nos Bala”: a emergência das “facções criminais” em Porto Alegre/RS e sua manifestação atual. *Direito e Democracia*, v. 17, n.1, 105-130, 2016.

CORREIO DO POVO. Facção gaúcha é alvo de ação contra a lavagem de dinheiro em pelo menos três estados. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 19 maio 2020. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/pol%C3%ADcia/fac%C3%A7%C3%A3o-ga%C3%BAcha-%C3%A9-alvo-de-a%C3%A7%C3%A3o-contra-a-lavagem-de-dinheiro-em-pelo-menos-tr%C3%AAs-estados-1.424284>. Acesso em: 26 dez. 2021.

CHAGAS, L. F. S. *De Ilícito a Lícito: o que mudou no mercado após a descriminalização da cannabis na República Oriental do Uruguai (2013-2020)?*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Pampa., Santana do Livramento, RS, 2021.

CHIES, L. A. B.; RIVERO, S. M. Facções e cena criminal na Zona Sul do Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Sociologia*, [s. l.], v. 07, ed. 17, p. 155-183, 2019.

DIÁRIO POPULAR. Operação Cabeça prende seis pessoas no estado. *Diário Popular*, Pelotas, 14 jul. 2021. Disponível em: <https://www.diariopopular.com.br/seguranca/operacao-cabeça-prende-seis-pessoas-no-estado-162602/>. Acesso em: 26 dez. 2021.

DIAS, C. C. N. *A igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo: religião e violência na prisão*. São Paulo: Humanitas. 2008.

DIARIO EL ESTE. Investigación revela truequefronterizo De Brasil llega droga, de Uruguay pagan con armas. *Diario El Este*, Rocha, Uruguay, 23 jan. 2019. Disponível em: <http://www.diarioeleste.com/archivo/23-01-19/noticias.shtml>. Acesso em: 26 dez. 2021.

DORFMAN, A. A condição fronteira diante da securitização das fronteiras do Brasil. In: D. Nascimento; J. P. Rebelo. *Fronteiras em perspectiva comparada e temas de defesa da Amazônia*. Belém: EDUFPA, 2013.

FELTRAN, G. Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo. *Caderno CRH*, v. 23, n. 58, p. 59-73, 2010.

FELTRAN, G. São Paulo, 2015: sobre a guerra. *Blog da Boitempo*, 16 jun. 2015. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/06/16/sao-paulo-2015-sobre-a-guerra/> Acesso em 29 jan. 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Mapeamento de modelos de ensino policial e de segurança pública no Brasil*. São Paulo/SP. Julho/2013, 86p.

GOMES, S. ação coletiva ao crime: repertórios de movimentos sociais e facções prisionais\* *Revista Brasileira de Sociologia*, vol. 7, núm. 17, 2019, Setembro-, pp. 184-200.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 11ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

INSTITUTO DE ECONOMIA APLICADA. *Monitoramento Dos Efeitos Da Nova Política Uruguaia De Regulação Do Mercado De Cannabis Sobre A Zona De Fronteira: Percepção Das Autoridades De Segurança E Dos Atores Do Sistema De Justiça Criminal*. Rio de Janeiro, 2017. 40p.

LEITE, M. P. Da “metáfora da guerra” ao projeto de “pacificação”: favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro. *Rev. bras. segur. pública*. São Paulo v. 6, n. 2, 374-389 Ago/Set, 2012.

MARTINS, L. O. *A arte transgressiva como gênese da resignificação do campo artístico. Dissertação (Mestrado)* - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS. 120 p. 2019.

PAIVA, L. F. S. ““Aqui não tem gangue, tem facção”: as transformações sociais do crime em Fortaleza, Brasil.” *Caderno CRH* 32, no. 85 (2019): 165-184.

POLÍCIA CIVIL. Operação Magna Ópera é deflagrada no combate a crimes de lavagem de dinheiro cometidos por organização criminosa. *Notícias*, Porto Alegre, 19 maio

2020. Disponível em: <https://www.pc.rs.gov.br/operacao-magna-opera-e-deflagrada-no-combate-a-crimes-de-lavagem-de-dinheiro-cometidos-por-organizacao-criminosa>. Acesso em: 26 dez. 2021.

SALLA, F.; DIAS, C.; SILVESTRE, G. Políticas penitenciárias e as facções criminosas: uma análise do regime disciplinar diferenciado (rdd) e outras medidas administrativas de controle da população carcerária. *Estud. sociol.*, Araraquara, v.17, n.33, p.333-351, 2012.

SEÇÃO JUDICIÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL. Justiça Federal. Operação Argus: Justiça Federal gaúcha condena 26 pessoas por tráfico internacional de drogas. *Notícia*, Porto Alegre, 27 fev. 2018. Disponível em: <https://www2.jfrs.jus.br/noticias/operacao-argus-jfrs-condena-26-pessoas-por-trafico-internacional-de-drogas/>. Acesso em: 26 dez. 2021.

SOUZA, M. L. *Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial*. 5 ed. – Rio De Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

SOBRINHO, S. F. C.; SILVEIRA, C. E. M.; FILHO, A. G. B. Ambiente urbano e segurança pública: contribuições das ciências sociais para o estudo e a formulação de políticas criminais. *Rev. Bras. Polít. Públicas*, Brasília, v. 8, nº 1, p.194-208, 2018.

TREZZI, H. “Estamos contendo o avanço das facções para o Interior”, comenta chefe da PF no Rio Grande do Sul. *GAÚCHAZH*, Porto Alegre, 13 nov. 2019a. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2019/11/estamos-contendo-o-avanco-das-faccoes-para-o-interior-comenta-chefe-da-pf-no-rio-grande-do-sul-ck2xhetuk011w01ph17xr54pj.html>. Acesso em: 8 jul. 2021.

TREZZI, H. Mercado ilegal de maconha no Uruguai cria campo de batalha na fronteira do RS. *GAÚCHAZH*, Porto Alegre, 18 jan. 2019b. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/grupo-de-investigacao/noticia/2019/01/mercado-ilegal-de-maconha-no-uruguai-cria-campo-de-batalha-na-fronteira-do-rs-cjr2c69mv01pu01pk3rnnwwan.html>. Acesso em: 8 jul. 2021.

TREZZI, H. Fuzis e pistolas comprados no Uruguai foram repassados a facções e usados em 12 crimes cometidos no RS e em SC. *GAÚCHAZH*, Porto Alegre, 20 jan. 2019c. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/grupo-de-investigacao/noticia/2019/01/fuzis-e-pistolas-comprados-no-uruguai-foram-repassados-a-faccoes-e-usados-em-12-crimes-cometidos-no-rs-e-em-sc-cjr5ixsz4004501nxlce22o8z.html>. Acesso em: 26 dez. 2021.

VANN, I. B.; GARSON, G. D. Crime mapping and its extension to social science analysis. *Social Science Computer Review*, Vol. 19 No. 4, Winter, 471-479, 2001.

ZILLI, L. F. O mundo do crime e a lei da favela: aspectos simbólicos da violência de gangues na região metropolitana de Belo Horizonte. *Etnográfica*, v. 19, n. 3, pp. 463-487, 2015.

# ESCUDOS DE PAPEL, CIGARROS DE PALHA

## Lugar de preto no sul do Brasil

*PAPER SHIELDS, STRAW CIGARETTES*  
*Place of black in southern Brazil*

José Carlos Freitas Lemos<sup>1</sup>

### Resumo

*Escudos de papel* faz referência aos direitos registrados por escrito desde a Constituição Federal de 1988, regulamentados (os artigos 182 e 183 que tratam da *política urbana*) na Lei 10.257, de 10 de julho de 2001, conhecida como *Estatuto da Cidade*. Estes direitos nunca saíram das páginas impressas. São amparos, proteções, escudos .... exclusivamente de papel. *Cigarros de palha* relaciona o assunto com o cânhamo. De um lado pela importância que teve para toda a modernidade mercantil global dos séculos XV a XIX. De outro lado, pela prática de ser fumado nas culturas e crenças religiosas das populações africanas imigradas para o Brasil. Os escudos das leis até hoje não auxiliaram, nem protegeram estas comunidades negras da desigualdade social; e o uso do fumo, por lazer ou em invocações espirituais, serviu de argumento para a estigmatização e criminalização da mesma, além da contínua expulsão para lugares indesejados da cidade.

Palavras-chave: populações negras, direitos, cannabis sativa, segregação, arquitetura.

### Abstract

*"Paper shields" refers to the rights registered in writing since the Federal Constitution of 1988, regulated (Articles 182 and 183 dealing with "urban policy") in Law 10,257, of July 10, 2001, known as the "Statute of City". These rights never left the printed pages. They are supports, protections, shields .... exclusively made of paper. "Straw cigarettes" relates the subject to hemp. On the one hand, due to the importance it had for the entire global mercantile modernity of the 15th to 19th centuries. On the other hand, the practice of being smoked in the cultures and religious beliefs of the African populations immigrated to Brazil. The shields of the laws to date have not helped or protected these black communities from social inequality; and the use of tobacco, for leisure or in spiritual invocations, served as an argument for its stigmatization and criminalization, in addition to the continuous expulsion to unwanted places in the city.*

Keywords: black populations, rights, cannabis sativa, segregation, architecture.



Figura 1 - Pintura O jantar. Passatemplos depois do jantar. Autor: Jean-Baptiste Debret. Ano: 1839. <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,debret-politico-que-redescobriu-o-brasil-e-reeditado,10000057916>

### Introdução

Cerca de 80% dos negros que hoje se autodenominam brasileiros vêm das terras de Moïse. A maioria (inclusive exímios militantes) não sabe disso. As regiões que hoje são denominadas Congo e Angola (principalmente) eram os reinos Kongo, do Ndongo, Luba... Reinos que no século XII já possuíam prédios de 5 andares (pra vocês terem uma ideia). A derrubada desses reinos a partir do século XVI trará, durante 400 anos, milhares de pessoas escravizadas pro Brasil. (Por favor, parem de falar em "tribo".) O português "brasileiro" é, na realidade, um português-kimbundu-Kikongo (principalmente), línguas de povos oriundos daquela região. Pra sermos historicamente precisos, deveríamos cantar que "nessa cidade - quase - todo mundo é de Ndandalunda" (com todo respeito a Oşun). O Brasil é uma extensão do Kongo, mas não sabe disso. Ou não quer saber. [...] Por ser um país rico, o Congo se tornou um inferno. Os europeus só irão descansar quando retirarem a última grama de coltan daquele solo. Eles fomentam sangrentas guerras internas, o que tem obrigado, na atualidade, milhares de irmãos a saírem de lá refugiados. Ao saírem de lá, os congoleses chegam no Brasil e encontram antigos irmãos que não os reconhecem. O Brasil odeia a África. Não sabe nada de África. Apesar da sua nítida africanidade. (A brasilidade, minha gente, é uma lobotomia.). [...] (sic., URASSE, 2022)<sup>2</sup>.

O texto vai partir do sul do sul do Brasil no século XVIII, região ao norte do Município de Pelotas. Interessa aí localizar a sede de um estabelecimento português colonial criado em 1783, a Real Feitoria do Linho Cânhamo de Canguçu. Como sequência, o texto vai acompanhar o movimento de escravos em 1788 na mudança de sedes da feitoria, da extremidade sul para a norte da Lagoa dos Patos, na atual região de São Leopoldo, à beira do Rio dos Sinos, ultrapassando 30 km a antiga península de Porto Alegre (neste momento chamada *Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus*

<sup>1</sup> Doutor em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação (UFRGS/2010), Mestre em Planejamento Urbano pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (UFRGS/2000), Especialista em Patrimônio Cultural, Conservação de Artefatos (UFPEL/1996), Especialista em Ensino e Pesquisa em Arquitetura (Faculdades Integradas Ritter dos Reis/1995), Arquiteto e Urbanista (UNISINOS/1991).

<sup>2</sup> Fragmento da manifestação no Facebook e Instagram de Anin Uruse, ativista pan-africanista congolesa, garveyista, mulherista africana, por ocasião do assassinato do compatriota Moïse Kabagambe num quiosque da Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, em 24/01/2022.

de Porto Alegre), desde 1773 capital da província. E, finalmente, analisar, mediante a observação do desenvolvimento urbano inicial da capital (principalmente do século XIX), o desfazimento das práticas escravistas e consequente fim das leis que lhes davam suporte. Nesta análise será enfatizado que este desdobramento de uma política de *libertação* vai se constituir no longo e ainda vigente mascaramento de um abominável e generalizado regime de *apartamento* (*apartheid*) moderno das coletividades negras.

O objetivo do artigo é dar suporte à crítica arquitetônica das cidades em nosso presente. Contribuir para a perspectiva de que não é possível continuar a empreender planejamentos urbanos e regionais que não levem em conta as adequadas e ajustadas instalações, moradias e demandas de absolutamente todos os usuários das cidades. Sabe-se que em toda história dos planejamentos, planos diretores e legislações das cidades modernas o principal parâmetro de costura de seus textos e desenhos tem sido a valorização dos terrenos de assentamento das cidades. A especulação imobiliária localiza populações ricas em centros de interesse e afasta as populações pobres e condenadas para locais indesejáveis. Ao longo dos séculos estas comunidades expulsas têm sido predominantemente negras. Neste texto quer-se mostrar como estes grupos têm sido varridos para longe dos olhos e da vida oficial que é regulamentada e projetada. Significaria dizer que a lei da cidade tem sempre sido dirigida para alguns e seus interesses, desviando o olhar de muitos. A ideia é fazer uma tessitura entre assuntos históricos de grande interesse que, de maneiras diferentes, têm sido escamoteados, escondidos, abafados da informação e conhecimento históricos da maioria das pessoas.

De um lado, a pretensão é falar sobre a vida e práticas ligadas ao morar de um contingente populacional ao mesmo tempo dos mais numerosos, mais maltratados e mais perseguidos desde o início da colonização brasileira até hoje: todas as gerações da população negra, de homens, mulheres, crianças e velhos originalmente trazidos pelo Atlântico desde a África<sup>3</sup>. Questão que remete à ideia dos *escudos de papel*, a ideia do direito à moradia existente e negado da população brasileira de baixa renda, e que ainda hoje, em grande parte, é negra. Direitos que existem escritos desde a Constituição Federal de 1988 e foram melhor desenvolvidos e regulamentados (os artigos 182 e 183 que tratam da *política urbana*) na Lei de número 10.257, de 10 de julho de 2001, conhecida como *Estatuto da Cidade*<sup>4</sup>. Concessões invisíveis, permissões inalcançáveis, autorizações sociais legalizadas, mas na prática contestadas, contraditas, descumpridas, afrontadas, combatidas... Direitos que nunca saíram das páginas impressas, por isso são amparos, proteções, escudos... exclusivamente de papel.

De outro lado, quer-se discorrer sobre o cânhamo (*Cannabis Sativa*) em dois aspectos principais. Primeiro devido à cultura e à importância econômica estratégica desta planta (a fibra extraída de seu caule) para o mercantilismo português, espanhol, inglês e dos demais países europeus na modernidade dos séculos XV, XVI, XVII, XVIII, entrando pelo XIX. Importa dizer que o cânhamo chegou à Europa depois de séculos de uso e produção asiática e africana (ROBINSON, 1999). Em segundo lugar, a perspectiva produzida pela sociedade moderna branca de usar a tradição secular de fumar as flores e sementes moídas e maceradas da mesma planta pelas populações negras, como instrumento de sua condenação, afastamento, estigmatização e criminalização.

3 Também vale lembrar que, ao mesmo tempo em que as populações negras foram escravizadas, e mesmo considerando que tenham tido muitos de seus integrantes assassinados e mortos, os povos originários americanos foram vítimas de um colossal genocídio ainda nos primeiros séculos de contato com os europeus.

4 O *Estatuto da Cidade* é o resultado do esforço da luta de muitos grupos ativistas e de interesse social por mais de 20 anos. Representa grande avanço para a ordem das cidades brasileiras.



Figura 2 - Longa tradição omitida. <https://www.smokebuddies.com.br/maconha-e-quilombo/>

Sabe-se que quase sempre os escravos foram destituídos de hábitos ou práticas que pudessem ser recreativas ou distrativas, dessa maneira atrapalhando e atrasando seus trabalhos. Assim, sob administrações mais severas, durante a maior parte da história, foram proibidos de pitar seus cigarros de maconha, beber sua cachaça e fazer suas danças e rituais.

Negros e negras segregados dos ambientes de vida das pessoas brancas, por ocasião de deslizamentos e sobreposições políticas, econômicas e tecnológicas, desde uma sociedade moderna de capitalismo mercantil para uma sociedade moderna de capitalismo industrial. O capitalismo de tipo mercantil emergiu juntamente com a modernidade no século XV, transição da Baixa Idade Média para o Renascimento. A modernidade sempre tem sido ao longo dos cinco séculos de sua existência esta massa indistinta de características capitalísticas, colonialistas, escravagistas, racistas. Sem esta equação, a Europa não teria saído de sua condição completamente coadjuvante no cenário mundial dominado naquela época pelos muçulmanos e otomanos e se lançado no Oceano Atlântico para assaltar as Américas e se colocar como rica protagonista na história.

Por sua vez, o capitalismo de tipo industrial emergiu em meados do século XVIII na Europa, mas apenas foi melhor sentido no Brasil a partir do início do século XIX, principalmente com vinda da família real portuguesa para o Rio de Janeiro (1808). Mesmo assim, permaneceram características mercantis e industriais misturadas por longos anos. Assim, a sociedade moderna, hegemônica e branca no Brasil se cindiu em duas principais faces, uma parte com características mercantis mais diretamente ligada ao regime escravocrata e toda a peculiar rudeza imposta aos homens, mulheres e crianças negras como seus objetos. E outro segmento social com características de uma sociedade moderna industrial ligada a noções científicas de supremacia e pureza racial, narcisicamente intelectualizada que caracterizaram um determinado tipo de ser humano branco como puro e que deram seguimento e prolongaram o martírio físico, psicológico e econômico das pessoas negras depois do fim da escravidão em todos os países do planeta<sup>5</sup>.

Os *cigarros de palha*, nomeados no título deste artigo, são o símbolo da perseguição produzida por esta sociedade moderna e capitalista branca a partir de meados do século XIX. É fundamental a compreensão de como a criminalização de práticas religiosas e culturais das populações negras e a criminalização da maconha foram intimamente relacionadas (SAAD, 2019). Ambos os processos somente podem ser entendidos em

5 Sabe-se também da degradação histórica e ainda atual de outras *sub-raças identificadas* para esta mentalidade narcísica moderna e branca: judeus e ciganos, por exemplo

sua análise conjunta e relacionada. O Rio de Janeiro, espaço da maior concentração de escravos que o planeta já viu foi, precisamente e por isto também, o primeiro lugar do mundo a criminalizar a prática do fumo e da venda da maconha. Em suas *Posturas da Câmara Municipal de 4 de outubro 1830* (BARROS, 2019):

É proibida a venda e o uso do “Pito do Pango”, bem como a conservação dele em casas públicas: os contraventores serão multados, a saber, o vendedor em 20\$000<sup>6</sup>, e os escravos, e mais pessoas que dele usarem, em 3 dias de cadeia.

De maneira similar, se repete a proibição em outras cidades, como na Cidade de Santos, “multa por venda 10\$000 e uso quatro dias de prisão” (Resolução n.º. 103, 03 de maio de 1870, Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, art. 99), e na Cidade de Campinas, “multa por venda 10\$000 e uso cinco dias de prisão (Resolução n.º. 71, de 02 de abril de 1876, Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, art. 237; nesta é feita alusão direta aos escravos como na resolução de 1830 do Rio)”. Nesta resolução de 1876 também são proibidas “[...] casas conhecidas vulgarmente pelos nomes de zangús e batuques” (art. 93); e “[...] nas casas de bebidas, tavernas, botequins, ajuntamento de pessoas com tocatas, danças ou vozerias” (art. 135). Ainda na mesma resolução “[...] donos de tavernas ou outra qualquer casa pública, que consentirem nelas ajuntamentos de mais de quatro escravos, incorrerão na multa de 10\$ a 30\$000” (art. 137) (CARNEIRO, 2020). Fica explícita a intenção das políticas de regulação da ordem urbana do século XIX, advindas da sociedade brasileira colonizada, mas entendendo-se europeia (ou no mínimo europeizada) e branca, de criminalização das manifestações públicas, diversões das castas mais desfavorecidas, com foco principal incidindo sobre os escravos, seus ajuntamentos, suas danças.

### O cânhamo na modernidade mercantil e industrial

A origem da planta é encontrada na pré-história asiática. Acham-se sementes, cordas e roupas confeccionadas com suas fibras nos túmulos mais antigos desde a China (há 12 mil anos), na Índia, Oriente-Médio, África e, finalmente, Europa. Índios de cânhamo foram encontrados no período inicial da Idade Média europeia entre saxões, vikings, francos e muitas outras culturas (ROBINSON, 1999, p. 64). Mas será para a cultura da sociedade ocidental moderna que a história recente do cânhamo reservará seu capítulo mais impressionante. É ao mesmo tempo curioso e significativo que duas economias e tecnologias condenadas por motivos diferentes tenham sido responsáveis por alavancar o capitalismo mercantil: a escravidão e a cultura do cânhamo. Sem o trabalho escravo e sem a multifuncionalidade do cânhamo não teria ocorrido a exploração das riquezas das Américas e sido produzida a sustentação econômica do capitalismo. O capitalismo mercantil branco e moderno não existiria sem o escravo e sem o cânhamo das cordas, tecidos e papéis. O papel que inicia a ser fabricado em Xátiva na Península Ibérica moura e espanhola é de cânhamo. Serão de cânhamo os papéis das 135 primeiras bíblias produzidas por Johannes Gutenberg (1400-1468). Além da cordoalha das embarcações, também suas velas eram de lonas produzidas em fibra de cânhamo, a calafetagem dos cascos e quilhas era produzida por uma cola de cânhamo. A disputa pelo controle da produção do cânhamo e seu comércio foi uma das questões estratégicas do capitalismo mercantil<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Vinte mil réis.

<sup>7</sup> A declaração de guerra e consequente invasão do Império Russo por Napoleão deveu-se ao rompimento deste país ao bloqueio continental proclamado pelo Imperador francês e a continuidade do comércio da Rússia no fornecimento de cânhamo à Inglaterra (dependente da importação desta cultura para a

Parece que até o século XVIII, a função de fumar a flor seca e moída do cânhamo não existia entre as camadas mais pobres da Europa. É indicada que certa disseminação do uso da maconha entre os soldados mais comuns do exército de Napoleão aconteceu na campanha de ocupação do Egito em 1798, em que privados pela inexistência de bebidas alcoólicas na cultura muçulmana, logo partiram para a experimentação e difusão do uso do haxixe. A denominação *haxixe* alude a mesma *cannabis*, mas se diferencia da maconha que nossos usuários atuais usam e fumam por receber uma técnica adicional de maceração (alcoólica) produzindo pequenos bolos engomados de colorações diferenciadas (ROBINSON, 1999)<sup>8</sup>. Africanos traziam longas tradições de utilização de seu fumar tanto como lazer, quanto aplicado em sessões religiosas de invocações espirituais e estados mentais e psíquicos diferenciados. Existiam formas de uso desde a inalação da sua fumaça a partir de furos na terra, ou queimando as folhas diretamente sobre brasas, ou com a ajuda de forninhos de materiais variados. Existe a descrição de seu uso no Quilombo dos Palmares, que existiu entre os séculos XVI e XVII:

E, nos momentos de tristeza, de banzo, de saudade da África, os negros tinham ali à mão a liamba, de cuja inflorescência retiravam a maconha, que pitavam por um cachimbo de barro montado sobre um longo canudo de taquari atravessando uma cabaça de água onde o fumo se esfriava. (Os holandeses diziam que êsses cachimbos eram feitos com os cocos das palmeiras). Era o fumo de Angola, a planta que dava sonhos maravilhosos. (sic. CARNEIRO, 1958)

Os escravos falavam da técnica de *beber fumo* ou *beber os ares* e no quimbundo (língua da família banta, falada em Angola) “fumar é *nua makanha*. O verbo beber é *nua*, e tabaco *dikanha*, fazendo o plural *makanha* [...] pouco disfarçando o macanha, maconha, o venenoso cânhamo. Era esse o tabaco de Angola [...]” (Casculo 1965, p. 180, apud Carneiro, 2009). O cânhamo foi referido no Brasil por inúmeras denominações, além de maconha: diamba, liamba, pango, pito do pango, fumo de Angola e outros. Existe a argumentação em torno da palavra *maconha* ser um anagrama da palavra *cânhamo*. Como os escravos não eram letrados e pelas nomenclaturas e sonoridades no quimbundo, prefiro acreditar no inverso, que os portugueses ao incorporarem a palavra *maconha* de origem africana a sua escrita compuseram o anagrama *cânhamo* em decorrência de sua permanente intenção de condenar a sua prática de fumo<sup>9</sup>. As culturas africanas migradas para o Brasil trouxeram antigos costumes de uso da maconha em práticas religiosas, ritualísticas, sociais e festivas. Penetrou na África pelo Egito por volta do século X, vinda da Índia, Pérsia e/ou Arábia Saudita. Antes da proibição e criminalização como droga ilícita, as múltiplas religiões afro-brasileiras, o candomblé na Bahia, o xangô em Pernambuco e Alagoas e o tambor de mina no Maranhão e Pará, entre outros (PRANDI 1995-96 apud SAAD, 2019), invariavelmente faziam o uso de cigarros, pitos ou cachimbos de cânhamo em suas sessões de invocações espirituais.

viabilização de sua armada naval) (ROBINSON, 1999).

<sup>8</sup> Os exemplos de personalidades do século XIX como Honoré de Balzac (1799-1850), Charles de Baudelaire (1821-1867) e Victor Hugo (1802-1885) são emblemáticos no uso do haxixe. Assim, o uso do haxixe se difunde pelas sociedades do capitalismo industrial e chega ao final do século XIX, juntamente com o ópio, alegorizando os cenários da Belle Époque parisiense e europeia (ROBINSON, 1999).

<sup>9</sup> É provável que o exemplo da denominação *Marijuana* entre os mexicanos e norte-americanos, originalmente tenha tido um sentido pejorativo para referir o uso entre os seus indígenas.



A maconha tem um longo histórico de críticas e de controle social sobre o seu uso como prática psicoativa de fumo. Tais críticas ocorreram em diversos lugares, culturas diferenciadas e épocas diferentes, sempre envolvendo o estado de pouca disposição à disciplina, a tarefas e ao trabalho de seus usuários. O capitalismo em suas versões mercantil e industrial sempre requereu muita disciplina das volumosas massas de artífices, operários, artesãos e obreiros para a obtenção de um lucro demandado em proporções cada vez maiores. Se drogas inebriantes seriam, foram e são indesejáveis aos movimentos pretensamente perfeitos de soldados, escolares, enfermeiros e médicos de toda a modernidade, no que diz respeito às mulheres e aos homens negros escravizados, tratados como máquinas ou animais operadores de *plantations*<sup>10</sup>, manufatureiros e operários fabris, tal inconveniência tornava-se imensa. Sendo, por um lado, possível dizer que, no exemplo da ingestão alcóolica produzem-se excitações e desavenças, tumultos do ambiente de trabalho, tendo como resultado possíveis erros, acidentes, perdas materiais e prejuízos. Por outro lado, também é possível dizer que, no exemplo da ingestão da maconha, se produzem recorrentemente estados de indolência, de morosidade, apatia, indiferença, desinteresse, displicência, inatividade, languidez, lassidão. A drogadição por maconha sempre foi tida como antiprodutiva porque aniquila a energia dos corpos, produz preguiça, mergulha usuários em profunda letargias e desalentos, repousos e torpores. Ao mesmo tempo, provoca dessintonias dos usuários com o ambiente de trabalho, trazendo total perda de foco e atenção, provocando conversas, diálogos e a meditação. Em última análise, configura um ambiente incompatível com a imposição disciplinar moderna do capital.

### A Real Feitoria do Linho Cânhamo em Canguçu

É perfeitamente presumível que todos os esforços e práticas portuguesas tenham sido devidamente acompanhadas por escravos. Antes dos brancos arregaçarem suas mangas, o trabalho pesado seria certamente deixado ao trabalho dos *pretos* escravizados. Assim, como diz o historiador Jorge Assumpção (2016), ao considerarmos o início da colonização portuguesa no Rio Grande do Sul na década de 1730, com as primeiras fazendas, temos no tempo que nos chega até hoje um intervalo maior sob o domínio da escravidão do que sem ela. Não podemos, portanto, esquecer a importância capital de seu nefasto capítulo.

<sup>10</sup> *Plantation* era uma extensão de terra nas regiões tropicais das colônias continentais americanas, africanas e asiáticas dos séculos XVIII e XIX, onde determinada monocultura era produzida mediante a imposição de rígida disciplina hierarquizada.



Todos os incrementos da colonização portuguesa do século XVIII aconteceram na região leste do atual estado do Rio Grande do Sul. Gravitarão e foram inclementemente marcados pela fisionomia geomorfológica da imensa laguna. Sua ambiência de planos, charcos, banhados, areias e seu inverno cortado pelo intenso e gelado vento minuano remete à ideia do compositor pelotense Vitor Ramil de *estética do frio*.

A feitoria faz parte dos esforços da rainha D. Maria I de Portugal de impulsionar a economia portuguesa do último quartel do século XVIII, em dificuldades e sob tutela inglesa, de expandir o plantio do cânhamo por sua importância como produto polivalente. O aspecto mercantil colonial e não industrial do empreendimento local era enfatizado pela ordenação de que fossem concentrados os esforços estritamente no plantio, e “de nenhum modo se devem formar fábricas de cordoaria ou de qualquer outro tecido”<sup>11</sup>. Dessa maneira, em 10 de outubro de 1783, no atual Município de Canguçu, nesta época pertencente ao território geral da Vila de Rio Grande, instala-se a Real Feitoria do Linho Cânhamo. O grande sítio da feitoria era limitado ao sul pelo Arroio Corrientes, ao norte pelo antigo arroio das Pedras (atual Arroio Grande), no leste pela Lagoa dos Patos e no oeste pela Serra dos Tapes. A sede da feitoria de cânhamo ficaria mais próxima da extremidade oeste, próximo da atual cidade de Canguçu e imediações das nascentes do Arroio do Moinho (BENTO, 2009). Assim o grande sítio da feitoria abrangeria o que hoje é o Município de Turuçu (mais a leste e às margens da Lagoa dos Patos), o 6º Distrito de Pelotas, denominado Santa Silvana, o Município de Arroio do Padre, o 4º Distrito de Pelotas, denominado Triunfo e parte do Município de Canguçu, onde se localizava a sede (Figura 4).

Como força de trabalho para o regime de *plantation* da feitoria foram trazidos escravos da Real Fazenda de Santa Cruz no Rio de Janeiro<sup>12</sup>. Estes escravizados tinham características que influenciariam fortemente a gestão da pretendida feitoria de cânhamo no sul do Brasil. Na anterior administração jesuíta da Fazenda de Santa Cruz a comunidade negra fora acostumada a ter posses particulares e se casar. Portanto, excepcionalmente, os escravizados tiveram condições de estruturar famílias e desenvolver relações sociais solidárias. Alcançaram uma condição de autonomia e estabilidade muito diferenciada dos demais duros sistemas disciplinares escravagistas. Dessa maneira, e diferente da quase totalidade dos outros modelos de condução de trabalho de cativos sua coletividade pôde crescer ininterruptamente.

<sup>11</sup> Palavras do Vice-rei do Brasil Luís de Vasconcelos e Sousa (1779-1790) (MENZ, 2005).

<sup>12</sup> A fazenda originariamente foi criada e administrada por jesuítas e passou a propriedade régia desde a expulsão da ordem religiosa dos territórios portugueses em 1759.

Figura 4 - Recorte de Mapa da 3ª Coordenadoria Regional de Saúde. <https://saude.rs.gov.br/3-crs-pelotas>. Os números 1, 2, 3 e 4 indicam, respectivamente, os municípios de Cerrito Alegre, Morro Redondo, Arroio do Padre e Turuçu. Localização da Real Feitoria do Linho Cânhamo em Canguçu. A linha azul e a verde limitam o sítio geral do estabelecimento inicial da feitoria. A azul é o Arroio Corrientes, o verde o Arroio Grande e o ponto vermelho é a provável localização da sede nas imediações da atual cidade de Canguçu e das nascentes do Arroio do Moinho (BENTO, 2009), para esta indicação, que são apoiadas no presente texto (BENTO, 2009).

No entanto, a despeito desta realidade, este grupo de escravos da Fazenda Real de Santa Cruz transportado para a feitoria, sofreu uma das mais duras e cruéis violências do sistema escravista, a *dessocialização*. Foram arrancados de sua comunidade e obrigados a se instalar num universo completamente estranho a eles (MENZ, 2005). O Vice-rei do Brasil da época, Luís de Vasconcelos e Souza, pretendia evitar ao máximo as despesas extraordinárias. Portanto, queria o crescimento espontâneo sem a necessidade contínua de compra de novos escravos. Dessa maneira, trouxe vinte e um jovens casais de negras e negros<sup>13</sup> orientados a procriar o máximo possível, como num raciocínio estritamente pecuarista que objetiva otimizar a reprodução forçada de vacas ou cavalos. No mesmo intuito de redução de custos, os escravos deveriam produzir as culturas agrícolas e criações animais que provesses sua própria subsistência. Conseqüentemente, deviam ser capacitados tecnicamente a produzir sua alimentação, seu vestuário e suas habitações. (MENZ, 2005). Além dos inspetores (gestores chefes da feitoria) o vice-reinado brasileiro designou *feitores* (etimologia ligada à ideia de *fazedor*/ uma feitoria poderia ser entendida então como uma *fazedoria*) para sua administração. No mundo colonial, o feitor era o encarregado, o capataz dos trabalhos organizados dos escravos. Usualmente eram homens negros escolhidos entre os próprios escravos ou entre libertos que conhecessem o mundo da senzala. Para exercer tal função, era preciso conhecer a cultura e a hierarquia da escravaria e as técnicas de pecuária e de cultivo praticadas pelos cativos. Diferentemente, para a feitoria foram escolhidos soldados europeus que conheciam a monocultura do cânhamo a ser implementada, mas desconheciam as práticas necessárias para a subsistência dos escravos. O resultado foi uma autonomia e liberdade excessivas para as práticas dos escravos, desde o início os trabalhos, dominando o processo da feitoria e prejudicando seu objetivo principal. No inventário do novo inspetor nomeado<sup>14</sup> em 1788 foi contabilizado um índice de produção anual de 2,1 arrobas de cânhamo por escravo (aproximadamente 25 kg). Como comparação, na mesma época, um escravo no Maranhão produzia anualmente 400 arrobas de algodão (aproximadamente 4,8 toneladas) (MENZ, 2005).

Talvez a desastrosa produção de cânhamo destes anos iniciais tenha chamado a atenção do notório e controverso líder militar da história do Rio Grande do Sul, Rafael Pinto Bandeira (1740-1795)<sup>15</sup>, que passa a orientar o novo inspetor na retirada e transferência da feitoria do Rincão de Canguçu para outro local. Típico caudilho<sup>16</sup>, Pinto Bandeira surge na avaliação deste artigo como hipótese de ser elemento-chave do insucesso nos empreendimentos destas feitorias coloniais na região. Famoso herói das guerras de fronteira contra a Espanha, era tão temido e odiado pela elite e pelo povo do lugar, quanto festejado, reverenciado e admirado por ser o único nativo da região a alcançar a comandância máxima do território. Por ser o único representante local a alcançar o topo da hierarquia na capitania. Este personagem era a peça central daquilo que era na verdade um poderoso *bando* de malfeitores muito articulado e que dominou a política da capitania no último quartel do século XVIII (KUHN; SILVA; COMISSOLI, 2013). Tratava-se de uma verdadeira *máfia* rio-grandense do século XVIII, organização criminosa vertical de pirataria que cumpria ações para muito além das determinações da coroa portuguesa. Agia à revelia das leis e determinações legais, governamentais e militares. Sua rede de agentes era infiltrada na sociedade civil e nas instituições. Sob suas ordens e fiéis a Pinto Bandeira encontravam-se representantes políticos, comandantes militares, caciques indígenas, estancieiros, comerciantes, peões,

13 Alguns casais traziam filhos.

14 Antônio José Machado Moraes Sarmento (c.1755-1821).

15 Nesta época Pinto Bandeira alcançara o posto de Brigadeiro e Comandante da Brigada de Cavalaria Ligeira.

16 Caudilho era um tipo liderança militar e política que comandava grupos irregulares treinados para a atividades de contrabando, assaltos, assassinatos e guerra.



Figura 5 - Translado da Feitoria de Canguçu para o Faxinal do Courita. Mapa editado pelo autor, 2022. Figura 6 - Ligação por terra de Porto Alegre a São Leopoldo (Faxinal do Courita). Mapa editado pelo autor, 2022. Figura 7 - Passo do Rio dos Sinos. Mapa editado pelo autor, 2022.

tropeiros, índios e escravos (GIL, 2013). Retirava benefícios de invasões, pilhando, da captura de despojos e espólios, promovendo enriquecimento ilícito, apropriando para si extensões de terra, assaltando gado e escravos (negros e índios) dos espanhóis. Assim, o bando era integrado por pessoas dos mais diversos estratos da sociedade da época, desde escravos até os chefes das famílias mais importantes (GIL, 2005). Era reconhecido entre os espanhóis em suas incursões militares de conquista e apreensão de butins que “[...] trazia sempre consigo, segundo vários testemunhos, enorme contingente de negros valentes que desconheciam o medo.” (BENTO, 2013, p. 13)<sup>17</sup>. Portanto, diante deste filão de um contingente de negros escravizados sob uma administração potencialmente submetida a sua própria maior autoridade pessoal, nos parece óbvio o interesse do tirano opressor local. Cláudio M. Bento descreve a influência de Pinto Bandeira na reorganização do Rincão de Canguçu como ponto de defesa contra incursões espanholas (2013)<sup>18</sup>. O local escolhido para a relocação da feitoria, talvez também pelo próprio Pinto Bandeira, foi o Faxinal do Courita (nome antigo da localização da atual cidade de São Leopoldo) a apenas 30 km da capital Porto Alegre (Figura 6). Dado o potencial interesse do caudilho na força de trabalho desta concentração de negros e da proximidade de sua nova sede com a capital, local em que muitas vezes Pinto Bandeira ocuparia exercendo o cargo interino de governador da província, a localidade pareceria perfeita para beneficiar a comandância de sua organização criminosa, a frente de todos e sob as barbas da coroa portuguesa. Bento igualmente sugere que os escravos da feitoria de Canguçu podiam fazer todo o tipo de transporte em embarcações (2009). A produção da feitoria tanto em direção à Vila de Rio Grande quanto em direção ao porto de Porto Alegre e além deste porto até São Leopoldo, seguindo pelo Guaíba, Jacuí e entrando pelo Rio dos Sinos até o seu passo (Figura 7)<sup>19</sup>. Portanto o traslado da escravaria de Canguçu ao Courita, muito provavelmente, aconteceu por embarcações que viajaram pela lagoa dos Patos, de sul a norte.

Outra presunção, não assumida pelos historiadores<sup>20</sup>, é a de que os escravos fumassem o cânhamo, a maconha. A feitoria era orientada e objetivava a extração da fibra do caule da planta, que seria empregada na produção de cordas, panos, tecidos, velas de embarcações, massas de calafetagem e papeis. Mas os africanos traziam o longo costume africano de pitar o *pango*, o *fumo de Angola*, a partir do esmagamento e maceração de suas flores. Em minha particular perspectiva, não vejo como admissível assumir que os escravos desta feitoria não pitassem seus cigarros de maconha, ainda mais considerando toda esta autonomia que lhes caiu no colo, perante a inexperiência dos feitores militares. Portanto considero muito possível que eles produzissem tanto a fibra quanto o fumo no estabelecimento de iniciativa colonial.

17 Na Buenos Aires da época era uma espécie de bicho papão. Diziam a crianças desobedientes: “*Quieto mui querido hijo, que ai viene el temeroso Rafael Bandeira.*” (BENTO, 2013, p. 14).

18 Pinto Bandeira ordenaria o assentamento de 48 casais de açorianos dando início a povoação de Vila dos Casais, em 1789, atual cidade e Município de Piratini, pouco adiante em sentido oeste do atual Município de Canguçu. O interesse era o reforço da região geral de Rio Grande e Pelotas e da fronteira com a região espanhola a oeste e sul.

19 Os passos dos rios eram bancos de areia que permitiam a passagem de transportes terrestres, sendo ao mesmo tempo, ponto final dos transportes fluviais. O passo real do Rio dos Sinos (localizado nas imediações da atual ponte 25 de julho) foi o mesmo ponto de atracamento naval dos materiais e escravos da feitoria em 1788 e depois da chegada dos imigrantes alemães em 1824.

20 Por exemplo, Henrique Carneiro, 2020, p. 135, “Não há [evidências] que apontem para um uso psicoativo das plantações gaúchas. Talvez o fumar como sumidades floridas tenha sido posterior a essa primeira introdução oficial ao plantio para fabricação de tecidos”.

## A Real Feitoria no Faxinal do Courita

Assim, em 1788, todo o material da feitoria fez a viagem lacustre e fluvial desde Canguçu até o passo do Courita (Figura 5). Transportados em embarcações escravos negros, animais diversos, ferramentas, armas, sementes, bagagens, documentos e a administração branca. Aos escravos já existentes foram acrescentados 41 outros, confiscados de contrabandistas. Dos 46 escravos iniciais de 1783, nos cinco anos seguintes a população da primeira geração cresceu para 82 (crescimento de 43,9%, média anual de 12,2%). No traslado para o Faxinal do Courita se acrescentaram mais 53 confiscados, perfazendo o total de 135 (MENZ, 2005).

Mas, na nova região as dificuldades aumentaram. Cinco ou seis anos passados do início do empreendimento em Canguçu, em 1788/1789, localizados agora em novo local, próximo da capital da capitania, sua já ampla autonomia, ao contrário de ser controlada se amplia. A proximidade urbana, efetivamente acrescentaria a possibilidade de imposição de disciplina por milícias policiais e pelas próprias tropas regulares reais estabelecidas na capital. Mas, o que se produziu foi o contrário, quem sabe em muito devido à dominação da rede criminosa e de corrupção do bando de Pinto Bandeira, controlando a capital e toda a capitania. Em meio a isto, os escravos efetivamente assumem as rédeas da administração da feitoria, conseguindo fazer as negociações que quisessem. Vendiam e compravam, chegando a ter seus próprios cavalos (MENZ, 2005).

Desde a invasão de Rio Grande em 1763 que o governo da Capitania do Rio Grande de São Pedro havia se mudado para a Vila de Viamão. A localidade de Porto Alegre que neste tempo já era conhecida como Porto de Viamão, foi elevada em 1772 à *Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais*<sup>21</sup>, passando no ano seguinte (1773) a ser a capital da capitania com o novo nome de *Freguesia de Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre*, devido a melhor situação militar geográfica e estratégica em relação a Viamão.

A nova feitoria ficava a apenas 30 km da nova capital, onde se localizava o palácio do governador e sua corte. Passou a ocorrer que, com e sem o consentimento dos feitores (os capatazes da feitoria), os escravos da feitoria iniciaram a frequentar regularmente a incipiente sociedade de Porto dos Casais. Ao venderem nos sábados e domingos o produto de suas roças foram constituindo uma teia de interesses com gestores, intelectuais, artesãos e comerciantes interessados em seus serviços. O trabalho na capital era bem mais estimulante, leve e livre que o da feitoria. E os escravos ganhavam progressivamente a proteção dos poderosos da corte em suas desavenças com os administradores da feitoria. Como reforço a tese da interferência de Pinto Bandeira neste estado de coisas, existe a referência a sua imposição de que os castigos de escravos somente poderiam acontecer na capital, ou seja, sob seu controle. Isto retirava a autoridade disciplinar dos feitores na feitoria (MENZ, 2005). É de se imaginar a influência que este grupo de escravos autônomos da feitoria exerceu sobre o povo da capital. Passaram a se interessar por atividades urbanas, diferentes das rurais da feitoria. Negros e outras castas empobrecidas e desfavorecidas da capital interagiam com eles, certamente trocando aspectos culturais. É difícil não se imaginar que o pito do pango tenha sido introduzido na Porto Alegre deste tempo (se já não existisse o seu consumo pelos escravos que lá já existiam). De qualquer maneira, é muito pouco provável que os escravos da feitoria não tenham mostrado e usado diante de todos os outros populares seus hábitos de fumo em suas festividades e celebrações religiosas.

21 Pois ali haviam ficado os imigrantes açorianos desde o início da década de 1750.

Parece que tudo correu desta maneira, culminando num máximo de estado de transgressão dos escravos da feitoria no final do século XVIII. Não por acaso, Pinto Bandeira falece em 1795, e sua insubstituibilidade impede a posterior existência e efetividade do bando. Não havia mais ninguém que como ele fosse temido por todos, do mais rico ao mais pobre. Assim, não aconteceram mais atuações organizadas do grupo após sua morte. O bando, aparentemente, morreu com Pinto Bandeira (GIL, 2005). A capital da capitania continua crescendo e, em finais do século XVIII, chega aos quatro mil habitantes (MACEDO, 1999). No novo século, em 1801, inicia o período da administração na feitoria do Inspetor Pe. Antônio Gonçalves Cruz, antigo capelão do estabelecimento. A segunda geração da escravatura chega a este ano com a população total de 240 pessoas. O crescimento de 1788 (ano da instalação no Faxinal do Courita) até 1801 foi de 43,8% (MENZ, 2005). Em 1809, a capital é elevada à *Vila de Nossa Senhora Madre de Deus Porto Alegre*. O padre Cruz era motivado pelo desejo de grandes transformações na feitoria e no trato com os escravos. Objetivava verdadeiramente produzir o cânhamo como objetivo principal, reduzindo as demais práticas, impedindo comércio de outras culturas pelos escravos e impedindo a entrada de estranhos à feitoria. Havia escravos dispersos prestando serviços em casas familiares na capital, estes seriam recolhidos. Depois de dois anos de rigorosa e dura disciplina de efetiva *plantation* os escravos iniciaram a se rebelar e chegaram a levar um requerimento reclamatório ao governador (mas, a ausência de Pinto Bandeira fazia agora a balança agir contra eles). Faziam movimentos de perturbação, bailes e fandangos desafiadores contra o inspetor na feitoria. Depois de muitos castigos contra os escravos e resistências, em 1814 o Padre Cruz morre, talvez assassinado por algum escravo (MENZ, 2005). Nos vinte anos seguintes a capital quadruplica sua população, chegando em 1820 a 12 mil habitantes (SOUZA; MULLER, 1997). Ano seguinte, 1821, a antiga *Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul* dá lugar à *Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*<sup>22</sup>. Mais um ano, 1822 (início do Império do Brasil), a capital da agora província é elevada ao status de *Cidade de Porto Alegre*. A fase final da feitoria acontece a partir deste mesmo ano de 1822, sob a administração de seu último inspetor, José Thomaz de Lima. Suas ideias já eram de substituição do plantio do cânhamo por outras culturas. Neste período acontecerá o acirramento final dos enfrentamentos dos escravos. Estavam acostumados a livremente lançar mão do gado da feitoria para seu consumo. Este último inspetor resolveu enfrentar a situação e impedir tal prática. Primeiro os escravos agrediram um destacamento de policiais liderado pelo próprio inspetor. Após foram vencidos por soldados de linha e cinco de seus líderes duramente castigados, cada um com 400 açoites (MENZ, 2005).

Exauridas as condições e tentativas de êxito, a feitoria foi extinta em 1824. O resultado final de todas as tentativas de plantio do cânhamo foi um estrondoso fracasso. Se por interferência da organização dominante política, militar e criminosa de Pinto Bandeira, se precipitado pelo uso do pito do pango pelos escravos, não existem certezas historiográficas. Mas, acredita-se em suas reais possibilidades. O número final de escravos do antigo estabelecimento colonial foi de 328 pessoas. De 1801 até 1824 o crescimento da terceira geração de escravos foi de 26,8% (mesmo tendo neste período sido assolados por uma epidemia de varíola)<sup>23</sup>. Ou seja, sempre houve um aumento de sua população, enquanto em outros cenários havia um decréscimo das coletividades de escravos, causado por maus tratos, más condições, torturas, assassinatos. O que leva a consolidar a compreensão de períodos de maior e menor autonomia de sua vida coletiva ao longo da história da feitoria, produzindo ambiente mais saudável para os escravos que outros lugares de trabalhos coloniais escravistas. No cenário imperial do

22 Seria finalmente *Estado do Rio Grande do Sul* após a Proclamação da República em 1889.

23 Trata-se de um índice muito importante. Comparativamente, no mesmo período populações escravas tiveram decréscimos, como a baiana entre 1,5 e 3%, as caribenhas jamaicana de 2% e dominicana entre 5 e 6%. (MENZ, 2005).



Brasil, a antiga feitoria colonial para a produção do cânhamo por escravos não fazia mais sentido. A propriedade de sua última instalação, no antigo Faxinal do Courita, cederá lugar a uma colônia de alemães imigrados. Os escravos retornaram para o Rio de Janeiro, possivelmente voltando para a antiga Fazenda de Santa Cruz, 41 anos passados de seu desterro e dessocialização inicial, quando vieram para o Rincão de Canguçu (MENZ, 2005).

Porto Alegre restaria irresistivelmente impactada e influenciada pela vida nos 36 anos da permanência aproximada da feitoria de escravos nos banhados, matos e coxilhas do Faxinal do Courita. Se por esta época (1824) Porto Alegre tinha uma população aproximada de 12 mil habitantes, os mais de trezentos escravos certamente devem ter causado grande impacto. Apesar de que nas duas primeiras décadas do século XIX suas incursões à capital tenham sido muito reduzidas principalmente pelo controle do Inspetor Padre Cruz, diferentemente, até meados da década final do século XVIII, ainda sob a provável influência do caudilho Pinto Bandeira, a liberdade de ir e vir dos escravos parece ter atingido um pico máximo. Sendo que naquela época, a proporção entre habitantes da capital e escravos da feitoria também era assustadoramente maior, de 4 mil pessoas na capital para 240 escravizados da feitoria que a invadiam constantemente.

Diferente do que usualmente é ensinado e informado, os movimentos políticos abolicionistas já se encontravam em trânsito no mundo do século XVIII. Muitos lugares do mundo cessaram a escravidão antes do Brasil. Mas, se em nosso território somente em 1888 seria lavrada a lei que instituiria a libertação de todos os escravos, desde muito antes era possível ser vistos processos isolados e pontuais de libertações de indivíduos ou famílias. Assim, a feitoria de Porto Alegre da virada dos séculos XVIII e XIX já incluía em seus espaços, sítios de assentamento destes negros libertos e também foragidos (se juntando e misturando a outros desamparados da época). Estes eram, como dissemos no título deste artigo, os *lugares de preto*, locais desprezados, desconsiderados, abandonados, esquecidos. Eram as zonas sujas da urbe, sítios malcheirosos, áreas de difícil acesso, terrenos que ofereciam dificuldades para a construção de moradias. Pretos viviam nos territórios odiados das povoações. Os negros escravizados da feitoria muito provavelmente frequentaram estes lugares degenerados de Porto Alegre desde o final do século XVIII até a década de 1820. Os moradores mais simples de Porto Alegre que conviveram com estes escravos, muitos deles também negros, muito provavelmente foram plenamente informados pela disseminação da prática de fumar o pito do pango, a maconha, em cachimbos ou cigarros de palha. Mas, estas pessoas não habitavam estes locais porque usavam drogas populares. Usavam estes lugares porque não eram pessoas brancas, porque eram criaturas miseráveis, negras, *feias*, *sujas*. O contrário poderia ser dito, nestas regiões, nos *lugares de preto*, muito provavelmente, se usasse, se cultivasse e se comercializasse a maconha.

Figura 8 - Porto Alegre em 1827. Autor: Jean-Baptiste Debret (1768-1848). Vista desde o antigo Caminho Novo (atual rua Voluntários da Pátria), via aberta fora do esquema viário primitivo com objetivos de paisagismo e lazer pelo Governador da Capitania e Barão de Bafé, Paulo José da Silva Gama (1779-1826) (Franco, 1988, p. 433). Catálogo de obras online do MARGS. <https://www.margs.rs.gov.br/catalogo-de-obras/J/38572/>



brasileira) acirra a sua concepção de *cidade do medo*. Logo serão necessárias leis e práticas policiais para garantir estas leis de proibição de ajuntamentos de negros em bares, cantorias, exercer sua cultura (beber, fumar, dançar). O que se instala verdadeiramente é um ambiente de guerra que se estende até nossos dias. A rica sociedade branca se enclausura, se arma em suas casas protegidas por muros, grades e permite que alguns bons e selecionados negros participem de trabalhos em suas cozinhas, fazendo faxinas, em seus jardins, até mesmo cuidando de seus filhos. Mas, sempre com muito medo, com muita tensão, porque é tácita a diferença de vida entre patrões e empregados, mesmo em toda a história das condições posteriores à escravidão. Brancos e brancas vivem assombrados com o risco de que estes negros se enfureçam e rebelem após as longas viagens desde seus tristes ambientes de morada até seus ricos ambientes de trabalho.

No Brasil não foi necessária uma legislação explícita de apartamento racial como em outros países. É possível se dizer que todos naturalizaram e normalizaram o afastamento, a exclusão dos negros dos ambientes requintados, das ocasiões que demandavam boas maneiras, dos lugares da moda. Não eram espaços para negros. De tal maneira, que muitos negros assim também foram assujeitados. Todavia, o que poderia assim parecer como uma segregação espontânea dos lugares na cidade querida tanto por negros como por brancos foi exatamente o oposto. O aparato policial, não importando se composto de indivíduos brancos ou negros era e ainda é um reflexo do pensamento da sociedade branca que detinha e detém o poder, na verdade sempre foi o seu braço impositivo de força armado. Sempre fez e fará o que a sociedade quis e quiser. Ainda é assim.

A partir de meados do século XIX, com a mais clara e agora iminente desagregação da ordem escravocrata, a grande preocupação da elite capitalista branca foi como conceber um mercado em que o trabalhador assalariado produzisse e fosse subordinado ao capital. A novidade de um trabalhador assalariado negro que lugar teria? De que maneira este contingente de pessoas negras ou melhor, este *capital semi-humano*, já há tanto tempo condenado a servir até a exaustão nas lidas rurais e urbanas seria subordinado ao mercado? Os piores cenários e circunstâncias de horror estavam reservados para estas populações negras numa história ainda a ser escrita naquele momento. Hoje, todos sabemos os requintes de crueldade a que seriam submetidas a seguir muitas gerações de famílias quase que exclusivamente por carregarem como características físicas a pele escura, lábios grossos, nariz e narinas mais largos e o cabelo de um crespo miúdo característico. Mas, este asco fundado num movimento social cultural foi um sentimento de repugnância simples? Pretendo ter mostrado que não. A náusea, a abominação presente na expressão da sociedade branca esconde o medo de uma minoria escondida em suas casas, procurando se defender de uma maioria ameaçadora, que pode explodir, de uma hora para outra, num ímpeto de vingança. Dessa maneira, as expressões de desprezo, de ridicularizações por seus traços, por suas características sem beleza, seus atributos simiescos, seus aspectos de pouca inteligência, suas peculiaridades de atraso, de propensão ao crime, enfim, sua incorporação em síntese como erros da natureza, seriam armas construídas pelos brancos para argumentar, justificar a sua exclusão, o seu apartamento. Tantas vezes repetidas que muitos passaram a acreditar mesmo nisto, brancos ou negros. A era econômica e tecnológica mercantil da *pecuária escravagista humana* estava findando, novos ventos liberais lhe retiravam a sustentação política e econômica. Mas, estes mesmos ventos iriam jogar todo este contingente populacional antes cativo num regime de terror e de perseguição obstinado, incessante, por todo o restante da modernidade até nossos dias. E ainda segue.

A transição capitalista mercantil para a capitalista industrial implicava, ao mesmo tempo, tanto a elaboração material do novo modo de produção, quanto a determinação de um



dispositivo político, administrativo e ideológico que validasse a nova casta burguesa que emergia. O mercado de trabalho livre demandava novas formas de dominação. Ideias surgidas do debate entre políticos e empresários industriais refletiram e propuseram novas formas de disciplinamento e dominação. Metodologias que garantissem o provimento de força de trabalho necessária para que a produção fosse potencializada e não decaísse. A tecnologia e a teoria arquitetônica e urbanística (feita por gente branca para beneficiar gente branca) desta nova sociedade eminentemente urbana demandavam sustentação ideológica. A teorização, a formação e a atividade técnica e profissional dos arquitetos e urbanistas brancos seriam nutridas por este pensamento multissecular moderno, profundamente racista e segregacionista. Para arquitetos e urbanistas brancos, os não-brancos, índios, pardos, negros seriam sub-raças, rale a ocupar exclusivamente as franjas da cidade, seus *maus lugares*. A arquitetura e o urbanismo certamente não seriam dirigidos para esta gente. A eles os becos, ou que sejam enviados para longe, onde não sejam vistos nem lembrados. Durante muito tempo, até nossos dias, a cidade tem sido assim regulada. É formalizada para uns e informalizada para outros. As regras não são para todos porque muitos não tem condições de cumpri-las. E todos sabem disto.

Em meados do século XIX, para uma população aproximada de 40 mil pessoas<sup>27</sup>, Porto Alegre já conta com lugares de segregação e exclusão, principalmente, para seu contingente de pessoas não brancas (PESAVENTO, 2001a). Desde 1816 já funcionava a primeira enfermaria da Santa Casa de Misericórdia (Figura 18). É muito importante, compreender hospitais (aproveitando as lições dadas por Foucault) como dispositivos e tecnologias de controle social, principalmente de populações empobrecidas e de mais difícil visibilidade e apreensão. É a possibilidade de *curar o povo humilde de suas condições de desgraça*. Esta cura, diferente do que é comunicado pelas campanhas e médicas existentes até hoje, não é prioritária ou preferencialmente dirigida ao combate a enfermidades, mas sim ao controle sanitário de grupos de risco para impor ordem à sociedade. Da mesma maneira, entre 1852 e 1855 é construída, depois de longo histórico de demandas municipais (bastante interferida pela duração da Revolução

27 Segundo o Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul, e de acordo com os dados estatísticos do primeiro censo nacional no Brasil de 1872, chamado "Recenseamento da População do Império do Brasil", Porto Alegre possuía 43.998 habitantes e a contígua São Leopoldo 30.860 habitantes. <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/demografia-1872-a-1980>

Figura 10 - Típico miolo de quarteirão popular de início do século XX (TELES, 1980). Figura 11 - Beco do Fanha no final do séc. XIX (atual Caldas Junior) <https://cutt.ly/CGjhSti>. Figura 12 - Beco do Rosário no final do séc. XIX (atual Otávio Rocha). <https://cutt.ly/MGjh81c>. Figura 13 - Ambiente popular do cais da Praça Parobé no início do séc. XX (TELES, 1980).



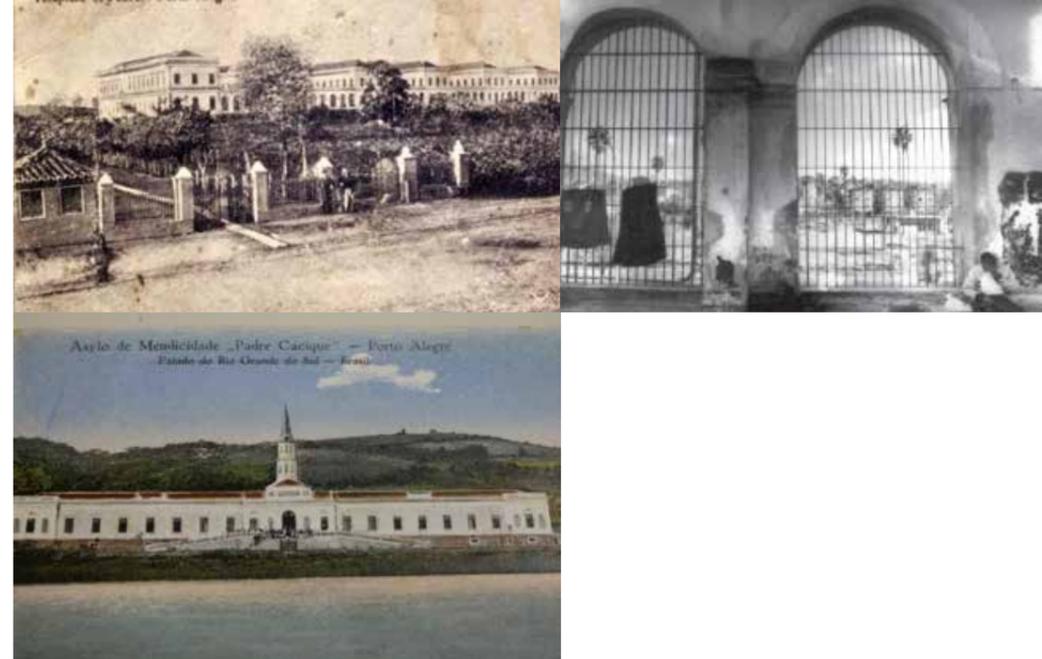
Farrroupilha), a uma nova casa de correção (Figuras 15, 16, 17), mais adequadamente dimensionada para sua população (poderia ser dito com ironia *mais moderna*). Neste mesmo ano, se transferem para ela 195 presos que estavam mal alojados no porão do antigo quartel do Oitavo Batalhão<sup>28</sup>. Assim, o povo humilde, além de ser curado, agora também pode ser devidamente encerrado em maiores e mais eficientes concentrações. Em defesa da sociedade branca, cresciam as determinações e propósitos de exclusão e confinamento dos indivíduos perigosos da cidade que se alojavam nas sombras dos becos.

No final do século XIX os antigos becos não mais comportavam a crescente e assustadora massa de sujeitos *anormais* (fora da conveniente *normalidade*) que crescia sem parar. A sociedade porto-alegrense branca, minoritária, rica e poderosa, assim como no resto da sociedade brasileira, encontrava-se esmagada pelo prenúncio ameaçador e constrangimento insuportável da libertação de um verdadeiro oceano de pretos. Diante de tal temor, o Brasil conseguiu se manter numa postura legislativa conservadora de manutenção da escravidão até o fim do século XIX, sendo superado em muitas décadas (por vezes quase um século) por muitos outros países. O Brasil se torna o último país abolicionista das Américas e se coloca vergonhosamente entre as últimas nações do mundo a virarem esta página em termos regulamentares e legislativos (porque sociologicamente tal estado de coisas, estarecedoramente, ainda não foi superado).

No final do século XIX Porto Alegre atinge os 70 mil habitantes<sup>29</sup>. Para tal nova proporção recebe em 1884 o funcionamento inicial de duas instituições disciplinas adicionais, o Hospício São Pedro e em 1898 o Asilo de Mendicidade. O frenético aumento da cidade empurrava o perímetro urbano engolindo o que antes eram subúrbios e arraiais distanciados. Ocorreu rápida valorização imobiliária e negócios se ofereceram a especuladores da época. Virou prática como investimento de negociantes construir habitações modestas para fins de aluguel, nas novas vias públicas que se abriam sem parar, os becos. Emergem não só em Porto Alegre, mas nas capitais de todo o Brasil, os *cortiços*, imortalizados por Aluísio Azevedo (1857-1913). Edificações de maior porte eram abandonadas e sublocadas a novos inquilinos, mais afeitos a vizinhança de

<sup>28</sup> Porto Alegre tinha uma *cadeia velha* anterior, de funcionamento inicial entre os anos de 1808 e 1812. Ficava inicialmente na via chamada *Beco da Cadeia* ou *Travessa da Cadeia*, tendo recebido outros nomes até que foi alargada em sua feição final como Avenida Salgado Filho (FRANCO, 1988).

<sup>29</sup> A informação do Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul é que a população em 1900 era de 73.674 habitantes. <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/demografia-1872-a-1980>



baixa renda que aumentava incessantemente (PESAVENTO, 2001a). Na Porto Alegre da passagem dos séculos XIX para XX, os negros, agora transbordavam os antigos becos, cortiços e porões, lotavam com suas maldades a prisão, com suas demências e loucuras o hospício e com suas doenças e sujeiras o hospital. Os discursos de final do século XIX estigmatizam ainda mais os lugares que estas pessoas moravam, referindo-os como noturnos e escuros, acanhados, abafados, desorganizados e fétidos. Estas noções serão base para novas teses científicas e médicas. Aí se concentrariam as condenáveis socialidades, o lugar da contravenção. Negros, feios, sujos e malvados (PESAVENTO, 2001a). A emergente Porto Alegre branca, enriquecida, se quer diferente deste lugar de becos negros. O desmedido contingente de negros e seus descendentes representavam estigmas e sintomas de um malquisto e obscuro atraso. Em meio a discursos acadêmicos e tecnologias científicas emerge na modernidade de finais do século XIX, a antropologia criminal. Seu alvo são as populações irrequietas, imprevisíveis, variáveis, aterrorizadoras e quase sistematicamente negras, das grandes cidades modernas governadas por amedrontadas elites brancas. O que já era observado nas grandes capitais europeias desde o barroco século XVII, agora se difunde pelo mundo, inclusive nas antigas colônias europeias como o Brasil. As cidades modernas são reconhecidas e experimentadas deste lado do Atlântico, com seus contrastes e diferenças terríveis. Tanto difusoras das novidades, quanto procedência dos vícios mais odiosos. Suspeitos precisaram ser vigiados, controlados e identificados (PESAVENTO, 2009).

Os médicos no Brasil da época, influenciados mais uma vez por ideias colonizadoras europeias, proclamavam a atenção que deveria ser dirigida para uma devida higienização e fertilização do território nacional em preparação para o surgimento de uma *nova raça* melhorada (SAAD, 2019). A sociedade branca finalmente soltou os negros, mas os prendeu noutra malha, simbólica, ideológica e ainda mais sórdida e assassina. Entre as ideias europeias encontravam-se as do italiano Cesare Lombroso (1835-1909), que reunia as características de médico, psiquiatra, cirurgião, higienista, criminologista, antropólogo e cientista. Ele afirmava que o criminoso já nascia como tal e que era possível perceber nos traços exteriores dos indivíduos, indícios de seu interior, revelando sua predisposição para o crime (teorias do racismo científico, racialismo e determinismo biológico). Comparada a outros grandes centros no próprio Brasil (como São Paulo, Rio de Janeiro no Sudeste e outras capitais do Nordeste), a pequena Porto Alegre já integra este universo de acontecimentos na virada dos séculos XIX para XX. Sebastião Affonso de Leão (1866-1903) foi um porto-alegrense médico legista da polícia e jornalista de inspiração lombrosiana que desenvolveu um Laboratório de Antropologia Criminal vinculado a um Laboratório Fotográfico (para estudar os traços



Figuras 21 a 27 - Fotografias de detentos negros da Casa de Correção de Porto Alegre no século XIX. Primeira foto é do gatuno Valentim, 13 anos. A segunda impressiona pelo aspecto de envelhecimento de um jovem de 20 anos. Autoria das fotos: Sebastião Leão (PESAVENTO, 2009).

dos detentos, ver figuras 19 a 25) na Casa de Correção da capital. (PESAVENTO, 2009). Com base em Lombroso, Sebastião Leão ponderava que:

[...] a dolicocefalia (cabeça longa) era elevada entre os negros, fato este de acordo com o princípio da antropologia de que a dolicocefalia é um caráter atávico, um estigma da organização dos africanos, de que são descendentes os nossos negros (PESAVENTO, 2009, p. 207).

A cantiga republicana que reverberava nos ouvidos de toda a população ideais de liberdade e igualdade não ajudava este cenário, pelo contrário tornava-o muito mais perigoso. A importação das teorias médicas biodeterministas e racialistas cumpriam este papel de justificar a impossibilidade de um governo popular fundado na igualdade, já que uma parte considerável da população era composta por indivíduos negros e *falhos*. Desta maneira, diversos componentes e referências da cultura afro-brasileira foram criminalizados, entre eles a prática de fumar a maconha (SAAD, 2019). A importante obra de Luísa Saad, *Fumo de negro: a criminalização da maconha no pós-abolição* (2019), aponta que, mesmo que a medicina tenha alcançado sua consolidação como saber científico oficial em finais do século XIX e princípios do XX, havia certo desconhecimento da classe médica acerca deste produto. Parece ter interessado aos médicos, políticos e pensadores representantes da elite social condenarem prioritariamente os vícios das camadas empobrecidas da população. Dessa maneira, se fumavam cigarros de tabaco ou de maconha parecia ser menos relevante. Aos olhos destes preocupados representantes da modernidade branca o importante era discernir que estes miseráveis e negros usavam pitos, cigarros e cachimbos para “bruxarias e sortilégios” (SAAD, 2019, p. 74). Eram vistos como:

[...] “feiticeiros, curandeiros e todas as catervas de nigromantes, especies de chas sociaes que em todos os tempos e em todas civilizações infestam as grandes cidades” constituíam um “sério embaraço para o progresso”, explorando a “crendice e a ignorancia popular” (sic. BRANDÃO, 1902, p. 26-28 apud SAAD, 2019, p. 74).

Para a defesa desta sociedade branca, foi instituído, construído culturalmente o discernimento coletivo em que os miseráveis pardos e negros eram animalizados, infantilizados, despidos de inteligência e legitimidade. Nas piadas populares era difundido que estes negros fumavam para imitar a elegância irresistível das classes abastadas. A “[...] curiosidade existe em alto grau no povo” (SAAD, 2019, p. 73), pensavam. Estas pessoas foram constituídas desta maneira como *inferiores* e vistos

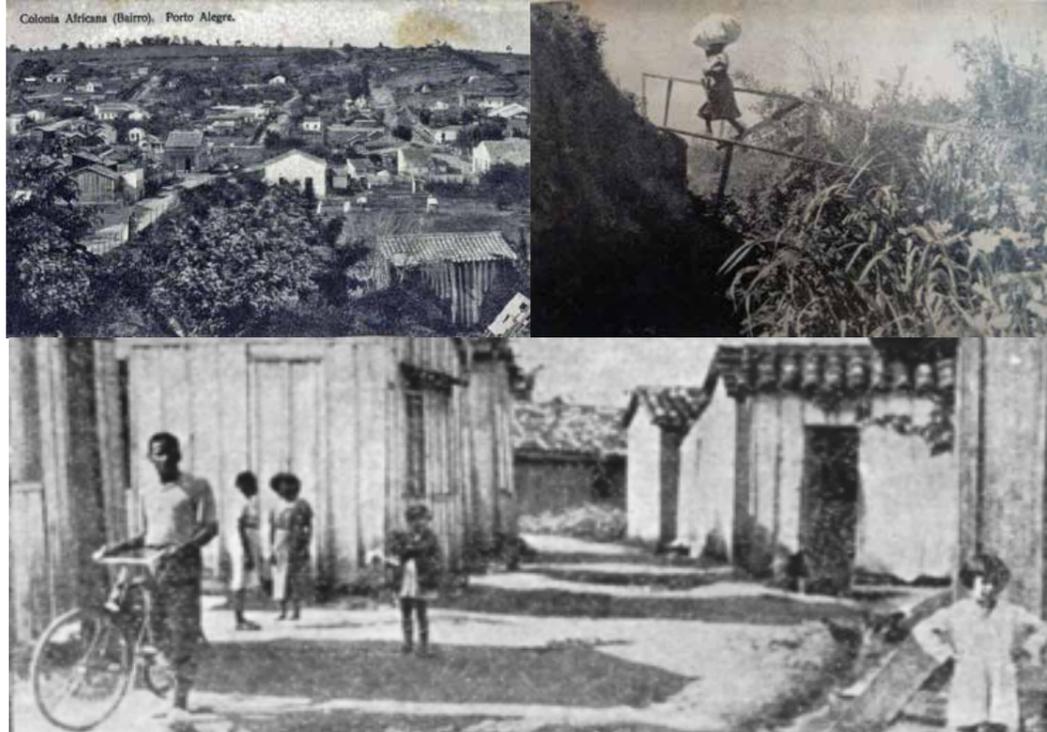
como irresponsáveis, imorais, ridículos e macacos imitadores por toda uma ideologia que reforçava o capitalismo liberal e republicano reinante. Os médicos foram embebidos da elevada missão de salvar o progresso da pátria. Deviam revelar com seus estudos possibilidades de superação a malefícios que fossem corrosivos à “[...] ordenação moral da sociedade: família, trabalho, religião” (SAAD, 2019, p. 70). O mantra positivista exaustivamente repetido “progresso, ordem, civilização, desenvolvimento”, presente na nossa própria bandeira (SAAD, 2019, p. 70), sintetizava a ambição da sociedade moderna capitalista e branca brasileira. Falava-se que estes vícios pervertiam o senso moral.

[...] abatem as nacionalidades, enfraquecem as potencias, esphacelam a sociedade, dissolvem as familias, corrompem os costumes, perturbam o progresso, adormecem o pensamento, cretam o genio. (sic. BRANDÃO, 1902, p. 15-20 apud SAAD, 2019, p. 73).

### Cidades modernas, cinco séculos de remoções e ocupações

Portanto, o uso da maconha e outras drogas nos lugares pobres da cidade foi se misturando ao pensamento sobre a localização dos marginalizados, recorrentemente negros. A guerra do medo na cidade moderna foi canalizada para um confronto entre ordens e gestões da cidade. A permanência, proibição e exclusão da droga para os maus lugares da cidade e identificação dela com os negros e desfavorecidos, precipitou um estado de coisas contrário as pretensões da sociedade branca. Como um sinistro pesadelo dos homens e mulheres brancos e brancas, em nossos dias, verdadeiros exércitos e milícias organizadas coordenam vilas e favelas controlando o tráfico de drogas. Manipulam policiais, políticos e empresários. Chefes do crime organizado, muitos deles não brancos, comandam mesmo do interior de instituições penitenciárias, desafiando o poder formalizado e instituído. Estamos, no princípio do século XXI, muito acostumados a ouvir e ver isto nos canais de tv e na mídia de internet.

No século XX, o imenso contingente de negros egressos da escravidão, somado aos demais tipos humanos miseráveis da sociedade porto-alegrense excedeu em muito a ocupação dos citados becos da cidade. Também não havia como a sociedade branca *aprimorar* e *curar* todos os negros e miseráveis em seus cárceres, hospitais e hospícios. Nestas condições emergiram outros sítios que os próprios desamparados procuraram nas franjas da cidade. Lugares de segregação imposta pela falta de vontade política das administrações estaduais e municipais de solucionarem problemas de moradia destas massas de pessoas libertadas. Locais distanciados do centro da cidade planejada



para a sociedade branca, que mesmo assim continuava a conviver com os *defeitos* de becos e travessas insalubres. Em Porto Alegre, estes novos lugares de discriminação e isolamento formaram “cinturões negros” (Pesavento, 2001a, p.130), tendo ficado muito conhecidos os casos das ocupações de populações mais rarefeitas do *Campo da Redenção* e mais adensadas da *Colônia Africana*, do *Areal da Baronesa* e da *Ilhota*.

Tratavam-se de locais desprestigiados ou esquecidos por proprietários particulares e administração pública. Propriedades afastadas do centro, nas bordas de antigas chácaras de lazer de proprietários brancos, em terrenos de banhados, baixios, cobertos por matas e espinhos, desocupados, não produtivos, invisíveis. Nestes moldes se formou a chamada *Colônia Africana* como uma ocupação de partes pouco vigiadas dos domínios rurais das ricas famílias Mariante e Mostardeiro. O mapa de 1896 já citava a rua com o sugestivo nome de *Liberdade* (atual Vasco da Gama) como um caminho para a dita colônia de famílias negras. Os outros limites eram as atuais ruas Castro Alves, Casemiro de Abreu e Cabral (inicialmente chamada Boa Vista) (FRANCO, 1988). Como é possível esperar, quanto mais a cidade crescia, mais pessoas tinham contato com estes locais, e mais problemas eram reportados: assassinatos, raptos, abusos sexuais, atentados ao pudor, estupros, imoralidades, furtos, assaltos, bebedeiras, jogatinas, feitiçarias, bailes, gritarias, batuques (PESAVENTO, 2001a). Em 1918, após a expulsão destas famílias, e de *melhoramentos* urbanísticos devidos, o território da Colônia Africana passou a se chamar Bairro *Rio Branco*, em clara negação e apagamento da negritude dos antigos e detestáveis moradores (FRANCO, 1988). *Areal da Baronesa* e *Ilhota* foram outras destas localidades de concentração de negros que foram enxotados para longe, principalmente para a Restinga em 1965. Estes ciclos de limpeza, segregação e apartamento urbanístico se estendem até os nossos dias.

O presente artigo objetivou apresentar um olhar sobre esta história absurda, contraditória, contada às avessas nas escolas e universidades. Pobres e negros têm direitos no papel, mas na prática nunca tiveram. Esta tem sido sua defesa ao longo dos séculos, protegidos por *escudos de papel*. Brasileiros afrodescendentes tem um longo passado de tradições que lhes foi roubado. Além de nossas raízes entre os povos originários da América e nossas raízes europeias, somos todos devedores e participantes de uma história muito rica de características congolosas e angolanas que nos foi omitida. E a cidade moderna capitalista e liberal se construiu em seus cinco séculos de existência sobre uma teia de mentiras e omissões que privilegiaram todas as gerações de uma reduzida elite branca e condenaram a carência uma grande

massa de personagens de etnias e tons de pele muito variados. Complementando as palavras precisas da ativista Anin Urasse no início deste texto: *a única esperança que nos resta é que a brasilidade lobotomizada possa ser curada pela educação ética*.

## Referências

ASSUMPÇÃO, Jorge. *Pelotas: Escravidão e charqueadas, 1780-1888*. Porto Alegre: FCM, 2013.

ASSUMPÇÃO, Jorge. O negro no Rio Grande do Sul: uma história de omissão e esquecimento. Entrevista João Flores da Cunha, 19 Novembro 2016. Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Online. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/562518-o-negro-no-rio-grande-do-sul-uma-historia-de-omissao-e-esquecimento>. Acesso em 17 fev. 2022.

BARROS, André; PERES, Marta. Proibição da maconha no Brasil e suas raízes históricas escravocratas. *Revista Periferia*, v. 3, n. 2, jul./dez. 2011. Online. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/3953/2742>. Acesso em 17 fev. 2022.

BARROS, André. *O racismo e o pito do Pango*. Mídia NINJA. 27 nov. 2019. Online. Disponível em: <https://midianinja.org/andrebarros/o-racismo-e-o-pito-do-pango/>. Acesso em 17 fev. 2022.

BENTO, Cláudio Moreira. *Em Canguçu Velho - Canguçu - RS a Sede da Real FORTIFICAÇÃO do Linho Cãhamo do Rincão do Canguçu 1783-89*. Resende: Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), 2009.

BENTO, Cláudio Moreira. *Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira (1740 - 1795)*. Resende: Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), 2009.

CARNEIRO, Henrique. *Proibição da Maconha: racismo e violência no Brasil*. Cahiers des Amériques latines Online. 92 | 2019, 01 de abril de 2020, consultado em 18 de fevereiro de 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cal/10049>. Acesso em 18 de fevereiro de 2022.

DREYS, Nicolau. *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de S. Pedro do Sul*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1839.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/ UFRGS, 1988.

GIL, Tiago Luís. O bando de Rafael Pinto Bandeira em uma representação gráfica: uma tentativa de aplicação das *social network analysis* na história social. *Anais do I Colóquio do Lahes*. Juiz de Fora: LAHES Laboratório de História Econômica e Social. Ufjf, 13 a 16 de junho

GRAHAN, Richard. *Escravidão, Reforma e Imperialismo*, São Paulo: Perspectiva, 1979.

KÜHN, Fábio & SILVA, Augusto & COMISSOLI, Adriano. Trajetórias sociais e práticas políticas nas franjas do Império. *história, histórias* (Revista do programa de pós-graduação em história - UnB). Brasília, vol. 1, n. 1, pp. 46-71, 2013.

MACEDO, Francisco Riopardense de. *Porto Alegre: Origem e Crescimento*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1999.

MENZ, Maximiliano M. Os escravos da feitoria do linho cânhamo: trabalho, conflito e negociação. *Afro-Ásia*. Salvador, 32, 139-158, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Trabalho livre e ordem burguesa. Rio Grande do Sul - 1870-1900. *R. História*. São Paulo, 120, p. 135-151, jan./jul. 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001a.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Era uma vez o beco: origens de um mau lugar. In: BRESCIANI, Maria Stella. *Palavras da cidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, pp. 97-120, 2001b.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Visões do cárcere*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2009.

ROBINSON, Rowan. *O grande livro da Cannabis: guia completo de seu uso industrial, medicinal e ambiental*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

SAAD, Luísa. *"Fumo de negro": a criminalização da maconha no pós-abolição*. Salvador: EDUFBA, 2018.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*. São Paulo, v. 53, p. 117-149, 2002.

SILVEIRA, Alexandre. *Colônia Africana e a construção do território negro em Porto Alegre*. XII Encontro Estadual de História da ANPUH/RS. UNISINOS, São Leopoldo-RS. Online. Disponível em: [http://www.eeh2014.anpuh-rs.org.br/resources/anais/30/1405446749\\_ARQUIVO\\_ColoniaAfricanaeacontrucao-doterritorionegroemPortoAlegre.pdf](http://www.eeh2014.anpuh-rs.org.br/resources/anais/30/1405446749_ARQUIVO_ColoniaAfricanaeacontrucao-doterritorionegroemPortoAlegre.pdf). Acesso em 17 fev. 2022.

SOUZA, Célia Ferraz de e MULLER, Dóris Maria. *Porto Alegre e sua evolução urbana*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

TELES, Leandro da Silva. *Porto Alegre Antigo (Serie Raízes Gaúchas, Volume 2)*. Porto Alegre: Painel Editora, 1980.

TRAMONTINI, Mário Jorge. *A escravidão na colônia alemã - São Leopoldo, primeira metade do século XIX*. In: Primeiras Jornadas de História Regional Comparada - Rio Grande do Sul, Uruguay, Corrientes, Santa Fé, Entre Rios, Córdoba e Misiones, 2000, Porto Alegre. Anais das Primeiras Jornadas de História Regional Comparada, 2000.

URASSE, Anin. África profunda. Facebook. Online. Disponível em: [https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=3069236509961620&id=2051584875060127&sfnsn=wiwspwa](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=3069236509961620&id=2051584875060127&sfnsn=wiwspwa). Acesso em 17 fev. 2022.



# CARTOGRAFAR MAPAS

## Entrevista com Marina Camargo

MAPS CARTOGRAPHY  
Interview with Marina Camargo

Marina Camargo<sup>1</sup> e Taís Beltrame dos Santos<sup>2</sup>

### Apresentação

Marina Camargo<sup>3</sup> é natural de Maceió, mas estudou em Porto Alegre, onde concluiu bacharelado e mestrado em Artes Visuais no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desde os anos iniciais, suas pesquisas estiveram marcadas por uma noção expandida de desenho, na qual imagem e pensamento se constituem mutuamente e, assim, estruturam o próprio processo de trabalho. Questões relacionadas à cartografia começaram a interessá-la durante o período em que viveu em Barcelona (onde estudou Cultura Visual na Universitat de Barcelona, Espanha), a partir de quando o sentido de deslocamento físico passou a ser recorrente em seus trabalhos. Em 2010, Marina Camargo recebeu uma bolsa do DAAD para estudar com Peter Kogler na Akademie der Bildenden Künste em Munique (Alemanha), onde posteriormente concluiu sua formação. Durante esse período, seu trabalho voltou-se para questões relacionadas a lugares específicos, explorando dimensões diversas da paisagem e da representação dos lugares. Atualmente vive em Porto Alegre e Berlim.

### Entrevistada

Marina Camargo

### Entrevistadora

Taís Beltrame dos Santos

### Roteiro

Taís Beltrame dos Santos e Eduardo Rocha

### Revisão

Taís Beltrame dos Santos, Paula Pedreira Del Fiol e Eduardo Rocha

**Taís Beltrame: O que é o sul para Marina Camargo, alguém que nasceu em Maceió, cresceu em Porto Alegre e hoje habita também a Alemanha?**

**Marina Camargo:** No mapa que Mercator desenhou em 1569 – e que ainda hoje é muitas vezes usado como referência – o Norte está no alto do desenho. Para nós, hoje, essa informação parece irrelevante, mas ela nos lembra que o Norte (assim como o Sul) é fruto de uma convenção, ou seja, algo que um dia foi inventado e depois assimilado como uma verdade dominante.

Lembro de algumas expressões idiomáticas que se referem ao Sul: Em inglês, a expressão *Go South (Things went South)* refere-se a uma situação que se torna ruim após já tenha sido boa. *Perder o Norte*, no sentido de desorientar-se ou de não saber o que fazer. Em ambos exemplos, o Norte e o Sul são ideias abstratas, sendo que o Sul é mencionado como algo negativo.

Quando Torres-García desenhou a América do Sul invertida e declarou que *nuestro Norte es el Sur*, propôs uma inversão de sentidos que é tão simples quanto potente. É uma afirmação que propõe uma outra visão de mundo na qual a margem é deslocada para o centro (ou, de modo mais literal, o Sul é posicionado no lugar do Norte).

Comento tudo isso para dizer que a noção que tenho de Sul, hoje, está intimamente relacionada com o que entendo por um lugar de origem. Penso em Sul num sentido amplo, o Sul do mundo, América do Sul. Também entendo “origem” como um mosaico de lembranças, referências e invenções, porque não existe uma origem única.

O que me parece importante pensar é como os deslocamentos estruturam as pessoas, alteram os modos de entendimento do mundo. É possível que, para mim, a mudança do Nordeste para o Sul do Brasil tenha sido a mais marcante –provavelmente por ter sido o primeiro grande deslocamento, e porque esse movimento inaugurou uma vida partida em dois mundos. Com o tempo, o lugar de origem foi se transformando. Mas a experiência ali inaugurada de viver entre dois mundos, permanece comigo e ainda é bastante presente na minha vida e no trabalho.

**Taís Beltrame: O que a Marina Camargo tem interesse em pesquisar?**

**Marina Camargo:** A percepção de mundo marcada por um sentido de deslocamento é algo que me interessa pesquisar. Há várias dimensões desta questão. Uma delas refere-se ao sentido poético de provocar um “giro” na percepção que leva a uma outra compreensão de algo que está tão presente que se torna invisível. Também o sentido físico de deslocamento é algo que me mobiliza muito: pensar as migrações, os fluxos humanos no mundo, os bloqueios a esses movimentos (como é o caso das fronteiras), mas também o deslocamento numa cidade ou região.

Esses diversos sentidos relacionados à ideia de deslocamento têm sido recorrentes em meus trabalhos. Algumas vezes, essa noção ganha um sentido mais poético, noutras vezes, mais político.

**Taís Beltrame: A arte tem a capacidade de repensar, re-determinar ou ainda sucumbir as fronteiras?**

**Marina Camargo:** Depende de quais fronteiras nos referimos. Em relação a fronteiras políticas, infelizmente não acredito que a arte possa provocar alterações efetivas. Mas a arte tem sim a potência de fazer repensar e, talvez, inclusive alterar outros tipos de fronteiras, como as sociais, econômicas, identitárias. Às vezes não percebemos mas estamos rodeados de diversos tipos de fronteiras – algumas delas não são percebidas, em especial quando estamos do lado privilegiado ou dominante.

1 Mestre em Poéticas Visuais pelo Programa de Pós Graduação em Artes Visuais (UFRGS). Bacharel em Artes Visuais (UFRGS). Estudou Cultura Visual na Universitat de Barcelona (Departamento de Bellas Artes, UB – Espanha). Recebeu a bolsa DAAD para artistas, recebendo o Diploma da Akademie der Bildenden Künste (AdBK) de Munique.

2 Graduada em Artes Visuais - licenciatura (UFPel). Doutoranda em Arquitetura (PROPAR/UFRGS). Mestre em Arquitetura e Urbanismo (UFPel/2021). Arquiteta e Urbanista (UFPel/2018).

3 Ver mais em: <https://www.marinacamargo.com/>

**Taís Beltrame: O que pode ser um mapa? O mapa precisa ter um sentido? O mapa tem uma linguagem?**

**Marina Camargo:** Um mapa é uma representação, uma espécie de visualização de dados. Pode-se desenhar mapas de lugares, regiões, mapas afetivos, históricos, mapas mentais... Entendo que um mapa envolve uma espécie de ordenação e representação de dados da realidade. Estamos habituados a ver mapas como elementos gráficos próximos da ciência, ou seja, como se houvesse uma precisão indiscutível na representação cartográfica. Entretanto, os mapas são também narrativas de um tempo, relatos de dominação, marcados por fatos históricos, interesses políticos, religiosos, econômicos, etc.

Um mapa é um documento de seu tempo, um registro das decisões tomadas por quem desenhou o mapa, ou seja, fruto de um contexto cultural, temporal, histórico, social. É como se houvesse uma distância entre a aparente neutralidade dos mapas e o contexto em que foram criados – é nesta distância onde procuro trabalhar e pensar a cartografia.

**Taís Beltrame: O que é uma cartografia? O que pode uma cartografia?**

**Marina Camargo:** Em meus trabalhos, a cartografia estrutura um modo de pensar os lugares e espaços. Há, na cartografia, uma espécie de redução de elementos do mundo, através da qual consigo imaginar distorções, esgarçamentos, fissuras: um pensamento cartográfico que possa desestabilizar ordens e narrativas estabelecidas do mundo.

**Taís Beltrame: O que é um espaço? O que é um lugar?**

**Marina Camargo:** Um lugar é um espaço habitado. O espaço tem uma dimensão física, uma extensão mensurável. Para além das definições, procuro observar como os lugares e espaços influenciam no pensamento e nos modos de entender o mundo. É muito curioso observar como algumas ideias, trabalhos ou conceitos estão intimamente ligados aos lugares onde eles foram concebidos.

**Taís Beltrame: Que território é o sul do sul? O que poderia ser um mapa do sul?**

**Marina Camargo:** *Sul do Sul* é um território que temos que inventar. Seria importante assumirmos para nós mesmos a criação (ou recriação) desse outro eixo: deslocar o centro para onde quisermos, de modo que o sentido de Sul ao Sul não signifique um estar à margem de nada, mas sim um centro a partir de onde se pensa o mundo de modo único. Torres-García nos ajuda a imaginar um outro mapa do sul. O Sul do Sul certamente não é definido por fronteiras políticas, mas por aproximações entre regiões. Pensar num território a partir de aproximações que ultrapassam interesses e identidades nacionais já parece um ótimo (re)começo.

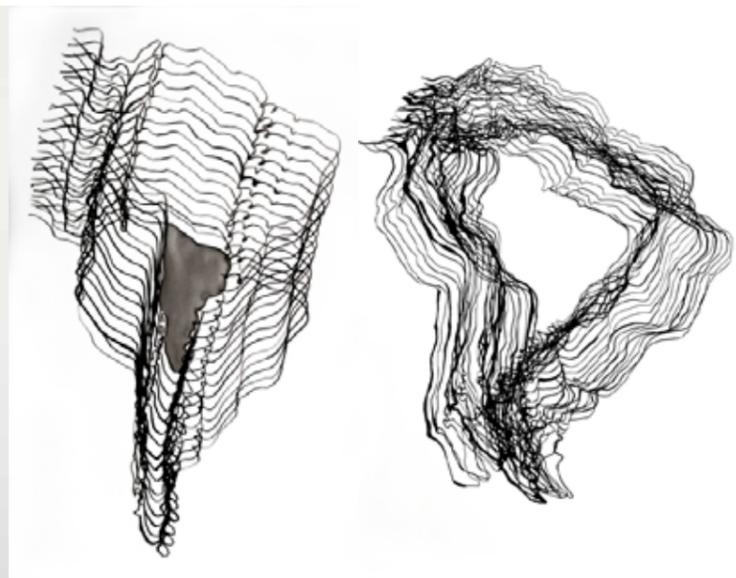
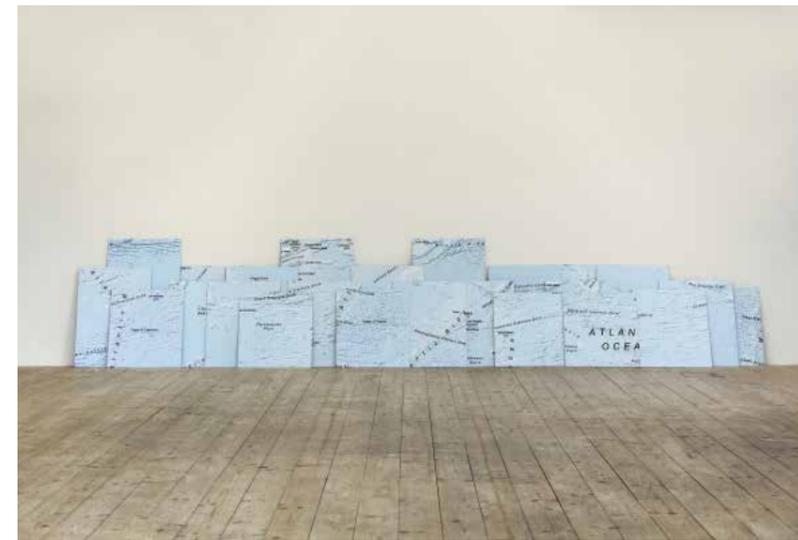


Figura 1 - Alto-mar (Atlântico)(2018). Figura 2 - América-látex Pós-extratvismo (2020). Figura 3 - Brasil. Extrativismo (2017). Figura 4 e 5 - Distúrbios (2020). Figura 6 - Mapa Mole (2019). Figura 7 - Distúrbios (2020).

## ENTREVISTA O Sul em Vitor Ramil

INTERVIEW  
*The South in Vitor Ramil*

Vitor Ramil<sup>1</sup>,  
Tais Beltrame dos Santos<sup>2</sup>, Helene Gomes Sacco<sup>3</sup>,  
Eduarda Gonçalves (Duda)<sup>4</sup> e Eduardo Rocha<sup>5</sup>

### Apresentação

Compositor, letrista, cantor e escritor brasileiro, Vitor Ramil é natural de Pelotas, onde nasceu em 7 de abril de 1962. Autor de doze álbuns, Estrela, Estrela (1981), A paixão de V segundo ele próprio (1984), Tango (1987), À beça (1995), Ramilonga - A estética do frio (1997), Tambong (2000), Longes (2004), Satolep Sambatown (com Marcos Suzano - 2007), délibáb (CD+DVD - 2010), Foi no mês que vem (duplo - 2013), Campos Neutrais (2017) e Avenida Angélica (2022), álbum recente e de canções inéditas compostas a partir de poemas da poeta pelotense Angélica Freitas. Além disso, Vitor é autor de dois songbooks: Vitor Ramil (2013) e Campos Neutrais (2017). Vitor tem como temas recorrentes de suas músicas: o tempo, a paisagem, a melancolia e o cotidiano, muitas vezes constituindo imagens inundadas por subjetividades que compõem a experiência ao sul do Brasil. Seus trabalhos também são reconhecidos por reunir artistas e sonoridades brasileiras, argentinas e uruguaias. A ligação com a cidade e a cultura Pelotense são abordadas nas novelas Pequod (1995), Satolep (2008) e A primavera da pontuação (2014). Seu ensaio, apresentado na Conferência *Porto Alegre, un autre Brésil*, no Théâtre Saint-Gervais em Genebra: A estética do frio (2004), é um marco no pensamento sulino, porque propõe, a partir da música, uma nova forma de investigarmos o território ao sul do sul, onde a experiência da frialidade anuncia um ciclo sazonal, e sua percepção, um processo de criação em construção permanente. É nesse ensaio que Vitor afirma: “Não estamos à margem de um centro, mas no centro de uma outra história”, uma reflexão explorada na chamada dessa revista, e em diversos trabalhos que compõem a Pixo 21: Ao sul do Sul. Desde

1 Vitor Hugo Alves Ramil (Pelotas, 7 de abril de 1962), mais conhecido como Vitor Ramil, é um cantor, compositor e escritor brasileiro.

2 Graduanda em Artes Visuais - licenciatura (UFPel). Doutoranda em Arquitetura (PROPAR/UFRGS). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (UFPel/2021). Arquiteta e Urbanista (UFPel/2018).

3 Doutora em Artes Visuais pelo PPGAV/UFRGS. É artista, professora e pesquisadora do campo das Poéticas Visuais. Sua produção artística é composta por trabalhos que articulam objetos, desenho, escrita e fotografia, e buscam através de um tom ficcional pensar sobre a produção de objetos e suas implicações com a memória, a casa e os modos de vida. É líder do Grupo de Pesquisa Lugares-livro: dimensões materiais e poéticas, CNPq/CA - UFPEL. Coordena o Projeto de Pesquisa OBJETOCOISA: reflexões sobre a criação e produção de materialidade na Arte. É professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, no Mestrado em Artes Visuais - CA/UFPEL, onde também é professora na graduação, em disciplinas voltadas à percepção do espaço tridimensional e a criação de relações entre arte e cidade.

4 Doutora pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/2011); Mestre pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/2000); e Bacharel em Pintura pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL/1996).

5 Professor Associado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Arquiteto e Urbanista pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Mestre em Educação pela UFPel, Doutor em Arquitetura pelo Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Pós-Doutor pela Università Roma Tre.

o início da Pandemia, Vitor Ramil trabalha em uma revista à conferência “A Estética do Frio”. Mais informações sobre o artista e sua obra podem ser acessados em seu site<sup>6</sup>.

### Entrevistado

Vitor Ramil

### Entrevistador@s

Tais Beltrame dos Santos, Helene Sacco, Eduarda Gonçalves e Eduardo Rocha

### Roteiro

Tais Beltrame dos Santos, Eduardo Rocha, Helene Sacco, Eduarda Gonçalves e Fernando Fuão

### Revisão

Tais Beltrame dos Santos, Paula Pedreira Del Fiol e Eduardo Rocha

### Agradecimento

Renata Requião e Marlise Buchweitz

**Revista PIXO: Estamos todos em casa, ainda. A casa hoje é, mais intensamente, um lugar de território e tempo, paisagem que aparece em muitas das tuas letras musicadas. Em qual tempo e em que casa o Vitor escreve e compõe agora? Qual a atual ilusão da casa?**

**Vitor Ramil:** Objetiva e subjetivamente minha casa é sempre a mesma, esta casa *chorizo*, como dizem os argentinos, tipicamente pelotense, embora não seja daqueles vistosos casarões mais comumente associados à cidade; esta casa simples, mas de excelente construção, seca, luminosa, com quase 100 anos de existência, que meus pais compraram quando eu tinha 4 anos; a casa onde se deu a maior parte das minhas experiências criativas e que, para mim, chegou a se confundir com a própria criatividade; casa que é cenário da minha novela *Pequod* e que sugere a casa do personagem Selbor em *Satolep*, que aparece em mais de uma canção, mesmo em algumas em que eu não mencione qualquer casa. Voltei do Rio de Janeiro pra cá no começo dos anos 90, e nunca mais saí. Mas enquanto morei em Porto Alegre, no Rio e, mesmo por curto período, em Barcelona, a casa nunca saiu de mim. O ambiente de arte e afeto que a minha família instalou dentro dela foi determinante para sua permanência e duração. Tempo e espaço. Parece descrição do universo pela teoria da relatividade. É um universo pessoal, sem dúvida. O tempo é minha casa, como diz a letra. Continua a valer essa ilusão. Eu teria sentido mais isolamento social se, numa pandemia de outro tipo, tivesse sido obrigado a não ficar fechado nela.

**Revista PIXO: Falando em casas, em Satolep, é muito lindo quando falas das escaiolas e a relação com nosso clima úmido e paisagens alagadiças. Como foi que se deu essa percepção da “escaiola”, alguma experiência em particular?**

**Vitor Ramil:** A percepção foi em casa mesmo, onde temos duas lindas escaiolas. Meu pai sempre me chamou a atenção para aspectos construtivos ou paisagísticos da cidade. E não me refiro só às casas ou praças, pelas quais ele foi responsável em determinado período (sabia o nome científico de árvores e insetos que havia nelas), mas às ruas (fez as medições para a abertura da Dom Joaquim, por exemplo), os calçamentos, esgotos, bueiros. Falava também sobre o terreno da cidade, nos levava

<sup>6</sup> <https://www.vitorramil.com.br/>

aos bairros distantes, aos limites, aos ermos, aos alagadiços. Não deixaria de falar sobre a nossa própria casa, que considerava muito sólida, de explicar a importância do ar que circula sob ela ou das escaiolas. Casa e cidade se conectaram desse modo para mim. Mas o amor pela casa, seus detalhes, ladrilhos hidráulicos, portas e janelas, incidências de luz e, principalmente, as escaiolas, desenvolvi por mim mesmo, ou por algo que penso ser eu mesmo. Essa imitação do mármore (dizem ter sido criada como uma alternativa mais econômica à pedra), além de funcional, é de uma beleza ímpar. É a licença poética da construção. Difícil não parar diante delas como de uma pintura num museu. Parece que hoje em dia há quem as recupere ou mesmo as faça do zero. Ainda não testemunhei esse trabalho sendo feito. Mas há alguns anos, quando não se encontrava quem as fizesse ou recuperasse, elas ganharam o status definitivo de coisa de outro tempo. Para mim, ainda o são. Em nossa casa há sobre uma porta um reparo da escaiola que suponho ter sido feito posteriormente e por outro profissional. É um reparo grosseiro em comparação ao trabalho original, o que demonstra que a escaiola é coisa mais de artista que de artífice. Certas linhas da escaiola parecem fluir livres demais para terem sido feitas por um pincel ou uma linha, como dizem alguns. Ao mesmo tempo, não parecem aleatórias a ponto de terem prescindido do controle humano. Escaiolas bem feitas são misteriosas. Não se poderia falar de arte nesses termos?

**Revista PIXO: Em 2023 vai completar 20 anos em que foi apresentada a Estética do Frio, na conferência Porto Alegre, un autre Brésil, no Théâtre Saint-Gervais em Genebra, Suíça. Na consideração expressa no texto publicado, na sua introdução, salientas: “Que futuramente continue nunca sendo o mesmo”. Neste período, quais os elementos e propriedades foram acrescentados à Estética, tendo em vista esse indicativo de abertura à novas percepções?**

**Vitor Ramil:** Durante a pandemia voltei a escrever sobre a estética do frio e é meu trabalho do momento. No texto novo, parto justamente da frase que vocês destacam. Não posso me aprofundar aqui sobre esse ponto para não tirar o ineditismo do que estou escrevendo, mas a pergunta que vocês fazem é exatamente a que esperava que os interessados no tema fizessem. Sempre falei da estética do frio como uma reflexão a ser mantida em aberto, sujeita a revisões, subtrações, acréscimos e contribuições. Não por outro motivo, a certa altura do texto da conferência, digo que se trata de uma viagem cujo objetivo é a própria viagem. Não pretendo que seja considerada consumada um dia. Isso iria contra sua natureza, seu projeto original. Vinte anos depois, não estou no teatro em Genebra, o relógio não está correndo. Posso andar com mais vagar. Então, ao escrever, quero expandir e aprofundar a reflexão, já andei e andamos bastante para isso. Quero também desfazer os inúmeros mal entendidos que ela provocou, em grande parte por ter sido apresentada de modo muito sucinto. A estética do frio sempre foi algo pessoal, reflexão de artista, mas sem demora descobri que correspondia a uma demanda que era coletiva relativamente a questões artísticas e identitárias. Quando cunhei a expressão, no final dos anos 1980, o RS estava em claro viés de estagnação, muito graças à ação do tradicionalismo gauchesco, que esteve aninhado na oficialidade e que reforçou nosso estereótipo, reforçando, indiretamente, nosso sentimento de inadequação à brasilidade. Uma das minhas primeiras ações foi o álbum *Ramilonga*, em que abordo o imaginário regional a meu modo, afirmando meu direito a ele e minha insubmissão ao engessamento pela estereotipia. Pensar e falar pode ser importante, mas é o fazer que traz os resultados. Bem, a história é longa. Quando sair o novo livro, que deverá trazer junto a *Conferência de Genebra* e talvez outros textos, quem sabe a gente avance um pouco mais.

**Revista PIXO: “Ao Sul do Sul”, nome do dossiê da Pixo, procuramos encontrar possibilidades de pensar o Sul hoje. Considerando que já percebiste o Sul de outros lugares e outros tempos, qual a diferença entre o nosso Sul, em Pelotas, de outros “Sules” do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina? O que compõe a paisagem do sul do Sul? Até onde vai o Sul?**

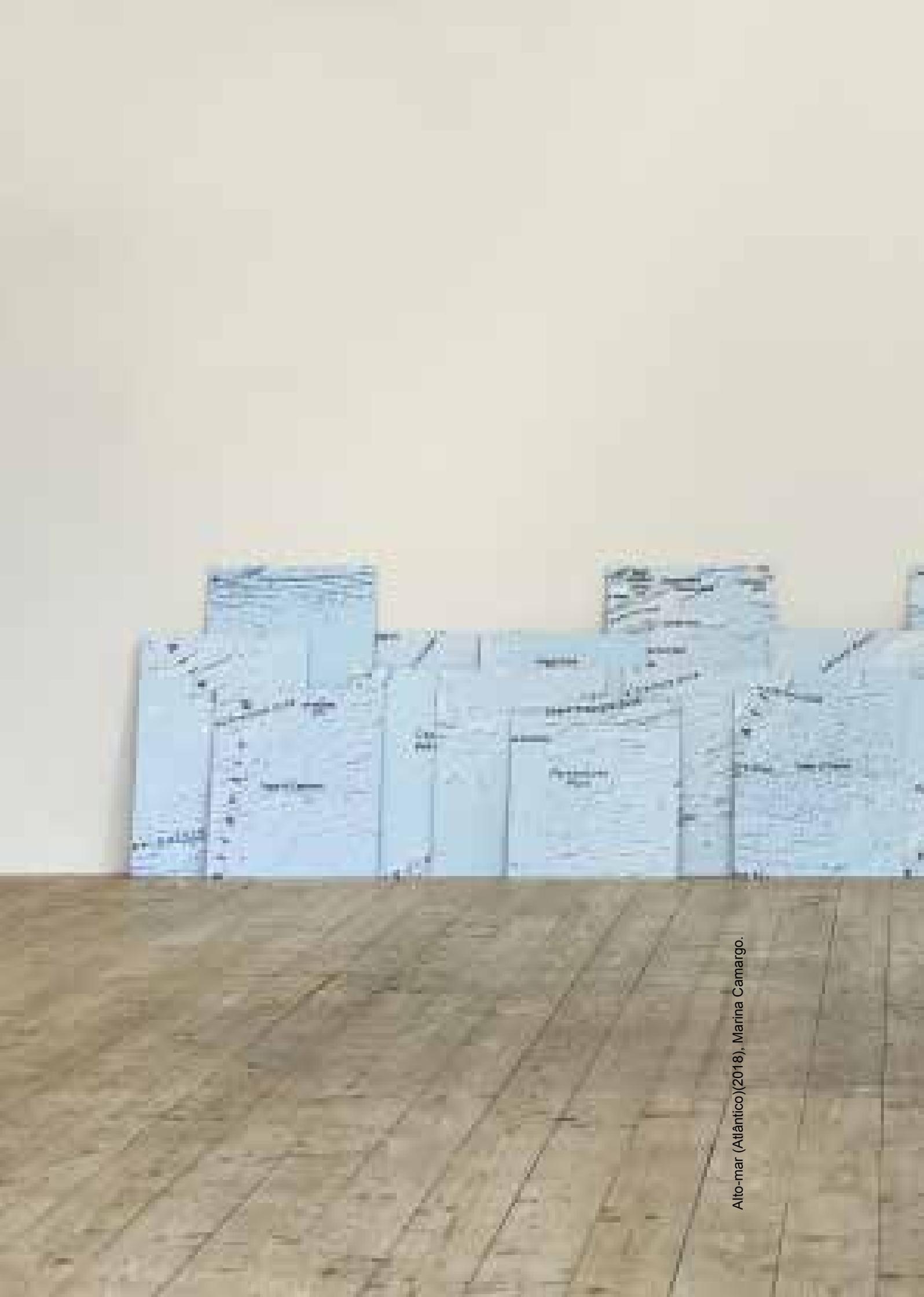
**Vitor Ramil:** “*Somos muy sureños*”, costuma me falar o Carlos Moscardini, *guitarrista* que gravou comigo o álbum *délibáb*, quando reagimos da mesma maneira em determinada situação. Ele quer dizer que sempre nos identificamos como de *perfil bajo*, “incapazes de audácias cabotinas”, como escreveu Mário de Andrade sobre os sulistas, atraídos pela contemplação, pela melancolia, bem como pelos interiores, nossos e da paisagem, e tudo de incomensurável e sutil que neles se descortina; pouco afeitos à urgência, à pressa e aos transbordamentos, entre outros traços. Penso que o fato de a milonga *sureña* ou pampeana ser tão popular e representativa no nosso Sul e no deles, Uruguai e Argentina, quer dizer muito sobre essa misteriosa afinidade. Por que, para nós no RS, não é uma música do nordeste da Argentina, mais próxima portanto, como o *chamamé*, a que mais parece falar de nós ou é a mais influente por aqui, não apenas na zona fronteira? O que une os “sules”, como vocês dizem? A resposta está na milonga e sua capacidade de fundir-se a outros gêneros? Na Zona Temperada Sul, abaixo do Trópico de Capricórnio, que nos recorta dentro do contexto predominantemente tropical da maior parte da América Latina? No Sul geográfico que nos posiciona no extremo do continente, no *finisterre* que se anuncia logo ali, contagiando assim o nosso espírito; em sua paisagem que parece nos encaminhar para esse reconhecimento da finitude com suas várzeas, seus campos ondulados e depois retos? Para mim é natural concordar com o Moscardini, identificar mais semelhanças do que diferenças entre nós. Tanto eu como ele poderíamos, num gesto afirmativo, inverter o mapa como fez Torres García, posicionando o Sul acima de tudo. Mas talvez essa afinidade exista só porque colaboramos artisticamente e nos queremos bem. Os vizinhos dele e os meus podem não pensar como nós, não dar a mínima para o fato de viverem no Sul, identificarem-se por outros motivos ou simplesmente não se identificarem. Acho que nunca haverá uma resposta que justifique um ponto de vista ou o outro. Será que o Sul não vai a lugar nenhum?

**Revista PIXO: A “Estética do Frio” e “Satolep” continuam movimentando o pensamento sobre o lugar que vivemos. Tu és largamente citado em diversos meios, artísticos, literários, geográficos...acadêmicos, inclusive nessa edição da Revista Pixo. Como percebes essa procura recorrente às tuas obras para encontrar o sul?**

**Vitor Ramil:** Talvez seja porque, ao conectar questões formais com identitárias, geográficas, climáticas etc., todas referentes à minha cidade e ao Sul, olhei de outro ponto de vista para coisas há muito estabelecidas. Segundo Ítalo Calvino, esse procedimento instaura a leveza. E não tenho dúvida de que havia uma grande demanda reprimida para nos livrarmos de pesos de toda ordem que nos imobilizavam. Ainda não nos livramos deles, mas sabemos que não os queremos mais. A intenção de que a estética do frio seja um *continuum* e esteja sempre em progresso é justamente não permitir que se torne um fardo.



ISSN 2526-7310



Alto-mar (Atlántico)(2018), Marina Camargo.